UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01718845 9

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

1918

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

DP
585
L6
1897
v.1-3
cop.2

DUAS PALAVRAS DE PROLOGO

Depois da reproducção, tão auspiciosamente acolhida, das duas chronicas do patriarcha da Historia e da Prosa portugueza, — que de ambas o foi, — a de Dom Pedro e a de Dom Fernando, estava naturalmente indicada e como prevista e resolvida se achava já, na intenção patriotica do editor, a republicação da chronica de Dom João I, pelo menos na parte d'ella que pôde ainda ser testemunhada e escripta por Fernão Lopes.

N'aquellas duas, especialmente na segunda, ficaram lançados já os fundamentos d'esta chronica ou d'esta parte d'ella, não sómente pela logica sequencia dos acontecimentos, mas tambem pelo senso critico, tão penetrante e seguro, de verdadeira historia philosophica, que cimenta e vivifica a bella historia narrativa do velho chronista.

A chronica do Rei de «boa memoria» que foi, a bem diser, o segundo fundador da Nação, é a necessaria illação da do Rei «Formoso» que abre, com as suas loucuras e com a sua subserviencia á traição machinada pelas ambições da Rainha bigama, — aos dois maridos, adultera — a terrivel prova real da consolidação do Estado e do Povo portugueza.

Vae este provar se deve desapparecer, perante a Historia e o Futuro, na massa obscura e informe dos povos sem nome; — se os prodómos singularmente gloriosos da sua existencia militante, se a intrepidez, a habilidade, o valor, a vontade heroica durante tres seculos posta, ininterruptamente, na affirmação do seu direito á vida e da sua rasão politica, foram apenas um simulacro de individualidade ethnica e social que podesse ruir e desfazer-se facilmente na conjuração das sofregas cubiças da visinhança e das perfidas ambições de uma camarilha de aventureiros e traidores.

Como vimos, na Chronica de Dom Fernando, Leonor Telles, por consolidar a sua realesa bastarda, enxertando-a definitivamente na successão realenga, mal vira viuvo o Rei de Castella mandara offerecer-lhe a filha, a Infanta Dona Brites, alcovitando-lhe a posse apetecida de Portugal.

Com a mesma luminosa singeleza com que nos contou a pulha sugestão da camarilha e o alvoroço alegre dos cortesãos e politicos castelhanos, vae dizer-nos Fernão Lopes — «breve e saãmente» — como o povo portuguez respondeu ao odioso trama e ao novo ensaio da singular obsessão que havia de acompanhar a historia de Portugal e de Hespanha até se transformar nos nossos dias, no disparate doutrina-

rio conhecido pelo nome de «união» ou de «federação iberica».

Sempre que se tem pensado em reproduzir a Chronica de D. João I, se atravessa ao generoso pensamento a idéa, nunca bem apurada e definida, das imperfeições da edição do bom Antonio Alvares e da existencia de uns codices, pelos quaes conviria refazel-a ou emendal-a.

Não faltou agora, e d'esta vez com o bello annuncio de que a Academia das Sciencias se sente animada do mais auspicioso empenho de satisfazer o voto que ha tantos annos, um pouco irreverentemente, a feriu, de que «antes de ter publicado muitos livros... de bem fraco merecimento, nos devera ter livrado da vergonha de uma tal edição.»

Mas além de que nos parece exagerado e ingrato este juizo da patriotica dedicação de Antonio Alvares, e que a questão dos famosos codices ineditos de Fernão Lopes, se nos afigura sofrivelmente complicada, para ser resolvida sem maiores ceremonias de estudo, como em tempo dissémos, não póde, por emquanto, pelo menos, a nossa bibliotheca propôr-se a offerecer reproducções criticas e definitivas, não é até aos eruditos que ella procura servir, e o que agora nos importa é completar a obra impressa, mas rara, de Fernão Lopes, e até sob o mesmo pensamento e empenho que moveu em 1644 o bom do Antonio Alvares: — o de avivar na memoria do povo, a bella licção que ella encerra, declinando a lastima com que o dedicado — «Impressor» — acusava alguns de occultar — «em cuidadoso silencio as victorias e gloriosas empresas por que o Serenissimo Rei Dom João o 1.º mereceu ser acclamado e

eleito por Rei, sendo novo Restaurador e, em certo modo, Fundador do Reino.»

Mantemo-nos, pois, na reproducção simplesmente subordinada aos principios que n'outras expozémos, da unica edição existente:

Chronica
Del Rey D. Ioam I
De Boa Memoria,
E dos Reys de Portvgal o Decimo.
Primeira Parte.
Em Qve se contem A Defensam
do Reyno até ser eleito Rey.
Offerecida A Magestade Del Rey
Dom Ioam o IV. N. Senhor
De Miracvlosa Memoria.
Composta por Fernam Lopez.
Anno de 1644.

Em Lisbôa. Com todas as licenças necessarias.
A custa de Antonio Alvarez Impressor Del Rey N. S.

Como no emprego, succedeu a Fernão Lopes, n'esta Chronica, Gomes Eannes de Azurara, mas parece-nos preferivel deixar para a reproducção do trabalho deste ultimo Chronista, sob todos os aspectos tão outro, a parte da sua cooperação na historia de João I.

L. C.

LICENÇAS

Por mandado do Conselho Geral do Santo Officio vi esta primeira parte da Chronica de El-rei D. João, o primeiro, de gloriosa memoria, composta por Fernão Lopes, escrivão da Puridade do Infante D. Fernando, e não tem cousa que encontre nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes será mui proveitosa para animar os portuguezes d'este nosso tempo, a que com maior fervor defendam o seu Reino, imitando tão gloriosos antepassados.

Lisboa no Convento da Santissima Trindade, em 27 de Outubro de 1642.

O D. Fr. Adrião Pedro.

Vi por ordem dos Senhores do Conselho Geral do Santo Officio esta primeira parte da Chronica de El-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, composta por Fernão Lopes, Escrivão da Puridade do Infante D. Fernando, filho do mesmo rei D. João, e não achei n'ella cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes com esta historia se mostra com singelo e não affectado estylo o zêlo da honra de Deus, e amor da patria, que nos Portuguezes d'aquelle tempo, ardia, para louvor dos quaes tão merecido por seus excellentes feitos, quando não tiveramos d'este livro outros proveitos, era bem que se imprimisse, quanto mais que os exemplos que nos deram são poderosos para efficazmente nos obrigar aos imitar. E assim me parece esta Chronica dignissima de sair a luz.

S. Dommingos de Lisboa, 14 de novembro de 1642.

O M. Fr. Ignacio Galvão.

Vistas as informações póde-se imprimir a primeira parte da Chronica d'El-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, auctor Fernão Lopes, e depois de impressa tornará ao Conselho para se conferir com o original, e se dar licença para correr, e sem ella não correrá.

Lisboa, 14 de Novembro de 1642.

Fr. João de Vasconcellos. — Francisco Cardoso de Torneo. — Pedro da Silva. — Diogo de Sousa.

Póde-se imprimir. Lisboa 27 de Novembro de 1642.

O Bispo de Targa.

Não achei n'esta Chronica de El-rei D. João, o primeiro, de gloriosa memoria, como por onde se possa negar a licença, que pedem para se imprimir. Lisboa 31 de dezembro de 1642.

Diogo de Paiva d'Andrada.

Que se possa imprimir esta Chronica, visto as licenças do Santo Officio e Ordinario, que offerece, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isso nada correrá. Lisboa 13 de Janeiro de 1643.

João Sanches de Baena. — D. Rodrigo de Menezes. — João Pinheiro.

Esta primeira, segunda e terceira parte da Chronica de El-rei D. João, o primeiro, estão conforme o seu original. Lisboa em 18 de agosto de 1644.— *O D. Fr. Adrião Pedro.*

Visto estar conforme com o original podem correr estes livros. — Lisboa 19 de agosto de 1644.— *P. da Silva.—Francis. Cardoso de Torn.—Pantal. Rõrz. Pacheco.*

Taixam estes livros da Chronica de El-rei D. João, o primeiro, de boa memoria, em dois mil réis em papel. Lisboa 27 de Agosto de 1644.—*I. Pinheiro. — M. A. Coelho. — Ribeiro. — Cazado.*

SENHOR:

Em a Chronica, que o anno de 1642 que imprimi dos Serenissimos Reis de Portugal D. João o primeiro, D. Duarte seu filho e D. Affonso V seu neto se referiram em breve compendio suas virtudes e proezas, na fórma que o Licenciado Duarte Nunes de Leão as tinha já com licença recopiladas: pera avivar de novo a lembrança com que se conservam sempre vivas estas memorias e se vencer com a publicação d'ellas o impedimento que com a invasão n'estes reinos d'El-rei Catholico D. Filippe de Castella se occasionou pera se occultarem em cuidadoso silencio as victorias e gloriosas imprezas porque o Serenissimo Rei D. João, o primeiro, mereceu ser acclamado e eleito por Rei sendo novo Restaurador, e em certo modo Fundador do Reino e com que o soube segurar com a celebre batalha de Aljubarrota, com as de Valverde, Trancoso e outras, e ultimamente augmental-o e engrandecel-o com a gloriosissima conquista de Ceuta em que se lhe offereceram ao mesmo passo das difficuldades e riscos, victorias e glorias em que se vê tanto de verdadeiras quanto de impossiveis. E porque era justo que a Chronica d'este Serenissimo Rei se imprimisse mais por extenso, como se achou escripta em tres partes por os Chronistas Fernão Lopes e Gomes Eannes d'Azurara, em o tempo que já Vossa Magestade tão felicemente, em conservação de seu direito recobrou os reinos que a violencia injustamente lhe tinha usurpados, restituindo-os a sua filha, defendendo-os e conservando-os á imitação do nome,

valor, prudencia, magnanidade e fortuna de tão glorioso Principe, me deliberei, movido do zêlo da patria e do serviço de Vossa Magestade a dar á impressão esta Chronica do Serenissimo Rei D. João, o primeiro, de quem Vossa Magestade gloriosamente descende, não só por ser pae do Senhor D. Affonso, primeiro duque da serenissima casa de Bragança, que casou com a excellentissima Senhora Dona Beatriz filha unica do grande Condestable D. Nuno Alvares Pereira, progenitores de Vossa Magestade, mas ainda pela descendencia de El-rei D. Duarte, de quem Vossa Magestade traz a successão direita da Casa Real e herança d'estes reinos e mais conquistas, estados e senhorios. O zêlo da Patria mostro em publicar as virtudes d'um rei Pae d'ella e o de serviço de Vossa Magestade em o reconhecer, n'esta offerta, por herdeiro d'ellas no direito do sangue, successão e imitação, Cuja Real Pessoa Nosso Senhor guarde, etc.

Antonio Alvarez.

A João Rodrigues de Sá e Menezes, conde de Penaguião, Camareiro mór de Sua Magestade, etc.

Andaram sempre em competencia Letras e Armas, mas em Vossa Senhoria se acham tão unidas, que se póde bem dizer, talvez armado Apolo, talvez graduado Marte; pois leixando no anno passado tão celebre seu nome, nas gloriosas emprezas em que se achou nas entradas que fez o nosso exercito nos reinos de Castella, e tomada de suas forças, agora tanto que soube Vossa Senhoria da memoravel batalha dos Campos de Montijo, foi o primeiro que

leixando sua casa, e regalo, e ainda assistencia pessoal, que por rasão do cargo tem junto á pessoa Real (por servir mais calificada e arriscadamente) se partiu para Campo Maior offerecido aos perigos, que se offerecem, d'onde reconhecendo, que a respeito da victoria alcançada pelas armas de Sua Magestade, não era necessaria sua presença n'aquella praça, voltou Vossa Senhoria ao exercicio do Paço, em que é exemplar tão continuo, em beneficio do Reino, que sendo digno de ser imitado, o não póde ser de muitos. Estes motivos me incitaram a imprimir esta Chronica sabendo que Vossa Senhoria desejava, que ella sahisse á luz, confiado em que Vossa Senhoria além de a estimar a poderia melhor offerecer em meu nome a Sua Magestade. Uma e outra cousa espero de Vossa Senhoria, a quem Deus dê largos annos de vida com felice augmento de prosperidades.

Antonio Alvarez.

AQUI COMEÇA A CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO DE BOA MEMORIA O PRIMEIRO D'ESTE NOME E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO

Capitulada, e composta por Fernão Lopes, escrivão da Puridade do Infante D. Fernando, filho do mesmo Rei D. João. A qual Chronica o dito Fernão Lopes fez por mandado d'El-rei D. Duarte, sendo Principe.

CAPITULO I

Razões em prologo do auctor d'esta obra, ante que fale dos feitos do Mestre.

GRANDE licença deu a affeição a muitos, que tiveram cargo de ordenar historias, mormente dos Senhores, em cuja mercê e terra viviam, e onde foram nados seus antigos avós, sendo-lhe muito favoraveis no recontamento de seus feitos. E tal favoreza, como esta, nace de mundanal affeição, a qual não é, salvo conformidade de alguma cousa ao entendimento do homem.

Assim que a terra, em que os homens, por longo costume e tempo, foram criados, gera uma tal conformidade entre o entendimento, e ella, que havendo de julgar alguma sua cousa assim em louvor, como por contrario, nunca por elles é direitamente recontada, porque louvando-a, dizem sempre mais d'aquello, e se d'outro modo não escreverem suas perdas tão minguadamente, como acontecerem, outra cousa gera ainda esta conformidade e natural inclinação, segundo sentença d'algnns, que o pregoeiro da vida é a fama, recebendo refeição, para o corpo, o sangue, e espiritos gerados de tantas viandas teem uma tal similhança entre os que causa esta conformidade. Alguns outros tiveram que isto descia na semente, no tempo de geração, a qual dispõem por tal guisa aquello, que d'ella é grado, que lhe fica esta conformidade, tambem ácerca da terra, como de seus divídos, e ao que parece que o sentiu Tulio, quando veiu a dizer:

Nós não somos nados a nós mesmos, porque uma parte de nós tem a terra, e a outra os parentes; e porém o juizo do homem ácerca de tal terra, ou pessoas recontando seus feitos sempre copega.

Esta mundanal affeição fez alguns historiadores, que os feitos de Castella, com os de Portugal, escreveram, posto que homens de boa authoridade fossem, desviar da verdadeira estrada, e colher por semideiros escusos, por as minguas das terras de que eram em certos passos claramente não serem vistas, especialmente no grande desvairo, que o mui virtuoso Rei de boa memoria D. João, cujo regimento e reinado se segue, houve com o nobre e poderoso rei D. João de Castella, pondo parte de seus bons feitos fóra do louvor, que merecia, e eva-

dindo em alguns outros de guisa, que não aconteceram, atrevendo-se a publicar esto em vida de taes que lhe foram companheiros, bem veadores de todo o contrario.

Nós certamente levando outro modo, posta a departe toda a affeição, que por azo das ditas razões haver podiamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade, sem outra mistura, leixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor, e mormente mostrar ao povo, quaesquer contrarias causas da guisa que avierem. E se o Senhor Deos a nós outorgasse o que a alguns escrevendo não negou, convem a saber: em suas obras clara certidão da verdade, sem duvida não sómente mentir do que sabemos, mas ainda errando falso não queriamos dizer, como assim seja, que outra cousa não é de errar, salvo cuidar que é verdade aquello que é salvo, e nós enganados por ignorancia de velhas escripturas e desvairados authores, bem podiamos ditando errar; porém que escrevendo homem do que não é certo, ou contar mais curto que foi, ou falar a mais largo do que devemos, mentirá, e este costume é muito afastado de nossa vontade.

E com quanto cuidado e diligencia vimos grandes volumes de livros, e desvairadas linguagens, e terras, e isso mesmo publicas escripturas de muitos cartorios, e outros logares, nos quaes depois de longas vigilias, e grandes trabalhos, mais certidão haver não podemos do conteudo em esta obra. E sendo achado em alguns livros o contrario do que em ello falla, cuidae que não sabedormente, mas errando muito serão taes cousas. Se outros por ventura em esta chronica buscam formosura, e novidade de palavras, e não a certidão das historias desprazer-lhe-ha

de nosso razoado, muito ligeiro a elle de ouvir, e não sem gram trabalho em nós de o ordenar. Mas nós não curando de seu juizo, deixando os compostos, e enfeitados razoamentos, que muito desleixam aquelles que ouvem, antepomos a simples verdade, que aformosentando falsidade. Nem entendaes que certificamos cousa, salvo o de muitos approvado, e por escripturas vestidas de fé. D'outra guisa ante nos calariamos, que escrever cousas falsas, que logar nos ficaria para a formosura, e afeitamento das palavras, pois todo o nosso cuidado é isto despezo não a basta para ordenar a má verdade; porém apegoando-nos em ella firme os claros feitos dignos de grande relembrança do mui famoso rei D. João sendo Mestre; de que guisa matou o conde João Fernandes, e como o povo de Lisboa o tomou primeiro por seu regedor e defensor, e depois outros alguns do reino; e des-ahi em diante como reinou, e em que tempo, breve e sãmente contados pomos em praça na seguinte obra.

CAPITULO II

Como o conde houvera de ser morto por vezes, e nenhuma houve azo de se acabar.

Falando alguns da morte do conde João Fernandes, onde se começam os feitos do Mestre, allegam um dito, de que nos não praz, dizendo que fortuna muitas vezes por longo tempo escusa amôr a alguns homens por lhe depois azar mais deshon-

rado fim, assim como fez a este conde João Fernandes, que muitas vezes lhe desviou a morte, que alguns tiveram cuidado de lhe dar, porque depois o leixasse nas mãos do Mestre para o matar mais deshonradamente.

E nós d'este dito não somos contente; e assim por razão do que o matou, como da morte, que por elle, nenhum dos outros o matar podéra, que lhe muito mór deshonra não fôra, mas temos que o muito alto Deus, que em sua providencia nenhuma cousa falece, que tinha disposto de o Mestre ser rei ordenou que o não matasse outrem, senão elle. E esto em tempo assignado e com certos azos, posto que poderoso fosse de o d'outra guisa fazer, cá certo é que uzando o conde por tempo d'aquella grão maldade que dissemos, dormindo com a mulher do seu senhor, de que tantas mercês e acrescentamentos havia recebidos.

Não soou isto assim simplesmente nas orelhas dos grandes senhores e fidalgos, que lhe não gerasse grande e assignado desejo de vingança da deshonra de el-rei D. Fernando; mas o pôr esto em obra embargavam muito duas cousas. A primeira ser o conde guardado de muitos e bons fidalgos que o sempre acompanhavam de dia e de noute, a segunda que quem se a tal feito pozesse, aventurava a vida e perdia-se de todo, que os mais dos homens muito arreceavam de fazer.

Outros lhe enadiam ainda, que por tal cousa seria el-rei muito mais infamado e seu linhagem d'ella em maior deshonra que eram os condes e outros grandes do reino, pero falando em ello por vezes todos outorgavam de ser em tal feito, mas nenhum não se atrevia de ser o primeiro. E o conde bem

entendia que de taes pessoas não era bem seguro, não dando porém a entender nada, mas seu grande estado e guardamentos, que por azo d'elle haviam grandes desembargos d'el-rei e da rainha o fazia segurar.

Pero foi assim que o conde D. João Affonso, irmão da rainha, quando veiu de Castella que foi lá prezo na de Saltes, chegou a Lisboa, e achando a fama de sua irmã muito peor do que a leixara com este conde que dissemos, houve d'ello grande queixume e determinou de o matar, e fallou esta cousa com alguns dos melhores que na cidade havia, assim como Affonso Eanes Nogueira e outros que eram todos seus vassallos, e encaminhou por ir vêr el-rei a Rio Maior onde entonce estava, quando veiu d'Elvas que houvera d'haver a batalha, acompanhado o conde de muitos que se com elle foram.

E como hi foi, segundo alguns contam, uma noite se fez prestes e aguardou muito escusamente com os seus para o matar. E indo o conde alta noite desacompanhado, salvo com uma tocha, trigaram-se os outros mais do que deveram, como viram o ar da candeia, e elle que os sentia e em sabendo quem era receou-se muito e tornou a traz, e guardando aquella hora passou assim que se não fez por então mais.

Outros escrevem por outra maneira, dizendo que a rainha como era mulher avisada, já por onde quer que foi, ante que seu irmão chegasse soube a tenção que contra o conde levava, e quando pediram pousadas, para elle mandou ella correger uma camara nos passos onde pousava, dizendo que queria que pousasse com ella e recebeu-o mui bem, e fez-lhe grão gazalhado, e prezumiam que lhe déra a rainha

alguma grande dadiva e que o desanojara e o desviara de em esto poer mão, porque o conde nunca se d'ello mais trabalhou, e que assim escapára o conde João Fernandes d'aquella vez.

CAPITULO III

Como alguns ordenaram de o conde ser morto, e porque aẓo se não fez.

Passou aquella hora que se não fez mais e partiu el-rei d'alli e veiu-se para Santarem, e em esto morreu a el-rei de Castella a rainha D. Leonor sua mulher, e foi lá enviado por embaixador o conde João Fernandes, como ouvistes, e não cessando a deshonesta fama da rainha com elle fallava-se esto largamente entre alguns senhores do reino, e especialmente entre aquelles que por privança e acrescentamento de honroso estado eram chegados com el-rei, pezando-lhe muito da deshonra que a seu senhor era feita por tal modo, e entre aquelles a que d'esto muito pezava era este conde D. João Affonso, irmão da rainha, que dissémos, sendo grão privado d'el-rei e muito de seu conselho, que el-rei mostrava grão boa vontade; a rainha por contrario, posto que sua irmã fosse, não era tanto em sua privança e amor, sentindo ella que elle não havia bom desejo ao conde João Fernandes por a fama que ambos haviam.

Este conde de Barcellos, seu irmão, doendo-se muito da deshonra d'el-rei, e vendo como sua irmã

emquanto o conde João Fernandes fosse vivo não havia de cessar do fazimento que com ella havia, cuidou de ordenar outra vez como fosse morto, e fallou esto com o Mestre d'Aviz, e com D. Pedralveres, Priol do Esprital, e com Gonçalo Vasques d'Azevedo; e acordaram todos que era bem de fazer um homem de pequena conta para qualquer cousa, que se d'ello seguisse, porque melhor era perder-se um homem ligeiro que um de grande honra e maior estado, e fallaram primeiro com Fernandalvares de Queiroz, criado d'el-rei, e para muito homem, a que acompanhavam de cote quatro de besta, e elle se escusou por muitas rasões, dizendo que por nenhuma guisa faria cousa em que fizesse desprazer á rainha, mormente tal como esta de que era certo que ella haveria assignado nojo.

Então o vieram fallar com Rodrigo Eanes de Barcos, escudeiro de similhante conta de Fernandalvares, o qual acompanhava continuadamente Gonçalo Vasques d'Azevedo e era todo seu. A este aprouve de tomar este encarrego, e acordaram como o conde João Fernandes viesse da embaixada de Castella e entrasse em Portugal, que lhe sahisse Rodrigo Eanes ao caminho com cinco ou seis de cavallo, e o matasse e se pozesse em salvo até que lhe depois elles houvessem remedio.

Este acordo havido souberam como o conde João Fernandes era partido de Castella e vinha jà por Portugal, e Rodrigo Eanes se partiu logo e foi para Alcobaça, caminho de Leiria, por onde diziam que o conde João Fernandes vinha, e elle trouve o caminho do Esprital, e assim o errou d'aquella vez, e escapou da morte.

CAPITULO IV

Como el-rei mandava matar o conde João Fernandes, e porque se deixou de fazer.

Não parece cousa indigna se algum que lêr ou ouvir esta historia fizer pergunta: pois que tanto tempo havia que era fama largamente publicada entre a rainha e o conde João Fernandes, se tinha el-rei d'ello alguma suspeita, ou sabia de tal fama parte? ás quaes se responde d'esta guisa.

Certo é que entre as condições, que do amor escrevem os que d'elle compridamente fallaram e foram criados em sua côrte, assim é, que por muito que encobrir queiram o que ama, não se póde tanto ter, porque alguns finaes e falas, e outros demonstradores geitos, hão dar a entender, aquelle ardente desejo, que em sua vontade continuadamente móra, e quando os homens tem desacostumadas affeições, e privanças, onde não ha tal devido, que má fama embargar possa ligeiramente, vem a presumpção do erro em que taes pessoas pódem cair.

E portanto el-rei D. Fernando vendo os muitos modos porque a rainha mostrava desordenada affeição e bemquerença ao conde João Fernandes, e grande acrescentamento que lhe procurava por qualquer guisa que podia, bem certificou em seu pensamento ser verdade o que as gentes presumiam, posto que da publica voz e fama que a rainha havia com o conde, elle nenhuma parte soubesse, não

era algum ouzado de lhe tal cousa dizer, posto que se de sua deshonra com bom desejo doesse, receando pena por galardão, e mortal odio por amizade, como já a alguns aconteceu por taes novas recontarem, mórmente aos reis, e grandes senhores.

Assim que el-rei D. Fernando bem entendia o que era, mas nenhuma cousa dava a entender, receando novamente descobrir com duvida aquello, que a publica voz e fama muito tempo havia que affirmava, e quando a rainha levou sua filha a Elvas por lhe fazer bodas com el-rei de Castella, e se el-rei D. Fernando mandou trazer de Salvaterra para Almada, cuidou de o matar por esta guisa:

Mandou ao seu escrivão da Puridade que fizesse uma carta para o Mestre d'Aviz seu irmão, em que lhe mandava e encomendava, que vista aquella carta, tivesse geito de matar o conde João Fernandes não dizendo porém a razão porquê, e por ella mandava a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, alcaide mór de Coimbra, que ordenasse de guisa que o Mestre seu irmão fosse recebido na cidade, e lhe entregassem a fortaleza do castello, e que lhe quitava a menagem, uma, e duas, e tres vezes.

O escrivão fez a carta, e entendeu bem por quem era, e dizem alguns, que foi João Fernandes. E como foi feita tornou a el-rei, e disse:

—Senhor: vós me mandaes fazer esta carta; rezumindo-lhe quejanda era; porem, senhor, disse elle, se vós esta cousa bem esguardar quizerdes, vossa mercê pode entender que por nenhuma guisa a deveis de mandar, pelo gram damno que se d'ello seguir pode. Vós senhor, bem vedes como o Mestre vosso irmão é bemquisto de todos os do reino, e se elle tivesse Coimbra, falecendo vós, o que Deus

não mande, juntar-se-hiam a elle todas as gentes, e ficaria por rei d'esta terra, e vossa filha assim desherdada, de guisa que ella nem filho que de seu marido houvesse, seria grão maravilha de nunca em elle mais poder cobrar. E porém me parece se vossa mercê fôr, que tal mandado deveis escusar por hora. E se do conde João Fernandes haveis tal queixume, porque vos esta tenha merecido, bem tereis depois tempo para o mandar matar, cada vez que quizerdes, por outra maneira e não d'esta guisa.

E el-rei cuidou n'este feito, e pareceu-lhe as razões boas e rompeu a carta, e não foi enviada, e assim escapou o conde João Fernandes de não ser morto. E depois d'esto, sendo el-rei D. Fernando doente, e muito aficado d'aquella dôr, que murreu, ao serão, na noite que se finou, estava ahi o conde João Fernandes, com aquelles que eram presentes, e quando viu que não havia em elle outro remedio, senão morte, receando-se muito do que feito tinha lhe ser acoimado por algum áquella hora, houve tão grão temor, que aquelle medo lhe foi assim como degredo, que o fez logo sahir da camara, por se ir á pressa para seu condado, e em saindo pela porta um escudeiro do conde João Affonso, chamado por nome Pedroanes Lobato, sabendo como o elle quizera matar em Rio Maior, como dissemos, disse ao conde se queria que o matasse entonce, pois havia tempo azado para o fazer a seu salvo, e o conde de Barcellos, ainda que o desejasse muito de vêr morto, defendeu-lho, que o não fizesse, e assim escapou o conde João Fernandes aquelle serão, porque parece que não viera a hora.

CAPITULO V

Como o conde João Fernandes houvera de ser morto, e porque azo se desviou sua morte.

HOUVERA ainda o conde de ser morto por outra vez, e vêde de que guisa se azáva de ser. Assim é que escrevendo a rainha a todos os do reino, que viessem ao sahimento do mez, que se havia de fazer por el-rei D. Fernando, mandou seu recado a Nuno Alvares, que estava entre Douro e Minho com sua mulher, que viesse áquelle sahimento.

Nuno Alvares mui anojado pela morte d'el-rei, sem poer mais tardança se fez logo prestes com trinta escudeiros bem corregidos de suas armas, e certos homens de pé com elles, e nenhum outro veiu ao trintario corregido com gentes senão elle, e assim chegou a Lisboa, onde o sahimento havia de ser, e feitas suas exequias, e acabado tudo, foi um dia Nuno Alvares vêr o Priol D. Pedralveres seu irmão, e depois que elle fallou, e espaçou um pouco com alguns fidalgos, que hi estavam, apartou-se pelo paço só a cuidar que havia de ser do reino, e que assim ficava deserto, e quem o havia de defender de alguns, se contra elle quizessem vir, mórmente que se dizia, que el-rei de Castella prendera o infante D. João, e o conde D. Affonso, seu irmão, como soubera que el-rei D. Fernendo era morto, e que juntava gentes para entrar poderosamente no reino.

E cuidando esto certificou em seu pensamento, que não havia outro, que mais razão tivesse de se pôr em defeza do reino que o Mestre d'Aviz, filho d'el-rei D. Pedro, o qual elle sabia que era bom cavalleiro, de que havia grão conhecimento tempo havia. E logo veiu a cuidar que o começo de tal obra havia de ser o conde João Fernandes d'Andeiro ser morto, no qual a rainha havia grande esperança.

E andando assim só em esto cuidando, olhou pelo paço, e viu Ruy Pereira, seu tio, que hi estava, e chegou-se a elle e contou-lhe tudo o que havia pensado em razão da defensa do reino, e quem devia d'elle de tomar cargo, e sobre a morte de João Fernandes, declarando-lhe certamente que em esto seria elle de boa vontade, querendo o Mestre em ello poer mão.

Ruy Pereira, que já esto trazia em grande cuidado, foi muito ledo do que lhe Nuno Alvares dizia; e tanto lhe prouve que não se pôde mais ter, e foi-se logo ao Mestre fazer-lhe recontamento de todo.

O Mestre sendo ledo mandou logo chamar Nuno Alvares agradecendo-lhe muito o que com Ruy Pereira falára; pero disse o Mestre contra Ruy Pereira:

— A mim parece que não ouço agora murmurar as gentes tanto dos feitos da rainha, nem fallar em esto como sabiam.

— O' senhor, disse Ruy Pereira, vós não sabeis como isto é; quando eu andava para casar com minha mulher, todos falavam como eu queria casar com Violante Lopes, e depois que fomos casados, nunca ninguem mais falou em nosso casamento. E estes senhores, assim agora taes são e usarão tanto de suas maldades, e por isso não falam já em elles como da primeira.

O Mestre começou de rir d'esto, e encommendou a Nuno Alvares que logo trabalhasse de haver da sua parte mais gentes que podesse, para em outro dia ser morto o conde João Fernandes, da qual cousa Nuno Alvares muito aprouve, e logo se partiu do Mestre para sua pousada, para se aviar e concertar do que para tal feito cumpria. E corregendo-se para ello com grande aguça, mandou-lhe o Mestre dizer que cessasse do que lhe dissera, porque se não podia por então fazer.

Nuno Alvares foi d'esto mui annojado por se poer mór espaço em tal ira, e tornou-se ao Mestre falando-lhe sobre esto muitas e boas rasões pelo reduzir a se fazer logo, e vendo que não podia espediu-se d'elle, e foi-se para o Priol seu irmão, que já era partido caminho de Santarem, e encalcou em Pontevel, onde esteve mui poucos dias.

E d'esta guisa se desviou a morte do conde João Fernandes d'esta vez e das outras porque como já dissemos, parece que ainda não viera sua hora.

CAPITULO VI

Como se azou a morte do conde João Fernandes: e quem fallou em ello primeiro.

Sohem ás vezes os altos feitos, haver começo por taes pessoas, cujo ázo nenhum commum povo podia cuidar, que por elles viesse onde assim haveiu: que em Lisboa havia um cidadão por nome Alvaro Paes, homem honrado e de boa fazenda, e

foi chançarel mór d'el-rei D. Pedro, e depois d'el-rei D. Fernando.

Este vivendo em casa d'el-rei, e sendo muito doente de gota, veiu pedir a el-rei por mercê fosse, e o aposentasse em Lisboa, onde tinha suas casas, a assentamento. Sua dôr porém não era tamanha quanto foi o grão nojo, que por azo da deshonra d'el-rei, segundo a má fama que a rainha havia, se gerava em seu coração, e foi assim que el-rei aposentou-o honradamente em Lisboa, e a seu requerimento mandou aos vereadores da cidade que nenhuma cousa fizessem sem acordo d'elle. Pela qual razão algumas vezes iam a sua casa ter conselho sobre o que haviam de fazer, quando elle por azo de sua enfermidade, na camara, onde faziam seu conselho, não podia ser presente. Natureza que força os homens uzar das condições, que com elles naceram, constrangeu tanto este Alvaro Paes, de guisa que não perdendo rancor e odio da deshonra, que a el-rei seu senhor fôra feita, nenhuma cousa então mais desejava, que vêr o conde João Fernandes morto, pois que o não fôra em vida d'el-rei D. Fernando. E parecendo-lhe tempo azado para arrazoar em esto fallou secretamente com o conde de Barcellos D. João Affonso, irmão da rainha, que sabia bem que queria mal ao conde João Fernandes por esta razão, e disse:

— Senhor, vós sabeis bem como eu, são criado d'el-rei D. Fernando, cuja alma Deus haja, e a honra, e acrescentamento que em mim fez, pela qual causa eu, e todos quaesquer seus criados se deviam doer muito de sua deshonra, e vingal-a por onde quer que poder ser, posto que elle morto seja, mórmente aquelles que teem tal honra e estado que ligeira-

mente o podem fazer. Ora, senhor, vós sabeis bem quanto ha que as gentes fallam da má fama que a rainha vossa irmã ha com o conde João Fernandes, e isto não sómente em vida d'el-rei, mas ainda agora sua má fama não cessa, nem cessará emquanto este homem fôr vivo, e sendo morto, cessará por tempo, e esqueceão as cousas. Pela qual razão todos os homens bons se deviam doer de tal cousa, mórmente vós que sois seu irmão: á uma pelas grandes mercês e grandes accrescentamentos que el-rei em vós fez; á outra por ser vossa irmã, e deshonrando assi deshonra a vós, e toda sua linhagem. E posto que eu sabia que vós isso entendeis, e que já em ello quizereis poer mão, cuidei porém de vol-o dizer, que vós podeis a ello tornar, como vossa mercê fôr, mas de mim vos digo que sendo eu quem vós sois, e podendo-o fazer como vós, que muito ha que eu não leixara passar tal cousa, pondo-me á ventura que me Deus dar quizera.

O conde disse que bem sabia todo, que lhe gardecia sua boa vontade, e que já tempo fôra, que houvera talante de o poer em obra, mas que por entonce não havia geito azado de o poder fazer.

E falando em esto muito, disse o conde a Alvaro Paes.

— Sabeis com quem me parece que é bem que faleis esta cousa? falai com D. João, Mestre d'Aviz, que ha tamanha rasão de se doer da deshonra d'el-rei como eu, e não vejo aqui homem mais azádo para fazer isto, e para travar em qualquer ardideza que lhe á mão vier, como elle.

— Muito me praz, disse Alvaro Paes, de o com elle tratar, e com qualquer outro que eu entendesse que o poria em obra: mas quando o vós fazer não

quereis, que tantos azos tendes mais que outro nenhum, duvido muito de o elle, nem outro querer fazer.

— Eu direi ao Mestre, disse o conde, como lhe vós quereis falar uma cousa de sua honra, e que por quanto vós sois embargado de dôr, e não podereis ala ir, que quando cavalgar por a villa, que venha por aqui, e vos fale, e bem creio d'elle que o queira fazer.

Ficaram n'este accordo, e espediu-se o conde, e quedou Alvaro Paes com novo cuidado para falar ao Mestre.

CAPITULO VII

Como Alvaro Paes fallou com o Mestre sobre a morte do conde João Fernandes, e do accordo em que ambos ficaram.

Fallou o conde ao Mestre d'Aviz dizendo como Alvaro Paes havia de fallar com elle algumas cousas de sua honra e serviço, e que o fosse vêr quando cavalgasse pela villa, por quanto por azo de sua doença, não podia ir onde elle pousava.

O Mestre, por saber que era, não tardou muito em ir alá; e foi-lhe fallar a sua pousada; sendo ambos em logar apartado, começou Alvaro Paes de arrazoar todo o que dissera ao conde de Barcellos, e a resposta de escusa que em elle achára, e que depois viera a cuidar que nenhum outro havia no reino que mais rasões tivesse para o fazer que elle.

— Primeiramente disse Alvaro Paes, por vós serdes irmão d'el-rei que sua deshonra mais deve doer que outro nenhum, a segunda porque fostes por azo d'elle, e da rainha, posto em tal perigo, e prezo, como todos sabem. E que por al não fosse, senão por segurar por vossa vida, que nunca ha-de ser segura, emquanto o conde João Fernandes fôr vivo, por isso sómente o deveis fazer, ca pois el-rei agora é morto, uzarão mais de sua maldade, e receandose de vós, que bem sabem que d'isto deveis ter mór sentido, que outra pessoa, sempre vos buscarão azo e caminho por onde vossa vida seja cedo finda. E pois que a vingança d'este feito a nenhum mais pertence que a vós, fazendo da guisa que vos eu digo, mostrareis em ello grande façanha, e muito de lembrar aos que depois vierem, em tanto que nenhuma cousa de louvor ante os homens será agora achada, que fosse igual, nem parelha d'esta.

O Mestre ouvindo suas boas e muitas razões, com grande vontade que d'ello havia, bem outorgava de o fazer, mas eram-lhe presentes taes e tão grandes duvidas, que todos os caminhos para o poer em obra, eram a elle escusos com grandes empachos, especialmente dizendo o Mestre que quem se a tal feito houvesse d'aventurar, mórmente dentro na cidade, compria ter alguma ajuda de povo, por azo do cajão que se crescer podia.

Alvaro Paes com o desejo que havia, mostrava ao Mestre serem todas as rasões tão ligeiras para o acabar, como se fosse um pequeno feito: e quanto á ajuda do povo, em que o Mestre fallou muito, respondeu elle, e disse, que se o elle fazer quizesse, que elle lhe offereceria a cidade e sua ajuda, entendendo de o fazer assim.

O Mestre, cubiçoso d'honra por sua ardente natureza e grande coração, movido por os ditos d'elle determinou de o poer em obra. O homem bom quando lhe ouviu dizer, que todavia queria poer mão em tal feito, foi tão ledo, que mais ser não poude, e assim como chorando com prazer, se afastou d'elle um pouco olhando, e disse:

— E é isto verdade, filho senhor, que vós tão boa cousa quereis fazer?

— Certamente, disse o Mestre, sim, e não leixaria de a acabar por cousa que avir podesse.

Então se chegou a elle Alvaro Paes, e beijou-o no rosto dizendo:

— Ora vejo eu, filho senhor, a differença que ha dos filhos dos reis aos outros homens.

Começaram entonce a fallar muito como se poderia fazer e melhor azár sua morte, e porque guisas; depois de grande espaço, que em esto houveram fallando, espediu-se o Mestre e foi-se para sua pousada.

CAPITULO VIII

Como o conde João Fernandes veiu ao sahimento d'el-rei e o mestre foi ordenado por Fronteiro em Riba d'Odiana.

Por quanto dissemos do conde João Fernandes que na noite que se el-rei finou, partiu mui trigoso para seu condado receando-se áquella hora de receber damno por o que feito tinha, bem podem alguns dizer n'este ponto, como foi depois ouza-

do vir ao sahimento, onde foram juntos muitos mais senhores e fidalgos dos que eram presentes quando el-rei morreu, pois se d'alguns tanto receava, ca mui poucos eram em Lisboa á aquella sezão, que se elle finou, porque como vieram das bodas com a rainha, cada um se foram para suas terras e alcaidarias, assim como Gonçalo Vasques d'Azevedo para Santarem d'onde era Alcaide e tinha seus bens, e assim outros muitos.

Aonde sabei que assim aconteceu que elle receando-se, e com temor veiu, e quando a rainha escreveu a todos os fidalgados que viessem ao sahimento e chegou a carta ao conde João Fernandes, sua mulher lhe contradisse muito tal vinda, pedindo-lhe por mercê que se escuzasse, cá o entendia por seu proveito, e elle não curando de seu conselho partiu para Lisboa e chegou a Santarem, e foi pousar com Gonçalo Vasques d'Azevedo, muito seu amigo, segundo mostrança de fóra, o qual o recebeu mui bem, e começou de o prasmar, porque trazia preto, e não burel como os outros, e fez-lh'o então vestir.

O conde lhe perguntou se havia de ir ao sahimento, e elle respondeu que não, dando suas coloradas escusas; mas a verdadeira, que elle suspeitava, o que depois aconteceu, e não se queria vêr em tal alvoroço, por não saber o que se havia de seguir, porém conselhou-lhe que não fosse lá.

O conde pero se tanto receasse d'algumas pessoas, de nenhum se tanto temia em sua vontade, como do Mestre d'Aviz, irmão d'el-rei, mas este receio d'elle e dos outros, não era porém privança de falla, mas de leda conversação e mostrança de bemquerença, e se alguma cousa se receava em vida

d'el-rei D. Fernando, e muito mais quando elle morreu, agora ia já cobrando mais segura vontade, entendendo que cada um de tal feito perderia sentido por os muitos cuidados que se a todos recresciam, cobrando mundo novo.

E com esta fouteza partiu estonce de Santarem, sem crendo nenhum contrario que lhe avir podesse, des-ahi a fortuna lh'o fazia mais largo entender, que tinha ordenado de o cedo offerecer á morte, e chegou a Lisboa, aonde já achou muitos que vinham ao sahimento. E bem recebido de todos foi em grão privança agazalhado da rainha, desembargando com elle todos os desembargos do reino.

E como o sahimento foi feito, entrou logo a rainha em conselho com esses senhores por fallar nos tratos que entre os reis haviam, os quaes diziam que el-rei de Castella queria quebrar, e juntava gentes para entrar no reino.

E foi acordado por a rainha e por todos os que hi eram, que o reino se deffendesse, querendo el-rei de Castella vir a elle, e não lhe obedecessem em outra cousa, salvo n'aquellas que nos tratos era conteudo, e que pois todos alli eram juntos, que ordenassem logo as frontarias e quaes estivessem em ellas, e cada um com quantas lanças, e foi assim de feito, que foram logo partidas as comarcas, e ordenado ao Mestre as terras do Mestrado e certas villas e castellos de arredor, dando-lhe logo em escripto todos os que com elle haviam de guardar e o desembargo do soldo para elles.

CAPITULO IX

Como foi ordenada a morte do conde João Fernandes, e como o Mestre partiu de Lisboa, sem levando intenção de o matar.

Buscadas rasões dos que livros fizeram d'esta historia por testemunho d'aquelles que presentes foram, segundo todos pela maior parte dizem, o Mestre, como teve accordado com Alvaro de Paes de matar o conde João Fernandes, logo falou este segredo com o conde de Barcellos D. João Affonso e com Ruy Pereira e outros, os quaes lhe certificaram que seriam presentes com elle quando em ello pozesse e quizesse poer mão. E emquanto a rainha ordenava suas cousas sobre regimento e percebimento do reino, em que o Mestre porém sempre estava, ia elle muitas vezes a casa de Alvaro Paes algumas horas com o conde, e outras a departe, falar com elle sobre a morte do conde João Fernandes, e especialmente como se poderia haver ajuda do povo por sua parte.

Alvaro Paes, muito talentoso de vêr tal feito acabado, todavia lhe certificava que sim, e não que elle descobrisse a nenhum tal segredo, mas entendia, como era certo, que a não boa vontade que as gentes tinham á rainha e ao conde o faria todos demover contra elles, como vissem logar e tempo azado, e accordaram que para se todo melhor fazer que, tanto que o Mestre chegasse aos paços e começasse em esto de poer mão, que logo Gomes Freire, seu

pagem, em cima do cavallo em que andava, começasse de vir rijo pera a villa, bradando até á casa de Alvaro Paes, dizendo a altas vozes: «Que acorressem ao Mestre d'Aviz, que o matavam»; e que então se sahiria elle com os seus, em maneira de acorro, chamando quantos achasse pelas ruas, os quaes se iriam com elle de boamente como houvesse tal apellido, e que d'esta guisa juntaria toda a cidade em sua ajuda. Falando d'esta maneira e acertando de se fazer assim, foi o Mestre desembargado de todo, e dadas cartas, quejandas cumpriam, e elle espedido da rainha pera partir.

Ora aqui desvairam alguns auctores sobre a partida do Mestre, e dizem assim:

Uns contam que elle fingiu que se partiu aquelle dia, como de feito partiu, por o conde João Fernandes segurar d'elle, se algum receio tinha do Mestre, e tornar em outro dia e o achar mais despercebido e não tão acompanhado, e que Alvaro Paes se avizasse em tanto de sua parte.

Outros affirmam sua partida por outro modo, e d'este nos praz mais, dizendo que, não embargando que o Mestre ficasse com Alvaro Paes de poer em tal feito mão, da guisa que ouvistes, que elle se receou muito depois de o fazer, por estas seguintes razões:

A primeira, porque taes hi houve, com que elle falou, que se escusaram d'ello quando o houve de poer em obra, temendo-se da rainha, que tinha el-rei de Castella por sua parte, que lhe podia depois azar sua deshonra e morte, salvo se foi Ruy Pereira e alguns seus do Mestre, a que elle isto descobria; des-ahi, duvidando muito o Mestre da ajuda do povo se não seguir como dizia Alvaro Paes, ou a tempo

que não prestasse, era posto em grande pensamento.

Porém, principal sobre todas era o grão aguardamento de muitos e bons fidalgos que sempre acompanhavam com o conde João Fernandes, tal como Martim Gonçalves d'Athayde, e João Affonso Pimentel, e Pedro Rodrigues da Fonseca, e Fernão Affonso de Miranda, e outros, e bem trinta escudeiros seus de cote.

Assim que cuidadas bem taes rasões, não embargando seu ardido coração e boa vontade, foi-lhe mui duvidoso de o começar, e partiu da cidade depois de comer, e foi partir a Santo Antonio, aldeia que são d'ahi a tres leguas, sem levando já nenhuma tenção de matar o conde; e elle ahi tornou a cuidar como esta cousa fôra falada com tantos, que porventura, entonce ou depois, alguns, por cobrar graça da rainha e isso mesmo do conde João Fernandes, o podiam dizer a cada um d'elles, da qual cousa descoberta, se seguia a elle e aos seus grão cajão e perda, e, por essa guisa, a todos os que foram em tal conselho. E, cuidando bem isso, começou de crescer em elle um esforçado desejo, com firme proposito, de em outro dia matar o conde, poendo-se a qualquer aventura que aquécer podesse; e por tirar suspeita de sua tornada, chamou logo Fernão d'Alvares de Almeida, um cavalleiro da Ordem e veador de sua casa, e disse:

— «Tornae-vos logo dormir a Lisboa e fazei-me de manhã prestes de jantar, e dizei á rainha que eu entendo lá de tornar, porque me parece que não vou bem desembargado como cumpre».

E elle partiu logo e chegou alto serão á cidade, porém ainda falou á rainha e ao conde o porque

vinha, e como outro dia o Mestre havia de tornar, porque lhe parecia que não ia desembargado como cumpria. A rainha e o conde responderam «que tornasse muito embora, que elle haveria desembargo como chegasse».

CAPITULO X

Como o Mestre tornou a Lisboa e de que guisa matou ao conde João Fernandes.

Em o outro dia, pela manhã, partiu o mestre d'aquella aldeia hu dormira, e começou d'andar seu caminho, sem trigança alguma desacostumada; e no caminho dizem que descobriu o Mestre d'Aviz esta cousa a alguns dos seus, s.: ao commendador de Juromenha, e Fernão d'Alvares, e a Lourenço Martins de Leiria, e a Vasco Lourenço Meirinho e a Lopo Vasques, que depois foi commendador-mór, e a Ruy Pereira, que o foi receber; e disse a um d'elles:

— «I-vos deante quanto poderdes, e dizei a Alvaro Paes que se faça prestes, ca eu vou pera fazer aquello que elle sabe».

E o escudeiro andou á pressa e deu-lhe o recado, e tornou-se para o Mestre onde vinha; e elle trazia uma cota vestida, e até vinte comsigo, com cotas e braçaes e espadas cintas, como homens caminheiros, e chegou ao paço a hora de terça ou pouco mais, sem deter porém em outra parte. E quando descavalgou e começaram de subir acima, disseram uns aos outros, mui manso:

— «Sêde todos prestes, cá o Mestre quer matar ao conde João Fernandes.»

A rainha estava em sua camara, e donas algumas assentadas no estrado; e o conde de Barcellos seu irmão, e o conde D. Alvaro Peres, Fernão Affonso de Samora, e Vasco Peres e outros estavam em um banco; e o conde João Fernandes, que d'ante estava á cabeceira d'elles, estava entonce de giolhos ante ella, e começava de lhe falar passamente. E em lhe sendo assim falando, bateram á porta, e o porteiro, como entrou o Mestre, quiz cerrar a porta, por não entrarem nenhum dos seus, e disse que o perguntaria á rainha, não por d'elles haver nenhuma suspeita, mas porque a rainha estava com dó, e em similhante tempo a este, por respeito devido a sua pessoa e real estado, não era costume de nenhum entrar, salvo esses senhores, sem lhe primeiro fazer saber.

E o Mestre respondeu ao porteiro: «Quê has tu assim de dizer?» E em esto entrou de guisa que entraram todos os seus com elle, e elle moveu passamente contra onde estava a rainha, e ella se levantou e todo os outros que eram presentes. E depois que o Mestre fez reverencia á rainha, e mesura a todos, e elles a elle recebimento, com toda a cortezia que pera com taes pessoas e em taes tempos se costumava de ordinario no paço, disse a rainha que se assentasse, e falou ao Mestre, dizendo:

— «E pois, irmão, que é isso? A que tornastes de vosso caminho?»

— «Tornei, Senhora, disse elle, porque me pareceu que não ia desembargado como cumpria. Vós me ordenastes que tivesse cargo da comarca d'Antre Tejo e Odiana, se porventura el-rei de Castella quizesse vir ao reino e quebrantar os tratos d'an-

tre nós e elle; e porque aquella frontaria é grossa e de grandes senhores, assim como do mestre d'Alcantara e d'outros senhores fidalgos, e aquelles que vós assignastes pera a guardarem commigo me parecem poucos, porende tornei, pera me dardes mais vassallos pera vos eu bem poder servir, segundo cumpre a minha honra e a vosso serviço.»

A rainha disse que era mui bem, e mandou logo chamar João Gonçalves, seu escrivão da puridade, que visse o livro dos vassalos, e d'aquella comarca, e que lhe desse fé quantos e quaes o Mestre quizesse e que fosse logo desembargado de todo. João Gonçalves foi logo chamado depressa, e foi-se assentar com seus escrivães a prover o livro para desembargar o Mestre.

E em esto começaram de o convidar os condes, cada um por si, e isso mesmo o conde João Fernandes se afficava mais que comesse com elle, que os outros. O Mestre não quiz tomar o convite de nenhum, escusando-se por suas palavras, dizendo «que só tinha prestes de comer, que mandara fazer ao seu veador»; porém dizem que disse mui escusamente ao conde de Barcellos, que o não sentiu nenhum:

— «Conde, i-vos d'aqui, que logo quero matar o conde João Fernandes.»

E respondeu «que se não iria, mas que estaria ali com elle, pera o ajudar.»

— «Não sejaes, disse o Mestre, mas rogo-vos todavia que vos vades d'aqui e me aguardeis pera o jantar, cá eu, Deus querendo, tanto que esto fôr feito, logo irei comer comvosco.»

A ventura, pera melhor azar a morte do conde João Fernandes, começou de lhe fazer arrecear a

vinda do Mestre, por tal guisa, que lhe poz em vontade que mandasse todos os seus que se fossem armar, e se viessem pera elle; e de qualquer geito que foi, partiram-se os seus todos do paço, assim fidalgos que o acompanhavam como os outros, e foram-se armar, pera se virem pera elle: — esta foi a razão porque elle ficou só de todos elles, e nenhum estava ahi quando elle morreu. A rainha, esso mesmo por femença nos do Mestre, vendo-os assim todos armados, não lhe aprouve em seu coração, e disse, falando contra todos:

— «Santa Maria val! Como os inglezes hão mui bom costume: que quando são no tempo da paz, não trazem armas, nem curam de andar armados, mas boas roupas alvas nas mãos, como donzellas, e quando são na guerra então costumam as armas e uzam d'ellas, como todo o mundo sabe.»

— «Senhora, disse o Mestre, é mui grão verdade, porém esso fazem elles porque hão mui a miude guerras e poucas vezes paz, e podem-n'o mui bem fazer, mas a nós é pelo contrario, ca havemos pelo miude paz e poucas vezes guerra; e, se no tempo de paz não usamos das armas, quando viesse a guerra não as poderiamos supportar.»

E falando esto e em outras cousas, chegaram-se as horas de comer; espediu-se o conde de Barcellos e des-ahi os outros, ca aos mais d'elles dava a vontade aquello que se depois fez. Ficando assim, o conde João Fernandes agastava-se-lhe o coração, e tornou a dizer ao mestre:

— «Vós, senhor, todavia, comer-heis commigo.»

— «Não comerei, disse o Mestre, ca tenho feito de comer.»

— «Sim, comereis, disse elle, e emquanto vós fa laes irei eu mandar fazer prestes.»

— «Não vades, disse o Mestre; eu vos hei de fa-lar uma cousa ante que me vá, e logo me quero ir, ca é já horas de comer.»

Entonce se espediu da rainha e tomou o conde pela mão, e sahiram ambos da camara a uma grande casa que era dante, e os do Mestre todos com elle, e Ruy Pereira e Lourenço Martins mais acerca; e chegando-se o Mestre com o conde acerca de uma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de falar passo, e estiveram todos quedos, e as palavras foram entre elles tão poucas, e tão baixo ditas, que nenhum por entonce entendeu quejandas eram, porém affirmam que fôra d'esta guiza:

— «Conde, eu me maravilho muito de vós serdes homem que eu bem queria, e trabalhardes vós de minha deshonra e morte!»

— «Eu, senhor?! disse elle. Quem vos tal cousa disse mentiu-vos mui grão mentira.»

O Mestre, que mais tinha em vontade de o matar que de estar com elle em razões, tirou logo um cutello comprido e enviou-lhe um golpe á cabeça; porem, não foi a ferida tamanha que d'ella morrera se mais não houvera. Os outros todos, que estavam d'arredor, quando esto viram, lançaram logo a espadas fóra, para lhe dar, e elle, movendo para se acolher á camara da rainha, com aquella ferida, e Ruy Pereira, que era mais acerca, metteu entonce um estoque d'armas por elle, de que logo cahiu em terra morto. Os outros quizeram-lhe dar mais feridas, e o Mestre disse que estivessem quedos, e nenhum foi ousado de lhe mais dar.

E mandou logo Fernão d'Alvares e Lourenço Martins que fossem cerrar as portas, que não entrasse ninguem, e dissessem ao seu pagem que fosse á pressa pela villa bradando: «Que matavam o Mestre»; e elles fizeram-n'o assim. E era o Mestre, quando matou o conde, em edade de vinte e cinco annos, e andava em vinte e seis, e foi morto a 6 dias de dezembro, era já escripta de 421.

CAPITULO XI

Do que a rainha disse por a morte do conde, e d'outras cousas que hi avieram

Leixemos o pagem ir hu lhe mandaram e vejamos em tanto que se fez no paço da rainha: onde assim foi que os estrupos e voltas que todos fizeram, quando o conde foi morto, soaram rijamente na camara onde ella estava, que era muito perto, e taes hi houve que pensaram que eram alguns que não vieram com tempo ao saimento, e chegaram entonce e faziam dó.

A rainha, espantada da volta, levantou-se em pé, não sabendo que cuidar, e disse que vissem que era aquello; os outros á pressa olharam por entre as portas, e disseram que o conde João Fernandes era morto. A rainha, quando esto ouviu, houve grão temor, pero disse:

— «Oh! Santa Maria val! Me mataram em elle um bom servidor, e sem n'o merecer, ca o mataram bem sei porque. Mas eu prometto a Deus que me vá de manhã a S. Francisco, e que mande hi fa-

zer uma fogueira, e hi farei taes salvas quaes nunca mulher fez por estas cousas! »— o que ella tinha mui pouco em vontade de fazer.

Os outros que hi estavam, assim homens como mulheres, quando esto ouviram, cuidaram áquella hora ser todos mortos, que não ousavam de fugir pelas portas, mas fugiam pelas janellas e d'elles pelos telhados, outros por degraus não contados, e assim cada um por hu melhor podia. João Gonçalves, escrivão da rainha, que estava vendo o livro dos vassallos, quando esto viu, começaram de fugir, elle e os seus, cada um por hu melhor azado achava.

O Mestre moveu d'ali pera um grande eirado muito acerca, e a rainha começou de dizer:

—«Vão perguntar ao Mestre se hei eu de morrer».

E foram-lhe a perguntar, a grão medo, e elle respondeu muito mansamente:

— «Dizei lá á rainha, minha senhora, que Deus me guarde de mal, e que assossegue em sua camara e não haja nenhum temor, ca eu não vim aqui por empécer a ella, mas por fazer esto a este homem, que m'o tinha bem merecido.»

E foram-lhe com esta resposta, e ella disse:

— «Pois assim é, dizei-lhe que me desembargue meus paços,»—ca ella não via hora que se o Mestre partisse, porque não era segura de sua vida emquanto elle ali esteve.

E, em tornando Lourenço Martins d'onde fôra a cerrar as portas, viu estar uma somma de prata ante a cosinha, em uma meza, e tomou-a toda e lançou-a na aba, e levou-a ao Mestre e disse:

— «Digo, senhor, já vos aqui tendes pera a despeza d'hoje».

O Mestre lhe respondeu asperamente, que tor-

nasse a prata onde a achara, ca elle não viera ali por aquello, mas por fazer o que tinha feito; e Lourenço Martins feze-o assim.

Os fidalgos que acompanhavam o conde e os que com elle vinham, não sabendo parte do que o Mestre tinha feito, vinham já todos armados para o paço da rainha; e, vindo muito acerca d'elles a volta da gente que começava já de ferver pela rua, e alguns que sahiram de dentro e lhe disseram que não fossem lá, que o conde era já morto e as portas cerradas, e que as gentes eram tantas, que vinham contra os paços, segundo diziam, que se lá fossem que não escaparia nenhum d'elles e veriam des-ahi mau pesar. Tornaram-se entonce pera hu vieram, e cada um trabalhou de se poer em salvo, receando-se que todos os que eram da parte da rainha e do conde fossem mortos áquella hora.

CAPITULO XII

Do alvoroço que foi na cidade, cuidando que matavam o Mestre, e como alá foi Alvavo Paes e muitas gentes com elle.

O pagem do Mestre, que estava á porta, como lhe disseram que fosse pela villa, segundo já era percebido, começou d'ir rijamente e ao galope, em cima do cavallo em que estava, dizendo a altas vozes, bradando pela rua: «Matam o Mestre! Matam o Mestre nos paços da rainha! Acorrei ao Mestre, que o matam!» E assim chegou a casa de Alaro Paes, que era d'ali um grande espaço. As gentes

que esto ouviram, sahiam á rua, vêr que cousa era, e, começando de falar uns com os outros, alvoroçaram-se nas vontades e começavam de tomar armas, cada um como melhor e mais azinha podiam.

Alvaro Paes, que estava já prestes e armado, com uma coifa na cabeça, segundo usança d'aquelle tempo, cavalgou logo á pressa, em cima de um cavallo que annos havia que não cavalgara, e todos os seus creados com elle, bradando a quaesquer que achava, dizendo: «Acorramos ao Mestre, amigos! Acorramos ao Mestre, ca filho é d'el-rei D. Pedro!» E assim bradavam elle e o pagem, indo pela rua.

Soaram as vozes do arruido pela cidade, ouvindo todos bradar que matavam o Mestre, e, assim como viuva que rei não tinha, e como se lhe este ficasse em logo de marido, se moveram todos com mão armada, correndo á pressa para hu diziam que se esto fazia, pera lhe dar vida e escusar morte. Alvaro Paes não quedava de ir pera alá, bradando a todos: «Acorramos ao Mestre, amigos! Acorramos ao Mestre, que o matam sem porque!»

A gente começou de se ajuntar a elle, e era tanta que era extranha cousa de vêr; não cabiam pelas ruas principaes e atravessavam logares escuzos, desejando cada um de ser o primeiro; e perguntando uns aos outros «quem matou ao Mestre?» não minguava quem responder «que o matava o conde João Fernandes, por mandado da rainha. «E por vontade de Deus, todos feitos de um coração com talante de o vingar, como foram ás portas dos paços, que eram já cerradas, ante que chegassem, com espantosas palavras, começaram de dizer: «Hu matam o Mestre? Que é do Mestre? Quem cerrou estas portas?»

Ali, eram ouvidos brados de desvairadas maneiras. Taes haviam que certificavam que o Mestre era morto, pois as portas estavam cerradas, dizendo que as britassem pera entrar dentro, e veriam que era do Mestre ou que cousa era aquella ; d'elles bradavam por lenha e que viesse lume, pera pôrem fogo ás portas e queimarem o trédor e a aleivosa ; outros afficavam pedindo escadas pera subir acima, pera verem que era do Mestre. E em todo esto era o arruido tão grande que se não entendiam uns aos outros nem determinavam nenhuma cousa. E não sómente era isto á porta dos paços, mas ainda a redor d'elles, por hu homens e mulheres podiam estar : uns vinham com feixes de lenha, outros traziam carqueja para accender o fogo, cuidando queimar o muro dos paços com ella, dizendo muitos doestos contra a rainha.

De cima, não faltava quem bradar que o Mestre era vivo e o conde João Fernandes morto ; mas esto não queria nenhum crer, dizendo : «Pois se vivo é, mostrae-nol-o.»

Então os do Mestre, vendo tão grande alvoroço como este, e que cada vez se accendia mais, disseram que fosse sua mercê de se mostrar áquellas gentes, d'outra maneira poderiam quebrar as portas ou lhe poer fogo, e entrando assim dentro por força, não lhe poderiam depois tolher de fazer o que quizessem. Ali se mostrou o Mestre a uma grande janella que vinha sobre a rua onde estava Alvaro Paes e a mais força da gente, e disse : «Amigos, apacificae-vos, ca eu vivo e são sou, a Deus graças.»

E tanto era a torvação d'elles e assim tinham já em crença que o Mestre era morto, que taes havia hi que aporfiavam que não era aquelle, porém conhe-

cendo-o todos claramente houveram grão prazer quando o viram, e diziam uns contra outros: «Oh! Que mal fez, pois que matou o trédor do conde, que não matou logo a aleivosa com elle! Crêdes em Deus: inda lhe ha de vir algum mal por ella. Olhae, olhae e vêde que maldade tão grande: mandaremn'o chamar onde ia já de seu caminho, pera o matarem aqui por treição! Oh! Aleivosa! Já nos matou um senhor e agora queria matar outro! Leixae-a, que ainda ha de acabar mal por estas cousas que faz.» E sem duvida, se elles entraram dentro, não se escusara a rainha da morte, e fôra maravilha quantos eram da sua parte e do conde poderem escapar.

O Mestre estava á janella e todos olhavam contra elle, dizendo: Oh! Senhor, como vos queriam matar por treição, bento seja Deus, que vos guardou d'esse trédor! Vinde-vos, dae ao démo esses paços, não sejaes lá mais.» E em dizendo esto muitos choravam com prazer de o vêr vivo.

Vendo elle entonce que nenhuma duvida tinha em sua segurança, desceu a fundo e cavalgou com os seus, acompanhado de todos os outros, que era maravilha de vêr, os quaes, mui ledos ao derredor d'elle, bradavam dizendo: «Que nos mandaes fazer, senhor? Que quereis que façamos?» E elle respondia adur, podendo ser ouvido: «que o agradecia muito e que por entonce não havia mais mister d'elles.»

E assim encaminhou pera os paços do almirante, hu pousava o conde João Affonso, irmão da rainha, com que havia de comer. As donas da cidade, por a rua por onde elle ia, sahiam todas ás janellas com prazer, dizendo a altas vozes: «Mantenha-vos Deus, senhor! Bento seja Deus, que vos guardou de ta-

manha treição qual vos tinham bastecida!» — ca nenhum por entonce podia outra cousa cuidar.

E indo assim até á entrada do Rocio, e o conde vinha com todos os seus e outros bons da cidade, que o guardavam, assim como Affonso Eannes Nogueira e Martim Affonso Valente e Estevão Vasques Filippe e Alvaro do Rego e outros fidalgos; e quando viu o Mestre ir d'aquella guisa foi-o abraçar com prazer e disse: «Mantenha-vos Deus, senhor! Sei que vos tirastes de grande cuidado, mas vós mereceis esta honra melhor que nós. Andae, vamos logo comer.» E assim foram pera os paços hu pousava o conde.

E, estando elles pera se assentar á meza, disseram ao Mestre como os da cidade queriam matar o bispo, e que faria bem de lhe ir acorrer; e o Mestre quizera alá ir. Disse entonce o conde:

— «Não cureis d'isso, senhor. Se o matarem, quer o matem quer não, minguará outro bispo portuguez que vos sirva melhor que elle?»

Ao dito do conde cessou o Mestre de sua boa vontade, e o bispo foi morto d'esta guisa que se segue.

CAPITULO XIII

Como o bispo de Lisboa e outros foram mortos e lançados da torre da Sé a fundo.

Sendo toda a cidade occupada com este alvoroço, e vindo commummente por junto com a Sé, foram alguns lembrados que, indo por ali com Alvaro Paes, que bradaram aos de cima que repicassem, e que repicando em S. Martinho e

nas outras egrejas, que na Sé não quizeram repicar, e souberam que o bispo era em cima e que mandara cerrar as portas sobre si; e porque era castellão, disseram logo que era da parte da rainha e do conde, e que elle fôra sabedor da treição e morte que quizeram dar ao Mestre, e que por aquello não repicaram, assacando contra elle estas e outras más suspeitas que não minguava quem as affirmar. E ficou logo ali grão parte do povo á Sé, com brava sanha, por haver á pressa entrada na Sé e filharem logo do bispo vingança.

O bispo era natural de Zamora, e havia nome D. Martinho, e sendo bispo do Algarve houvera o bispado de Lisboa por Gonçalo Vasques, licenceado em degredos, e lh'o ganhou do papa Clemente, por haver o priorado de Guimarães. Este bispo era grande lettrado e bom ecclesiastico, e regia mui bem sua egreja, morando em cima da crasta d'ella, por continuadamente vêr as horas e divinos officios, e ali tinha em vontade de mandar fazer casas pera morarem todos os conegos, pera haver azo de melhor servir.

E sendo elle comendo aquelle dia, o priol de Guimarães com elle, que havia um anno e mais que o não vira, senão então, ouviram grão volta no paço da rainha, que era hi acerca, e carpinha de mulheres, com grandes vozes de gentes pelas ruas de redor bradando todos «que matam o Mestre.» O bispo, ouvindo tamanha volta, e cada vez era mais, bem cuidou que não era feito leve, e, por segurança de qualquer cousa que avir pudesse, leixou a meza a que estava e desceu-se por uma escada a fundo á crasta, elle e o priol de Guimarães e um tabellião de Silves, que esse dia chegara por recadar com

elle. Com esses dois convidados e com alguns seus com elles, se foi o bispo á mais alta torre da Sé, onde estavam os sinos, mandando primeiro fechar aos de dentro todas as portas da egreja.

E quando Alvaro Paes por ali passou á ida bradaram aos de cima, como dissemos, que repicassem, e o homem bom não sabia que volta era aquella; des-ahi, porque o dar da campana em tal egreja era azo de grande alvoroço da cidade, duvidou muito de o fazer.

E elles, quando viram que não repicaram na Sé, e que o bispo d'aquella guisa estava na torre e as portas da egreja fortemente cerradas, que as não podiam tão azinha quebrar, houveram escadas e entraram por uma fresta, e foram mui á pressa abertas, e entraram entonce quantos quizeram, sendo muito poucos, em respeito dos que estavam fóra. E a commum voz de todos era que fossem acima vêr quem estava na torre, e porque não repicara, como nas outras egrejas; e se fosse o bispo que o deitassem a fundo.

Silvestre Esteves, homem honrado, procurador da cidade e alcaide pequeno d'ella, e outros, subiram por uma estreita escada que anda a de redor, porque não ia mais que um ante outro, nem podia ninguem entrar a torre emquanto a de cima defender quizessem. O bispo, vendo como era castellão, e de nação a elles contraira, receava muito em tal união (e todo sizudo deve recear), e não lhe dava logar que entrassem, porém, vendo-se sem culpa, des-ahi tal pessoa ecclesiastica, segurando-o elles porém primeiro, e osquecom elle estavam, houveram entrada acima; e perguntando-lhe porque não mandara dar á campana, pois aquellas gentes bra-

davam que repicasse, e elle se escusou por suas mansas e boas razões, de geito que todos foram contentes.

A secca sanha, que em taes feitos nenhuma razão esguarda, começou tanto de dar nos entendimentos do povo que á porta principal da egreja estava, que começaram de bradar, altas vozes, aos de cima, «que estavam fazendo que não deitavam o bispo a fundo», dizendo: «Guardae-vos, não vamos nós lá, ca se nós imos todos vós haveis d'ir a fundo com elle.»

Os de cima, que vontade não tinham de lhe fazer mal nem nojo, era-lhe muito grave de fazer, a uma, por ser bispo, e mais seu prelado; des-ahi, por a segurança que lhe haviam feitas não sabiam que fizessem.

A sanha trigava os corações, e com mencoria começaram de bradar, olhando todos pera cima, dizendo: Que tardada é essa que vós lá fazeis, que não deitaes esse trédor a fundo? Já vos tornastes castellãos com elle? De mais se vos peitou que o não deitasseis, e sois já todos de um accordo?» Então começaram todos de jurar que se o não deitassem iam acima, que todos viessem a fundo com elle.

E porquanto todo o temor é justo, por qüe homem pode vir á morte ou acerca d'ello, houveram d'esto tão grão receio, que logo o bispo foi morto com feridas, e lançado á pressa a fundo, onde lhe foram dadas outras muitas, como se ganhassem perdoança, que sua carne já pouco sentia. Ali o desarmaram de toda a vestidura, dando-lhe pedradas, com muitos e feios doestos, até que se enfadaram d'elles os homens e os cachopos, e foi roubado de quanto havia.

Similhantemente, foi lançado a fundo aquelle priol de Guimarães, seu convidado, por um escudeiro que lhe mal queria: subindo acima com os do conselho, e viu tempo azado pera o matar, e, buscando-o pela torre, achou-o escondido e matou-o, e não tendo ninguem sentido da morte d'elle, porque estavam com o bispo. Nem o vendo como levar d'ali, deitaram da torre a fundo o coitado do tabellião, que tão pouca culpa havia, como os outros: começaram de o trazer a fundo e de o doestar e empuxar, dizendo que, com o bispo estava, bem sabia parte d'aquella treição; e tantas lhe deram de punhadas até que lhe começaram de dar feridas, e mataram-n'o; e assim mataram todos tres, e outros fugiram.

E jouveram ali aquelle dia e á noite o priol e o tabellião, e em esse dia algumas pessoas refeces lançaram ao bispo, onde jazia nu, um baraço nas pernas, e, chamando muitos cachopos que o arrastassem, e ia um rustico bradando deante: «Justiça que manda fazer Nosso Senhor o papa Urbano VI a este trédor, scismatico, castellão, porque não tinha com a Santa Madre Egreja.» E assim o arrastaram pela cidade, com as vergonhosas partes descobertas, e o levaram ao Rocio, onde o começaram de comer os cães, que o não ousavam nenhum soterrar; e sendo já d'elle muito comesto o soterraram em outro dia, ali no Rocio. E os outros dois foram depois soterrados, por tirarem fedor d'ante sua vista.

E posto que algumas pessoas taes coisas parecessem mal e deshonestamente feitas, nenhum era ousado de dizer o contrario.

CAPITULO XIV

Como o Mestre, depois que comeu, foi pedir perdão á rainha, e das rasões que foram faladas.

Depois que o Mestre e o conde houveram comido, segundo dissemos no capitulo antes d'este, veiu-se pera elles o conde D. Alvaro Peres de Castro e Ruy Pereira e outros bons fidalgos, e o Mestre falou com os condes, dizendo que elle entendia que fizera grão desprazer á rainha em matar o conde em seus paços, e que lhe parecia que era bem de lhe ir perdão, se o elles por bem houvessem. E accordado por todos que era bem, cavalgaram á tarde pela villa e foram-se ao paço da rainha, e ella estava em sua camara, coberta de dó, segundo havia em costume; e entrando elles pela porta fizeram-lhe sua reverencia, e ella alçou-se a elles; e os do Mestre, como os condes entraram, assim foram elles todos dentro, de volta, armados como andavam.

A rainha, quando os assim viu entrar, disse contra elles, como queixosa:

— «Ah! Santa Maria val! Que desmesura é ora essa, ou que entrada de camara? E como? Todos nos havemos de ser em conselho?»

E elles calaram-se e não disseram nada, leixando-se estar quedos; e ella, quando isso viu, disse:

— «Andar, pois ora a Deus assim apraz; estae em boa hora».

E tornou-se a assentar em seu estrado, e disse

aos condes que se assentassem; e o Mestre se assentou entonce, e os condes ambos, cada um de sua parte. E sendo elles assim assentados, disse o conde D. Alvaro Peres ao Mestre:

— «Senhor, dizei á rainha o porque aqui viestes, e des-ahi falaremos em al».

E então se alçou o Mestre, e poz-se em giolhos ante a rainha, e o Mestre começou de dizer:

— «Senhora, aquelle que não erra não tem de que pedir perdão, e eu, pois vos errei, é razão que vol-o peça, como quer que Deus sobe que minha intenção não foi de vos errar, nem fazer nojo nem desprazer; mas, porque esta cousa que eu fiz se me ázou de ser feita em vossos paços, porém vos peço por mercê que me perdoeis, ca este homem que matei não o fiz por vos fazer nojo nem deshonra, mas fize-o por segurança de minha vida, ca entendia que emquanto elle vivesse que a minha vida não seria segura; e polo eu matar em vossos paços d'esto vos peço eu perdão, e não de outra cousa, ca a morte que lhe eu dei, Deus é sabedor de todas as cousas, sabe bem que muito ha que m'a elle tinha merecida de lh'a eu dar, mas matal-o em vossos paços isso não devera eu de fazer. E porém, Senhora, seja vossa mercê de me perdoar, e se me esta cousa perdoardes inda me chegará Deus a tempo que vol-o pague n'aquellas que vós mandardes e que eu entender por vosso serviço».

A rainha, emquanto o Mestre falou, não fez nenhum signal que lhe aprazia de suas rasões, ante, calando, mostrava triste gesto, e os outros olhando, como era razão, esperando sua boa resposta, vendo como a não dava, falou o conde D. Alvaro Peres de Castro, dizendo contra a rainha:

— «Que é isso Senhora? Não respondeis vós ao que vos diz o Mestre? E não lhe perdoaes? Parece-me que vos diz bem, ca não é homem mais teudo, ainda que fosse a Deus, que, se lhe erra, pedir-lhe perdão. E, pois que vol-o elle pede, vós lhe deveis de perdoar, mórmente filho d'el-rei; e des-ahi o erro não foi ora tamanho, nem feito por tão má guisa, que vos elle móres serviços não possa fazer.»

A rainha não respondeu nada a isto. Disse então o conde de Barcellos, seu irmão.

— «Que cousa é esta, Senhora? Porque não perdoaes ao Mestre? Ca bem vos diz o conde ca não é homem mais teudo, ainda que seja a Deus, ca lhe pedir perdão quando erra; e, pois vol-o elle pede e é filho de rei, sempre em todo o tempo vol-o servirá com bons merecimentos. E porém todavia perdoar-lhe, pois se tambem conhece ca em tempo estaes de lhe perdoar».

E ella, quando esta palavra ouviu, foi forçada de responder, e disse, como em som de escarneo:

— «Pera que é ora tal pedir perdão? Ou pera que são essas rasões? Perdoado é elle de seu, mas dizei-me ora, que lh'o acoime, vós, que sois meu irmão, parece-me que sobejo é pedir homem o que tem, e elle, pois que é perdoado, não ha por que pedir mais perdão. E porém leixemos ora isso e falemos em outras cousas que vos mais cumprem de falar».

Então respondeu o Mestre e disse:

— «Senhora, se vos a vós isso anoja, não falemos em ello mais, e d'aqui em deante falemos o que vossa mercê fôr.»

— «Falemos ora, disse ella, em como dizer todavia como el-rei de Castella queria vir a este reino, antes do tempo que é posto nos tratos.»

— «E isso, Senhora, boa cousa é de se falar, disse o Mestre. Posto que assaz já falado fosse com ello, quanto a mim, parece o que já dito hei: que vós lhe deveis enviar vosso recado e frontardes-lhe que o não faça, e elle homem de razão é, e creio que o não fará, quando lh'o vós assim mandardes requerer.»

— «E ponhamos, disse ella, que lh'o envio requerer e elle diz que o não quer fazer?»

— «Certamente, disse o Mestre, se lh'o vós enviasseis requerer, e o elle fazer não quizesse, então deveis vós de ajuntar vossas gentes e embargar-lhe sua vinda a todo vosso poder.»

A rainha começou então de se sorrir por modo d'escarneo, e disse:

— «Oh! Que boa razão essa! E hi era el-rei, meu senhor, vivo, e vós outros todos com elle, e não o podieis fazer, quanto mais agora, que elle é morto, e toda vossa esperança soterrada com elle!

Quando estas razões ouviu, o conde D. Alvaro Peres levantou-se em pé e disse:

— «Alçae-vos, senhor, e vamo-nos, ca me parece que não praz aqui com quanto nós dizemos.»

Então se levantou o Mestre e os condes, e espediram-se d'ella e foram-se. Em sahindo elles pela porta da camara, olhou ella e viu ainda jazer o conde João Fernandes morto, ali onde ficara, ali onde o Mestre o matou, e disse contra elles:

— «Ah! Santa Maria val! Que crueldade tamanha! E não haveis ora dó d'esse homem que ahi jaz assim, morto tão deshonradamente?! E sequer por ser homem fidalgo, como vós?! Havei ora d'elle dó, e fazei-o soterrar e não jaça ahi d'essa guisa.»

E elles não curaram d'isto e foram-se pera suas

pousadas. O conde João Fernandes jouve ali morto e coberto em um tapete velho, que nenhum não ousara poer em ello mão pera o soterrar. E elle jazia vestido e atacado, e um gibão vermelho e uma atabarda de fino panno preto, com alhetos e mangas; mui bem feito corpo de homem, até edade de quarenta annos. E depois que foi bem noite, mandou-o a rainha soterrar, mais escusamente que ser pode, na egreja de S. Martinho, que é logo junto; e partiu-se essa noite d'ali e foi-se para Alcaçova, pera outros paços que alá tinha.

CAPITULO XV

Como os da cidade quizeram roubar os judeus, e o Mestre os defendeu, que lhe não foi feito.

Passado aquelle grão arruido com que as gentes da cidade chegaram ao paço da rainha, e que o bispo foi morto da guisa que ouvistes, gerou-se entre elles uma união de mortal odio contra quaesquer que sua intenção não tinham, e tanto que nenhum logar era seguro áquelles que não seguiam sua opinião. Cada um dava folgança a seu officio e toda sua occupação era juntarem-se em magotes, a falar na morte do conde e cousas que haviam acontecido; des-ahi, pois el rei de Castella diziam que vinha ao reino, que maneira se teria na defensão d'elle. E uns nomeavam o infante D. João, dizendo que a elle pertencia o reino de direito; outros diziam que não podia ser, ca era já preso em

Castella e que nunca havia de ser solto, ou que porventura o matariam por este azo; e, porque esto assim acontecera, que cumpria mais outro infante no reino, salvo o Mestre d'Aviz, que era filho d'el-rei D. Pedro, como o outro? E que este tomassem por seu rei e senhor.

Gastado aquelle dia em taes falamentos, na seguinte manhã tornaram a similhantes razões, e, contando cada um o que lhe parecia de taes feitos, naceu entre elles um novo accordo, dizendo que era bem de roubar alguns judeus ricos da Judaria, assi como D. Judas, que fôra thesoureiro-mór d'el-rei D. Fernando, e D. David Negro, que era grande seu privado, e outros, e que d'estes poderia o Mestre haver mui grande riqueza pera supportamento de sua honra. E, falando uns com outros para o poer em obra, começou-se d'alvoraçar e juntar muito povo.

Os judeus, como esto sentiram, não curaram d'ir á rainha, mas foram-se á pressa alguns d'elles ás casas de João Miguel, junto com a Sé, onde o Mestre aquella noite dormira, e disseram ao Mestre que os da cidade se alvoraçavam para os irem roubar e matar todos, e que lhe pediam por mercê que lhe acorresse á pressa, e se não que todos eram mortos.

O Mestre dizia que se fossem á rainha, que elle não tinha ora com aquello de fazer, e elles se afficavam cada vez mais, pedindo trigosamente acorro. Os condes D. João Affonso e D. Alvaro Peres, que estavam com o Mestre, quando viram que elle se escusava, disseram, com dó que d'elles houveram:

— «Oh! Senhor, por mercê, hi alá e ante que comecem, e não lh'o leixareis fazer, ca depois que co-

meçarem servos-hão mui maus de desviar de tal feito».

Cavalgou então o Mestre, e os condes com elle, e foi-se logo lá, e quando chegou á Judaria achou grão parte dos da cidade, que se juntavam quanto podiam, e todos alvoroçados pera entrarem dentro e roubarem; e disse entonce o Mestre contra elles:

— «Que é isto, amigos? Qne obra é esta que quereis fazer?»

— «Senhor, disseram elles, estes trédores d'estes judeus, D. Judas e D. David Negro, que são da parte da rainha, teem grandes thesouros escondidos, e queremol-os tomar e dal-os a vós, que queremos por nosso senhor».

— «Amigos, disse elle, não queiraes esta cousa fazer, mas leixae vós a mim esse cuidado, e eu sobra ello porei remedio».

— «Senhor, disseram elles, não assim, mas nós iremos buscar os trédores onde jazem escondidos, e trazel-os-hemos a vós, e havereis todo quanto elles teem».

O Mestre, dizendo que não curassem d'aquello, e elles todos aporfiando que sim, era-lhe grave cousa desvial-os d'esta vontade. Disseram então os condes ao Mestre:

— «Quereis bem fazer? Parti-vos d'aqui, e ir-se-ha esta gente toda comvosco e não curarão mais d'esto que fazer querem».

E o Mestre feze-o assim, e foram-se todos com elle pela rua Nova, e, ficando poucos a poucos, desfeze-se grão parte d'aquella assuada. E alli disse o Mestre a Antão Vasques, que era juiz do crime na cidade, que mandasse apregoar da parte da rainha, sob certa pena, que não fosse nenhum tão ousado

de ir á Judaria, por fazer mal aos jndeus. Elle disse que o mandaria apregoar de sua parte, mas não já da rainha, e o Mestre lhe defendeu que o não fizesse, e elle não curou em esto de sua defeza e mandou-o apregoar de sua parte.

As gentes todas, quando ouviram este pregão, muito em suas vontades, diziam uns contra os outros: «Que fazemos estando? Tomemos este homem por senhor e alcemol-o por rei». E elle ouvia estas cousas e fechava-se a sorrir, louvando muito a Deus em seu coração, que tal desejo punha no povo contra elle. Então se tornaram a elle e os condes para a Sé, e ali descavalgaram para ouvir missa.

CAPITULO XVI

Que maneira tinha a rainha D. Leonor com o Mestre e alguns outros a que não tinha bom desejo.

Os antigos que louvaram as nobres mulheres que viveram no tempo da rainha D. Leonor muito erraram em seu escrever se a não pozeram na conta das mui famosas, porque se o dom da formosura, de todos mui prezado, fez a algumas ganhar perpetual nome, d'este houve ella tão grande parte, acompanhada de aprazivel graça, que aquelle que o mais desejar podesse seria assaz descontente de sua natureza. A ella proveiu des-ahi, com esto, costumes de grande avisamento, de nenhuma cousa que a prudente mulher pertencia era ignorante; foi mulher mui inteira e de coração ca-

valleiroso, buscador de maravilhosas artes, por firmeza de seu estado. Dês que ella reinou, aprenderam as mulheres ter novos geitos com seus maridos, e as mostranças de uma cousa por outra mais perfeitamente do que se acha, nos ancianos tempos, que outra rainha de Portugal fizesse. E ella havia grandes fundamentos pera quem tinha má vontade nunca lh'o poder conhecer, e onde entendia fazer damno ázara mortaes empecimentos, com mostrança de todo o contrairo.

Assim, que posto que ella tivesse ao Mestre em tão mortal odio, por a morte do conde João Fernandes, em guisa que de nenhum mal lhe podia então vir tão grão parte que a ella fôra abastada vingança, pero com tudo isso ella poude tanto com seu grande coração, a mui poucos ligeiro de fazer, que nenhuns signaes de malquerença mostrava ao Mestre de fóra, como se lhe nunca houvesse feito nenhum desprazer, mas estes poucos dias que lhe ella depois falou, estando elle na cidade, sempre suas falas e respostas eram contra elle boas, sem mostrança de mau desejo.

Ella, aos dois dias depois da morte do conde João Fernandes, quitou a Fernão Lopes, escudeiro do Mestre, a seu rogo, cem dobras, que lhe demandou a que pagasse por Lourenço Eannes, seu sogro, qne fôra almoxarife d'el-rei D. Affonso. E não sómente ao Mestre, mas ainda a alguns outros que ella por tal razão má vontade tinha, nenhuma cousa dava a entender de rancor que tivesse contra elles, mas suas falas e desembargos todo era feito lédamente, com bom geito, até que visse tempo ázado de se poder vingar, segundo seu desejo.

CAPITULO XVII

Como a rainha partiu de Lisboa pera Alemquer, e que maneira teve em sua partida.

MOVIDA tal discordia, como dissemos, e trabalhando-se os seguidores d'ella por levar adeante sua opinião, foi a rainha posta em grandes pensamentos, com mistura de temor, e a ella era certa da maneira que o Mestre queria ter com ella; d'outra parte, temia-se dos moradores da cidade. Assim, que não sabia que geito tivesse por segurança de sua vida e honra; e, cuidando sobre esto muitas e mui desvairadas cousas, entendeu que a melhor e mais segura que por presente podia fazer era partir-se d'aquella cidade e ir-se para outro logar mais seguro.

Então ordenou de se ir pera uma sua villa, oito leguas da cidade, a que chamam Alemquer, e partiu a rainha grande manhã, sendo já espaço do dia andado, com donas e donzellas, quantas havia em sua casa, e todos os seus com ella, s.: o conde D. João Affonso, seu irmão, e o mestre de S. Thiago, D. Fernão Affonso, e o almirante *mice* Lançarote, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, tio da rainha, e Martim Gonçalves d'Athayde, e Pero Lourenço de Tavora, e João Affonso Pimentel, e Vasco Peres de Camões, e Ayres Vasques de Alvalade, e João Gonçalves, anadel-mór, e Lourenço Eannes Fogaça; e todos os do desembargo d'el-rei D. Fernando, assim como Alvaro Gonçalves, veador da fazenda, e

Gil Eannes, corregedor; e outros muitos creados da rainha e d'el-rei D. Fernando.

E D. Judas, thesoureiro-mór que fôra d'el-rei D. Fernando, e seu veador da fazenda, com temor dos grandes aggravos que fazia ao povo com os officios que tinha, e não ousou ir de praça, assim como os outros, mas com uma funda de barrete na cabeça, com lança na mão, assim como pagem, por ser conhecido. Bernaldim e Martim Paulo Garcez, que ficaram no reino, do tempo d'el-rei D. Fernando, iam de traz com certas lanças, por guarda das azemolas, com temor dos de Lisboa, receando que fossem depóz elles.

A rainha chegou a Alverca com trigoso andar, e d'ali partiu e foi dormir a Alemquer; e quando entrou pela porta da villa disse Gonçalo Mendes:

— «Minha Senhora, agora entendo eu bem que vós estaes segura, ca não em Lisboa.»

A rainha não respondeu a estas palavras, nem disse cousa alguma, mas não minguava dos da sua companhia, quem pelo caminho, olhando por detraz, disse contra Lisboa: «Que mau fogo a queimasse, e que ainda a visse destruida e arada toda a bois.»

Ali esteve a rainha por dias, pousando os seus fóra e dentro na villa, a qual se não velava, nem tinha outra guarda, senão as portas abertas de dia e de noite.

CAPITULO XVIII — XIX

Como o Mestre guisava pera se ir pera Inglaterra e como pediu perdão a Vasco Porcalho.

Pois que os humanaes e espritaes feitos se julgam segundo a intenção que se d'elles segue, nenhum tenha sentido de prasmar o Mestre vendo as cousas que se depois seguiram, dizendo que elle, com desordenada cobiça de reinar ou haver outro senhorio no reino, e não por outra cousa, se moveu a matar o conde João Fernandes; e a sua vontade nunca esta foi, nem má: sómente por usar de honrosa façanha, vingando a deshonra de seu irmão. Antes poz a vida e honra em grande aventura, temendo de se fazer tal obra, despoendo de leixar o reino e o mestrado por esto, como de feito quizera fazer, porque tanto que a rainha partiu para Alemquer, e elle ficou na cidade, houve o Mestre conselho, por segurança da sua vida, se ir pera Inglaterra, vendo que lhe não convinha ficar no reino. E mandou fazer prestes todo o que cumpria para sua ida, em duas naus que jaziam ante o porto da cidade, carregadas de mercadorias dos mercadores.

E como aquelle que era discreto e comprido de toda bondade, esguardou o tempo em que havia de partir; e como era forçado de passar por logar onde taes perigos costumam de ser, a que artificios nem resistencia humana prestava, sem humanal

ajuda d'aquelle Senhor que todas as cousas tem em governança, e, por alimpamento de sua consciencia, entre as cousas que primeiro fez, mandou chamar a Vasco Porcalho, commendador-mór de sua ordem, e contou-lhe por amiude como lhe a rainha dissera, quando fôra preso, que lhe fizera entender a el-rei D. Fernando que elle se queria ir pera Castella, pera o infante D. João, em deserviço do reino, e que portanto o mandára el-rei prender, e não por outra cousa.

— «Por a qual razão, disse o Mestre, eu vos tive tão má vontade que minha tenção foi de vos matar, e depois cuidei que a mim não vinha grande honra de o fazer, posto que vós o dissesseis, e perdi de vós toda a má vontade e queixume, de guisa que nunca vol-o dei a entender des então até agora, que commigo andaes».

Então lhe contou muitas razões porque o leixára de fazer, e disse:

— «Não embargando que eu teudo não seja de vos pedir perdão tal como este, por mór avondamento, vos rogo que aquella má vontade que eu vos então tive vos praza de me perdoar».

O commendador-mór ficou espantado, e maravilhando-se muito de tal cousa disse:

— «Oh! Má mulher, aleivosa, comprida de toda maldade! Eu, senhor, vos tenho em mercê, por vós de mim haverdes tão grande causa, e não me quererdes matar, nem fazerdes outro nojo; e agradeço muito a Deus e lhe sou muito teudo, por vos dar tão bom entendimento pera vós cuidardes a verdade da guiza que foi, e não d'outro geito; que vos juro, senhor, em minh'alma, que nunca lhe tal cousa disse nem me passou por maginação».

Então lhe começou de jurar que nunca tal cousa dissera, nem sabia d'ello parte, e disse-lhe que fizera mui mal que lh'o não dissera depois que d'elle perdera aquelle queixume.

— «Que sêde certo, senhor, disse elle, que, se o eu soubera quando vós mataste o conde João Fernandes, que eu nunca podera ter que o não matara».

O Mestre disse que não curasse d'aquello, ca bem cria que elle dizia verdade, e cessando esto falaram em outras cousas mais necessarias.

CAPITULO XX

Por quaes rasões os da cidade disseram ao Mestre que ficasse no reino, e o tomariam por senhor.

Fazendo-se o Mestre prestes para se partir e posto nos navios todas as bitalhas, e feitas as magedouras para as bestas, eram todos os da cidade, assim os grandes como os pequenos, abalados com medrosos pensamentos. Muitas cousas lhe mostravam claros signaes de nova guerra e nenhuns podiam cuidar certamente onde taes feitos haviam de ir ter. Era inda em este tempo grão damno nos povos do reino, especialmente no de Lisboa, vendo taes cousas muito duvidosas e postas sob esperança de gram destruição da terra.

Nem os da cidade entonce ser tão seguros que sempre não fossem muito acompanhados de temor, vendo como a rainha partira tão queixosa de todos elles, por em tal guisa terem com o Mestre na morte do

conde João Fernandes. Demais, que diziam que escrevera a el-rei de Castella que logo trigosamente viesse ao reino, o qual, vindo, bem entendiam todos que não era salvo por se assenhorear d'elles, e por destruição dos que contra a rainha foram, e o mesmo na morte do bispo.

O coração de quantos hi haviam era dado a grandes pensamentos, poendo desvairados fins e mal que se de taes feitos seguir podia. Um cuidado era vêr-se ficar sem firmeza de paz por morte d'el-rei D. Fernando, pois el-rei de Castella não queria guardar os tratos segundo era conteudo, e vinha contra o reino por tomar posse d'elle, e segundo a sujeição grande em que esperavam de ser postos sob o poder dos castellãos, temendo-se ser d'elles subjugados como de seus mortaes inimigos.

D'outra parte, grande temor que da rainha haviam, sendo lembrados do grande mal que ante d'esto haviam recebido dos que contradisseram o casamento d'el-rei D. Fernando com ella. Demais entonce que não sómente foram contra a rainha em ajuda do Mestre, na morte do conde João Fernandes, mas ainda em alçando-se em deshonestas palavras e doestos, que a ella foram mui graves de supportar. Assim, que ficando á mercê da rainha, que conheciam por mui vingadora de vontade, era-lhe assaz forte cousa esperar sua execução.

Além d'esto, entendiam que vindo el-rei de Castella ao reino, entrando sanhoso dentro na cidade, assim por razão do pendão que não consentiram levar pela cidade, tomando voz por a rainha sua mulher, como por união que alevantaram contra sua sogra, que era por força receberem damno nos corpos e bens, a que contradizer não podiam. Que a quizes-

sem leixar cercar e defender-se d'el-rei de Castella isso era cousa que longamente manter não podiam, e emfim era por força ser a cidade tomada e o reino todo sujeito a Castella, ca todos esperavam que como Lisboa passasse que assim passariam todos os outros.

Outra cousa que muito afficava o povo miudo era haver na cidade grão parte de gallegos e castellãos, e muitos creados da rainha, assim por creação como por bemfeitoria e officios que lhe deram, os quaes, havendo tal caso que se defender quizessem, temiam de ser da sua parte, e de todo o ponto estorvo contra elles.

E postas todas cousas ante seus olhos, nenhum era sabedor do que havia de fazer.

CAPITULO XXI

Das razões, que os da cidade diziam ao Mestre, porque se não devia de partir.

Andando o povo assim alevantado, posto em trabalho de falar em tão grandes duvidas, e, vendo no Mestre tanta auctoridade que pera os defender era pertencente, ardiam todos com cubiça de o vêr por senhor; e falando uns com os outros diziam: «Que estamos fazendo? Tomemos este homem por defensor, ca sua discrição e fortaleza é tanta que bastará pera empaxar todos os perigos que nos avir podem.»

Entonce chegaram a elle, pedindo-lhe por mercê

que os não quizesse desamparar, leixando a elles e ao reino todo, que com tanto trabalho fôra ganhado pelos reis d'onde elle vinha, em poder de castellãos; ca elles bem certos eram que el-rei de Castella era á pressa chamado da parte da rainha, e, vindo ao reino poderosamente, era por força de se assenhorear d'elle, se não tivesse quem o defender, e elles todos postos em mesquinha e refece sujeição. E que porém lhe pediam por mercê que se não quizesse partir, mas que ficasse na cidade, ca elles o queriam tomar por senhor, que os regesse e mandasse em toda cousa. E se porventura o infante D. João viesse, e lhe o reino pertencesse por direito, que o tomariam rei, d'outra guisa, não.

E se era assim, como todos cuidavam, que elles o tomariam por seu rei e senhor; e que se assenhoreasse logo dos thesouros e alfandega e almazens, e todos outros direitos e cousas que pertenciam ao rei; e que elles o poeriam em posse do castello e fortaleza da cidade; que escrevesse cartas para todo o reino, como se esta cousa fazia, e que elles eram certos que os mais de todos teriam esta tenção, por não cahirem em poder de castellãos.

Des-ahi, com esto, diziam-lhe como por ser da sua parte na morte do conde João Fernandes, e cousas que se entonce aconteceram, eram postos em grande homisio da rainha, por cujo azo era forçado, não tendo quem se por elles poer, de receber grão damno nos corpos e nas fazendas.

Com taes cousas e com outras similhantes, se trabalhavam todos de mover o Mestre a se não partir da cidade e ficar no reino por seu defensor, mas elle se escusava com boas e doces razões, esforçando-os quanto podia com boas e doces palavras

de conforto, que nenhum d'elles receber podiam, nenhuma cousa lhe outorgando do que lhe em tal feito iam requerer.

Elles, não embargando esto, quantas vezes o Mestre cavalgava pela villa, era assim acompanhado do commum, como se das mãos d'elle cahissem thesouros que todos houvessem de apanhar; e, seguindo-o as gentes com grande prazer, uns lhe travavam pela redea da besta e outros das fraldas das vestiduras, e, bradando todos, diziam a altas vozes que os não quizesse desamparar, mas ficasse no reino por senhor d'elles, promettendo-lhe cada um das riquezas e bens que tinham, offerecendo-lhe os corpos por seu serviço.

Elle olhava-os, rindo do que diziam; e assim chegavam com elle até onde o Mestre pousava, e desahi tornavam.

CAPITULO XXII

Da maneira que a rainha ordenou pera matar o Mestre, quando soube que queria partir-se para Inglaterra.

Não tem o odio menos sentido d'haver vingança d'aquelle que desama que o amor de trigosos pensamentos de cedo. Pouco corre quem muito deseja, e assim como onde ha muito grande amor seguirão mui desvairados cuidados por cedo per alcançar o fim de seu desejo, assim o que tem rancor de algumas pessoas não cessa pensar

desvairados caminhos com que apague azinha sua mortal sanha.

E portanto a rainha D. Leonor, por vontade femenina, que geralmente é muito desejadora de vingança, des-ahi, uzando de um grandioso coração, de que a natureza lhe não fôra escassa, por entonce, nenhuma cousa a seu entendimento era mais representado que cuidar a miude todos os modos porque do Mestre podesse haver toda comprida emenda, e sendo certa como se elle trigava pera partir, em naus que já tinha bem abitalhadas, e se ir pera Ingraterra, e que nenhuns rogos nem preces do povo o podiam fazer reter, entendendo que a vinda d'el-rei de Castella não podia tão á pressa ser que se elle muito mais cedo por mar não partisse, e, leixado o modo da vinda d'el-rei, que determinado tinha pera d'elle ser vingada, cuidou de ordenar por outra maneira porque de morte ou posto em prisão por nenhuma guisa pudesse escapar; e foi d'este geito:

Quando ella foi certa que se o Mestre dispunha pera partir, pensou que então tinha mais prestes azo pera o haver á mão, preso ou morto, e dizem que mandou falar com os mestres d'aquelles navios, especialmente com o mestre d'aquella nau em que elle havia de ir, promettendo-lhes grandes e assignadas mercês se isto quizessem pôr em obra, s.: que como as naus fossem atravez da costa de Athouguia, que são quatorze leguas da cidade, que tivessem geito os mestres e marinheiros de se todos metter nos bateis e ir em terra, e, leixadas as naus desamparadas de mareantes, que era por força de virem á costa: e que entonce seria forçado de o Mestre ser morto ou preso. E tal maginação lhe

pareceu muito convinhavel para seu proposito ser muito mais cedo acabado.

E presume-se que prouve áquelles o que foi commettido, porque, não dando ella tardança a tal pensamento, quando soube que o Mestre trigava pera embarcar e não queria ficar na cidade, falou esta cousa com Vasco Paes de Camões, e tanto afficou esta trigosa vontade que, ante que fosse certa se era partido ou não, o mandára duas vezes de Alemquer a Athouguia, com certos homens que levava comsigo, pera aguardar como se esto pozesse em obra, e lh'o trouxessem preso ali onde estava, ou certo recado como era morto.

E quando a rainha soube de certo que o Mestre ainda não partira, e que os da cidade se efficavam de toda guisa de o tomar por senhor, cessou de mandar saber novas d'esto até que soubesse se partira ou não.

CAPITULO XXIII

Das rasões que Alvaro Vasques houve com o Mestre sobre sua partida pera Inglaterra.

Sendo no povo cuidado mortal, por sua segurança e defensão da terra, da guisa que tendes ouvido, não embargando que se o Mestre escusasse por suas razões a não poder ficar em o reino, as gentes porém não leixavam de o seguir, pedindo-lh'o cada dia, por mercê, que os não quizesse desamparar. E porque era publica voz e fama que se elle ia pera Inglaterra, vendo Ruy Pereira

tanto povo ao redor d'elle, bradando todos que o queriam por senhor, disse uma tal razão contra o Mestre:

— «Quereis que vos diga, senhor? Vós, dizem, senhor, que vos is pera Inglaterra, mas a mim parece que bom Londres é este.»

Entonce, um escudeiro fidalgo, que chamavam Alvaro Vasques de Goes, chamou o Mestre á parte e disse d'esta guisa:

— «Vós, senhor, dizem que ordenaes de vos partir d'aqui e vos ir pera outra terra?» O Mestre respondeu que sim.

— «Que vos move, disse elle, pera fazerdes tal partida?»

— «Move-me, disse o Mestre, a vinda d'el-rei de Castella, que é certo que se vem aqui; dês-ahi, os móres do reino teem todos da parte da rainha, a qual me quer mui grão mal, por a morte do conde João Fernandes, e sou certo que me azará todo o mal e deshonra, por hu quer que puder.»

— «Por a qual parte, disse o escudeiro, vós entendeis de partir?»

— «Entendo, disse o Mestre, de me ir pera Inglaterra.»

— «Que vida tendes lá de fazer?» disse Alvaro Vasques.

— «Entendo, disse elle, servir a el-rei na guerra que houver com seus inimigos, e ganhar aquella honra e fama que todos bons desejam percalçar.»

— «E' verdade, disse o escudeiro, eu não sei bem em esto vossa vontade, mas peço-vos por mercê que me digaes: posto que vós lá andeis quanto tempo quizerdes, e que sirvaes mui bem a el-rei, como eu entendo que vós servireis, quando enten-

dereis vós lá de cobrar outra boa cidade, por força d'armas, como a cidade de Lisboa, em que vós estaes e hu se offerecem os moradores d'ella a servir e dar quanto tem até morrer por vos ajudar? E, se vós em outra terra entendeis de servir por alcançar honra, e em feito d'armas, hu podeis vós, senhor, serviço fazer em que melhor relembrança fique de vós que a terra que foi ganhada por os nobres reis de hu vós descendeis, e d'onde sois natural? Maiormente, em gente que tão de coração e vontade natural vos offerecem a sua ajuda e serviço? Em verdade, senhor, vós podeis fazer o que vossa mercê fôr, mas não seria em conselho de vos partirdes d'aqui pera outra parte, nem o entendo por vosso serviço.»

Quando o Mestre ouviu taes razões pareceram-lhe boas, e começou de cuidar, em sua ficada, por que maneira poderia em sua honra e proveito.

CAPITULO XXIV

Como Fr. João da Barroca veiu a Lisboa, e da maneira de seu viver.

Ainda que breve e mais simplesmente este capitulo pudesse ser contado, porém, satisfazendo a nosso desejo e d'alguns a que por ventura póde aprazer d'ello, sem nomear outros authores, dizemos que os modos das revelações são quatro, s.: dois corporaes e dois espirituaes, da parte d'alma.

O modo primeiro corporal é quando os olhos cor-

poraes são abertos a vêr o ceu e a terra, e outras taes consas, e esta revelação ou demonstração não é perfeita, porquanto por ella não alcançamos as virtudes das cousas que vemos. O segundo, quando vemos ade fóra cousa que tem mysterio de dentro: assim como Moysés, que viu arder o espinheiro per que se mostrava a Encarnacão do Filho de Deus.

Dos outros dois espirituaes, um é quando com os olhos d'alma, allumiamento do Espirito Santo, vimos em conhecimento de alguma cousa; outro, quando, por humanal espirito e subtileza de natural engenho, investigamos alguma cousa, a qual verdadeiramente depois sabemos: assim como foram os philosophos, que souberam os naturaes cursos dos planetas, e assim d'outras cousas.

As revelações, outrosim, são por cinco modos, s.: sonho, visão, coração, non sonho, phantasma; e estes dois modos postumeiros algumas vezes veem por inchamento de estomago, outras por mingua de vianda, outras por amor de alguma pessoa a que grande bem queremos, outras vezes por grão temor, outras por azo de profundo pensamento, de humor merencolico, e ás vezes por engano de Satanaz, que se transfigura em anjo de luz; de guisa que estes dois modos postumeiros nenhum pode dar interpretação que certa seja.

Ao coração, é quando a algum homem de boa vida parece o Senhor Deus, ou algum anjo, e lhe dizem, elle ou outra pessoa. Visão é quando homem aquillo que viu em sonhos vê depois claramente por vista, assim como o sonho que viu Pharaó, das vaccas e das espigas, e declarar por si não souber, e ha mister que lh'o interpretem, como foi o sonho do copeiro d'el-rei Pharaó.

Ora se por algum d'estes modos sobreditos, ou por outros que aqui não pomos, aconteceu a vinda de Fr. João, a que depois chamaram da Barroca; d'isto não havemos mais conhecimento salvo quanto achamos escripto, que contam d'elle algumas historias, dizendo que, ante por tempo que o Mestre matasse ao conde, vivia um bom homem devoto em Jerusalem em vida emparedado e era castellão. A este veiu em revelação que se viesse ao porto de Jaffa, e que ali acharia uma nau prestes, que vinha pera Portugal, á cidade de Lisboa, e que entrasse em ella e aportaria ali.

O homem bom se sahiu da cella onde vivia, e chegando áquelle porto achou uma nau prestes, como lhe fôra dito, e entrou logo em ella, e encaminhou Deus sua viagem de guisa que chegaram áquella cidade, onde elle nunca fôra. E como foi noite disse que o levassem a uma alta barroca, ácerca do mosteiro de S. Francisco d'esse logar, onde havia uma pobre casa bem pequena, e que lhe cerrassem a porta, salvo uma mui estreita janella que ficasse por vista, e que Deus o proveria ali do que necessario fosse.

Fizeram-n'o assim aquelles que d'esto tomaram cuidado, e foi encerrado em aquelle logar. E, vivendo ali o homem bom em aspera e apertada vida, começaram as gentes de vêr em elle tal devoção, visitando-o com suas esmolas, de que elle pouco tomava, que todos o haviam por santo, e que Deus lhe revelava muitas cousas que eram por vir; e alguns iam tomar com elle conselho, por saude de suas almas e fazenda.

CAPITULO XXV

Como o mestre fallou com Fr. João da Barroca, e da resposta que lhe elle disse.

Porque dos entendidos é requerer conselho, e os grandes feitos não encaminhar por seu proposito, teve o Mestre que era bem, não embargando o que lhe dissera Alvaro Vasques e Ruy Pereira e outros, de se aconselhar com espirituaes pessoas, pois a tal cargo, que lhe diziam que tomasse, não sómente cumpria haver ajuda das gentes, mas ainda as orações e preces dos bons, e ajuda de Deus e sua graça.

E pela grande nomeada que pela cidade havia d'este Fr. João da Barroca, assim de sua honesta vida como de bons conselhos que dava a alguns que o iam visitar, foi o Mestre falar com elle; e esta fala dizem alguns que foi a requerimento do homem bom, com o qual falara Alvaro Paes, fazendo-lhe queixume como se o Mestre queria ir, e que elle lhe disse que todavia aconselhasse ao Mestre que não partisse, ca a Deus prazia de elle ser regedor d'esta terra e senhor d'ella.

Outros contam que o Mestre se moveu a lhe ir falar por haver d'elle algum proveitoso conselho em seu feito.

E ora de qualquer guisa que seja, o Mestre foi a elle e contou-lhe toda sua fazenda e quanto lhe aviera com o povo da cidade, dizendo como se todos afficavam de o tomar por senhor e que se não

fosse fóra do reino, dês-ahi, todas as outras rasões que com muitos elles houvera, aconselhando-lhe todavia que ficasse; mas que elle não via nenhum caminho como se esto podesse fazer a seu salvo, nem do povo da cidade, porque el-rei de Castella vinha mui poderosamente ao reino, e os mais das villas e logares tinham já voz d'elle; que pera tal defensão como aquella cumpria ajuda de muitas gentes e grão somma de dinheiros para despeza do soldo; dês-ahi, o castello da cidade, que era contra elle, ser logo tomado, que seria mui grave de fazer tão á pressa.

Assim que estas e todas as outras contrarias razões, que o Mestre entendeu que tal feito embargar podiam, contou pelo miude ao homem bom, e elle a todas respondeu de guisa que o Mestre folgou muito com sua resposta, poendo-lhe grande esforço em elle, dizendo-lhe todavia que se não fosse do reino e começasse de seguir seu feito com ardideza de coração, e a Deus prazia de elle ser rei e senhor d'elle, e seus filhos depois da sua morte; e que pera tomar o castello da cidade fizesse um artificio de madeira que chamam *gata*, e que logo sem muita detença, seria tomado, com mui poucas gentes.

O Mestre, quando esto ouviu, maravilhando-se das palavras do homem bom e começando de cobrar esforço, partiu-se entonces d'ante elle, assaz cuidadoso de sua fazenda.

CAPITULO XXVI

Como foi accordado de enviar á rainha commetter casamento com o Mestre, e segurança pera os da cidade.

Não convem calar, posto que poucos livros d'esto façam menção, a maneira que o Mestre teve, depois que falou com fr. João aquella vez e outras algumas, em razão de sua partida ou ficada, porque, cuidando elle o proseguimento de tantos trabalhos e cuidando como cumpria a tal feito, mandou chamar Alvaro Paes e alguns outros da cidade, que lhe sobre esto haviam falado, e disse que, pensando elle no que lhe por vezes disseram, em razão de sua ficada em o reino, duvidou em ello muito, e que via tantos contrairos que esta cousa não poderia ir ávante com sua honra e proveito d'elles; que sempre duvidara muito de o fazer, por que cuidassem bem em ello, que não era cousa pera começar assim de ligeiro, e que, se alguma boa maneira podessem achar ácêrca do que começar queriam, que elle prestes era pera o pôr em obra, e d'outra guisa melhor seria não começar e buscar-lhe outro remedio.

E falando sobre esto perlongados sermões, vieram alguns a cuidar que por esquivarem similhante damno qual aviera ao reino no tempo d'el-rei D. Fernando, com guerras; dês-ahi, por esta cousa ser melhor e mais proveitosamente feito, que era bem que o Mestre cazasse com a rainha D. Leonor, di-

zendo que ella havia d'haver o regimento do reino por certos annos, segundo nos tratos era conteudo, e que em tanto poderia ser que haveria el-rei de Castella filho da rainha D. Beatriz, o qual havia de ser trazido ao reino e creado em elle, como nas avenças fôra outorgado; e que elle com a rainha seria regedor todo aquelle tempo, e quando viesse aquella sezão que elle houvesse de reinar que ficaria o Mestre governador d'el-rei e o mór do reino e de seu conselho; e d'esta guisa seria a terra em assossego e paz, e elles seguros da parte da rainha, pela união que alevantaram contra ella; e que o papa, vendo quanto bem se de tal cousa seguia, que ligeiramente dispensaria com elles que podessem ambos casar.

Foi esta cousa dita ao Mestre e posta em conselho perante aquelles com que o rasão tinha de o fazer, e foi determinado que era proveitoso por estas rasões que ditas havemos e outras muitas que alguns assignavam, dizendo que era bem de ser commettido, e veriam que resposta davam a ello; e ordenando quem lá houvesse de ir acharam que era bem enviar sobre esto Alvaro Gonçalves Camello, que foi depois priol do Esprital, e Alvaro Paes, cidadão, de quem em cima é feita menção, os quaes, chegando a Alemquer, receberam d'ella grande e infindo gasalhado, fingido, especialmente Alvaro Paes, a que ella mór mal queria. E falando á rainha sobre aquello a que eram enviados, não se ordenou com elles, em feito de cazamento; quanto á segurança dos moradores da cidade, pela união que levantaram contra ella, dizem alguns que teve este geito: como era prudente mulher e sages, viu que, não lhe dando segurança que o povo requeria, que

como todos andavam alevantados que se poderia seguir mais peior, e ella entonce não teria azo de se vingar d'elles, segundo desejava, e porém em ello duvidava, fingiu que commungava de uma hostia, a qual affirmam que não era sagrada, e deu-lhes duas cartas de seguro, pera se partirem.

Ora assim aveiu que, depois que a rainha foi em Alemquer, como dissemos, começaram de falar perante ella esses fidalgos, e outros que presentes eram, sobre o que a cada um ficara na cidade, de que se mais doía, mostrando os taes quanto lhe pezava de o assim perderem. A rainha, ouvindo falar em esto, disse contra os outros:

— «Quanto a mim, não me peza de outra cousa, que me lá ficasse, como do barcinete e da cota de Alvaro Paes, com o saião.»

Disseram elles:

— «Que tão boas armas são essas, que vós não podeis haver outras tão boas por dinheiro?»

— Não me dariam, disse ella, outras taes por nenhum dinheiro, e, se me alguem estas désse á mão, eu lhe daria por ellas quanto me pedisse.»

E, maravilhando-se todos que armas poderiam taes ser, souberam que o dizia por Alvaro Paes, ca era calvo, e por a cota da cabeça. Alguns que lhe esto ouviram foram dizer a Alvaro Paes, e trabalhou de se partir mais á pressa, e encaminharam pera Lisboa. E antes que se partisse de Alemquer, disse o conde João Affonso a um escudeiro, cazado em Lisboa, com quem havia conhecimento, que ia em companhia dos embaixadores: «Que bem via como Castella era contra Portugal, e Portugal contra si mesmo, e que bem devia entender que tal sandice qual levantavam dois sapateiros e dois al-

faiates, querendo tomar o Mestre por senhor, que não era cousa para ir adeante, e que portanto, ao menos por segurança de seus bens, que leixasse a cidade e se fosse pera elles.»

—«Nunca tal vistes, disse o escudeiro; quando cá estou, parece-me que é assim como vós dizeis, e depois que lá sou similha-me que todos não valeis nada, e que quanto me falaes que tudo é vento.»

CAPITULO XXVII

Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e defensor do reino, e do que foi falado na camara da cidade sobre sua ficada d'elle.

Emquanto Alvaro Gonçalves e Alvaro Paes foram enviados a Alemquer, alvoroçaram-se as gentes da cidade sabendo que el-rei de Castella se vinha chegando ao reino, e disseram uns contra os outros: «Que temos de fazer com enviar recado á rainha, nem poer em esto mais longa tardança? Vamos ao Mestre e peçamos-lhe affincadamente que seja sua mercê em toda guisa tomar carrego d'esta cidade e reino, e nós o serviremos com os corpos e haveres, e lhe daremos tudo quanto temos. E assim farão todos os outros do reino que verdadeiros portuguezes forem, e não curemos mais enviar recado á rainha, nem da resposta que lhe ha de mandar».

Entonce, o commum povo livre, e não sujeito a alguns que o contrairo d'esto sentissem, lhe pediram

por mercê que se chamasse regedor e defensor dos reinos, e elle, vendo seus grandes desejos, des-ahi o conselho de Fr. João e dos outros que lhe sobre esto haviam falado, outorgou de o fazer, com tanto que elles se juntassem todos aquelle dia no mosteiro de S. Domingos, pera haver de falar o que sobre ello entendia de fazer, em razão da sua ficada, porquanto eram requeridos, e elles disseram que lhe aprazia muito.

Juntos esse dia muito povo da cidade em aquello mosteiro, propoz o Mestre como se entendia partir do reino, e as rasões porque, como já dissémos; des-ahi, como lhe fôra requerido muitas vezes por elles que todavia ficasse por seu defensor, e que elle se escusára d'ello por certas razões que lhe logo assignou; mas, pois se elles tanto afficavam e affirmavam que todavia não partisse e ficasse na cidade, que elle, por serviço e honra do reino, determinava em sua vontade de ficar, comtanto que elle estivesse em maneira de o servir e supportar em aquella honra e estado que cumpria por defensão do reino. Elles, a uma voz, não esperando que falasse um por todos, mas todos quantos hi eram juntos, altamente disseram que lhe prazia de o servir e ajudar com os corpos e haveres, até morrerem todos ante elle. E o Mestre respondeu-lhe entonce que pois elles assim diziam, de tomar cargo e ser seu defensor, e poer o corpo a qualquer aventura, por honra do reino e sua defensão d'elles, o faria.

Quando o Mestre outorgou d'esta guisa ter cuidado e regimento do reino, toda a tristeza foi fóra das gentes e seus corações não deram logar a nenhuma trespassação do temor, mas todos ledos sob a boa esperança, fundada em bemaventurado fim,

se esforçaram de levar seu feito adeante, tendo grande fé em Deus que os havia de ajudar; e disseram logo ao Mestre, porquanto na cidade havia muitos honrados cidadãos que ali não estavam presentes, que fossem chamados á camara do concelho, e que lhe fosse todo razoado e proposto quanto a elles fôra dito de que guisa outorgassem todos, e que elles disseram que o queriam fazer. O Mestre disse que era mui bem, e foram em outro dia todos chamados, e sendo assim juntos em aquella camara da cidade, foi razoado por parte do Mestre, como todo o povo miudo o recebia por seu regedor e defensor, e que ora era a elles requerido se lhes prazia outorgar aquello que todo o povo assim tinha outorgado.

Nenhum não respondeu, calando-se, todos juntos falavam muito manso á orelha com os que siam acerca d'elles, assim que nenhum dava resposta e amostrança que consentia em cousa que outros dissessem, não por lhes a elles não prazer de a cidade e reino ser defeso dos inimigos, mas porque todos aquelles duvidavam de tal cousa poder ir adeante, nem haver depois bom fim. Mas a intenção do povo miudo era muito por contrario. Des-ahi, haviam grande receio da rainha, de lhe encoimar esto com grandes tormentos, como feito foi no tempo d'el-rei D. Fernando, quando lhe contradisseram o casamento da rainha com elle.

E duvidando estes que eram chamados, e não respondendo ao que lhe diziam, era hi muito povo junto, entre os quaes estava um tanoeiro que chamavam Affonso Eannes Penedo, que fôra presente com todos os outros, quando se ajuntaram em S. Domingos outorgando de receber por senhor o Mestre; e vendo que nenhum não falava, dos mais

honrados da cidade que eram presentes, começou de se passear andando e poz a mão em uma espada que tinha na cinta:

— «Que estaes vós outros assim cuidando, e que não outorgaes o que outorgaram quantos aqui estão? E como? ainda vós duvidaes de tomar o Mestre por regedor d'estes reinos, e que tome cargo de defender esta cidade e a vós outros todos? Parece que não sois vós outros verdadeiros portuguezes! Digo-vos que quanto por essa guisa buscaivos todos cedo em poder de castellãos!»

E em tanto falavam-se algumas razões entre elles sobre esto, mas nenhuma resposta se dava qual cumpria, porquanto estes maiores se receavam muito das razões que já tendes ouvidas. Entonce, aquelle tanoeiro em cima nomeado poz a mão na espada outra vez, e disse contra aquelles a que se fazia tal requerimento:

— «Vós outros que estaes assim fazendo? Quereis vós outorgar o que vos dizem? Ou dizei que não quereis, que eu em esta cousa não tenho mais aventurado que esta garganta, e quem esto não quizer outorgar logo ha mister que o pague pela sua, ante que d'aqui parta.»

E todos que hi estavam do povo miudo aquella mesma razão disseram.

Vendo aquelles que foram chamados o alvoroço que todos faziam, e que lhes não cumpria d'esto ter outro contrairo geito, outorgaram entonce quanto os outros tinham promettido, e foi assim escripto e assignado por suas mãos. E d'esta guisa foi o Mestre tomado por regedor e defensor do reino, no qual regimento e defensão que fez bem se mostrou depois sua virtuosa ardideza, como adeante podereis vêr.

CAPITULO XXVIII

Como o Mestre tomou officiaes para sua casa, e que dictado ordenou de se pôrem nas cartas.

Depois que o Mestre por todos os da cidade este outorgamento de o receberem por senhor teve, ordenou a maneira que havia de ter por defensão d'elle e de todo o reino, e foram logo feitos dois sellos, um pendente e outro chão das armas de Portugal ditas, enadendo entre os castellos, a cruz da Ordem d'Aviz da guisa que vedes que hora traz. E fez o Mestre seu chançarel mór o doutor João das Regras, que era mui grande letrado. E o dictado que tomou que se escrevia em todas as cartas, dizia d'este modo:

D. João, por graça de Deus, filho do mui nobre rei D. Pedro, Mestre da cavallaria da Ordem d'Aviz, regedor e defensor dos reinos de Portugal e do Algarve.

E tomou pera seu conselho este doutor que dizemos, e D. Lourenço, arcebispo de Braga, e João Affonso d'Azambuja, que depois foi arcebispo de Lisboa e depois cardeal, e João Gil, licenciado em leis, e Lourenço Esteves, o moço filho de Lourenço Esteves, privado que foi d'elrei D. Pedro, e estes ambos desembargadores do paço, e de seu conselho, e proveadores de sua fazenda, e João Gil e Martim da Maia. E pera thesoureiro da moeda um mercador, que havia nome Mice Persival, e foi corregedor da cidade outro mercador, que diziam Lopo

Martins, e almoxarife das casas e tendas João Domingues Torrado.

Repartiu outros officios por taes pessoas, quaes entendeu que era seu serviço, e proveito da terra. E foi logo ordenado na cidade, que vinte e quatro homens, dois de cada mister, que tivessem carrego de estar na Camara para toda a cousa que se houvesse de ordenar por bom regimento e serviço do Mestre, fosse com seu accordo d'elles. Outros muitos officios foram dados a pessoas que seria longo de dizer, como reino, que se novamente começava de ordenar. E em fazendo estas cousas, chegaram os que foram enviados a Alemquer, com a resposta e cartas da rainha, e o Mestre não as quiz lêr e rompeu-as logo; e elles folgaram muito quando viram que com puro e limpo desejo tomara cargo de reger e defender aquelles que o ajudar e defender queriam.

Onde sabei que como o Mestre tomou voz de regedor e defensor do reino, muitos que eram criados da rainha e feitos por ella, e seus familiares, se foram logo da cidade, pera lá, partiram-se de Lisboa, temendo estar em ella, pelo grande alvoroço que viam nas gentes, e medo mui forte d'el-rei de Castella. E ante que partissem tomavam todos seus haveres em arcas e trouxas, como melhor podiam, e punham-no em guarda em casa de seus amigos. E muitos dos que chegavam ao Mestre por o haver de servir, sabendo parte de taes haveres por alguns que lh'o descobriam, pediam que lhe fizesse d'elles mercê, e elle sem mais detença sem sabendo se era muito se pouco, outorgava-lhe quanto pediam, e muitos acceitavam mui grandes haveres.

E Alvaro Paes, que fôra muito em ajuda dos fei-

tos do Mestre, segundo em cima já tendes ouvido, vendo tal demanda que se começava, como alguns diziam ao Mestre que não desse assim aquelles haveres, que muito melhor seriam pera elle, e lhe disse um dia falando com elle:

—«Senhor, crede-me de conselho, e darvos-ha mui grande ajuda pera levar vosso feito adeante.»

—«Que conselho é esse? disse o Mestre, e se fôr bom prazme-hia muito.»

—«Senhor, disse Alvaro Paes, fazei por esta guisa: dai aquello que vosso não é, e promettei o que não tendes, e perdoai a quem vos não errou, servos-ha mui grande ajuda pera tal negocio em qual soís posto.»

O Mestre disse que lhe parecia muito bem e feze-o assim, que dava os bens em todos os logares, que por elle tinham voz, das pessoas que andavam com a rainha, ou que se iam pera el-rei de Castella, e nas cartas, nas doações dizia:

«Por quanto anda em nosso desserviço com D. João que se chama rei de Castella.» E prometia officios, e terras e outras cousas que não tinha, das que tinha esperança de cobrar adeante, e perdoava as mortes, e maleficios, a quantos lh'o requeriam, com tanto que não fosse aleive ou á treição, e se fossem feitos ante do primeiro dia de dezembro, em que elle matou o conde João Fernandes, da era de mil quatrocentos e vinte e um, com condição que a certos dias se viessem a Lisboa á sua custa, emquanto durasse a guerra.

Dos haveres que ficaram escondidos, houve o Mestre um grão thesouro da condessa mulher do conde João Affonso Tello, irmão da rainha, o qual leixara em S. Domingos em guarda, quando se a

rainha partiu pera Alemquer, e era de muito ouro e prata e joias e pedras, e outras cousas, e não embargando que secretamente fosse posto em logar escuso sobre a porta principal a dedentro, entre o sobre arco e o telhado, não minguou quem o descobriu, e foi todo levado ao Mestre.

CAPITULO XXIX

Como o infante D. João soube que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do reino, e a maneira que em ello teve.

Não curando muito d'algumas razões que escriptas achamos em este logar, sómente d'esta que razoada parece, diremos brevemente por nos espedir, a qual é que o Mestre, quando tomou cargo de regedor e defensor do reino, não embargando as razões que ouvistes, que lhe dissera Frei João da Barroca, sua tenção porém não foi de reinar, mas por tal que sua fama crescesse de bem em melhor: des-ahi doendo-se da terra, de hu era natural, e havendo amadiosa piedade do commum povo que o tanto aficava, tomou tal cargo e não d'outra guisa, esperando que o infante D. João seu irmão houvesse azo por alguma maneira de ser livre da prisão e solto, e vindo ao reino o podesse cobrar e ser senhor d'elle, como alguns diziam, a qual cousa seria a elle grande honra e façanha muito de louvar, e que lhe todo o mundo teria a grão bem.

E tendo o Mestre ordenado de fazer a saber na

melhor maneira que pudesse, aveiu que um escudeiro dos criados do infante D. João que andavam por Castella espargidos, e d'elles por Portugal, ouvindo dizer que o Mestre seu irmão tomara voz de regedor e defensor do reino, des-ahi como outras diziam que não embargando isso, iria fóra da terra, cuidou de o fazer saber ao infante pera ser d'ello em conhecimento e vêr que lhe mandava fazer em tal feito. E por quanto era defeso por el-rei de Castella que qualquer do infante que fosse achado no logar onde elle jazia, que fosse retente até sua mercê, foi alá aquelle escudeiro o mais encobertamente que póde e fallou com um frade em confissão, pelo qual fez saber ao infante aquello por que era alli vindo, dizendo como se affirmava que seu irmão aquella tenção que tomara de regedor e defensor do reino entendia de levar adiante até esperar ser cercado d'el-rei de Castella em Lisboa, e outra qualquer cousa, que lhe avir podesse. E que porém fosse sua mercê de lhe mandar dizer que lhe rogava que era o que faria de si.

Ao infante prouve muito com taes novas, porque fôra preso d'aquella guisa, e mandou-lhe dizer que lhe rogava quanto podia que elle, e todos quantos seus criados se fossem para o Mestre, e o servissem e que este era o mór serviço que lhe por entonce podia fazer, e mais que dissesse a seu irmão de sua parte: que lhe enviava rogar e pedir que em toda guisa se chamasse rei de Portugal se o queria vêr solto, ca d'outra guisa elle nunca entendia sair de prisão.

E dizem alguns que d'isto lhe deu sua carta de crença assignada por elle.

O escudeiro se partiu de Toledo e achou João

Lourenço da Cunha, marido que fôra da rainha D. Leonor, e outros seus creados do infante, e contoulhe todo o que lhe aviera com elle.

Entonce se partiram pera Lisboa aquelles que d'isto souberam parte, e vieram-se pera o Mestre, e elle os recebeu mui bem e folgou muito com elles, e quando viu o recado do irmão cessou de lhe escrever o que tinha em vontade, e em rasão da governança do reino.

CAPITULO XXX

Do recado que a rainha mandou a Gonçalo Vasques d'Azevedo ante que partisse para Santarem, e das razões que disse aos do logar.

Certo é que quaesquer historias muito melhor se entendem e lembram, se perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira. E posto que nossa tenção seja d'estas, que escrever queremos o serem em bom e claro estylo, porém tão grandes historias não podem ser tão prestes, maiormente em este lugar, que desviam muito de tal ordenança e nosso desejo e vontade, porque el-rei de Castella vem pera entrar em Portugal. Nuno Alvares outro sim vem a Lisboa, des-ahi o castello de Lisboa trabalha-se o Mestre com o povo de o tomarem e alcançarem vellas contra os alcaides dos castellos: pelo reino levantaram-se uniões uns contra os outros, e fazem-se outras muitas cousas, e uma cazão de guisa que torvam as outras a senão poderem contar nos dias que começaram, segundo nosso juizo, melhor é de dizer umas, e depois

outras, posto que a alguns esto não apraz que as emburilham confusamente, e serem peores muito de entender.

Porém levemos primeiro a rainha a Santarem e depois falaremos do muito de louvar de Nuno Alvares como se veiu a Lisboa pera o Mestre, e depois da tomada do castello, e assim d'outras cousas como as melhor podermos encaminhar.

Onde entendei que como a rainha soube que os da cidade tomaram o Mestre por seu regedor e defensor e que elle em suas cartas uzava já de tal dictado, que outra nova guerra se gerou nas entranhas d'ella com mortaes cuidações de lhe empecer. Porém pensando muitas cousas, e volvendo o entendimento cuidou de se partir de Alemquer, e se ir pera Santarem, e porque as gentes d'esta villa se levantaram antes d'esto contra o alcaide quando por seu mandado trouve o pendão pela villa, segundo haveis ouvido, e não era certo se lhe tinham boa vontade, ante duvidava muito pelo que assim fizeram, maiormente entonce pelo levanto de Lisboa, cuidou que era bem de saber por alguma guisa suas vondes d'elles ante que ao logar chegasse, escreveu a Gonçalo Vasques d'Azevedo, que estava em Santarem por alcaide, que falasse com esses bons do lugar na melhor maneira que entendesse, e soubesse de suas vontades que taes eram contra ella, e o que em elles achasse lhe fizesse depois saber, e segundo visse que cumpria a seu serviço. E Gonçalo Vasques mandou dizer um dia a esses do logar que se ajuntassem todos na Egreja de S. João de Alpião por falar com elles algumas cousas, e depois que hi foram juntos chamou-os todos pera um gram curral fóra da egreja e disse em esta guisa:

— «Homens bons, bem sabeis como eu sou vosso visinho, e natural d'este reino, e tenho aqui em elle meus bens e casas tantas, e mais que em outra parte: pela qual razão sempre quiz, e quero bem a este logar, e aos moradores d'elle, crede-me que todas as cousas que por vossa honra e accrescentamento podesse fazer, que o farei mui de grado. Ora, amigos, assim é que esta noite, jazendo e pensando em algumas cousas de minha fazenda, vim a cuidar por vossa honra e minha ajuda e de todos moradores d'este lugar, uma cousa que tal é, e se vos parecer que é bem o que eu disser, no nome de Deus seja, se d'outra guisa entenderdes que é melhor, em qualquer cousa que vos todos accordardes, me accordarei eu comvosco, porque de todo bem que a este lugar viesse queria eu ser quinhoeiro, ainda do contrairo quando mister fizesse. E porém me demovi a vos dizer isto: vós sabeis bem o que aconteceu á rainha onde ella pousava. Já ouvireis tudo o que sobre isto aconteceu e como se a rainha partiu d'ahi, e se veiu pera Alemquer, e que os moradores de Lisboa fizeram este e outros alevantamentos que já fizeram segundo bem sabeis. Não é de maravilhar, que são gentes de muitas misturas, e alevantam entre si desvairadas opiniões e alvoroços. E porque a rainha está em Alemquer, que é lugar onde ella por hora não está tão honradamente como estava aqui, parece-me que era bem que lhe enviasseis pedir por mercê que se viesse pera esta villa, dizendo que vos parecia que não era sua honra nem proveito estar tão perto de Lisboa e em tal lugar como aquelle, que pera qualquer cousa que quizesse que mais seguramente estaria aqui que onde está. Ella ora lhe prazerá ora não,

tervol-o-ha em serviço, e vós ficareis por ello louvados. E porque entendi que esto era vossa honra e minha, cuidei de vol-o dizer, e vós fazei como por bem tiverdes.»

Então responderam todos que dizia muito bem e que lhes prazia d'ello, e que assim o mandariam dizer por sua carta.

E elle disse que pois assim era que elle seria o mensageiro d'ello e lhe contaria ainda a boa vontade que em elles sentira em toda cousa que por sua honra e serviço d'ella podessem fazer.

Então se partiu Gonçalo Vasques dizendo que por isso iria a Alemquer mais cedo do que cuidava, e quando chegou e contou á rainha a resposta que em elles achara, prouve-lhe muito, e ella mandou-lhes dizer por sua carta que lhes agardecia muito o que lhe escreveram, e a vontade boa que tinham de lhe fazer serviço, e que os havia por bons e leaes, e que fossem certos que lhes faria por ello muitas mercês em qualquer cousa que lhe requeressem.

CAPITULO XXXI

Como a rainha partiu de Alemquer para Santarem, e das razões que disse aos do lugar ante que partisse.

A rainha como soube por Gonçalo Vasques, que era entonce alcaide de Santarem, que os do logar eram prestes para seu serviço e que lhes prazia muito de sua ida pera lá, ordenou de se partir de Alemquer depois da festa do Natal,

e leixou por alcaide do castello, Vasco Peres de Camões, e por guarda da villa, Martim Gonçalves de Atayde, e ante que partisse mandou chamar os homens bons da villa, e disse-lhes estas palavras:

—«Amigos, bem sabeis como esta villa é minha e vós outros todos sois meus, des-ahi vêdes bem o alvoroço de Lisboa, com o Mestre, que não sei, disse ella, se é Mestre de Christo se de bombardas, e maravilho-me qual foi a sanha ou sandice que os fez mover a tal cousa, porém vós não cureis da sandice d'elles, nem do alevantamento que fizeram, mas sede bons e leaes como sempre fostes, e fareis muito de vossa prol e honra, e a mim serviço por que vos farei sempre muitas mercês quando me por vós forem requeridas».

Responderam entonce todos e disseram que a villa e elles todos eram seus e pera seu serviço, e que outra voz não tomariam salvo a sua, nem outro mandado senão o seu, como sua senhora que era. E ella disse que lh'o agardecia muito e partiu entonce para Santarem.

Iam com ella os condes seus irmãos e o almirante Mice Lançarote e João Affonso Pimentel e João Gonçalves de Obedos e todos os que estavam na casa do desembargo de Lisboa, e alguns outros cavalleiros, e escudeiros todos, porém pouca gente. E quando chegou a Santarem sahiram a receber essas mulheres do lugar, e os judeus com as touras, e ella ia sobre uma mula de albarda, coberta com um muito grande manto preto, de maneira que lhe não parecia o rosto, e assim chegou ao castello, e Gonçalo Vasques que era alcaide d'elle, pediu que lhe quitasse a menagem, e foi-lhe quite por escriptura, e a rainha ficou aposentáda em elle. Gon-

çalo Vasques se foi pera suas casas. O conde João Affonso foi pouzar na Alcaçova, que então bem povoada e cerrada sobre si era, e não leixavam sair nem entrar nenhum se não por recado, velando-se a villa cada noite por temor das gentes de Lisboa, que eram contra a rainha.

E o conde D. Gonçalo sabendo que el-rei de Castella vinha, e não sendo certo como se os feitos haviam de seguir, a poucos dias se partiu d'ahi e se foi para Coimbra. Mas convém cessar d'isto por tornarmos a fallar de Nuno Alvares, assim de sua linhagem e criação, como da vinda que se veiu para o Mestre, a Lisboa.

CAPITULO XXXII

Razões do author d'esta obra, ante que fale de Nuno Alvares.

Escrevendo em este passo sem constranger nenhuma cousa, entendemos dizer nos feitos d'este homem o modo que teem alguns prégadores, que dentro no sermão enxertam a vida d'aquelle de que prégam, e no fim d'elle concludem seu thema. E nós, posto que já falassemos algumas cousas d'este Nuno Alvares, seus gloriosos feitos adeante escriptos convém que espertem perguntar alguns d'hu veiu seu linhagem e qual foi seu começo; porém, cessando um pouco de proseguir nossa ordenança, até que isto em breve ponhamos por modo de prologo que elle bem merece.

Primeiramente, dizemos assim, porque experiencia nos ensina, que não ha hi tal que naça sem algumas condições desvairadas, e que nossa natureza não póde estar em tanto assossego que algumas vezes não receba torvação. Des-ahi, porque este discreto modo nas vans delatações é cousa mui forte e grave de fazer, portanto é havido por bom qualquer que por continuada batalha vence assim seus naturaes desejos, que nunca em elle é achada mingua hu grande logar haja repressão. E, se tal vontade traz comsigo honra, este de que falar queremos a merece mui grande, pois por peleja que nunca cessa, não sem grande força e resistencia, sogigou por tal guisa os vicios carnaes, que cheio de fruito de grande proveito o não podia nenhum prasmar de merecimento algum que notavel fosse. E podendo nós largamente ordenar seus prudentes feitos isto seria a vós graciosa relembrança e cousa mais doce que ligeira de fazer.

Mas quem poderá dignamente contar os louvores d'este virtuoso barão, cujas obras e discretos autos, sendo todos postos em escripto, occupariam grão parte d'este livro? certamente nos fôra singular prazer, se em sua historia poderamos seguir a ordenança dos que ditam as couzas em vida d'aquelles a que acontecem, decendendo a louvar cada uma bondade por si, pois cada uma das virtudes são merecedoras de seus pregões; mas ora depois de seu passamento, mortos os mais dos que lhe foram companheiros, já de seus bons feitos mais gastar não podemos senão as escassas reliquias d'elles. Assim que ante dispenderiamos longo tempo em lêr e ouvir suas proveitosas obras que breve espaço sermos occupados em as recontar e poer em orde-

nança maiormente, pois fugir não podemos aos que em reprender tomam deleitação, cujo costume apropriando sua repressão a todo proposito em parte que queremos cousa alguma dizer, não podemos que elles julguem por reprendoira, porque alguns sem limpo desejo pódem dizer que nós o louvamos mais do que seus feitos merecem, mostrando ainda, segundo dizemos, que em este segre não póde haver tal que de mingua alguma possa carecer, aggravando em elle algumas leves cousas com grande carga de repressão.

Ou taes dirão que por ventura que seu louvor é menos do que deve, tendo seus feitos em muito maior conta do que por nós serão recontados, prazmando-nos de ouzada presumpção de querer poer em escripto o que já compridamente fazer não podemos. Outros quererão dar por conto tantas boas cousas feitas por alguns de menos authoridade e honra, dando razões pera os egualar a este, de mais grão estado.

Mas ainda que alguns fizessem grandes e formosos feitos, cujas bondades não entendemos de esquecer, porém não achamos hi tal que, crescendo de uma virtude em outra por não cansada firmeza, incorressem em elle tantas bemaventuranças, dando logar a estes, cujo officio sempre acham em que obrar, pois em vida d'elle não foi alguma cousa escripto nos empenosos desejos e trabalhosa cuidação. Nós, sob uma brevidade do curto estylo, entendemos de seguir seus excellentes autos, os quaes, ainda que a alguns não apraza, outros, com aguilhões de proveitosa inveja, podem espertar a fazer similhantes.

CAPITULO XXXIII

De que linhagem descendeu este Nuno Alvares e quem foi seu padre.

CONSIDERAR devemos, quanto á ordem dos mundanaes feitos, que a primeira cousa que é de saber d'este homem assim é começo de seu linhagem; e porém, ante que suas bondades commendemos com algum louvor, vejamos quem foi seu padre e madre e quaes d'elles descenderam.

Onde assim foi que em Portugal houve um bom e grande fidalgo, nobre de linhagem e condição, que havia nome D. Gonçalo Pereira. Este era de grão casa e estado e acompanhado de muitos e bons parentes e creados, muito grado e prestador assim aos seus como estrangeiros, em guisa que de sua grandeza se acha escripto que descendia estando em Pereira cavalleiros e fidalgos que eram chegados a elle; seu linhagem de que antigamente descende, quem largamente o quizer vêr, busque o livro da linhagem dos fidalgos, no titulo 21, no § 11, e por ali pode saber compridamente. Elle houve certos filhos, de que dizer não curamos, salvo de um a que chamaram Gonçalo Pereira, como seu padre, que foi arcebispo de Braga e um dos grandes prelados que houve em Portugal.

Este arcebispo D. Gonçalo Pereira houve um filho, a que disseram D. Frei Alvaro Gonçalves, que foi priol do Esprital, o qual foi mui grande e honrado, e avondoso de riquezas e de boas condições.

Este foi fóra d'este reino ao convento de Rhodes, mui grandemente e bem guarnido, assim d'escudeiros como d'outra gente, ca elle passava áquella terra com vinte de cavallo, e por galardão de seus bons feitos lhe proveu o grande mestre d'aquella dignidade. Elle fez na ordem, depois que foi priol, mui boas cousas por accrescentamento d'ella, entre as quaes foi o castello da Amieira, que é assaz forte e bem famoso, e os paços e assentamento de Bomjardim, a par de Santarem, que é boa obra e graciosa de vêr, e a fortaleza de Flôr da Rosa, que é acerca do Crato, logar defensavel e bem obrado, no qual edificou uma grande e devota egreja á honra de Santa Maria, e por ser mais honrada ordenou d'ella nova commenda, com abastança de bens, que lhe deu, por viver honrado o commendador d'ella. Este foi privado de tres reis de Portugal, s.: el-rei D. Affonso e d'el-rei D. Pedro e d'el-rei D. Fernando, dos quaes foi bem amado por suas bondades, especialmente d'el-rei D. Fernando.

O qual priol D. Alvaro Gonçalves viveu longamente, e houve, entre filhos e filhas, trinta e dois, entre os quaes foi um D. Pedralvares, que, depois seu padre, foi priol do Esprital e depois foi mestre de Calatrava em Castella, e este filho de uma madre, e Nuno Alvares, que era filho de outra madre, que chamavam Iria Gonçalves, natural d'Elvas, o qual nasceu no mez de julho de 1348 annos.

Esta foi nobre dona quanto a Deus e ao mundo, viveu em muita castidade e abstinencia, e fazendo muitas esmolas e grandes jejuns, não comendo carne nem bebendo vinho por espaço de quarenta annos.

CAPITULO XXXIV

Como Nuno Alvares foi trazido á côrte d'el-rei D. Fernando, e como tomou as primeiras armas da rainha D. Leonor.

Este priol D. Alvaro Gonçalves Pereira, segundo contam alguns em seus livros, como era sizudo e entendido, assim dizem que era astrologo e sabedor, e quando lhe alguns filhos nasciam trabalhava-se de vêr a sua nascença d'elles, e por sua sciencia entendeu que havia d'haver um filho, o qual seria sempre vencedor em todos os feitos d'armas em que se acertasse, e que nunca havia de ser vencido. E dizem que sempre em sua vida D. Alvaro Gonçalves cuidou que esta virtude havia d'haver D. Pedralvares, seu filho, que depois de sua morte foi priol, em tal conta o tinha entre seus irmãos.

Outras escrevem esto por contrairo, e d'esta opinião nos praz mais, dizendo que em casa d'este priol D. Alvaro Gonçalves andava um grande letrado e muito profundo astrologo, que chamavam mestre Thomaz; por este contam que soube o priol que um de seus filhos havia de ser vencedor de batalhas, e que este era Nuno Alvares Pereira.

E mostra-se claramente ser assim, porque, vindo D. Fr. Alvaro Gonçalves a casa d'el-rei D. Fernando, aderençar seus filhos, pediu por mercê a el-rei que tomasse Nuno Alvares por seu morador, da qual cousa, prazendo a el-rei, outorgou de o fazer; e o priol se partiu pera suas terras, e ordenou de mandar seu filho á côrte. E ante que o mandasse cha-

mou Martim Gonçalves de Carvalhedo, tio de Nuno Alvares, irmão de sua madre, e lhe deu juramento que uma cousa que lhe descobrir queria que nunca a dissesse ao dito Nuno Alvares; e, promettido por elle de guardar segredo, e entonce lhe disse o priol como queria mandar seu filho á corte, e elle por seu aio, pera o ensinar, porém que lhe rogava que tomasse cargo de o crear, que lhe fazia certo que aquelle seu filho havia d'haver tão boas andanças que em todas as batalhas que entrasse sempre d'ellas seria vencedor, comtanto que se chegasse a Deus em todas suas obras, e nenhuma cousa fizesse em seu desserviço.

E ordenado assim d'esta guisa, partiu o priol pera a côrte, quando el-rei D. Fernando houve guerra com el-rei D. Henrique, e passou por Santarem e levou certas gentes comsigo, entre os quaes este Nuno Alvares, moço de 13 annos, que ainda nunca tomara armas; e passando gente de Castella pera Lisboa, onde já cerco estava, mandou o priol a Nuno Alvares, em que fosse moço, que cavalgasse elle e seu irmão Diogo Alvares, um bom cavalleiro da ordem, com alguns de sua casa que mandou ir com elles, pera vêr em que maneira levavam aquellas gentes. E indo elles contra aquella parte por hu diziam que passavam os castellãos, e não vendo nenhum d'elles, tornaram-se pera a villa, e chegando a par do castello, onde el-rei entonce com sua mulher pousavam, estando á meza, mandaram-nos chamar, e perguntando-lhe onde foram e que acharam lá, d'onde vinham, e elles responderam, em tudo, segundo as perguntas que lhe faziam.

A rainha D. Leonor, falando em esto, como era mulher mui paçã e de graciosa palavra, disse a el-rei, como em sabor, «que ella queria tomar Nuno

Alvares por seu escudeiro», e el-rei disse que era bem feito, e que elle tomaria por seu cavalleiro a Diogo Alvares, seu irmão; e entonce disse a rainha contra Nuno Alvares «que ella o queria armar de sua mão como seu escudeiro, e que não queria que d'outra mão tomasse armas, salvo das suas.» Nuno Alvares, pero que fosse moço, e quando esto ouviu, disse que lh'o tinha em grande mercê, e que prazeria a Deus que ainda lh'o serviria com bons merecimentos, e beijou-lhe as mãos por ello.

A rainha, querendo poer em obra esto que assim dissera, mandou buscar um arnez convinhavel pera Nuno Alvares, e porque era de pouca edade não lh'o podiam achar tão pequeno; e entonce disseram á rainha como o Mestre d'Aviz tinha um arnez que houvera em sendo moço, que seria bom para Nuno Alvares, e ella lh'o mandou pedir; e como lh'o trouxeram, deu-o logo a Nuno Alvares, e assim tomou elle as primeiras armas da mão da rainha D. Leonor, e ella des-ahi em deante sempre o chamou por seu escudeiro.

CAPITULO XXXV

Como o priol commetteu a seu filho que quizesse casar, e como em ello consentiu e casou com D. Leonor d'Alvim.

Andando assim Nuno Alvares por morador em casa d'el-rei, sendo de edade pouco mais de 16 annos, aveiu que viuvou uma dona Entre Douro e Minho, que havia nome D. Leonor d'Alvim, mulher que fôra de um bom cavalleiro, chamado

por nome Vasco Gonçalves de Barroso. Esta dona era filha d'algo e comprida de toda a bondade, rica assaz de bem d'este mundo, assim de moveis como de raiz.

O priol, sabendo parte de sua fama e riqueza, mandou-lhe commetter casamento para Nuno Alvares, seu filho, e quando João Fernandes, commendador de Flôr da Rosa, lhe foi commetter este casamento por parte do priol, a dona deu em resposta que o fizessem saber a el-rei, e do que a sua mercê mandasse que ella lhe não sahiria do mandado. Tornou João Fernandes com este recado, e o priol feze-o saber a el-rei, pedindo-lhe por mercê que pozesse em ello mão, e a el-rei prouve d'ello, e mandou-a chamar por sua carta.

E em esta sezão que o priol esto tratava, era Nuno Alvares em sua casa, sem d'esto saber nenhuma parte, e um dia chamou seu filho, sem estando hi outrem, e dise-lhe em esta guisa:

— «Nuno, pero tu sejas moço e de nova edade, parece-me que é bem e serviço de Deus e tua honra que tu hajas de casar; e porque Entre Douro e Minho ha uma mui nobre dona, manceba e de grande bondade, meu desejo é que, se a Deus aprouvesse, de tu casares com ella, e porende quero de ti saber que é o que te d'ello parece.»

E não lhe disse mais. Nuno Alvares, além de ser mesurado de sua natureza, era muito mais a seu padre, e muito mandado e obediente, e quando lhe tal razão ouviu dizer, ficou um pouco torvado, á uma por vergonha que de seu padre havia, a outra por lhe falar em feito de casamento, do que sua vontade andava muito affastado: que elle em esta sezão, que era de pequena edade, todo seu cuidado

não era salvo trazer-se bem a si e aos seus, e desahi cavalgar a monte e caça, não entendendo d'amor de nenhuma mulher, nem tão sómente lhe vinha por maginação.

Mas lia a miude por livros d'historias, especialmente da historia de Galaz, que fala da Tavola Redonda, e porque em ellas achara que, por virtude de virgindade, Galaz acabara grandes e notaveis feitos, que outros acabar não poderam, desejando muito de o similhar em alguma cousa, e muitas vezes cuidava em si de ser virgem, se o Deus quizasse; e portanto era muito affastado do que lhe seu padre falara em feito de casamento, pero, por lhe obedecer e dar resposta a sua vontade e pergunta, disse-lhe em esta guisa:

— «Senhor, vós me falaes em casamento, cousa de que eu não era avisado, porém vos peço por mercê que me deis logar pera cuidar em ello, e assim vos poderei responder.»

O padre disse que era bem feito, como quer que se maravilhou muito por lhe assim responder, sendo homem novo de dias, e falou com sua madre, Iria Gonçalves, todo o que lhe com elle aviera, encommendando-lhe que o demovesse que consentisse em tal casamento. Sua madre falou com elle, e, não o podendo reduzir nem mudar de sua primeira intenção, falaram com Nuno Alvares Pereira seu primo e Alvaro Gonçalves de Carvalho, com que havia grande affeição, e por suas afficadas preces consentiu de o fazer, pois a seu padre parecia.

E em tanto, chegou D. Leonor d'Alvim a Villa Nova da Rainha, onde el-rei e a rainha estavam, e, bem recebida d'elles, fez logo el-rei saber ao priol, e elle veiu com Nuno Alvares, seu filho; e logo como

chegaram o casamento foi feito e Nuno Alvares recebido com a dona, sem mais festa, porquanto era viuva.

E no outro dia partiu o priol, com seu filho e nora, pera as terras da Ordem, a um logar que chamam Bomjardim, e ali conheceu Nuno Alvares D. Leonor, sua mulher, a qual com verdade disse «que se não podia chamar dona, porque, posto que ella por tal modo fosse ante nomeada, ella verdadeiramente era donzella, ca o seu primeiro marido nunca d'ello houve tal conhecimento, o que ella sempre bem encobriu por sua grande bondade.»

CAPITULO XXXVI

Como Nuno Alvares partiu pera sua casa, e da maneira do seu viver.

Folgou Nuno Alvares com sua mulher, em casa de seu padre, por alguns dias; des-ahi partiram-se e foram-se entre Douro e Minho, onde ella tinha sua casa de morada e havia seus herdamentos, e foi elle bem recebido e visitado dos bons da comarca, offerecendo-lhe suas amizidades, como é de costume.

Nuno Alvares era de pouca e branda palavra, e seu bom gazalhado e doces razões contentaram muito a todos. E elle era mais monteiro que caçador, como quer que de tudo usava quando cumpria. Em sua casa, havia de cote doze e quinze escudeiros, e vinte e trinta homens de pé, segundo a terra requere, e

estes todos bons e bem homens pera feito, ca elle nunca se d'outros contentava, nem contentou em seus dias.

Nenhuma cousa fazia com rancor nem odio, mas por grande custa que tinha; des-ahi, por a terra assim ser azada, ás vezes passava além do razoado, como quer que não tanto que sempre em elle não fosse o temor de Deus, ouvindo suas missas e vivendo bem e honestamente com sua mulher, da qual houve tres filhos, s.: dois que logo morreram á nascença, e uma filha, que houve nome D. Beatriz, que depois foi condessa e mui nobre dona, como adeante diremos.

Em esta sezão, ao cabo de uns tres annos, estando o priol seu padre na Amieira, falleceu por morte, comprido de longa edade, e foram juntos a seu finamento nove filhos e nove filhas, sendo um d'elles Nuno Alvares; e feitas n'aquelle logar suas exequias honradamente, d'ali foi levado á egreja da Flôr da Rosa, que elle edificara. Entonce, foi feito priol D. Pedralvares, seu filho, como quer que D. Frei Alvaro Gonçalves Camello, que entonce era commendador de Poyares, tinha direito no priorado, mas feze-o fazer el-rei D. Fernando.

E depois d'esto, morto el-rei D. Henrique, reinando em Castella el-rei D. João, seu filho, e havendo guerra com el-rei D. Fernando, como ouvistes, foi chamado Nuno Alvares, para estar na fronteira com D. Pedralvares, seu irmão. Des-ahi, como requestava João d'Osorez, filho do mestre de Sant'Iago de Castella, e como esteve com seu irmão sendo fronteiro em Lisboa, do que lhe hi aveiu em uma escaramuça, e que maneira teve por ser com el-rei na batalha que houvera d'haver em Elvas, e

como depois da morte d'el-rei D. Fernando quizera ser com o Mestre na morte do conde João Fernandes, e, porque se então não ázou, se espediu d'elle e se foi apoz seu irmão, o qual alcançou no logar de Pontevel: e pois que esto já tendes ouvido, cumpre tornar a poer em escripto o que lhe aveiu em tempo do Mestre, depois que partiu da cidade de Lisboa, onde leixamos de falar de seus feitos.

CAPITULO XXXVII

Como Nuno Alvares soube que o conde João Fernandes era morto, e das rasões que houve com seu irmão sobre ello.

Assim foi que partindo Nuno Alvares d'ali, por se não azar a morte do conde João Fernandes, segundo dissémos em seu logar, quando falou com o Mestre sobre elle, e indo-se pera D. Pedralvares, seu irmão, foi alcançar em um logar que chamam Pontevel, doze leguas da cidade, e estando ali com elle, chegou Gonçalo Tendeiro, da parte da rainha, com recado do priol: «que todavia fosse em seu serviço, e que ella o accrescentaria, fazendo-lhe muitas mercês, e lh'as faria fazer a seu filho, el-rei de Castella».

D'este recado, foi Nuno Alvares, e muitos dos outros que iam com Nuno Alvares e com o priol, mal contentes, especialmente Nuno Alvares, a que muito desprouve, em guisa que se não pôde ter que não falasse ao priol, dizendo «que não haveria

bom conselho dar logar a tal embaixada». E o priol, que não curou de seu razoar, nem lhe respondeu nenhuma cousa, e partiu-se d'ali e foi para Santarem.

E elles em aquelle logar, foi Nuno Alvares aposentado em Santa Maria de Palhaes, e um dia á tarde, depois da ceia, sahiu Nuno Alvares a folgar pela praia a fundo, contra a egreja de Santa Cruz, e, passando pela porta de um alfageme, viu-lhe ter uma espada muito limpa e bem corrigida; e tomou-a na mão e perguntou-lhe se lhe corregeria assim uma sua, e elle respondeu que sim e muito melhor ainda; e Nuno Alvares fez logo ir por ella, e mandou-lh'a dar, que corregesse. Outro dia, tornou Nuno Alvares por ali á tarde, e achou-a corregida muito á sua vontade, e tomou-a na mão, sendo com ella ledo; e mandou a um seu escudeiro que lhe pagasse bem seu trabalho. O alfageme respondeu e disse:

— «Senhor, eu por ora não quero de vós nenhum pago, mas ireis muito embora, e tornareis por aqui conde de Ourem, e então me pagareis o que merecer».

— «Não me chameis *senhor*, disse Nuno Alvares, que o não sou, mas todavia quero que vos paguem bem».

— «Senhor, eu vos digo verdade, e assim será cedo, prazendo a Deus».

E assim foi depois, como elle disse, ca elle a pouco tempo tornou por ali conde de Ourem, e pagou bem o corregimento da espada, como adeante ouvireis.

Em esto, chegaram novas a Santarem como o Mestre matára o conde João Fernandes, e isso mesmo foram mortos o bispo de Lisboa e outros. O Nuno

Alvares, como esto ouviu, foi-se logo ao priol, seu irmão, contar-lhe estas novas que assim ouvira, dizendo «que esto era obra de Deus, que se queria lembrar do reino de Portugal, pois que os da cidade queriam tomar o Mestre por seu regedor e defensor, pera defender o reino, e el-rei de Castella que era fama que vinha para entrar em elle; e, pois que se tal cousa começava, que lhe pedia por mercê que todavia se tornasse pera o Mestre, para ajudar a defender o reino».

E o priol não curou de quanto lhe elle sobre esto falou, dizendo que aquella cousa era perigosa e mui mau começo para as gentes; e que seguiria d'ello mui grande damno ao reino, e que não tinha sizo quem ia pensar que tal feito havia d'ir adeante, como elle dizia».

Nuno Alvares disse que aquello não era mal, e que o Mestre fizera bem e o que devia em vingar a deshonra d'el-rei seu irmão, e se poer a defender o reino, que seus avós, com grande trabalho, ganharam; e que Portugal sempre fôra reino isento pera si, e não sujeito a Castella, e que ora não era rasão de o ser».

E o priol tornava a dizer «que tal cousa não era pera falar em ella, que Portugal não estava em ponto de se defender d'el-rei de Castella, que era um tão poderoso rei, e demais com a maior parte de Portugal que com elle teria, pelas menagens que lhe haviam feitas, segundo nos tratos era conteudo».

Nuno Alvares respondeu, dizendo: «que taes menagens não eram de guardar, pois que el-rei quebrantava os tratos, e que todos os fidalgos podiam ser em ajuda do Mestre sem prasmo, o qual bem poderia ajuntar mil homens d'armas e muitos

homens de pé, com que poderia poer batalha; e que mais valeria poer-se o Mestre, e com elle todos, a pelejar com el-rei de Castella, que ficarem sujeitos de castellãos, e uzarem depois d'elles a seu livre talente».

O priol disse que as cousas não estavam em tal estado pera se tal obra poder começar e acabar seguramente, porém que não falasse mais em taes historias«.

Nuno Alvares, vendo que achava o priol muito arredado de sua intenção, falou com Diogo Alvares, seu irmão, que fosse todavia para o Mestre, e elle outorgou que lhe prazia, e ficaram ambos em este accordo.

CAPITULO XXXVIII

Como Nuno Alvares descobriu aos seus que se queria ir a Lisboa, pera servir o Mestre.

Partiu o priol para suas terras, e caminho da Gollegã, Nuno Alvares e Diogo Alvares, seus irmãos, onde o Mestre estava, segundo ante tinha accordado, e, sendo arredado até tres leguas do logar, Diogo Alvares se arrependeu da partida que fizera, e disse que se queria tornar pera o priol, seu irmão. Nuno Alvares que o de tal vontade desviar não pôde, houve-se de espedir d'elle, e veiu dormir esse dia a uma aldeia que chamam a Ereia. Ali chamou a departe a uns escudeiros e disse:

— «Amigos, eu vos quero contar um segredo e grande feito, que trago cuidado em meu coração, o

qual é este: Assim que eu vejo no meu entendimento um poço muito alto e muito profundo. cheio de graude escuridade, e bem me diz a vontade que não ha homem que em elle salte que d'elle possa escapar, salvo por grande milagre, querendo-o Deus livrar d'elle, por a sua mercê; e não posso com meu coração senão todavia que salte em elle. E porque ha já dias que vós sois meus companheiros, e eu hei provado vosso bom desejo ácerca de meus feitos, porém vos faço saber esta cousa tão grande, porquanto eu todavia quero saltar em elle; e aquelles de vós a que prouver de commigo ser em tal saltage, tel-o-hei a grande bem e extremado serviço.

Os outros a que não aprouver poder-se-hão ir pera hu quizerem, e fazerem de seus corpos o que por mais seu proveito sentirem».

Os escudeiros, quando esto ouviram, ficaram espantados e não sabiam que dizer, porém responderam e disseram:

— «Nuno Alvares, vós bem sabeis que nós somos vossos e prestes para vosso serviço, mas esta cousa que nos falaes é assim escura e tão má de entender que nenhum de nós sabe que vos responda; porém, vos prazo de nol-a declarar, por sabermos o que é, e entonce vos daremos resposta segundo entendermos».

Nuno Alvares tornou entonce á sua razão e disse:

— «Amigos, o poço mui alto e escuro que eu vejo ante meus olhos é a grande demanda que o Mestre dizem que quer começar, por defensão d'este reino contra el-rei de Castella, e entendo que com elle entrar lhe será grave e muito perigoso, nem é ainda de cuidar que d'ella escape, salvo por graça de Deus.

E, porque minha tenção é de me ir pera elle e o servir em ella, porém vos disse se vos prazia de serdes em ella meus companheiros.»

E elles responderam entonce, dizendo:

— «Nuno Alvares, nós somos vossos e pera vosso serviço, e somos prestes pera vos acompanhar em esta demanda e que seguir quereis, e em qualquer outra que vós sintaes por vossa honra e proveito, posto que grão perigo seja, até dispendermos os corpos e vidas por vosso serviço».

Nuno Alvares lh'o agardeceu por boas palavras, dizendo que elle era prestes pera lh'o galardoar em toda cousa que de sua honra e proveito fosse, como bons creados e amigos.

CAPITULO XXXIX

Como Nuno Alvares chegou a Lisboa, e das razões que disse ao Mestre.

Nuno Alvares, em outro dia, seguiu seu caminho, estando entonce a rainha em Alemquer, e com ella os condes seus irmãos e outros muitos, como dissémos, e quando chegou a Alverca determinou de dormir ali. A rainha soube como se elle ia caminho de Lisboa, pera o Mestre, e quizera mandar a elle certas gentes que o prendessem, dizendo contra aquelles que eram presentes:

— «Vistes uma tal sandice de Nuno, que eu creei tamanino, que leixou o priol seu irmão, com que ia, e agora vae-se a Lisboa, pera o Mestre?!»

— «Senhora, — disseram alguns que hi estavam, que queriam bem a Nuno Alvares, — não haveis por que o mandar prender, posto que elle vá pera Lisboa, pois não sabeis a intenção que leva, que por ventura elle vae com tal vontade e desejo que d'ella vos poderá tão bem e melhor servir que se vier aqui pera vós».

Nuno Alvares foi sabedor d'esto aquella noite que dormiu na Alverca, e, temendo-se muito de a rainha o mandar prender ao caminho, falou com seus escudeiros, percebendo-os que, se tal cousa aviesse, que todavia ante se leixassem morrer que haverem de ser presos. E toda aquella noite estiveram armados, nem as bestas desselladas.

E outro dia chegou Nuno Alvares a Lisboa e foi logo falar ao Mestre, que o mui bem recebeu, dizendo «que sua vinda lhe prazia muito, e que dias havia que o desejava de vêr». Os da cidade isso mesmo foram muito ledos com elle e o receberam todos mui bem. E depois de dois dias que Nuno Alvares chegou a Lisboa, foi-se ao paço do Mestre e fallou com elle em esta guisa:

— «Senhor, grandes dias ha que eu mui desejei e desejo de vos servir, e não foi minha ventura de até a este tempo poder fazer; e, porque ora vós sois em tal ponto e estado que ainda que poderei cobrar o que entonce desejava, eu vos offereço a mim e a meu pobre serviço com mui boa vontade, e vos peço por mercê que d'aqui por deante me hajaes por todo vosso quite, servindo-vos de mim em todas as cousas, como de homem que pera ello serei mui prestes».

O Mestre lh'o agradeceu muito sua boa vontade, porque dias havia que o conhecia por bom, rece-

bendo-o por seu, como elle disse; e feze-o do conselho, com os outros que com elle estavam, e d'ahi em deante não fazia de que lhe parte não desse.

CAPITULO XL

Como sua madre de Nuno Alvares vinha pera torvar seu filho do serviço do Mestre, e do que sobre ello aveiu.

Iria Gonçalves, madre de Nuno Alvares, estava a este tempo na villa de Portalegre, que são quatro leguas do Crato, onde o priol, com seus irmãos, entonce chegara. E quando soube que seu filho, segundo o priol disse, que ficava em Santarem, e que esperava cada dia por elle, e ella respondeu que bem parecia que curava pouco de seu irmão, e que nunca lhe bem quizera, e que agora o mostrava pela obra, pois que vindo em sua companhia não fizera conta de o trazer comsigo.

Ella partiu logo caminho de Lisboa, onde soube que Nuno Alvares estava, e falando com elle, disse quanto lhe parecia grave cousa e mui perigosa aquella que fazer queria, em se chegar a servir o Mestre e lhe ajudar a defender o reino contra toda Castella e contra a mór parte de Portugal, mostrando-lhe muitas e vivas razões que a intenção que tomava não podia ir adeante, nem por ella crescer em bem nem em honra. Nuno Alvares, firme em seu proposito, dava-lhe outras contrairas razões, em desfazer quanto ella dizia, de guiza que tanto re-

zoaram sobre ello que onde ella vinha pera reduzir seu filho pera o serviço d'el-rei de Castella, Nuno Alvares redusse entonce a ella pera encaminhar o serviço do Mestre. E, sendo ambos d'accordo que era bem o que elle dizia, tornou ella a dizer a Nuno Alvares:

—«Filho, eu vos rogo e vos encommendo, pela minha benção, que, pois vós escolhestes o Mestre pera o servir e ficar com elle, que vós o sirvaes verdadeiramente, e vos não aparteis d'elle em nenhuma guisa, por cousa que avir possa. E eu farei logo pera vós vir Fernão Pereira, vosso irmão, que seja vosso companheiro em seu serviço.»

E elle disse que assim o faria. E o Mestre, sabendo por certo aviso como ella era na cidade, e como vinha pera demover a seu filho da vontade que tinha pera o servir, foi-a vêr ás casas onde pousava, e contou-lhe como sua tenção era de se poer a defender o reino, e que entendia que ella não viria ali salvo por demover seu filho da vontade que tinha pera o servir; e que porém lhe rogava que em tal cousa se não quizesse entremetter, nem o torvasse, que esto a que ella se queria oppoer era serviço de Deus e honra do reino; e que esperava em Deus que Elle lhe encaminharia tão bem seus feitos que seu filho sahiria d'elles com grande accrescentamento de sua honra.

E, falando ambos em esto, ella lhe respondeu quanto lhe prazia de seu filho ficar com elle pera o servir, e que assim lh'o tinha mandado, pela sua benção; e então se partiu a d'hu viera, e falou com seu filho Fernão Pereira, e encaminhou de tal guisa com elle que se partiu logo com a sua gente e foi a Lisboa pera o Mestre.

CAPITULO XLI

Como o Mestre falou com os do seu conselho sobre sua ficada ou partida do reino.

Tornando a falar nos feitos do Mestre, de que cessamos, por levar a rainha a Santarem e trazer Nuno Alvares a seu serviço, foi assim que n'esta sezão Nuno Alvares veiu para elle.

Era o Mestre em grão cuidado e desvairados pensamentos, porque alguns de seu conselho lhe diziam que não aguardasse el-rei de Castella com seu grão poder no reino, mas que se fosse pera Inglaterra, espertando muitas razões porque o devia de fazer e assignando certos proveitos e seguranças que se d'ella seguiam, dizendo, entre outras cousas, que por azo de tal partida elle poderia alá haver tantas ajudas de gentes pera que depois poderia tornar ao reino e cobrar com muito sua honra, sem perda das gentes e damno da terra.

Outros eram de todo contra esta opinião, desfazendo os ditos de taes com outras contrairas razões, assim como Nuno Alvares, e Ruy Pereira, e Alvaro Vasques de Goes, e o doutor João das Regras, e Alvaro Paes, e o doutor Martim Affonso, dizendo que a partida do Mestre não era boa, nem serviço de Deus nem seu, porque, indo-se elle fóra da terra, ficava o reino desamparado e sem defensor, e em tanto cobraria el-rei de Castella a cidade e outros logares que lhe relevavam, e dal-os-hia a taes pessoas e afortaleceria de tal guisa que se não pode-

riam depois cobrar senão com grande affan e espargimento de sangue; e que porém lhe pediam por mercê que assossegasse no reino e não se partisse d'elle, que Deus, que a esto o chamara e escolhera, encaminharia seus feitos com grande accrescentamento de sua honra e estado.

E o Mestre ouvia as razões de alguns e dos outros, e reprovou aquelles que o aconselhavam que se partisse do reino; assignando-se certas e notaveis razões porque o devia de o fazer, seu grande coração, desejador de cavalleirosos feitos, o fazia inclinar a todavia ficar em elle e se poer em qualquer aventura, por defensão da terra. Mas d'esta tenção o torvavam muito os que lhe aconselhavam o contrairo, em guisa que o faziam duvidar.

E um dia, depois de comer, o Mestre mandou chamar os de seu conselho, e Nuno Alvares com elles; e, como todos foram juntos, e o Mestre se poz ante elles, dizendo em esta guisa:

— «Amigos, vós vedes bem o grande perigo em que o reino está, e como partindo-me eu d'elle, segundo alguns de vós outros dizem, elle seria de todo perdido e sujeito a el-rei de Castella; de guisa que taes hi ha que dizem que melhor era, por defensão da terra, morrer honradamente que cahir em servidão de seus inimigos. E de mim vos digo que em tal tenção tenho, e sou disposto pera ficar em ella e não me partir por nenhuma maneira.»

Sobre outro sim, accordados os do conselho que eram d'este bando disseram que o Mestre dizia mui bem, e foram mui ledos com suas razões, pedindo-lhe por mercê que assim o fizesse e não curasse de outro conselho; e que elle e todos os outros serviriam bem e lealmente, e que esperavam no pode-

roso Deus que Elle trazeria seus feitos a tão bom fim que seria muito com sua honra e de todo o reino.

E depois de grandes razoados que sobre esto houveram falados foram todos d'accordo que o Mestre ficasse no reino e não se partisse d'elle, e começaram de falar em outras cousas e na tomada do castello.

CAPITULO XLII

Como o Mestre quizera combater o castello e como o cobrou sem combate.

Acabado esto, que haveis ouvido, disse o Mestre que um dos empachos que tinha n'este feito, era o castello da cidade que estava contra elle por parte da rainha o qual cumpria muito de ser filhado por a cidade não receber damno por elle d'algumas gentes se vir quizessem contra ella. Nuno Alvares e os outros do conselho disseram que o não tivesse nem se anojasse por ello, que Deus lhe dera já a cidade lhe daria o castello.

Ora assim aveiu que pensando a rainha nas cousas traspassadas era seu coração a meude cercado de gastosos pensamentos, e receando o que se depois seguisse, estando entonce em Alemquer, falou com o conde D. João, seu irmão, que era alcaide em Lisboa e tinha em ella muitos e bons vassallos, que lhe enviasse dizer que se lançassem no castello com seus escudeiros, por segurança de qualquer

cousa que avir podesse. Outorgado por o conde que esto era bem feito, fallou com Affonsoeanes Nogueira, que lá estava, que era d'elles, um que se viesse á cidade e falasse com aquelles que seus eram que o fizessem assim.

Affonsoeannes chegou a Lisboa e todos aquelles com que elle havia de falar eram já do Mestre desahi pelos escondidos, tendo outra crença mui contraira da primeira, sendo já de sua parte contra a rainha; quando falou com Estevão Vasques Felippe, des-ahi com Affonso Furtado e com Antão Vasques e outros bons da cidade e os achou mudados do que cuidou que tinha em elles, não quiz dizer o mais e foi-se pera sua pousada e corregeu-se o melhor que pode e lançou-se no castello pela porta da traição com uns dez ou doze escudeiros, e em se lançando assim nasceu uma voz publica pela cidade: «Traição, traição; acorrei ao Mestre que o querem matar.»

As gentes que o ouviram foi mui grande alvoroço em elles e começaram de se armar e correr á pressa contra o castello por quanto o Mestre fôra pouzar nos paços do bispo, que são a cerca d'elle, como ordenou de o tomar, e, vendo os que alli iam que não era nada o que lhe disseram tornaram-se mui sanhudos rezoando muitas palavras de ameaça contra quaesquer que se tal cousa tremetiam de fazer.

Martim Affonso Valente, um dos honrados da cidade que era alcaide do castello, por o conde João Affonso, irmão da rainha, foi requerido que o desse ao Mestre e não consentisse que por elle viesse mal á cidade e a todo o reino, pois portuguez verdadeiro era, dizendo por muitas razões porque o devia fazer. Martim Affonso se escuzava d'ello

dizendo que o não faria por nenhuma guisa, por ter d'elle feita menagem e cahir em mau caso com grande seu doesto e todos os que d'elle descendessem.

Ordenou então de o combater, e mandou fazer um artificio de madeira que chamam gata, que como uma baixa cava, que entonce o castello tinha fosse cheia, podesse ir por cima juntar com elle e de se ella podesse picar o muro e entrar dentro, e diziam os de fóra aos de dentro: «que o dessem ao Mestre seu senhor, senão que juravam a Deus que poeriam em cima da gata Constança Affonso, madre de Affonsoeannes Nogueira e irmã da mulher de Martim Affonso, alcaide do castello, e isso mesmo as mulheres e filhos de quantos dentro eram, e que então deitassem de cima fogo e pedras em quaes d'ellas quizessem». Alguns de dentro receando-se d'isto diziam ao alcaide que antes se sahiriam fóra e não ajudariam a defender o castello que terem azo de matar as mulheres e os filhos. Da guisa que lhe diziam em esto ante qne a gata fosse feita, nem a cava cheia pera ir por cima.

Disse Nuno Alvaro ao Mestre que elle queria ir falar com Martim Affonso Valente e com Affonsoeannes Nogueira sobre o feito do castello e que entendia que lh'o daria.

O Mestre disse que lhe prazia, e foi Nuno Alvares ao Castello e disse a Martim Affonso as razões porque o devia de dar ao Mestre, dizendo que não cumpria, que por seu azo se perdesse a cidade e o reino fosse em ventura posto, a qual cousa, pois verdadeiro portuguez era, não lhe deviá sentir o coração, e fazendo d'outro geito, que todo o mundo lh'o teria a mal e merecia de o apedrejarem todas as gentes do reino por ello.

Com estas e outras razões que lhe Nuno Alvares disse des-ahi Martim Affonso vendo todo o povo da cidade alvoroçado por tomar o castello e o combate que lhe queriam dar, e como os de dentro que estavam com elle diziam que se os d'aquella guisa combatessem que elles não haviam de matar as mulheres e os filhos por lh'o ajudar a defender que não havia poder de se ter muito tempo. E entonce disse Martim Affonso a Nuno Alvares que lhe prazia de dar o castello ao Mestre, mas que o faria primeiro saber á rainha e ao conde D. João, ao qual d'elle tinha feito menagem.

Nuno Alvares disse que logo ficasse determinado; até aquelle dia se sofreria de o combater e que lhe desse segurança darrefens por elle não sendo acorrido a aquella sezão.

E então se preitejou Martim Affonso que não lhe vindo acorro até quarenta horas, que o castello fosse entregue ao Mestre sem outra contenda. E foi posto em arrefens, em poder de Nuno Alvares, Affonsoeannes Nogueira, e trouxe-o comsigo pera sua pouzada.

Os da cidade como souberam que o castello era preitejado corriam todos pelas comarcas, e toda aquella noite foi posta grande guarda em toda Lisboa, dormindo d'arredor do monte com muitas candeias accesas, velando com grande cuidado pera embargar qualquer ajuda, se acontecesse de vir ao alcaide.

Martim Affonso mandou á pressa um escudeiro a Alemquer, fazendo saber ao conde em que ponto era com os da cidade e como o queriam combater e de que guisa. E quando lhe o escudeiro contou que os da cidade diziam que lhe poeriam as mulheres e os

filhos em cima da gata e que matassem quaes d'elles quizessem, começou o conde de se sorrir, e disse:

—Que em verdade bom sabroço era esse, que vos elles punham pera lhe haver de dar o castello; dizei que houvestes vontade de lh'o dar e destes-lh'o. Parece-me que fostes taes com esse medo que vos pozeram por vos espantar, como a raposa que estava ao pé da arvore e ameaçava com o rabo o corvo que estava em cima com o queijo no bico por lh'o haver de leixar, e vós outros taes fostes; tomastes medo vão do que não houvereis de tomar e por terdes azo de lh'o dar mais cedo, fostes-lh'o aprazar a certas horas por não poder ser acorrido. Eu gentes não tenho aqui taes com que lhe possa acorrer, ainda que as aqui tivesse o prazo é tão pequeno que sómente pera ferrar não haveria espaço.»

O escudeiro respondeu que Martim Affonso não podera maior tempo haver, que ainda aquello lhe deram de mui mámente.

Fallou entonce o conde á rainha e contou-lhe o geito que os da cidade queriam ter em o combater. E ella disse que pois assim era que lhe mandasse dizer que lh'o entregassem, que quem depois houvesse a cidade haveria o castello. Tornou-se o escudeiro com este recado e passou o prazo e foi entregue o castello ao Mestre, a trinta dias d'aquelle mez de dezembro, e foi pousar em elle e mandou-o devastar e tirar as portas da parte da cidade, por concelho de todo o povo. Martim Affonso, como deu o castello ao Mestre, veiu-se pera sua mercê com os que dentro eram e elle e Affonsoeanes e outros todos se houveram depois sempre bem e lealmente.

CAPITULO XLIII

Como foi tomado o castello de Beja e morto o almirante Mice Lançarote.

A rainha ante d'esto, como o conde João Fernandes foi morto e o alevanto de Lisboa feito, havia mandado por o reino suas cartas assim aos alcaides dos castellos como aos homens bons das villas e cidades, fazendo lhe queixume do que havia acontecido e a maneira que deviam ter em tomar voz por sua filha. E isso mesmo escreveu a el-rei de Castella, que se trabalhasse de vir á pressa ao reino, o qual n'esta sezão era já na Guarda, segundo adeante podereis vêr.

Assim que por azo de sua vinda, como por todos os mais do reino serem da parte da rainha, foi alçado voz e pendão por sua filha da guisa que lhe escreveu em suas cartas. Mas este tomar de voz e alçamento de pendão, com tal titulo, como se apregoavam, era mui grande cousa de ouvir á gente pequena dos lugares. E não podendo contradizer ás grandes pessoas, gastavam-se em si mesmos consentindo com medo e temor, a que contradizer não podiam. Assim como aconteceu em Extremoz a Joanne Mendes de Vasconcellos, primo da rainha D. Leonor, que aquelle tempo tinha o castello quando levantaram voz por a rainha D Beatriz e o trouveram pela villa Lopo Affonso e Lourenço Dias com alguns outros do lugar, por que viram que o outro povo era posto em travanca e mal contente

d'aquelle feito, logo disseram que mister havia na praça cutello e açoute pera decepar os que contradissessem o que elles faziam. E durando esta divisão nos corações de uns e dos outros foi sabido pelo reino como o Mestre tomara carrego de se chamar regedor e defensor do reino e como tomara o castello de Lisboa e o tinha já em seu puder.

E alguns do reino, que d'esto souberam parte, prouve-lhe muito e especialmente aos povos meudos, e aos outros, que eram da parte da rainha, pezava assaz, posto que entendessem que todo era vaidade.

Ora assim aveiu que em Beja estava por alcaide Gonçalo Vasques de Mello e tinha o castello em voz pela rainha, e em esto escreveu outra vez a rainha suas cartas ao conselho de Beja, que tivessem toda a voz por ella e que se el-rei de Castella acontecesse de vir por hi que o acolhessem na villa sem nenhum arreceio e temor, porque elle os defenderia de quem quer que lhe nojo quizesse fazer, e lhe faria por ello muitas mercês.

As cartas recebidas pelos principaes do logar mandaram deitar pregão pela villa que todos ao outro dia fossem ouvir recado das cartas que sua senhora a rainha mandara.

No dia seguinte juntaram-se Estevam Malfado, e João Affonso Netto e Mestre João e Rui Paes Caçoto e Mendafonso, e outros honrados do logar, e apartaram-se todos á porta pequena de Santa Maria da Feira e começaram de vêr aquello que lhe a rainha escreveu.

O povo era muito que estava pelo adro aguardando que lhe dissessem que novas eram aquellas que a rainha mandava dizer, e trigando-se as von-

tades de todos, disse um que chamavam Gonçalo Ovelheiro contra os outros:

— «Não está ora aqui nenhum que vá saber que cartas são estas, ou que recado é este que a rainha manda.»

Fallou elle entonce com um bom escudeiro que chamavam Gonçalo Nunes Dalvellos, que era nem grandes nem dos mais pequenos, e disse contra Vasco Rodrigues Carvalhal:

— «Queres-me ajudar tu e irmos saber que cartas são estas?»

E elle disse que lhe prazia, e então se juntaram com elles até uns trinta e chegaram hu estavam aquelles honrados, e fallou Gonçalo Nunes e disse:

— «Que cartas são estas que vós ledes de que nós não sabemos parte? Por ventura esta villa ha-se de manter e defender por quatro, ou cinco que vós aqui sois? Certamente não, mas por nós outros, que aqui moramos.

Disse entonce Estevam Faledo:

— «Que união é esta com que vós assim vindes? Respondeu Gonçalo Nunes dizendo:

— «Isto não é união mas queremos saber que cartas são estas.»

Falou entonce Mendafonso e disse que elle perguntava bem e que era bem que as vissem.

E então se metteram todos no paço do conselho, e parte dos outros com elles, e lendo as cartas deram-nas a um tabellião que as publicasse aos de fóra, e elle sahiu a elles e disse:

— «Amigos: o feito é este; eu não vim pera me mais deter em lêr. O que aqui vem em conclusão é esto: se quereis ante uma voz dizendo com o Mestre.»

Esses maiores quando esto viram partiram-se logo pera suas pouzadas e não ouzaram de parecer. E elles em esto sem mais tardança viram parecer gente d'armas no castello, entonce começaram todos de bradar: Alcacere, ao castello! Alcacere, ao castello! E D. Gonçalo Nunes cavalgou á pressa e os outros todos se foram armar e começaram logo de ir a combater.

O alcaide quando esto viu poz fogo a duas torres em que estava muito almazem pera os da villa se não prestarem d'elle, acontecendo de ser tomado. E os de dentro defendendo-se rijamente e ferindo alguns de fóra. Pozeram os da villa fogo ás portas do castello e como foram ardidas entraram dentro, uma quarta feira, a horas de comer, e tomaram o Alcaide e pozeram-no em salvo alguns que lhe bem queriam.

Gonçalo Nunes e Vasco Rodrigues tomaram logo o castello e alçaram voz pelo Mestre roldando e velando a villa, as portas fechadas em nome d'elle, e velando-se assim a dita villa depois d'esto por alguns dias, chegou ao serão, em cima de uma egua, um homem do Campo de Ourique e falou aos da villa dizendo: que dissessem ao que tinha carrego de reger a villa que aquella tarde chegára o Almirante Mice Lançarote a um lugar que chamam os Collos, que são d'ahi dez leguas, e que se ia a Odemira, que é reino do Algarve, pera se alçar com elle e tomar voz por el-rei de Castella.

Gonçalo Nunes como esto soube levou comsigo cincoenta de cavallo e cento entre bestarias e homens de pé, e andaram toda a noite em guisa que chegaram a elle ante manhã. E o Almirante tinha já sellado pera cavalgar elle e os seus, e assim armados como estavam, foram todos presos, e mouros

e mouras e azemolas, com quanto haver levavam, e aos seus tomaram as armas e bestas e leixaram-nos ir. E o Almirante veiu pera a viila em cima de uma mula. E elle no lugar pozeram-no na torre da menagem, dizendo elle aficadamente a todos:

— «Amigos, mandae-me a meu senhor o Mestre, bem preso e arrecadado, e não me queiraes matar sem porque.»

E elles diziam que não houvesse medo.

Emquanto Gonçalo Nunes foi levar ao Mestre todo quanto lhe havia tomado, receando-se os da villa que se levantasse o Almirante com o castello, foram-se um dia todos alá e disseram a Vasco Rodrigues que o lançasse fóra, e elle raceando-se d'elles foi-se para sua casa e leixou-o na torre. O Almirante, quando esto viu, começou de se defender o melhor que poude e elles bradando que descesse a fundo e não houvesse medo.

Houve-o de fazer, cuidando de achar em elles piedade e compaixão. Mataram-no de má e deshonrada morte, e assim acabou seus postumeiros dias.

CAPITULO XLIV

Como o castello de Portalegre e Extremoz foram tomados.

N'esta guisa que haveis ouvido se levantaram os povos e outros muitos lugares, sendo grande scisma e devisão entre os grandes e os pequenos, o qual ajuntamento dos pequenos povos, que se entonce assim ajuntavam chamavam

n'aquelle tempo Arraia meuda, os grandes escarnecendo dos pequenos chamando-lhe povo do Messias de Lisboa que cuidavam que os haviam de remir da sujeição d'el-rei de Castella.

Os pequenos aos grandes depois que cobraram coração, que se juntavam todos em um, chamavam-lhe Traidores scismaticos que tinham da parte dos castellãos por darem o reino a cujo não era. E nenhum por grande que fosse era ouzado de contradizer a estos nem falar por si nenhuma cousa, por que sabia que como falasse morte má tinha logo prestes, sem nenhum mais puder ser bom. E era maravilha de vêr que tanto esforço dava Deus n'elles, e tanta cuvardice nos outros que os castellos que os antigos reis por longos tempos, jazendo sobre elles com força de armas, não podiam tomar, os povos meudos, mal armados e sem capitão, com os ventres ao sol, ante de meio dia os filhavam por força, entre os quaes foi um o castello de Portalegre, de que era alcaide D. Pedralvares, priol do Esprital, e da sua mão tinha voz por a rainha, assim como os outros, que se juntaram os da villa uma quinta feira pela manhã e começaram combater, e ante de meio dia, com ajuda de Deus, foi filhado.

Similhavelmente os da villa de Extremoz postos em grande alvoroço cometteram ao alcaide que leixasse o castello e se viesse pera a villa que d'outra guisa mais seriam d'elle seguros. Joane Mendes disse que o não faria por cousa que fosse, que de o fazer lhe vinha grande deshonra e prasmo.

Vendo elles sua resposta determinaram de o combater, e tomaram um carro e puzeram-no na praça, e ordenaram de poer n'elle as mulheres e filhos dos que dentro estavam com o alcaide, que eram todos

naturaes do lugar. Os de dentro quando esto viram disseram a Joane Mendes que deixasse o castello aos da villa, que d'outra guisa o não entendiam de ajudar.

Vendo-se elle em tal apertada, mandou dizer aos de fóra que lhe enviassem pessoa segura com quem falasse, e acordar-se-hia com elles.

Mandaram entonce Frei Lourenço, Guardião de S. Francisco, e outros com elle que fossem ao castello, e Joane Mendes propoz muitas razões a se escuzar de não ser com Castella, mas ser verdadeiro portuguez como elles, mas suas falas não prestando nada foi determinado que todavia leixasse o castello e fosse entregue a um dos da villa que o tivesse.

Outorgou o Alcaide que lhe prazia, porque não pôde mais fazer, e foi entregue a um escudeiro que chamavam Martim Peres, e o alcaide foi logo fóra do Castello e depois se foi pera Moura que tinha Alvaro Gonçalves por el-rei de Castella.

E os do conselho mandaram tirar as portas da torre e as do Castello contra a villa, e derribar o peitoril e ancas d'aquella parte, e des-ahi em deante foi o castello vellado e roldado pelo Mestre e posto em puder do povo meudo.

E não sómente os homens, como dito é, mas as mulheres entre si tinham bando pelo Mestre contra qualquer que de sua parte não era, em guisa que um dia se levantaram Mor Lourenço e Margaridaeanes, adella, e outras mulheres em razões contra Maria Estevens, madre de Nuno Rodrigues de Vasconcellos, dizendo que seu filho dissera mal do Mestre e que era castellão e ellas por si o mataram e foram-no lançar do muro a fundo.

CAPITULO XLV

Como o Alcaide de Evora quizera ter voz por a rainha, e foi tomado o castello pelos da cidade.

OUVINDO esto que aconteceu em alguns logares, Alvaro Mendes de Oliveira, alcaide mór da cidade de Evora que então tinha o castello por a rainha, e vendo que similhantes cousas do que acontecia aos outros, podia acontecer a elle, e que não tinha outras gentes comsigo com que o defender pudesse, salvo alguns seus criados, assim como Gonçaloanes Melão e Martim Brabol, Ruy Gil, e outros até sete ou oito por todos mandou um dia chamar Martim Affonso Carvalho, que era então juiz, e assim era cazado com uma donzella da rainha D. Leonor, e Gonçalo Lourenço, alcaide pequeno, e Vasco Martins Poizado, escrivão da camara do conselho, e Ruy Gonçalves Medidor e Martim Velho e Alvaro Vasques Mercador, e outros honrados do lugar, e indo todos a seu chamado lhe propoz tantas e taes razões por parte da rainha que elle queria ter, que todos outorgaram de se vir pera elle e lh'o ajudarem a defender, como se todos lançaram dentro e foi sabido pela cidade.

Logo em este dia Diogo Lopes Lobo e Fernão Gonçalves Darca, e João Fernandes, seu filho, que eram uns dos grandes que hi havia com todo o povo da cidade, se levantaram contra elles e foram combater o castello, subindo em cima da Sé, e isso mesmo do açougue, que são logares altos, du lhe podiam empécer as bestas, e d'alli tiravam muitos virotes

aos que estavam no castello, o qual era mui forte, de torre e muro, e seco de cava e mui mau de tomar sem grão trabalho. E por os fazerem render mais azinha tomaram as mulheres e os filhos dos que dentro eram para o defender e pozeram-nos em cima de senhos carros todos amarrados em elles, que era um jogo que os povos meudos em similhante caso muito acostumavam de fazer.

E chegaram á porta do castello bradando aos de cima que subissem fóra e o desamparassem logo, senão que as mulheres e os filhos lhe queimariam todos em vista e presença d'elles. E em dizendo esto começaram a poer fogo ás portas com grande alvoroço e arruido de muita gente.

O alcaide quando esto viu fallou com aquelles que eram dentro com elle, receando-se de cahir na destemperada sanha do povo acordaram de lhe dar o castello ante que se mais fizesse, e foi a preitezia que os leixassem sahir fóra do castello e da cidade em salvo e fóra d'ahi com sua honra e lh'o leixariam desembargadamente. E depois que os seguraram com esta condição foram lançados fóra pela porta da traição, tendo cerradas todas as portas da cidade, receando-se que os não fossem roubar o povo meudo depois que saissem.

O castello que era bem forte e afito, e que não fôra tomado tão á pressa da guisa que o foi senão fôra pelo modo que tiveram em poer as mulheres e filhos em carros, como foi tomado, logo foi roubado de quanto hi acharam, e derribado por muitas partes, e posto fogo dentro em elle de guisa que queimadas casas e quanto em elle havia, ficou devasso como pardieiro sem parte defensavel que em elle ouvesse.

A porta da traição foi logo quebrantada que nenhum não podia sahir nem entrar no castello. O alcaide se foi pera Fernão Gonçalves de Sousa que estava em Portel e tinha voz por Castella, e dos outros alguns se foram pera Pedro Rodrigues da Fonseca que era alcaide de Olivença, e d'elles pera Pai Rodrigues que era alcaide de Campo Maior, que tinham ambos voz por Castella.

E foi a tomada d'este castello aos onze dias do mez de janeiro da sobredita era de mil quatrocentos e vinte e dois annos.

CAPITULO XLVI

Como os da cidade se levantaram contra a abadessa, e do geito que tiveram em a tomar.

Tomado o castello da guisa que dissémos, ficou o povo da cidade cheio de grande alvoroço, fóra de todo bom costume, começaram de se mover por brava sanha multiplicando novos queixumes contra quem lhe nunca havia feito erro.

Uzavam de seu livre poder desdenhando que na primeira tomavam capitães assim como Diogo Lopes Lobão, e Fernão Gonçalves, e outros grandes. E tendo suspeita sobre elles disseram que se amavam serviço do Mestre e eram de sua parte, que se fossem a Lisboa pera o servir e ajudar a defender o reino, e elles vendo que lhes não cumpria entender sobre esto fizeram-no assim e vieram-se pera o Mestre.

Os maiores daquestes alvoroços, eram Gonçaloeanes Cabreiro, e Vicenteeanes, alfaiate e seguindo seus feitos como lhe deu a vontade e traziam apelido abite, abite aqui desdabite. E como alguns d'elles diziam: vamos a Foão matal-o, ou roubal-o, logo assim era feito sem lhe valer nenhum dos grandes da cidade, posto que se por elle quizesse poer.

Ora aveiu que n'esta sezão estavam as freiras e abadessa de S. Bento em um seu mosteiro não longe d'esse logar dentro na cidade, em umas suas casas que são no muro e os brados corressem e temor de guerra que se já ontonce começava descubertamente.

E andando o povo em tal alvoroço sem outra occupação com que despendesse o tempo, nasceu uma voz (segundo alguns recontam) dizendo que Gonçaloeanes Cabreiro, um dos Capitaes d'aquella opinião falou contra aquelle povo e disse: vamos matar a aleivosa da abadessa, que é parenta da rainha e sua criada.

Outros diziam d'outra maneira. Esta parece mais razão, s. que a abadessa ouvindo como elles andavam d'aquella guisa e as cousas que faziam que disse de geito que o souberam elles:

Ex se os bebados andam com suas bebedices, deixai-os vós que ainda se elles mal hão de achar por estas cousas que andam fazendo.

Ora por qualquer guisa que fosse, alevantou-se contra ella e não foi em vão. E foram-na logo buscar ás casas onde assim pouzavam, e não a acharam em ellas que ella fôra ouvir missa com suas freiras á egreja cathedral d'esta cidade, segundo havia em costume, uma servidora de sua casa quando viu que assim buscavam, correu á pressa e foi-se dizer-lhe

como a buscavam d'aquella maneira, e ella com grão medo que houve d'elles, a quem defensão não esperava d'haver, leixou de ouvir missa e metteu-se no thesouro, e tomou a capa em que vão a commungar e dizem que estava entonce o corpo de Deus consagrado e tendo-o assim nas mãos, abraçando-se com elle, os que não a acharam em casa foram-na trigosamente buscar á Sé e em entrando todos com grandes brados do seu apelido que traziam abite, abite.

E como todos chegaram por ella mostrando grão desejo de a achar, sahiram entonce a elles Gonçalo Gonçalves, que era d'ahi, Adayão e Mem Pires, chantres, e outros beneficiados por os desviarem da tenção que traziam, e nunca tanto puderam dizer nem pregar da parte de Deus e de Santa Maria, dizendo que lh'a leixassem por entonce e a não tirassem da egreja que elles a tirariam á pressa e bem guardada pera se fazer d'ella direito.

E se alguns mal fizera, ou dissera que nunca o fazer quizessem, nem isso mesmo as doridas preces d'ella puderam amansar a braveza d'aquelle sanhoso povo. Mas sem nenhuma reverencia do Senhor que nas mãos tinha que os por então leixou uzar de seu livre poder por juizo a nós não conhecido lhe tomaram o corpo das mãos, e a tiraram fóra do thesouro e levando-a assim ante que chegassem á porta da escada lançou-se um d'elles a ella rijamente e levoulhe o manto e as toucas fóra da cabeça sem outra cobertura. E indo mais adeante ante que chegassem á porta principal lançou-se outro homem a ella e cortou-lhe as fraldas de todas as vestiduras em tanto que lhe pareciam as pernas todas, e parte dos vergonhosos membros.

E assim a tiraram fóra da Sé deshonradamente

e a levaram pela rua des-ahi até á praça. Em aquelle lugar lhe deu um d'elles uma cutilada pela cabeça de que cahiu morta em terra e des-ahi os outros começaram de a cutilar pela calçada cada um como lhe aprazia. E entonce a leixaram assim jazer na praça e foram comer e buscar outros desenfadamentos, e acerca da noite, vieram aquelles que a mataram e lançaram-lhe um baraço nos pés e levaram-na até ao Rocio acerca do curral das vaccas e leixando assim aquelle deshonrado corpo alguns que d'isso ouveram sentido, o tomaram de noite e a soterraram na Sé escondidamente que d'outra guisa não eram ousados de o fazer de praça.

CAPITULO XLVII

Como foi lançada voz pelo Mestre na cidade do Porto, e da maneira que o povo em ello teve.

Deveis de saber que tanto que o Mestre tomou cargo de regedor e defensor dos reinos e soube que el-rei de Castella vinha com seu puder para entrar em elles, que logo escreveu suas cartas a algumas villas e cidades, e isso mesmo a certas pessoas, notificando-lhe em ellas como bem sabiam da guisa que estes reinos estavam em ponto pera se perder, e como el-rei de Castella vinha pera os tomar e metter os povos d'elles em sua sujeição contra ordenança dos tratos, que prometidos tinha, a qual cousa devia ter por tão grave e tão estranha que antes se todos deviam

aventurar a morrer sobre tal demanda, que cahir em servidão tão odiosa. E que elle por honra e defensão do reino e dos naturaes d'elle se despozera a tomar carrego de o reger e defender, o que com a graça de Deus, entendia levar adeante com a sua boa ajuda d'elles, e que porém lhe rogava que todos de bom coração, como verdadeiros portuguezes, tivessem voz por Portugal e não curassem em nenhumas cartas que lhe a rainha e el-rei de Castella em contrairo d'esto mandassem. Entre os logares a que seu recado chegou foi a cidade do Porto onde suas cartas não foram ouvidas em vão. Mas como foram vistas concordaram muito prestes, logo se ajuntaram todos, especialmente o povo meudo, e alguns outros d'essa natural gente duvidando receavam muito de poer em tal feito mão. Então aquelles que chamavam arraia meuda disseram a um por nome chamado Alvaro da Veiga que levasse a bandeira pela villa e voz em nome do Mestre d'Aviz, e elle refuzou leval-a mostrando que o não devia de fazer, qual logo foi chamado traidor, e que era da parte da rainha, dando-lhe tantas cutiladas e assim de vontade que era sobeja cousa de vêr estar morto. Não se fez mais n'aquelle dia mas juntaram-se no outro seguinte com sua bandeira tendida na praça, tendo ordenado que a levasse um bom homem do lugar que chamavam Affonsoeanes Pateiro, e se a levar não quizesse que o matassem logo como o outro.

Affonsoeanes como soube d'esto parte por alguns d'elles que eram seus amigos e bem cedo pela manhã, primeiro que o convidassem pera tal obra, foi-se á praça da cidade, onde já todos eram juntos pera a trazer pera o logar, e ante que lhe nenhum dissesse que a levasse deitou elle mão da bandeira dizendo

altas vozes que o ouviram todos: Portugal, Portugal, pelo Mestre d'Aviz.

Então cavalgou Affonsoeanes em riba de um grande e formoso cavallo que pera esto já alli estava prestes, trazendo-o muito honradamente por toda a cidade e acompanhado de muita gente assim clerigos como leigos, bradando todos a uma voz: Real, Real pelo Mestre d'Aviz, regedor e defensor dos reinos de Portugal.

E andando assim pela cidade foram-se onde grandes tempos havia que era posto entredicto e não suterravam nenhum, e começaram de tanger sinos e fazer dizer missas e suterrar os mortos, onde jaziam enterrados, e trazel-os dentro á egreja, e nenhuma pessoa ouzava esto de contradizer. Prégou entonce um frade muito a proposito de sua intenção, concluindo que todos haviam de ser unidos em uma vontade e desejo, e não andar entre elles desvairos nenhuns, mas servir o Mestre lealmente e de bom coração como verdadeiros portuguezes, pois que se punham a defender o reino para o livrar da sujeição d'el-rei de Castella. Muito foram todos contentes das razões que o frade prégou, e des-ahi em deante nenhum desaccordo houve entre elles, mas todos de um talente dispozeram a ter e seguir a tenção do Mestre, e d'esta guisa que tendes ouvido tomaram os povos meudos muitos castellos dos alcaides d'elles, que por não alongar leixamos de dizer, alçando voz com pendões pela villa, bradando todos e dizendo:

— «Portugal, Portugal pelo Mestre d'Aviz».

E não guardavam divido nem amizidade nenhuma que sua tenção não tivesse, mas quantos eram da parte da rainha todos andavam á espada.

Quanta desacordança pensais que era depois de paes com filhos e irmãos com irmãs e de mulheres com os maridos! A nenhum era ouvida razão nem escusa que por sua parte dar quizesse mas como um falava dizendo: que Fuão é d'elles; não havia cousa que lhe desse a vida nem justiça que o livrasse de suas mãos; e isso era especialmente contra os melhores e mais honrados que havia nos lugares, dos quaes muitos foram postos em grande cajão de morte, roubados de quanto haviam, e d'elles com medo fugiam pera as villas que tinham voz por el-rei de Castella. Outros se iam pera fóra do reino leixados seus bens e todo quanto haviam, os quaes logo o Mestre dava a quem lh'os pedia, e os meudos corriam apoz elles e buscavam-nos e prendiam-nos tão de vontade que parecia que lidavam pela fé.

CAPITULO XLVIII

Porque razão enviou o Mestre embaixadores a Inglaterra, e da respôsta que lhe de lá veiu.

Porque toda a razão outorga que melhor e mais poderosamente pódem os muitos dar fim a uma grão cousa quando a começar querem, que os poucos por mui ardidos que sejam, ordenou o Mestre com os do seu conselho, que era bem d'haver gentes em sua ajuda, e acordaram de enviar pedir a el-rei de Inglaterra que lhe prouvesse dar lugar e licença aos do seu reino, que por soldo e á sua vontade viessem ajudar contra seus inimigos, e

foi ordenado de irem lá por embaixadores Lourenço Martim, criado do Mestre, que depois foi alcaide de Leiria e Thomar, e Daniel Ingres, os quaes partiram em duas naus dante a cidade, e n'aquelle mez de dezembro. E depois foi acordado de mandarem D. Fernando Affonso de Albuquerque, Mestre da Ordem de Santiago, e Lourençoeanes Fogaça, Chançarel mór que fôra d'el-rei D. Fernando, o qual então, na Sé, o Mestre fez cavalleiro ante que partisse. Onde sabei que este D. Fernando Affonso de Albuquerque, estando na villa de Palmella se veiu com todas suas gentes a Lisboa pera o Mestre e o recebeu por senhor, e ficou por seu vassalo pera o servir. Mas porém, não embargando esto por quanto lhe fôra feito por a rainha, receando-se d'elle que se puderia deitar com el-rei de Castella e lhe dar as fortalezas do Mestrado, disseram que era bem que fosse por embaixador alongado de tal azo. Des-ahi que era mór honra do Mestre taes embaixadores que de mais pequena condição, outorgaram todos de o enviar e embarcaram em dois navios, o Mestre em uma nau e Lourençoeanes em uma barca.

Foram sua viagem e chegaram d'aquelle dia a oito dias que era sexta feira a uma villa que chamam Priamua, lugar de Inglaterra, e d'alli ouveram bestas e encaminharam-se pera Londres, onde el-rei entonce estava, e foram d'elle bem recebidos e de todos os seus e fidalgos da côrte, e depois foram falar ao d'Alencastro. E ordenou el-rei de ter conselho em uma cidade Saras, depois que o duque veiu, e ali propozeram sua embaixada, cuja conclusão em breve era esta.

«Que sendo o reino por seu azo despachado e livre dos inimigos que toda a ajuda que lhe os portugue-

zes fazer pudessem assim de galés, como de seus corpos onde elle por seu serviço mais entendesse que eram muito prestes de o fazer. E mais que se o duque d'Alencastro por seu corpo vir quizesse ao reino de Castella, que lhe por azo de sua mulher, de direito pertencia, que tinha o tempo muito prestes e todo Portugal em sua ajuda. E levava o Mestre e Lourençoeannes pera firmar esto e outras cousas, grandes e largos puderes pera procissão do Mestre, e de Lisboa e do Porto.

El-rei havendo sobre ello acordo, prouve a elle e a todos os do conselho que quaesquer gentes d'armas que por soldo e em ajuda de Portugal lhes prouvesse vir, que livremente o pudesse fazer, jurando el-rei e promettendo que não faria menos pera pôr em obra toda a boa ajuda que n'este feito dar pudesse, do que faria por defender seu reino. E por quanto o duque d'Alencastro era em Calés a tratar tréguas com el-rei de França, e esperava por elle cedo pera lhe el-rei dar o carrego como esto melhor fizesse e encaminhasse, trabalhou em tanto o Mestre e Lourençoeanes Fugaça de enviar algumas gontes d'armas, archeiros, por a necessidade em que o reino estava, porém, foram poucos, dos quaes eram capitães um que chamavam Eleizabri e outro Trisinga e um cavalleiro Gascon, que havia o nome Gilho de Monferro. E elles prestes pera partir em duas naus mandou o Mestre a Lourenco Martins ao dito lugar de Priamua pera a fazer embarcar alli. E elle como alli chegou meteu-se com elle nos navios e veiu-se a Portugal como ao diante diremos, da qual cousa o Mestre e Lourençoeanes Fogaça houveram muito grande queixume por se vêr d'aquella guisa. E tanto prouve aos Inglezes d'esta ajuda que lhe os

portuguezes requerer enviaram, que muitos hi houve que lhe emprestaram dinheiro pera paga do soldo das gentes que logo haviam de aviar, assim como Mosé Nicole, Mosé de Londres, Enrique Vivembra, cavalleiro, que lhe emprestaram tres mil e quinhentos nobres. E assim outros mais e menos como cada um podia, de guisa que com esto e com as mercadorias dos portuguezes que lá achavam, que tomaram depois, contentaram as gentes por tal modo, que lhes prazia vir com leda vontade. E a resposta que el-rei de Inglaterra enviou ao Mestre sobre esta ajuda que lhe então foi demandada, podeis vêr por esta seguinte carta:

Carta d'el-rei de Inglaterra

Ricardo, pela graça de Deus, rei de Inglaterra, Senhor de Ibernia, ao mui nobre e grande barão Joane, por essa mesma graça Mestre da Ordem da cavallaria d'Aviz, Regedor e Defensor dos reinos de Portugal e dos Algarves, nosso mui prezado amigo: saude e desejo de limpa amizade. Pouco ha que recebemos ledamente os embaixadores cavalleiros Fernando, Mestre da Ordem de Santiago, e Lourenço Fogaça, Chançarel mór de Portugal, vossos embaixadores a nós enviados, e claramense entendemos todo o que da vossa parte nos disseram. E certamente, mui prezado amigo, vos agardecemos o bom desejo que vós e os gentis homens d'essa terra a nós por vosso azo tem, segundo por obra e conhecimento vemos. E quanto é ao que por elles nos foi declarado sobre vossos offerecimentos, assim de serviço de galés como d'outras cousas que nós d'estes reinos cumpridoras fossem,

isso vos agardecemos muito, e entre elles e os do nosso conselho, foi sobre ello feito certo trato, segundo esse mesmo Lourenço vos mais largamente póde contar, e pera o acorrimento que a vós e a nossos aliados d'esses reinos compridoro era. Nós outorgamos aos ditos embaixadores que da nossa parte podessem tirar homens d'armas e frecheiros por seu soldo, quantos e quaes lhe prouvesse. O que em verdade considerando as revoltas e guerras em que pelo presente somos preste, assim de ligeiro a outra pessoa não outorgaramos, e crêmos que em um trato que ora com nossos adversarios de França e de Castella fizemos em Calés, que se entenda em vós e vossos aliados. E bem nos prouvera que vossos embaixadores deram a elle consentimento, mas escusando-se disseram que não haviam de vós tal mandado. E porque o que não traziam aquelles que por nossa parte alli eram, nos aficaram que vos escrevesse-mos. E isso mesmo os francezes por sua parte ao occupador de Castella, que as tréguas que por nós tinham feitas ao primeiro dia de maio seguinte com os ditos adversarios de uma parte e da outra fossem guardadas. A qual cousa se o nosso commum adversario não quizesse consentir, que nós vos requeremos propria liberdade pera haverdes guarda e defensão das nossas gentes. E esto entendemos que era bem escrevermos a vossa nobreza por fazerdes requerer a esse nosso adversario o mais cedo que poderdes, por tal que vista sua resposta nós com bom e maduro conselho possamos aguardar vossa e principalmente nossa commum defensão.

Vós em tanto sede forte, tendo boa esperança em Deus, crendo firmemente que o Rei dos Reis

é justo e não desampara os que por justiça pelejam, não desamparará vossos feitos, mas fazervos-ha glorioso vencedor com grande e honrada victoria.

Nobre e excellente barão, todas vossas obras guie o Senhor Deus e vivaes bons e prolongados dias a vosso prazer. Escripta, etc.

CAPITULO XLIX

Como a cidade de Lisboa deu um serviço ao Mestre pera ajuda de fazer moeda.

Já vistes no recado d'el-rei D. Pedro quanto os reis de Portugal fizeram por ajuntar thesouros e haver riqueza por ter largamente que despender, quando lhe acontecesse de defender seus reinos ou mover outra guerra se vissem se lhe cumpria. E quanto elles trabalharam que aquelle thesouro não viesse a tal mingoa porque em taes misteres conviesse lançar peita ao povo, tanto trabalhou el-rei D. Fernando de o gastar sem necessidade por vãs guerras, e sem proveito e não sómente gastando todos os thesouros que lhe dos outros reis ficaram, mas lançou novamente sizas e mudou moedas em grande damno e destruição de todo seu povo, de guisa que quando o Mestre tomou cargo de regedor e defensor dos reinos não tinha nenhuma coisa com que manter a guerra, nem de que fizesse bem e mercê a aquelles. Entendendo todos que lhe convinha por serem livres de tal sujeição de acorrer a tamanha necessidade como esta, ordenaram de dar

ajuda, e fazer serviço ao Mestre d'alguns dinheiros, e prometeu-lhe a cidade cem mil libras em serviço, que eram mil dobras, e que pagavam os mouros e os judeus moradores em ella, as quaes lhe foram pagadas em dinheiros meudos e moeda branca e em prata. Moeda branca chamavam entonce graves e barbudas e pilartes. E estes dinheiros tiravam á pressa certas pessoas pelas freguezias e era mandado que qualquer que levasse moeda da cidade para fóra que a perdesse toda, e ouvesse o quinto o que a tomasse, e filhavam-na a alguns que a levavam escondidamente e entregavam-na ao Mestre. Além d'esto pediu o Mestre a algumas pessoas da cidade e de seu termo que entendeu que o podiam fazer, certos dinheiros emprestados, e todos lhe offereceram de boa vontade qualquer cousa com que o ajudar podiam.

E a communa dos judeus afóra o que lhe pagaram no serviço lhe emprestaram setenta marcos de prata. E emprestou-lhe mais a clerezia em cruzes e calices e outros lavores aquella prata que escuzar podiam, em guiza que a egreja cathedral da Sé com vinte egrejas que ha na cidade, lhe prefizeram duzentos e oitenta e sete marcos de prata, de que a Sé deu os oitenta e sete e as outras egrejas segundo que a cada um tinha escuzada.

E ordenou o Mestre para seu thesoureiro da sua moeda um mercador que chamavam Persival e a este foram entregues todos estes dinheiros e prata que dissemos, e mais novecentos marcos de prata que o Mestre tinha em sua camara e muitos dinheiros meudos em moeda branca e outras moedas de Castella que dizer não curamos, as quaes lhe entregou Affonso Martins, seu escrivão da puridade.

CAPITULO L

Como o Mestre ordenou de fazer moeda e de que liga e talho foi feita.

Como o Mestre teve encaminhado pera poder fazer moeda, ordenou logo de mandar lavrar reaes de prata. Mas primeiro sabei que ao tempo que o Mestre tomou esta voz de regedor e defensor do reino corriam-se em elle moedas que já dissemos ser dos Affonsis, que nove d'elles valiam um soldo e vinte soldos valiam uma libra.

E mais barbudas, que valiam dois soldos e quatro dinheiros, e graves que cada um valiam quatorze dinheiros, e pilartes, que valiam sete dinheiros, segundo é escripto em seu lugar, onde falamos do abaixamento que el-rei D. Fernando fez nas moedas.

E corriam mais reaes de prata de lei de dez dinheiros, e cincoenta e seis no marco. E a razão porque entonce foram taes nomes postos a estas moedas queremos aqui dizer. Quando el-rei D. Fernando começou guerra com el-rei D. Henrique, como ouvistes, vieram a Castella com elle muita gente de francezes, a que chamavam campanha branca, e vinham armados em esta guisa.

Traziam barcinetes com estosa e camal de malha com cara posta, e chamavam-lhe barbudas. E o cunho de que era cunhada aquella moeda tinha de uma parte uma cruz em aspa e em meio d'ella um escudo com cinco pontos de quinas e da outra parte barbuda com sua cara, e esta gente de armas traziam

graves com pendões pequenos em cima a que agora chamam lanças d'armas, e os moços que traziam as barbudas em cima dos chibaos chamavam posta grave, e nós chamâmos agora ás barbudas barcinetes de careal e aos moços pagens, e d'aquelles nomes das armas levaram nomes aquellas moedas, cá o grave tinha uma lança no cunho e um pendão pequeno em cima, e da outra parte a aspa e quinas.

E correndo assim estas moedas juntamente valia a dobra cruzada cinco libras, e a nonisena quatro libras e meia, e o franco de ouro de França quatro libras, o marco da prata de lei de onze dinheiros vinte e duas libras.

E o Mestre ordenou de lavrar moeda nova de reaes de prata e da lei de nove dinheiros e des-ahi outros de cinco, e por o lavramento que mandava fazer de menos de lei gançava pera as despezas.

E dizem alguns em suas historias que estes reaes primeiros que o Mestre mandou lavrar que prestavam pera algumas dôres, e alguns os encastoavam em prata e traziam-nos ao collo, e depois que o Meste reinou mandou lavrar reaes de lei de um dinheiro, que valia cada um dez soldos, e depois d'este mandou fazer outros reaes de tres libras e meia de tres dinheiros de lei. E quando ordenou de tomar Ceuta, segundo ao deante ouvireis, mandou lavrar uma moeda de reaes que chamavam branco, que valia um des de tres libras e meia e eram d'elles de tres dinheiros, e de sessenta e dois no marco.

E durando assim estas moedas foram em ellas feitas tantas mudanças de liga e talha, que serão longas de contar, de guisa que valia uma corôa cens to e cincoenta reaes brancos de trinta e cinco libra- e meia em que montavam seis mil duzentas cin-

coenta libras. Assim que por quanto achavam no tempo d'el-rei D. Fernando mil cento e setenta e tres dobras, não achavam depois mais de uma dobra. E estas mudanças lhe fez fazer a necessidade das guerras que muitas vezes com el-rei de Castella houve, por azo das quaes se lhe recresciam grandes despezas que escusar não podiam. E porém cumpre aqui de notar um grande dito e mui proveitoso que cada um rei e principe deve d'haver com seu conselho quando lhe tal necessidade avier, que o d'outra guisa remediar não possa, que mais val terra padecer, que terra se perder, que por taes mudanças e lavramento de moedas com ajuda do mui alto Deus o reino de Portugal foi por elle defeso, e posto em boa paz com seus inimigos, posto que as gentes em ella alguma mingua e damno sentissem.

CAPITULO LI

Como o Mestre deu lugar a alguns que lavrassem moeda, e poz mantimento a muitas pessoas.

LEIXADAS as razões que abastadamente alguns escrevem mostrando quanto é proveitoso ao reino lavrarem todos moeda quaesquer que o fazer puderem, do modo que o Mestre em isso teve digamos e mais não.

Onde saber que n'esta sazão que o Mestre mandou lavrar sua moeda, sentindo por seu serviço e proveito, deu licença ao conselho de Lisboa que lavrasse uma somma de prata para ajuda de suportar seus

encarregos, assim de gente d'armas que a cidade havia de pagar como d'outras cousas necessarias á sua defensão, que lhe por isso recresciam. E isso mesmo deu lugar ao doutor João das Regras e a outros, sem levando ganço do que assim lavravam, mas quanto rendia lhe era entregue. E como o Mestre teve feita moeda ordenou logo seus mantimentos aos fidalgos e officiaes de sua casa, assim como ao doutor João das Regras e ao doutor Martim Affonso, a cada um cem libras, e assim aos outros, segundo que tal era, e a D. Affonso, filho do conde D. Alvaro Peres e a D. Leonor Telles, mulher de D. Pedro de Castro, e a D. Beatriz, sua irmã d'elle que havia cem libras. E dos mais não cumpre escrever. Mas que diremos d'este virtuoso senhor e de sua grande bondade, que não embargando que seu coração fosse entonce partido em tantos e tão desvairados cuidados como cada um póde pensar que tal negocio requeria, não se esqueceu porém dos espirituaes feitos e ordenou logo mui honrado sahimento pela alma d'el-rei D. Fernando, seu irmão, de que teve cargo Antão Rodrigues, Priol de S. Nicolau, em que fez grande e larga despeza, e mais poz mantimento a certas pessoas devotas que rogassem a Deus por elle, e por o estado do reino, assim como foi João da Barroca e Margaridaeanes e a Maria Esteves, empardeados, que haviam quatro soldos por dia.

E fez uma cousa muito notavel e de grande louvor entre as gentes, que todos tiveram por assinado bem, que alguns que eram presos em poder de castellãos pela guerra que era já muito aceza e não tinham por onde pagar suas rendições, que elle os mandava tirar de captiveiro, pagando por elles todo

o que haviam de dar, e a outros fazia grossas ajudas pera logo serem livres do poder de seus inimigos.

E por estas e similhantes cousas que 'obrava, começou de ser tão amado do povo, vendo em elle largueza de dons com leda e prasivel graça de dar, além d'esto o grande saber e avizamento e governança e regimento que tomara, que todos se tinham por bem aventurados de o haverem por senhor.

CAPITULO LII

Como os de villa de Almada tomaram voz pelo Mestre, e como foi sobre Alemquer.

Segundo ensina o longo uzo, e praticar nos faz muito catos, em nenhuma parte tem a inveja tão grande morada como na côrte dos reis e dos senhores, e tendo o Mestre a meude conselho com os seus pera proseguir tamanho negocio, fallava ás vezes porém a de parte, dizendo a Nuno Alvares algumas cousas de que os outros não eram em conhecimento.

Ora assim aveiu que este commum mal que é inveja se veiu tanto a senhorear dos corações d'aquelles que eram do concelho do Mestre, assim como Ruy Pereira e de Alvaro Vasques, e o doutor João das Regras, e de todos os outros seus privados, vendo como o Mestre fallava em especial com Nuno Alvares algumas cousas, e seguia em ellas seu conselho, que vieram todos a acordar em

segredo, havendo d'esto grande despeito que sempre fossem contra quaesquer conselhos que Nuno Alvares désse ao Mestre, posto que bons e rasoados fossem, e que nunca se tivessem a elles e de feito assim o faziam.

Nuno Alvares soube parte d'este segredo e nenhuma cousa disse a algum d'elles, e fallando um dia o Mestre em seu conselho uma cousa muito notavel, respondeu Nuno Alvares o que entendeu, de guisa que aprouve ao Mestre da sua resposta, e acordou-se com elle na sua tenção. Os outros de seu conselho porque se o Mestre tinha á razão de Nuno Alvares, não foram de tal acordo contentes, ante lh'o contradisseram muito, mostrando assás de razões a seu conselho não ser bom. Nuno Alvares vendo esto, começou de rir, sabendo bem parte porque o faziam.

O Mestre, quando esto viu, perguntou-lhe porque se ria? e elle lh'o contou todo como era e porque se accordavam do que elle dizia; o Mestre, se maravilhou muito de tal inveja, e teve com elle geito em lhe fallar de guiza que não tiveram depois mais tal tenção, e foram d'alli em deante todos em um accordo.

E entre as cousas que em aquelle conselho foram falladas, assim foi quanto era necessario de Almada ter sua voz do Mestre, porque era assim como chave do mar pera qualquer armada que el-rei de Castella quizesse fazer sobre a cidade. E pois que a villa não tinha castello nem alcaide, que d'ella tivesse feito menagem que ligeiramente a poderia haver. O Mestre houve esto por bom conselho e foi a ella, e os da villa o receberam bem e ficaram por seus para o servirem, e esto foi o primeiro dia de

janeiro de mil quatro centos e vinte e dois. E como tornou d'Almada, pera Lisboa ordenou logo de ir sobre Alemquer, uma villa com seu castello, que são oito legoas da cidade, na qual esteve a rainha depois da morte d'el-rei e do conde João Fernandes, antes que partisse para Santarem, segundo já tendes ouvido.

Em esta villa estava por alcaide Vasco Peres de Camões, que a tinha pela rainha D. Leonor, e o Mestre ajuntou até duzentas lanças e besteiros, e homens de pé não muitos, e foi este dia á Castanheira, uma legua do lugar. E no outro dia bem cedo, de madrugada, amanheceu sobre ella e pouzou no mosteiro de S. Francisco, e Nuno Alvares nas casas de Vasco Martins da Téro, que estava cazado com sua irmã, e logo á tarde foram os do Mestre escaramuçar com os da villa, onde chamam a porta de Soure, e o Mestre chegou e fel-os recolher porque os feriam do muro as béstas. E posto que hi fossem feitas por vezes boas escaramuças, nenhuma cousa aproveitava que prestasse, porque o lugar era muito forte e elles não levavam artificios de combater. Mas ora convém sair d'esto e leixemos o Mestre em Alemquer e a rainha em Santarem, e vamos vêr que fez el-rei de Castella em seu reino, quando lhe chegaram novas que el-rei D. Fernando era finado.

CAPITULO LIII

Como el-rei de Castella mandou prender o conde D. Affonso, seu irmão.

Assim aveiu que estando el-rei de Castella na Povoa de Montalvão, onde ficou quando leixamos de fallar em seus feitos, chegou-lhe recado como el-rei D. Fernando era morto. E tanto que o soube, logo ao outro dia mandou chamar seu irmão D. Affonso, conde de Gigon, de Çamora, d'onde estava, e disse, como lhe trouveram recado que el-rei D. Fernando seu padre era finado, e que porém por d'elle estar seguro, porque estava casado com sua filha, e se temia de se lançar em Portugal, e fazer alvoroço no reino, que lhe prazia de ser prezo.

O conde ficando espantado, quando lhe esto ouviu, pediu-lhe por mercê que lhe mantivesse o que lhe prometera quando com elle commungára o corpo de Deus, e el-rei disse: «que não curava de suas razões, que a elle era certo que depois que o conde partira de Gigon, e viera pera sua mercê, que elle já era muito a mandar algumas cartas em Portugal em seu desserviço.»

O conde jurou que nunca tal cousa fizera, e que fosse sua mercê de lhe ter o que lhe prometera. El-rei não curando de cousa, que dissésse, entregou o prezo a D. Pedro Tenouro, Arcebispo de Toledo, e trouve-o fóra do paço, onde já estavam até cincoenta de cavallo, e entregou-o a um dos mais

honrados, que com elle andavam, e foi-se onde o conde pousava, e prendeu a condessa sua mulher, e mandou-a logo a Toledo, que eram cinco leguas, e o conde isso mesmo fôra lá levado.

E sendo o conde prezo por grande tempo, deu el-rei a terra de Norveña, á egreja de Ovedo, e confiscou para a corôa de seus reinos todos os outros bens que o conde havia nas Asturias.

CAPITULO LIV

Como el-rei de Castella mandou prender o infante D. João de Portugal.

Já tendes ouvido da ida do infante D. João para Castella, como por azo da infanta D. Beatriz, sua irmã, mulher do conde D. Sancho fôra encaminhado de ficar com el-rei, e foi assim que lhe deu el-rei Alva de Tormes e Real de Mançanales e logares outros, porém não vivia tão abastadamente como cumpria o seu estado, e não andavam com elle mais que até dez ou doze, que o acompanhavam de cote, mas outros fidalgos, que o amavam muito, por quem elle era, lhe faziam grande honra e gazalhado, acompanhando-o em sua casa, e pera o paço.

Assim como D. João, filho de D. Tello, irmão d'el-rei D. Henrique, que trazia dez, tanta casa mór que o infante, e isso mesmo o marquez de Vilhena, e Pero Fernandes de Valhasco, que nunca errava cento e cincoenta de mulas comsigo, e acompanhavam-no mais João Duque, e Ruy Duque seu irmão, e outros bons fidalgos de casa d'el-rei.

E como el-rei de Castella casou com a infanta D. Beatriz, sabendo que el-rei D. Fernando era doente muito a meudo, logo se recearam do infante poder reinar depois sua morte, e começaram de não segurar d'elle, e ter maneira, que não fizesse a si cousa, que o el-rei não soubesse.

E alguns dos seus, que esto entendiam, diziam-no por vezes ao infante, e elle, como homem afastado de toda malicia, não curava do que lhe diziam.

E tanto que el-rei fez prender o conde D. Affonso seu irmão, logo mandou prender o infante D. João, por Garcia Gonçalves de Grijalva, nas pousadas do infante, e fez-lhe dizer que o não prendia por cousa que d'elle soubesse contra seu serviço, mas que se receava, pois el-rei D. Fernando era finado, de o terem alguns portuguezes por rei, e fazer reboliço no reino contra a ordenança dos tratos, e que até que todo fosse assessegado lhe prazia de ser reteudo.

Outros affirmam sua prisão muito por outra maneira, e dizem que, tanto que el-rei D. Fernando se finou, que logo alguns do reino lhe escreveram á pressa como el-rei seu irmão era morto, e que visse por sua honra o que lhe cumpria fazer em ello: e que elle, como lhe este recado chegou, que se foi a el-rei e mostrou-lhe as cartas. E elle dizendo que lh'o agardecia muito, e que entonce o mandou prender.

Porém de qualquer guisa que fosse, el-rei mandou pôr em elle bom recado, e guarda, e defendeu qualquer dos seus que fosse achado n'aquella cidade, onde o elle mandara levar, que fosse prezo até sua mercê.

CAPITULO LV

Como el-rei fez em Toledo exequias por el-rei D. Fernando, e da maneira que em ellas teve.

Prezo assim o conde D. Affonso, e o infante D. João como ouvistes, ordenou el-rei de fazer sahimento por el-rei D. Fernando na cidade de Toledo, e mandou lá correger das cousas que lhe cumpriam, e elle atendeu alli até que todo que fosse feito. Como lhe trouveram recado que era todo prestes, partiu el-rei para lá, e a rainha isso mesmo.

El-rei levava um saio preto, e a rainha ia em umas andas vestidas dalmafega preta, e as andas cubertas todas de panno preto, que a não via nenhum.

Os portuguezes que com ella andavam levavam burel branco vestido, e isso mesmo as mulheres, e quando chegaram era já hora de vespora, e foram descavalgar a uma egreja, que é muito perto do lugar, e vieram-se para ella todas as donas do lugar para irem em sua companha.

D'alli levaram a rainha á Sé, onde já estava um grande estrado feito, e ataude em cima, posto todo corregido como cumpria. E quando entraram pela porta da Sé fizeram todos os portuguezes grão dó, e a rainha com as mulheres, que de Portugal foram, e depois que acabaram das vesporas era já tarde, e foram-se para seus paços, que era dentro na cidade, onde a rainha tinha a salla, e a camara toda armada de pannos tintos em preto.

E outro dia pela manhã partiu el-rei, e a rainha para Sé, aonde já estava feito um alto corregimento para elles, e como entraram pela porta fizeram seu dó assim como ás vesporas, e depois que se tiraram fóra.

El-rei despiu-se dos vestidos pannos pretos que levava, e vestiu um comprido mantão de panno d'ouro forrado de arminhos aberto por a parte direita chamando-lhe entonce lombardos. A rainha outrosim foi vestida d'aquelle panno mui ricamente, e o sobrecelo e assentamento, em que allí estavam, todo era cuberto d'aquelle mesmo panno d'ouro até o chão, e foi-se el-rei e a rainha assentar n'aquelle corregimento.

Estando elles assim veiu uma procissão em esta guisa: vinha o Arcebispo de Toledo com capa bem rica, e mitra na cabeça, e todos os conegos, e clerezia da cidade rezando, e traziam a bandeira das armas de Castella, e os signaes de Portugal, e concertos em baixo, e levavam-na com esta procissão, e pozeram-na ante el-rei e a rainha.

Fez então el-rei chamar Vasco Martins de Mello que fôra de Portugal com a rainha, e elle veiu logo presente, e el-rei disse que a mais honrosa cousa, que em seu reino havia, que officio fosse, assim era o seu alferes-mór, que elle por lhe galardoar sua vinda, que viera de Portugal com a rainha sua mulher, des-ahi pelo conhecer por mui bom, e que o fazia seu alferes de Castella e de Portugal, e que tomasse logo aquella bandeira, e alevantasse por elle segundo costume, quando fazem algum rei novamente.

Vasco Martins disse que lh'o tinha em grande mercê, mas que tal carrego não filharia, por elle ser

vassallo d'el-rei de Portugal e seu guarda-mór, e que poderia ser de se receber depois guerra contra o reino de que elle era natural, e cahiria em caso de menos valer.

CAPITULO LVI

Do que aconteceu quando alçaram pendão por el-rei de Castella.

QUANDO el-rei viu que a sua tenção era não tomar carrego de ser seu alferes, mandou chamar João Furtado de Mendonça, e deu-lhe cargo d'aquelle officio, e entregou-lhe a bandeira. João Furtado teve-lh'o em grande mercê, e alevantou-a logo, e começaram de dar ás trombetas dizendo a grandes vozes:

Real, real, por el-rei D. João de Castella e de Portugal.

E assim levaram a bandeira até fóra da Sé.

A' porta estava já prestes um cavallo d'el-rei, sellado pera trazer a bandeira em elle por toda a cidade. Estava ahi João Nunes de Toledo, e outros de cavallo com senhas lanças, e dardos brancos nas mãos, e alfagemes em ellas, pera irem em sua companha cavalleirando o alferes, e pozeram-lhe a bandeira na funda, que levava na sella, e João Mendes deu grandes vozes, que todos dissessem: real, real, por el-rei D. João de Castella e de Portugal, começando a correr todos apoz a bandeira, que ia diante.

E correndo assim com grande prazer, descozeu o vento os signaes de Portugal, que iam debaixo, e ficaram pendurados, e o cavallo em que ia o alferes foi topar em um canto fóra da Sé, e quebrou-lhe uma espadua, e cahiu com elle.

Alguns que esto viram, tiveram-n'o a mau signal, dizendo entre si, que nunca el-rei de Castella havia de ser rei de Portugal, e disseram a el-rei de Castella que não era bem de os signaes de Portugal andarem assim em fundo.

E elle mandou logo poer os signaes ambos em escudo eguaes. E os portuguezes que faziam dó por el-rei D. Fernando, quando viram o que acontecera do descozer da bandeira e do cahimento do cavallo com o alferes, tiraram grande prazer com ello dizendo uns aos outros, que nunca o Deus havia de fazer senhor de Portugal.

Em esto desceu el-rei e a rainha do sahimento em que estavam, e vestiram os pannos de dó que ante traziam, e revestiu-se o arcebispo, e disse missa por el-rei D. Fernando.

E acabado o dó e suas exequias, foram comer, e d'ahi se partiram logo pera a Povoa de Montalvão, onde antes pouzavam, e alli estiveram até dez dias.

CAPITULO LVII

Como el-rei teve conselho se era bem entrar em Portugal e como determinou de o fazer.

ESTANDO el-rei em aquelle lugar, teve conselho se era bem entrar logo em Portugal poderosamente, por se assenhorear do reino, ou que maneira em ello teria, porque tanto que ello soube, que el-rei D. Fernando era finado, logo enviou por companhas e homens d'armas, pera entrar em Portugal com ellas, e sobre esto ouve grão conselho, que durou por dias, e, era partido em duas vozes.

Os mais do conselho, e que o melhor e mais sãmente aconselhavam, diziam assim:

Senhor, vós não deveis, nem podeis direitamente entrar em Portugal, e por esta guisa, com gente d'armas, segundo os tratos, que entre vós, e el-rei D. Fernando foram firmados, mas cumpre muito a vosso serviço, segundo a fórma em que heis jurado de os guardar e cumprir em todo inteiramente com as gentes de Portugal, de guisa que não vades por força de gentes entrar no reino, e fazendo-o assim, guardareis vossa verdade, segundo promettestes, e nós isso mesmo comvosco. D'outro modo entrando em Portugal com vosso poderio, não podeis escusar fazer damno na terra, se quer ao menos no tomar das viandas, pela qual razão cresceria grande odio entre os portuguezes e os castelhanos, o que não era vosso serviço.

Des-ahi em quererdes entrar com pouca gente podia-se seguir perigo, e porém nos parece que é bem que vos vades para Salamanca, que é acerca de Portugal, e não mandeis em tanto por nenhuma gente d'armas, mas d'alli mandai vossos embaixadores a Portugal, notificando-lhe, aos senhores e poderosos d'elle, como soubestes que el-rei D. Fernando era finado, e que bem sabem como ficou por herdeira do reino sua filha a rainha D. Beatriz, vossa mulher, isso mesmo os tratos e avenças que sobre isso foram feitas e jurados, que vossa vontade é de guardar e cumprir todas as cousas nos tratos conteudas, segundo o tendes jurado e affirmado, e que se elles, entendem que ha hi alguma cousa de inadir ou minguar em ellas que seja proveito e honra do reino que sois muito prestes de o fazer, sendo em ello guardado vossa honra e serviço, e que enviem seus embaixadores a aquella cidade pera vêr seu recado e concordar a eleição em elles todo o que por vosso serviço sentirdes. E ainda nos parece que é bem, que vindo taes embaixadores a vós, que lhe façais muita honra e partaes com elles de vossos dinheiros e joias, e que lhes digaes como quereis e vos prazerá muito de ter taes maneiras com elles, que fosse vosso serviço e proveito do reino, e honra dos moradores d'elle.

Outrosim lhe podeis mais dizer que bem sabem como nos tratos jurados entre vós e el-rei D. Fernando é conteudo que a rainha D. Leonor vossa sogra, haja a governança do reino até que vós hajais filho que passe de quatorze annos, o qual ha-de ser creado em Portugal do dia que nascer até tres mezes sob poderio de sua avó, e que assim vos

praz de o guardar e ter. E que se elles entendem outra melhor maneira de regimento, que por algum ou alguns do reino que elles sejam Regedor ou Regedores, que por qualquer guisa que elles virem que é mais proveito guardando vosso serviço e honra, que vos praz muito d'ello e que assim o quereis fazer e que assim o digam os mesageiros que a Portugal mandardes a aquelles fidalgos e senhores com que houverem de fallar, e a elles prazerá com taes maneiras como com elles quereis ter, e assim asseguraráo suas vontades e havel-as-heis para vosso serviço.

Outros do conselho, não verdadeiros conselheiros, vendo como el-rei havia grande desejo de entrar em Portugal, sem curando dos tratos e juramentos que elle, e os seus haviam feitos por guarda d'elles, nem das penas e caso em que cahiam, onde contra todos ou parte d'elles não sómente por vontade, por comprazer a el-rei louvavam tudo o que elle razoava, dizendo que era muito bem entrar logo poderosamente em Portugal sem curando de nenhumas avenças, dizendo elles que não era teudo de guardar taes tratos, que foram feitos contra sua honra, e ainda contra direito, e que porém não deviam ser guardados, mas que era mui bem que antes que os portuguezes sobre isso houvessem algum avizamento, que elle entrasse com suas gentes no reino, por cobrar o direito que d'elle tinha. E se outra alguma avença ahi ouvesse de haver sobre ello, que mais seu serviço era fazer se dentro em Portugal, que não estando elle em Castella.

E el-rei, que grão vontade havia de cobrar o reino por qualquer guisa que fosse, chegou-se a esta razão louvando o que elles diziam. Os que sãmente

falavam, desfaziam estas razões havendo todo por jogo, e não sómente entendido, dizendo a el-rei:

«Senhor, quando vosso estado é maior, tanto vos deveis mais guardar de em alguma cousa serdes prasmado, assim como nas cousas boas a tardança é cousa feia, assim a trigança onde não cumpre é contada por torpeza, nem podemos crêr que de tal entrada por esta guisa se siga tanto proveito, que muito mais damno não seja; ao menos fazer-vos ficar em dobrada mingua, falecendo da prometida verdade, e mais do juramento e menagens feitas por ella, como se póde dizer por vossa parte que foste enganado nos tratos sendo feitos contra vossa honra e proveito, como estes dizem, onde tantos letrados e assim avisados e discretos homens de vosso conselho foram juntos, ante que os outorgasseis, e vós mesmo no juramento que fizeste em Badalhouce aprovando todas as cousas, que por vosso procurador foram feitas, assim em razão de vosso casamento, como na successão do reino depois da morte d'el-rei D. Fernando, dais de vós testemunho que primeiro foram de vós vistos e examinados, havendo sobre todas, é cada uma d'ellas, maduro e largo conselho, e assim é conteudo e escripto nos tratos. Pois como se pode dizer agora que foram feitos em vosso prejuizo, dizendo estes por vos seguirem a vontade mas não por mostrarem razão, que o de direito podeis fazer, ante quebrantaes vossa verdade e ficamos na fé perjuros, e cahimos em mau caso.»

El-rei desejando de entrar em Portugal, crendo que com o grão poderio o obedeceriam todos e cobraria o reino, não punha duvida em o fazer, nem curava de conselho, que lhe nenhum contra isso dissesse.

CAPITULO LVIII

Como o bispo da Guarda disse a el-rei que lhe daria a cidade, e como el-rei determinou em toda guisa de entrar no reino.

Tendo el-rei vontade de entrar d'esta guisa em Portugal, pero duvidava ainda um pouco por azo dos muitos que lhe desdiziam. Andava ahi um bispo da Guarda, chançarel da rainha, que fôra com ella de Portugal, quando casara, segundo ouviste. Este disse a el-rei de Castella que a cidade da Guarda, d'onde elle era bispo, era mui forte, e na frontaria de seu reino, e que todos os mais que em ella viviam eram seus criados, e fariam o que lhe elle mandasse, e que se sua mercê fosse d'el-rei lá ir, que elle o acolheria logo em ella.

A el-rei prouve muito do que lhe o bispo disse, e cresceu-lhe mais vontade de entrar todavia em Portugal, e partiu logo da Povoa de Montalvão, onde estava, enviando por companhas e gente d'armas, que se viessem pera elle á pressa, onde quer que elle fosse.

Chegou el-rei e a rainha á ponte, que então o arcebispo fazia no Tejo, e mandou-lhe o arcebispo dar a elles e aos seus todas as cousas que lhe mister faziam, e estiveram ahi dois dias, e partiram para Talaveira, e d'ahi se foram á Prasença.

Alli disse el-rei aos do seu conselho que o bispo da Guarda lhe dissera que lhe daria aquella cidade, e que era o que lhes d'ello parecia?

E alguns d'elles lhe disseram, vegadas, regarda, que fosse sua mercê de esguardar os tratos que entre elle e os de Portugal havia, e as juras e penas em que os seus cahiam em os quebrantando por qualquer razão, em nenhuma maneira os devia passar, e que entrando por tal guisa em aquella cidade, que os do reino se temeriam d'elle dizendo que contra a vontade e a seu pezar se queria apoderar da terra, e mais que a governança do reino, segundo os tratos, era da rainha D. Leonor sua sogra, e que elle em direito em nenhuma guisa o podia fazer, e os que davam este conselho diziam ainda mais, por desviar, que elles sabiam como na cidade da Guarda havia um castello mui bom, o qual tinha Alvaro Gil de Cabral, que não era da parte do bispo, e que lhe não cumpria entrar na cidade sem cobrar logo aquelle castello.

E que por tanto não se atrigasse até que se as cousas melhor encaminhacem por seu serviço, e outros, que nenhuma cousa curavam, senão fallar á vontade d'el-rei, diziam que era bem que el-rei partisse logo, e cobrasse a cidade que era cabeça de toda a comarca da Beira, que era uma grão terra em que havia mui ricos e mui honrados cavalleiros e escudeiros, que se viriam logo pera elle, querendo antes ser sob a governança e senhorio seu, que da rainha D. Leonor sua sogra.

E el-rei todavia por cobrar o reino, postas a departe todas as juras, e prometimentos que ouvistes, disse que este era mui bom conselho, e mandou ao bispo que se fosse deante para ter prestes, e encaminhado como elle fosse recebido na cidade.

CAPITULO LIX

Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e de alguns fidalgos que se vieram pera elle.

Foi-se o bispo da Guarda, e chegou ao lugar. El-rei partiu de Prasença e chegou a Perocem, junto com Fonte Giraldo, e alli lhe veiu recado do bispo que tinha já a cidade por elle, e que fosse á pressa, de guisa que amanhecesse no lugar, porque os da villa e do termo sabiam já como elle vinha, e que se áquelle tempo não fosse, que era duvida de o haver, porque seriam já todos apercebidos, e elle não poderia passar bem.

E el-rei como viu seu recado, partiu de Perocem á tarde, e andou toda aquella noite, e a rainha com elle, e chegou á Guarda em amanhecendo, e não iam com elle mais que até trinta homens d'armas de seus officiaes, dos que andavam com elle de cote.

O bispo o sahiu a receber com sua clerezia e procisão mais honradamente que elle pôde, e assim entrou na cidade elle e a rainha, e os que com elle iam.

E foi el-rei pousar aos paços do bispo.

Alvaro Gil não sahiu a elle, mas esteve quedo em seu castello, sem mostrar porque parte tinha, mas veiu Vasco Martins de Mello, que fôra com a rainha, e pousava em Fonte Giraldo, a quem el-rei mandara dizer, quando partiu de Perocem, que se fosse despoz elle á Guarda, e Martim Affonso, rico

homem seu irmão, que tinha Celorico e Linhares, e foi o primeiro que se veiu pera el-rei de Castella e ficou por seu alli na Guarda, da qual cousa muito desprouve a seu irmão Vasco Martins, porque elle começara de se ir pera elle antes que nenhum outro.

A el-rei veiu em outro dia alguma gente d'aquella porque mandara, que seriam até duzentas lanças. E a cabo de trez dias chegou o conde de Mayorgas, des-ahi Pero Fernandes de Velasco e Pero Xarmento, e outros capitães com quinhentas lanças.

El-rei vendo que Alvaro Gil não lhe vinha fallar, nem sahia fóra do castello, disse a Martim Affonso de Mello que houvesse com elle que lhe fallasse.

Fel-o assim Martim Affonso, e trouve-o seguro da ida e vinda, falou com elle el-rei, e tornou-se pera seu castello e não lhe fallou depois mais.

Em outro dia Vasco Martim mandou fallar a Alvaro Gil, por Martim Affonso seu filho, dizendo que fizera grão bem de se não vir para el-rei de Castella, nem se lhe desse, que lhe fazia certo que el-rei não faria sobre elle, senão que passava por hi e iria seu caminho e que se tal cousa aviesse que el-rei quizesse fazer, que lhe prometia de se lançar com elle, com seus filhos, e lhe ajudaria a defender o castello.

E el-rei ouve menencoria de Alvaro Gil por lhe mais não fallar, nem se vir pera elle. Mas vieram-se cavalheiros e escudeiros d'aquella comarca emquanto el-rei esteve na Guarda e estes aqui nomeados: Martim Affonso de Mello, que foi o primeiro, Vasco Martins da Cunha, Martim Vasques seu filho, e bem assim com outros seus filhos Fernão Affonso

de Mello, e Alvaro Gil de Carvalho, e outros, e el-rei recebia-os mui bem, dizendo que lhe fizessem preito e menagem pelas fortalezas que tinham, e elles faziam-lhe mensagem de receber e haver por sua rainha e senhora D. Beatriz, sua mulher, e elle assim como seu marido. E isto todavia com entendimento que os tratos fossem guardados pela guisa que foram postas entre elle e el-rei D. Fernando. A el-rei pezava muito d'esta condição que punham em taes menagens, porém dava lugar a ello, porque não podia mais fazer por entonce.

E como quer que se estes e outros cavalleiros e escudeiros viessem alli pera el-rei, porque segundo alguns escrevem não se contentavam do gazalhado, e colhimento que achavam em el-rei, pero, assim como se vieram para elle, indo assim concertaram de tratar entre si por se partir logo. E esto dizem que foi por duas razões. A primeira porque el-rei era homem de poucas palavras e não muito ledo, e elles haviam uzado com el-rei D. Fernando que era de grandes gazalhados. A outra, porque lhe el-rei logo não dava dinheiros, e que elle não podia esto fazer, e a tão apressa entrara no reino por cobrar a posse de elle, que não tivera sentido de esperar nenhuns dinheiros.

CAPITULO LX

Das razões que Beatriz Gonçalves disse a seu filho por não dar os castellos que tinha a el-rei.

Um bom fidalgo d'aquella comarca por nome Gonçalo Vasques Coutinho era alcaide de Trancoso e Lamego, e outros lugares, estando elle em Trancoso quando el-rei chegou á Guarda, pensou el-rei que se viesse pera elle, como fizeram alguns outros, e elle demovido foi, segundo alguns escrevem, mas outros assignam em seus livros razões algumas, porque o leixou de fazer. Uns contam que elle enviou entonce um seu escudeiro com cartas de crença, uma a Vasco Martins de Mello, e outra a Vasco Martins, o moço, seu filho, que morreu depois da batalha, como adiante ouvireis, porque lhe rogava que o aconselhasse que maneira teria em esta entrada que el-rei fazia no reino por esta guisa, pois via muitos fidalgos d'aquella comarca virem-se para el-rei de Castella, e que elle não faria sobre isso nenhuma cousa sem seu conselho, e que elles lhe mandaram dizer que se não viesse para elle, que el-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por cercar elles nem outros, posto que se para elle logo não viessem.

Outros contam que não foi por esta razão, mas que Beatriz Gonçalves, sua madre, que estava com elle, em aquelle logar, e fallando com ella que maneira teria em seus feitos, pois el-rei de Castella

entrava no reino por aquella guisa, sua madre lhe respondeu, e disse:

—«Filho, com os nescios, e com os trigosos gançam os homens, e nas cousas que ha pera esguardar sempre a trigança é damnosa. E os reis e os poderosos muitas vezes cuidam de acabar cousas de que hão grande desejo, e ás vezes se lhe não segue como elles pensam. El-rei de Castella entra em esto reino quebrantando os tratos, segundo vemos, e posto que alguns venham pera elle e fiquem por seus, não apraz a muitos, porém com sua vinda ante peza a todos os povos, tendo que não faz o que deve, como é verdade, quebrando as avenças que entre elle e el-rei D. Fernando foram firmadas.

«Lisboa tomou o Mestre por seu regedor e defensor, como souberam que el-rei de Castella queria vir. E certas cidades e villas, outras do reino, com esta tenção. Assim que já estes feitos levam começo, pera se não livrarem muito de ligeiro, como quer que alguns digam que a voz que Lisboa e os outros logares tomam contra el-rei, é um pouco de vento.

«E porém me parece que é bem que vos leixeis estar assim até que vejaes que termo dispõem nossas cousas. E assim podeis encaminhar vossos feitos como sentirdes por mais vossa honra e proveito.»

A elle pareceu este bom conselho, e creu sua madre o que lhe dizia. E esta foi a razão porque não veiu fallar a el-rei, e não a primeira, como alguns disseram.

CAPITULO LXI

Do recado que mandou a rainha D. Leonor a alguns conselhos depois da morte do conde João Fernandes.

No mez passado acerca d'este luto se começou o novo anno em Castella da nascença de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil trezentos e oitenta e quatro, e da era de Cesar de mil quatrocentos e vinte e dois.

Depois da morte do conde João Fernandes, estando então a rainha em Alemquer, mandou cartas a alguns conselhos, em que largamente lhe fez saber quanto ficava lastimada e cheia de quebranto pela morte d'el-rei seu marido, e como por seu finamento os reinos ficaram á rainha D. Beatriz sua filha, e por se não seguir juntamentos d'estes reinos com os de Castella, mas sempre serem corôa sobre si, como até alli foram, segundo nos tratos era devisado, e el-rei D. Fernando leixara em seu testamento que ella tomasse carrego do regimento d'elles aquelle tempo, que o havia de ser, posto que em ello sentisse grão trabalho do corpo e afflição pera sua alma, mas que o fazia por salvação d'elles todos, e por lhe satisfazer de muito serviço e honra, que d'elles havia recebido.

Que estando ella em Lisboa em seus paços ordenando o que cumpria por serviço de Deus, e proveito dos reinos, que tornara o Mestre d'Aviz, que ella tinha já enviado por pôr recado nas villas da

Ordem e em outras algumas d'aquella comarca, e que matára o conde João Fernandes, por cujo azo e alvoroço da cidade, se partira d'ella, e se fôra para Alemquer, e que se enviava querelar d'elles de taes cousas, por se sentir d'ello.

As quaes sua tenção não era tomar com vingança de vontade, mas sómente por fazer direito e justiça, e que entendera de enviar recado a el-rei de Castella, que se soffresse de entrar no reino pera todos elles receberem damno, e os reinos ficarem sobre si, o que seria grão duvida se a rainha sua filha e el-rei seu marido, cobrassem logo o regimento d'elles.

E que isto lhe enviava notificar, como a pessoas de que muito fiava, e por verem a sua tenção, a qual era na prol e honra d'elles todos.

LXII

Como a rainha escreveu a el-rei de Castella que entrasse no reino, e a tenção porque o fez.

MANDADAS taes cartas pelo reino, cuja conclusão em breve dissemos, os enfermos corações todos postos em grão pensamento não sabiam que cuidar em taes feitos. Era-lhes mui grave de ouvir, que el-rei de Castella viesse ao reino vendo o posto em balanço, já de todo ficar com Castella, e isso a maior parte do povo meudo, que não era do bando do rainha. Uns tinham que el-rei se sofrearia da tal entrada, escrevendo-lhe sua sogra

d'aquella maneira que dissera, maiormente por razão dos tratos, que com taes menagens e juramentos eram feitos. Outros de todo perdiam esta esperança, vendo os aquecimentos de desvairadas guisas espargidos pelo reino, e como já el-rei diziam que vinha por logo cobrar a posse d'elle.

E em este comenos entrou el-rei, como ouvistes, e estando na Guarda, em este mez de janeiro, que dissemos, chegaram cartas aficadas da rainha, muito em contrario do que ella antes escrevera aos conselhos; cá ella lhes certificava que entendia de enviar seu recado a el-rei que se soffresse de entrar no reino, pera que elles todos não recebessem damno; e n'estas fazia saber a el-rei como todas as cousas em Lisboa haviam passado, assim da morte do conde de Ourem, que o Mestre matára em sua presença e paços, como da morte do bispo e dos outros que aquelle dia foram mortos na Sé, e que ella com receio e muito nojo se partira de Lisboa e se viera a Santarem, onde por entonce estava, e que porém lhe rogava que pozesse aguça em seu caminho e chegasse alli, cá ella se tinha por mui deshonrada do Mestre d'Aviz e dos moradores de Lisboa, os quaes entendia que não queriam obedecer a ella nem haver a rainha D. Beatriz sua mulher por senhora. E que da discordia e alevantamento dos da cidade o Mestre era capitão e cabeça, e pondo-se regedor e defensor do reino em suas cartas, que seria azo ser grande acrescentamento, e porém ella tinha irmãos e grandes fidalgos, seus dividos bem poderosos, que haviam assáz de fortalezas com que lhe podiam fazer boa ajuda em muitas guisas, des-ahi a villa de Santarem, em que ella estava, que era uma das melhores do

reino. E que portanto cumpria muito dar trigança a sua vinda pera onde ella estava.

El-rei de Castella vendo seu recado prouve-lhe muito com elle, e como aquelle que havia grão desejo de entrar no reino, não lhe foram menos estas cartas da rainha, quando assim chegaram, senão enadir esporas, porque havia vontade de correr, e logo ao outro dia ordenou de partir. Onde sabei que a razão porque a rainha escreveu taes cartas, segundo alguns em seus livros assignam, foi o grande queixume que ella havia do Mestre d'Aviz, e d'outros do reino, de que suspeitava; isso mesmo dos povos de Lisboa, e d'alguns lugares que tinham com elles.

E entendendo ella que depois que el-rei de Castella chegasse, que faria as gentes, com seu grande poder, que se lhe obedecessem, e que a vingaria de todos, especialmente dos homens e mulheres de Lisboa, de que ella dizia que nunca havia de ser vingada até que tivesse um tonel cheio das linguas d'ellas.

E sem duvida, se as cousas se seguiram como ella cuidava, estranhas foram as justiças que ella mandara fazer nos moradores d'aquella cidade, porque sabia que diziam d'ella prasmadamente na morte do conde; e depois que d'esta guisa fosse vingada e o reino todo assessegado, que se tornaria el-rei pera suas terras, e ficaria ella em sua honra e regimento; assim que nenhum d'ahi em deante, por grande que fosse, e muito menos os pequenos povos, seriam ouzados de lhe contradizer, arreceando-se de similhavel vingança, e o reino sem alvoroço, que se iria el-rei pera sua terra, e ficaria ella como desejava.

CAPITULO LXIII

Como el-rei de Castella seguiu seu caminho e chegou a Santarem.

Partiu logo el-rei da Guarda, e foi-se a Santa Maria de Açores, em romaria, e jantou n'aquelle lugar, e foi dormir a Celorico, que lhe já Martins Afonso de Mello tinha dado, e esteve ahi quatro dias.

D'alli partiu, e andou seu caminho, e chegou por Coimbra, que tinha o conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e estava ahi Gonçalo Mendes de Vasconcellos, seu tio d'ella, e estes não se vieram pera el-rei, nem o colheram na cidade, mostrando que lhe não prazia com elle.

Des-ahi chegou a Miranda, onde estava o conde de Vianna, o qual veiu e o recebeu, e ficou por seu, e esteve el-rei alli um dia. No outro seguinte partiu de madrugada e foi dormir a Chão do Couce. Em outro dia foi comer a Ceras, e dormir a Thomar. Alli pensou el-rei que se viesse pera elle o mestre de Christo, sobrinho da rainha D. Leonor, filho de sua irmã. E quando chegou a Thomar e soube que partira d'ahi, houve d'esto grão queixume, porque cuidou que ficasse por seu, como os outros. E foi el-rei pousar ás pouzadas do mestre, que estão no Rocio.

E certamente, segundo escreve um auctor em sua historia, assim foi de feito, que o mestre se ia pera el-rei por ficar com elle e o servir, e um cavalleiro

de sua Ordem, quando o assim viu ir, e a intenção que levava, disse ao mestre em esta guisa:

— «Senhor: a mim parece que vós is a receber el-rei de Castella por ficar com elle, e serdes seu; e vós, senhor, se isto bem guardaes, isto não o deveis assim fazer, até que vejaes a que termo estes feitos houverem vir. E depois que virdes como se encaminham, então podeis fazer como sentirdes por vossa honra e proveito seu, ficando com nenhum prasmo».

Com estas e outras razões, que assim foram falladas, foi o mestre movido a não ir por deante, e tornou-se a Pombal. E alli esteve el-rei dormindo em Thomar, foi aquella noite guarda no arrabalde, e foi feita uma escaramuça em tal guisa, que mataram um, que havia nome Henrique Alemão, e uns cincoenta e seis com elle.

El-rei partiu d'ahi á meia noite, e foi amanhecer á Gollegã, e ahi comeu e partiu para Santarem, e a rainha, sua mulher, com elle, e ante duas leguas, que chegasse a Santarem, juntaram-se estes que iam com a rainha; não, porém, todos juntos, mas cada um como lhe prazia, e sahiram-no a receber beijando as mãos a elle, e á rainha, offerecendo-se por seus, entre os quaes foi Gonçalo Vasques de Azevedo e João Gonçalves Teixeira, dizendo a el-rei da parte da rainha D. Leonor:

«Que a rainha sua madre se enviava encomendar a elle, e que fosse muito bem vindo, que tempo havia que o desejava vêr em Portugal».

A rainha D. Beatriz, antes que chegasse ás vinhas de Santarem, deteve-se alli um pouco pera se ornar, como lhe cumpria, e porque trazia seus concertos de caminho; e mandou el-rei Pero Fernandes

de Vasconcellos, e Pero Sarmento, que se fossem deante, e que o aguardassem ao chão de Figueira, que é ante a porta do castello, e elles, fizeram-no assim, e Gonçalo Vasques e João Gonçalves tornaram-se pera a rainha.

CAPITULO LXIV

Como se o Mestre tornou de Alemquer pera Lisboa.

O Mestre, que leixámos em Alemquer, trazia enculca com el-rei de Castella, depois que lhe disseram que era na Guarda, por saber as gentes, que com elle vinham e que caminho queria trazer. E ante alguns dias, que chegasse a Santarem, chegou ao Mestre recado como se vinha pera alli direitamente, e que trazia suas gentes espalhadas, e não muito acompanhado. Sómente disse a Nuno Alvares como el-rei de Castella vinha pelo reino, e que seria mui cedo em Santarem, e que lhe parecia que era bem de se tornarem para a cidade pera poer guarda e recado em ella.

Nuno Alvares respondeu a isto dizendo que posto que se elles tornavam pera a cidade, que tambem sabia el-rei de Castella o caminho para vir sobre ella, como elles, que a haviam de defender, mas que seu conselho era, que emquanto el-rei de Castella vinha com pouca gente, ante que se juntasse com elle maior poder, que tivesse enculca com elle, e quando chegasse a termo de Santarem, que lhe sahissem elles de travessa ao caminho, e pe-

lejassem com elle, e assim o poderiam desbaratar, por cujo desbarato adiantaria muito em sua demanda.

E o Mestre disse que lhe parecia bem seu conselho, mas que isso senão podia fazer a seu salvo, por quanto eram alli muito poucos.

E em isto veiu-lhe outro recado que el-rei de Castella havia de ser aquelle dia em Santarem, e o Mestre partiu com suas gentes, e veiu-se pera Lisboa.

CAPITULO LXV

Como el-rei falou á rainha e a levou comsigo ao Mosteiro onde pousava.

Ante alguns dias, que el-rei chegasse a Santarem, mandou diante Pero Carrilho, seu Apozentador mór, para requerer á rainha que lhe mandasse dar pousadas em bairro pera os seus, e ella houve conselho com esses fidalgos e senhores, que com ella estavam, acordaram que el-rei nem os que com elle vinham não pouzassem dentro na villa mas que el-rei pouzasse em um dos Mosteiros que lhe mais prouvesse, e os seus de fóra, como melhor podessem.

O Apozentador, vendo isto, não se tornou porém pera el-rei, mas aguardou alli até que viesse. A villa começou de se vellar melhor que ante não por isso, como se fosse em guerra.

Ora contam alguns que, não embargando que a rainha D. Leonor mandasse chamar a el-rei de

Castella e lhe prouvesse muito de sua vinda, pero, como era mulher sagaz e percebida em tudo, não tinha o coração bem seguro que el-rei teria em seus feitos aquella maneira que ella desejava e queria, e receando muitas cousas, de nenhuma sendo segura, duvidava muito sahir do castello e se poer em poder d'el-rei, receando o que lhe depois aveiu, e não quizera sahir fóra a lhe falar. Mas que se fôra el-rei em tanto pousar em um d'esses mosteiros, e depois accordariam a maneira que tivessem em suas falas, dizendo Martim Gonçalves d'Athayde e Gonçalo Rodrigues de Sousa e outros fidalgos que todavia não se pozesse em poder d'elle, porque poderia ser que a reteria el-rei até que lhe entregasse aquelle logar, e os outros todos que por ella estavam.

E Gonçalo Vasques e João Gonçalves disseram á rainha que o não fizesse por nenhuma guisa, mas pois seus filhos eram e os fizera vir de seu reino, chamados por suas cartas, que a ella seria grande desmesura e cousa de que el-rei teria má suspeita e grande queixume, em não sahir logo a os receber e lhe falar, maiormente que elles entenderam n'elle, quando o foram receber, em que lhe tinha bom desejo e vontade de lhe fazer prazer e honra em toda cousa que podesse.

E dizem que em esto chegou el-rei a Santarem uma terça feira, depois de vespera, 12 dias de janeiro, e a rainha D. Beatriz, sua mulher, a qual vinha em uma mula de sella coberta de dó, e D. Beatriz de Castro e outras donas e donzellas com ella. Com el-rei vinham até cento e oitenta de cavallo, todos armados e lanças alevantadas, e trombetas comsigo, mas logo á tarde vieram muitos. E

descavalgou elle e sua mulher em um grande chão que se faz ante a porta do castello, e todos os fidalgos, donas e donzellas que em sua companhia vinham, estando assim a pé até que o foram dizer á rainha; entonce sahiu ella de mámente, coberta de um grande manto preto, que não parecia o rosto, trazendo-a de braço Vasco Martins de Camões, e poucos com ella. El-rei, como a viu, foi-a logo receber, abraçando-a elle e sua filha; e ella, choromigando, começou logo a dizer a el-rei:

— «Filho Senhor, faço-vos queixume do Mestre d'Aviz, que matou o conde João Fernandes em meus paços, acerca de minhas fraldas, e me deitou fôra de Lisboa, a mim e a quantos eram meus e tinham da minha parte.»

A que el-rei lhe respondeu «que a isso era elle vindo, por lhe fazer todo prazer e honra, e lhe dar vingança de que lhe assim fôra feito.»

E entonce se espediu a rainha d'el-rei e de sua filha, e se quizera tornar pera o castello, o que el-rei leixar quizera, se não fôra Pero Fernandes de Valhasco, que disse, que razoada cousa lhe parecia de a levar comsigo, pois havia tanto tempo que a não vira elle nem sua filha, e que a levassem.

Todavia, sem embargo d'esto, a rainha quizera tornar pera o castello, dizendo a el-rei que pois ainda não estava aposentado, a leixasse ir por em tanto, e que outro dia pela manhã se iria pera elle e pera sua filha.

El-rei disse que todavia se fosse com elle, e tomou-a de braço, de uma parte, e a rainha da outra, e levaram-n'a comsigo pera o mosteiro de S. Domingos, onde el-rei havia de pousar.

Mas pois do começo d'esta obra seguimos poer

desvairadas opiniões, pera cada um reter qual lhe mais prouver, digamos aqui outro razoado que muito em parte descorda d'este; ca um author, que dá testemunho que esteve presente, diz que só ella estava na ponte á porta do castello. Disseram, quando el-rei vinha, e que el-rei e a rainha ambos chegaram juntos e a abraçaram, beijando-lhe sua filha a mão, e que as razões que elles ambos houveram nenhum as não ouviu; e que então a apartou um pouco el-rei da sua filha, e falou mui pouco espaço com ella, sem nenhum ouvindo o que diziam, e entonce a levou pera o mosteiro de S. Domingos.

E assim foi sua partida da villa, e d'outra guisa não, poendo logo guarda, esta noite, de duzentas lanças com el-rei, e assim d'ahi em deante.

CAPITULO LXVI

Como el-rei ordenou de se vir pera a villa, e da maneira como entrou no logar.

As falas e razões que el-rei aquella noite houve com a rainha D. Leonor, sua sogra, nenhum claramente as põem em escripto, salvo quando dizem que el-rei disse «que elle lhe não podia dar vingança do Mestre, nem dos outros que ella queria, nem sujigar villa nem cidade das que tinham voz contra ella, se primeiro não renunciasse a elle e a sua filha o regimento que ella havia no reino, segundo nos tratos era conteudo». E elle a mudou de todo seu proposito e vontade, e determinou de o fazer.

Não valeu, segundo contam alguns authores, o conselho que á rainha deram alguns que d'esto souberam parte, dizendo que não podia enalhear o regimento e senhorio que lhe ficara por morte d'el-rei D. Fernando, indo contra sua postumeira vontade, que por direito era havida por lei; demais, que tal era contra os tratos, os quaes não podiam enadir nem minguar sem consentimento dos prelados e povos do reino, como em elles fazia menção. E ella disse que não havia porque poer duvida em tal cousa: que bem sabiam que el-rei era senhor do reino de Portugal, e a rainha sua filha, e que em tal feito não se podia já mais fazer.

E logo ao outro dia, quarta feira, mandaram chamar um tabellião e foi feita a escriptura, em que renunciou todo o direito do regimento que havia de haver em o reino, e o poz n'elle e em sua filha. E quinta feira, pela manhã, bem cedo, se veiu a rainha pera o castello, e quitou a menagem a Gonçalo de Azevedo, que era d'ahi alcaide-mór. E mandou chamar a João Gomes d'Abreu, cavalleiro, um dos honrados moradores do logar, e disse que, quando fosse a horas de meio dia, que fizesse abrir as portas de Leiria, que estavam fechadas e gaardadas de gentes da villa, e viriam com sua mulher e gentes pousar dentro na villa.

João Gomes respondeu que fosse sua mercê de não querer que el-rei de Castella, nem suas gentes, entrassem no logar; que melhor pouzariam n'esses mosteiros e fóra no arrabalde, onde lhe dariam mantimentos por seus dinheiros, do que lhe poer a villa em poder e se emburilharem todos.

A rainha houve d'esto queixume e disse a João Gomes, como sanhuda:

— « E como não quereis vós que meus filhos entrem dentro na villa? Eu vos digo, se vós não quizerdes, que eu lhe darei entrada pela porta do castello, e sahirá por ess'outra porta. A villa dentro é onde eu tenho ordenado d'elles virem pousar, nas casas de Gonçalo Vasques de Azevedo, e elle irá pousar nas vossas, comvosco».

Respondeu entonce João Gomes, e disse:

— « Senhora, eu dizia isto por bem, e entendo-o por vosso serviço, mas, pois a vós não apraz, eu farei todo o que vós mandardes».

E logo em esse dia, depois de jantar, abriu as portas, e el-rei, como comeu, veiu-se á villa; e vinha em cima de um cavallo, e parte dos seus de béstas armadas e lanças alevantadas, todos deante; e as ruas do castello, até Santo Estevão, onde el-rei havia de pousar, e d'ali até Alcaçova, todas primeiramente foram filhadas, e postos muitos homens d'armas a pé terra em ellas; e mandou a rainha aos judeus que fossem receber seus filhos, com a toura, fóra da villa, e fizeram-n'o assim.

E quando el-rei chegou á porta do castello que sahia contra o Chão da Feira, já ahi estava a rainha, de besta, e tomou-a el-rei de redea, e a rainha sua filha traz ella, á qual levava o infante de Navarra. E el-rei ia armado de umas folhas, e um ramo de cidreira na mão, e entrou pela porta de Erea; e levaram a rua toda de longo, até que chegaram ás pousadas de Gonçalo Vasques de Azevedo, onde havia de pousar, que era junto com a egreja de Santo Estevão d'esse logar; e ficou e rainha dentro nas pousadas, com el-rei.

E logo em esse dia lhe foi entregue o castello e Alcaçova, e foi tirado aquelle que o tinha por Gon-

çalo Vasques, e posto em elle Lopo Fernandes de Padilla, e na Alcaçova pozeram Garcia Odre, ambos irmãos, com oitenta lanças; e havia el-rei sempre em seus paços, de dia e de noite, cincoenta homens d'armas.

CAPITULO LXVII

Da maneira que el-rei teve com os desembargadores da justiça, e como misturou suas armas com as de Portugal.

ESTANDO el-rei assim em Santarem, que é uma das grandes villas que ha no reino de Portugal, e mais abastada de todos os mantimentos, vinham-lhe cada dia grandes capitães, com muitas gentes, de seus reinos, e o Aposentador da rainha, com outros d'el-rei de Castella, repartiram bairro a cada um, segundo quem eram, dentro na villa e pelo arrabalde de fóra; e não escusavam nenhum de pouzarem com elle, salvo a Judaria, em que não pouzavam, por ázo de D. David Negro e de outros judeus de grande estado, alliados á rainha, e tinham os castellãos boa maneira, logo no começo, com os que pouzavam, em o comprar das viandas.

E estavam todos os desembargadores e officiaes da casa, do tempo d'el-rei D. Fernando, com a rainha em Santarem, quando el-rei de Castella chegou, — que se vieram com ella, quando partiu de Lisboa,—assim como Lourençoeannes Fogaça, chan-

çarel-mór, e Gonçalo Pires, seu escrivão, e o doutor Gil Docem, e João Gonçalves, e Fernão Gonçalves e Lopo Esteves de Leiria, todos tres licenceados em leis, Rodrigo Esteves de Lisboa, e Gonçalo Pires, priol d'Ourem, e Gonçalo Eannes, bachareis em direito canonico; e estes e outros livraram todos os feitos de Portugal com grande deliberação e direito. E quando el-rei de Castella chegou não quiz desfazer o modo como estava, e isso mesmo os escrivães e todos os outros, e fez seu procurador Gonçalo Martins, bacharel em degredos, e todos receberam d'elle mantimento de dois mezes, e em seu nome livraram os feitos, como aquelles que entendiam que já tinham o reino por seu.

E andava Gil Eannes, corregedor da côrte, com um alguazil d'el-rei pela villa, que regia no que cumpria, e ouviram alguns feitos entre os castellãos e os portuguezes.

E el-rei de Castella, posto que se já ante chamasse rei de Castella e de Leão e de Portugal e do Algarve, em ali começou de se nomear muito mais claramente. por azo das sentenças dos outros desembargos do reino, alçando pendão de suas armas, com as quinas postas no cabo d'ellas, como já tendes ouvido.

E, como el-rei ali chegou, disse a Lourençoeannes Fogaça, chançarel mór que fôra d'el-rei D. Fernando, que lhe levasse os sellos que tinha, assim chãos como pendentes, pera os mandar desfazer e quebrar, pera fazer outros com as armas e signaes de Castella, e as de Portugal miscradas com ellas, dizendo-lhe que tanto que fossem feitas que logo lh'as entregaria, porque não era seu desejo d'haver outro chançarel no reino, senão elle.

Lourençoeannes cumpriu seu mandado e entregou-lhe os sellos, com mui pouca vontade de os haver de receber, nem ser seu chançarel; e por ter azo de se partir em salvo, — elle e Gonçalo Pires, seu escrivão, — disse um dia a el-rei de Castella:

— «Senhor, eu e Gonçalo Pires, escrivão da vossa chancellaria, não temos aqui nossas mulheres, ca eu tenho a minha em Lisboa e elle tem a sua em Evora. Seja vossa mercê de nos dar licença pera irmos por ellas, assim por sua segurança como por termos azo de vos melhor servir.»

A el-rei prouve de tal requerimento, pensando que fosse como elle dizia, e elles foram-se pera o Mestre, offerecendo-lhe seu serviço; e elle mandou Lourençoeannes a Inglaterra, como tendes ouvido, e depois Gonçalo Pires á cidade do Porto, como adeante contaremos.

O misclar das armas fez el-rei por esta guisa: A redondeza do sello partiu de todo por meio, e na metade estavam as armas direitas de Castella e na outra metade as direitas de Portugal, s.: a barra de longo com meio da redondeza era cercada de castellos, e dentro cinco escudos com as quinas. As lettras que cercavam todo o circulo de redor diziam: *Joannes Dei Gratia Rex Castella et Leonis et Portugalliæ.* E seu dictado nas cartas e em quaesquer escripturas era este: *D. João, por graça de Deus, rei de Castella e de Leão e de Portugal e de Toledo e de Galliza*, e dos outros logares que se costumavam nomear. E com taes sellos e com taes dictados se chamou então e depois por tempo.

E ordenou o conselho de Santarem de darem logo um serviço a el-rei de Castella, e foram-lhe ou-

torgadas pelos homens bons d'esse logar trinta mil libras, as quaes depois houve o Mestre, sendo rei, d'aquelles que d'ellas foram recebedores.

E teve el-rei conselho de fazer moeda em Santarem, e mandou lavrar uns reaes de prata de lei, de sete dinheiros, e corôas e outras moedas de valor pequenas.

E dizem que deu a rainha D. Leonor a el-rei de Castella muitas joias das que ficaram d'el-rei D. Fernando; e lh'as agardeceu, e foram logo á primeira muito d'accordo e bem amigos.

CAPITULO LXVIII

Dos fidalgos e cavalleiros que estavam com el-rei em Santarem, e do que aveiu a Gonçalo Vasques com o soldo que mandou pagar aos seus.

El-rei em Santarem, como dissémos, estavam hi, dos fidalgos do reino, estes senhores e capitães com elle, s.: D. Henrique Manuel, conde de Cêa, que tinha Cintra; e D. Pedralvares Pereira, priol do Esprital; e o conde de Vianna; e Gonçalo Vasques de Azevedo, que tinha Torres Novas; e Gonçalo Pires de Camões, que tinha Alemquer; e João Gonçalves Texeda, que tinha Obidos; e Diogo Alvares, e Fernão Pereira, irmão do dito priol do Crato; e Vasco Martins da Cunha, e Martim Vasques e Gil Vasques, e Vasco Martins, seus filhos; e Vasco Martins de Mello, e João Affonso Pimentel, e João Rodrigues Portocarrero, e Mar-

tim Gonçalves de Athayde e Affonso Gomes da Silva e Martins Affonso de Mello e Vasco Martins, seu irmão, e seus filhos d'estes, e Fernão Gil de Sousa e Gonçalo Rodrigues de Sousa. E pelo reino outros muitos e bons cavalleiros, que tinham grandes e boas fortalezas, com que obedeciam a seu mandado.

E d'estes senhores fidalgos que ali chegaram a Santarem mandou el-rei a alguns que se tornassem pera seus logares, e outros ficaram em sua companhia, onde sabei que todos os senhores e fidalgos que ali ficaram, e os que se tornaram pera os castellos que lhe já tinham offerecidos, a todos el-rei desembargava soldo pera certas lanças com que o houvessem de servir; entre os quaes desembargou a Gonçalo Vasques de Azevedo soldo pera cem lanças.

Gonçalo Vasques trazia grande casa, e era acompanhado de muitos e bons escudeiros, que com elle viviam, assim como Rodrigo Eannes de Buarcos, e Vasco Rodrigues Leitão e João Rodrigues da Motta e outros similhantes de boa conta. Um dia, foi elle ao paço e leixou dito ao seu veador que désse o soldo a todos os seus, segundo tinha ordenado, e elle poz tres montes de dinheiro em cima de uma meza, um de florins e outro de reaes de prata e outro de moeda corrente; e, quando requereu aos escudeiros que o tomassem, nenhum foi que o quizesse receber, mas tomavam os florins na mão e tornaram-n'os a seu logar, rindo-se d'elles.

Gonçalo Vasques, a hora de ceia, tornou pera a pousada, e quando viu os dinheiros estar d'aquella guisa não soube que cuidar, e perguntou ao seu veador porque os não dera, como elle mandara.

— « Sabei, disse elle, que todos convidei com elles, e não houve nenhum que os quizesse receber».

Gonçalo Vasques esteve um pouco quedo, suspeitando porque o faziam, e disse que os guardassem d'ali, que lhe pozessem a meza. E entonce os chamou todos a de parte, e disse:

— « Espantado sou de vós serdes todos homens a que eu tal desejo tenho, assim de accrescentar em vossas honras como de encaminhar vossos feitos com el-rei, meu senhor, por onde quer que eu possa, e não quererdes vós tomar seu soldo pera o haverdes de servir em minha companhia! Em verdade, eu tinha de vós tal intenção que, não digo eu com el-rei de Castella, que é um senhor que todos somos teudos de servir, mas ainda que eu me tornara mouro e me fôra pera Granada, pera lá viver pera sempre, que vós vos tornáreis mouros commigo, e servireis em quaesquer cousas que de minha honra foram; e ora parece-me que era enganado comvosco, porque d'esto vejo muito o contrario. E, pois que assim é, rogo-vos que me digaes porque o fazeis?»

E elles, todos calando, respondeu Vasco Rodrigues e disse:

— « Digo-vos, pois estes calam e nenhum não fala, que eu quero falar por mim e por elles. Sabei que elles, nem eu, não temos vontade, por nenhuma guisa, de tomarmos soldo d'el-rei de Castella, nem vosso, pera o haver de servir, e antes nos partiremos todos de vós que havemos de tomar seu soldo, nem sermos seus. Mas se vós quizerdes ter a tenção do Mestre e de Lisboa digo-vos que não haveis mister ouro nem prata, nem outros dinheiros que nos deis, mas todos de boa vontade dispende-

remos os corpos e vidas por vos servir e morrer comvosco onde quer que vós fordes. E esta é a nossa final intenção, da qual nos não hemos de desviar; e se vos alguem disser o contrario sabei que vos mente, e não o creiaes nem fieis, nem de mim tão pouco, posto que vol-o diga».

Gonçalo Vasques, quando esto ouviu, ficou espantado, e disse que, pois assim era, que elle não entendia de os prender nem forçar, mas que elle encaminharia de geito que isso não viesse mais á praça. Entonce houve com el-rei que se fosse pera Torres Novas, e ali esteve por guarda do logar, e assim se foi.

E elles, vendo que seu desejo era de servir a el-rei e ter sua intenção, partiram-se d'elle poucos e poucos e foram-se a Buarcos, pera Alvaro Gonçalves, seu filho, que tinha a voz do Mestre; e metteram-se na frota do Porto, quando depois veiu a Lisboa, como adeante diremos.

CAPITULO LXIX

Dos logares que tomaram voz por Castella em todas as comarcas do reino.

Pois que dissemos parte dos senhores e fidalgos que se vieram pera el-rei de Castella, convém que digâmos dos logares que tomaram sua voz e lhe obedeceram, por verdes como teve grão parte do reino a seu mandar por todas as comarcas d'elle; não, porém, que os povos morado-

res dos logares lh'os dessem, nem lhe obedecessem, por seu grado, mas os alcaides e os melhores de cada um logar lh'os offereciam e tomavam sua voz, e a faziam tomar aos pequenos por força, assim como fez Lopo Gomes de Lira, em Braga, que se chamava «meirinho por el-rei de Castella», que, por prisão que fez aos moradores do logar e ás pessoas ecclesiasticas do cabido da Sé, lhes fez que fizessem menagem ao arcebispo de S. Thiago, em nome d'el-rei de Castella, e que tivessem sua voz e lhe obedecessem como a seu senhor, porque o dito Lopo Gomes entrou na cidade contra vontade do concelho e do cabido, e fez assim entrar ao arcebispo de S. Thiago, e outras companhas de Galliza com elle.

Entonce Lopo Gomes mandou deitar pregão pela cidade que todos os moradores d'ella fossem logo á crasta da Sé, assim ecclesiasticos como leigos, pera fazer menagem ao dito rei de Castella e sua mulher, que houvessem por senhores e fizessem por elles paz e guerra; e aquelles que o não quizessem fazer que os degradava dos senhorios de Portugal, e que perdessem os bens que tinham.

E além d'isto, eram sujigados do castello que estava sobre a dita cidade, de que era alcaide Vasco Lourenço, irmão do dito Lopo Gomes, mandava que seriam destruidos, e elles todos, com temor, que fizeram entonce o que elle quiz.

E por esta guisa e outras similhantes se davam os povos a el-rei de Castella, mas não de vontade.

Onde cuidae que, sendo soada sua partida de Castella pera vir a Portugal, que voz de grande espanto foi ouvida em todo o reino, quando as gentes certificadas que el-rei de Castella queria entrar

em elle, vendo que tal entrada não podia ser sem grande escandalo e discordia, a qual punha os humanos entendimentos em opiniões de muitas guisas, e em tanto que, posto que o amor da terra e natural affeição constrangesse a muitos fidalgos e alcaides de castellos a ter por Portugal antes que por Castella, outros porém havia hi taes que, usando de cobiça, misturada com tenção maliciosa, e d'elles com temor e arreceio de cada um perder sua honra, e por cobrar outra maior do que tinham, lhe fez de todo escolher o contrario por tal modo, que foi o reino diviso em si e partido em duas partes, em que não poucos logares e fidalgos tomaram a voz de Castella, obedecendo a seu mandado.

Assim que pelas comarcas do reino estavam por elle estas fortalezas, s.: na Extremadura: Santarem, Torres Novas, Ourem, Montemór-o-Velho, Leiria, Castello da Feira, Penella, Obidos, Torres Vedras, Alemquer, Cintra; em Entre Tejo e Guadiana: Arronches, Alegrete, Castello de Vide, Crato, Amieira, Monforte, Campo Maior, Olivença, Villa Viçosa, Portel, Moura, Nondar, Mertola, Almada; Entre Douro e Minho: Lanhoso, Braga, Guimarães, Valença, Melgaço, Ponte de Lima, Villa Nova de Cerveira, Caminha, Vianna, Castello de Neiva; em Traz-os-Montes: Bragança, Vinhaes, Chaves, Monforte de Rio Livre, Montalegre, Mogadouro, Mirandella, Alfandega, Lamas de Orelhão, Villa Real de Panoias; na Beira: Castel Rodrigo, Almeida, Sabugal, Monsanto, Peramanca, Guarda, Covilhã, Celorico, Linhares.

Estes cincoenta e quatro logares, e outros mais que dizer não curamos, teve el-rei a seu mandar quando veiu, e antes que entrasse no reino. E pos-

to que os ricos e poderosos, e assim alcaides de castellos, como outros fidalgos, tivessem voz por el-rei de Castella, os povos, porém, todos em seus corações eram contra elle e contra a rainha, em guisa que, assim como dizemos, se alevantaram muitos homens em alguns logares, e tomaram os castellos aos alcaides d'elles, e alçavam voz pelo Mestre d'Aviz, escrevendo-lhe que queriam ser seus e o ajudarem com os corpos e haveres, assim como tomaram Evora a Alvaro Mendes d'Oliveira, e Extremoz a Joanne Mendes de Vasconcellos, e Beja e outros logares que ouvistes.

E áquellas villas que tinham voz por Castella mandava el-rei gentes d'armas quantas haviam mister, de guisa que o alcaide com ellas, e com seus creados e amigos, as podessem defender como cumpria, ca dos que moravam nos logares não eram os alcaides muito seguros, por as coisas que viam acontecer. E d'estas fortalezas que tinham voz por Castella sahiam os alcaides portuguezes a fazer grandes roubos e cavalgadas nos termos das que tinham voz pelo Mestre, prendendo e roubando e matando em elles, como se lh'o devessem por contrairos merecimentos.

Assim que os que deviam ser seus defensores e os livrar das mãos dos inimigos aquelles matavam e perseguiam, usando contra elles de toda crueldade. Oh! Que forte cousa e mortal guerra! Vêr uns por trigosos, querer destruir os outros, e aquelles que um ventre gerou e uma terra deu creamento desejarem de se matar de vontade, e espargir o sangue de seus dividos e parentes!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDEX

Pag.

Capitulo I. — Razões em prologo do author d'esta obra, ante que fale dos feitos do Mestre 15

Capitulo II. — Como o conde houvera de ser morto por vezes, e nenhuma houve azo de se acabar..... 18

Capitulo III. — Como alguns ordenaram de o conde ser morto, e porque azo se não fez..... 21

Capitulo IV. — Como el-rei mandava matar o conde João Fernandes, e porque se leixou de fazer..... 23

Capitulo V. — Como o conde João Fernandes houvera de ser morto, e porque azo se desviou sua morte.... 26

Capitulo VI. — Como se azou a morte do conde João Fernandes: e quem fallou em ello primeiro..... 28

Capitulo VII. — Como Alvaro Paes fallou com o Mestre sobre a morte do conde João Fernandes, e do accordo em que ambos ficaram..... 31

Capitulo VIII. — Como o conde João Fernandes veiu ao sahimento d'el-rei e o Mestre foi ordenado por Fronteiro em Riba d'Odiana..... 33

Capitulo IX. — Como foi ordenada a morte do conde João Fernandes, e como o Mestre partiu de Lisboa, sem levando intenção de o matar..... 36

Capitulo X. — Como o Mestre tornou a Lisboa e de que guisa matou ao conde João Fernandes..... 39

Capitulo XI — Do que a rainha disse por a morte do conde, e d'outras cousas que hi avieram..... 44

Capitulo XII. — Do alvoroço que foi na cidade, cuidando que matavam o Mestre, e como alá foi Alvaro Paes e muitas gentes com elle..... 46

Capitulo XIII. — Como o bispo de Lisboa e outros foram mortos e lançados da torre da Sé a fundo..... 50

Capitulo XIV. — Como o Mestre, depois que comeu, foi pedir perdão á rainha, e das rasões que foram faladas. 55

Capitulo XV. — Como os da cidade quizeram roubar os judeus, e o Mestre os defendeu, que lhe não foi feito. 59

Capitulo XVI. — Que maneira tinha a rainha D. Leonor com o Mestre e alguns outros a que não tinha bom desejo..... 62

Capitulo XVII. — Como a rainha partiu de Lisboa pera Alemquer, e que maneira teve em sua partida..... 64

PAG.

CAPITULO XVIII—XIX. — Como o Mestre guisava pera se ir pera Inglaterra e como pediu perdão a Vasco Porcalho..... 66

CAPITULO XX. — Por quaes rasões os da cidade disseram ao mestre que ficasse no reino, e o tomariam por senhor..... 68

CAPITULO XXI. — Das razões, que os da cidade diziam ao Mestre, porque se não devia de partir..... 70

CAPITULO XXII. — Da maneira que a rainha ordenou pera matar o Mestre, quando soube que queria partir-se pera Inglaterra..... 72

CAPITULO XXIII. — Das razões que Alvaro Vasques houve com o Mestre sobre sua partida pera Inglaterra. 74

CAPITULO XXIV. — Como Fr. João da Barroca veiu a Lisboa, e da maneira de seu viver..... 76

CAPITULO XXV. — Como o Mestre fallou com Fr. João da Barroca, e da resposta que lhe elle disse..... 79

CAPITULO XXVI. — Como foi accordado de enviar á rainha commetter casamento com o Mestre, e segurança pera os da cidade..... 81

CAPITULO XXVII. — Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e de fensor do reino, e do que foi falado na camara da cidade sobre sua ficada d'elle..... 84

CAPITULO XXVIII. — Como o Mestre tomou officiaes pera sua casa, e que dictado ordenou de se pôrem nas cartas..... 88

CAPITULO XXIX. — Como o infante D. João soube que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do reino, e a maneira que em ello teve..... 91

CAPITULO XXX. — Do recado que a rainha mandou a Gonçalo Vasques d'Azevedo ante que partisse pera Santarem, e das razões que disse aos do logar..... 93

CAPITULO XXXI. — Como a rainha partiu de Alemquer pera Santarem, e das razões que disse aos do logar ante que partisse..... 96

CAPITULO XXXII. — Razões do auctor d'esta obra, ante que fale de Nuno Alvares..... 98

CAPITULO XXXIII. — De que linhagem descendeu este Nuno Alvares e quem foi seu padre..... 101

CAPITULO XXXIV. — Como Nuno Alvares foi trazido á côrte d'el-rei D. Fernando, e como tomou as primeiras armas da rainha D. Leonor..... 103

PAG.

CAPITULO XXXV. — Como o priol commetteu a seu filho que quizesse casar, e como em ello consentiu e casou com D. Leonor d'Alvim..... 105
CAPITULO XXXVI. — Como Nuno Alvares partiu pera sua casa, e da maneira do seu viver..... 108
CAPITULO XXXVII. — Como Nuno Alvares soube que o conde João Fernandes era morto, e das razões que houve com seu irmão sobre ello..... 110
CAPITULO XXXVIII. — Como Nuno Alvares descobriu aos seus que se queria ir a Lisboa, pera serviro Mestre. 113
CAPITULO XXXIX. — Como Nuno Alvares chegou a Lisboa, e das razões que disse ao Mestre..... 115
CAPITULO XL. — Como sua madre de Nune Alvares vinha pera torvar seu filho do serviço do Mestre, e do que sobre ello aveiu..... 117
CAPITULO XLI. — Como o Mestre falou com os do seu conselho sobre sua ficada ou partida do reino..... 119
CAPITULO XLII. — Como o Mestre quizera combater o castello e como o cobrou sem combate..... 121
CAPITULO XLIII. — Como foi tomado o castello de Beja e morto o almirante Mice Lançarote..... 126
CAPITULO XLIV. — Como o castello de Portalegre e Extremoz foram tomados..... 130
CAPITULO XLV. — Como o Alcaide de Evora quizera ter voz por a rainha, e foi tomado o castello pelos da cidade..... 133
CAPITULO XLVI. — Como os da cidade se levantaram contra a abadessa, e do geito que tiveram em a tomar 135
CAPITULO XLVII. — Como foi lançada voz pelo Mestre na cidade do Porto, e da maneira que o povo em ello teve..... 138
CAPITULO XLVIII. — Porque razão enviou o Mestre embaixadores a Inglaterra, e da resposta que lhe de lá veiu..... 141
CAPITULO XLIX. — Como a cidade de Lisboa deu um serviço ao Mestre pera ajuda de fazer moeda..... 146
CAPITULO L. — Como o Mestre ordenou de fazer moeda e de que liga e talho foi feita..... 148
CAPITULO LI. — Como o Mestre deu logar a alguns que lavrassem moeda, e poz mantimento a muitas pessoas. 150
CAPITULO LII. — Como os de villa de Almada tomaram voz pelo Mestre, e como foi sobre Alemquer..... 152

PAG.

CAPITULO LIII. — Como el-rei de Castella mandou prender o conde D. Affonso, seu irmão..... 155
CAPITULO LIV. — Como el-rei de Castella mandou prender o infante D. João de Portugal..... 156
CAPITULO LV. — Como el-rei fez em Toledo exequias por el-rei D. Fernando, e da maneira que em ellas teve..... 158
CAPITULO LVI. — Do que aconteceu quando alçaram pendão por el-rei de Castella..... 160
CAPITULO LVII — Como el-rei teve conselho se era bem entrar em Portugal e como determinou de o fazer 162
CAPITULO LVIII — Como o bispo da Guarda disse a el-rei que lhe daria a cidade, e como el-rei determinou em toda guisa de entrar no reino..... 166
CAPITULO LIX — Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e de alguns fidalgos que se vieram pera elle... 168
CAPITULO LX — Das razões que Beatriz Gonçalves disse a seu filho por não dar os castellos que tinha a el-rei 171
CAPITULO LXI — Do recado que mandou a rainha D. Leonor a alguns concelhos depois da morte do conde João Fernandes..... 173
CAPITULO LXII — Como a rainha escreveu a el-rei de Castella que entrasse no reino, e a tenção porque o fez..... 174
CAPITULO LXIII — Como el-rei de Castella seguiu seu caminho e chegou a Santarem..... 177
CAPITULO LXIV — Como se o Mestre tornou de Alemquer pera Lisboa..... 179
CAPITULO LXV — Como el-rei falou á rainha e a levou comsigo ao Mosteiro onde pousava..... 180
CAPITULO LXVI — Como el-rei ordenou de se vir pera a villa, e da maneira como entrou no logar..... 183
CAPITULO LXVII — Da maneira que el-rei teve com os desembargadores da justiça, e como misturou suas armas com as de Portugal..... 186
CAPITULO LXVIII. — Dos fidalgos e cavalleiros que estavam com el-rei em Santarem, e do que aveiu a Gonçalo Vasques com o soldo que mandou pagar aos seus..... 189
CAPITULO LXIX. — Dos logares que tomaram voz por Castella em todas as comarcas do reino..... 192

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA

1897

CAPITULO LXX

Como foram filhados os navios de pescado que vinham de Galliza.

COMEÇANDO-SE esta nova guerra entre portuguezes e com portuguezes, além da que haviam com castellãos, estando o Mestre em Lisboa, como dissemos, uma segunda feira pela manhã, 1.º dia de fevereiro da sobredita era, pareceu pela foz, na entrada do rio, uma galé de Castella e cinco baxins e uma grande nau, com tempo contrairo. Pousaram os baxins áquem de Restello mais de uma legua, entre Oeiras e Santa Catharina, grande espaço os baxins.

O Mestre soube parte como alguns d'estes navios eram de Galliza, carregados de farinha e mantimentos, que vinham pera a frota dos castellãos, cuidando que jazia já sobre a cidade; outros iam carregados de pescados seccos, pera Aragão. E, sendo certo que todos eram de seus imigos, fez logo fazer prestes duas galés e duas naus e tres barcas,

e foram prestes fornecidos d'armas e companhas em dois dias.

E estes navios que assim pousaram não pensaram receber damno dos da cidade, tendo que o cuidado de se perceberem do cerco que esperavam era tão grande que este lhe dava assaz que cuidar, e não ter d'outras cousas sentido. E foi assim que ante manhã se velarem as naus e barcas dos portuguezes contra aquelles navios. A galé de Castella, como viu as galés e as outras velas ir d'aquella maneira deixou as ancoras e fugiu e foi-se, e os navios foram filhados todos e trazidos ante a cidade, sem mais pelejarem, que lhe não cumpria.

A nau de duzentos toneis, nova e bem fornecida, de um judeu que chamavam D. David da Cunha, quando viu o que se fazia, desferiu, posto que tempo azado não houvesse, não quiz sahir pela carreira de Alcaçova e metteu vela contra vento quanto poude. As galés iam a geito da terra, e uma nau e duas barcas as seguiam, sendo no mar grande levadia por o vento, que era forçoso. E porque levara grande espaço ante ellas já desesperavam de a alcançar.

O Mestre estava em seus paços e muitos da cidade com elle, olhando, e quando viu a grande avantage que a nau de Galliza levava ante as suas disse aos que eram presente: «Sahir-se aquella! E elle em dizendo aquellas palavras, o lais da verga, que são até tres braças de uma das partes, aconteceu de quebrar, por cujo azo lhe foi forçado amainar. E d'esta guiza a cobraram os portuguezes, sem mais peleja nem ferida que alguem houvesse.

Grande foi o prazer que o Mestre e todos houveram por este bom aquecimento, maiormente em

tempo que lhe tanto fazia mister, ca em estes navios foi achado muito pescado secco de pescadas, congros e polvos, sardinhas de fumo e de pilha, e muita farinha e outros mantimentos.

Onde sabei que, não embargando que geral officio fosse a todos prover e azar qualquer commum proveito que cada um sentia pera a cidade, que d'elles houve hi, porém, taes de que se assenhoreou tanto a cobiça, que ligeiramente lhe fez outhorgar nos corações requerer e demandar ao Mestre que lhe vendesse aquelle pescado, pera o levarem fóra do reino, pelo grande ganho que n'elle sentiam, mostrando que era muito seu serviço e proveito, com uma apparencia de palavras todas imigas da prol communal.

O Mestre, em que não fallecia mas antes eram em elle avondoza discrição e juizo, disse que nenhum lhe fallasse em tal cousa, ca elle entendia que se lhe encaminhara aquello por dar a todos boa quaresma, que se então chegava, e que aquelles moradores que lhe por cobiça de ganho requerimento faziam, bem mostravam que pouco sabiam do bem do povo e de sua defensão, em tempo que o mister tanto haviam pera seu mantimento e outras necessidades.

E assim foi que com aquelle pescado foi a cidade farta, e em boa avondança, e pagava aos fidalgo ás outras gentes o soldo em elle, de que a el-rei de Castella muito desaprouve quando o soube em Santarem.

CAPTULO LXXI

Como o conde de Mayorcas mandou desafiar o Mestre, e como Nuno Alvares respondeu a elle.

Entre os senhores que com el-rei vinham, era um d'elles o conde de Mayorcas, D. Pedralvarez de Lara, filho bastardo de D. João Nunes de Lara. Este era um mui grande homem d'armas, e mui afamado cavalleiro e bem ardido.

E ora aqui dizem alguns, contando os feitos de Nuno Alvares em seu louvor, que estando elle com o Mestre em Lisboa, e ouvindo a fama d'este conde e quanto era pera muito, cuidou de o mandar requestar, pera se matar com elle trinta por trinta, e que pedira licença ao Mestre, lembrando-lhe as razões porque se a ello movia; e que o Mestre lh'o outhorgou, e que Nuno Alvares mandou desafiar o conde e elle recebeu sua requesta e que foi assignado o logar e dia, e prestes Nuno Alvares pera ello; e que vendo o Mestre, depois de feito, os trabalhos que se recresciam, que lhe defendeu que o não fizesse, e portanto se não poz sua requesta em obra.

Mas outro historiador, cujo falamento nos parece mais arrazoado, conta esta historia muito d'outra guisa, e de seu escrever nos praz mais: dizendo que um Jogral que chamavam Anequim, que viveu com el-rei D. Fernando e ficara com a rainha D. Leonor, ia muitas vezes ás casas onde el-rei de Castella pousava; e tinha de costume chamar compadre

a qualquer que conhecia, e assim chamavam os outros a elle; e, como tinha em usança d'andar por casa dos senhores, disse um dia que queria ir a Lisboa, por vêr o Mestre d'Aviz e folgar com elle.

O conde de Mayorcas, quando isto ouviu, chamou-o entonce e disse-lhe:

— «Compadre, dizem-me que te vaes a Lisboa.»

— «Sím, disse elle, lá quero chegar para vêr o Mestre».

— «Pois rogo-te, disse o conde, que me faças esta graça: que digas ao Mestre que, se elle nega que não faz treição e maldade em alvoroçar este reino e se querer assenhorear d'elle, o qual de direito o é de meu senhor el-rei e de sua mulher, que eu lhe porei o corpo sobre ello e lh'o farei conhecer. E rogo-te que lh'o digas todavia.»

Anequim disse que lhe promettia de lh'o dizer, e de lhe trazer a resposta.

E foi assim que elle chegou a Lisboa, e falando ao Mestre disse-lhe esta embaixada do conde; e, acabando elle de dizer, Nuno Alvares, que presente estava, antes que o Mestre nenhuma cousa falasse, respondeu a Anequim e disse:

— «Meu senhor e Mestre não é razão que lhe ponha o corpo, mas sobre essa tenção que elle diz eu lh'o quero poer de mui boamente. E se elle negar que o Mestre meu senhor, e nós outros portuguezes com elle, não fazemos justa guerra por defensão de nossos corpos e haveres, e que el-rei de Castella, mal e como não deve, entrou em este reino antes do tempo que deve, britando os trautos que era teudo de guardar por a qual razão perdeu em elle todo quanto direito tinha, e que por isso o

reino pertence ao Mestre meu senhor, que aqui está, como filho d'el-rei D. Pedro que é, que eu me porei sobre ello e lh'o farei conhecer, quer um por um, ou dois por dois, ou quantos elle quizer. E rogo-te que assim lh'o digas.»

E falaram entonce em outras coisas, e d'ahi a poucos dias partiu Anequim pera Santarem, e o conde lhe perguntou se dissera sua intenção ao Mestre; e elle disse que sim, e a resposta que Nuno Alvares dera a ella.

— «Quem é esse Nuno Alvares?, disse o conde.

— «Senhor, disse elle, um irmão de D. Pedralvares, priol do Crato.»

— «Não sei, disse o conde, que homem é, nem conheço nem curo d'outrem senão da pessoa do Mestre, nem porei o corpo senão a elle; que quanto aos padres, da linhagem dos reis vimos, e da parte da madre ambos somos bastardos; pois, se m'o elle poer não quer, por outrem não entendo entrar em campo, nem lhe poer o corpo sobre esto.

Em este comenos, provendo o Mestre o que cedo esperava de ser, como el-rei de Castella foi em Santarem e elle se partiu de Alemquer pera Lisboa, mandou recolher pera a cidade todos os moradores do campo, com os mantimentos que levar podessem; e elles, trigosamente, com receio dos castellãos, que lhe diziam que já corriam a terra, partiram-se com as mulheres e filhos, e com os gados e bestas e cousas que levar podiam, e vinham-se pera Lisboa; e outros se passavam além do rio, a Riba-Tejo, por buscar segurança a sua vida, segundo cada um melhor entendia. Oh! que dorida cousa era de esguardar vêr, de dia e de noite, tan-

tos homens e mulheres vir a manadas pera a cidade, com os filhos nos braços e pela mão, e os paes com outros ao pescoço, e suas bestas carregadas de alfaias e cousas que trazer podiam!

E assim se recolhiam de todo o termo pera a cidade todos os moradores de redor, antes que el-rei de Castella viesse.

CAPITULO LXXII

Como Nuno Alvares foi atravez de Cintra, á forragem, e alguns capitães de Castella chegaram ao Lumiar.

Porque entendia que umas cousas que lhe mui necessarias eram, pois cercado havia de ser, era avondança de mantimentos, ordenou, antes que el-rei de Castella viesse, de mandar gentes á forragem, aos logares que não tinham sua voz, por abastecer a cidade de viandas o mais que se fazer podesse, e mandou a Nuno Alvares que se fosse, pera trazerem de seu termo alguns mantimentos, e com elle até trezentas lanças de escudeiros e cidadãos e poucos homens de pé, estando entonce em Cintra o conde D. Henrique, e gentes com que a bem podia defender, que tinham voz por el-rei de Castella.

Correu Nuno Alvares a terra toda, sem achar nenhum que o torvasse, e apanhou muitos mantimentos de gados e trigo e outras cousas de comer, de que carregavam assaz azemolas, de que já iam

percebidos pera isso; e nenhum sahiu do logar fóra, que trabalhasse de lh'o tolher.

A el-rei de Castella, que em Santarem estava, havia muito pouco que viera D. Pedro Fernandez Cabeça de Vacca, mestre de S. Thiago, e Pedro Fernandes Valhasco, seu camareiro-mór, e Pedro Rodriguez Sarmento, adeantado-mór de Galliza; e com elles mandou mil lanças de bons homens d'armas, que chegassem até começo de Lisboa, pera fazer começo de cerco, e não consentissem aos da cidade que se estendessem pela terra a fazer damno nenhum.

E, na noite seguinte que Nuno Alvares partiu de Cintra com sua cavalgada, chegou recado que aquellas gentes estavam em Alemquer e queriam vir sobre elle, pela qual razão se partiram logo alguns de sua companhia e se vieram á cidade; e os que ficaram, no dia seguinte, lhe diziam que se partisse á pressa e não attendesse ali aquellas gentes. Mas Nuno Alvares não o quiz assim fazer, nem curou de quanto diziam, e veiu-se muito passo e de vagar com sua cavalgada, e no caminho, muito contra vontade de todos, aguardou até meio dia se vinham os castellãos, pera lhe poer a praça.

O Mestre em Lisboa estava quando soube d'esto parte; mandou-lhe em ajuda Ruy Pereira, tio de Nuno Alvares, com cento e cincoenta lanças, e depois que foi tarde, vendo que os castellãos não vinham a elles, vieram-se pera a cidade com tudo aquello que traziam, e foram do Mestre muito bem recebidos.

Aquelles capitães de Castella, que dissemos, vinham com suas gentes pera encalçar Nuno Alvares e lhe tomar a preza que fizera, e porque havia um

dia que Nuno Alvares era na cidade, pozeram-se no Lumiar e pelas aldeias de redor, sem irem mais por deante. E foi isto aos oito dias do mez de fevereiro já nomeado.

CAPITUO LXXIII

Como o Mestre teve ordenado d'ir a Santarem pelejar com el-rei de Castella, e porque aẓo se não fez.

Já dissemos como el-rei de Castella, quando veiu a Santarem, foram aposentados todos os seus pela villa, com pessoas grandes e means e de pequena condição, em guisa que não havia nenhum no logar com que não pouzassem; e logo no começo do seu aposentamento começaram de ter boa maneira com os hospedes. Depois por dias, começaram de se assenhorear d'elles, fazendo lhe tantas sem razões e desmesuras que todos se tinham por aggravados, cá elles filhavam a seus donos o que tinham, e tiravam dois e tres visinhos de suas casas e faziam-n'os pousar em outra parte e colher todos em uma casa; e não lhe leixavam tirar nenhuma cousa, nem roupa de cama pera dormir, salvo a que traziam vestida.

Outros lançavam fóra de casa, e ficavam elles com a mulher e dormiam-lhe com ella, e outros o faziam perante os seus olhos, mal que lhe pezasse, dizendo que quanto tinham tudo era seu e d'elles nenhuma cousa; e doestando-os de torpes e más

palavras, dizendo-lhe assaz deshonras e lastimas; e se algum queria falar ou responder logo mostravam que o queriam matar.

E a outros ligavam de pés e mãos, e assim os tinham toda a noite; e outros não ousavam de sahir fóra de suas casas, pera nenhum logar, sem alvará; d'outra guisa, logo eram presos e maltratados, em tanto, que muitos desamparavam quanto tinham e fugiam pera Lisboa e pera os outros logares.

E foi isto em tanto que alguns d'ahi de Santarem, e outros portuguezes que com el-rei de Castella estavam enviaram por vezes a Lisboa, ao Mestre, que fosse lá em barcas pera pelejar com el-rei de Castella, e que elles o ajudariam. E esta cousa falou o Mestre primeiro com Nuno Alvares, e depois com os outros do concelho, e todos accordaram que era bem entremetter-se n'ello.

E, querendo-se o Mestre trabalhar de o poer em obra, houve depois concelho de o não fazer, nem ir a tal logar em barcas, que são navios que não podem levar senão pouca gente, onde cumpria levar muita; e, mais, que as barcas não chegariam mais longe senão até Muge, que são duas leguas do logar, por a agua do Tejo que era muito pouca, e não podia mais acima ir.

E a maior duvida d'este feito era se aquelles recados que vinham eram verdadeiros, achados por parte d'el-rei de Castella para matar ou prender o Mestre e todos aquelles que em sua companhia fossem; e porém cessou de se não fazer.

CAPITULO LXXIV

Como a rainha escreveu ao conde D. Gonçalo, seu irmão, que désse Coimbra a el-rei de Castella.

A rainha, logo no começo, sendo d'accordo com el-rei de Castella, fez-lhe entender que ligeiramente podia haver e cobrar todos os logares que no reino havia, cá os maiores da terra eram seus devidos e de sua mulher, e todos os outros, que villas e castellos tinham, a elle obrigados por creação e bemfeitoria; e, posto que alguns de mau recado alçassem voz contra elle, mostrando que o não queriam, que não curasse da doudice de taes, cá eram sandeus e seguidores de sandia opinião, fundada em vã esperança. E que ella escreveria ao conde D. Gonçalo, seu irmão, e a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, seu tio, que estavam em Coimbra, que era um dos principaes logares do reino, e que logo tomariam sua voz e lhe daria a cidade, posto que o não sahissem a receber quando elle por ahi passara; e que ella chegaria lá com elle, se cumprisse, e assim a cada um dos outros logares, quando pozessem duvida de lh'os entregar.

Onde, segundo achamos escripto, o conde D. Gonçalo, antes d'isso, viera ao Porto fazer sahimento por el-rei D. Fernando, e a rainha lhe escreveu que se viesse a Coimbra, e os homens bons da cidade que o recebessem bem e lhe fizessem toda a honra. No castello, estava por alcaide Gonçalo Mendes, tio do conde e da rainha, a que muito prouve com sua

vinda; e dizem que pousando elle na villa lhe fez promettimento seu tio que elle não désse o castello, nem elle a villa, a nenhuma pessoa, sem consentimento de ambos; e d'esta guiza estava o logar.

E depois que o conde hi foi vieram-se pera elle João Rodrigues Pereira e João Gomes da Silva e Alvaro Gonçalves Camello, que depois foi priol do Hospital, e Nuno Viegas e Nuno Fernandes de Marques e Nuno Fernandes de Penacova e Pero Gomes de Seabra e Martim Correia e outros. Assim que tinham hi comsigo trezentas e cincoenta lanças, e estava bem seguro muito á sua vontade.

E quando a rainha falou a el-rei, assim como já dissemos, disse-lhe elle que escrevesse a seu irmão e a Gonçalo Mendes, que houvessem por bem de lhe darem a cidade e tomar sua voz, e que elle lhe faria por ello muitas mercês. E a carta que lhe enviou foi d'esta guisa:

Carta da rainha D. Leonar a seu irmão D. Gonçalo

«Irmão amigo, que eu muito amo. Creio que bem sabeis como eu, renunciando o regimento d'este reino e posto em el-rei de Castella, meu filho, entendo que fiz em ello o que devia, porque bem vêdes vós que d'outra guisa não podia minha filha cobrar esta terra e haver o senhorio d'ella, segundo concerto que estas cousas levam. Porque eu sei que Gonçalo Mendes, vosso tio, posto que me d'essa cidade tenha feito menagem, não a póde dar se vós não quizerdes, porém vos rogo, como irmão e amigo em que hei grande fiuza, que vos praza de tomardes voz por el-rei de Castella, vosso cunhado,

recebendo-o por senhor; e fareis em ello o que deveis por minha honra e vossa, e elle vol-o agalardoará com muitas mercês e vos porá em maior estado, cá não cumpria a mim nem a vós cobrar o Mestre d'Aviz, pera nossa linhagem ser deshonrada por elle».

Escreveu outrosim a Gonçalo Mendes, dizendo que bem sabia a honra e accrescentamento que ella em elle fizera, em como tinha aquelle castello da sua mão, de que lhe havia feito menagem; e porém lhe rogava que, sem outra contenda, tomasse voz por el rei de Castella, seu filho, que lh'o entregasse, e que em esto faria o que devia e a elle grande prazer e serviço; e que fosse bem certo que lh'o agalardoaria em muitas mercês, melhor do que elle podia cuidar.

CAPITULO LXXV

Do que aveiu a alguns da cidade, que sahiram fóra a pelejar com os castellãos.

EMQUANTO estes recados foram a Coimbra, fez partir o mestre de S. Thiago e Pero Fernandez de Valhasco, e Pero Rodrigues Sarmento, que deixámos no Lumiar, como ouvistes. Onde assim foi que, pousando elles n'aquellas aldeias, sahiram um dia, por mandado do Mestre, João Fernandes Moreira e outros de cavallo, com alguns peões e besteiros, até um campo que se chama Alvalade

Grande, e esto por sahirem os castellãos a elles e os trazerem até a cêrca da cidade; e foi de tal guisa que os castellãos, como souberam que elles estavam n'aquelle logar, deram ás trombetas e cavalgaram os capitães e muitos dos seus com elles. E deram os portuguezes volta, e, como foram acerca, não se poderam tanto sahir que os outros os não alcançaram; e mataram d'elles e prenderam, e foi ali morto o dito João Fernandes; e se não foram as vinhas, por onde deitavam, porque os de cavallo não podiam ir, mais damno fizeram em elles seus imigos.

O Mestre sahira aquelle dia fóra, com Nuno Alvares e gente da cidade, até trezentas lanças, e homens de pé e besteiros, e pozeram-se em batalha em uma lombada que se faz acima da egreja de S. Lazaro, que serão dois tiros de bésta da cidade, e aguardava ali que, quando os castellãos viessem, pelo alcanço, apóz aquelles que assim chegaram até Alvalade, que o achassem prestes de peleja; e elles, quando chegaram e os viram assim estar por terra, ordenados em batalha, não se quizeram descer e houveram por entonce seu accordo de não pelejar, e tornaram-se pera as aldeias onde pousaram, e o Mestre com os seus pera a cidade.

CAPITULO LXXVI

Das razões que Nuno Alvares disse ao conde D. Alvaro Pires de Castro e a seu filho, e como o Mestre ordenou de ir a pelejar com os capitães de Castella que estavam no Lumiar.

CERTAMENTE fallando em este passo e tirada toda a affeição fóra, o Mestre maravilhosamente é de louvar, se bem parardes mentes ao proseguimento dos seus notaveis feitos, ca posto que elle tivesse um muito ardido e ouzado coração egual aos perfeitos e virtuosos barões, muito contrarios lhe eram porém presentes, ca elle havia maior parte de Portugal contra um pequeno Portugal, que ficava, e conhecia alguns que se vinham pera elle por moles e de fracos corações, segundo os conselhos que lhe davam. Outros lhe punham suspeita e duvida de suas lealdades. Mas essas e todas as cousas que entender podeis, que lhe eram assaz contrarias, não o mudavam porém de seu proposito, como aquelles queriam, com um grande e alto coração não vencido de taes tempestades. Ca o conde D. Alvaro Pires de Castro, quando se veiu pera elle fallou um dia o Mestre com elle e com seu filho todas as cousas que lhe até alli aconteceram e que elle tinha em vontade de fazer. E o conde que maior desejo tinha ao proveito e honra d'el-rei que aquillo que o Mestre começara, havia por nada todos os seus feitos dizendo que havia começado cousa forte e muito duvidosa de a poder acabar com sua honra, assim que aquelle que o devera esforçar, pois

que vinha pera o servir, aquelle lhe dizia aquestas e outras taes palavras, que eram bastantes pera desamparar de todo quanto tinha começado e em vontade de fazer.

Nuno Alvares que presente estava, não pôde sofrer seu arrezoado, nem suportar que lhe não fallasse. Respondeu entonce em esta guisa:

— Digo-vos senhor, que pois vos ficastes com meu senhor o Mestre, e boa vontade tendes de o servir, que taes razões e conselhos como os que lhe vós daes, não são bons nem comunaes, nem elle não os deve de querer, antes ir com seu feito por deante e nenhuma cousa tornar atraz, e não digo contra el-rei de Castella que é um alto e poderoso rei, mas ainda que fosse contra todos os reis do mundo elle deve de continuar sua defensão de todos aquelles que lhe são sujeitos, ca tem coração e razão de o fazer, ca nenhum outro em Portugal pertence pera ello, e todos os bons portuguezes tem razão de o servir, ajudar e seguir o que começado tem, despendendo com elle os corpos e haveres até a morte, e Deus que a isso o chamou, encaminhará seus feitos de bem em melhor e o trará em sua guarda e a fim que elle deseja.

E quem vontade tiver de o bem e lealmente servir assáz terá tempo em que o mostre.

O conde com sanha quando viu assim fallar, respondeu lhe logo e disse:

— Que é isso Nuno Alvares? Como fallais vós assim ouzadamente? Não haveis empacho de fallardes tão solto?

— Em verdade, disse Nuno Alvares, não; ca de quanto disse nenhuma cousa me peza senão por ser muito pouco.

A isto respondeu entonces D. Pedro seu filho, e disse contra Nuno Alvares:

— Não haveis vergonha, Nuno Alvares, de assim fallardes contra meu padre?

— Digo-vos, disse elle, que não, ca eu do que a vosso padre disse não hei vergonha d'elle nem de vós, ca disse o que devia por serviço de meu senhor o Mestre, e não por outra cousa.

Em isto, antes que mais palavras ouvesse entre elles, mandou o Mestre que se calassem e calaram-se logo todos. Ora vendo o Mestre como aquelles capitães de Castella estavam de assessego no Lumiar havia bem quinze dias, e não se partiam d'ahi, vindo alguns escaramuçar acerca da cidade, fallou com o mestre de Santiago e com Nuno Alvares e com todos os do seu conselho, dizendo-lhe que lhe parecia que era bem de irem pelejar com elles. E Ruy Pereira e João Lourenço da Cunha e todos os outros que ahi estavam outorgaram de se poer em obra.

E em fallando que capitães eram os que vinham com aquellas gentes, nomeando cada um por seu nome quando diziam: vem ahi foão, mestre de Santiago, respondia o conde D. Alvaro Pires encolhendo se todo e dizia: ai que menino. E em dizendo, vem assim mais foão, e elle respondia: E esse parvo, e assim dizia por outro: Ai que cachopo, e assim dava a cada um seu motete, dando a entender por taes geitos, que não era bem de irem pelejar com elles, dizendo que lhe parecia que eram muitas gentes, e grandes, e bons capitães com elles, e que pois d'elles pouco nojo recebiam, que não curassem de sua estada.

E o Mestre disse que aquillo não era de sofrer

serem a seu despeito tão perto da cidade de não tornarem a ello como deviam. Entonce juntaram todos suas gentes fazendo-se prestes pera o outro dia. E os castelhanos que trigosamente o souberam partiram-se á pressa d'elles pera Alemquer, outros pera Torres Vedras, e não os quizeram attender; e muitos dos portuguezes quando o ouviram chegaram lá, e acharam as aldeias desamparadas d'elles e as panelas ao fogo, e espetos com carne que não houveram vagar de comer com trigança de sua partida, e se o alguem d'outra guisa escreve, como opinião inimiga da verdade deve ser engeitado seu dito.

CAPITULO LXXVII

Porque se gerou o desprazimento entre a rainha D. Leonor com el-rei de Castella.

Se dizem que a malicia bebe gram parte de sua peçonha, bem se póde isto dizer da rainha D. Leonor, porque pousando ella em aquellas casas com el-rei seu genro, como dissemos, não foram muitos dias que á rainha começou de desprazer da conversação d'el-rei, e el-rei isso mesmo da sua, e o desprazimento que a rainha principalmente teve, foi por esta guisa:

Em Castella vagou o rabiado mór dos judeus, n'esta sezão que a rainha mandou o recado que ouvistes a Coimbra, e vieram-no pedir alli a el-rei em Santarem onde estava; a rainha D. Leonor lh'o foi pedir pera D. Judá, thesoureiro que fôra d'el rei D. Fernando e muito seu privado d'ella, e

elle se escusou de lh'o dar e deu-o á rainha D. Beatriz sua mulher pera D. David Negro, privado que era d'el-rei D. Fernando, judeu muito honrado e rico que começou de servir como el-rei chegou a Santarem. A rainha D. Leonor como era mulher de muito grão coração, que toda sua vontade queria comprida, vendo a maneïra que ella tivera com el-rei em poer n'elle o regimento do reino, des-ahi outras cousas; e que hora elle não quizera dar-lhe aquelle arrabiado, que era uma cousa tão pequena e a primeira que lhe pedira, e entendendo que ao deante poucas cousas havia de acabar com elle, maiormente vendo que eram contrairos em suas falas e condições e com grão menencoria, que houve d'el-rei, dizem que disse a alguns d'aquelles que de Lisboa foram com ella:

— Vêde que senhor este e que mercês esperaremos vós, e eu d'elle; que uma tão pequena cousa que lhe pedi me não quiz outhorgar. Ora vêde que mercê ha-de fazer a mim, nem a vós. Juro-vos em verdade que se me quizesseis crêr de conselho, que vós farieis bem de vos irdes todos pera o Mestre, pois é vosso natural e senhor, que vol-as fará melhor que este, ca eu que vol-as queira fazer já não tenho azo o como e cada vez o terei peor. E segundo a maneira que eu em elle entendo, faço-vos certos que se me eu d'aqui podesse partir comvosco com minha honra que nunca aqui mais estivesse tão sómente um dia.

E assim o fizeram depois os mais d'elles que se foram todos pera o Mestre. As razões porque então começou de desprazer a el-rei dos modos da rainha, dizem que foi porque a via mui solta em fallar, tendo geitos em suas fallas, não quaes com-

pria a mulher viuva, maiormente havendo tão pouco que el-rei D. Fernando morrera e ella toda coberta de dó, e dizia-lh'o el-rei a departe entre si e ella que por sua condição em tal caso muito não outhorgava, e lhe fazia infindas razões, nunca se partiam muito d'accordo.

CAPITULO LXXVIII

Como el-rei partiu de Santarem caminho de Coimbra com intenção de a cobrar.

PASSANDO-SE assim estas cousas a rainha começou de se arrepender muito de todo o que começado tinha, e assim da vinda que fizera vir el-rei ao reino, como da arrenunciação do regimento que havia posto em elle. E leixando o pensamento que primeiro tinha cuidado, dizem que incobertamente mandou suas cartas a alguns logares dos que el-rei de Castella entendia de cobrar, que inda que elle lá fosse e ella em sua companhia com elle que lh'os não dessem por muitas razões que lhe ella dissesse, nem por outrem mandasse dizer. Entre os quaes foi um d'elles á cidade de Coimbra, e em esto veiu resposta do primeiro recado que ella enviará ao conde D. Gonçalo e a Gonçalo Mendes, segundo ouvistes, dizendo o conde que lhe aprazia muito do que lhe escrevera, mas que esto se não podia fazer em nenhuma guisa, a menos d'el-rei a lá ir com seu poder, mostrando que o ia a cercar por haver a cidade, ca de outro modo duvidava se o consentiriam aquelles que com elle estavam, e

que ella todavia fosse em companhia e não fizesse outra cousa.

Visto este recado, prouve muito a el-rei com elle e ordenou logo de partir toda sua côrte e as rainhas ambas comsigo, e foi esse dia dormir a Torres Novas. El-rei e sua mulher pouzaram no arrabalde e a rainha D. Leonor em outras pousadas, a qual foi aquella noite guardada de certos homens d'armas castelãos, e ella em outro dia quando o soube, disse contra os que iam em sua companhia:

— Como? Guardada sou eu de gentes de castelãos? quanto agora entendo eu que vou preza.

E el-rei sabendo o disse que o fazia por melhor, e por sua segurança, e outras taes razões com que se escusou.

D'ahi partiu, passou por Thomar e por os outros lugares que são no caminho, onde achou mui mau acolhimento, e as portas da villa cerradas. E dizia el-rei aos seus a de parte, que bem lhe dava a elle a vontade, ante que partisse de Santarem que qual recolhimento lhe haviam a elle de fazer em aquelles lugares.

CAPITULO LXXIX

Como el-rei chegou a Coimbra, e d'algumas cousas que lhe aconteceram.

Chegando el-rei a Coimbra e muitas gentes com elle, pousou nos paços de Santa Clara junto com a ponte da cidade, e o conde de Maiorcas dentro no Mosteiro, e o conde D. Pedro em Santa Anna, e com este pousava Affonso Hen-

riques, o moço seu irmão. e o conde D. João Affonso de Barcellos, e João Rodrigues Portocarreiro, e João Affonso Cabeça de Vaca, pousava em S. Francisco, D. João conde de Vianna logo acerca em uma tenda em S. Martinho Couto do Bispo, e outros em S. Jorge e nas Almoinhas e por outros lugares d'esta comarca.

E depois que todos foram assessegados, não fizeram nenhum mal, nem querença de combater, ante entrava cada dia na cidade o conde de Maiorcas e outros a fallar com o conde D. Gonçalo, e com Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e comiam e bebiam com elles. Pelos quaes lhe el-rei mandou dizer e rogar que lhe prouguesse de lhe dar aquella cidade e tomar sua voz, e que elle lhe daria soldo pera quantos com elle estavam, promettendo a uns e a outros grandes e largas mercês, e assignando além d'esto muitas razões porque o devia fazer. E o conde deu em resposta que não dariam aquella cidade senão a cuja fosse de direito.

El-rei vendo suas razões mandou-lhe dizer que tivesse por bem de lh'a dar e que lhe daria villas e lugares no reino de Castella, onde lhe mais prouvesse de que elle ficasse contente: e que de seu condado não fizesse conta, ca elle o accrescentaria e poria em muito maior estado do que elle era, aficando muito que o fizesse aquelles que levavam o recado, e elle dava sempre a resposta que já ante havia dado.

Então lhe mandou el-rei rogar, que pois lh'a dar não queria, e elle tinha o regimento do reino que estivesse assim sem lhe fazendo d'ella guerra; o conde lhe respondeu que se sua irmã, sem seu conselho, nem d'aquelles com que devera de fallar, fizera

o que tinha feito, que ella se compozesse; que elle com aquello não tinha que fazer, e que a resposta que já dada havia, entendia de dar quantas vezes lhe em esto fallassem.

Em esto passou um dia o conde de Vianna o rio contra Villa Franca, e chegaram a um logar que chamam a Regaça, e sahiu da villa Martim Corrêa com alguns seus, e alguns poucos piões e quatro besteiros, e houveram alli uma pequena escaramuça em que mataram seis piões dos da villa e prenderam tres. Em se recolhendo o dito Martim Corrêa e os outros com elle, deitou após elles um escudeiro, criado d'el-rei, tão desatentadamente que se metteu o cavallo com elle em uma vinha, e alli chegaram piões da villa e mataram-n'o.

E este viu el-rei matar e desvestir das armas; entonce os do arraial quando isto viram mataram dois prisioneiros que tinham presos. Depois saiu o conde de Maiorcas e Pero Dias de Cadoama, e saiu o conde D. Gonçalo e Gonçalo Mendes e outros, e prenderam um escudeiro castellão que chamavam Garcia Villaodre, e logo ao outro dia o enviaram a el-rei com todas suas armas, e d'ahi em diante não se fez mais, salvo se lancavam setas de uma parte á outra, e tirou Nuno Fernandes com uma besta de torno, e deu a um mui bom cavalleiro, que chamavam João Affonso de Bolonha.

CAPITULO LXXX

'Das razões que 'D. Beatriz de Castro fallou com Affonso Anriques, e do que elle respondeu.

Contando esta historia compridamente, por virdes em conhecimento qual foi a razão porque el-rei de Castella mandou a rainha fóra d'este reino e se teve justa razão de o fazer, ou por contrario, vejamos o que escreve um auctor em sua chronica que largamente mais que nenhum outro fallou de tudo como se seguiu.

Onde sabei segundo elle põe, que estando el-rei assim alguns dias aguardando se se mudariam suas vontades ao conde D. Gonçalo ou a Gonçalo Mendes, que a rainha desesperada de sua primeira esperança, e posta em amargosas e tristes cuidações mostrava de si turbado semblante, de guisa que qualquer lhe podia entender seus nojos. Vendo isso D. Beatriz, filha do conde D. Alvaro Pires de Castro, que andava com a rainha de Castella, fallando um dia em seus amores com Affonso Anriques, irmão do conde D. Pedro, primo d'el-rei, que era muito seu namorado, veiu-lhe a dizer em esta guisa:

— Vós bem vêdes como a rainha D. Leonor me criou e me deu a sua filha, por acrescentar em mim é posta em tão grande coita, como todos vêdes, esperando ser mujto mais segundo a mim parece, por que se as cousas não guisam á vontade d'el-rei, nem sua, por a qual razão são postos em maior desacordo do que ninguem cuida. Ora pois vós dizeis que

me quereis tanto bem que de boamente casareis comigo, eu vos quero descobrir uma cousa que tenho cuidada e se vós foreis homem que podesseis apostar com o conde vosso irmão isto que eu trago cuidado, eu faria de mim boamente vosso talante em toda cousa que me vos requeresseis. Então seria nosso casamento melhor e muito mais com nossa honra.

— Não ha cousa, disse elle, que me vós requeirais que eu por vós possa fazer e meu irmão por minha honra, que a nós não façamos muito de grado, e dizei o que vos prouver.

Feitas então suas juras e promettimentos ser muito guardado em segredo, começou ella de rezoar e disse:

— Bem vêdes como a fazenda da rainha vae tanto pera mal e muito em contrario do que todos pensavamos, e se ella não é fora do poder d'el-rei de Castella, nunca póde ser que seu feito venha, senão a muita deshonra.

— E, porém se o conde vosso irmão que é homem de grande estado e que me parece que tem com ella bom geito azár por alguma guisa como ella fosse fóra do seu poder e posta dentro na villa com o conde seu irmão, e nós outrosim com ella, então seria ella tornada a toda sua honra, e nós mais honradamente casados. E ainda vos digo mais que se vosso irmão podesse fazer isto e ella fosse posta em seu livre poder, que não era maravilha depois casar com elle, e haverem elles ambos o regimento d'esta terra, ca ella tem taes irmãos e tantos parentes e criados que era por força de se assenhorear do reino e haver o regimento d'elle como antes tinha.

Quando Affonso Anriques ouviu estas razões e outras muitas que sobre o tal feito fallaram, pareceram-lhe taes e tão boas, que logo em sua vontade consentiu de se trabalhar muito por tal cousa ser posta em obra, e disse que elle o faria logo com seu irmão e ella que o fallasse com a rainha.

CAPITULO LXXXI

Das razões que a rainha houve com o conde D. Gonçalo seu irmão.

Fallando D. Beatriz isto com a rainha e Affonso Anriques com seu irmão, á rainha prouve muito com seu conselho e ao conde D. Pedro não menos, e fallando seus feitos sobre a tal cousa acordaram de o mandar dizer por Affonso Anriques ao conde D. Gonçalo, o qual quando o soube foi muito ledo de se poer em obra, e foram-lhe essa noite fallar á villa o conde e seu irmão, ambos sós, e contou-lhe todo o que em ello queria fazer.

O conde disse que lh'o agradecia muito e que se pozesse em obra, que ganharia em elle um bom amigo pera fazer qualquer cousa, que por sua honra fazer podesse. E que elle os aguardaria com suas gentes aquella noite, que pera ello fossem prestes.

E pera se isso fazer mais descansadamente e carecer de toda a suspeita vinham alguns á falsa fé da parte do conde D. Gonçalo fallar á rainha, e isso mesmo ao conde D. Pedro, fazendo mostras e dando a entender a el-rei que tudo se fazia por seu servi-

ço, e por cobrar cedo aquella cidade, e des-ahi ordenou a rainha que era bem de fallar a seu irmão de praça por vêr se o podia demover por suas fallas, e encaminhar como houvesse logar, pois por fallas d'outrem o não postar com elle.

E el-rei disse que era bem feito, não embargando que não soubesse parte do que se tratava contra elle, elle não seguro que não fosse arte, mandou fazer na ponte um palanque de guisa que a não podesse o irmão tomar, posto que tal falla houvesse entre elles. E quando veiu o dia da falla tomou o conde D. Pedro a rainha de braço e até vinte com ella, e o conde estava já na ponte, e tres ou quatro com elle.

Quando a rainha chegou fez-lhe sua reverencia e tomou a mão e beijou-lh'a, e ella disse entonce mão beija homem que queria vêr cortada.

— Senhora, disse elle, verdade é, mas não é ella a vossa.

— Pois se ella a minha não é, disse ella, por que não dais vós esta cidade a el-rei meu filho, como eu mando? Maravilhada sou de vós saberdes a honra em que vos eu puz e o grande acrescentamento que em vós hei feito, e como vós não metterieis o pé em esse lugar se eu não fôra, e hora por minha honra o não quereis dar a quem vos eu mando e rogo.

— Verdade é, disse elle, o que vós dizeis, e eu logo o darei a vós de mui boamente se vós ca quizerdes vir.

— Eu preza sou, disse ella, e não posso lá ir.

— E eu, disse elle, porque vos vejo preza, e posta em poder alheio, parece-me que faria grande maldade de a dar a quem vos prendeu. E pois vós fi-

zestes o que vos prouve sem conselho meu nem d'aquelles com quem devereis de fallar, lá vos avinde com elle.

— Bem posso dizer, disse ella, que desamparada sou de vós e de todos meus parentes a que fazia grandes mercês e muito bem.

Aquelles isso mesmo que vinham com a rainha, começaram de dizer ao conde que lhe parecia que fazia mal de vêr sua irmã d'aquella guisa, posta em grão desavença com el-rei por azo d'aquelle lugar, e não lh'o querer entregar, pela qual razão lhe el-rei faria muitas mercês, e que elles ficariam por fiadores d'ello.

— O que lhes eu faria, disse o conde, é isto. Se el-rei com cem lanças e ella quizessem vir comigo d'entro a esta villa, eu lhe daria mui bem de jantar.

El-rei disse que elle não faria essa cousa.

— Isso são palavras de bom mercado.

— Pois se o vós fazer não quereis, disse elle, não sei mais que vos faça.

Então se afastaram todos pera fóra, e elles fallaram ambos de tal guisa, que nenhum poude ouvir nem entender cousa, que algum d'elles dissesse.

CAPITULO LXXXII

Das fallas que se tratavam entre o conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e o conde D. Pedro.

A rainha depois das fallas fez entender a el-rei que ella tinha esperança de elle cobrar mui cedo a cidade, e não embargando as razões que com seu irmão houvera e por outras cousas, que depois com elle fallara. E isto tudo dizem que era pera se em tanto guisar tempo azádo pera se poer em obra aquillo que ella com o conde contra el-rei tinha ordenado de fazer, e era por esta guisa.

El-rei havia de ser morto uma noite pelo conde D. Pedro e certos alcaides de sua parte, e lançar-se o conde com todos os seus na villa e a rainha com elle, e que elle tomasse voz logo de se chamar rei de Portugal e ella rainha como d'antes era, casando-se primeiramente ambos, e que d'esta guisa ficaria ella senhora do reino pela ordenança que era nos tratos, pois a renunciara como não devia, não o podendo fazer de direito, e que ella trataria com o Mestre e encaminharia todos os seus feitos.

Mas o conde D. Gonçalo não sabia parte da morte d'el-rei, nem do casamento da rainha com o conde, nem que se havia de chamar rei, porque elle quando lhe em tal feito fallou, não lhe descobriu mais de sua fazenda, salvo que se lançaria dentro na villa com a rainha pela tirar do poder d'el-rei de Castella, mostrando-lhe que era descontente d'el-rei

pelo grande logar e privança que dava a Pedro Fernandes de Valhasco.

O conde D. Pedro entendia que com os muitos parentes que tinha e des-ahi das gentes d'el-rei de Castella que ficassem, que se chegariam a elle, que bem poderia levar sua tenção a deante, maiormente que a rainha o esforçava bem, dizendo: que os parentes e criados que ella tinha, assim mesmo d'el-rei D. Fernando, que pelo reino tinham muitas fortalezas que lhe logo dariam, antes que a el-rei de Castella por ficar o reino izento sobre si e elles poderiam acabar quanto quizessem.

Onde sabei, que o principal embaixador d'estes feitos, que levava recado á rainha e ao conde D. Pedro, da parte do conde D. Gonçalo, e isso mesmo trazia a resposta, era um frade de S. Francisco, mas elle não sabia parte da morte d'el-rei, nem das outras cousas que ao conde D. Gonçalo eram ditas. E quando este frade ia fallar ao conde sobre seu segredo e da rainha ia-se logo o conde D. Pedro a el-rei, e dizia-lhe como aquelle frade viéra a elle e como lhe falara sobre o dar do logar e a razão por que se detinha, e como tudo faziam por melhor.

El-rei mui ledo com estas razões cada dia esperava de o cobrar. Ora assim foi que este frade n'esta embaixada era muito amigo e conhecente d'aquelle judeu D. David Negro, a que el-rei dera o arrabiado de Castella, que ante dissemos, e receando que na revolta que se havia de fazer ao lançar do conde com a rainha dentro na villa, recebesse algum damno este judeu e filhos pequenos que tinha comsigo, cuidou de lhe fazer que se partisse do arraial e se viesse pera a cidade,

e que elle buscaria caminho azado pera que o puzesse em salvo com sua honra. D'esto lhe fazia saber mui escusamente por um escripto. e que esta vinda fosse todavia até um dia certo que lhe logo assignou. E o judeu quando viu o escripto ficou tão espantado que mais não pode ser, vendo ser muito contrairo tal recado á esperança que el-rei, e quantos no arraial havia, tinham, e não lhe socegando o coração trabalhou-se muito e fez de tal guiza que o frade lhe veiu fallar encubertamente como seu especial amigo que era.

O judeu lhe perguntou, que escripto era aquelle que lhe mandara ? e elle respondeu, que por quanto poderia ser que no dia que diziam que se a cidade havia de dar, se poderia fazer tal revolta, que seria damno dos do arraial e que elle poderia receber algum cajão, que portanto lh'o fizera saber. E isto lhe dizia o frade por se escuzar de lhe mais descobrir.

O judeu que era sizudo bem entendeu que maior segredo andava n'este feito, e tanto o affirmou por força de amizade dizendo que elle lhe descobriria outras cousas maiores da parte do arraial, que o frade lhe descobriu em grande segredo, que uma certa noite, ao serão, depois que o conde lhe enviasse dizer que era prestes, haviam de repicar na villa um sino, e fazer mostra que sahia o conde D. Gonçalo fora com gente: e que o conde D. Pedro que para isso havia de estar prestes, e havia de mandar dár á trombeta, e mostrar que sahia ao conde pera lhe contradizer tal vinda: e que em esta vinda, que o conde assim fosse havia de levar a rainha comsigo; e mostrando o conde D. Gonçalo que lhe fugia, havia o conde D. Pedro ir apoz elle mos-

trando que o vencia, e entrar dentro na villa, e lançar-se com seus irmãos, e com todos os seus com a rainha dentro: e que esta era a dada da cidade, que se lhe havia de dar, e d'outra guisa não, mas não lhe soube dizer como o conde D. Gonçalo, e o conde D. Pedro, logo como isso fosse feito haviam de tornar com todos os seus a darem de rebate no arraial, e então tomar a rainha se o conde logo comsigo a não podesse levar, e matarem el-rei e dos outros o que tinha ordenado.

O frade depois que sobre isso fallaram quanto cumpria, poz este segredo em grão puridade ao judeu, e este promettendo-lhe de o guardar, e que se trabalharia de partir do arraial antes d'aquelle dia, e despediram-se um do outro e ficaram muito mais amigos.

CAPITULO LXXXIII

Como foi sabido o que o conde D. Pedro queria fazer, e como fugiu e se foi pera o Porto.

O judeu, que não via a hora em que esta cousa descobrisse a el-rei, foi-lhe á pressa logo contar todo o que lhe haviera com o frade.

El-rei quando o ouviu ficou mui espantado, e não podia crêr esto que lhe o judeu dizia, pero que muito afficasse que era assim como lhe contava: e de o el-rei não crêr não era maravilha ca o conde era seu primo com irmão, filho do Mestre D. Fradi-

que, irmão d'el-rei D. Anrique, padre d'este rei D. João.

Então chamou el-rei a rainha e contou-lhe todo o que dissera o judeu, e ella creu logo esto mais li geiramente e disse entonce contra elle:

— Eu vos digo senhor, que sempre me receei d'este homem pela grande affeição que lhe vi ter com minha madre, posto que nenhuma cousa vos dissesse.

E quando veiu aquelle dia, que esto se havia de fazer, chamou el-rei o conde de Maiorcas, e descobriu-lhe todo o que lhe o judeu dissera, e disse mais:

— Avizae hoje todos os vossos em segredo, que sejam armados e prestes á noite, e vós com elles pera quando o conde D. Pedro fizer infinta que sahe contra os da villa, que vós e os nossos comeceis de bradar: traição, traição, pelo conde D. Pedro. Então prendei a elle e aos seus quantos mais poderdes ou os matae se á prisão se dar não quizerem. E esto mesmo fallou com um cavalleiro que aquella noite pozesse tal guarda na rainha, que não podesse ser tomada nem se lançar dentro na villa.

A guarda d'aquella noite era do conde D. Pedro, e trabalhou elle de correger sua fazenda o melhor que podesse pera acabar o que tinha ordenado. E porque a cousa era mui pesada, e mui durosa de fazer, poz elle tão grande tardança em vir ao paço, que a outra guarda se quizera vir pera a pouzada, e ficava el-rei sem guarda nenhuma e o conde de Maiorcas disse a el-rei, que lhe parecia que era bem de se virem cincoenta lanças das suas pera elle, e não ficar o paço taes horas sem guarda nenhuma.

El-rei disse que lhe prazia d'ello, e foi logo mui azinho prestes. Em isto um escudeiro d'aquelles com que o conde D. Pedro fallára seu segredo, que andava pelo paço olhando o que faziam, quando viu aquellas gentes vir d'aquella guisa, suspeitou que o segredo do conde era descoberto, e foi-se a elle mui á pressa e disse:

— Que é isso, senhor, que estaes fazendo?

— Como? disse elle.

— Sabei por certo, disse o escudeiro, que gentes do conde de Maiorcas são já no paço, e estão hi todos armados em maneira de guarda.

Quando o conde isto ouviu sentiu que era descuberto, e foi tão fóra de si que não soube al que fazer, senão que elle e seus irmãos e dos seus quantos puderam tomaram á pressa essas mulheres que tinham, e foram-se pela ponte, e quando o conde D. Gonçalo soube que elle ia d'aquella guisa, e não levava sua irmã, maravilhou-se muito, e perguntou-lhe como vinha assim? e elle disse que fôra descoberto, e que fugia com medo de o el-rei mandar matar, e o conde houve d'esto não boa suspeita, cuidando que era falla e não verdade, não o quiz receber, mas disse que pois assim era que fosse pouzar no arrabalde, e elle foi-se a Santarem e pouzou ahi.

El-rei que não dormia e estava armado em sua camara, aguardando o signal que haviam de fazer na villa, quando viu que se prolongava a hora e soube como o conde D. Pedro era já fugido, entendeu que soubera parte do que lhe fôra descuberto, e mandou essa noite prender D. Judá, judeu grande privado da rainha, e Maria Pires sua camareira, que d'este feito entendeu que sabiam parte, e não poude el-rei logo saber se o conde era dentro na villa, se

fora, e como soube que era no arrabalde mandou passar mil lanças pelo vau, pera o tomarem. E o conde D. Gonçalo soube-o e mandou-lhe dizer que se puzesse em salvo e elle se foi pera o Porto a tão gram pressa que mais ser não podia.

Quando lá chegou e contou como lhe haviera, receberam-no no lugar. E como quer que não ficavam bem d'elle cuidando que andava com falsura, porque nenhum, que d'aquella puridade parte não soubesse, não podia al entender, senão que por azo d'el-rei de Castella e seu consentimento se partira d'elle pera tomar algum lugar, e uns diziam, que o matassem e os outros que o deixassem estar.

Entonce houveram conselho de o guardarem de vista sem prizão nenhuma até o fazerem saber ao Mestre como alli chegara, e que mandava fazer d'elle.

CAPITULO LXXXIV

Das razões que el-rei e a rainha D. Beatriz houveram sobre este feito.

A el-rei parecia longe a manhã por saber a verdade e certidão d'este feito, e como o dia veiu e ouviu missa bem cedo, mandou trazer á camara D. Judá e a camareira, não estando ahi outrem, salvo el-rei e a rainha sua mulher e o infante de Navarra e D. David, que descobriu a puridade, e um escrivão que havia de escrever.

E como vieram mandou el-rei que os desvestissem e mettessem a tormento. E o judeu disse que

não havia por que o deshonrar, mas que elle diria a verdade d'aquelle feito.

Entonce começou a dizer como a rainha escreveu a todos os alcaides dos castellos por onde pouzaram, que os não dessem a el-rei, e como todas as fallas que se fizeram até aquelle tempo com o conde D. Gonçalo eram por se lançar o conde D. Pedro com a rainha dentro na cidade, e como o conde se devia de chamar rei, matando-o primeiro, e todas as outras cousas que dissemos, e d'aquella guisa o confessou Maria Pires, e foi todo escripto e retificado por elles. E el-rei lhes perguntou se o diriam assim deante da rainha: e elles disseram que sim. Então mandou el-rei pela rainha, e trazia-a de braço aquelle cavalleiro, a que el-rei encommendara que parasse n'ella mentes. Ella não embargando que viesse como preza, vinha bem sem medo e sem mudança que mostrasse como mulher de grande coração, e entrou ella só na camara e não outrem, e quando viu o judeu que descobrira o segredo, disse contra elle esforçadamente:

— Aqui estaes vós D. David? Vós me fazeis aqui vir?

— Mais razão disse el-rei, é que seja elle aqui, que me deu vida, que quem me tinha urdida a morte.

Então disse el-rei ao escrivão que lesse á rainha o que o judeu dissera contra ella, e quando ouviu que elle confessára, disse contra elle:

— O' Perro, cão traidor, disseste aquello de mim?

— Disse elle: disse e digo que é verdade e assim passou dè feito.

— Mentes, disse ella, como perro traidor, e se assim passou de feito tu m'o aconselhaste. E em

começando de arrezoar sobre isso disse a rainha D. Beatriz sua filha.

—O' Madre senhora, em um anno me quizerades vêr viuva, orphã, e desamparada?

—Ora, disse el-rei, aqui não cumpre mais razões, eu matarvos não quero por amôr de vossa filha, posto que em vós bem merecido tenhaes, nem me cumpre andardes mais em minha companhía nem eu na vossa, mas mandar-vos-hei pera um mui honrado mosteiro de Castella, onde já estiveram rainhas viuvas, e filhas de reis, e alli vos mandarei dar mui honradamente mantimento porque bem possaes viver.

E ella sem medo e receio nenhum respondeu a el-rei, e disse:

—Isso fazei vós a alguma irmã, se tiverdes, e a metei por freira n'esse mosteiro, ca vós a mim não m'o haveis de fazer, nem vol-o o olho verá. Em verdade este é um bom galardão, que me vós daes! Deixei o regimento que no reino tinha, e fiz-vos haver a maior parte de Portugal, e agora a dito de um perro que com medo dirá que Deus não é Deus assacaes-me que falsei por me não dardes as cousas que me promettestes e sobre que comungastes comigo o corpo de Deus em Santarem. Dígo-vos que quanto a isto se pode bem dizer, que quem o seu cão quer matar raiva lhe põe nome.

El-rei não curando do que ella dizia, mandou levar a camareira presa, e o judeu perdoou-o a rogo de D. David, e por entonce não se fez mais.

CAPITULO LXXXV

Como a rainha D. Leonor foi levada pera Castella.

Poz el-rei este feito em conselho com aquelles com quem devia de fallar, dizendo: que lhe parecia razão prender a rainha sua sogra e a mandar pera Castella pera algum mosteiro, e não consentir que mais estivesse em Portugal, por as cousas que haviam acontecido, e taes hi houve do conselho que disseram: que era bem o que el-rei dizia, e que assim o mandasse pôr em obra, dizendo: que se a rainha estivesse com elle mais no reino, que mandaria seus recados aos fidalgos que tinham as fortalezas que lh'as não dessem, nem se viessem pera elle, a qual cousa era muito seu desserviço e grande envezamento do que começado tinham. Outros, diziam: que não era bem de el-rei prender a rainha sua sogra, nem elle lhe fazer aquillo que dizia, por quanto ella deixára a governança do reino que houvera de ter, segundo nos tratos era conteudo, e o puzera em elle, e mais que lhe déra a villa de Santarem, e mais outros castellos, como todos bem sabiam; e sobre tudo, ser madre da rainha sua mulher e dona tão honrada como era, que lhe não parecia razão, nem cousa pera fazer de a el-rei mandar d'aquella guisa.

D'estas contrairas razões teve-se el-rei ao conselho primeiro, que era bem de a prender e levar a Castella, e foi logo entregue a Diogo Lopes de Es-

tunhega. E partiu el-rei de Coimbra e veiu-se a Santarem, e d'ahi encaminharam-se com ella pera Castella, pera a porem no mosteiro Torre de filhas.

E indo ella pelo caminho, escreveu mui escusamente suas cartas a Martim Annes de Barbuda e a Gonçalo Eanes de Castro da Vide, que lhe rogava aficadamente, recontando muitas razões por que o deviam de fazer, que se fizessem prestes pera a tomar no caminho a aquelles que a d'aquella guisa levavam.

E foi tal sua ventura, que as cartas se deram tão tarde, que elles não houveram nenhum espaço pera poerem em obra seu rogo, e assim foi levada pera Castella a aquelle mosteiro.

Maria Pires foi mettida a tormento pera confessar onde a rainha pozera algum thesouro d'ouro, ou de prata e outras joias, e dizem que em Santarem, confessou que estavam muitas cousas em casa de um bom do lugar, de que a rainha muito fiava, e que houve el-rei grão parte d'ellas.

CAPITULO LXXXVI

Do recado que os de Alemquer enviaram ao Mestre, e da resposta que sobre ello deu.

Os moradores de Alemquer, quando souberam que a rainha era presa em Coimbra, e o geito que el-rei com ella tivera, acordaram todos juntamente que era bem de terem com o Mestre, e isto com seu resguardo e certas condições.

Enviaram a Lisboa seu recado, por Vasco Martim de Altro, e Alvaro Fernandes do Rego, os quaes chegaram ao Mestre, e ditas suas encomendas, propozeram por esta guisa:

— Senhor, aquelles homens bons de Alemquer, e nós com elles, confirando como homens portuguezes e todos naturaes d'estes reinos, e como da razão somos teudos de amar prol, e honra d'elles maiormente contra aquellas pessoas que sem razão e contra direito lhe querem fazer damno, e mover guerra, assim como ora faz el-rei de Castella e aquelles que ajudam seu bando, querendo-os metter em dura e grave sugeição contra razão e direito, acordamos por vós em vosso nome, com esta condição, que sendo a rainha D. Leonor solta, que ora é presa em poder d'el-rei de Castella, e posta em seu livre poder, de guisa que esse rei, nem outra pessoa não a possam reter, nem fazer outro desaguizado contra sua vontade, entonce vós lhe confirmeis e hajaes por firme a doação d'aquelle lugar, pela guisa que lh'a vosso irmão el-rei D. Fernando fez; e que as rendas e direitos que vós em tanto houverdes do lugar que lh'as mandeis depois entregar onde vossa mercê fôr, e que confirmeis aos d'essa villa seus bons usos e foros, que antigamente sempre houveram.

Respondeu entonce o Mestre, e disse:

— Que esguardando elle seus bons desejos, que haviam pera honra, e defenssão do reino, des-ahi como elle tinha a rainha em lugar de madre pera a honrar, fazer por sua honra todo aquello que elle bem podesse, quando ella fosse tal, disse elle, que quizesse olhar pela honra e defenssão d'estes reinos, o que crêmos que d'aqui em deante fará ven-

do as maneiras que contra ella ouve el-rei de Castella, e como a trata mal, praz-nos outhorgar o que vós e elles pedis, contanto que elles tomem logo nossa voz, e se ponham por toda a honra e defensão d'estes reinos, e nos respondam com as rendas d'esse lugar. E sendo a rainha em seu livre poder, que haja essa villa como d'antes havia, assim lh'a authorgamos e confirmamos. Com condição que ao tempo que o dito lugar fôr entregue por nosso mandado, ella prometa e jure, que seja em toda a honra da prol, e defensão d'estes reinos, assim contra el-rei de Castella, como contra quaesquer outras pessoas que contra elle sejam. E não o fazendo ella assim, aconselhando ella o contrairo de direito, ou de feito, que a doação que lhe fizermos seja nenhuma, e que elles sejam teudos de se levantar contra ella, e fazer guerra e paz por nós. E além de seus bons usos e foros, que lhe confirmamos lhe entendemos de conhecer em grandes graças e muitas mercês.

E entonce lhe deu o Mestre suas cartas de todo esto. E com tal resposta se tornaram os moradores do lugar, e ficaram por seus.

CAPITULO LXXXVII

Como el-rei partiu de Santarem, e do conselho que houve se cercaria Lisboa.

El-rei de Castella entendeu que havia mister muitas companhas das que comsigo tinha, segundo se as cousas guisavam não como elle cuidava, havia ante d'esto mandado ao marquez de Vilhena, ao arcebispo de Toledo, e a Pero Gon-

çalves de Mendonça os quaes leixára em Torgillos acerca de Toledo, por esta razão, a que lhe enviassem até mil lanças bem corrigidas, e fossem prestes e enviados a el-rei assim como elle mandou.

E el-rei partiu de Santarem com todas as gentes que elle hi tinha, aos dez dias do mez de Março, levando comsigo a rainha sua mulher, e leixou no castello Lopo Fernandes de Padilha, e na outra fortaleza que chamam alcaçova outro cavalleiro que diziam Fernão Carrilho, e com elles assaz de gentes pera guardar tudo, e veiu-se a Alemquer onde Vasco Pires de Camões o sahiu a receber, e lhe deu o lugar, fazendo-lhe por elle menagem, e d'esta guisa fez Fernão Gonçalves Teixeira, que era anadél mór em tempo d'el-rei D. Fernando por o castello d'Obidos, contra vontade dos moradores d'elle.

E veiu el-rei pouzar a uma aldeia termo d'esta villa, que chamam o Bom-Barral, e esteve alli uns quatro dias, e d'ahi partiu e foi-se a Arruda, e alguns do lugar metteram-se com medo em uma lapa, cuidando de se defender ou escapar alli, e souberam-n'o os castelãos, e pozeram-lhe fogo, e queimaram hi bem quarenta pessoas. Os reposteiros que vinham deante pera correger a camara, onde el-rei havia de pousar, quando entraram dentro em ella acharam dois homens, que jaziam escondidos, e tinham suas espadas e punhaes nas cintas, e filharam-nos presos até que el-rei de Castella veiu, e quando lh'os apresentaram, e soube da guisa como foram achados, disse contra os que eram presentes:

—Por certo não póde ser, ainda que estes digam que se esconderam aqui com medo, salvo vinham

com mandado do Mestre, pera depois que eu jouvesse dormindo me haverem de matar.

E mandou que os enforcassem, e em esto houve el-rei seu conselho, se cercaria a cidade de Lisboa ou se andaria fazendo guerra, pois tão publica era entre os portuguezes com os castellãos. E uns lhe aconselharam, dizendo que não era bem cercar a cidade, por quanto algumas das gentes começaram já de morrer de pestelença, e que muito mais damno faria em elles, sendo todos juntos, que espalhados pela terra, e quanto melhor seria, pois, que grão parte do reino lhe rebelava, e era contra elle, de o andar apoderando, fazendo escarmento nos que obedecer-lhe não queriam, e por entonce não cercar a cidade, maiormente, que ainda que elle seu arraial puzesse sobre Lisboa, ella não seria porém cercada, pois o mar era desembargado e sua frota não era ainda vinda pera lhe embargar a servidão d'ella. Além d'esto que elle não trazia engenhos, nem outros artificios pera lhe nojo fazer, e que os tivesse, que lhe prestavam mui pouco, segundo as muitas gentes que dentro jaziam. E que porém melhor era não porem cerco sobre ella.

Outros de todo eram contra este conselho, dizendo que tanto que a sua frota viesse, que logo em ponto cercasse a cidade, por quanto Lisboa era o melhor lugar de todos, e cabeça principal do reino, que de tal guisa tinha ella de olho quantos lugares ahi havia, que ganhada Lisboa, todo Portugal era ganhado. De mais que com o Mestre estavam muitos dos que contra elle tinham sua voz com suas gentes, e des-ahi os moradores da cidade e outros que se acolheram a ella d'ahi derredor do termo, e que não podia ser que as viandas lhe não falecessem

por tempo, pela qual razão não haveria poder de lh'a defender longamente, e era por força cobrada, todavia mau seu grado.

A el-rei pareceram estas razões boas, crendo este conselho que lhe depois foi damnoso. Determinou como a frota chegasse logo n'esse dia a fosse cercar, e que emtanto muito melhor, e mais á sua vontade estavam pelas aldeias e comarca derredor, onde leixemos a el-rei d'assocego com todas suas gentes, até que venha sua frota, sem tendo por hora mais que contar d'elle. E vejamos que fez este tempo o Mestre com os da cidade, por percebimento de sua defensão, havendo lugar pera ello desembargadamente por espaço de cincoenta dias.

CAPITULO LXXXVIII

Como o Mestre ordenou por fronteiro d'entre Tejo e Odiana Nuno Alvares Pereira.

Em meio d'este tempo que dissemos, passando as cousas que haveis ouvido, vinham ao Mestre muitos recados a Lisboa onde estava, em como villas e castellos d'entre Tejo e Odeana tomavam sua voz, e como filhavam por força os moradores dos lugares áquelles que as tinham por el-rei de Castella, com os quaes o Mestre e todos os que com elle eram, tomavam muito grande prazer. E vindo-lhe assim estas boas novas, chegou-lhe um novo recado que os povos eram em grande e cuidadoso pensamento, dizendo alguns conselhos d'aquella comarca que por quanto elles haviam to-

mado sua voz, de que el-rei de Castella havia grande despeito, que mandava a Fernão Sanches de Toar, seu almirante mór, que depois que armasse a frota pera vir sobre Lisboa, que armasse suas gentes, e se viesse por terra a Alcantara, onde o Mestre estava, e que elle e D. Affonso de Gusmão, conde de Niebra, e D. Pedro Alvares, priol do Esprital, e outros senhores com suas companhas, que viessem combater aquelles lugares que tinham sua voz, e destruissem toda quella terra, e que se fossem pera elle pera o cerco de Lisboa. E que jouveram sobre Portalegre cinco dias, e cortaram vinhas e olivaes, e fizeram outro muito damno, e assim o faziam pois onde quer que chegavam. E que assim lhe pedia por mercê que mandasse algum capitão a que se todos ajuntassem pera haver de poer os inimigos fóra d'aquella terra.

O Mestre contou estas cousas a alguns de que fiava, e fallando no conde D. Alvaro Pires de Castro se era bem de ser lá enviado, punham duvida em elle, por ser parente da rainha, e des-ahi por outras cousas que em seu lugar tocamos. Isso mesmo fallando em outros tambem lhe achavam certas duvidas, em guisa que o Mestre veiu a dizer que nenhum havia pera ello mais pertencente nem que o conde, se o fizesse, que Nuno Alvares Pereira, prazendo-lhe de tal carrego tomar.

O Dr. João das Regras era muito contra isto, dizendo que pera tamanho encarrego cumpria de mandar um homem de madura auctoridade e muito avizado, e sabedor de guerra. De mais que Nuno Alvares trazia seus irmãos com os inimigos, e outras razões que assignava pera não ser elle o que houvesse de ir.

O Mestre não curou dos que o contradiziam, e fallou isso com Nuno Alvares, e encommendou-lhe tal negocio com todas as boas razões de esforço e encommenda, que se em tal feito cumpria dizer. E elle sem nenhuma cobiça de honra nem de ganho, mas sómente por serviço de seu senhor, e defensor da terra, d'onde era natural, recebeu sua encommenda, que, se em tal feito compria dizer.

E elle sem nenhuma cobiça de honra nem de ganho, mas sómente por serviço de seu senhor, e defensão da terra, d'onde era natural, recebeu sua encommenda e mandado como aquelle que com limpa vontade tinha desejo em toda cousa que lhe á mão viesse de o servir. Então foi sabido a todos como Nuno Alvares havia de ir por fronteiro d'entre Tejo e Odeana, e elle trabalhou-se de levar comsigo até quarenta escudeiros bons, dos bons que na cidade havia por segurança do Mestre, como alguns escrevem, mas por que cumprisse seu talante, que fói de haver em sua companhia homens que o fossem por nome e obra; dos quaes diremos aqui alguns por verdes quem foram e ficarem em relembrança. s. Vasco Leitão, filho de Estevão Leitão, neto do mestre de Christo; D. Estevam Gomes, João Vasques d'Almeida, Pedro Eanes Lobato; Ruy Cravo, Affonso Pires da Charneca, Antão Vasques, João Alvares, Mice Manuel, Alvaro do Rego, João Lobato; Esteve Eanes Berbereta, Lopo Affonso Dagôa, Lourenço Affonso, seu irmão, Lourenço Martins Pratas, Diogo Durães, Diogo Domingues de Sam.

Estes e outros bons escudeiros, assim de Evora como de Beja, que em esta sezão estavam em Lisboa, que se pera o Mestre vieram, porque os lança-

vam fóra dos lugares os povos meudos, poendo em elles duvida, foram em companha de Nuno Alvares quando partiu.

CAPITULO LXXXIX

Da bandeira que Nuno Alvares mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu.

TOMANDO Nuno Alvares este carrego que dissemos, e vendo como não sómente nas grandes cousas, mas nas mui pequenas, devemos sempre demandar ajuda d'aquelle Senhor, sem o qual nenhuma cousa não póde haver bom começo, nem fim, propoz em sua alma haver Deus por guiador principal de seus feitos e ordenar os outros mundanaes; quanto sua humanal fraqueza acerca de cada um bem podesse encaminhar. E porque hu são os mores perigos, alli, convem mais devota relembrança d'aquelle Senhor, cujo adjutorio homem espera, mandou Nuno Alvares fazer uma bandeira, a qual havia o campo branco e uma cruz grande vermelha, por meio, e no quarto primeiro da cerca da haste, pintada a Imagem de Nosso Salvador Jesus Christo crucificado, e sua madre, e S. João acerca d'elle; e no outro seguinte da ponta da bandeira, estava a imagem da preciosa Virgem, com seu filho bento no collo; e nos dois quartos do fundo, no primeiro, junto com a haste, S. Jorge, armado, em giolhos com as mãos juntas pera cima; e no outro S. Thiago d'esta mesma guisa, tendo cada um seu bacinete ante sim, por tal, que ao tender da bandeira nos lu-

gares onde cumprisse, vendo a figura do Salvador e de sua preciosa madre, mais devotamente acendesse seu coração pera os chamar em sua ajuda.

E eram postos nos cantos das bandeiras quatro escudos pequenos, das armas de sua linhagem, que é uma cruz branca em campo vermelho, aberta por ametade.

O Mestre deu cartas a Nuno Alvares, para todos os lugares que tinham sua voz, fazendo-lhe a saber como o mandava áquella comarca por fronteiro defensor d'ella, e quaesquer cousas que lhe elle requeresse por seu serviço e defensão do reino que fossem prestes pera cumprir seu mandado, como se elle mesmo fosse presente. E pera que os corações assim dos que com elle iam, como dos que viessem pera elle fossem mais acesos no que lhe fosse encomendado, porque a esperança do trigoso galardão, os grandes trabalhos faz parecer pequenos, pediu Nuno Alvares, por mercê, que lhe desse poder que elle podesse dar os bens de quaesquer pessoas, que sua voz não tivessem, e dados por elle primeiro que pelo Mestre, que sua dada fosse valiosa, e podesse dar dinheiros de graça, e fazer quaesquer outras mercês e acrescentamentos, como cada um merecedor fosse.

O Mestre não sómente em esto, mas nas menagens dos castellos e justiça e todas as outras cousas, lhe outhorgou seu poder, e foi-lhe logo pagado um mez. Nuno Alvares se fez prestes pera partir.

CAPITULO XC

Das razões que o Mestre disse a Nuno Alvares, e como se espediu d'elle.

GRANDE liança de amor e bemquerença se gerou entre Nuno Alvares e o Mestre des que veiu pera ello, e começou de o servir, e esto foi, segundo alguns escrevem, porque eram ambos de cavalleirosos corações e acompanhados de virtuosos costumes. E por que não ha hi cousa que entre os homens gére maior amôr, que concordança nos bons desejos, não pôde o Mestre com sua vontade, que se espedisse d'elle em Lisboa, quando Nuno Alvares partiu da cidade, mas como passou por Almada e se foi a Coina, que são d'alli tres leguas, chegou hi o Mestre em uma galé, e comeu esse dia com Nuno Alvares, e depois que houveram comido, sahiu-se o Mestre a um espaçoso rocio, e Nuno Alvares com elle, com todos os que comsigo levava, e sendo alli juntos, fallou o Mestre a Nuno Alvares de guisa que ouviram muitos, e disse em esta guisa:

— Nuno Alvares, vós sabeis bem os recados que a mim vieram d'entre Tejo e Odeana d'aquelles senhores e gente de Castella que entraram por aquella parte por damnar aquella comarca, e como os lugares que por mim teem voz me enviaram pedir por mercê, que lhe enviasse algum capitão com que se houvessem de ajuntar, por lhe embargar de fazer mais damno d'aquello que começado tem, e eu por

vos amar, e confiar de vós, por serdes bom, e pera ello pertencente, vos escolhi entre os outros todos por vos enviar a aquella comarca, e dei-vos por companheiros esta boa gente que aqui está, que são verdadeiros portuguezes, e parte d'elles da minha criação, os quaes eu creio que vos seguirão e ajudarão lealmente em toda cousa de meu serviço, e de vossa honra, em que se assentar de poerdes mão, e eu assim lh'o rogo e mando que o façam, e que vos sejam obedientes e bem mandados em toda a cousa que lhe vós disserdes, como seria a mim mesmo, e eu ter-lh'o-hei em grande serviço e lhe farei por ello grandes mercês.

E elles responderam todos ledamente:

— Que lhes prazia muito de o fazer, e que assim o cumpririam de boa vontade.

E entonce tornou o Mestre contra Nuno Alvares, dizendo:

— Que lhe encomendava aquella gente, que comsigo levava, e que lhe rogava que os tratasse bem, e lhes desse de si bom gazalhado, como era certo que elle faria, e fazendo assim, lhe faria grande prazer, e lh'o teria em serviço.

E Nuno Alvares disse:

— Que lhe prazia muito, e que assim o faria com bom desejo.

E entonce beijou a mão ao Mestre, e todos os outros que com elle eram; e partiu-se o Mestre pera Lisboa, e Nuno Alvares com todos os seus pera Setubal.

CAPITULO XCI

De uma sacaria que Nuno Alvares fez pera provar os seus de que esforço eram.

Chegou Nuno Alvares aquelle dia a Setubal com intenção de pousar e dormir na villa, e os moradores do lugar, porque inda estavam sem determinança de cuja parte teriam, não o quizeram receber na villa, nem sómente consentir que entrasse dentro, e elle vendo suas intenções e seu não bom acolhimento tornou-se a dormir ao arrabalde, e assim se alojou com as gentes que levava.

Ora vêde quanto é de louvar Nuno Alvares em grandeza de engenho e avizamento de sua nova guerra. Certamente elle deve ser dado como por exemplo, aos grandes e virtuosos homens, nem nós não podemos contar louvor d'algum notavel barão em que elle notavelmente não haja parte. Porque vendo elle como levava alguma parte da gente nova, taes que ainda não foram em alguns perigos, e d'outros não sabia suas vontades quaes eram, cuidou de provar seu ardimento qual seria, quando se encontrasse com seus inimigos. E por quanto muitas gentes d'el-rei de Castella estavam entonce em Santarem, disse Nuno Alvares que lhe parecia razão, por não virem alguns d'elles pela ribeira do Tejo a fundo, de que elle parte não soubesse, e receber d'elles damno, que queria mandar poer de noite suas guardas e esuitas uma legua d'alli contra o castello de Palmel-

la, das quaes guardas e escuitas deu encargo de as requerer e poer a um escudeiro que chamavam Lourenço Fermandes de Beja, e fallou com elle em segredo, que de noite tornasse mui apresso dizendo que gentes de castellãos vinham a elle, e Lourenço Fernandes foi poer suas guardas e escuitas; e jazendo Nuno Alvares de noite dormindo em sua pouzada, chegou Lourenço Fernandes mui de rijo dizendo a Nuno Alvares que se apercebesse á pressa, que fosse certo que Pero Sarmento vinha a elle com trezentas lanças, affirmando que elle vira os fogos no lugar onde jaziam alojados.

Nuno Alvares mostrou que de taes novas era muito ledo, mandou logo dar á trombeta, e as suas gentes foram logo juntas com elle, e armados todos e prestes. Começando de amanher, Nuno Alvares partiu com suas gentes, e tanto que saiu do arrabalde, poz todos em batalha por ordenança, como devia.

E assim foram regidos por terra bem acerca de uma legua contra onde Lourenço Fernandes dizia que vira os fogos. E sendo já alto dia, disse que aquelles fogos, que elle vira, eram de almocreves que jaziam em um grande valle em sua ameijoada, e começaram de se tornar. Nuno Alvares olhou em elles e viu-os todos comsigo sem falecer nenhum, mostrando ardida vontade pera qualquer cousa que lhes aviera, e folgou muito com elles quando lhes viu tal desejo.

CAPITULO XCII

De que guisa Nuno Alvares escolheu dos seus os que tomou pera seu conselho.

O seguinte dia depois d'esto, chamou Nuno Alvares grão parte dos que comsigo levava, dizendo que queria fallar com elles algumas cousas que eram seu proveito d'elles, e proveito d'elle, e serviço de seu senhor o Mestre, e começou dizer assim:

— Amigos, eu vos direi o que tenho pensado sobre nosso feito e nos convem de boa razão havermos por vezes recado do Mestre, e elle tambem de nós: isso mesmo que hajamos a meude novas de nossos inimigos, por nos desviarmos de seu damno d'elles, e lhes empecermos mais a nosso salvo, que podermos; e sobre taes cousas como esta, convém de havermos nosso conselho, pera determinarmos cada um o que entendermos por mais serviço de nosso senhor, o Mestre, e des-ahi por amor de nós outros todos. E porque, fazendo-se este conselho presente quantos aqui somos, seria cousa mui devassa, logo sabida pelos de fóra, que pouco cumpre aos bons guerreiros: porém me parece que é bem que quando taes cousas ou outras similhantes vierem, onde cumprir vosso conselho, que eu falle com alguns de vós outros, crendo que elles tenham avantagem pera seguir seu acordo, logo aquelles que são seus iguaes se teriam por descontentes, e sempre seriam anojados, tendo que com desprazimento

os não fizeram do conselho, não os havendo por tão bons. E porém me parece que os de Lisboa escolham entre si quaes lhe aprouguer com quem falle meus segredos, e assim mesmo os de Evora e de Beja, e d'outros lugares se os hi houver, e d'esta guisa haverei meu conselho com elles como cumpre, e elles vos podem depois rezoar o que fôr pera descobrir, e requerer-vos quaesquer cousas que a cada um de vós outros pertença. Outro sim porque nós temos justa querela e razão pera defender nossa terra, crendo que Deus é justo juiz, cheguemos a Elle que nos ajude, e se assim fizermos tendo firme esperança em Deus, poucos de nós vencerão muitos. Além d'esto vos encomendo que vossa ajuda e acorro seja de tal guisa feita aos nossos naturaes, que andando nós pela terra pela defender, elles não sintam d'outra de nós tal damno como recebem de seus inimigos. D'outra guisa a mim convirá tornar a ello fazendo-vos algum desprazer, o que eu não queria por cousa que fosse.

Responderam elles entonce, dizendo: que lhes prazia muito de o fazer d'aquella guisa e que elle o cuidara tambem que melhor ser não podia. E que n'aquello e em todas as outras cousas lhe entendiam de cumprir vontade, quanto seu poder abrangesse.

Escolheram entonce os de Lisboa entre si pera serem do conselho, João Vasques d'Almada e Affonso Pires da Charneca, e Vasco Leitão, e Pedro Eanes Lobato. Os de Evora Diogo Lopes Lobo e João Fernandes d'Arca e Lopo Rodrigues Pessanha e assim outros, e começaram de lhe chamar senhor.

CAPITULO XCIII

Como Nuno Alvares mandou chamar algumas gentes, e das razões que propoz a todos.

Nuno Alvares ante que d'alli partisse ordenou logo officiaes, e fez um seu escudeiro que chamavam Affonso Gil, alferes de sua bandeira, e fez meirinho e ouvidor e cadeia e thesoureiro pera receber do thesouro do Mestre. E ordenou capella e prégador, e ouvia duas missas cada dia, que nenhum rei nem senhor até alli tinha em costume.

D'alli partiu Nuno Alvares com suas gentes, e se foi caminho de Montemór-o-Novo. E porque os homens bons do lugar não eram ainda bem firmes no serviço do Mestre, folgou ahi um dia e fallou com elles dizendo-lhes muitas razões boas por parte do Mestre, de guisa que foram mui contentes e firmes de em todo manter sua voz.

E em outro dia partiu Nuno Alvares de Montemór e foi á cidade de Evora onde foi bem recebido e lhe fizeram muita honra, e fallou com os da cidade aquello que cumpria por sua guarda e defensão do reino, da qual cousa foram todos mui contentes. E elle cidade graciosas palavras, e de bom conhecimento, e todos se contentavam de lhe obedecer como se de longo tempo o houvessem por senhor.

E d'alli escreveu logo a todos os lugares da comarca, que se viessem pera elle cada um prestes

com suas armas, como lhe cumpria, não lhe declarando porém causa, que fazer quizesse, e não embargando que lhe escreveu do Mestre seu senhor, não lhe vieram senão trinta lanças, e com duzentas que levava, eram duzentas e trinta, e entre piões e bésteiros ajuntaria até mil. E com estas gentes partiu logo de Evora e se foi a Estremoz, e ali houve novas certas que aquelles senhores de Castella e gentes que comsigo traziam, eram todos na villa do Crato, que estava por Castella, e vinham cercar Fronteira, e que eram muitos e bem corregidos.

Nuno Alvares como tal rezoado houve, por que pouzava no arrabalde e tinha pouca gente, mandou o lugar apalancar todo pera ser empacho e poderem vir, se algumas gentes a elle se de noite viessem, e assim estava em Estremoz aguardando as gentes que mandára chamar, que lhe não vinham, especialmente as de Elvas e de Beja, a que mais vezes escrevera que a outras, pero com suas afficadas cartas houveram-se de vir pera elle; e como todos foram juntos fez o alardo no rocio.

Era pouca gente d'armas e não bem armados, que não seriam mais de cavallo, que uns trezentos, e entre elles cento e oitenta de bacinete e poucos mais de mil homens de pé, e até cem bésteiros, e a estes fallou Nuno Alvares juntamente em esta guisa:

—Amigos, creio que já sabeis todos como o Mestre meu senhor e vosso me mandou a esta terra pera com ajuda de Deus e vossa a defendermos de algum mal e damno se lh'o os castelhanos quizessem fazer, de guisa que lhe demos todos d'ella bom conto. E porque eu hei por nova certa que o priol do Esprital, meu irmão, e o mestre d'Alcantara, e João Rodrigues de Castanheda e outros senhores com

soma de gente estão já no Crato, que é d'aqui muito acerca e são prestes pera entrar em esta terra de meu senhor o Mestre, por fazer todo o mal e damno que poderem, minha vontade é, com ajuda de Deus e companha de vós outros, de os ir buscar ante que entrem, e pelejar com elles, e espero na mercê de Deus, que nos dará d'elles tão bom vencimento porque sempre ficará de vós honrada fama e boa nomeada, e mais faremos ao Mestre meu senhor grande e estremado serviço, e a nós grão bem em defender nossa terra e bens, o que direitamente sois teudos de fazer.

Acabadas estas e outras muitas razões que Nuno Alvares disse por lhes fazer vontade e esforço, responderam todos a uma voz dizendo que cousa era muito pezada e não pera responder supitamente, mas que lhes desse espaço pera cuidar em ello e fallarem entre si.

Nuno Alvares foi d'esto mui pouco ledo, vendo a tenção porque o diziam, e pero que logo quizera a resposta, conveio entonce que se fossem, porque não podia mais fazer.

CAPITULO XCIV

Da resposta que a Nuno Alvares foi dada, como todos outhorgaram de ser com elle na batalha.

Fallaram os melhores com estes que com elles vinham, isso mesmo uns com outros, grandes e desvairadas razões, e no seguinte dia havendo todos seu acordo foi a resposta dada em esta guisa:

—Nuno Alvares, senhor, nós entendemos bem todo o que nos hontem foi por vós proposto, e achamos que é cousa mui duvidosa de nos irmos em vossa companhia pelejar com aquellas gentes, por duas primeiras razões. A primiera é virem grandes senhores por capitães, com muitas e boas gentes, ca ahi dizem que vem D. João Affonso de Gusmão, conde de Niebra, e D. Diogo Martins, mestre d'Alcantara, e João Rodrigues de Castanheda, e Garcia Gonçalves de Grijalva, e Alvaro Pires de Gusmão, e Pero Ponce de Marchena, e João Gonçalves de Correnço, e o Craveiro, e Garcia Fernandes de Villa Garcia, e Martim Eanes de Barvuda e ainda dizem que vem um Fernão Sanches de Toar, almirante mór de Castella, e outros grandes senhores a que não sabemos os nomes, e que trazem comsigo mil lanças e muito bem corregidas, e muitos ginetes e bésteiros e grão somma de homens de pé. E segundo as poucas gentes que nós somos, tal peleja como esta, será muito desegual.

Disse entonce Alvaro do Rego, um bom escudeiro que andava com Nuno Alvares.

—Certo, senhor, que de muitas gentes, e boas que o são elles, porque eu conheço os mais dos capitães que aqui vem, e mais vos digo ainda, que leixada a outra gente que alli vem mais de bons, que nós aqui somos de communaes.

A isto respondeu Pedro Eanes Lobato, outro escudeiro que andava com Nuno Alvares, e disse:

— Quanto de mim vos digo, senhor, que taes os queria pera pelejar grandes senhores e bem delicados ante que escudeiros esfaimados, e homens de trabalho, que me dessem que fazer todavia, ca estes que veem banhados de agua rosada, e de flôr

de laranja, não se hão de ter muito, que os logo não vençaes. A outra razão disseram elles porque muitos duvidavam, assim é, porque vem ahi Pedro Alvares priol do Crato, vosso irmão, e duvidavam muito, e o hão por estranho, que vós pelejeis com vossos irmãos, e ante dizem que é cousa em que mui azinha poderam receber cajão e serem enganados, e todos mortos e perdidos e as villas d'onde são cobradas dos castellãos, em conclusão que será pouco serviço de Deus e do Mestre, e porém em conclusão vos respondem todos que nossa tenção é de não irmos comvosco a tal obra.

Nuno Alvares quando ouviu tal resposta foi mui annojado em sua vontade, pero sem sanha, e graciosamente respondeu entonce e disse:

— Amigos, eu não sei mais que diga do que vos já tenho dito, pero ainda vos quero responder a isso que me dissestes. Quanto é o que dizeis: que os castellãos são muitos, e vem grandes capitães e senhores com elles, tanto vos será maior honra e louvor de serem por vós vencidos, ca já muitas vezes aconteceu os poucos vencerem muitos, porque todo o vencimento é em Deus e não nos homens. Na outra cousa em que duvidaes segundo parece, que é a vinda de meus irmãos em sua companhia, a isso não temaes por nenhuma guisa nem Deus quizesse tal, que nenhum por mim fosse enganado, ca eu não os hei por meus irmãos n'esta parte, pois que vem por desviar a terra que os gerou. E não digo contra meus irmãos, mas em verdade vos juro, que ainda que ahi viesse meu padre, eu seria contra elle, por serviço do Mestre, meu senhor. E pera vós verdes que é assim, se a vós praz de em esta obra sermos todos companheiros, eu vos juro

e prometo que eu seja o deanteiro ante a minha bandeira, e o primeiro que comece a pelejar, e assim podeis vêr a vontade que eu tenho contra meus irmãos n'este feito. Mas não embargando vossa tenção ser todavia qual me dissestes, aquelles que quizerem ir pera suas casas e logares, vão-se com Deus, ca eu e esses poucou de bons portuguezes que commigo vem lhe entendo poer a praça.

E entonce aquelles que duvidavam, quando lhe taes palavras ouviram dizer, cobraram coração de o seguir e acompanhar, dizendo todos a uma voz que queriam ir com elle.

— Ora amigos, disse elle, eu vos rogo que os que commigo quizerdes vir a esta batalha, que vos passeis da parte além d'este regato d'agua, e os que não guizerdes dest'outra parte.

E elles disseram que todos passariam, e como quer que o assim disseram alguns se remordiam entre si, mostrando que mais o disseram com vergonha que por vontade de o fazerem, principalmente Esteve Eanes, o moço, e Mem d'Affonso de Beja, que se não poderam tanto ter, que não dissessem de praça que iam lá em forte ponto, que nunca de lá haviam de tornar.

Nuno Alvares fingiu que os não ouvia, nem curou de seus ditos, tanto era ledo com a resposta que lhe todos deram que queriam todos ir com elle.

E sendo assim ledo e seguro que todos iriam em sua companhia, propoz logo em outro dia bem cedo partir para a batalha. E jazendo dormindo em sua pouzada, á meia noite, pouco mais ou menos, chegou a elle Alvaro Coitado á pressa dizendo como Gil Fernandes e Martim Gonçalves, d'Elvas, tinham já sellado, e estavam armados, que se queriam ir

pera Elvas, não querendo ser na batalha com elle. Nuno Alvares como isso ouviu, alçou-se á pressa e foi-se a elles, onde estavam já mandando correger, e disse:

— Irmãos amigos, é pera vós de fazerdes tal obra? Leixardes tanta honra como vós tendes prestes, e fallecerdes do que prometido tendes, por vos tornardes pera vossas casas?

E contra Gil Fernandes, em especial, disse:

—E se quer vós Gil Fernandes, que eu pensava, e penso que sois um dos bons servidores que o Mestre meu senhor em esta terra tem? tal mingua mostraes vós e tal obra como esta? dizendo-lhe que mais prezava o seu corpo só, que quantos com elle vinham.

E elles se escusaram com boas razões, e elle com outras melhores os mudou d'aquella vontade outhorgando todavia que seriam com elle n'aquella batalha.

CAPITULO XCV

Das razões que Nuno Alvares houve com Ruy Gonçalves.

Como foi manhã com outro trespasso mandou logo dar á trombeta, e partiu com todos caminho de Fronteira, que era d'alli quatro leguas, pera onde os castellãos haviam de vir. E indo pelo caminho mandou deante algumas gentes por haver novas dos inimigos, onde eram.

E em esto não tardou muito um escudeiro castellão que chamavam Ruy Gonçalves, que em outro

tempo vivera com Nuno Alvares em casa de seu padre, e então vivia com D. Pedralvares, seu irmão.

Veiu mui rijo em cima d'um cavallo caminho da Fronteira, e chegou a Nuno Alvares que o recebeu mui bem, e lhe perguntou onde era seu irmão, e os outros senhores de Castella?

E elle lhe disse:

— Que ficavam em Fronteira, que seria legua e meia d'onde elle achou Nuno Alvares, o qual lhe perguntou que fazia, e elle lhe disse que tinha tenção de combater o lugar.

E Nuno Alvares lhe perguntou a que vinha, e que lhe dissesse verdade se vinha por enculca e por cujo mandados. E Ruy Gonçalves disse:

— Bem vêdes vós senhor Nuno Alvares, que em esto, nem al eu não vos hei de dizer senão a verdade, que vós sede certo que a vosso irmão, e aquelles senhores de Castella fizeram entender, que vos apercebicis e ereis prestes pera os hirdes buscar e lhes poer batalha, e d'isso se maravilharam, que muito de muito lhe é grave de ter e crêr terdes vós tão pouca gente, como elles sabem que vós tendes, trabalharde-vos de tal cousa, e fallaram com vosso irmão que lhe parecia d'esto. E elle respondeu que não sabia, pero que de certo certificava, que se vós em este feito alguma cousa haveis começado, vos conhecia por tal, que a levareis a deante, até morrer. E os outros lhe disseram que prouvesse de me mandar a vós por vossa tenção. E além d'esto elle vos envia dizer o que cometeis, ca é cousa muito duvidosa pera vós com tão pouca gente como tendes, irdes pelejar com tantos e tão grandes senhores, como alli estão. Ca vos faz

certo, que alli estão taes capitães e assim corregidos, que ainda que el-rei D. Fernando fosse vivo, elle teria que fazer de lhe poer a praça. Maiormente vós da guisa que estaes, que vol-o não ha por cordice, porque se vós n'aquella batalha fordes, não ha defensão em vós, nem elle em tal obra vos poderá ser bom, e que porém lhe prazeria, e assim vol-o manda aconselhar como a seu irmão, que cesseis d'isto e escolhaes de duas cousas uma. Que ou vos torneis pera seu senhor el-rei de Castella por o qual vos faz segurança, que vos fará muitas mercês, e vos acrescentará de guisa que sejaes bem contente, ou que esteis em Estremoz, como estaveis, e os leixeis ir pela terra como entendem fazer, e não queiraes perder a vós mesmo, com as gentes que comvosco tendes.

Nuno Alvares ouvindo aquellas razões, respondeu ao escudeiro e disse:

— Ruy Gonçalves, eu hei bem entendido as cousas que dissestes, e breve vos responderei; respondo assim: que vós digaes ao priol meu irmão, que eu em este feito não quero seu conselho nem Deus não queira que o haja de querer, do que me mandou dizer, e que assim o diga aos outros senhores, que eu da tenção que tenho tomada, não me mudarei em nenhuma guisa, senão com ajuda de Deus leval-a a deante, mas que se apercebam pera a batalha, que eu com esses poucos de portuguezes que comigo tenho, lh'a entendo ir poer, e não sei hora cousa que mais deseje, que ser já n'ella, e antes de pequeno espaço serei com elle a Deus prazendo, e d'esto não duvidem. E rogo vos Ruy Gonçalves amigo, que tanto façaes por meu amôr, que vos vades com este recado o mais á pressa que

poderdes, até matar o cavallo, ca entendo que não podereis ir tão azinha, que com ajuda de Deus não seja d'elle mui acerca.

CAPITULO XCVI

Como Nuno Alvares poz batalha aos castelãos, e os venceu.

Partiu Ruy Gonçalves como lhe Nuno Alvares encommendou, e foi mui á pressa quanto o cavallo o podia levar, a trote e a galope, e chegou mui azinha a Fronteira, onde aquelles capitães com suas gentes estavam, e como chegou falou ao priol e aos outros senhores todo aquello que a Nuno Alvares dissera, e o que lhe havia respondido, e elles como o ouviram cessaram logo da obra que tinham começada pera o combate á villa, e com grande aguça se perceberam pera irem á batalha, e elles que começavam sahir do arraial, onde pousavam caminho de Estremoz, pera onde Nuno Alvares vinha.

E Nuno Alvares com suas gentes, era já em logar bem convinhavel pera a batalha, onde chamavam os Atoleiros, uma meia legua pouco mais ou menos áquem de Fronteira. Como Nuno Alvares foi em aquelle logar, sendo certo que os castelãos vinham á batalha, fez logo descer pé terra todos os homens d'armas, e d'essa pouca gente que tinha concertou suas batalhas de vanguarda e reguarda, e ala direita e esquerda. e fez concertar os bésteiros e homens de pé pelas alas onde entendeu que melhor

estariam pera bem pelejar, e receando-se dos homens de pé que lhe não fallecessem, por os castelãos que eram muitos, poz alguns homens d'armas com elles, dizendo-lhes que se elles vissem que tornavam atraz que os matassem.

E isto assim concertado começou de andar pelas batalhas em cima de uma mula, esforçando as gentes com boas palavras, com gesto ledo e vulto prazivel, dizendo a todos quatro cousas, que se lembrassem d'ellas, e as firmassem em seus corações. A primeira que se encommendassem a Deus e a Santa Maria sua madre que os quizesse ajudar contra seus inimigos, pois que tinham querella justa. A segunda, como vinham elles pera defender a si e a suas casas e bens e se tirarem da sujeição em que os el-rei de Castella queria poer contra razão e direito. A terceira como eram alli por servir seu senhor e alcançar grande honra que a Deus prazeria de lhe dar mui cedo. A quarta que firmassem em seu entendimento de soffrer todo o trabalho e aporfiar na batalha não uma hora mas um dia se mister fosse.

E estas foram suas palavras de esforço, antes que entrassem á batalha, as quaes assim ditas os castelãos eram já muito acerca, e Nuno Alvares se desceu logo da mula em que andava e se poz na vanguarda com os primeiros ante a sua bandeira, assim como prometera, e era isto uma quarta feira de trevas no mez de Abril, não tendo ainda comido nenhuma cousa, e fincou os giolhos em terra, e fez sua oração á imagem do crucifixo e da sua preciosa madre, que trazia pintada na sua bandeira, e isso mesmo todos os seus, os giolhos em terra, com as mãos alçadas, fizeram suas orações, e

muitos d'elles choravam, e beijou a terra, e alçou-se em pé e poz seu bacinete sem cara, e tomou a lança nas mãos que lhe trazia o pagem, e disse contra os seus:

—«Amigos, nenhum duvide de mim, todos aquelles que me ajudardes, Deus seja que vos ajude, e se eu aqui morrer por vossas culpas e minguas, Deus seja aquelle que vos demande minha morte.

Os castelãos traziam vontade de pelejar pé terra, e Nuno Alvares assim o entendia, e quando viram os portuguezes postos n'aquella guisa pera morrer ou vencer, mudaram seu proposito e ordenaram de virem á batalha a cavallo, atrevendo-se que eram muitos e bem cavalgados, que logo os desbaratariam como dessem n'elles, a qual cousa a todo o homem rezoado parecia ser assim, e começaram suas batalhas a cavallo, e os ginetes apartaram com a carriagem em uma ladeira de um pão verde, acerca d'onde havia de ser a batalha.

Entonce moveram os castelãos com grande esforço as lanças sobre os braços mui rijo de encontro, dando grandes vozes e alaridos chamando: Castella, Santiago.

Nuno Alvares e os da sua parte chamando: Portugal, S. Jorge, abaixando suas lanças cada um ao seu, e os cavallos topando em ellas, alguns d'elles cahiram logo em terra com seus donos, e outros antes que de todo chegassem a topar na batalha, eram já feridos de virotões e dardos que lançavam os homens de pé por cima dos homens d'armas, e os cavallos alvoroçando-se lançavam de si os que n'elles vinham, e com as feridas queriam dar volta, e tornando atraz, e topando em outros cahiam em

terra. Similhavelmente vinham os outros de refresco, que estavam atraz pera isso prestes, e assim lhe avinha como aos primeiros. E Nuno Alvares com os seus sobre elles matando, de guisa que prouve a Deus de os castelãos serem desbaratados. E posto que a batalha fosse pelejada de vontade, mui pouco espaço durou que se logo não venceu, e foram mortos ao primeiro ajuntar quarenta homens d'armas, e depois outros até setenta e sete, e dos portuguezes nenhum morto nem ferido. Entre os quaes foi hi morto o Mestre d'Alcantara e Pero Gonçalves de Sevilha, e Ruy Gonçalves, o Craveiro e outros bons fidalgos que não eram de tamanha conta, e foram feridos o almirante e o priol, e Garcia Gonçalves de Grijalva.

Mas n'este passo escrevem alguns duas razões repugnantes á verdade. A uma é que por má ordenança que os castelãos em si pozeram foram entonce desbaratados. A segunda, que aquelles que ficaram vivos, que se recolheram em um e que os portuguezes os não ousaram mais cometter, a qual cousa por favor nem encobrir mingua, não se deve assim de escrever, que o auctor da historia não deve ser inimigo, mas escrivão da verdade, a qual foi d'esta guisa:

O conde de Niebra, e o priol do Crato e o almirante, e Martim Eanes de Barbuda, que se chamava Mestre d'Aviz, e outros capitães com muitos dos seus, depois que se viram fóra da batalha, não quizeram tornar mais a ella, mas começaram de fugir uns pera o Crato, e outros pera Monforte e pera outros lugares que tinham voz por Castella, e indo assim fugindo, disseram alguns ao almirante, dos que iam com elle, que desse volta e tornasse á pe-

leja, que assaz eram de gentes pera elles. E elle respondeu aos que lh'o diziam e disse:

—«Homem morto não torba soldo, ande a bandeira e vá-se, que depois que homem é uma vez desbaratado, mal torna outra vez a talho. E dizer que ordenaram mal sua peleja a verdade isso não consente, ca hi vinham senhores e capitães, assim portuguezes como castelãos, assim sabedores da guerra, com tanta e tão boa gente, que não sómente pera Nuno Alvares, com aquelles poucos que comsigo trazia, mas pera um mui alto principe, elles eram bastantes pera ordenar bem sua batalha e pelejar com elle, e com tal ardideza e boa ordenança os cometeram.

Mas ao mui alto Senhor Deus em cuja mão é todo o vencimento e poderio de dar muitos nas mãos dos poucos, prouve então de dar victoria aos portuguezes, os quaes vendo como os castelãos fugiam foi logo Nuno Alvares a cavallo com mui poucos dos seus, porque tão á pressa não poderam haver todos bestas, e seguiu o alcance uma grande legua, até que por noite foi forçado de se tornar, dizendo-lhe alguns dos seus que aquillo era tentar a Deus, não se contentar da mercê que lhe Deus fizera, e seguir o alcanco tão longe. E Nuno Alvares se foi pera onde foi a batalha, e mui tarde foi dormir a Fronteira, e em se tornando acerca do logar, chegou um escudeiro á pressa, armado, em cima d'um cavallo, e meteu-se entre os portuguezes, s. João Vasques d'Almada e Pedro Eanes Lobato e outros, e depois lhes fallou:

—«Mantanha-vos Deus, senhores. E disse se seria seguro.

—Sereis, disseram elles, mas dizei-l'o já muito tarde.

Então lhe perguntaram que homem era e a que vinha.

E elle disse que era filho de Pero Gonçalves de Sevilha, e que vinha saber se era morto ou preso ou de que guisa estava.

E elles levaram-n'o a Nuno Alvares, e depois que lhe fallou e soube o porque vinha, entonce o certificaram que era morto, e quem fôra que o matara. E Nuno Alvares mandou que o gazalhassem bem, e que lhe fizessem toda a honra.

Onde aqui notae que Nuno Alvares foi o primeiro que da memoria dos homens até a este tempo poz batalha em Portugal pé terra, e a venceu.

CAPITULO XCVII

Como Nuno Alvares cobrou Arronches e Alegrete.

D'esta bemaventurança primeira que Deus deu a Nuno Alvares e aos portuguezes, foram mui ledos todos os d'aquella comarca que voz e vontade por Portugal tinham, e muitos d'ahi em deante com bom desejo se vinham pera elle, e lhe eram obedientes em toda cousa que lhes mandava, isso mesmo o Mestre quando o soube em Lisboa, onde estava prestes pera ser cercado tomou com taes novas grande prazer, e el-rei de Castella pelo contrario, que era entonce na comarca do termo d'Obidos.

E no seguinte dia depois da batalha Nuno Alvares logo pela manhã, sem mais repousar de seu trabalho, se fez prestes, e partiu pera Monforte,

onde estava Martim Eanes da Barbuda, que dïssemos, cavalleiro portuguez, e mui afamado por mui bom homem d'armas, com muitas gentes comsigo, com que fugira da batalha.

E Nuno Alvares levava tenção que se elle sahir não quizesse, que o combatessem. E depois que foi em Monforte, as gentes que dentro eram não quizeram sahir, pero eram bem trezentas lanças, e por o lugar ser forte, e muitas gentes n'elle, e Nuno Alvares não ter artificios de combate, não curou de o combater, pero esteve ahi um dia, no qual se fizeram boas escaramuças entre os portuguezes e os da villa, em rosto das barreiras, sem se fazer porém cousa que de contar seja. E outro dia pela manhã, que era dia de Endoenças, se foi Nuno Alvares de pé e descalço em romaria a Santa Maria do Açumar, que é uma legua d'ahi, egreja bem devota, e todos os seus de pé com elle. E como chegou á egreja achou-a mui suja das bestas dos castellãos, que n'ella mettiam quando por hi passavam, e ante que se aposentassem a mandou limpar, e elle foi o primeiro que começou a tirar o esterco fóra.

Em esto veiu recado de alguns portuguezes a Nuno Alvares, que podia tomar Arronches, que estava por Castella, e lhe dariam a villa.

Nuno Alvares foi d'aquesto mui ledo; partiu pera lá, e foi dormir ao Açumar, e mandou seu recado aos que a villa haviam de dar, que maneira havia de ter, e houve essa noite logo resposta. E outro dia, grande manhã, cavalgou com suas gentes, e chegando á villa foi recebido n'ella, e como foi dentro começaram de combater o castello de toda a parte, e em elle estavam bons cavalleiros castellãos, s. Af-

fonso Sanches e comsigo até trinta lanças, e outros portuguezes.

O combate foi grande, e queimadas as portas do castello e entrado por força, foram todos tomados, e a Affonso Sanches e Sancho Sanches houve Gil Fernandes, e os levou presos comsigo quando se tornou com as gentes d'Elvas, e cobraram os portuguezes em aquelle lugar cavallos e armas, e outras cousas de que se aproveitaram.

E outrosim de Alegrete, que tambem estava por Castella, lhe mandaram dizer que mandasse receber o lugar pera o Mestre, e Nuno Alvares mandou logo lá um bom escudeiro que chamavam Martim Affonso de Aramenha, que d'alli era natural, mas morava em Portalegre, e alguns outros com elle, a receber o logar, e foi-lhe entregue, e assim ficaram por o Mestre Arronches e Alegrete, e leixou Nuno Alvares em Arronches seu tio Martim Gonçalves, e teve alli a paschoa, e mandou muitos que se fossem pera suas casas, e que estivessem prestes como vissem seu recado, e elle partiu pera Estremoz, e d'alli pera Evora, e depois pera Montemór.

CAPITULO XCVIII

D'uma entrada que os portuguezes fizeram por Castella, e do roubo que tomaram.

Se sois bem alembrado do que tendes lido, el-rei de Castella é em termo d'Obidos, esperando sua frota pera ir cercar Lisboa, e emquanto Nuno Alvares está de folga, e o Mestre aguardando seu poderoso cerco, por este tempo não ficar de va-

go, vejamos emtanto algumas cousas, posto que ligeiras sejam, até que a frota de Castella venha, a que havemos de tornar; onde assim haveiu que alçando voz por a rainha muitos alcaides de castellos, como ouvistes, mandou o Mestre Vasco Porcalho, commendador mór de sua Ordem, a Villa Viçosa por alcaide, e que lançasse fóra Garcia Pires do Campo, Craveiro da dita ordem, porque era criado da rainha, de que tomavam suspeita. E tendo Vasco Porcalho assim sua voz, mandou o Mestre que Alvaro Gonçalves Coitado estivesse em Villa Viçosa com trinta escudeiros naturaes da dita villa, porque elle era d'esse mesmo lugar. Este mesmo Alvaro Gonçalves Coitado, era muito amigo de Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, e acordaram ambos de fazer uma cavalgada em Castella, porque nenhuns que voz entonce por Portugal tivessem eram ouzados d'esto cometer, por quanto Pero Rodrigues da Fonseca estava em Olivença, mui poderoso, com quinhentos de cavallo, entre homens d'armas e ginetes, de guisa que toda aquella comarca era temerosa ante elle, e os gados todos mui seguros ao longo do extremo da parte de Castella.

O acordo feito, e o dia divisado, juntou Alvaro Gonçalves seus trinta escudeiros e cento e cincoenta homens de pé, do Alandroal, assim que eram por todos quarenta e cinco de cavallo, e duzentos homens de pé. E juntos assim pera entrar por Castella passaram de noute Odeana por o posto de Cerva, e foram ao exido de Chelas, sobre o quarto da alva, e fizeram preza em dois fatos de vacas de Garcia Gonçalves da Silva, e tomaram quatorze vaqueiros, e arrancaram as tendas, e carregaram os fatos com todos seus aparelhos. E assim tomaram

vaccas, novilhos e eguas com seus pastores, e não escapou mais que um que foi dar nova a Villa Nova de Fresno e a Alconchel, logares do senhorio de Castella. E Pero Rodrigues e Alvaro Coitado mandaram trazer a cavalgada aos homens de pé, e lhes deram dez de cavallo que viessem com elles, e elles com os besteiros ficaram em resguardo se algumas gentes recrescessem pera pelejar. A qual cavalgada passaram por Ferreira e vieram com ella pelo Soveral derredor entre a villa do Alandroal e Jerumenha, até o campo de Pardães onde está uma egreja de S. Marcos, e n'aquelle campo partiram suas cavalgadas, os capitães suas direitas partes, e cada um dos outros o que se lhe montava, e o quinto que o Mestre dera a Alvaro Coitado, não quiz aquella hora havel-o pera si, mas que se partisse por elles, de que todos foram mui contentes, e agradeceram-lh'o muito e acharam em aquella preza oitenta novilhos, que andavam apartados em um dos fatos, e as vaccas eram mil e quatrocentas, e eguas eram vinte e seis, e nove poldros de tres annos, e outros poldrinhos pequenos. E as eguas deram a Alvaro Coitado, que mandou pera uma sua quinta acerca de Benavente.

E esta foi a primeira cavalgada que os portuguezes fizeram em Castella no começo d'esta demanda.

CAPITULO XCIX

Como Vasco Porcalho foi lançado de Villa Viçosa por suspeita que d'elle tomaram.

Esta cavalgada e roubo assim feito soube Pero Rodrigues, certo, que o commendador-mór Vasco Porcalho, recebera cartas de Pero Rodrigues da Fonseca contra serviço do Mestre e fel-o saber a Alvaro Coitado em Villa Viçosa, onde estava, e quando o escudeiro chegou com este recado estava Vasco Porcalho na praça da villa, e Alvaro Gonçalves se fez prestes de o prender, fallando-o primeiro com alguns da villa, e tomada a porta da traição com besteiros e homens de pé, que não leixassem sahir nem entrar nenhum, mandou poer á porta do Castello dez escudeiros, e cercou todas as portas da villa e a grande pressa mandou ao Alandroal, que é d'ahi uma legua, a chamar Pero Rodrigues, o qual como viu seu recado cavalgou com dez escudeiros, e sessenta homens de pé, e a mui grão pressa chegou hi, e Alvaro Gonçalves, que tinha já tomada uma torre grande, que está sobre uma das portas, que lhe mandou abrir, e como se viram, fallaram ambos e não foi ouvido. E logo com os seus e com todos os da villa, chegaram aos paços da Ordem, onde já o commendador estava com quinze escudeiros e trinta homens e dez besteiros, e a rua dos paços bem apalancada pera se defender.

A gente era muita e foi logo quebrado o palanque, bradando todos a alta voz dizendo todos:

—Morra, morra o traidor com quantos tem, que nos tinha vendido a el-rei de Castella.

Dizendo todos que lhe pozessem o fogo, fizeram-nos estar quedos, e mandaram dizer que se sahisse Vasco Porcalho. Depois que seguraram elle e os seus, sahiu dos paços fóra a fallar com elles.

E afastados a uma parte perguntou o commendador-mór porque se demoveram a o deshonrar e matar sem por quê, cercando-lhe seu castello de menagem, em que o Mestre seu senhor o pozera, e que lhe tinha feito por elle menagem.

—Na qual cousa, disse elle, não me parece que fizestes bem, nem houvestes bom conselho, nem o Mestre, cujo criado e freire eu sou, não o haverá por bem, nem vol-o terá em serviço. E digo-vos que eu lhe entendo de escrever todo o mal e deshonra que me por vós é feito.

Ditas estas e outras razões que largamente propoz por sua querella, respondeu Alvaro Gonçalves e disse:

— Cavalleiro vós não vos agraveis, nem hajaes por mal cousa nenhuma d'estas que são feitas, nem que vejaes fazer. E nenhuma se faz por vos deshonrar nem matar, mas por o entendermos assim por serviço do Mestre nosso senhor. A nós é dito, e somos d'ello certo, que vos carteaveis com Pero Rodrigues da Fonseca, alcaide de Olivença, e que ha já tres mezes que sois vassalo d'el-rei de Castella e recebestes d'elle mercês e lhe prometestes de dar esta villa, e que em Olivença estão trezentas lanças de castellãos que hoje haviam de tomar posse da villa. E por que isto seria mui grão

mal e damno e desserviço do Mestre nosso senhor, queremos ser de vós seguros, e queremos que entregueis este logar, e então vós hi pera elle, mostrando-vos sem culpa d'isto, e servi-o no que vos mandar, e aqui não ha mister mais razões nem escuzas coloradas, ca vos não hão de conhecer d'ellas, mas hoje será o castello chão com a villa, e a ponte quebrada, e todo mais que entendermos por segurança do logar e serviço do Mestre nosso senhor.

A esto deu elle sua resposta porque quiz mostrar que não era assim, e elles disseram que não arrazoasse mais sobre tal historia, ca bem sabiam que era verdade, e que lhe entregasse logo o castello, que por entonce não devia de fallar n'elle.

Vasco Porcalho não podendo mais fazer, chamou logo um escudeiro de que muito fiava, e mandou que se fosse com elles e que lhe entregasse o castello, tomando primeiro instrumento da força que lhe faziam, e protestando de não encorrer em caso de desleal pelo preito e menagem que d'elle fizera.

Tomaram entonce posse do dito castello, e mandaram quebrar a ponte do castello da porta da traição, e taipar a porta das partes de fóra, e fizeram que se servisse a villa e o castello todo em um, e o commendador foi fóra com todas suas cousas, e quantos com elle estavam.

CAPITULO C

Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcalho o castello, como antes tinha.

Partiu o commendador pera Lisboa, com aquelles que com elle aguardavam, e o Mestre os recebeu mui bem, não embargando que Pero Rodrigues e Alvaro Gonçalves lhe tinham já escripto, como se todo passara.

Vasco Porcalho fez grande queixume ao Mestre, mostrando que lhe fôra feita grão deshonra por inveja e não por ser verdade o que d'elle disseram. O Mestre relevou tudo com boas razões, dando lhe de si bom gasalhado, e esteve assim alguns dias. E comendo uma vez o Mestre, servia ante elle de copeiro o commendador e no fim da mesa deu agua ás mãos, e depois que levantaram as toalhas, o Mestre o chamou e disse-lhe:

—Commendador, não sejaes triste por esto que assim passou, por que aquelles que o fizeram entenderam que me faziam serviço, mas eu não embargando isso, quero de vós fiar muito mais do que fiava d'aqui adeante, e quero que sejaes tornado a vossa honra, e que vos entreguem o meu castello de Villa Viçosa, como d'antes tinheis. E se me vós fordes desleal, sereis o mais tredor homem do mundo, serdes vós freire da minha ordem, e meu cavaleiro, e cuidardes vós nenhuma traição contra mim, isso não poderia eu crêr, nem creio que vos fez Deus

tal que trabalheis de poer sobre vosso nome apellido vergonhoso. Eu vos mandarei dar minhas cartas pera Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues, e pera os homens bons d'essa villa, que vos entreguem vosso castello, como o d'antes tinheis, e a vós hei por bom e por leal, e eu creio que vós sois tal que fareis vosso dever, e eu vos farei por ello mercês. E mando-vos que hajaes todavia boa amizade com esses cavalleiros e elles pelo meu vos honrarão e vós assim o fazei a elles e a esse conselho.

O commendador ouvindo esto, beijou a mão ao Mestre, dizendo lhe:

— Que lh'o tinha em grande mercê em o querer tornar a sua honra, que já se havia contado com os mortos sem culpa, que em elle houvesse, ca seu coração não cuidava outra cousa porque o desservice, nem Deus não quizesse que tal mingua por elle passasse.

Estas e outras muitas razões lhe disse o traidor, porque o Mestre o havia ca de haver por mais sem culpa.

Entonce mandou o Mestre escrever suas cartas de crença pera Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues, e pera o conselho, da maneira que com elle tivessem, e elle se despediu do Mestre e se veiu a Villa Viçosa e pousou no mosteiro com os que trazia, e mandou as cartas a Alvaro Gonçalves, e a Pero Rodrigues, ao qual pezou muito quando viu tal recado, e deixou bom recado na villa e foi fallar a Alvaro Gonçalves Coitado pera haver conselho com elle. E quando chegou a Villa Viçosa, achou que Alvaro Gonçalves tinha todas as portas da villa cerradas de pedra e não estava nenhuma aberta, salvo um postigo que está sob o poderio de uma

grande torre, e a aquelle postigo estavam dez homens d'armas e vinte peões e seis bésteiros, e por alli entrou Pero Rodrigues, e depois que fallou a Mecia Pires, mulher de Alvaro Gonçalves Coitado, foi-se áquella torre onde estava e mostraram as cartas um ao outro, e viram que vontade era do Mestre de Vasco Porcalho ser tornado a posse do castello, e assim como antes.

E pero lhes muito pezasse, os da villa houveram acordo de cumprir o mandado do Mestre, e mandaram-n'o chamar, que se viesse pera seu castello, pois era mercê do Mestre de o elle ter.

CAPITULO CI

Como Vasco Porcalho prendeu Alvaro Gonçalves por arte.

Depois que Vasco Porcalho entrou no logar, fallou a Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues com boas e mesuradas razões como é costume dos que querem enganar. dizendo-lhe que lhe perdoasse se os anojára em alguma cousa e que elle era prestes pera serviço do Mestre em todas as cousas que lhes elles mandassem, e tivessem por bem, e que lhes prometia boa e verdadeira amizade, e que fossem em um amor e em uma vontade.

E tal conversação deu de si a todos e por tal modo que elle tornou a repairar o castello como d'antes estava, havendo-o todos por bem feito, e poz muita pedra no muro, e por cima das ameias grossas traves, e acalmou-se de lenha e carnes e outras cou-

sas que pera defensão pertenciam, dizendo que assim lh'o mandara fazer o Mestre. E em fazendo estas cousas, fingiu grande amizade com Alvaro Coitado, e foi seu compadre de um filho que Alvaro Gonçalves baptisou, ao qual baptismo veiu Pero Rodrigues. alcaide do Alandroal, e depois que todos comeram com Alvaro Gonçalves, tornou-se Pero Rodrigues pera onde viera, e Alvaro Gonçalves não foi aquella noite dormir a aquella grande torre da villa de que ainda estava de posse; mas como foi serão veiu-se Vasco Porcalho pera elle, mostrando que vinha como seu compadre, e tomar com elle prazer, e veiu-se com elle alta noite, até que entraram cincoenta escudeiros e duzentos homens de pé, que tinha escondidos dentro no castello, e prendeu Alvaro Coitado e sua mulher e filhos e quantos com elle estavam, e os levaram subitamente á torre da menagem, e lhe roubou as casas de quanto n'ellas tinha, e aquelle serão entraram no castello duzentas lanças de castellãos, e a madrugada deram ás trombetas e alevantaram bandeira na torre de menagem, bradando em altas vozes:

— Castella, Castella.

Quando os da villa viram os castelãos comsigo foram mui desacordados e postos em gran turvação, assim pela tomada da villa, como pela prisão de Alvaro Gonçalves, abriram o postigo, e começou a gente de fugir pera Borba, assim de pé como de cavallo, e o commendador folgava por livrarem a villa, e se irem todos, como de feito foram e seus criados.

Entonce começou Vasco Porcalho de fazer má vizinhança a Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, e assim fazia Pero Rodrigues a elle.

Os do Alandroal passavam já fracamente de mantimentos comendo pão de bolotas, e d'outras asperas cousas.

O commendador como prendeu Alvaro Coitado fel-o a saber a el-rei de Castella, e que lhe mandasse dizer como era sua mercê de fazer d'elle. E isso mesmo escreveu Pero Rodrigues ao Mestre, como o traidor commendador de que elle fiára, dera Villa Viçosa a el-rei de Castella, e como tinha preso Alvaro Coitado. E ao Mestre pezou muito e mandou a Pero Rodrigues que pozesse bom recado na villa que tinha.

Veiu recado d'el-rei de Castella, e mandou o commendador a Alvaro Coitado á torre de Olivença, por ser hi melhor guardado, e uma carta a Pero Rodrigues da Fonseca que o guardasse bem.

Nuno Alvares soube parte como Alvaro Conçalvel fôra preso, e pezando-lhe muito escreveu a Pero Rodrigues, do Alandroal, que fizesse muito por saber se haviam de levar d'alli a Alvaro Coitado, e escreveu-lhe que sim, mas que não sabia como nem quando, e Nuno Alvares lhe enviou alguns escudeiros pera os ter comsigo e ordenar com elles se podesse, como fosse tomado aos castellãos, quando o levassem pera Olivença, dos quaes era um Affonso Pires o Negro, que depois foi alcaide de Villa Viçosa, e Lourenço Martins do Tojal, e Gonçalo Cão, e Gonçalo Colaço, e Lourenço Pires Cinza, e Gonçalo Lourenço de Sampaio e outros bons escudeiros, aos quaes mandou que fizessem todo o que Pero Rodrigues ordenasse, e elles assim o disseram quando a elle chegaram, e elle o agardeceu com boas palavras, e folgou muito com elles.

CAPITULO CII

Como os portuguezes pelejaram e os venceram, e desbarataram.

Logo como estes escudeiros chegaram, cavalgaram uma noite de Villa Viçosa o commendador de Alcantara, e o commendador de Calatrava, com certos de cavallo e de pé, e foram correr termo d'Evora, e por aquella comarca, e indo elles grande noite muito encobertos, um moço portuguez natural de Borba, que chamavam Rodrigo Valejo, ia por pagem de um castellão, que se dizia Diogo Gonçalves Maldonado, e fugiu-lhe no caminho, no quarto d'alva, e foi-se á villa do Alandroal dar novas a Pero Rodrigues, alcaide do logar, como aquellas gentes eram entradas a roubar o termo d'Evora, que eram dozentos de pé, entre almograves e outras gentes, e cento de cavallo com gentes que com elles iam, e disse-lhe o caminho que levavam, e a falla onde haviam de fazer prea.

Quando Pero Rodrigues isso ouviu, foi mui ledo com taes novas, e muito mais o foram os escudeiros que Nuno Alvares alli mandára, porque Vasco Porcalho dera os bens d'alguns d'elles que eram de Villa Viçosa. E Pero Rodrigues houve logo conselho com elles como lhes parecia, que era bem de fazer em tal cousa, e acordaram todos, como quer que a gente fosse muita, que os fossem aguardar no caminho, e pelejassem com elles todavia.

E Pero Rodrigues fez logo fazer prestes os que comsigo havia de levar, e eram com os escudeiros de Nuno Alvares, vinte e seis de cavallo, e setenta homens de pé, e tomaram o caminho de Estremoz cavalgando o mais á pressa que poderam até á estrada que vae de Villa Viçosa pera a cidade de Evora, e levaram comsigo o moço que lhe as novas trouvera, a que lhe poz na trilha que os castellãos passavam, e isso mesmo da serra, e alli houveram accordo que no posto d'ella se pozessem, onde seriam tão bons os poucos, como os muitos, e acordando que alli os aguardassem a qualquer ventura que lhe Deus quizesse dar.

Encobriram-se os de cavallo e os de pé, em um baixo, e poz Pero Rodrigues duas atalaias, que devisavam grande terra por aquelle campo, e elle estava com uma d'ellas. E assim estiveram des hora de prima até meio dia, que viram vir os de pé tangendo a cavalgada, e com elles dez de ginetes em guarda. Era a cavalgada mui grande á maravilha, que elles traziam cinco mil ovelhas e cinco mil e quinhentas cabras, e entre homens e moços até sessenta e dois metidos em tres baraços. Os de pé vinham todos com a presa e com elles dez ginetes, e os homens d'armas ficaram em resguardo de traz.

Com tal segurança traziam sua cavalgada, como se estivessem em Castella. E em esto pareceu a gente d'armas, e vinham fazendo mór vista do que eram. E leixaram a estrada que traziam direita, e foram correr ao Redondo, que estava d'ahi muito perto, e escaramuçaram ao derredor da villa com alguns dos que ahi estavam.

E quando Pero Rodrigues e aquelles escudeiros esto viram, disseram uns aos outros:

— Agora é tempo de darmos sobre estes de pé, que aqui vem com a cavalgada, e sobre estes ginetes antes que lhe venha acorro de gente d'armas.

E logo se repartiram em duas partes assim os de pé como os de cavallo, e foram dar nos de pé e nos ginetes, assim como vinham, e nos primeiros golpes derribaram cinco ginetes, dos de pé cincoenta e tres de taes feridas, que não houveram mister mestre que os curasse, e mau seu grado desampararam a cavalgada e começaram a fugir pera a serra aquelles que o poderam fazer, ca os portuguezes assim de pé como de cavallo, e os que elles traziam captivos, que foram logo soltos, os seguiam mortalmente matando e prendendo em breve espaço. Foram entre mortos e presos cento e vinte e tres, e os outros escaparam na serra, e fez Pero Rodrigues com armas e béstas dos cinco que cahiram cinco escudeiros de homens de pé, que o bem mereciam, assim que já eram trínta e um de cavallo pera pelejar.

Os cinco ginetes que escaparam foram dar novas aos homens d'armas, como a cavalgada era em poder dos portuguezes, e muitos dos seus mortos e presos.

E elles com grande menencoria recolhendo-se todos ao maior andar que poderam, por fóra da estrada, e vieram sobre o logar, onde fôra a peleja, e acolheram-se a um cabeço mui alto, d'onde podiam bem vêr quantos eram os portuguezes.

Pero Rodrigues quando os assim viu houve accordo com os escudeiros, que posto que a peleja mui desegual fosse, e antes que os castellãos cobrassem esforço de vir a elles, que os comettessem elles primeiro.

Entonce poz os de pé todos a uma parte, e mandou-lhe que estivessem quedos, e não se descorregessem por cousa que vissem, ca elles queriam ir cometter aquelles de cavallo ante que elles houvessem acordo, e se virem com elles, e se com elles não podessem, que então se recolheriam onde elles estavam, e que elles não houvessem dó de partir os dardos e lanças pelos cavallos dos castellãos. Entonce pozeram as lanças sob os braços, e bradando todos por Portugal e S. Jorge, foram ferir nos inimigos.

Os commendadores com os d'essa parte, com bom desejo, adereçaram a elles chamando Castella; e ao juntar das lanças cahiram dos castellãos em terra e dos portuguezes dois ás lanças e depois que foram perdidas vieram ás espadas e feriram-se bem á vontade, e de tal guisa o fizeram os castellãos, porque eram muitos, que se envergonhavam a fora leixarem os portuguezes a praça. Os homens de pé entenderam isto, e vendo a peleja assim desegual, não embargando o mandado que tinham de lhe acorrer ao tempo que lhe fazia mister seu acorro, e como chegaram, começaram a despender d'aquelles dardos nos cavallos dos castellãos, por cujo azo seus donos cahiam em terra, e tanto fizeram os de cavallo como os de pé por haver melhor de seus inimigos, que por força os fizeram arrancar do campo, e Lourenço Martins do Tojal, e Gomes Lourenço de Sampaio, quando viram que se os castellãos venciam e começavam de fugir, disseram um ao outro:

— Vamos a estes commendadores, pois os conhecemos, não nos escapem assim.

Entonce deitaram apoz elles cada um a seu.

Os commendadores por recolherem a gente, iam-se detendo, acompanhados porém dos seus. Lourenço Marques e Gomes Lourenço meteram-se por entre todos, e cada um encontrou de guisa que os pozeram fóra das sellas, e elles entraram com seus bons criados, e tornaram sobre elles; e mataram os cavallos a Lourenço Martins e a Gomes Lourenço, e ficaram ambos feridos a pé. Entonce cobraram os commendadores cavallos, e sobreveiu Pero Rodrigues que correu a aquelles escudeiros, onde já estavam pera serem mortos ou presos, e por ali se partiu a peleja.

D'aquelle logar se partiu Pero Rodrigues, e disse aos escudeiros que levassem aquellas ovelhas pera Alandroal, ca ali acudiriam seus donos por ellas.

E recolhida a gente achou que não minguava nenhum dos seus, mas foram feridos vinte e cinco homens de pé, e dos escudeiros onze de feridas porém seguras de morte, e morreram dos castellãos alli onde juntaram, quatro de cavallo, e foram nove prezos e seis cavallos mortos e nove vivos, e da parte dos portuguezes cinco cavallos mortos, mas não minguavam outros melhores pera seus donos d'aquelles.

E alli vieram os donos das ovelhas, cada um por as suas, e davam a Pero Rodrigues a metade, e elle não quiz mais de trezentas cabras e cem carneiros pera comerem aquelles feridos.

CAPITULO CIII

Como foi livre Alvaro Gonçalves Coitado da prizão, e desbaratados os castellãos que o levavam.

Não tardou muito que acerca d'esto chegou um dia pela manhã uma enculca, que Pero Rodrigues tinha em Villa Viçosa, e disse que aquella noite, que havia de vir, que haviam de levar Alvaro Coitado de Villa Viçosa a Olivença, e que visse o que cumpria.

Pero Rodrigues chamou logo os escudeiros perante aquelle homem, e começaram de fallar que maneira teriam em ello, e acordaram que aquella noite se lançassem em cilada acerca de Villa Viçosa em um pinhal azádo pera ello, e que aquelle homem fizesse de guisa que soubesse as horas a que havia de ser levado, e porque maneira, e mandaram-n'o que se fosse, e que lhe levasse novas a aquelle pinhal.

Pero Rodrigues depois do sol posto, com aquelles dezeseis de Nuno Alvares, e com quinze escudeiros seus, e cincoenta homens de pé, partiu do Alandroal fingindo que levava o caminho de Estremoz, e depois que foi noite deram volta por outro caminho o mais encuberto que poderam, e foram-se ao pinhal que devisado tinham, e elles esperando por alli por resposta do homem que mandaram, que lhe trouvera o recado.

Era já grande serão andado e não saia lingua do

logar, que certa fosse, salvo quanto lhe dissera aquelle homem que esperavam. E vendo sua tardança mui grande, começaram de duvidar se era verdade o que lhe elle dissera, e diziam alguns que isto podia ser traição d'aquelle homem de que Pero Rodrigues fiára, os ter vendidos.

E o que se d'esto mais receava era o dito Pero Rodrigues, e tanto que elle e outros bem lhe prouvera de serem d'alli fóra, e não ter tal obra começada.

Em esto os dois escudeiros Lourenço Martins e Gomes Lourenço, começaram de dizer assim:

— «Pero Rodrigues, vós sois aqui vindo por serviço de Deus e do Mestre, e Nuno Alvares quando nos a vós mandou encommendar que este Alvaro Gonçalves sahisse da prisão, quando o d'aqui quizessem levar se o vós podesseis fazer. Ora esto é já traição ordenada, e não lhe podemos fugir por nenhuma guisa, que não hajamos de livrar pelas mãos, e aguardando qualquer aventura, ou aqui ou no caminho, portanto se vos prouver, nós queremos ir com dois homens de pé e tomarmos lingua, se podermos; e vós aguardae aqui, ca muito preste tornaremos a vós.

Pero Rodrigues disse que lhe aprazia, e que não partiria em nenhuma guisa até que elles viessem.

Foram-se os escudeiros com dois homens de pé almograves, e como foram perto da villa, mandaram os de pé ao arrabalde, e elles ficaram acerca em direito da porta da traição. E estando assim viram muita gente de pé e de cavallo, e viram dois homens de pé castellãos, que se queriam ir com aquelles que estavam á porta da traição, não por mandado do commendador. E os escudeiros prenderam-

nos logo, e fizeram-nos calar, e em esto viram os dois homens que foram com elles e disseram:

— «Já Alvaro Gonçalves tiram do castello, e lhe tem uma mula prestes em que vá. Parece-nos que serão dozentos de cavallo e muita gente de pé, e chamou Affonso Garcia Almocadem que saía má hora, se hade sair.

—Ora, disseram elles, ficae-vos aqui, como elles moverem e começarem de cavalgar vá um de vós dar novas, outro vá acerca, e veja em certo quanta gente é, e por qual caminho vão.

Entonce se partiram os dois escudeiros com aquelles homens que assim prenderam, e foram-se ao pinhal, e como chegaram contaram a Pero Rodrigues e aos outros todo o que lhe aviera.

Estando perguntando a aquelles prisioneiros que gente estava em Villa Viçosa, chegou o homem porque Pero Rodrigues esperava, e os outros dois que ficavam no lugar por saber o caminho, e ambos deram novas dizendo assim:

—Sabei que os commendadores vem com Alvaro Coitado e trazem comsigo até noventa de cavallo e sessenta homens de pé, e todos escolhidos, e vinte e cinco besteiros e vem por sua guia d'elles Affonso Alvares Almocadem, e trazem esta estrada da córte de Oliveira, e ora os ouvireis passar aqui. E começaram de se poerem a cavallo, e em se corregendo ouviram o tom dos cavallos dos castellãos.

— Como vos parece, disse Pero Rodrigues, que será bem, ou em que logar começaremos nossa demanda ?

— Parece-nos são conselho, disseram os outros, leixarmol-os mais alongar da villa, e á entrada d'aquelle azinhal os cometeremos.

Em esto fallando, chegou outro peão com recado dizendo:

— Já passam os commendadores, e levam a maior palra de palavras, que homem nunca ouviu, e vão sem avisamento nenhum, ca elles não levam gentes, ca vem deante, nem nenhum resguardo d'outra gente. Entonce disse Pero Rodrigues:

—A mim parece que é bem que em aquelle campo além d'aquelles estebaes hajamos a demanda com elles, e não havemos porque os mais leixar ir, ca poderão de nós haver sentido, achar-lhe-hemos melhor percebidos, a noite faz boa, e não muito escura, e nos ferremos n'elles de subito, e prazendo a Deus, elles nos farão graça de Alvaro Gonçalves e d'alguns cavallos e armas, que levam.

E entonce cavalgaram a mais andar que poderam, e entraram na estrada por onde iam os commendadores, e chegaram tão acerca d'elles, que ouviram as repetições do grande arruido que levavam entre si, e como começaram de entrar ao campo, corregeram-se os portuguezes pera ir a elles, e pozeram as lanças sob os braços, a maior correr dos cavallos, que levar podiam. Os castellãos quando os assim viram deram uma grande arrancada por deante, e a grandes vozes os comendadores:

—Não é nada senhores.

E ao arrancar que fizeram, deu um cavalleiro a Alvaro Gonçalves uma lançada sobre uma jaqueta que levava vestida, dizendo:

— O' traidor, vendido nos has.

E Alvaro Gonçalves se lançou da mula em terra com uma adoba mui grande que levava nas pernas, e se escusou da mula.

Pero Rodrigues, com os que com elle iam foram ferir nos castellãos, e d'esta chegada que deram em elles, cahiram bem escudeiros das bestas, e os seus homens de pé se acolheram ao monte, sem fazer cousa que de contar seja. Os peões portuguezes não houveram outro trabalho, senão prender d'aquelles escudeiros que cahiam, e apanhar lanças e adargas que cahiam por esse campo, e tomar mulas e cavallos, e azemulas e outras bestas com fardagem dos commendadores, e d'outros escudeiros de conta que iam em sua companhia, e ahi não havia que lh'o tolher, porque logo foram vencidos e arramados por esses estebaes. E porque era noite, e ficaram sem guia, desceram-se dos cavallos e lançaram-se ao monte por escapar, e por essa razão ficaram muitos cavallos sem donos, além dos que na volta primeiro cahiram.

Os commendadores foram dar comsigo em uma fraga pedregosa, e alli leixaram os cavallos, e os outros que com elles iam, e os cavallos tornaram-se ao campo.

Os portuguezes não sabiam parte de Alvaro Gonçalves, e bradaram por elle, chamavam-n'o por seu nome; e elle jazia em um grande juncal, e não ouzava de responder cuidando que aquelle era Martim Eanes da Barbuda, que o vinha tornar aos castellãos por o levar comsigo captivo, por o mal que queria.

E pela ventura foi a aquelle logar Gomes Lourenço de Sampaio, e andando bradando por Alvaro Gonçalves elle o conheceu na falla, e então respondeu. E havendo grão prazer com elle, desceu-se do cavallo, e ajudou-o a montar em elle, ca elle não podia por razão da adoba que tinha, e poz-lhe uma

espora e deu-lhe a lança, e cobrou Gomes Lourenço o cavallo do commendador de Calatrava, que era o mais afamado que hi vinha.

E foram-se pera onde estavam os outros. Pero Rodrigues foi mui ledo com elle, e quantos hi eram, dizendo que por elle sómente eram alli vindos, e elle agradecia-lhes sua boa obra, quanto podia.

O arruido era grande na villa, e repicavam quanto podiam, cuidando que era Nuno Alvares que ia sobre elles, e esta intenção tinham os do logar, segundo lhe diziam os que se acolheram á villa. Em este desbarate foram presos nove escudeiros, e tomados dezeseis cavallos e seis mulas e tres azemulas e vinte e cinco bestas de albarda com frascagem d'alguns escudeiros, e leixando as razões que ambos houveram, Alvaro Gonçalves se espediu de Pero Rodrigues, e de quanto lhe davam não quiz levar mais de oito cavallos, e foram-se com elle pera Estremoz dezeseis escudeiros que Nuno Alvares mandara, e mais alguns homens de pé, e Pero Rodrigues se tornou pera o Alandroal, o qual em outro dia deu seis cavallos a seis homens de pé, que fez escudeiros, e repartiu as outras cousas todas, e a rendição dos presos tanto a um como a outro, e tão bom quinhão sempre tinham os que acertavam de ficar no logar, como os que iam fóra com elle.

CAPITULO CIV

Como Pero Rodrigues foi acorrer Alvaro Coitado, que o não prendessem os castellãos.

QUANDO Vasco Porcalho soube a tomada de Alvaro Gonçalves, e como os commendadores foram desbaratados, houve grande pezar e com grande queixume dizia por modo de escarneo, contra os que estavam presentes:

— Em verdade hei por estranho nunca nenhum de vós me pedir o quinto d'estas calvalgadas que fazeis; cento de vós pelejam com trinta, e sempre de vós ficam mortos duas duzias, e os outros fugindo como ovelhas tornam-se pera este curral: quanto com tal honra como esta, boa fama irá de vós a el-rei.

E mandou essa noite duás inculcas sobre que fazia Pero Rodrigues e que gentes foram com elle na tomada de Alvaro Gonçalves, ou se estava ainda no Alandroal, que elle quizera vir ahi correr e fazer algum bem se podera, e uns homens que Pero Rodrigues mandára essa noite por escutas, tomaram lingua das escutas de Vasco Porcalho. O qual sabendo que Alvaro Gonçalves era já em Estremoz, e havia em aquella noite de partir pera Borba, mandou quarenta de cavallo, e trinta homens de pé, que se fossem poer no caminho por onde Alvaro Gonçalves havia de ir, e que de morto ou preso lhe não escapasse, a todo seu poder. E Alvaro Gonçalves não sabia d'esto parte e Pero Ro-

drigues sabia d'isto novas, e mais por um homem de Villa Viçosa que lh'o veiu dizer, e como d'isto foi certo, mandou chamar os do logar e perguntou-lhes que lhes parecia, que devia de fazer em tal feito, e elles responderam que fizesse o que por sua honra entendesse, que elles prestes estavam.

—A mim me parece, disse elle, que não é bom leixarmos perder quem nos tanto trabalho deu pera o havermos de livrar, que se lhe nós não acorrermos, poderá ser preso ou morto, cousa que eu não queria por nenhuma guisa que acontecesse. Fazei-vos prestes, que nós prestes somos.

Então cavalgou elle com os do conselho do Alandroal e chegou a aquelle logar de Montalvão onde lhe disseram que o commendador mandára aguardar Alvaro Gonçalves. Os castellãos tinham duas atalayas, quando os viram ir foram-se acolhendo, não os querendo aguardar, nem poude Pero Rodrigues d'elles percalçar nenhum. Então se foi cavalgando por Estremoz, e achou Alvaro Gonçalves, que ainda não partira, e contou-lhe como viera, e elle lh'o agradeceu muito, e disse-lhe que pozesse boa guarda e avizamento que não recebesse damno.

Partiram então Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues pera a Villa de Borba, e no dia seguinte alta manhã, mandou Alvaro Gonçalves descobrir terra por dois escudeiros, e acharam dez de cavallo que vinham correr a villa de Borba, e estes vieram até o logar apoz aquelles dois, que foram descobrir, e tomaram junto com a villa vinte bois, que andavam pascendo.

Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues quando viram isso, sahiram a elles pera lh'os tolher, e toma-

ram-lh'os antes que chegassem a uma cilada que os castellãos tinham lançado, onde chamam Orelhas, e foi a cilada descoberta e seguida de corredura, até ás hortas do Reguengo da Villa, onde tomaram sete azemulas do commendador Vasco Porcalho, as quaes os castellãos não ouzaram de lh'as ir tolher, cuidando que eram muita mais gente. Entonce se tornou Alvaro Gonçalves pera Borba e Pero Rodrigues pera o Alandroal.

CAPITULO CV

Como Vasco Porcalho foi correr ao Alandroal, e da preza que tomou.

O commendador Vasco Porcalho, vendo a fouteza, que contra elle mostrava Pero Rodrigues, com os que comsigo tinha, escreveu a Pero Rodrigues, alcaide de Olivença que mandasse correr a villa do Alandroal, de que recebia muito má visinhança, e que fosse certo que como os corredores corressem assim os de pé, como os de cavallo, logo sahiriam a elles, e que não os havia de leixar até o rio de Odeana, ca tanto corriam os homens de pé d'aquelle logar como os de cavallo, e que assim os podiam prender e acutilar á sua vontade, lançando-lhe uma cilada longe áquem do logar.

E emquanto elle mandou este recado, enviou vinte de cavallo correr o Alandroal, e fizeram preza

em uns poucos d'asnos, e foram-lhe tolhidos pelos do conselho.

Estes corredores tornaram pera a villa, e disseram a Vasco Porcalho, que não entendiam lá mais de ir por aquella guisa, e que os seguiram de tal maneira que se o caminho não fôra longe que lá ficaram por seus hospedes.

O commendador com despeito cavalgou a grande madrugada, levou cento e cincoenta de cavallo e dozentos e cincoenta homens de pé, e lançou-se em cilada acerca do Alandroal onde chamam o pinheiro, e depois que foi bem de dia mandou vinte de cavallo que corressem até ás portas da villa, e qualquer cousa que achassem travassem em elle sem receio nenhum.

As gentes fizeram como lhes elle mandou, e correram até ás portas do logar, e tomaram setenta cabras. Os da villa sairam a elles, Pero Rodrigues com dez de cavallo e setenta e cinco homens de pé, e foram por outra parte por lhe tomar a deanteira, e já os de pé tinham as cabras tiradas dos corredores, e os de cavallo foram dar na cilada dos castellãos, a qual descoberta leixaram-se todos ir direitamente á villa, que era muito acerca.

Pero Rodrigues por acudir aos peões, vieram todos emburilhados até as cercas das casas do arrabalde da Matta, e alli os esperaram e começaram de pelejar. Pero Rodrigues era a pé com os seus; e sendo a peleja muito desegual, foram os portuguezes vencidos por força, e fugiram pera a villa, acolhendo-se ás casas da rua da Matta, que eram furadas uma pelas outras, foram por alli escapando. D'outra guisa os mais d'elles foram mortos e presos, mas não foram mais que cinco homens mortos

bem mancebos, e pera muito, os quaes lhe mataram junto com o muro, e foram muitos feridos.

Pero Rodrigues houve uma ferida; e dos castellãos morreram dois, e quinze cavallos. Tornou-se então Vasco Porcalho com grande prazer pera Olivença, levou aquellas setenta cabras, sem haver nenhum que lhe pozesse embargo, e ficou Pero Rodrigues com os seus bem nojoso por tal desaventura, porém dizia de praça por os confortar.

— Amigos, tal vae de guerra: similhantes cousas oitenta e cinco a trezentos e cincoenta leixar o campo sem vergonha o podem fazer. E estes que morreram por defensão do reino, Deus lhe haverá mercê das almas.

CAPITULO CVI

Como Pero Rodrigues da Fonseca lançou uma cilada aos do Alandroal, e do que lhe haveiu.

Pero Rodrigues da Fonseca não foi esquecido do que lhe escreveu Vasco Porcalho, e cavalgou de Olivença com dozentos homens de cavallo e trezentos de pé, e veiu uma noite lançar-se em cilada acerca de S. Braz Mosteiro, uma legua do Alandroal; como foi manhã disse aos seus d'esta guisa:

Amigos, eu queria tomar esta villa e matar ou prender os que n'ella vivem, e se o fazer podermos segundo meu desejo é, faremos serviço e prazer a el-

rei de Castella, e lograremos todas as cavalgadas, e pois que Vasco Porcalho no outro dia matou parte d'elles, por uma cilada que lhe lançou, nós façamos por esta maneira. Os que forem correr, se tomarem alguns prisioneiros, ou qualquer outra cousa, façam infinta, que vão contra Terena, e alguns dos outros fiquem em face da villa, travando com elles com o maior resguardo que poderem, e senão acharem cousa em que façam presa, tirem-nos mais alongado da villa que poderem, e façam-no saber o mais escuso que poder, e elles assim alongados do logar e eu com estes escudeiros, meter-nos-hemos entre elles e a villa, e quem conhecer Pero Rodrigues faça muito por o prender, e nos outros mate quanto poder, ca se elle fôr preso elle me dará logo a villa, ou o degolarei logo á porta da villa.

Os outros ouvindo estas razões disseram que tal acordo era mui bom, mas que lhe parecia que era bem de o fazer saber a Vasco Porcalho, que estava cavalleiroso de gente, e assim seria muito melhor e mais a seu salvo.

Pero Rodrigues disse que lhe não prazia, que esta honra queria elle pera si, e pera elles. Ca hoje queimaremos a porta do logar, disse elle, e depois que fôr em nosso poder elle o saberá, d'outra guisa me não apraz.

Firmando-se assim este conselho, estremou quarenta ginetes, os melhores encavalgados que achou e de que mais fiava, e tornou-os a avizar da maneira que dissemos, encomendando lhes que segundo seu bom juizo, uzassem do que lhes mais encomendáva, e elles correram a villa, como lhes era encomendado; e Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal mandara essa manhã descobrir a terra por dois es-

cudeiros, contra Villa Viçosa, e a atalaya que viu os ginetes deu á campam, e derribou o cesto.

Os do logar como viram aquillo, sairam a pé com lanças e dardos, e quem isso não tinha levava seis ou sete estebas aguçadas, como havia muitos. Pero Rodrigues não quizera que sahiram, e depois que os viu em escaramuças saiu com dez de cavallo, e de tal guisa os seguiram, que o caminho que cuidaram de levar, não poderam ir por elle, mas servidos de dardos e de garrochas, começaram de fugir pera onde Pero Rodrigues da Fonseca estava em cilada mui descuidadamente de tal aquecimento. E quando os portuguezes e os castellãos foram misturados, indo assim dar em elles, porque iam assim de subito, foi o desacordo grande em elles, que alguns não podiam montar a cavallo, e sem esguardar se eram poucos ou muitos, fugiram como melhor podiam tambem de cavallo, como de pé. Assim que a ventura ajudando aos poucos, e dando temor e espanto nos muitos, fugiu Pero Rodrigues com aquelles que com elle acertaram, e outros não chegaram d'ahi a dois dias a Olivença, e foram na volta mortos dos inimigos sete homens de pé e dois de cavallo e cinco dos ginetes e mortos treze cavallos, e ficaram nove vivos, e da villa foram feridos tres de cavallo e dez homens de pé e morto um, e trouveram muitas lanças e dardos que ficaram no campo, e tornaram-se com mui grande prazer pera a villa.

CAPiTULO CVII

Como Paio Rodrigues Marinho prendeu Gil Fernandes d'Elvas.

Em se passando assim estas cousas, escreveu o Mestre a Gil Fernandes d'Elvas, que fosse fallar a Paio Rodrigues Marinho de Campo Maior, que alçasse voz por elle, e lhe faria muitas mercês. Gil Fernandes cavalgou logo com cincoenta homens d'armas, e foi-se a Campo Maior, e estando fóra da villa em uma egreja que se ahi faz, mandou dizer a Paio Rodrigues Marinho que lhe prouguesse sahir fóra do castello pera fallar com elle cousa que era de sua honra e proveito.

Paio Rodrigues disse que não sairia fóra, mas que fosse Gil Fernandes entre o muro e a barreira do castello, e que levasse dez homens d'armas comsigo. E Gil Fernandes disse que lhe aprazia, com condição que de uma parte e da outra fosse feito preito e menagem que fosse seguro um do outro. Paio Rodrigues disse que lhe aprazia, e foi assim afirmado entre elles.

Entonce apartou Gil Fernandes dez homens, e foi-se á barreira do castello, onde haviam de fallar, e achou já Paio Rodrigues prestes, e quando vieram a se abraçar, lançou Paio Rodrigues a Gil Fernandes o braço sobre o hombro, em maneira de segurança, e com a outra mão lhe tomou a espada e disse:

— Vós sereis preso.

Gil Fernandes quando esto ouviu ficou espantado e não teve geito de se defender, ca Paio Rodrigues tinha tanta gente, e assim corregida que os dez escudeiros não o poderam ajudar, mas trabalhando-se de fugir quando aquello viram, foram d'elles presos cinco s. Gonçalo Casco, e Martim Vasques, e Gil Lourenco, seus primos, e outros dois. Emquanto prenderam estes saltaram os outros cinco a barreira, e foram-se pera aquelles que fóra ficaram.

E todos espantados de tal traição, tornaram-se pera Elvas.

Gil Fernandes sendo assim prezo, houve de se render por duas mil dobras, e deu fiadores e sahiu da prizão, e quando chegou a Elvas houveram todos mui grande prazer, porque em quanto elle era preso, eram mui a meudo corridos de seus inimigos. E pera sua segurança de sua rendição, deram os clerigos as cruzes das egrejas, e os leigos taças, espadas e cintos guarnecidos e dinheiros, e outras cousas, que pozesse todo em prenda a Paio Rodrigues, até que baratasse sua rendição. E depois que tudo teve entregue, tornou-se Affonso Sanches, e a Sancho Sanches, que trouvera por prisioneiros de Arronches, segundo ouvistes, e rendeu-os por outras duas mil dobras, dos quaes lhe deram logo as mil e as outras o dia certo como elle era obrigado a Paio Rodrigues, e assim quitou tudo e pagou as prendas e os escudeiros.

CAPITULO CVIII

Como Gil Fernandes foi pelejar a Castella, e do que lhe haveiu.

Esto assim feito, mandou Gil Fernandes chamar seus amigos e ajuntou entre elles e outros d'Elvas até cento de cavallo, e quatrocentos homens de pé, e entrou de praça por beira de Olivença e de Alconchel, e foi pelejar a terra de Xerez, e trouxe mui grande preza de vaccas e ovelhas e prisioneiros. E vindo elles assim pera Portugal, ajuntaram-se os de Xerez e d'outros lugares derredor até trezentos de cavallo, e muita gente de pé e alcançaram-no no logar que se chama Maceira das Porcas, e elles alli cercados alguns outros disseram a Gil Fernandes:

— Vós sabeis bem que tendes em Olivença Pero Rodrigues da Fonseca, e Paio Rodrigues Marinho, que já com elle está, e teem ambos umas trezentas lanças e setecentos homens de pé pera pelejar comvosco á tornada, e se vos guardardes que estas gentes que veem apoz nós se juntem com os outros que estão deante, tereis peleja muito mais forte, porém a nós parece que é bem com estes agora, e vencidos estes, os outros não nos querem aguardar. Gil Fernandes disse que lhe parecia aquelle bom conselho, e antes que elle corregesse suas gentes pera ir pelejar com elle, e dando nos inimigos foam desbaratados, e alguns d'elles feridos. Gil Fer-

nandes quando os viu d'aquella guisa, e chegou rijamente pera lhes acorrer disse:

—Santa Maria vale, que cousa é esta, namorados, que não são pera nada; e então se lançou entre elles esforçando os seus, e com tal ardideza feriram nos castellãos que foram vencidos e desbaratados, e fugiram d'elles pelo campo, e outros a aquella serra que chamavam das Porcas, que não ouzaram mais chegar a Gil Fernandes, e vindo elle assim com sua cavalgada, esperando haver outra tal peleja com aquelles fidalgos que dissemos, souberam elles como Gil Fernandes desbaratara os de Xerez.

Ambos houveram seu accordo de não pelejar com elle; e elle passou com todo aquelle gado sem nojo nenhum até á villa d'Elvas, o qual era tanto que quem quizesse tomar d'elle pera comer, não lhe era vedado.

CAPITULO CIX

Como Gil Fernandes pelejou com Paio Rodrigues Marinho, e foi desbaratado e morto.

Por verdes de que guisa Gil Fernandes foi vingado de sua prizão, posto que tão acerca não fosse, queremos vol-o aqui dizer, que não sabemos se nos virá mais á mão de fallarmos de seus feitos.

Onde foi assim que vindo Paio Rodrigues Marinho, mandou vinte de cavallo de Campo Maior, que viessem correr a Elvas; Gil Fernandes sahiu a elles

com cincoenta de cavallo, e seguiu-os por um mui grande espaço, e tomou d'elles quatro escudeiros e deteve-se á beira de um cabeço, que chamam Cigoura, e entendeu que vinha alli Paio Rodrigues que já os seus mandaram chamar, e estando aguardando, vieram alguns de Paio Rodrigues deante, e Gil Fernandes prendeu-lhe dois d'elles.

Paio Rodrigues trazia comsigo oitenta de cavallo mui bem corregidos, e como chegou tomou logo uma pequena d'altura, á beira do caminho á ilharga d'aquelle cabeço, e Gil Fernandes estava no baixo. D'ambas as partes não havia homens de pé mais que dois, que trazia Paio Rodrigues, um besteiro, e outro tirava pedras de mão, com que fazia bem de nojo.

Em isto disse um bom escudeiro, que chamavam Pero Fernandes Biscainho, a Paio Rodrigues:

—De meu conselho vós não pelejeis com Gil Fernandes.

—Em verdade, disse Nuno Fernandes Cogominho, vós aconselhaes mui bem, sermos aqui oitenta de cavallo bem corregidos, e Gil Fernandes não tem alli mais de cincoenta, ladrão e seu companhão, assim como João Ruivo e Affonso das Vaccas, e outros taes, e dizeis que não peleje com elle? digo-vos eu que se elle isso erra, que tarde cobrará outra tão boa.

Respondeu entonce Pero Gonçalves: e como, Nuno Fernandes, não vêdes vós andar allí bons escudeiros acerca de Gil Fernandes? faça Paio Rodrigues como lhe prouver, ca eu não hei de fugir do campo.

Nuno Fernandes era homem de conta, e tinha ahi sete escudeiros seus, e dês-ahi era bem grosseiro. Paio Rodrigues não respondeu a nenhum d'elle, e

estiveram embestados uns contra os outros, quanto seria um quarto d'hora.

Vendo entonce Gil Fernandes isto, fallou assim contra os seus:

—Arredemo-nos um pouco d'elles, e logo cobrarão coração de descer a nós.

E como começaram de se arredar, logo Paio Rodrigues correu rijamente por tomar a altura sobre Gil Fernandes, e Gil Fernandes tomou outra ladeira, e foi sahir egual d'elle.

E então endereçou Paio Rodrigues rijamente contra elle, e deu logo uma lançada de sobre mão a um, que diziam Affonso Esteves, que lhe passou a cotta, em direito da ilharga, e entrando pelo corpo cortou duas costas, e chegou aos bofes e cahiu morto em terra; e Gil Eanes primo de Gil Fernandes, poz a lança sob o braço e foi a encontrar Paio Rodrigues pela ilharga, e deu com elle em terra de cima do cavallo.

Os de Paio Rodrigues acudiram sobre elle, e deram com Gil Eanes em terra, e isto mexendo-se a peleja rijamente. Começaram a fugir os de Paio Rodrigues, e Gil Fernandes disse a dois escudeiros que tivessem preso a Paio Rodrigues, emquanto elle seguia o alcanço. Em tanto Martim Vasques, um dos escudeiros que foram presos com Gil Fernandes, quando os assim viu estar, disse contra elle d'esta guisa:

—Que é esto Paio Rodrigues? Agora pagareis vós o que fizestes a Gil Fernandes e a seus parentes; não sejaes bravo contra os mansos, ca eu assaz de manso estou. E sobre isto se começaram de seguir taes palavras entre elles, que Martim Vasques o matou e lhe cortou a cabeça, e assim fez a Nuno

Fernandes Cogominho, e a outro escudeiro, que chamavam Alvaro Rodrigues, e foi-se logo pera Elvas, e levou as cabeças comsigo.

Quando Gil Fernandes tornou do alcanço, e soube como Martim Vasques os matara d'aquella guisa, perguntou por elle pera lhe fazer mau jogo, e quando o não achou, com grande menencoria disse:

— Andar: Pois assim é dos inimigos os mais poucos.

Então mandou apontar alguns, que foram presos, e caminhou pera a villa d'Elvas, ca não foram entre presos e mortos, mais que até uns vinte e cinco dos peões, dos quaes foi um Pero Fernandes Biscainho, aquelle escudeiro que aconselhava a Paio Rodrigues que não pelejasse com Gil Fernandes.

CAPITULO CX

D'algumas naus de Genova que o Mestre cobrou a seu poder, e como combateu Alemquer, e não foi tomado.

Vós todos ouvis, e nenhum me pergunta que Nuno Alvares passou a Alemtejo, e se estas cousas fizeram, que temos contado, que fazia o Mestre em Lisboa, ou em que gastava seu tempo em Lisboa por defensão do reino, e da cidade. E pois que o ninguem não pergunta, queremos que o saibaes, que depois que o Mestre se espediu em Coina de Nuno Alvares, como tendes ouvido, e se tornou a Lisboa, que tres galés suas

e tres barcas não longe do porto da dita cidade, foram tomar duas naus carregadas de pannos e prata, e d'outras muitas cousas que n'ellas vinham, e mais uma barca de Galiza carregada de madeira. Veninabo de Tumba, e Nicolau de Palma que eram patrões d'estas naus, bradavam que eram de Genova, dando muitas razões á prova que assim era, a qual cousa era bem justa, e os da cidade bradavam muito mais que elles porfiando todavia que eram de Castella.

Em esta duvida que se bem podera escusar, mandou o Mestre poer todas as mercadorias na alfandega, de que se depois muito aproveitaram, e lhes foi grande ajuda pera a paga do soldo e d'outras despezas, ca em ellas foram achadas mais de tres mil e cem peças de pannos de preço, e brancaes e escarlatas, e outros pannos de menos preço, e mais de cem peças de sarja e mais de cem varas de lenço froncil, e prata e ouro e chumbo e perolas e outras muitas cousas, que não cumpre de se escrever.

E d'ahi a sete dias chegou uma barca á cidade, e deu novas que os inglezes eram prestes pera partir poderosamente e virem em ajuda do Mestre e do reino. E em esto fizeram saber os de Alemquer ao Mestre, que mandasse lá cincoenta homens d'armas, e os da villa com elles trabalhariam todos de tomar o castello e alçar voz por elle.

Ao Mestre prouve muito d'esto, e vieram-se alguns de noite pera irem com a gente que lá mandasse. O Mestre armou logo duas galés e fez capitão dos que haviam de ir, Mice Manoel, filho de Lançarote, o que mataram em Beja.

Foram estas galés pelo rio acima até a ponte de

marinha, que é uma legua do logar. Quando alli chegaram pera poer a gente, eram já taes horas, que elles no logar era sol levado bem manhã, que os poderam vêr de toda a parte. Pero não embargando esto, houveram as portas da villa, como tinham azo, e entraram dentro sem outro estorvo, e foram-se logo directamente ao castello, assim os que iam de Lisboa, como os moradores do logar, e começaram de os combater rijo, dizendo ao alcaide que desse o castello a seu senhor o Mestre.

E vendo que o fazer não queriam, começaram de bradar que viesse fogo pera queimar as portas. O fogo foi azinha prestes, e bem servido pera arder, que uns levavam trancas e toucinhos, e outros levavam azeites, cada um como melhor podia, de guisa que por mingua de boas ajudas não leixasse de queimar. Mas porque o logar onde elle estava á porta era muito abrigado do vento que o ajudasse, des-ahi a muita agua que lançavam de cima os que defendiam aquelle castello, foi todo aquelle trabalho despezo em vão, e durando o combate dez horas de prima até acerca de vespora em que foram alguns feridos, alçaram-se novas como el-rei de Castella estava d'ahi a quatro leguas, no Bombarral, e mandava gentes á pressa por soccorro do logar que lhe mandara pedir Vasco Pires de Camões, alcaide do castello.

Outros diziam que vinha el-rei com as gentes que tinha.

E vendo os da villa como o castello se não podia tomar assim á pressa, como elles cuidavam, e que se el-rei de Castella ou os seus viessem, que era por força de passarem mal pela entrada que deram na villa, acordaram de se partir logo.

Entonce partiram as mulheres com filhas e filhos com essa pouquidade que levar poderam, e não ficaram senão alguns pobres, e depois não receberam nojo, e pero lhe Vasco Pires bradava, quando viu ir, que se tornasssem e não houvessem medo d'el-rei nem das gentes suas, posto que viessem, poendo a de parte sua segurança. Meteram-se nas galés, vieram-se pera Lisboa muito anojados do que começaram, pois não houvera fim, e ficando-lhe muitos dos bens moveis, que tinham as casas avondadas de alfaias, que os do castello depois roubaram ante que outra gente viesse.

E o outro dia chegou Garcia Fernandes de Villa Odre a Alemquer por mandado d'el-rei, com muitas gentes pera lhe acorrer, cuidando que ainda estavam combatendo os que vieram de Lisboa.

CAPITULO CXI

Como o Mestre mandou armar certas galés em Lisboa.

Vendo o Mestre e os do seu conselho, como se el-rei de Castella vinha com todo seu poder, e da grande frota de naus e galés que mandava armar pera virem sobre Lisboa, pera lhe tapar o porto, que não fosse socorrida de mantimentos de nenhuma parte, houveram seu acordo de armar as naus e galés, que havia na cidade, pera estarem prestes, se alguns poucos navios em tanto viessem, que lhe podessem embargar a vinda,

e haver mantimentos desembargadamente da parte do Aiemtejo, assim pera o encalmamento da cidade, como pera a segurança dos que se pera ella vinham d'aquella parte com ajuda e defensão sua, quando soubessem que a frota de Castella vinha poderosamente, que sahiriam as naus e galés ao Porto, e juntar-se-iam com as outras que lá estavam, e entonce viriam todos juntamente pelejar com a frota de Castella. E pera armarem as galés foi dado carrego a D. Lourenço, arcebispo de Braga, o qual o tomou de vontade, e começou logo de as mandar poer nos vasos, e deitar á agua, e tal aficamento e tantas gentes fazia juntar a este trabalho, que as mais d'ellas foram deitadas ás mãos na agua, sem cabrestante, e elle andava pela cidade em cima de um cavallo, e de umas cotas vestidas, e o rochete em cima, e uma lança na mão, o ferro sempre pera deante: e posto que os da cidade com bom desejo se offerecessem a aquelle trabalho, ainda os elle mais aficava, não leixando nenhum de qualquer estado em guisa que não ficava clerigo nem frade nem outra pessoa que todos alli não fizesse chegar, e se lhe algum dizia que era clerigo elle respondia, que assim era clerigo como elle, e o que lhe dizia que era frade: e eu arcebispo, que é melhor que frade, dizia elle, e tal aguça poz em as armar, que em breves dias foram armadas doze galés, e vieram mais uma, e um galeote, armadas do Algarve.

E porque hi não havia escudos e dardos, que se perderam nas armadas que fizera el-rei D. Fernando, fazia escudos das leivas dos toneis, e cerravam bordos e faziam dardos.

CAPITULO CXII

Como foi entregue o estandarte a Gonçalo Rodrigues, e partiu a frota pera o Porto.

Armadas sete naus e mais galés, e prestes de todo que lhe cumpria ordenou o Mestre por capitão da frota a Goncalo Rodrigues de Sousa, alcaide que então era de Monsaraz, e veiu o Mestre muito acompanhado á Sé, e todos os da cidade ordens e clerezia, e d'alli sahiram todos em grande e solemne procissão, a clerezia toda adeante, e o Mestre acerca com todo o outro povo, e muitas trombetas, em logar onde não faziam estorvo, e assim por meio da cidade levaram o estandarte das armas ditas de Portugal, e chegaram com elle até á porta Douro, que é junto á ribeira da agua, e foi alli entregue a Gonçalo Rodrigues, e posto na maior galé de todas, que chamavam a Real.

E esto assim feito, tornou-se o Mestre e os outros cada um pera suas pouzadas. E foi maravilha na noite seguinte, que christãos e mouros que velavam o muro da parte de S. Vicente de Fóra, acerca d'onde é feita uma capela que chamam dos martyres, que foram na tomada de Ceuta, quando foi cobrada dos mouros, que á meia noute velando alguns viram vinte homens vestidos de vestiduras alvas, assim como sacerdotes, e quatro d'elles traziam na mão quatro cirios acesos, e iam e vinham em procissão entrando na egreja, e fallando muito baixo entre si, como se rezassem algumas horas.

Os do muro quando viram aquesto, ficaram mui espantados, e começaram de chamar outros, que olhassem tão grão milagre, e subitamente desapareceram. E logo n'essa hora fallando uns com os outros em esto, viram nas pontas das lanças que estavam nas torres, senhas candeas acezas de claro lume, que durou acerca de uma hora. E d'esto deram testemunho sete christãos e tres mouros que velavam uma torre.

E já ante d'esto havia oito dias, que chegara um homem de Montemór-o-Velho ante d'esto, e trouve um instrumento pruvico feito por mão de Lourenço Affonso, tabelião do dito logar, no qual era conteudo, que uma segunda feira, aos onze dias de Abril, sendo presentes Gonçalo Gomes da Silva e seus filhos, e outros muitos da dita villa chuvera cera n'aquelle logar, tal como põem ás candeas, e trouve a mostra d'ella.

Os da cidade quando ao outro dia viram aquelle milagre, que contavam os da guarda de S. Vicente de Fóra, foram mui ledos com elle, e com outras taes cousas que n'esta sezão ao Senhor Deus prazia mostrar. E o bispo e clerezia, com todo o povo em procissão foram a aquella egreja dos Martyres dando-lhe muitas graças, e pedindo-lhe mercê que fosse em sua ajuda.

Em esto foi grão tormenta no mar, e chegaram um dia tres naus de Castella, com tempo contrario muito a seu pezar, e pouzaram dentro no rio tres leguas da cidade, em direito de onde chamam Oeiras. E estas naus vinham carregadas de farinha, cevada e outras cousas, pera o arraial d'el-rei de Castella, cuidando que jazia já sobre a cidade.

As gentes das galés como houveram d'ellas vista

remaram contra ellas, pera as haverem de tomar. Quando esto viram fizeram todas vela pera fugirem e se irem em salvo se poderam. E vendo que o fazer não podiam por o tempo que lhe era contrario, deram antes com as naus em terra, e quebraram-se ante que as cobrarem os portuguezes, se aproveitarem d'ellas e das cousas que traziam. E os homens pozeram-se em salvo em bateis e a nado, e como melhor podiam. E gentes d'el-rei de Castella, que estavam em Cintra, que andavam por aquelle termo, os ajudaram a defender, que não houveram damno.

E os portuguezes queimaram as naus, e tornaram-se á cidade, e aquella tormenta que fez se houveram de perder quatro galés d'aquellas que jaziam ante a cidade, prougue a Deus de as guardar.

O tempo como foi azado pera as galés poderem partir, ante que a frota de Castella chegasse, que já havia novas que era no mar, foi o Mestre fazer alardo com ellas da parte d'Almada onde chamavam Amóra, e á tarde vieram as velas todas pouzar ante a cidade no porto.

E aos quatorze dias do mez de Maio partiu Gonçalo Rodrigues com ellas pera a cidade do Porto, e as naus não poderam ir em sua companhia, porque o tempo lhe era contrario, e tornaram se pera a cidade, e chegaram as galés a Athouguia, e o logar estava por el-rei de Castella, porquanto João Gonçalves, que era alcaide d'Obidos, e tinha sua voz, constrangia por tal guisa os moradores d'alli, que tinham a parte que elle defendia, e portanto os das galés sahiram fóra a roubaram mantimentos e outras cousas que achavam, e tomaram nove bateis, que ficaram do tempo d'el-rei D. Fernando,

pera se aproveitarem d'elles, porque eram ligeiros.

E d'alli foram as galés sua viagem, e chegaram á cidade do Porto onde já são um pouco folgando, emquanto imos vêr el-rei de Castella.

CAPITTLO CXIII

Como escaramuçaram os castellãos com os portuguezes, e foi hi preso João Ramires de Arelhano.

El-rei de Castella ficou dias acerca de Obidos, na aldeia que chamam o Bombarral, por azo dos seus, que o aconselharam que não fosse acerca de Lisboa, ante que sua frota chegasse, pera lhe tomar de todo o Ribatejo, assim por outras razões que já são escriptas, e por isso assessegou alli el-rei por dias, e depois veiu-se chegando por essas aldeias a melhor defensadamento que achava, até que chegou a uma grande e espaçosa aldeia que chamavam o Lumiar, uma legua da cidade, e alli propoz de entretanto estar de assessego. Os seus pouzavam por outras aldeias, de muitas que ha por essa cidade, e emquanto el-rei por alli esteve, não vinham os seus escaramuçar contra a cidade, senão mui poucas vezes, e esto porque estavam arredados d'ella, e não lhe vinham assim á mão.

Porém um dia vieram alguns capitães com suas gentes d'armas, peões e bésteiros, e subiram do valle Santa Barbora ao monte de S. Gens, e ali se pozeram em magote, em suas bandeiras, e apu-

pando todos contra os da villa empadezados: e estando assim um pouco moveram contra a porta de Santo Agostinho.

Em aquella quadrilha estava por guarda o conde D. Alvaro Pires de Castro, e D. Pedro seu filho, e Mem Rodrigues, e Ruy Mendes de Vasconcellos, que tinham suas bem dozentas lanças, afóra outras da cidade que com elles eram de companhia, e quando viram estar os castellãos d'aquella guisa, sahiram alguns fóra pera escaramuçar. Em se volvendo a escaramuça, muito de vontade d'uns e outros, foi prezo da parte dos inimigos um bom fidalgo d'aquelles capitães, que chamavam João Ramires de Arelhano. Como aquelle foi prezo, cobraram os da cidade esforço, e fizeram-lhe fazer volta, e deram com elles por aquelle grão sopé a fundo, e iam arrastando as bandeiras por cima de pães, e semeadas na costa d'aquelle monte, onde foram alguns feridos e mortos.

O Mestre ouvindo os seus como escaramuçavam, sahiu fóra pé terra com gentes d'armas e bésteiros á porta de S. Vicente, no cal que se hi faz, e depois que viu a escaramuça desfeita, tornou-se pera a cidade, e mandou guardar João Ramires no castello da menagem, aos que tinham carrego d'elle, deu-lhe dois vestidos de seu corpo, e lhe fazia toda a honra.

Em este dia, que era a vinte e seis dias do mez de Maio, começou a vir a frota de Castella, e chegaram ante a cidade treze galés e uma galeota, com as quaes el-rei folgou muito por ter azo de se vir lançar arredor d'ella.

CAPITULO CXIV

Como el-rei chegou sobre a cidade, e do combate que lhe deu.

Passou um dia e mais não, ao sabbado seguinte bem cedo pela manhã, e chegaram ás torres que são em um alto monte, em direito de S. Domingos, alguns fidalgos a cavallo da parte dos castellãos, e fallando a salva fé, disseram contra os das torres, que fossem dizer ao Mestre, que el-rei seu senhor já vinha por caminho e que queria ali fazer seus editos, e certos requerimentos, e que porém mandasse alli vir alguns cavalleiros e cidadãos da cidade pera verem como faziam suas protestações.

Fizeram esto saber ao Mestre, e elle mandou logo dizer que fossem logo d'alli, e se o fazer não quizessem que lhe tirassem logo as bestas. Ouvindo os castellãos este recado partiram se d'onde estavam, arredando-se logo do muro, e alli aguardaram el-rei seu senhor, que já vinha por caminho.

Onde sabei que estes editos que el-rei quizera fazer, eram pera julgar de mau caso a todos os moradores da cidade, pera lhe depois poder dar os bens, e proceder contra elles á sua vontade, dizendo como chegara alli por pessoa com sua bandeira tendida, e que o não quizeram receber como seu senhor que era de direito.

Em esto chegou el-rei de Castella com sua hoste, todos a cavallo e muitos peões e besteiros que hou-

veram das galés, por avisar a cidade, e chegou acerca d'ella em um alto monte, que hora chamam Monte Olivete, e esteve alli grão parte do dia, e muitos dos seus andavam entonce cortando arvores e vinhas, e fazendo todo o damno que podiam. E assim foi que em este dia pela manhã, ante que el-rei de Castella viesse, sahiram da cidade pela porta de Santa Catharina alguns homens d'armas e bésteiros, e isso mesmo homens de pé; e ordenaram uma pavezada pera escaramuçar com os castellãos, que já eram certos que haviam de vir, entre os quaes eram Fernão Pereira, irmão de Nuno Alvares, o doutor Martim Affonso que depois foi arcebispo de Braga, e João Lourenço Xerascon, e Vasco Martim de Gôa e Fernão d'Alvares de Almeida, veador da casa do Mestre, e outros muitos bons homens d'armas. E o Mestre estava na torre de Alvaro Pires pera vêr que el-rei de Castella faria com aquellas gentes que comsigo tinha. E el-rei esteve de teudo em aquelle logar sem fazer cousa nenhuma, passante de hora de terça, e vendo como aquelles que sahiram da cidade estavam á vista d'elles, sem mostrar que lhe haviam medo, disse entonce contra os seus:

— Vós outros não vedes como estes villãos andam fóra da cidade, sem receio nenhum, que de nós hajam? A elles, a elles, fazel-os encerrar dentro, ca villãos são todos.

Alguns dos seus quando lhe esto ouviram, disseram que aquello não era de fazer, porque ainda que elles dessem com elles até ás portas, não haviam poder de empecer a cidade.

Em el-rei ouvindo isso, houve menencoria, e sem mais responder pediu o bacinete, e disse ao mestre de S. Thiago que com sua bandeira fosse adeante,

e elle fazendo o que el-rei mandou, desceram-se muitos dos cavallos, e com as lanças nas mãos, moveram contra elles, até chegarem uns a outros, e os castellãos eram muitos, e os da cidade poucos, e não os podendo soffrer fizeram-nos tornar rijo pera a cidade, e com outros deram na cava que entonce era ahi baixa, e alli os mataram, ou prenderam senão foram os das torres e muros, que os defendiam ás pedras e virotões.

Em esto veiu el-rei de traz com os seus, e Pero Fernandes de Valhasco começou de dizer a altas vozes:

— Ávante senhores, ávante, que nossa é a cidade.

E isso mesmo o conde D. João Affonso Tello, irmão da rainha, isso mesmo dizia:

— Ávante senhores, ávante, que por aqui vae o caminho pera minha casa.

O Mestre quando esto olhava e viu que os da villa se colhiam sem regimento algum e os castellãos adereçavam direitamente á porta, veiu-se com grande aguça á torre d'onde estava, e cerrou por sua mão uma porta, e mandou aos outros que cerrassem a outra, e disse contra os seus:

— Volta, volta senhores, que é isso? Eu vos farei que sejaes bons, ainda que não queiraes.

Entonce ficavam os portuguezes que andavam fóra, entre o muro e a barbacam, e todos alli se começaram de dar ás lanças uns aos outros mui rijamente, e por o combate durar grande espaço, nunca os castellãos os poderam arrancar d'aquelle portal da barbacam, que era sem portas. A muita béstaria, isso mesmo assim das galés, como da que el-rei trazia, não quedavam de tirar aos do muro, de guisa

que todo era cheio de rejões. E outro sim os bésteiros de dentro tiravam por entre as amêas aos de fóra. De cima das torres deitavam muitas pedras que acarretavam mulheres em cestos, que lhe pouco empeciam, porque eram moles e esboroavam-se todas.

O arruido era mui grande e a gente da cidade acudia alli toda. Emquanto esto se fazia, andavam homens de pé, bésteiros, fóra da cidade além das torres de S. Domingos, e veiu a elles D. Alvaro Peres de Gusmão com muitos ginetes, e fizeram esporada contra elles, e foram hi d'elles feridos, e perderam dois cavallos, e não morreu hi nenhum de uma parte nem d'outra.

E vendo os castelãos que não aproveitavam, durando o combate por mui grande espaço, leixaram de combater, sendo já alguns feridos e mortos, entre os quaes morreu o alcaide dos Donzeis, e outro que chamavam Ruy Duque e outros alguns, os mais d'elles de tiros que lançavam de uma torre. Dos portuguezes foram mortos quatro, e muitos feridos, entre os quaes foi ferido Fernão Pereira, Martim Pavedo e outros. E esto feito assim, tornou-se el-rei com os seus pera onde partira, e os da cidade tiveram cuidado de suterrar seus mortos e pensar dos feridos.

CAPITULO CXV

Como el-rei de Castella chegou sobre Lisboa, e como assentou seu arraial sobre ella.

Ao dia seguinte que eram vinte e nove dias do dito mez de Maio, chegaram as naus que foram armadas pera vir de companha com as galés, e eram por todas quarenta entre grandes e outras não tamanhas. El-rei como soube que a frota das naus chegara, partiu logo em outro dia com toda sua hoste, pera poer arraial sobre a cidade, e chegou sobre alli a hora da terça, e a somma das gentes que el-rei alli tinha, seriam até cinco mil lanças, afora as gentes que foram em Santarem, e por todos os outros logares que por elle estavam, e mais mil ginetes, de que era capitão D. Alvaro Pires de Gusmão, e muitos bons bésteiros que eram bem seis mil, segundo alguns escrevem, de gente de pé mui muita sem conto, afóra a que veiu na frota, e d'outras assaz que lhe vinham cada dia por terra.

Mandou el-rei aposentar o arraial a par de um mosteiro de donas que chamavam Santos, da ordem de S. Thiago, que é arredado da cidade pouco mais de dois tiros de bésta, e alli fizeram logo pera el-rei uma alta casa sobradada, feita sobre quatro traves grossas cercada de parede de pedra seca, e acerca d'ella eram assentadas muitas e nobres tendas, assim d'el-rei, como dos senhores que com elle vinham. E todas as outras gentes aposentaram suas

tendas por Alcantara e por Campolide, e por o comaro derredor, em grandes e bem ornadas ruas, todas em cima embandeiradas, e pendões em desvairadas armas, e signaes de como cada um era acompanhado d'armas, com que o arraial resplandecia. E da multidão das trombetas e d'outras cousas, que lhe davam grande aportamento, não cumpre fazer arrezoado.

O arraial era todo apalancado da parte da cidade de um pequeno valle, onde estava um pouco, ca de nenhum outro logar havia receio de receber nojo, pois que de todas as villas derredor estavam por elle, e era arrendado e muito farto de mantimentos que lhe vinham de Santarem em barcos por mar, e por terra grandes recovas de bestas, por cuja guarda mandava el-rei estar sempre gentes no caminho em certos logares onde entendia que podia receber damno. E não sómente de Santarem, mas de todos os outros logares que por el-rei de Castella estavam, era o arraial por serviço de todo o que mister havia.

De Sevilha vinham muitas barcas e baixeis com mantimentos e armas, e quaesquer outras cousas que lhe necessarias eram. E não cuideis que não sómente, mas especiarias de mui desvairadas maneiras achareis em elle grande abundança a vender. Alli havia fisico, sorlorgiões e boticarios, e não sómente tinham prestes as cousas necessarias pera conservar, e assucares e conservas lhe achareis em muita fartura, e agua rosada e outras destiladas aguas de que os viçosos homens uzavam no tempo da paz, tudo ali se achava por dinheiro, segundo cada um queria, e o azo d'estas e outras muitas cousas serem achadas no arraial em grande quan-

tidade, foi a chegada de duas carracas que eram de Levante carregadas pera Flandres, e o tempo contrario as constrangeu por força que pouzassem em Restello, junto com a frota, e el-rei lhe mandou rogar que lhe prouguesse de descarregar alli, e venderem suas mercadorias no arraial, e que fariam muito seu proveito, e que lhe fariam em ello grande prazer e serviço, e lhe faria por ello mercês.

Houveram os mercadores e patrões seu acordo, e com aficados rogos d'el rei, e receio, dês ahi movidos por seu proveito, outhorgaram o que lhe requereu, e descarregaram suas mercadorias de que as gentes acharam grande abastança, cá pannos de sirgo e de lã de desvairadas maneiras achareis em certas tendas, como cada um houvesse mister. Rua de mulheres mundanarias havia no arrail, tamanha, como se acostumava nas grandes cidades.

No arraial havia rua em que se vendiam e abundavam muitas armas, e outras de mercadores christãos e judeus, em que achavam pannos e folias e outras muitas cousas a vender; e ahi havia rua de cambadores em que havia compra e vendas de moedas d'ouro e prata e d'outras maneiras em grande abundamento. E muitas outras cousas, que dizer não curamos, achareis em elle a vender; sómente de calçaduro nunca foi bem abastado. Era muito manteudo em justiça, de guisa que nenhum homem leixava de dormir suposto que muitos dinheiros tivesse comsigo, nem se faziam em elle outros enojos, porque os homens acostumavam haver pena.

Por guarda do arraial leixavam a ordenança de noite, e estavam em certos logares á vista da cidade alguns de cavallo, que nenhum não podesse sahir d'ella, que logo não fossem vistos.

No mar cerca d'Almada, jaziam sempre duas galés prestes pera não vir á cidade mantimento pelo rio, nem gentes pera sua defensão. E fóra das naus jaziam outras ao longo da cidade, de Cataquefarás até á porta da Cruz todas em ordenança, uma ante a outra, de uma á outra havia deitado um grosso cabre por tal, que ainda que alguma barca ou batel quizesse passar d'além com gentes ou mantimentos, que o não podessem fazer por alli, por azo do embargo de taes cabres. E assim tinha el-rei seu cerco por mar e por terra que bem mostrava aos que o vissem que seu grande e seu nobre poder abastante era pera esta e maior conquista.

E porque os senhores e fidalgos que hi eram com elle viam da sua parte tantas ajudas assim dos logares que por si tinham, como das gentes e mantimentos que lhe cada dia vinham: e estas cousas muito por contrario ao Mestre, e aos logares que por elle tomaram voz; alguns d'elles fallando em ello disseram um dia a Fernão d'Alvares:

— Vós que sois homem que vistes muitas cousas de guerra similhantes a estas assim em França em companhia d'el-rei D. Enrique, como em outros logares aonde vos achastes em feitos d'armas, parece-vos a vós que o Mestre em Lisboa pode levar adeante esta tenção que tomaram em se defender d'el-rei nosso senhor, e da maior parte dos portuguezes e ainda das gentes d'outros reinos, que são em sua ajuda, e seria mais se elle quizesse?

— Senhores, disse elle, eu vi já muitas cousas, porque sou homem de muitos dias, vi grandes feitos começar com grande poderio, e muitos azos pera se acabarem, e nunca chegaram ao desejo d'aquelles porque eram começados, e vi cometter mui pe-

quenos feitos, sem nenhuma azada razão que tivesse pera se haver de acabar, e pouco a pouco chegaram até grão termo, que nenhum não podia vir por pensamento. E assim digo d'esta demanda que el-rei nosso senhor toma com o Mestre, que se lhe a ventura um dia der favor, o Mestre e a cidade irão por deante com o que começado tem, e d'este feito mais não entendo.

CAPITULO CXVI

Porque guisa estava a cidade corregida pera se defender quando el-rei de Castella poz cerco sobre ella.

NENHUM falamento deve mais vizinho ser d'este capitulo, que haveis ouvido, que poermos logo aqui brevemente de que guisa estava a cidade, jazendo el-rei de Castella sobre ella, e porque modo punham em si guarda o Mestre, e as gentes que dentro eram, por não receber damno de seus inimigos, e o esforço e fouteza que contra elles mostraram, em quanto esteve assim cercada.

Onde sabei que como o Mestre e os da cidade souberam a vinda d'el-rei de Castella, e esperaram seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantimentos que haver podesse, assim de pão e carnes, como quaesquer outras cousas, e iam-se muitos ás lezirias em barcas e bateis, e depois que Santarem esteve por Castella e d'ahi traziam muitos gados mortos, que

salgavam em tinas e em outras muitas cousas de que fizeram muito encalmamento, e colheram-se dentro á cidade muitos lavradores com mulheres e filhos, e cousas que tinham, e outras pessoas d'aquella comarca d'arredor, aquelles a que aprougue de o fazer; e d'elles passaram o Tejo com seus gados e bestas, e com o que levar podiam, e se foram contra Setubal e Palmella; e outros ficaram nas villas que por Castella tomaram voz.

Os muros todos da cidade não haviam mingua de bom reparamento, e em setenta e sete torres que ella tem arredor de si foram feitos fortes com remanchões de madeira, os quaes eram bem fornecidos de escudos e lanças e dardos e béstas de torno, e d'outras maneiras, com grande abundancia de muitos virotões.

Havia mais n'estas torres muitas lanças d'armas, e bacinetes, e d'outras armaduras, que reluziam tanto, que bem mostrava cada uma torre por si que abastaria pera se defender. Em muitas d'ellas estavam tiros bem acompanhados de pedras, e bandeiras de S. Jorge, e armas da cidade e do reino, e d'outros alguns senhores e capitães que as punham nas torres, que lhe eram encomendadas.

Ordenou o Mestre com as gentes da cidade, que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos, aos quaes dera certas quadrilhas d'homens d'armas e bésteiros pera ajuda de cada um guardar bem a sua, e em cada uma quadrilha havia um sino pera repicar, quando tal cousa viesse, e como cada um ouvia o sino da sua quadrilha, logo todos direitamente corriam pera lá, por quanto ás vezes os que tinham carrego das torres vinham espaçar pela cidade, e leixavam-nas encomendadas a

homens que muito fiavam; outras vezes não ficavam em ellas senão as atalayas, mas como davam a campam, logo os muros eram cheios e muitas gentes fóra. E não sómente os que eram assignados em cada logar pera defensão, mas ainda as outras gentes da cidade, ouvindo repicar na Sé, e nas outras torres avivavam-se os corações d'elles. E os misteres dando folgança a seus officios, todos com armas logo juntamente corriam pera onde diziam que os castellãos mostravam de virem, e alli vereis os muros cheios de gentes, com muitas trombetas, brados e apupos, esgremindo espadas e lanças e similhantes armas, mostrando fouteza contra seus inimigos. Não curavam então do dito que diz:

«Que mais ajuda a egreja com orações, que os cavalleiros com as armas.»

Não guardavam alli a decretal: *Eclesiastici arma portantes:* os quaes segundo direito, não curam tomar armas, posto que seja por defensão da terra, mas clerigos e frades, especialmonte da Trindade, eram logo nos muros com as melhores armas que haver podiam: ca uns de noite velavam suas torres, e os das quadrilhas roldavam todo o muro e torres de uma quadrilha até á outra. E outras sobre roldas andavam pelos muros, uns idos e outros vindos.

E não embargando todo esto, o Mestre que sobre todos tinha especial cuidado da guarda e governança da cidade, dando a seu corpo mui breve somno, requeria por muitas vezes de noite os muros e torres, com tochas ante si, bem acompanhado de muitos que sempre comsigo levava. Não havia ahi nenhuns reveis dos que haviam de velar, nem tal a que esquecesse cousa que lhe fosse encommendada, mas todos mui prestes a fazer o que lhe

mandavam, de guisa que todo o bom regimento que o Mestre ordenava não minguava abundancia de trigosas execuções.

De trinta e oito portas que ha na cidade, as doze eram todo o dia abertas, encommendadas a bons homens d'armas, que tinham cuidado de as guardar, pelas quaes nehuma pessoa que conhecida não fosse não havia d'entrar nem sahir, sem sabendo primeiro certo, porque razão ia ou vinha, e alli atravessavam paus com tavoado para dormir os que tal cuidado tinham por de noite serem d'elles acompanhadas, e nenhum malicioso ser atrevido de cometer nenhum erro. D'algumas portas tinham certas pessoas as chaves por razão dos bateis, que a taes horas iam e vinham d'além com trigos e outros mantimentos, segundo lereis em seu logar. E outras chaves apanhava um homem cada noite, de que o Mestre muito fiava, vendo primeiro como as portas ficavam fechadas e lhes levavam todas ao paço d'onde pousava.

Acerca da porta de Santa Catharina, da parte do arraial, por onde mais costumavam sahir a escaramuçar, estava sempre uma casa com camas prestes e ovos e estopas e lençoes velhos pera romper, e sorgião e triaga e outras necessarias cousas das escaramuças. Na ribeira havia feitas duas grandes e fortes estacadas de degraus e valentes paus, que o Mestre mandara fazer ante que el-rei de Castella viesse por defender o combate da ribeira, e era desde onde o mar mais longe espraiava até junto da cidade, e uma foi caminho de Santos a fundo, caminho da Atalaya, e a outra fizeram no outro cabo da cidade junto com o muro dos fornos da cal, junto com o mosteiro de

Santa Clara, as quaes eram de estacas dobradas assim bastas, porque nenhum de cavallo podesse passar por ellas, e tambem poucos homens de pé, sem primeiro subindo por cima da altura dos paus, que seria grave cousa de fazer, e entre as ordens das dobradas estacas, havia espaço sem pedra deitada, em que um batel podesse caber sem remos, posto atravez, se cumprisse de se alli acolherem. Não leixavam os da cidade, por serem assim cercados, de fazerem a barbacam derredor do muro da parte do arraial, da porta de Santa Catharina, até á torre d'Alvaro Paes, que seria dois tiros de bésta. E os moços sem nenhum medo apanhavam das pedras pela cidade, e cantavam altas vozes dizendo:

«Esta es Lisboa prezada, miralda, y leixalda; se quisieredes carnero, qual dieram al Andero, si quisieredes cabrito, qual dieram al arcebispo.» E outras razões similhantes. E quando os inimigos os queriam estorvar, eram postos em aquelle cuidado que foram os filhos de Israel, quando el-rei Xerxes, filho d'el-rei Dario deu licença ao propheta Nehemias que refizesse os muros de Jerusalem, que os guerreados pelos vizinhos derredor, que os não alçassem: com uma mão punham uma pedra, com a outra tinham a espada pera se defender. E os portuguezes fazendo tal obra tinham as armas junto comsigo, com que defendiam dos inimigos, quando se trabalhavam de os embargar, que o não fizessem. As outras cousas que pertenciam ao regimento da cidade todas eram postas em boa e egual ordenança, e assim não havia nenhum, que contra outrem levantasse arruido, nem lhes empecesse por talento dos excesssos, mas todos uzavam de amivel concordia acompanhada do proveito com-

mum. Oh que formosa cousa era de vêr um tão alto e poderoso senhor, como era el-rei de Castella com tanta multidão de gentes assim por mar como por terra, postos em tão grande e boa ordenança ter cercada tão nobre cidade, e ella assim guarnecida de gentes e d'armas com taes avizamentos por sua guarda e defensão em tanto, que dizem os que o viram que tão formoso cerco da cidade não era em memoria d'homens, que fosse visto de mui longos annos até áquelle tempo.

CAPITULO CXVII

Como foi tomado Ourem, e preso Diogo Lopes Pacheco e dado por elle João Ramires d'Arelhano.

Estando o Mestre assim d'esta guisa, aos onze dias do mez de julho chegou-lhe recado por certo recontamento, que o mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa, não por força mas por consentimento d'alguns moradores d'Ourem, tomara a dita villa, que estava por Castella, e mantinha sua voz, e a possuia sob o senhorio do Mestre, do qual logar foram tomados e prezos dois filhos do conde João Affonso, conde de Barcellos, irmão da rainha D. Leonor, e todos os homens d'armas que o dito conde tinha pera guarda d'elle, e ao Mestre e aos da cidade prougue com estas novas muito, e logo acerca morreu de sua morte D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arraiolos, e soterraram-no no mosteiro de S. Domingos. Em este comenos, não foram muitos

dias, estando ainda a villa d'Almada pelo Mestre, a qual é em direito de Lisboa, uma legua atravez do rio da outra parte, chegou hi Diogo Lopes Pacheco, que andava em Castella, de que em alguns logares é feito menção, e elle e tres filhos s. João Fernandes, que era lídimo, e Lopo Fernandes e Fernão Lopes que eram bastardos, e quizeram entrar na villa; os do conselho não quizeram temendo-se d'elles, porque vinha de Castella, e pouzou no arrabalde com outros portuguezes, que hi pousavam, e trazia comsigo até trinta homens, dos quaes eram quatorze de cavallo. E buscando azo de sua vinda, dizem alguns em este passo, que depois que a rainha D. Beatriz reinou em Castella, que sempre elle teve suspeita, que não podia lá elle bem viver, e pero que suspeitoso nunca é seguro, receando-se elle da rainha que lhe tinha odio, como lh'o tinha el-rei D. Fernando seu padre, por azo da vinda d'el-rei D. Henrique, que viera sobre Lisboa, e a destruição que em ella fizera, o qual afirmavam que fôra por seu azo d'elle, pois que d'elle este receio e suspeita tivesse, não podia al fazer nem lhe cumpria andar mais mundo do que já andara, ca era homem de oitenta annos, e quando ouviu dizer que o Mestre tomara carrego de regedor dos reinos de Portugal e do Algarve, determinou de se partir de Castella, e se lançar com o Mestre em Lisboa, e por mais segurança de sua vida, e com tal intenção se veiu a Almada.

Vendo que passar não podia por azo da frota, chegou e mandou dizer aos de Almada, que lhe dessem a villa, e que fossem seus, que lhes faria por ello mercês. Os do logar responderam entre outras razões, que elles eram portuguezes, e não entendiam

fazer mudança, mas como Lisboa fizesse, que assim fariam elles.

Estando d'esta guisa, a cabo de tres ou quatro dias, que Diogo Lopes chegou, sabendo el-rei parte de sua vinda mandou de noite encubertamente passar em galés e bateis e naus muitas gentes e bésteiros e cavallos, e duas galés d'ellas foram a Margueira, que é um porto acerca da villa, e estiveram quedas. Duas ou tres galés passaram toda a noite aquelles que el-rei mandou, e foram aportar ao cabo de Martim Affonso, acima da mutela da Ribeira.

Quando foi manhã a gente dos castellãos se foi a estrada que vem de Coina pera o logar, e as escuitas que tinha a villa, foram-lhe dar novas de sua vinda d'elles. A manhã era muito nevosa, e sahiram homens de cavallo e de pé, e Diogo Lopes, e seus filhos com elles, e eram na villa por bons e comunaes até oitenta de cavallo, gente de pé, e os bésteiros quatrocentos e cincoenta.

Os castellãos seriam quatrocentos de cavallo e muitos bésteiros e peões, e ao topar que fizeram uns com outros, cahiram dos inimigos entre de pé e de cavallo quarenta, e dos portuguezes sete. Uma cillada que os castellãos tinham entre a villa e onde aportaram sobreveiu dar em elles, e morrendo de uma parte e da outra, foi preso Diogo Lopes, e fugiram os filhos em cima de seus cavallos pera um castello que se chama Cezimbra, que são d'ahi tres leguas, que mantinha voz do Mestre, e foi mais preso Affonso Gallo, recebedor da villa, e outros com elles, e d'elles fugiram pera Cezimbra.

Os castellãos que eram muitos, combateram logo Almada, e não lhe podendo então fazer cousa que

muito damno lhe fizesse, pozeram cerco sobre ella de socego, desde então a tiveram cercada.

Diogo Lopes foi trazido a el-rei de Castella e tinham-o preso no arraial, havendo d'elle mui grão queixume.

O Mestre vendo como Diogo Lopes se partira de Castella com seus filhos, e por defensão do reino fôra preso d'aquella guisa, ordenou logo de o livrar da prisão, e comprou João Ramires d'Arelhano a Perim Gascon e a Diogo Esteves, cujo prisioneiro era, pera o dar por Diogo Lopes. D'este cambio não prazia a muitos, desviando o Mestre que o não fizesse, dizendo-lhe que Diogo Lopes era já homem velho, e mais não tal de que se podesse prestar em feito de guerra, e que João Ramires era bom homem d'armas, e assim o mostrara quando fôra prezo; e pois que era pessoa que lhe podia empecer, que tal feira não era egual, nem se podia fazer por nenhuma guisa. Certamente assim era como se dizia, ca João Ramires era mui bom e ardido cavalleiro, e amava-o el-rei de Castella muito, porque o criara, e por estremado homem d'armas, e era filho de madama Venezeana, de que el-rei muito fiava e era sua ama.

O Mestre não curou de quantos lh'o contradiziam, mas teve por bem de o dar por elle, uzando em tal feito de virtuosa vontade com direito conhecimento, e assim foi dado João Ramires por Diogo Lopes, o que o Mestre logo fez de seu conselho, e lhe poz por mez quinhentas libras de mantimento.

CAPITULO CXVIII

Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal, e como foi preso Fernando Affonso de Samora.

Ouvido tendes, já vae em dois mezes, como treze galés partiram de Lisboa, e se foram á cidade do Porto pera todas juntamente com as naus e galés d'esse logar virem dar batalha á frota d'el-rei de Castella, depois que jouvesse sobre a cidade.

Para melhor vermos todos que se fez depois que ahi chegaram, leamos primeiro tres capitulos seguintes do que haveiu ante sua chegada.

Onde sabei que tendo cercado el-rei de Castella Lisboa, como dissemos, e estando por elle entre Douro e Minho os logares que já são ditos, ajuntou-se D. João Manrique, arcebispo de Santiago, com muita gente de castellãos, pera correr e destruir toda aquella comarca, que voz tivesse pelo Mestre. E os capitães portuguezes, que com elle vinham eram estes s. Lopo Gomes de Lira e João Rodrigues Portocarreiro, e Fernão Gomes da Silva, e Ayres Gomes, o velho, e Martim Gonçalves de Atayde, e Vasco Gil de Fontella, e Gonçalo Pires Coelho, e os capitães gallegos eram Fernão Pires d'Andrade e Bernardo Eannes de Santiago, e Garcia Rodrigues, e Affonso de Valle Carca, e Martim Sanches de Marinha, e Pedro Alvares, e Paio Sordea, e João Rodrigues de Biedma, e Gonçalo Marinho e outros.

Traziam todos até setecentas lanças e dois mil homens de pé, todos gente escolhida e bem postos pera pelejar.

Andava mais n'aquella comarca um cavalleiro castellão a que chamavam Fernão Affonso de Samora, homem bem fidalgo, acompanhado de oitenta de cavallo, mui bons escudeiros, e assim castellãos como d'outra gente, mas estes andavam apartados por si, e com arte e por esta guisa: Quando chegava aos logares que estavam por Portugal, dizia que era da tenção do Mestre, e quando chegava aos que estavam por Castella, em poucas palavras lhe fazia entender que era da sua parte, e assim andava com aquelles seus comendo e gastando a terra, sem lhe contradizendo nenhuma pessoa, e com este fingimento chegou a Santo Tyrso de riba Dave, com sua gente, e lançaram-se ahi a folgar mui seguro de nenhum contrario que lhe avir podesse, sem poendo a si alguma guarda.

O conde D. Pedro que estava no Porto como já é dito, como esto ouviu, disse aos da cidade como aquelle Fernando Affonso andava com esta falsura. Como elles ouviram dizer de tal arte, como aquelle Fernando Affonso uzava, roubando e gastando a terra, tresmontando sobre elle uma noite e chegaram de madrugada ao logar onde jazia com todos os seus de segurado, e acharam-nos ainda nas camas, e pero que elle trabalhasse de se defender quanto poude, e assim alguns dos seus, não lhe prestou nada, mas antes houve hi feridos de uma parte e da outra, e mortos da sua gente e outros fugidos cada um como melhor poude, e prenderam a elle e a Affonso de Vallença seu filho, e mataram um seu sobrinho, tomaram-lhe os cavallos e mulas

e todas as outras cousas que lhe acharam, e trouxeram todos á cidade, e jouve hi prezo, elle e seu filho até que a frota depois foi pera Lisboa, e foi tomado em ella dos castellãos, como adeante ouvireis.

CAPITULO CXIX

Do conselho que o Arcebispo houve com os seus, e como foi cercar o Porto.

Estando o arcebispo em Braga com as gentes que já nomeamos, estando pela terra a roubar e fazer todo o mal que podiam, houveram conselho em que maneira fariam guerra o mais a seu salvo que podessem, e com mais sua honra. E dizem alguns que disseram entre si:

—Vamos ao Porto, que são d'ahi a oito leguas, e cerquemol o por uma parte, e nosso arraial seja posto á porta do Olival, e em breves dias o tomaremos, porque na cidade não ha quem peleje comnosco, nem ha poder de se defender que muito seja.

O arcebispo quanto esto ouviu respondeu entonce.

—Eu não sou em este conselho por duas razões: a uma por a cidade ser de muita gente, que a poderão mui bem defender, a outra porque é porto de mar, que por muitas vezes pode haver acorrimento quando tal cousa aviesse; mas parece-me que será bem não nos chegarmos muito a elles, mas andarmos a geito duas leguas d'arredor, e tirar-lhe-hemos os

mantimentos. E porque elles não são encavalgados, não nos podem vir fazer nojo, e em tanto ir-se-hão gastando entre si, sem outro nenhum nosso damno, ca pois a maior parte está por Castella, o revelar de Lisboa, e d'este logar e d'alguns outros que tem voz do Mestre não pode ser que muito dure, ca elles verão que fazem vaidade em defender perciosamente sua tenção, e farão todo que lhes el-rei nosso senhor, e a rainha sua mulher mandarem, e digo-vos que este seria meu conselho. No qual se outhorgavam todos os castellãos, que hi eram, mas os portuguezes desnaturados, que hi eram, especialmente Lopo Gomes de Lira, com seus parentes e amigos, disseram ao arcebispo:

—Senhor, vamos adeante todavia, ca não havemos por que haver receio dos que moram na cidade, são gentes sem conselho, e não ha em elles nenhum bom regimento, porque os corações dos muitos são desvairados, não sómente por inveja, mas ainda por suspeição, a qual cousa ainda entre elles póde ser muito mais, quando nos virem juntos comsigo, que se volverão todos sem governança, e será entre elles tal desacordo, que será a nós mui grande honra e façanha; assim que de uma guisa ou de outra, não podemos d'esto alcançar senão bem. E porém não o ponhamos mais em vagar, mas cheguemos alá em toda a guisa, e que mais não seja, vamos sequer fazer mostrança e provar que querem fazer.

O conselho era mui bom, se os da cidade foram em desacordo, como elles diziam, porque não ha morte mais cheia de peçonha nem que assim destrua as cidades e que as faça mais azinha perder, que discordia entre os moradores d'ellas. Mas esto

era muito pelo contrario, ca as gentes da cidade eram todas de um acordo, por saude e defensão d'ella e todos tinham um coração, e des-ahi como se mostrou depois ao deante.

Então o arcebispo vendo-se aficado d'estas e outras razões, houve de consentir ao acordo que os outros diziam, e começaram de andar seu caminho pela estrada de Guimarães, e chegaram ao meio dia acerca do Porto e pouzaram seu arraial aonde chamam S. Romão, que é meia legua do logar, e alli comeram e folgaram.

CAPITULO CXX

Como os do Porto sahiram fóra pera pelejarem com os gallegos.

QUANDO os da cidade souberam como os castellãos eram em aquelle logar, e a vontade com que vinham, houveram todos seu acordo, dizendo uns aos outros:

—Estas gentes que alli jazem são muitas e boas, e vem com tenção de cercar esta cidade, e a tomar se poderem, pois nós cercados d'elles, ou nos leixaremos aqui jazer encerrados como gados em curral e não sairemos fóra, ou lhe poeremos a praça. Senão sairmos fóra esto será a nós mui grande mingua e prasmo, pois cumpre todavia de sairmos, ca de outra guisa, que vergonha seria a nós havermos a cidade cercada de nossos inimigos, que querem de nós haver honra, e provar pera quanto somos, e

nós não curarmos d'ello, e estarmos olhando do muro, como mulheres. E porém não devemos consentir com elles nem levem de nós tal louvor, e a vergonha fique comnosco, leixando-os chegar aqui á sua vontade. Mas saíamos a elles e em toda a guisa e nenhum não haja receio, ca Deus será em nossa ajuda.

E havido este acordo, leixando concelho, trabalharam logo de se armar todos á maior pressa que poderam, em tanto que do maior até o mais pequeno não ficou nenhum que se não armasse pera sahir fóra, como fossem prestes todos. Dos quaes eram o principal o conde D. Pedro já nomeado, com quinze escudeiros bem corregidos, e outro fidalgo chamado Martim Corrêa, e outros bons escudeiros com suas gentes, de guisa que eram por todos com os da cidade, até sete centos homens de pé.

Era mais Gonçalo Pires, escrivão da chancellaria, padre que fôra de Luiz Conçalves e de Pedro Gonçalves, que chamavam Malafaia, de que adeante se fará menção, o que o Mestre ante d'esto havia mandado em uma barca com João Ramalho e Nicolau Domingues, homens honrados da dita cidade, pera encaminhar cousas de seu serviço. E este não quedava dizendo a uns e a outros:

—Amigos, saiamos a elles, que não são pera nós nada, nós somos portuguezes direitos e por defender nossa terra e reino não devemos tomar nenhum receio, mas todavia pelejar com elles, e defendel-o até á morte, antes que nos sugigarem contra a razão e direito.

E elles todos prestes com grande esforço e vontade sairam todos fóra, e foram-se aposentar ao

chafariz de Mija Velhas, que é pequeno espaço da cidade, ca porque não eram encavalgados e era já sobre a tarde, não ouzaram de ir mais longe, e atenderam-nos alli, e quando viram que não apareciam, tornaram-se pera a cidade, e não se fez mais por entonce.

CAPITULO CXXI

Como as galés de Lisboa chegaram ao Porto e se ajuntaram as gentes d'ellas com as da villa pera pelejar com os gallegos.

E no outro dia de madrugada armaram-se todos e sairam pela porta do Olival, porque ouviram dizer que d'aquella parte queriam vir aquellas gentes, e foram-nos aguardar por grande espaço e longe da cidade. E elles estando alli, achegaram as galés que dissemos que partiram de Lisboa, todas apavezadas e bem corregidas, com grande alegria, dando ás trombetas, dizendo suas saudações como é costume de mareantes. Pouzaram ante a cidade, e os que ficaram em ella e não sahiam fóra, quando viram as galés foram mui ledos com ellas e mandaram-no logo dizer aos outros. Os das galés isso mesmo como chegaram e lhe disseram como os da cidade sahiram pera pelejar com aquellas gentes, sem outra tardança, nem mais espaço, pozeram logo as pranchas fóra e saltaram todos em terra s. Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Ruy Pereira, e Affonso Furtado, e Gonçalo Vasques,

filho de Vasco Martins de Mello, e seu irmão, e Antão Vasques, e Ayres Vasques d'Alvalade, e outros fidalgos e patrões de galés, e com elles até trezentas lanças e quinhentos besteiros, e tres mil e quinhentos galeotes. Assim eram por todos com os da cidade que já ditos são, mil homens d'armas, e oitocentos bésteiros, e cinco mil homens de pé, todos com grande vontade de pelejar, com a bandeira do Mestre tendida entre elles.

Quando os gallegos ouviram dizer que as galés de Portugal chegaram, e como as gentes d'ellas eram juntas com as da cidade, muito lhes pezou de taes novas, de guisa que de todo perderam a confiança em que ante confiavam; pero porque eram certos que os do logar não eram encavalgados leixaram-se estar de socego.

Os portuguezes quando esto souberam, houveram acordo entre si dizendo:

—Pois que assim é, que elles não querem vir a nós, vamos nós lá buscal-os onde estão, e nenhum se enfade em quanto andar podemos, ca d'outra guisa farão de nós escarneo:

Entonce moveram todos caminho de Paparanhas com suas bandeiras deante, e uma do Mestre, que todos haviam de guardar, e a outra dos signaes da cidade. E muitos dos que os viram assim choravam de prazer dizendo:

—Senhor rei todo poderoso, sê do nosso bando, e ajuda-os contra seus inimigos. E elles indo assim regidos em batalha, com grande vontade de pelejar, viram quatro ginetes da parte dos gallegos; como os viram ir d'aquella guisa deram logo volta e disseram ao arcebispo e aos outros que já pareciam no viso de Paparanhas.

Entonce cavalgaram todos azinha, e passaram a agua de Leça, e pozeram-se acima da ponte do rio em um alto logar forte, de geito que nenhum lhe podia fazer nojo, nem passar por aquella ponte sem muito e grande seu damno.

E os portuguezes quando o viram d'aquella maneira, acendiam-se em mais vontade de pelejar, em buscando logar azado, por onde passassem a seu salvo, pera os fazerem descer d'aquelle monte, nunca o poderam achar, e porque se chegava a noite, aos marmoeiraes de Leça, e d'ahi mandaram seu recado ao arcebispo por um frade da ordem de S. Francisco, que chamavam Frei Vasco Patinho, o qual chegou a elle e disse:

—Senhor, aquelles capitães que alli estão com aquellas gentes vos enviam dizer e rogar, que vos praza de vos arredardes d'aqui; que elles possam passar pela ponte desembargadamente, e vos punhaes em logar onde vos elles possam poer batalha, e pelejar comvosco.

—Amigo, disse o arcebispo, estas gentes estão aqui juntas como vós vêdes, se elles a nós quizerem vir, aqui nos acharão prestes pera pelejar, mas d'outra guisa não nos mudaremos de como estamos, senão quando virmos que nos cumpre, e esta resposta lhe levae.

Tornou-se o padre com este recado, dês-ahi cerrou-se a noite, e pozeram suas escuitas pelos caminhos, que não recebessem damno d'alguma parte. E fizeram muitas fogueiras no arraial, e os demais vigiaram toda a noite, ca não eram mais longe que a tiro de virotão, e os castellãos não quedaram despachar ao arraial, e mandar suas azemulas contra Braga.

CAPITULO CXXII

Como os portuguezes escaramuçaram com os gallegos, e se foi o arcebispo.

Foi-se gastando a noite azinha, ca era no mez de maio, na alva da manhã, tanto que alvoreceu, os gallegos que estavam já todos prestes, assim os de cavallo como os de pé com sua bandeira tendida dos signaes de S. Thiago. Os portuguezes quando esto viram buscaram logar por onde passassem, e não o poderam achar, e bem mostravam a de fóra, a grande vontade que dentro no coração tinham.

Houveram-se de meter por uma brenha muito espessa, pero deitaram em ella muitos paus e muitos ramos de arvores, e começaram por alli de passar o melhor que poderem até trezentos, entre bésteiros e de pé e alguns de cavallo, e com elles um cidadão do Porto, que os quadilhava, que chamavam João Ramalho.

Os gallegos quando viram que elles passavam por logar tão mau, marvilharam-se, e disseram:

— Leixemos passar quantos poderem, e depois que forem da parte d'aquem, de ante que sejam acaudilhados e regidos como cumpre, daremos em elles rijamente de volta, e assim os desbarataremos.

Os portuguezes entenderam esto e foram-se mais a fundo buscar outro melhor logar, por onde fossem todos juntos, e antes que passassem os gallegos de cavallo e de pé, todos em tropel, vieram

dar mui rijamente n'aquelles poucos que já eram da parte d'além.

Os portuguezes por todo esto não se arramaram mas tiveram-se todos juntos, e começaram de se ferir de vontade, mas os bésteiros maguavam mui mal os gallegos, de guisa que cahiram logo mortos um de cavallo e dois de pé, e afastaram-se aféra por força.

Falou entonce o arcebispo aos seus e disse:

—Amigos, paraes mentes como estas gentes vem a nós assim como homens que não temem a morte; e certamente grave cousa seria, e não me parece razão havermo-nos de embrulhar com elles, ca elles trazem muitos besteiros, porque hão de nós grande melhoria, e matando-nos os cavallos, poderìamos azinha ser vencidos, e porém leixemol-os, e vamo-nos a nosso salvo, ca ainda que dois reis viessem a um d'elles, gente de treze galés em ajuda lhe daria tanta avantagem, e poría em outra tão grande duvida, que bem cuidariam que tal peleja era de escusar, maiormente, que deve fazer a nós?

Então outhorgaram todos em esto, que o arcebispo dizia, moveram e foram-se logo, indo alguns portuguezes a geito d'elles ladrando-os. Deram parte dos gallegos volta, foi morto um portuguez.

Entonce aguardaram aquelle dia e noite seguinte pensando que seus inimigos faziam aquello com arte, e que por ventura tornariam a elles; e elles, depois que souberam que eram muito alongados, tornaram-se pera a cidade com muito prazer.

CAPITULO CXXIII

Como Ruy Pereira disse sua mensagem aos do Porto, e a resposta que lhe deram.

Depois que os da cidade foram socegados, e isso mesmo as gentes da frota, disse Ruy Pereira aos do logar que se ajuntassem todos, que lhes queria notificar algumas cousas que lhe o Mestre mandava dizer. E no outro dia que era sexta feira, ajuntaram-se todos pera ouvir sua embaixada, a qual por elle proposta, mostrando primeiro uma carta de crença, começou a dizer d'esta guisa:

—Senhores amigos, o Mestre, nosso regedor e defensor, vos envia muito saudar, e se encomenda em vossas boas lealdades. E manda-vos dizer, que bem sabeis como este reino anda todo envolto com desvairadas tenções, e como os castellãos o querem subjugar e haver pera si, e como elle por bem do reino e sua defensão, tomou voz de regedor e defensor d'elle, pois hi não ha outro que se ponha por elle ao defender e amparar, e que elle se offerece por sua defensão, até poer o corpo e a vida á morte.

E que outro sim sabeis bem como el-rei de Castella está já mui acerca da cidade com todas suas gentes e poder pera haver de cercar e correr, e gastam toda aquella comarca, que já tem por sua, aguardando, que como vier a frota, logo cerquem toda a cidade por mar e por terra. E porém vos

envia rogar, como a bons naturaes e leaes portuguezes, e como aquelles que sempre mostraes lealdade á casa de Portugal, que vos praza d'estas naus e barcas que aqui ha em esta cidade, serem logo armadas, e isso mesmo façaes logo deitar as galés na agua, e sejam logo esquipadas pera ella, com estas outras que hora cá vieram de Lisboa irem todos a pelejar com a frota de Castella depois que vier, e temos esperança em Deus e na Virgem Maria sua madre, que nos ajudará contra elles, e nos dará d'ella tal vencimento que será grande honra e proveito e serviço de nosso senhor o Mestre, e muito boa nomeada de vós outros todos. Além d'esto vos envia mais dizer, que por a grão necessidade em que elle é posto, e pera defensão d'estes reinos, a que tanto faz mister que lhe acorraes com uma somma de dinheiros emprestados, que escuzar não póde pera tão necessarias despezas, como vedes que seguem, e que elle não tem outras prendas que vos dar por tal emprestilho, se não a si mesmo, se o Deus guardar de mal, o que prazerá a Deus, que o guardará e que elle vos promete como filho d'el-rei que é, e por toda sua verdade, que elle vos pague tudo mui bem, e pera esto eu trago aqui sua procuração e poder abastante, como bem podeis vêr, pera obrigar-me em seu nome como a vós todos aprouguer.

Respondeu entonce um homem bom cidadão do logar, que chamavam Domingos Pires das Eiras, que deram logar os cidadãos que fallasse por elles, havendo já a gente informação do que lhe havia de ser proposto, e disse em esta guisa.

—Ruy Pereira, vós dissestes mui bem vossa mensagem todo o que a vós foi encomendado.

Eu digo por mim, e por todo este povo que aqui está, que nós somos prestes com boa vontade de seguir o Mestre nosso senhor, e fazermos todo o que elle mandar por seu serviço e defensão do reino, que já elle seria um estranho, que nós não conheriamos, e quando se elle despozesse aos taes trabalhos e perigos, por nos defender e amparar, maiormente ser elle filho d'el rei D. Pedro, como é, e não termos outro a que tenhamos mentes, senão a Deus e a elle. Mui grande razão é de vos fazermos qualquer cousa que sua mercê fôr. Demais por defensão d'estes reinos, de que todos naturaes somos. E porém ouro, prata e dinheiros tudo quanto temos faremos prestes pera tal necessidade que senão pode dispender, em cousa mais guisada que por defender nossa terra, e por nunca sermos em poder de castellãos e todos seguirmos sua tenção, que é muito avisada, e não ha em esta cidade quem tenha o contrario d'esto, e quando hi tal fosse achado, o que Deus não mande, elle não haveria vida entre nós. E para esto as naus, barcas e galés com todas as cousas que lhe fizerem mister, lhe offerecemos de mui boa vontade; farinhas, carnes, pescados e vinhos, que fizerem mister de mui boa vontade pera a frota de todo havereis abastamento. E todas as gentes da cidade que pera tal obra forem pertencentes, todos entrarám em ella de mui boa vontade, e porém vos peço, pera esto requeredores qual vós quizerdes, e logo todo será feito sem nenhuma mingua, e mandae vossas cartas pelas comarcas, a quaesquer, que tem voz por Portugal, que se venham á pressa, pera irem em esta frota. E certo é que todos que amam honra e proveito do reino, que logo assim serão. E entre esses a que

todavia haveis de escrever, é o conde D. Gonçalo, que tem Coimbra, e esto por tres razões:

A primeira a cidade de Coimbra, que poeremos em segurança, que é logar de que poderia vir grão torva a nossa demanda:

A segunda, das gentes que tem comsigo, que nos serão boa ajuda:

A terceira que se elle vier pera vir em ella, nenhum dos outros não haverão que dizer.

Entonce acordaram que era bem de lhe enviar recado por D. Martim Gil, abbade de Paço. D'esahi escreveram suas cartas a outras pessoas pera essa comarca, fazendo-lhe saber sua tenção qual era, e que se lhe guisasse logo, e se viessem ao Porto, e que lhes dariam todas as cousas que mister houvessem, sem nenhuma duvida.

CAPITULO CXXIV

Do recado que os do Porto enviaram ao conde D. Gonçalo, e da resposta que a ello deu.

Esto assim acordado, escreveram sua crença e deram-na a D. Martim Gil, abbade do Paço, que depois foi bispo do Algarve, e elle chegou a Coimbra, onde o conde estava, e foi bem recebido d'elle, e porque era sua feitura e por elle houvera abbadia, e perguntando-lhe o conde de praça quem o déitara d'aquella parte?

— Senhor, disse elle, o que me cá fez vir, é uma mensagem que vos trago d'aquelles homens bons do Porto.

Entonce se apartaram a departe, e lida a carta de crença, propoz D. abbade em esta guisa:

—Senhor, aquelles homens bons da cidade do Porto, e isso mesmo o capitão da frota que hora hi chegou de Lisboa, com todas outras gentes que em ella são, se enviam muito saudar a vossa mercê, dizendo que bem sabeis como este reino por nossos pecados, é hora duvidoso em duas partes, de guisa que a vinda do Ante-Christo, não podia em elle fazer maior divisão, do que hora esta terra está, e os castellãos são todos contra Portugal, e a maior parte dos portuguezes, segundo bem vedes. Pero não embargando esto o Mestre com toda a vontade se põe de todo a defendel-o, nem ha outrem que o queira emparar, e elle está em Lisboa prestes pera ser cercado, como já ouvireis dizer, e el-rei de Castella vae sobre a cidade com todo seu poder e frota. E o Mestre receando muito o grande nojo que receber póde da frota de Castella, tendo-lhe tomado o rio, e não haver os mantimentos e ajuda que haver poderia d'alguns logares de Alemtejo por azo de ser cercado por mar, mandou certas galés que hi são e todas armadas, segundo lhe cumprirem, irem pelejar com a frota de Castella por desempachar o rio, e ficar a cidade desabafada d'aquella parte, e pera isto armasse a frota das naus e galés quanto mais podesse, e escreveram já muitos sobre ello, que se venham á pressa pera entrar em ella. E porque a frota cumpre de ir bem armada, e posta sob governança de um bom capitão, e em esta comarca não ha nenhum similhante a vós, acordaram que era bem de vos escrever sobre ello, porém vos enviam pedir por mercê, que os ajudeis em esta demanda, e vos pra-

za de tomardes encarrego da frota, e serdes senhor e capitão d'ella, e elles vos querem obedecer todos e ir sobe vossa guarda e capitania, e vos dar compridamente todas as cousas que mister ouverdes, vós, e os vossos: pela qual razão, se vossa mercê fôr de o fazer, me parece que alcançareis grande honra, e mostraes em ello vossa bondade, e todos vos terão em grande bem ajudardes a defender terra de que sois natural, segundo meu entendimento abrange, e d'estes feitos não entendo outra cousa.

Depois d'esto e outras razões que D. Abbade ao conde disse, a primeira cousa que lhe respondeu foi esto: dizendo, que porque não ia Gonçalo de Sousa por capitão da frota, assim como de Lisboa viera.

—Senhor, assim é que Gonçalo Rodrigues como chegou ao Porto, logo a poucos dias partiu d'ahi, e dizem que vos veiu fallar, e des ahi a Gonçalo Gomes da Silva, e ao mestre seu sobrinho, e depois a Gonçalo Vasques de Azevedo, da qual cousa foram todos mal contentes; dizendo que não andava lealmente no serviço do Mestre, mas que queria vender as galés e frota a el-rei de Castella. Por a qual razão foi grande alvoroço na cidade e elle ha-se feteudo e por isto não fiam d'elle cousa que seja, nem ha de ir por capitão, nem outro titulo de honra.

O conde ouvindo aquesto, depois de grão rezoado que entre elles houve, finalmente lhe deu em resposta que se o Mestre lhe quizesse dar as terras, que foram da rainha D. Leonor sua irmã, que elle tomaria sua voz, e o serviria na frota, e em toda a cousa que em seu serviço fosse.

Tornou-se entonce o abbade com este recado, e visto por Ruy Pereira e por Gonçalo Pires, e outros que do serviço do Mestre tinham grão cargo, escreveram-lhe logo sobre ello. O Mestre quando esto ouviu não soube resposta que a ello desse, porquanto d'ellas tinha feito mercê a Nuno Alvares, que lh'as antes pedira, pero por haver o conde a seu serviço fez saber a Nuno Alvares o que lhe escreveram, e estes feitos todos em que termo estavam.

Nuno Alvares que todo o seu desejo era encaminhar o serviço do Mestre por onde quer que fosse, quando viu sua carta, mandou logo d'Evora, d'onde entonce estava, um seu escudeiro com resposta ao Mestre, dizendo que não embargando que lh'as elle prometidas tivesse e feito d'ellas mercê primeiro, ca a elle prazia muito que as desse ao conde D. Gonçalo, pera o haver pera seu serviço, e que não dizia elle aquellas terras mas todo o mais, quanto elle tinha, que o desse a quem sua mercê fosse por encaminhar seu serviço, ca elle esperava no Senhor Deus, que lhe acrescentaria tanto sua honra e estado, que elle lhe agalardoaria dez por esto, melhor do que elle saberia pedir.

O Mestre quando esta resposta viu teve-lh'o por grande bondade, e dês-ahi por azar seu serviço, que lhe em tal sezão cumpria, escreveu logo á pressa ao conde, prometendo-lhe as terras que de sua irmã ficaram, e mais lhe mandou uma carta que elle podesse tomar pera si, e pera os que com elle estavam, todos os direitos e rendas que o Mestre em Coimbra havia de haver. E confirmou a seu filho D. Martinho o logar de Bouças e de Lordello, que d'ante tinha. E o conde ficou logo por seu, e

começou de fazer prestes pera o servir e entrar na frota.

Entonce chegou Gonçalo Pires, e pediu ao conde que lhe mandasse dar biscouto, que estava em Coimbra e em Monte-mór, e ao conde progue d'ello, e levaram d'ahi muito biscouto e armas, de que carregaram dois bateis pera o Porto, e ao conde mandára o Mestre dar muitos dinheiros de graça, e peças de panno pera elle, e pera os seus, e d'esta guisa teve elle com o Mestre, e tomou sua voz.

CAPITULO CXXV

Como as galés foram correr a costa de Galiza, e do que lhe haveiu em sua viagem.

No Porto estava D. Pedro, conde de Trastamara, que se lançou em Coimbra, quando el-rei de Castella hi veiu pera cobrar a cidade, segundo ante contámos, e dois seus irmãos com elle; um d'elles era Affonso Anriques, caçador mór d'el-rei de Castella, e o outro Affonso Anriques mais moço, que foi filho de uma judia; e este se viera dizer a Lisboa ao Mestre em como estava alli prestes pera seu serviço; e ficou hi com elle: e todos tres eram filhos do mestre de Santiago, D. Fadrique, filho que foi d'el-rei D. Affonso, e de Leonor Nunes de Gusmão. O qual D. Fadrique depois morto por el-rei D. Pedro de Castella, segundo dissemos em seu logar, se d'ello sois acordado.

Em este comenos o povo da cidade solto e livre dos outros cuidados, não com pequenas, mas com grandes despezas, faziam carregar com trigança quaesquer cousas, que convinhaveis eram pera tamanho negocio e serviço do Mestre, sem o qual elles não criam o reino, poder ser defeso. E trabalhando cada um de poer em obra quanto sua vontade desejava de fazer, houveram entre si conselho:

Que pois ás galés já eram armadas, e as gentes se vinham ajuntando pera entrar nas naus, que fossem em tanto correr a costa de Galliza. E ordenado como se partissem, foi-lhe dado mantimento de certos dias, e iam nas galés de Lisboa por patrões os que de lá vieram com ellas, salvo se era na galé real, em que fôra Gonçalo Rodrigues de Sousa, que esta ia o conde D. Pedro por capitão, a que todos obedecessem. E na galé que chamavam Santa Anna, ia Gonçalo Vasques de Mello, e Vasco Martins seu irmão, que depois morreu na batalha, na Bemaventurada. E Affonso Furtado na que chamavam Santa Clara. Estevão Vasques Felipe, na que diziam Santa Joanna, Lourenço Mendes, commendador, em outra que chamavam S. Jorge, Mice Manuel, filho de Lançarote Passanha, almirante que foi morto em Beja, na que chamavam Victoria. João Rodrigues Guaday, em Santa Maria de Cacella. Antão Vasques e assim Gil Esteves Fariseu, e Ayres Pires de Camões, e outros em galés assim do Porto, como de Lisboa, que mais não curamos de nomear. E correndo a costa de Galliza, chegaram primeiro a Bayona de Minhor, castello franco e pequeno, e por lhe não queimarem a pescaria lhe deram quatrocentos francos.

Depois se foram a Angia, que é pescaria sem

fortaleza, e queimaram hi dois navios que estavam em estaleiro. E des-ahi partiram pera Cunha, e por lhe não queimarem a pescaria lhe deram seiscentos francos, e ficaram alli parte das galés, e foram-se seis a Ferrol, e este foi todo queimado, que não ficou d'elle senão a egreja. Des-ahi chegaram a Neida, e foi preitejada por quatrocentos francos. E depois tornaram estas seis galés, e partiram com as outras todas da Cunha, e foram-se a Betanços, boa villa assaz, por quanto houveram novas que estavam alli algumas naus com artificios de combater a villa que iam pera Lisboa, e acharam hi uma nau carregada d'engenhos, que ia pera o arraial, e pozeram-lhe o fogo. E queimaram outra nau nova de Pero Ferrenho de Minha. E tomaram uma galé, que chamavam a Volanda, junto com o muro da villa, em que foram alguns feridos, e trouveram-na comsigo. Entonce começaram a combater o logar, de guisa que cerraram com o muro, ca iam hi mui valentes homens, e ardidos de coração, assim como João Rodrigues Guarda, e Antão Vasques, e outros fidalgos pera muito, e estando em ponto de a tomar, e os da villa tão aficados, que a começavam a desamparar. O mesmo conde D. Pedro, que por capitão ia, mandou dar ás trombetas bradando que se affastassem a fóra, dizendo que não era bem morrerem alli alguns por tomarem um tal logar como aquelle, mas que se preitejassem, que se ao outro dia lhe não viesse socorro, que lhe fosse entregue sem outra contenda, e esto fizeram os portuguezes de muito mámente, tomando d'esto mui boa suspeita. E em essa noite veiu Fernão Peres d'Andrade com tanta gente, e se lançou no logar que foi escusada a preitezia. D'esto foi mui prasmado o conde, dizen-

do que porque elle sabia este acorro, que havia de vir aos da villa, que por tanto lhe dissera que não combatessem mais, fazendo-lhe entender, que mais seguro era de lhe dar espaço, que a tomarem por força.

Andaram entonce por aquella costa tomando muito refresco, fazendo todo o mal e damno que podiam, de guisa que do percalço que entonce trouveram, foi pagado á gente soldo de tres mezes. E elles no Porto por lédice de sua vinda ordenaram um torneio vespora de S. João, que era em que os moradores d'aquella cidade costumavam fazer grão festa.

E o torneio foi de capelinhas com espadas brancas, e muito cordorans, segundo uzança d'aquelle tempo. E deu Affonso Anriques, caçador mór, ao seu irmão o conde por cajão uma cutilada na mão direita, de que depois foi aleijado, por cujo azo não veiu na frota, quando partiu do Porto pera Lisboa.

CAPITULO CXXVI

Como Nuno Alvares houvera de ir na frota, e porque razão não entrou n'ella.

As galés no Porto como dissémos, faziam-se as naus prestes quanto podiam, por cedo virem acorrer ao Mestre e á cidade, que havia novas que era mui minguada de mantimentos, por azo da frota de Castella, que lh'os embargava, a não poderem vir por mar, e em apostando-se a

frota do que lhe cumpria, não embargando a grande trigança, passavam mais dias do que mister haviam os que entendiam sua ajuda e acorro.

O Mestre vendo que a frota tardava, dês-ahi a cidade posta em gasto de mantimentos, e havendo grande fiuza no seu mui grande servidor Nuno Alvares Pereira, que o em ello bem servia, escreveu-lhe trigosamente a Evora onde estava, que ajuntasse suas gentes, se fosse ao Porto embarcar na frota, e se viesse em ella pera pelejar com a de Castella, que assim tinha a cidade cercada. Nuno Alvares como viu seu recado, soube como o conde D. Gonçalo e Ruy Pereira, e outros fidalgos haviam de vir na frota, e escreveu-lhes á pressa que lhes aprouguesse de o esperar, ca mui cedo encaminharia pera ir ser seu companheiro. E partiu logo com os seus um pouco d'ouro que o Mestre lhe enviara, aos quaes prougue muito quando Nuno Alvares lhe disse que o Mestre lhe escrevera que se fosse ao Porto.

O conde Ruy Pereira e outros alguns, a que Nuno Alvares escreveu, logo enviaram seu recado com inveja e muita intenção, segundo se affirma, e não quizeram aguardar, mas ordenaram de partir com a frota, como de certo partiram.

Nuno Alvares sem d'isto saber parte a grão trigança andou seu caminho, levando comsigo até dozentas lanças, e quem menos escreve erra em seu escrever, e quando chegou á terra onde estava o mestre de Christo, comeu hi com elle um dia, e o mestre lhe perguntou que lhe parecia d'estes feitos? como se os houvesse por estranho, e não pera vir a tal acabamento como Nuno Alvares e outros cuidavam.

E Nuno Alvares lhe respondeu, que a Deus gra-

ças, os começos lhe pareciam bons e que esperava em Elle, que a fim fosse melhor. E assim se espediu do Mestre e levou caminho de Coimbra, e quando ahi chegou soube como a frota era já em Buarcos, e outra vez escreveu aos capitães d'ella, que lhe rogava que por serviço do Mestre, aguardassem e não partissem sem elle, que logo em ponto lá seria.

E elles como viram seu recado, uzando ainda da primeira inveja, ordenaram de partir logo e não quizeram attender. Nuno Alvares como foi certo de sua partida, pezou lhe muito e entendeu bem, que se se alguns trigaram de partir mais cedo do que deviam por elle não ir com elles, que Deus não lh'o acoimasse, e os guiasse em seu salvo, como elles desejavam.

Aonde leixemos as naus e galés andar pelo mar em quanto fazem sua viagem, e levemos Nuno Alvares a Além Tejo, e como foi em Evora, d'onde partiu. Entonce tornaremos a contar da frota como chegou a Lisboa, e do que lhe assim haveiu.

CAPITULO CXXVII

Como Nuno Alvares ordenou de partir de Coimbra, e do que lhe assim haveiu.

Nuno Alvares pouzando assim em Coimbra, pouzava hi entonce a condessa mulher do conde D. Henrique Manuel, que tinha Cintra por el-rei de Castella, por odio que havia a Nuno Alvares, de quando fôra correr o termo d'aquelle logar: d'es-ahi por ser muito da parte da

rainha, e fazer serviço a el-rei, ordenou de o prender, juntando secretamente muita gente dos escudeiros e d'outros homens; por quanto ella alli tinha assáz de parentes e amigos e criados pera bem poder fazer tal obra. As gentes de Nuno Alvares já como e em que guisa d'esto souberam, começaram de se avolver juntando-se pera ir ao paço, onde a condessa diziam que fazia seu ajuntamento, e em toda guisa quizeram ordenar de ter com ella maneira.

Nuno Alvares que d'isto não sabia parte quando lh'o disseram acudiu mui á pressa a isso, e fez que se não fizesse nenhuma cousa do que se houvera de fazer, e assim guardou Deus Nuno Alvares de prizão e a condessa de grão perigo, e em esto Nuno Alvares querendo-se partir pera d'onde viera, não tinha pera si nem pera os seus cousa com que partisse, de guisa que alguns tiravam apenhado sobre as armas o que haviam de comer. Nuno Alvares vendo nos seus esta mingua, mandou vender quanta prata tinha, e partiu o preço com elles pera se desempenharem, mas com todo esto não pôde escusar que não fallasse aos homens bons de Coimbra, rogando-lhes que lhes acorressem com alguns dinheiros emprestados pera sua partida, e a elles aprougue de o fazer, e acorreram-lhe com certos dinheiros, de que mandou dar a cada um sete libras d'aquella moeda, pera despeza do caminho. E entonce se partiu e foi primeiro fallar a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que tinha o castello de Coimbra, e fallou-lhe acerca d'um postigo da parte de fóra, e Gonçalo Mendes quando viu algumas gentes d'aquellas de Nuno Alvares não corregidas, como elle cuidava, maravilhou-se dizendo aos seus depois que se Nuno Alvares partiu:

— Espantados sou de taes homens como estes poderem defender este reino a el-rei de Castella que é um tamanho senhor, salvo se Deus anda por capitão d'elles.

D'alli se foi Nuno Alvares a Thomar, e alli houve seu conselho de chegar a Torres Novas, por fallar a Gonçalo Vasques d'Azevedo, que era muito seu amigo, e tinha o logar por el-rei de Castella, se o poderia reduzir a serviço do Mestre, e de feito foi a lá, e fallou com elle n'estes feitos, como elle melhor entendeu, e depois de muitas razões que ambos houveram, outra resposta não poude haver, salvo que não via caminho nem fundamento como os feitos do Mestre viessem a aquelle fim, que elle desejava, dando por isso a entender não muito claro, pero que se elle visse taes conjecturas, em que se podesse defender, que bem lhe prazia servir o Mestre, e assim se espediu d'elle Nuno Alvares e se tornou a Thomar.

CAPITULO CXXVIII

Como a Nuno Alvares lhe haveiu com D. David Algaduxe, sobre dinheiros que lhe quizera dar.

Segundo parece por qualquer guisa que foi, Gonçalo Vasques d'Azevedo houve de saber parte do que a Nuno Alvares haveiu em Coimbra, e como andava misterioso de dinheiro escreveu á pressa a el-rei de Castella, que era bem de o mandar convidar com algum dinheiro, pera vêr e provar que resposta achava em elle, e se se demove-

ria por azo da mingua em que era posto, e que se o houvesse por sua parte não sómente tinha um grande estorvo arredado de seus feitos, mas ainda mui azinha cobraria todo o que desejava haver.

El-rei de Castella respondeu a isto que lhe não parecia razão nem aguisado ser-lhe tal cousa cometida por sua parte, porque poderia depois ser, que não se outhorgando em ello, se gabaria andando que o mandara rogar e convidar com peita, a qual cousa lhe todos contariam por mingua, mas que lh'o enviasse elle cometer por outra maneira, como de seu, e que se Nuno Alvares demovesse a tomar alguma cousa, e sentisse em elle que por lhe darem á sua vontade, se tornaria da sua parte, que entonce por mingua de cometer, não falecesse nenhuma cousa, e que lhe fizesse logo saber.

Gonçalo Vasques fallou logo entonce com um judeu, que chamavam D. David Algaduxe, irmão da mulher de D. Judá, thesoureiro que foi d'el-rei D. Fernando, e chegou a Nuno Alvares a Thomar onde estava, e disse como lhe parecia que elle andava misterioso de dinheiro, e que alguns dinheiros elle tinha d'el-rei de Castella, se alguns a elle aprouguesse de tomar, que elle lhe acorreria com mil dobras por entonce, e que tempo viria em alguma sezão, que elle as serviria a el-rei seu senhor.

Nuno Alvares viu as razões do judeu, entendeu bem este cometimento, e fallou com alguns do seu conselho, por vêr o que em tal caso lhe aconselhavam. E taes hi houve, que lhe disseram que lhes parecia que era mui bem, pois que lh'os Deus trazia á mão sem seu requerimento, que os tomasse todavia, pois que os tanto havia mister pera sua despeza.

Nuno Alvares disse que lhe não parecia bem nem aguisado tomarem dinheiro de nenhuma pessoa, salvo d'aquelles a que entendessem de servir. E que pois elle andava por serviço do Mestre, e defensão dos reinos de Portugal, e que d'outro nenhum não devia de tomar dinheiros, e que elles até entonce andaram sempre limpos, e sem prasmo de nenhuma cousa, e que agora tomando estes dinheiros, por fazer escarneo de cujos eram, que alguns poderiam ser prasmados dizendo que já tomaram d'el-rei de Castella dinheiros, e houveram d'elle bem e mercês, a qual cousa por ventura poderia entre elles ser desacordo, e cousa suspeitosa; assim que os dinheiros não foram tomados, pero que o judeu mui aficadamente o convidasse com elles.

CAPITULO CXXIX

Como Nuno Alvares pelejou com alguns Castellãos, e os desbaratou.

Nuno Alvares partiu de Thomar onde estava, e se foi a Punhete, pera encaminhar entre Tejo e Odiana, que era a comarca d'onde elle tinha carrego. Alli soube que certas gentes de castellãos estavam no Crato, pera partir pera Santarem, e que de Santarem queriam ir outros pera Castella. E estas gentes iam em guarda de grandes recovas e roubos, que alguns castellãos faziam no termo de Santarem, e por outros logares, de roupas de cama e vestidos e alfaias, e d'outras cousas, que de prestar entendiam.

E houve conselho de aguardar uns com outros na estrada, por onde haviam de passar dois ou tres dias, pera com ajuda de Deus pelejar com quaesquer que acontecesse de vir com intenção.

Partiu de Punhete, e chegou á estrada por onde os castellãos haviam de passar de Santarem pera Castella, a uma pequena ribeira onde chamam a Alpeteguam, e comeu acerca d'ella sob uns frescos freixos. Antes que se assentasse a comer mandou poer a tiro de bésta e mais longe suas atalayas, por nenhumas gentes poderem passar, de que elle parte não soubesse, que elle havia por costume de nunca se alojar de dia, que não tivesse atalayas, e de noite guardas e escutas ao longe e ao perto.

E tendo suas atalayas postas, e estando a comer assim elle, como as outras gentes, aqui vem uma das escutas rijamente e mui calado, e disse que pela estrada contra Santarem via grandes pós, e que lhe parecia que vinham aiguns de cavallo e de pé. E com estas novas Nuno Alvares foi mui ledo, e deu logo de mão aos mantens e mandou que lhe sellassem as bestas mui sem arruido, e assim o disseram a todos os seus, que se viessem logo pera elle mansamente, e elles fizeram-no assim, ca não tinham razão de se deter, ca todos estavam armados sómente das cabeças, e as bestas selladas, e prestes pera o que aguardavam.

Nuno Alvares estava desviado da estrada, por onde os castellãos vinham. E entre elle e a estrada havia um alevantamento de charneca, á guisa de comiada; e d'aquella comiada se fazia uma descida pera a estrada, e elle disse aos seus que todos fossem a pé calados até o tezo da charneca, e elles fizeram assim, e como foram em cima no tezo, man-

dou dar rijamente ás trombetas, e todos a tropel deram rijamente, á pressa, a aquella estrada onde os castellãos vinham, os quaes não eram mais que oito de cavallo, e cem homens de pé, bons almocreves, todos com lanças e adargas e seus punhaes, e com elles alguns bésteiros.

Como os castellãos viram a Nuno Alvares desceram-se rijo com suas gentes, e foram torvados por mui pouco, porque logo se começaram a defender como bons homens, mas sua defenssão não prestou nada, porque mui azinha foram desbaratados e entre mortos e presos foram ahi pouco mais de oitenta, e alguns se esconderam pelos mattos e não poderam ser achados.

E levaram os de Nuno Alvares muitas azemolas e bestas, ouro e prata e dinheiros, e roupa de vestir, e outras cousas. Foram-se caminho de Evora, onde leixaremos estar Nuno Alvares por guarda de sua frontaria, e vejamos se chegou já a frota de Castella que partiu do Porto pera Lisboa, e do que lhe aconteceu.

CAPITULO CXXX

Do conselho que el-rei de Castella houve com os seus em que guisa pelejaria com a frota de Portugal.

ARMANDO-SE a frota no Porto e prestes pera partir-se como ouvistes, el-rei de Castella trazia suas enculcas por o caminho, de guisa que cada dia sabia novas do que se fazia n'aquella cidade, e ante alguns dias que a frota houvesse de

partir, soube certo o dia que havia de sahir de foz em fora.

Mandou chamar Fernão Sanches de Thoar, seu almirante-mór, e Pero Afan de Ribera, capitão das naus, e disse-lhe em esta guisa:

— Fazei vir aqui de manhã todos os alcaides das galés, e mestres das naus, que quero comvosco e com elles fallar algumas cousas que cumpre a meu serviço.

E em outro dia fizeram elles como el-rei mandou, e trouxeram logo comsigo os alcaides das galés, e mestres das naus, segundo lhe foram dados em rol, e foi-se el-rei com elles dentro ao mosteiro de Santos, e com elle alguns cavalleiros s. Pero Fernandes de Valhasco e Fernão d'Alvares de Toledo, e o conde de Mayorcas, e mandou el-rei ás guardas que serrassem as portas e fizessem todos afastar d'arredor longe do mosteiro, por nenhum não poder ouvir cousa do que se fallasse. E assentou-se el-rei nos degraus do altar mór, onda já estava corregido como cumpria e posto o livro missal alli, e pouzados todos ante elle de uma parte e da outra, disse entonce el-rei contra elles:

— Eu vos fiz aqui chamar pera um conselho que comvosco quero haver, mas antes que nenhuma cousa saibaes do que vos quero dizer, vós me jurareis aos Santos Evangelhos que do que quero agora aqui fallar comvosco nenhuma cousa ser descoberta até aquelle tempo que fôr necessario de se fazer. E depois que todos juraram, enadeu elle mais e disse:

— Não embargando o juramento que já todos fizestes, eu vos defendo sob pena de traição que cousa alguma do que se agora aqui fallar, que vós

a parente nem amigo, nem a outra alguma pessoa que seja, não descubraes nem deis a entender nenhuma cousa, salvo quando vol-o eu mandar ou quando se houver de poer em obra.

Elles disseram que assim o fariam.

—Ora sabeis, disse el-rei, que a razão é esta. Eu hei por novas mui certas que a frota de Portugal é já armada, e prestes pera partir tal dia de foz em fora, e penso que vem em ella Nuno Alvares com muitas gentes do Alemtejo. Ora cumpre que hajamos conselho em que guisa poderemos melhor pelejar com ella a nosso salvo, se aqui dentro no rio ou no mar de foz em fora. Pera esto Fernão Sanches com os alcaides, e vós, Pero Afan com estes mestres das naus, aportaivos cada um a seu cabo, e eu com estes fidalgos haverei meu conselho, e onde os mais de vós accorrerem, aquella razão tenhamos.

Entonce se arredaram uns dos outros, cada um a sua parte. E depois que el-rei houve seu acordo com estes fidalgos fez chamar os outros, e perguntou a Fernão Sanches, que era o que haviam acordado?

—Senhor, disse o almirante, o que a mim e a estes alcaides sobre esta rasão parece é esto: que melhor seria pelejar com esta frota no mar de foz em fora que aqui dentro no rio. A razão porque é esta, ou assim é, que a sua frota vem bem armada, ou não, senão já vem vencida. Se bem armada vem, nós iremos melhor que elles; poer-nos-hemos traz a Berlenga, e d'ahi iremos pelejar com ella, e entendemos com a mercê de Deus, e nossa boa ventura, de a vencermos sem nos escapar nenhuma d'ella. E se pelejarmos aqui no rio, ainda que com

todos elles aferremos, podem-se ir alguns saindo. Demais que tem ante a villa algumas naus e barcas, que podem bem armar e em sua ajuda vir, e poder-nos-hão fazer mui grande estorvo, porém de nosso conselho é de todavia pelejarmos com elles de fora.

— E vós Pero Afan, disse el-rei, que é o que vos parece?

—Parece-me, senhor, disse elle, que melhor é pelejarmos com a frota dentro aqui no rio, que no mar de foz em fora, e esto por muitas razões. Principalmente estamos em tempo que os aguiões reinam muito n'esta terra, querendo ir ao mar não poderão ir as naus egual com as galés, e posto que egualmente não podiam ir senão a barlavento, porém convinha que se espalhasse a frota, e não poderia ser toda junta, o que a nós cumpria, cá elles virão todos juntos, porque trazem o vento por si, e como nos achassem andar espalhados por hi poder-nos-hiam tomar um e um, e ainda que nós fossemos juntos, e quizessemos em elles aferrar, pois que elles trazem o vento comsigo, cortar-nos-hão todos até o mar. Maiormente, que vem em ella mui bons mariantes, e bem sabedores da guerra. E por estas razões seria melhor, e mais seguro, pelejarmos com ella no rio, que de outra guisa, cá nós fariamos prestes nossas naus mui bem, e poer-nos-hemos além de Restello, e as galés todas traz nós, e des-ahi desfraldaremos logo sobre elles, e o vento que elles trazem por si, ficaria entonce por nós, e entonce pelejariamos com ella, e com ajuda de Deus e nossa boa ventura os desbarataremos sem duvida nenhuma, e caso que d'outra guisa fosse, o que Deus não queira, a terra d'além é nossa, d'aquem isso

mesmo, a qualquer parte que fossemos, acharíamos ajuda em caso, e poderiamos achar gentes d'armas e quanto houvessemos mister.

— Certamente, disse el-rei, esse é bom conselho e esse é o acordo, que eu e estes fidalgos houvemos.

— Em verdade, disse entonce Fernão Sanches, esto parecerá mui grande covardice estardes vós aquí com toda a vossa hoste e frota, e não sahirmos nós fora do rio pera lhe darmos sequer uma saudação de tiros. Mandae senhor por mercê, se quer que sahiamos até Cascaes. Esta razão de vantagem que se por nós poder haver, do vento que elles trazem por si dentro aqui em o rio, ella a mesma haveremos em Cascaes, e muito melhor ainda, como quer que deem lá conselho, nós todavia esguardal-os iriamos dentro em o mar.

— E ponhâmos, disse el-rei, que acontece tal Norte, que dentro em este mar fossem desbaratados, que fareis entonce?

— Quando essa cousa fosse, disse elle, o que Deus não quizesse, viriamos a grande pressa nas galés por gentes que vós tereis prestes pera favorecer a frota.

— Almirante, disse el-rei, o vosso dizer é mui bom, mas o lutador que uma queda dá uma vez, de mámente torna por outra, e vós depois que uma vez começaes a ser necessitados, de mámente tornareis lá. Porém, melhor é pelejar com ella dentro do rio, que d'outra maneira; eu terei tantas gentes prestes, que se tal cousa cumprir, que logo sejam dentro em barcas e bateis.

— Senhor, disse Pero Afan, quanto a nós assim parece, porque em qualquer guisa que nos avenha,

melhor podemos ser ajudados de perto que de longe.

— A mim disse el-rei, me praz e mando que assim se faça.

CAPITULO CXXXI

Das razões que Pero Fernandes de Valhasco disse, porque não era bem que a sua frota pelejasse com a de Portugal, e do que el-rei respondeu sobre ello.

Acabadas estas razões, e o conselho havido, como já é dito, alçou-se Pero Fernandes de Valhasco, e poz-se de giolhos deante el-rei e disse em esta guisa:

— Senhor, nós havemos tomado conselho e acordo de pelejar com a frota de Portugal aqui em o rio, ante que de foz em fora, pero contra vontade do almirante e d'esses alcaides que com elle vieram, o que a mim parece que não é de fazer grão força de pelejar com ella, mais em um lugar que em outro, pois que d'ambas as partes são dadas tão boas razões que cada um entende d'haver em sua ajuda. E porém onde quer que vossa mercê fôr de se fazer, alli é bem que se faça, sem mais rezoado sobre ello. Mas pelejar com ella todavia ou não, a esto digo a vossa mercê, e sob reverencia vossa e de quantos aqui estão, que tal conselho não é assim bom, que outro melhor não possa haver por algumas razões segundo a mim parece, vós, se-

nhor, que entendeis que pelejando com esta frota e vencendo-a que por aqui venceis, e cobraes todo o reino, e a cousa não é assim, porque em ella vem boa parte de fidalgos de Portugal, e outros escudeiros, e cidadãos, ainda de homens de baixa maneira muitos, os quaes hão grande divido com esta cidade, e com todo o reino por parentes e criados especiaes amigos, e morrendo elles aqui, ficamos sempre em homizio com todos seus dividos, que póde ser que terão grão parte das fortalezas do reino; e vendo elles como vós haveis mortos seus filhos, e irmãos e parentes e senhores, porque foram feitos não querem obedecer, e sempre vos farão nojo e desserviço em qualquer guisa que poderem. Ainda que vos senhoreeis dos corpos, nunca jamais podereis cobrar os corações d'elles, nem seu amor, que é a melhor cousa que o rei póde haver quando se quer assenhorear de algum reino novamente: ca d'outra guisa pouco prol é ao senhor, haver os corpos dos vassalos, se d'elles não ha os corações, pois não lhe havendo a sã vontade, nunca sereis senhor da terra em socego e paz, como a vós cumpre. A segunda vós dissestes que cuidaveis que Nuno Alvares vem na frota, com tantas gentes d'entre Tejo e Odiana, em que parece que ella vem bem armada e tantos por tantos, e poucos mais, não ha vantagem nenhuma, senão ha bom mestre, que é muito a ventura, a quem a Deus quizer dar, o que é mui duvidoso até que seja visto. E demais é de cuidar, que elles todos vem de um coração pera morrer ou viver, posto que sejam vencidos. E elles farão tal mortandade na vossa gente ante que o sejam, que esto seja a vós mui grão nojo e desserviço, e perda grande do reino de Castella, se elles vences-

sem, que é cousa que pode acontecer, entonce seria muito peor perda e nojo e grão quebrantamento de vossa gente, e esforço grande da sua. E porém de todas estas cousas vós escolhereis o mais seguro. Parece-me que seria melhor de tratardes boa avença com o Mestre, em guisa que elle ficasse grande na terra, e vós senhor do reino, antes que pelejardes com a frota, nem se fazer mais outra guerra, pois que elle está em tempo, que é de cuidar que trataremos com elle a vossa vontade. E por esta guisa assegurareis melhor os corações d'elles todos, e não os movereis contra vós mais d'aquillo que está aceso.

E el-rei disse que tal conselho não havia de tomar nem mover ao Mestre nenhuma preitezia, que bem via elle, que a mór parte dos logares e fidalgos de Portugal tinham sua voz, e eram da parte da rainha sua mulher. E que mostrava mingua, e grão covardice quem taes avantagens tinha por mar e por terra sobre o Mestre, mover nenhuma avença, nem outra preitezia, mas pelejar todavia com sua frota, e continuar seu cerco sobre ella, até que a tomasse: que o reino por direito lhe pertencia. E, se n'este logar alguns escrevem, que el-rei respondeu que já lhe el-rei cometera muitas preitezias, assignando como e porque guisa, e a resposta que o Mestre dava, tal escriptura havei por patranha, e não lhe deis fé, por ser mui contraria da verdade.

Porque manifesto é que el-rei até este tempo nunca lhe cometeu nenhuma avença, nem tinha razão de lh'a cometer, ante havia por escarneo a voz que tomara por elle a cidade, tendo que cedo se havia de perder de todo elle e quantos tivessem sua voz.

CAPITULO CXXXI-A

Como a frota do Porto chegou a Cascaes, e da maneira que o Mestre lhe mandou que tivessem.

Depois que el-rei teve determinado de pelejar a sua frota dentro no rio, como dissemos, mandou duas galés de foz em fóra como por atalaya, e estivessem ali aguardando por lhe trazerem novas como vissem a frota de Portugal vir, e jazendo as galés fóra sete leguas da cidade, onde se chamava Matapalombas, a frota de Portugal pareceu juntamente assim como vinham. A qual eram dezesete naus e dezesete galés, como ouvistes.

As duas galés como a viram, vieram logo dar novas a el-rei de Castella, e isso mesmo aos da sua frota.

E quando deram nova aos seus que a frota de Portugal parecia, toda a chusma das galés se levantavam em pé, e esgrimiam espadas nuas e outras armas, e outros muitos apupos e alaridos, e fazendo grandes alegrias cuidando que se no outro dia havia de vencer a frota, e tanto que a vencessem que logo a cidade era tomada. E esto seria pouco mais de uma hora ante sol posto.

Os da cidade viram os da frota fazer taes alegrias, mas não sabiam porque era tamanha lédice. E em esto chegou a frota a Cascaes esse dia, depois de comer, que era domingo dezesete dias de junho da era já nomeada.

A frota pouzada em aquelle logar, que eram

cinco leguas da cidade, houveram acordo os capitães d'ella que maneira teriam em sua entrada, e isso mesmo na peleja que havia de ser. E uns diziam que porque el-rei de Castella tinha muitas gentes, e muito maior frota, porque a elles lhe não cumpria arredar-se pelo mar, por quanto hi vinham muitos homens que haviam em uzo, que poderia ser que os trovaria, e seguindo os das naus de Castella, voltariam sobre ellas, e esto lhe daria grande vantagem pera os vencer. E esto e outras muitas razões falaram uns com os outros, mas nenhuma determinação de se fazer.

E houveram acordo de mandar um batel muito ligeiro ao Mestre, que lhe trouvesse novas como estavam alli, e que maneira lhes mandava que tivessem em sua entrada, e que encaminhasse de os ajudar.

O batel partiu de noite muito remando, e com bons pavezes, vindo acerca da terra de Almada, por os da frota não haverem d'elle sentimento, e vinha em elle pera fallar ao Mestre João Ramalho, mercador do Porto e bem rico, e bem atrevido no mar, e chegou a Lisboa alto serão, e disse ao Mestre como a frota estava em Cascaes e as horas que chegaram, e que vinha saber como era sua mercê de fazer em outro dia.

O Mestre o recebeu mui bem, e folgou muito com estas novas, e quantos hi eram presentes, e entonce entenderam todos a alegria que os das galés de Castella mostravam era por azo da vinda da frota, e quando o souberam que parecia, entonce se apartou o Mestre pera uma camara com elle, e perguntou-lhe por a frota como vinha armada, e de que guisa ?

E elle respondeu que as galés vinham bem armadas, mas que as naus d'ella vinham comunalmente, e outras mingoadas de homens d'armas. E que a razão porque as galés vinham bem armadas, era porque o conde D. Gonçalo vinha por capitão d'ellas com muitos bons escudeiros, e o Mestre pezou-lhe muito por esto, porém disse a João Ramalho:

— Vós fareis por esta guiza; eu tenho aqui muitas barcas grandes, que mandei carregar, e todas com bandas á guiza de fustas, e algumas naus e barcas que aqui jazem, as quaes de manhã serão todas bem prestes, e pois o vento é bom, e bem de viagem, partireis logo com a maré: as galés todas ao longo do rio, e as naus acerca d'ellas da parte d'Almada, mais acerca que poderdes, e não cureis de pelejar nenhuma cousa, mas vinde-vos todos ante a cidade, e entonce fornecerei as naus de boa gente, e isso mesmo armaremos estes navios e barcas que aqui estão e todas juntamente, e eu comvosco iremos pelejar. E se por ventura as naus de Castella aferrarem com alguns de vós, defendam-se em tanto o melhor que poderem, e eu terei os navios com gentes assaz com que vos acorra, ou por ventura me achareis no mar, e por este modo seja vossa vinda.

Entonce se espediu João Ramalho, e tornou ao batel sem sendo sentido de maneira da frota, nem d'outro estorvo que houvesse.

CAPITULO CXXXII

Como foi sabido por a cidade que a frota vinha, e; do que as gentes por ello faziam.

Como se João Ramalho espediu do Mestre, pero fosse já alta noite, logo foi sabido pela cidade como viera recado da frota que jazia em Cascaes, e que em outro dia havia de entrar e pelejar com a frota de Castella, e quando soou foi sabido por toda a cidade; de quanto cuidado e esperança foram cheios os corações dos moradores d'ella, não é leve de dizer.

E elles haviam grande prazer, tendo esperança que pelejando sua frota com a de Castella e vencendo-a, que ficaria a cidade d'essa banda da parte do mar desabafada e poderiam haver mantimentos por elle, do que eram muito minguados, e vencida a frota por força gançarem grão parte d'ella, pela qual razão viria tal perda aos castellãos que por ventura seria azo d'el-rei de Castella descercar a cidade. D'outra parte haviam temor e receio quando consiravam que a frota de Castella era muito mais que a sua, e armada de muitas e boas gentes, e grande ajuda que podiam haver do arraial d'el-rei, que tão perto tinham, se lhes cumprisse. E sendo a frota de Portugal vencida, a grande perda que todos de mais haviam de perder, e filhos e maridos e d'outros seus parentes que pereceriam por morte.

Além d'esto outro mui grande mal que lhes era prestes s. a cidade posta em tão grande pressa e

angustia, que não sómente de todo perdiam esperança de sua defensão, mas ainda acontecendo-lhe tal cousa, de em breves dias cahirem por força nas sanhosas mãos de tão mortaes inimigos por uzarem d'elles a seu livre talante, e estes tão fortes cuidados os fez levantar todos, assim homens como mulheres, e não poderem mais dormir.

E fallando das janellas uns aos outros assim n'esta cousa, como na peleja do seguinte dia, começou-se de gerar por a cidade um grande alvoroço de falla, o qual durou por grande espaço, e foi azo de cedo tangerem ás matinas, maiormente em noites pequenas.

Em esto começaram as gentes de se ir ás egrejas e mosteiros com candeias acesas nas mãos fazendo dizer missas e outras devoções, com grandes preces e muitas lagrimas.

Oh! qual estado e modo de viver era entonce izento d'este cuidado?

Certamente nenhum, porque não sómente as leigas pessoas, mas ainda os outros religiosos todos, eram postos sobre grande supito de tal pensamento.

Porque como assim seja que do vencimento ou do seu contrario, cada um esperava receber parte, qual seria o peito tão duro de piedade, que não fosse amolentado com maviosa compaixão, vendo as egrejas cheias d'homens e de mulheres, com os filhos nos braços, todos bradando a Deus que lhe acorresse e que ajudasse a casa de Portugal?

Certo nenhum, salvo se fosse não lidimo portuguez, e assim gastaram boa parte da noite até manhã, uns em lagrimas e devotas orações, e outros em se corregerem e fazerem prestes pera os inimigos.

CAPITULO CXXXIII

Como algumas naus pelejaram com as de Castella, e foram tomadas tres dos portuguezes.

Mui pouco dormiu o Mestre aquella noite, nem as gentes da cidade, como dizemos, mas como foi alta manhã, bem cedo ouviu suas missas e veiu-se á ribeira com muitos que aguardavam pera armar os navios e barcas, com que havia de acorrer a frota, e em se metendo as gentes em ellas, e o Mestre querendo entrar em uma nau, nasceu entre elles uma doce contenda.

Os da cidade diziam ao Mestre que se não metesse em nenhum navio, que não era cousa pera consentir de se elle aventurar a tal perigo, e poer sua salvação em duvida, mas que elles iriam pelejar com os inimigos que elle ficasse na cidade, e não os desamparasse.

E o Mestre disse que lhe tinha muito em serviço seu bom desejo, e fiel bemquerença, mas que em nenhuma guisa do mundo elle não ficaria na cidade, mas por sua pessoa seria sempre na peleja, e que fiava em Deus que sahiria d'ella com muita sua honra e de toda a cidade, e do reino de Portugal, e elles quando viram que se al não podia fazer, disserem que fizesse como sua mercê fosse.

E fazendo esto assim, a frota d'el-rei de Castella que eram quarenta naus, todas meteram as vergas e forneceram-se de muitas e boas gentes. E porque a maré vazava e o vento era calma, levaram as galés

as naus grandes até as outras mais pequenas os baixeis por d'avante, e foram-se todos a Restello o velho, que era d'ahi a uma pequena legua contra onde a frota havia de vir. E pozeram-se todos em ordem com as proas pera terra de Almada e cada uma sem proer em terra, pera guiarem com a maré, e assim estava ordenada sua batalha. E mais mandou el-rei gentes d'armas e cavallo acerca dos muros de Santo Agostinho e de S. Vicente de Fóra, por serem os da cidade occupados em acudir aquella parte, e não ajudarem aos da frota desembargadamente.

Ora assim foi que sendo pouco mais de hora de terça, e enchendo já a maré, pareceu a frota de Portugal pela ponta de S. Gião, que são tres leguas da cidade, e vinha ordenada d'esta guisa:

Vinham cinco naus deante: em a maior d'ellas, que chamavam a Milheira, vinha Ruy Pereira com sessenta homens d'armas e quarenta bésteiros comsigo, e em outra que chamavam a Estrella, Alvaro Pires de Figueiredo, e em outra Pero Lourenço e Ruy Lourenço de Tavora e assim nas outras seus capitães, assim como Gil Vasques e Lopo Vasques da Cunha, e João Rodrigues Pereira e Lopo Dias de Castro, e Nuno Viegas e Gonçalo Eanes do Valle e outros, mas estes quatro nomeamos porque estes sós aferraram. Depois d'estas cinco naus vinham as galés todas juntas apavezadas e penduadas, e traz as galés vinham doze naus, e a viração ventava tendendo ao longo do rio, muito de viagem pera poderem entrar. E Ruy Pereira, barão bem notavel, em que abundava maravilhoso e ardido coração, quando viu as naus de Castella estar cerradas em terra, como dissemos, que ainda não desferiam, não saben-

do a tenção porque, veiu-as demandar mui acerca, e as outras quatro naus com elle. E quando viu que os castellãos não faziam querença contra elles, foi outro bordo contra Almada.

E esto espaço do dia, que até aqui passou, não faziam homens e mulheres, desde que amanheceu, senão correr pera os muros e logares altos por terem logar de verem a peleja. Vinham-lhe á memoria seus padres e irmãos que alli traziam, batendo nos peitos, ferindo os giolhos em terra rogando a Deus, chorando que os ajudasse, induziam as madres aos innocentes parvos que tinham nos collos, que alçassem as mãos ao ceu ensinando-lhes como dissessem que prouvesse a Deus de ajudar aos portuguezes. E outros fazendo seus votos por desvairadas maneiras, chamando a preciosa Madre de Deus e o Martyre S. Vicente que fossem em sua ajuda.

D'outra parte o Mestre e toda a gente da cidade era ocupada em se fazer prestes pera entrar nos navios e barcas que haviam de armar pera acorrer á sua frota, de guisa que não sómente os homens mancebos mas velhos, as cabeças cobertas de cans, se guarneciam d'armas pera pelejar.

Entonce entrou o Mestre em uma formosa nau, que fôra das que tomaram com os panos dos genovezes que dissemos, e entraram com elle bem quatrocentos homens d'armas. E porque a nau não era alastrada e a gente entrou mais do que devera, não podia reger como cumpria. Nos outros navios se meteram tantas gentes, e isso mesmo nas barcas bandadas, que se queriam entornar com ellas.

Uma barca em que ia Gonçalo Gonçalves Borges desferio por fazer viagem pera Restello, e o vento

contrario a levou por força caminho de Santarem, e assim fez outra em que ia Mem Rodrigues de Vasconcellos.

O Mestre quizera tambem fazer vela, e vendo o mar e vento contrario e que era muito peor desferir, sahiu-se em terra, e as gentes com elle. E as barcas eram navios pequenos e não podiam empecer aos grandes, e maiormente por tempo contrario a ellas desarmaram-se com os navios.

Ora fazendo a nau de Ruy Pereira e as outras aquelle bordo que dizemos, contra Almada, e vindo as galés de Portugal todas a remos em estala, e em direito da frota dos inimigos, e vendo os castellãos que já as poderiam ter de julavento, desferiram todas assim como estavam, pera ir sobre ellas; das quaes a primeira que fez vela, foi uma nau que chamavam de João da Rena, que tinha um batel a meio mastro fornecido de homens d'armas.

Ruy Pereira quando viu que as naus que iam sobre as galés, que refrescava cada vez mais, temendo que lhe fariam damno pelas empachar, mais com avizamento que com sandia uzança, como alguns disseram, se fez em outro bordo, e veiu aferrar com João da Rena, e aferraram com tres naus, cinco de Castella e um carracão, e empacharam-se as guarnições de umas com as outras de guisa que iam todos em uma massa pelejando seu muito devagar e bem sem piedade, e assim os lançou a maré fóra com a maré e vento contrario ás barrocas de Almada a par de Cacilhas. E este aferramento, que Ruy Pereira fez com as naus, deu grande ajuda ás galés de Portugal, porque as primeiras naus de Castella quizeram dar pelas galés, e emquanto Ruy Pe-

reira aferrou e se empacharam com ellas, passaram as galés, que nenhuma das outras naus lhe poude empecer nem chegar, mas cruel fortuna, havendo grande espaço que durava a peleja, azou em Ruy Pereira quanto um valente e ardido cavalleiro podera pelejar, alçou a cara do bacinete, que não podia bem sofrer, houve uma virotada pela testa, de que em pouco espaço lançou aquelle fidalgo o espirito que tão cedo não houvera de fazer fim.

O' nobre e valente barão, verdadeiro portuguez de quantos entonce foste prasmado, dizendo que por tua sandice e ardileza, que poderas bem escusar a peleja, e te vêr em salvo com as outras naus, te offereceste a tão mortal perigo. Porém não foi assim, mas como fallaria o commum povo dizendo que assim como Jesus Christo morrera por salvar o mundo todo, assim Ruy Pereira por salvação dos outros. De cuja morte o Mestre e toda a cidade, tiveram grande sentido.

As doze naus que iam de traz, vinham-se quanto podiam pera a cidade e as de Castella todas traz ellas, mas não lhe podiam fazer nojo por o muito vento que traziam. A nau em que vinha Alvaro Gonçalves de Sá ferrára quando se começara de vencer, e seguiam-na aferrando em ella cinco galés, fazendo muito pela tomar, especialmente onde chamam a Cuba, por azo do vento que lhe encalmava emparando-a a altura da terra, e aficavam-na tanto com as béstas, que toda a nau e o timão e os apparelhos eram cheios de virotões, de guisa que parecia estranho de vêr. E como se a nau houve fóra da sombra d'aquelle monte, sahiu-se das galés com a maré e vento que trazia, e escapou e foi-se em salvo. O' que formosa cousa era de vêr em tão pe-

queno espaço atravez de um tão estreito rio vêr cincoenta e sete naus e trinta galés, armadas todas e bem corregidas, com desejo de empecerem umas ás outras. O' que dia de tanto cuidado e maiormente dos que na presente peleja tinham grão parte da sua esperança, porque uma cousa julgava o desejo, e outra ordenava a ventura.

As galés de Castella não poderam alcançar as de Portugal, nem ellas não quizeram aferrar com ellas, porque cada uma galé de Castella trazia atraz de si uma nau fornecida de gente d'armas pera lhe socorrer, quando tal cousa cumprisse, nem aferraram outras naus, salvo as que dissemos, de que foram tomadas tres de portuguezes, e mortos alguns de uma parte e da outra, e os outros todos prezos e feridos boa parte d'elles.

O Mestre andava pela ribeira armado, a pé com muitos comsigo, recebendo bem a gente da frota, a qual se lançou junto com terra des as tercenas até a porta do mar, e a de Castella se tornou pera Restello.

CAPITULO CXXXIV

Como trouveram a el-rei um dos escudeiros que foram presos, e das razões que houve com elle.

TOMADAS assim aquellas tres naus e as outras todas postas em salvo, e os castellãos começaram de poer fora nos bateis os portuguezes que n'ellas acharam, tambem os feridos com que nenhum cajão houveram.

El-rei mandou que levassem ante elle alguns d'aquelles que hi foram tomados, que não fosse refece pera os que foram enviados por esto.

Como chegaram á ribeira viram vir em um batel com os outros que o traziam a terra Vasco Leitão, que era um dos bons escudeiros que alli vinham, e disseram que aquelle abastava pera dar novas a el-rei do que sua vontade desejava saber. Levaram-no entonce ante el-rei, e a primeira cousa que lhe perguntou foi se vinha Nuno Alvares n'aquella frota? E elle respondeu que não. E entonce lhe perguntou quaes vinham nas galés e nas naus? E elle os nomeou todos por nome e da guiza que pelejaram, e como fôra morto Ruy Pereira, e outras cousas que a esto pertenciam. E em fallando assim com el-rei, vinha a rainha pera uma camara por acerca d'onde el-rei estava, e Vasco Rodrigues, quando a viu, foi-lhe beijar as mãos, e ella que o bem conhecia, porque era criado de Gonçalo Vasques d'Azevedo, disse a Vasco Rodrigues:

— Aqui vós sois?

— Aqui senhora, disse elle, á mercê de Deus e á vossa.

Passou entonce a rainha, e ficando elle assim tornou-se a onde el-rei estava, e el-rei sorrindo-se contra elle disse:

— Ah! horomala, que bom beijar de mão este. Vem com a lança na mão contra sua natural senhora pera lhe fazer perder o reino que é seu de direito, e beija-lhe as mãos em modo de escarneo. Não haveis vós mister senão que vos cortassem os beiços e a lingua por tal beijar de mão qual fizestes.

— Senhor, disse elle, não nol-o dizem a nós as-

sim, mas fazem-nos entender que esguardando o fundamento d'esta guerra, e como entrastes no reino ante do tempo que nos contratos era posto, e britastes as cousas que em elle eram conteudas, perdestes o direito que em elle havia, que nós fazemos razão e o que devemos em defender nossa terra, terra pois nol-a d'esta guisa quereis tomar.

Pero Fernandes de Valhasco e outros cavalleiros que alli estavam, quando esto ouviram a Vasco Rodrigues disseram entonce contra el-rei:

— Tomada ella senhor que vos dizem? esto é o que vos nós dissemos por vezes no conselho, e não foi ouvido, e fizestes o que foi vossa mercê.

Fallando em esto tiraram o escudeiro d'ante elle, e levaram-no pera os outros prisioneiros que saiam das naus. E taes hi houve que foram depois remidos e dados por outros, e d'elles fugiram e se vieram pera a cidade, e outros foram levados nas galés pera Sevilha.

CAPITULO CXXXV

Como não pelejou mais a frota com a de Castella, e como el-rei mandou combater Almada.

Tendo o Mestre sentido e cuidado de favorecer sua frota d'antes pera pelejar com a de Castella, por as razões que já são tocadas, começou com os da cidade de ordenar por sua defensão e ajuda todo o que viu que cumpria a tão grande feito, e as contrarias cousas que acontecer podiam

leixar em mão da ventura, esperando tempo azado pera se esto poer em obra, sobreveio a el-rei de Castella mais frota da que tinha a s. vinte e uma naus e tres galés armadas, não havendo ainda uma semana que a peleja das outras naus fôra. Assim que tinha el-rei por toda sua frota sessenta e uma naus, afóra as carracas, e dezeseis galés e uma galeaça, as quaes mandou lançar ao longo da cidade des Cataquefaraz até a porta da Cruz, segundo a ordenança que tendes ouvido.

E vendo o Mestre a desegualança da frota e as grandes avantagens que el-rei tinha em similhante feito, começou cessar em este comenos, havendo já acerca de dois mezes que a villa d'Almada era cercada desde aquelle dia que Diogo Lopes foi preso como dissemos. Era o logar aficado de combates que lhe davam seus inimigos da parte da terra, onde tinha seu alojamento, ca da outra do mar nenhuma cousa lhe podia empecer pela grande altura do monte, salvo tolher a agua que lhe vedava. O qual lhe foi maior guerra que outras armas, nem cavas nenhumas, nem nenhuma poderosa bombarda com que lhe fizessem alguns tiros, de guisa que os que dentro eram, que então tinham voz pelo Mestre, compeçaram de gostar cousas asperas de sofrer, as quaes é bem que em breve saibaes, pois ainda não foram tocadas.

Onde assim foi, que como a frota de Castella veiu sobre Lisboa, os moradores do logar se acolheram todos ao castello em dois bateis bailheiros, em que ás vezes levavam mantimentos á cidade, quizeram-nos as galés tomar em terra sobre o castello onde estavam em cerco, e pelos defenderem aquella hora foram muitos feridos, e não os pode-

ram levar, e depois os queimaram os do logar por os não levarem os castellãos.

Na villa havia assaz de gente que a podesse defender d'outros estrangeiros que se acolheram a ella, que se vinham lançar com o Mestre, e não poderam por azo da frota, e d'elles tinham mantimentos de pão e vinho e carnes e d'outras cousas pera seis mezes, mas não havia outra agua, salvo d'uma pequena cisterna, e sobre esta foi posta grande guarda, dando a cada pessoa cada dia uma canada, mais não.

E não embargando isso, os da villa sairam fóra a esperar os castellãos em certos passos, os quaes iam á forragem pelo termo, e a Cezimbra, matavam d'elles, e feriam em tanto, que já não ouzavam de ir, senão muitos juntos. E assim esperavam os que iam nos bateis a Arrentela e assim a roubar, de guisa que um dia mataram mais de trinta em uma lama, querendo-se acolher aos bateis não sabendo o porto.

Esta saida e tornada, quando queriam era por a porta da Barroca, que chamam Mejão frio, que é contra o mar, e sendo muitas vezes combatida, e não lhe podendo fazer cousa de que nojo recebesse, mandou el-rei que lhe fizessem uma cava sob a terra, a qual começaram de longe, que ia direita a uma alta torre que está sobre a porta do castello, pera a poerem em campo, e com fogo a derribar, segundo se costuma. E os de dentro souberam d'ello parte, onde os castellãos cuidavam que ia o alto por sobre a terra, foram sair com a boca da cava á alcaçova da barbacan, que os de dentro tinham já acabada, muito mais alta do que ante era.

Ahi pelejaram uns com os outros, e foi morto o

mestre d'ella, e alguns feridos de uma parte e da outra, de guisa que se não poderam d'ella mais aproveitar, o qual hoje em dia parece e podem vêr.

El-rei houve grande menencoria quando isso soube, e por seu corpo passou á dita villa com parte de suas gentes e capitães, pera a fazer combater á sua vontade. E mandou que lhe fizessem no campanario da egreja de Santiago, que é perto do dito castello, um cadafacens forte de mandeira, d'onde elle visse toda a villa como se combatia. E quando foi o dia do combate, poz-se em aquelle cadafacens, e fez a toda a gente combater o logar todo arredor da parte da terra, porque do mar não podia ser, por a grande aspereza da altura do monte, e foi combatido com gente d'armas e de pé, e tiros e béstaria, e fundas de demogrillas e mantas, e outras artelherias de combate, desde hora de terça, até depois do meio dia.

Os da villa sentindo que el-rei estava n'aquelle cadafacens, como quer que d'elle não haviam combate, salvo das sétas, ordenaram de lhe tirar um tiro. E el-rei enfadado que se partia pera comer, sendo na egreja, desparou o tiro e deu no cadafacens e matou dois homens e feriu tres, e mandou el-rei afastar as gentes e não combateram mais por aquella vez; e foram mortos e feridos alguns castellãos, um filho de João Lobato e outro de João Gomes, os filhos de Domingos de Santarem, e outros feridos de pedras e sétas, porque dos tiros que os inimigos queriam deitar dentro não recebiam damno, por quanto todos passavam e iam dar na agua por azo da estreitura do logar. Depois mandou el-rei levar uma bombarda que pezava mais de cinco quintaes.

A primeira pedra que lançou foi muito baixa e não fez nojo, e ao segundo tiro não empeceu nada, quebrou de tal guisa que não poude mais aproveitar.

Vendo el-rei que se não queriam dar por nenhuma guisa, prometeu de nunca preitejar com elles, mas que todos andassem á espada, e leixou sobre o logar Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda, com gentes com grande abundancia, e mandou que os combatessem cada dia, e ordenou de senão partir d'alli.

CAPITULO CXXXVI

Das cousas que passavam os de Almada por mingua d'agua.

TORNANDO-SE el-rei pera seu arraial jurando e prometendo que nunca lhe dessem vagar de serem combatidos, até que por força fossem entrados, sem nenhuma preitezia.

Onde sabei que dentro na villa eram uns quarenta cavalleiros, afora bestas de serventia, e quando a agua foi minguada, houveram conselho de não darem de beber ás bestas, e foi tanta a sede d'ellas, que alli onde mijavam os homens, iam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada.

Então ordenaram de as lançar fóra por as não verem morrer, e por os castellãos se não prestarem d'ellas, lançavam-nas todas pelas cabeças afundo contra o mar.

Cada um lançava as suas, e assim foram todas mortas por a mingua d'agua que não tinham, e amassavam o pão com vinho, e coziam a carne e o pescado, e comiam o pão em quanto era quente, e como era frio não o podia ninguem comer, e assim outras viandas.

Em esto faleceu a agua da cisterna, e foi-lhe forçado tornar a beber outra muito davorrecer s. que jazia na alcaçova, que chovera na alcaçova, na qual as mulheres ante que fosse cercada lavavam as roupas infundidas e os trapos dos meninos, a qual era muito verde e muito suja, e jaziam em ella bestas mortas, e cães e gatos, que era nojosa cousa de vêr. E de noite sahiam os homens por cordas a furtar aquella agua. E os castellãos quando souberam que d'aquella guisa a tomavam, trabalharam-se de a guardar, e muitas vezes de noite e de dia serem sobre ella mortos e feridos alguns d'uma parte e da outra. E esta agua coziam-na, e cozida a bebiam e amassavam com ella. Depois que esta agua minguou trabalhavam-se d'haver agua do mar e de tinas que tinham postas na ribeira pera apanharem agua doce, e desciam por um caminho que fizeram pela barroca a tomar d'aquella agua, e o primeiro dia a trouveram á sua vontade. E os castellãos como o souberam, pozeram guarda n'ella, e os da villa indo a lá acharam os castellãos que a guardavam, e elles não eram mais de desesete, e dos inimigos eram bem cento, que jaziam escondidos entre os penedos, e pelejaram sobre a agua e foram mortos tres portuguezes e os quatorze muito mal feridos de sétas e dardos, e não levaram mais que dois odres meios d'agua, e quebraram-lhe as tinas. E em esto morria já a gente com sede, assim

homens como mulheres e moços pequenos, e alguns que se a ella acolheram, e lançaram-se fóra da villa de noite e fugiam por buscar suas vidas, e faziam do logar toda a noite almenaras, porque lhe davam a entender o grande aficamento em que eram postos, que d'outra guisa lh'o não podiam fazer a saber.

Sendo assim cercados por mar e por terra, o Mestre e os da cidade bem entenderam seu grande trabalho, mas não lhe podiam prover de nenhuma cousa. Porém o Mestre mandou uma noite uma ligeira barca com um tiro que tirava, e polvora e outras defensaveis armas, e foi por aquecimento á parte onde jaziam bateis de Castella, e foi filhada com armas e presos todos os que levavam. E entonce um cavalleiro gascon chamado por nome Monsen Mone, muito homem de prol e bom homem d'armas, tinha preso Affonso Gallo, que era recebedor da villa, e fôra preso na escaramuça primeira, quando Diogo Lopes Pacheco foi preso.

Este cavalleiro trouve alli preso por uma corda Affonso Gallo acerca do castello, e disse aos de dentro que bem sabiam como aquella villa e todo o reino era de direito d'el-rei de Castella, e que muitos logares do reino se lhe deram e davam, e que elles com perfia não queriam fazer como os outros faziam. Porém fizessem de guisa que não fossem traidores, e dessem a villa a el-rei de Castella, e que lhe faria por ello muitas mercês, e que elle traria perante elles aquelle Affonso Gallo que era recebedor da villa, e que fizessem o que elle dizia, senão que era por força do dito Affonso Gallo morrer, e não quizessem vêr sua morte, e dos outros que presos eram: que el-rei mandava matar todos. E os

da villa responderam que bem os poderia el-rei mandar matar se quizesse, mas que a villa não dariam por cousa que fosse, e que se arredassem d'alli com sua honra, e se fossem com seu presioneiro.

E elle perfiando em suas razões, que todavia dessem a villa a el-rei, fizeram prestes um tiro pequeno e tiraram-lhe dentro as ameias, e foi tal sua ventura, que deu com elle morto em terra, e ficou Affonso Gallo vivo em pé, de cuja morte el-rei houve grão queixa, jurando que todos haviam de morrer pela espada.

CAPITULO CXXXVII

Como os de Almada deram a villa a el-rei de Castella.

Sendo os de Almada em tão grande pressa por mingua d'agua, que haver não podiam, acordaram que mandassem recado ao Mestre, mas não sabiam remedio nem conselho como podessem mandar.

O Mestre isso mesmo, que bem suspeitava as tribulações em que eram postos, desejava muito de saber em que ponto eram seus feitos, e não tinham geito nem sabiam maneira como d'ello podessem haver cumprida certidão. E entonce um homem d'Almada, que viera na frota do Porto, disse que elle levaria recado a nado, se o Mestre o quizesse mandar.

Ao Mestre lhe aprouve muito d'ello e lhe disse

por palavras cousas que lhe dissesse, e mais lhe escreveu por carta o que entendeu por seu serviço, e uma noute chegou aquelle homem á ribeira do Monte, e sahiu por aquelle caminho da barroca, que bem sabia, onde chamam Mejão Frio, e fallando aos do castello, que velavam, espantaram-se quando o viram, e conhecendo-o abriram-lhe a porta, folgando muito com elle. E quando viram que viera a nado, houveram-no por muito, e a conclusão do recado por palavra e escripto, era que lhe mandassem dizer em que ponto eram, e que se tivessem o mais que podessem, e elles lhe fizeram saber quanto haviam passado até alli, que não tinham agua nenhuma, nem sabiam remedio que fazer ás suas vidas. Com este recado se tornou logo de noite a nado.

O Mestre visto seus padecimentos a que se remedio haver não podia, a cabo de tres dias tornou aquelle homem outra vez com recado, em que o Mestre lhe mandou dizer que lhe pezava muito do que haviam padecido, e que pois que assim era, que preitejassem com el-rei de Castella o melhor que podessem, e lhe entregassem o logar. Entonce ordenaram de mandar dois bons homens com recado a el-rei, como queriam ser seus, e lhe darem a villa, porém que primeiro nadou aquelle homem o rio, que é entre Lisboa e Almada seis vezes com levar recados e trazer respostas, e sempre de noite.

El-rei sabia já por um homem dos que foram tomados, que não tinham agua, e que morriam muitas creanças de dia, e que era por força de se darem ou morrerem todos, e tinha vontade de não preitejar com elles, e tal resposta deu aos que lá foram. E havendo tres dias que lá andavam, El-rei não os

queria vêr, e querendo-se tornar, mandou-os chamar a rainha, e com elles pediu a el-rei por mercê, que lhe perdoasse e preitejasse com elles, a el-rei progue d'ello. Foi a preitezia: que lhe segurava os corpos e haveres, e cada um estivesse em sua casa, e fosse senhor do seu, não lhe tomando nenhuma cousa, e assim lhe cumpria os dois dias de trato.

O primeiro dia d'agosto el-rei e a rainha foram em galés a Almada, e foi lhe entregue a villa, e as chaves d'ella, recebendo-o por seu senhor, padecendo primeiro como dissemos tantas pressas e tribulações, quaes nenhum de Portugal padeceu primeiro por serviço do Mestre em manter sua voz. E el-rei e a rainha comeram dentro na villa, e chamou os do logar, dizendo que lhes fossem leaes, e que lhe faria muitas mercês, e alguns lhe pediram algumas cousas, e elle as entregou, e mandou que os tabeliães escrevessem em seu nome e se chamassem seus, e leixou por juizes os que eram d'antes, e por guarda d'elles as gentes e capitães que ante a tinham cercado, e logo em esse dia se tornou pera seu arraial.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDEX

Pag.

Capitulo LXX.—Como foram filhados os navios de pescado que vinham de Galliza..... 5

Capitulo LXXI.—Como o conde de Mayorcas mandou desafiar o Mestre, e como Nuno Alvares respondeu a elle..... 8

Capitulo LXXII.—Como Nuno Alvares foi atravez de Cintra, á forragem, e alguns capitães de Castella chegaram ao Lumiar..... 11

Capitulo LXXIII.—Como o Mestre teve ordenado d'ir a Santarem pelejar com el-rei de Castella, e porque azo se não fez..... 13

Capitulo LXXIV.—Como a rainha escreveu ao conde D. Gonçalo, seu irmão, que desse Coimbra a el-rei de Castella..... 15

Capitulo LXXV.—Do que haveiu a alguns da cidade, que sahiram fóra a pelejar com os castellãos..... 17

Capitulo LXXVI.—Das razões que Nuno Alvares disse ao conde D. Alvaro Pires de Castro e a seu filho, e como o Mestre ordenou de ir a pelejar com os capitães de Castella que estavam no Lumiar..... 19

Capitulo LXXVII.—Porque se gerou o desprazimento entre a rainha D. Leonor com el-rei de Castella..... 22

Capitulo LXXVIII.—Como el-rei partiu de Santarem caminho de Coimbra com intenção de a cobrar..... 24

Capitulo LXXIX.—Como el-rei chegou a Coimbra, e d'algumas cousas que lhe aconteceram..... 25

Capitulo LXXX.—Das razões que D Beatriz de Castro fallou com Affonso Anriques, e do que elle respondeu..... 28

Capitulo LXXXI.—Das razões que a rainha houve com o conde D. Gonçalo seu irmão..... 30

Capitulo LXXXII.—Das fallas que se tratavam entre o conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e o conde D. Pedro..... 33

Capitulo LXXXIII.—Como foi sabido o que o conde D. Pedro queria fazer, e como fugiu e se foi pera o Porto..... 36

Capitulo LXXXIV.—Das razões que el-rei e a rainha D. Beatriz houveram sobre este feito..... 39

Pag.

Capitulo LXXXV.—Como a rainha D. Leonor foi levada pera Castella 42
Capitulo LXXXVI.—Do recado que os de Alemquer enviaram ao Mestre, e da resposta que sobre ello deu 43
Capitulo LXXXVII.—Como el-rei partiu de Santarem, e do conselho que houve se cercaria Lisboa 45
Capitulo LXXXVIII.—Como o Mestre ordenou por fronteiro d'entre Tejo e Odiana Nuno Alvares Pereira 48
Capitulo LXXXIX.—Da bandeira que Nuno Alvares mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu 51
Capitulo XC.—Das razões que o Mestre disse a Nuno Alvares, e como se espediu d'elle 53
Capitulo XCI.—De uma sacaria que Nuno Alvares fez pera provar os seus de que esforço eram 55
Capitulo XCII.—De que guisa Nuno Alvares escolheu dos seus os que tomou pera seu conselho 57
Capitulo XCIII.—Como Nuno Alvares mandou chamar algumas gentes, e das razões que propoz a todos 59
Capitulo XCIV.—Da resposta que a Nuno Alvares foi dada, como todos outhorgaram de ser com elle na batalha 61
Capitulo XCV.—Das razões que Nuno Alvares houve com Ruy Gonçalves 65
Capitulo XCVI.—Como Nuno Alvares poz batalha aos castellãos, e os venceu 68
Capitulo XCVII.—Como Nuno Alvares cobrou Arronches e Alegrete 73
Capitulo XCVIII.—D'uma entrada que os portuguezes fizeram por Castella, e do roubo que tomaram 75
Capitulo XCIX.—Como Vasco Porcalho foi lançado de Villa Viçosa por suspeita que d'elle tomaram 78
Capitulo C.—Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcalho o castello, como antes tinha 81
Capitulo CI.—Como Vasco Porcalho prendeu Alvaro Gonçalves por arte 83
Capitulo CII.—Como os portuguezes pelejaram e os venceram, e desbarataram 86
Capitulo CIII.—Como foi livre Alvaro Gonçalves Coitado da prizão, e desbaratados os castellãos que o levavam 91

PAG.

CAPITULO CIV.—Como Pero Rodrigues foi acorrer Alvaro Coitado, que o não prendessem os castellãos.... 97
CAPITULO CV.—Como Vasco Porcalho foi correr ao Alandroal, e da preza que tomou..... 99
CAPITULO CVI.—Como Pero Rodrigues da Fonseca lançou uma cilada aos do Alandroal, e do que lhe haveiu 101
CAPITULO CVII.—Como Paio Rodrigues Marinho prendeu Gil Fernandes d'Elvas..... 104
CAPITULO CVIII.—Como Gil Fernandes foi pelejar a Castella, e do que lhe haveiu..... 106
CAPITULO CIX.—Como Gil Fernandes pelejou com Paio Rodrigues Marinho, e foi desbaratado e morto 107
CAPITULO CX.—D'algumas naus de Genova que o Mestre cobrou a seu poder, e como combateu Alemquer, e e não foi tomado..... 110
CAPITULO CXI.—Como o Mestre mandou armar certas galés em Lisboa 113
CAPITULO CXII.—Como foi entregue o estandarte a Gonçalo Rodrigues, e partiu a frota pera o Porto..... 115
CAPITULO CXIII.—Como escaramuçaram os castellãos com os portuguezes, e foi hi preso João Ramires de Arelhano 118
CAPITULO CXIV.—Como el-rei chegou sobre a cidade, e do combate que lhe deu..... 120
CAPITULO CXV.—Como el-rei de Castella chegou sobre Lisboa, e como assentou seu arraial sobre ella..... 124
CAPITULO CXVI.—Porque guisa estava a cidade corregida pera se defender quando el-rei de Castella poz cerco sobre ella 128
CAPITULO CXVII.—Como foi tomado Ourem, e preso Diogo Lopes Pacheco e dado por elle João Ramires d'Arelhano..... 133
CAPITULO CXVIII.—Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal, e como foi preso Fernando Affonso de Samora..... 137
CAPITULO CXIX.—Do conselho que o Arcebispo houve com os seus, e como foi cercar o Porto..... 139
CAPITULO CXX.—Como os do Porto sahiram fóra pera pelejarem com os gallegos..... 141
CAPITULO CXXI.—Como as galés de Lisboa chegaram ao Porto e se ajuntaram as gentes d'ellas com os da villa pera pelejar com os gallegos..... 143

PAG.

CAPITULO CXXII.—Como os portuguezes escaramuçaram com os gallegos, e se foi o arcebispo..... 146
CAPITULO CXXIII.—Como Ruy Pereira disse sua mensagem aos do Porto, e a resposta que lhe deram..... 148
CAPITULO CXXIV.—Do recado que os do Porto enviaram ao conde D. Gonçalo, e da resposta que a ello deu.. 151
CAPITULO CXXV.—Como as galés foram correr a costa de Galiza, e do que lhe haveiu em sua viagem..... 155
CAPITULO CXXVI.—Como Nuno Alvares houvera de ir na frota, e porque razão não entrou n'ella..... 158
CAPITULO CXXVII.—Como Nuno Alvares ordenou de partir de Coimbra, e do que lhe assim haveiu..... 160
CAPITULO CXXVIII.—Como a Nuno Alvares lhe haveiu com D. David Algaduxe, sobre dinheiros que lhe quizera dar..... 162
CAPITULO CXXIX.—Como Nuno Alvares pelejou com alguns Castellãos, e os desbaratou..... 164
CAPITULO CXXX.—Do conselho que el-rei de Castella houve com os seus em que guisa pelejaria com a frota de Portugal..... 166
CAPITULO CXXXI.—Das razões que Pero Fernandes de Valhasco disse, porque não era bem que a sua frota pelejasse com a de Portugal, e do que el-rei respondeu sobre ello..... 171
CAPITULO CXXXI-A.—Como a frota do Porto chegou a Cascaes, e da maneira que o Mestre lhe mandou que tivessem..... 174
CAPITULO CXXXII.—Como foi sabido por a cidade que a frota vinha, e; do que as gentes por ello faziam... 177
CAPITULO CXXXIII.—Como algumas naus pelejaram com as de Castella, e foram tomadas tres dos portuguezes 179
CAPITULO CXXXIV.—Como trouveram a el-rei um dos escudeiros que foram presos, e das razões que houve com elle..... 184
CAPITULO CXXXV.—Como não pelejou mais a frota com a de Castella, e como el-rei mandou combater Almada..... 186
CAPITULO CXXXVI.—Das cousas que passavam os de Almada por mingua d'agua..... 190
CAPITULO CXXXVII.—Como os de Almada deram a villa a el-rei de Castella..... 193

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

A LIBERAL, officina typographica, R. de S. Paulo, 216.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

CAPITULO CXXXVIII

Como foi descoberto ao Mestre o que D. Pedro tinha ordenado, e da maneira que em ello teve.

Muitas graças fez o Senhor Deus ao Mestre, em começo de seus bons feitos, entre as quaes uma d'ellas foi descobrir-lhe algumas traições que contra elle cuidavam taes, de que elle muito fiava, porque muitos com travesso desejo, e perverso coração que se pera elle vinham, assim pessoas grandes como d'outra condição, mostravam-lhe signal d'amor e serviços, e sua perseverança era de pouca dura, segundo em seus logares vereis. D'outros não tinha boa suspeita, fazendo-lhes porém grandes mercês por mudarem sua má vontade, e leixando pouco e pouco o fingimento começado, cahiam depois em grande mingua e vergonhosa reprehensão. Entre os quaes, segundo se affirma, quem nodoa tomou de tal erro foi D. Pedro, filho do conde d'Arrayolos, D. Alvaro Pires de Cas-

tro, que era já morto, como já ouvistes, que era casado com uma filha de Joane Mendes de Vasconcellos.

Mas como o Mestre d'esto soube parte, escreve-se por muitas guisas. Uns dizem, tendo que este D. Pedro de Castro tinha fala feita com el-rei de Castella, em que era João Lourenço da Cunha, que lhe desse entrada por sua quadrilha, que o fallou com Ruy Freire, porque era gallego como elle, cuidando que lhe tivesse segredo, e que Ruy Freire o descobriu ao Mestre. O qual, como viu D. Pedro, disse, presentes muitos fidalgos, de praça, como lhe fôra dito, e por quem. E que D. Pedro disse que Ruy Freire mentia, e que lhe poria o corpo, dizendo o outro: que bem lhe prazia, e outras razões a esto pertencentes; que o Mestre lhe disse, que se calasse, e não curou mais d'ello e que assim cessou este feito.

Mas tal escrever é muito errado por duas breves razões. A primeira, não é de cuidar que um senhor tão sesudo e devoto como era o Mestre, ouvindo uma tão grande cousa como esta, que era perda do reino, e mais de sua deshonra, com grande cajão de morte, a fosse descobrir de tal guisa, e quem lh'a com puridade disse: A outra, que não curasse mais d'ello, e que o leixasse assim passar sem pena, como se fosse feito de jogo. Outros dizem que João Lourenço da Cunha e alguns com elle, andavam por matar o Mestre com peçonha, ou por outra guisa, e dar a cidade a el-rei de Castella, e que d'esta traição sabia parte este D. Pedro, que era o principal d'elles, por razão da guarda de Santo Agostinho, que era sua, por cuja porta el-rei e os seus haviam d'entrar.

Mas um auctor outro, a cujas razões nos mais acostumamos, fallou n'este passo e diz aqui assim. Que o conde D. Alvaro Pires e seu filho D. Pedro de Castro, estando com o Mestre em este cerco, haviam a guarda do muro de Santo André até á porta de Santo Agostinho, tendo comsigo pouco mais de cem lanças, afóra outros homens d'armas da cidade por guarda d'aquella quadrilha, e morto o conde, como dissemos, ficou elle com as gentes suas, e de seu pae em aquella mesma guarda; e que o Mestre soube por Ruy Freire todo o que D. Pedro em esto tinha ordenado e quando: mas não já que o Mestre descobrisse. E de Ruy Freire isso descobrir tinha grande razão, ca era filho do Mestre de Christo D. Nuno Freire, que fôra aio do Mestre d'Aviz, em sendo moço, por a qual cousa o Mestre lhe tinha boa vontade.

Des-ahi diz que veiu a adoecer de uma dôr de que morreu João Lourenço da Cunha, marido que fôra da rainha D. Leonor, e quando se confessou de seus pecados, disse a seu abbade como elle sabia muitas cousas que eram damno da cidade, e ainda de todo o reino. E o confessor disse que o não absolveria, nem lhe daria perdoença até que as não dissesse ao Mestre.

Entonce foi o Mestre chamado e fallou com aquelle João Lourenço, e descobriu-lhe muitas cousas de que se o Mestre depois avisou. Entre as quaes foi que D. Pedro de Castro, com todos seus vassallos, por grande quantidade d'ouro e de prata que d'el-rei havia de receber lhe tinha vendido a dita cidade, que aos quinze dias d'aquelle mez d'agosto, na noite da assumpção da benta Virgem Maria havia de dar entrada ás gentes d'el-rei, as quaes haviam de subir

por escadas postas nos muros quaes cumpriam, e que os ferros pera ellas foram feitos em Alemquer, e que o signal certo das horas a que viessem havia de ser uma candeia posta em uma séteira do muro.

Do qual signal o Mestre soube parte, e mandou poer gentes em guarda d'aquelle lugar, as quaes receberam os castellãos quando chegaram com as setas e pedras e outras cousas do que lhe muito não aprouve. E D. Pedro foi logo esse serão preso e todos os seus com elle, e em outro dia foi sabido pela cidade como esto acontecera.

Bradavam todos ao Mestre, que o mandasse matar cruelmente, e elle os apacificou com boas palavras, sem lhe sendo feito mais nojo. E des-ahi a uma semana, mandou lançar fora da cidade todos seus vassalos e creados, e chegando tomavam-lhe suas armas. E quando haviam, alguns outros gallegos e castellãos; e D. Pedro ficou preso e bem arrecadado.

E pois temos aqui a penna, por não tirarmos depois a ordem do que havemos de fallar, digamos logo outro bom jogo de Affonso Anriques que veiu na frota, irmão do conde D. Pedro, que ficou no Porto, o qual acompanhava muito com João Rodrigues de Sá mostrando-lhe grande amisade, e foi assim um dia.

Que Affonso Anriques tendo vontade de se lançar com os castellãos, disse a João Rodrigues que fossem mirar o arraial d'el-rei de Castella, e João Rodrigues disse que lhe aprazia e cavalgaram ambos. João Rodrigues em cima d'um bom cavallo castanho, e Affonso Anriques em cima d'uma mula, e estando ambos olhando, disse Affonso Anriques a João Rodrigues:

— Irmão emprestae-me esse cavallo, e irei fallar a aquelles meus parentes, e por lhe fallar mais seguro quero ir em cima d'elle, antes que n'esta mula.

João Rodrigues muito descuidado do que elle tinha na vontade de fazer, desceu-se logo, e cavalgou elle. Affonso Anriques como foi em cima do cavallo fallou a João Rodrigues dizendo:

— Irmão queda-te com Deus, ca eu quero-me ir pera os meus parentes. E chegou as pernas ao cavallo, e fugiu pera o arraial dos castellãos. João Rodrigues ficou muito espantado, e teve-se por mui escarnido d'elle, e veiu-se ao Mestre, e achou-o nas taracenas e contou-lhe como lhe aviera com elle, desculpando-se que elle tal cousa não sabia parte.

O Mestre que bem conhecia João Rodrigues por bom e verdadeiro portuguez, filhou-se de rir e disse que o havia por bem sem culpa. Em esto o Mestre chamou todos os da cidade e ordenou de se tirar um pedido de cem mil libras da moeda antiga, pera paga do soldo da gente d'armas, da qual não foram escusos clerigos nem frades, nem pessoa alguma por honrada que fosse. E afora o que cada um clerigo pagava por si, segundo a renda de seu beneficio, todas as egrejas e mosteiros deram ajuda de prata em cruzes e calices, e outros ornamentos pera fazerem a dita moeda.

Seguiu-se entonce que aos dezenove dias do dito mez foi o sol criz ao meio dia, e perdeu sua claridade, e estando entonce em o signo de Leo, a qual cousa foi espanto a todos, e diziam os astrologos que significava em casa real grão mortandade de gente honrada, e assim aconteceu depois nos grandes senhores de Castella, segundo ao deante ouvireis.

CAPITULO CXXXIX

Como as galés de Castella quizeram tomar as de Portugal, e do que sobre ello aconteceu.

JAZENDO as naus de Castella d'aquella maneira e as galés, a cerca de Santos, vogavam muitas vezes perante a cidade contra Enxobregas ao longo do rio, lançando muitos tiros e virotões á frota de Portugal, que jazia encalhada á beira dos muros, s. as naus junto com o muro do Passo da madeira, com mastros e traves e outras defensões deante, por razão dos tiros que lhe tiravam, e as galés logo a cerca, porém prazia a Deus que nenhum lhe não empecia, nem isso mesmo ás galés de dentro.

El-rei de Castella ia ás vezes n'ellas por devisar e olhar a cidade, e des-ahi tornavam-se as galés, e el-rei ia-se pera seu arraial. E vendo el-rei como as naus de Portugal não andavam com a maré e quando vinha de boa praiamar ficavam em seco, des-ahi as poucas gentes que em ellas estavam por guarda, cuidou como as poderia tomar todas, e mandou chamar patrões e alcaides que d'esto haviam conhecimento e descobriu-lhe toda a sua tenção e o que sobre ello havia cuidado, e louvando as razões e quanto sobre ello pensara deram-nas logo por tomadas da guisa que o el-rei dizia, e fizeram-lhe pergunta se queria elle que as queimassem ou que lh'as trouvessem todas como jaziam? e el-rei disse que lhe não queimassem suas galés, mas que lh'as trou-

vessem o mais em salvo que ser pudesse. Ca as galés, disse el-rei, são minhas e não as quero d'essa guisa perder. E esto dizia elle, dando a entender que as galés e o reino todo era seu e quanto em elle havia.

E entonce esses capitães, e homens mareantes, com que el-rei fallou, ordenaram por esta guisa: Que aos vinte e sete dias d'aquelle mez d'agosto, que seriam as aguas vivas e a maré cheia, na alva da manhã, as gentes das galés se armassem todas de noite, levando poucos galeotes, e bésteiros e homens de armas muitos, e todos os grandes bateis, e as naus se corregessem e se fizessem prestes, e isto fosse assim calado, e assocegadamente feito, que não fosse visto nem sentido pelos da cidade, e que o conde de Maiorcas com quatrocentos homens de armas e peões e bésteiros, combatessem da porta de Santa Catharina até Cataquefaraz e pera a ribeira se podessem. E que aquella porta combatessem quinhentas ou seiscentas lanças com muitos pavesados e béstaria, mostrando que queriam por alli combater a cidade, e de feito combatessem rijamente por emavessar os da cidade em desvairados logares. E o conselho era mui bom se as gentes foram poucas espalhadas por muitas partes, mas hi havia tantas companhas, e assim abastantes pera defender, que ainda que se toda d'arredor combater podera, o que não podia, hi havia bem que torvar seu combate.

Veiu aquelle sabbado que tinha devisado de combater, e bem cedo pela manhã quando queria sahir o sol, começaram as galés de vogar de Santos, onde jaziam ao longo da ribeira, e os bateis pavesados, como cumpria; o conde de Maiorcas vinha isso mes-

mo por terra com muitas gentes pera combater a longo do muro, e outros muitos á porta de Santa Catharina, segundo era ordenado.

E esto todo feito mui trigosamente as velas da cidade, quando isto viram começaram logo de repicar na Sé, e tambem nas quadrilhas onde estavam sinos; não tendo porém suspeita nenhuma do que as galés queriam fazer, mas prezumiam que iam remando ao longo do rio, segundo haviam em uzança.

E por as gentes, que por terra vinham, começarem de acudir aos muros d'aquella parte, onde os inimigos faziam mostrança, que queriam combater, dormindo ainda muitos da cidade, as galés umas com as outras jazendo bem juntas, e todas tinham os remos varados, e cada um fidalgo cuidado da sua, nas quaes sempre leixavam gente de resguardo, como melhormente entendiam.

Os castellãos vindo em direito da cidade remaram todos rijo pera terra, e leixando as ancoras por de ré começaram de aferrar com ellas por proas, e os bateis armados entre ellas, por tal que supitamente e improviso as podessem tomar; mas não poderam aferrar com ellas todas. E assim como aferraram com muita béstaria e homens d'armas que traziam, maguavam mui mal essas poucas gentes e galeotes que n'ellas estavam, sem percebimento de tal offensão, de guisa que pero as deffendessem o melhor que podiam, já muitos d'ellos feridos, e outros sem feridas, começaram desamarrar as galés, e os da cidade acudiam rijamente pera os ajudar, mas davam-lhe grã torna as portas cerradas a cerca das galés, e não podiam ir á ribeira salvo por porta d'ahi alongada.

O Mestre que estava nos paços, quando ouviu

repicar e viu como as galés aferravam as suas, veiu-se a cavallo muito depressa á ribeira com muitos bons homens que o seguiam, e entrou pela porta da tercena mui contra vontade do conde D. Gonçalo, que com covarde coração lhe dizia que não sahisse fora até que visse que cousa era.

O Mestre não curou de seu dito, e entrou-se pela ribeira dizendo aos seus que entrassem nas galés, esforçando-os quanto podia. As gentes cresciam cada vez mais, cobrando esforço com sua presença, por cujo azo tomaram maior ouzança de as defender quanto podiam.

Uma galé em que entrou Affonso Furtado jazia de travez, e não ao longo, e duas galés vieram pera aferrar com ella, e elle fez fazer banda contra terra, e a banda contra o mar estava alta, e as duas galés lhe deram com as pontas no costado, e a galé se defendeu mui bem, porque tinha a banda, e feriu assaz das outras galés e não foi tomado.

Em esto uma galé de Castella estava aferrada com outra de Portugal, de que era patrão Fernão Nunes Homem, commendador da ordem d'Aviz, foi entrada por força dos inimigos, mas esto foi depois que Affonso Goterres de Padilla, bom cavalleiro castellão, que andava com o Mestre, foi derribado com feridas, porque em quanto elle esteve na prôa com uma lança nas mãos, e bacinete sem cára, nenhum poude em ella entrar por muito que se d'ello trabalhase, e tendo já quatro virotões tanchados no rosto, e pelejando assim com elles alçou o braço por fazer um golpe, e veiu um dardo por aquecimento, o qual entrando sob o braço lhe apontou dentro na boca, e reteudo de tal ferida deu logar a lhe darem outras, com que foi forçado cair da prôa

a fundo e entraram entonce os castellãos a mau seu grado dos que a defendiam, chegando por força até metade.

As gentes da ribeira quando viram que outra nenhuma galé não era entrada senão esta, que estava em ponto de se perder, começaram bradar aos do muro que lhe deitassem machados pera arrombar, que não a levassem os castellãos, e deitados e começando de dar á galé, era ahi prestes João Rodrigues de Sá, barão bem notavel de fama e muito bom homem d'armas, e vendo tão apressurada peleja dentro na galé, como cavalleiro mui prestes de maravilhosa ardideza, por cima dos remos pera lhe accorrer em pés e mãos, com a lança sobre si atravez, leixou a galé onde estava e um seu homem de pé com elle entrou na que os castellãos tomavam, e com a lança nas mãos pela coxia alongo, começou a fazer, assim que os portuguezes era grão prazer de o vêr, e os inimigos grave de suportar, e elle fez desamparar a galé e quantos castellãos eram em ella, e d'elles feridos e mortos e outros não querendo esperar seus golpes de guisa que ella foi desamparada dos que a tomada tinham por força.

Em esto acendia-se mais a peleja, a qual era d'uma parte e da outra mui brava, e de grande arruido, assim de brados de homens como trões e trombetas e repiques dos sinos, e como de chamar a altas vozes Portugal e S. Jorge, e outros Castella e Santiago. E não eram postos em menos pressa, como se já a cidade tivesse parte de seus inimigos dentro no muro, e outros provassem pera entrar.

E bradava o Mestre que fizessem algumas cousas que cumpriam, trigosamente, com grande arrui-

do das gentes e sons das armas, com que pelejavam, lhe empachavam tanto seu mandado, que parecia que mandava em vão.

Duas cousas faziam ser esta peleja mui forte, e descomunal da parte dos castellãos. A primeira, desejo grande de tomar as galés porque vinham, que ligeiramente cuidaram cobrar como prometteram a el-rei seu senhor. A segunda determinado tempo, que mais dar não podiam, que emquanto as galés podessem nadar.

Da parte dos portuguezes outrosim era muito ferida, tendo-se todos por mui escarnecidos, perdendo-as d'aquelle geito, por desapercebimento. E posto que nós louvamos João Rodrigues, e Affonso Gotteres, que elles faziam tão boas as façanhas, não entendaes vós, que elles sós defendiam as galés sem outrem pelejar por as defender, mas estes, e alguns fidalgos que aqui nomeamos, tinham tão grande avantagem entre os outros homens d'armas, como bravos touros mettidos em curro em companha de manso gado.

O Mestre andava a cavallo pela ribeira, fazendo entrar as gentes em as galés, mettendo-se no mar com aficamento, e na agua veiu um virotão, e deulhe na espadua do cavallo, e o cavallo sentindo-se ferido, caiu logo com elle na agua, e foi o Mestre sob agua armado, como andava, com bacinete sem cara.

E a gente que era toda ocupada, cada um como melhor podia não o viram, e sem sendo acorrido de nenhum, quando se sentiu sob a agua, poz as mãos nos giolhos e alçou-se em pé, e achou-se tão alto, que lhe dava a agua sob a barba, e quando se assim viu saiu-se fóra da agua. E alguns quando

o assim viram, chegaram-se a elle logo e trouxeram-lhe uma mula, em que cavalgou e se tornou a seu primeiro officio de esforçar os seus, e de os tornar ás galés pera as defenderem.

Ora assim aveiu por aquécimento, que esta galé de Castella, de que era capitão Vasco Martins de Meira, que entrou na de Portugal, jazia em direito da porta do açougue, e tinha um proez por uma larga agulha dentro dos muros da cidade, e vendo um homem, em quanto assim pelejavam, como as ancoras estavam assim empachadas, meteu-se em um lupano por sob a banda da galé, e foi amarrar bem uma ancora com a outra a bom bem sem medo.

João Rodrigues pero estivesse já muito ferido, não se contentou do que feito tinha, que era assaz de louvar, entrou-lhe d'aquelle geito aos castellãos a galé, que tomada tinham, mas ainda se trabalhou de lh'a filhar assim por força, e pelejou de tal guisa com outros, que o ajudaram, que a mal seu grado dos inimigos, saltaram dentro na sua galé.

Os castellãos vendo como se venciam, quizeram desaferrar, mas não poderam, ca era aquelle lugar mui defendido, e não prestava vau a são e não sabiam a arte com que estavam empachados d'aquella guisa. Entonce começaram os portuguezes de bradar aos do muro que tirassem pelo proez da sua galé, e começando de tirar eram os homens e mulheres tantos aquelle trabalho, que não achavam onde poer as mãos, e tiraram ambas as galés pera terra. E em esto vencia-se a galé cada vez mais, deitando-se muitos galeotes á agua, ante que serem mortos ou captivos. Vasco Martins quando viu que se a galé perdia de todo, e senão podia salvar por nenhuma guisa, desceu-se pela pôpa assim armado,

e poz os pés na beira do caparam, e embaraçou-se com elle na agua, e alli morreu. E assim fizeram outros muitos, os quaes depois que a maré vasou ficaram em seco, e d'elles tiravam com rede.

As outras galés pelejaram tanto até que cansaram, e a desesperança de não poderem cumprir o que começado tinham, os fez afastar afora, e leixando-se jazer de largo mui anojados do que lhes acontecera, pensando dos que eram feridos. E foram presos e mortos muitos castellãos, e dos da cidade até dez. Ferido João Rodrigues de Sá, de quinze feridas e duas no rosto. E acharam na galé, que assim foi tomada, prisioneiros portuguezes de Sortilha, e cartas que mandavam de Sevilha a seus amigos, que lhe levassem das moças chamorras, que eram boas servidoras.

As gentes que vieram por terra, e por a ribeira, como dissemos, pera combater, não empeceu seu trabalho cousa que nojo fizesse, mas era feito por travação de envezar as gentes, que por proveito que em ello sentissem. E dês-ahi as pedras e sétas foram tantas que houveram por seu barato de se afastar d'elle e da estacada da ribeira.

O Mestre andava vendo estes cavalleiros e escudeiros, que eram feridos, e esforçando-os com boas palavras, fazendo-lhe mercê; e todos davam muitas graças a Deus que assim os ajudara a defender de seus inimigos.

CAPITULO CXL

De algumas cousas que aconteceram aos da cidade com os do arraial fazendo cercados.

PASSANDO aquelle dia de grão trabalho assim pelo mar, como por terra, e vendo o Mestre, e os da cidade, como lhe fôra feito por arte, não havendo d'aquello nenhuma suspeita, pozeram em as galés, e em outras cousas melhor resguardo, e avizamento. E tendo el-rei assim a cidade cercada com grande multidão de gentes, dês-ahi a ribeira, e occupada com suas naves e galés com que lhe embargava toda a juda, que haver podiam, começou a cidade de sentir maior gasto, que d'antes havia, por causa das gentes que vieram na frota, de guisa que crença era d'el-rei, sabendo bem d'esto parte, que a havia de tomar por fome.

Ora mantendo-se a cidade, o melhor que podia, não eram em ella entonce mais que vinte de cavallo, como souberam que haviam de ser cercados, logo mandaram todas as bestas da parte d'além, porque as não podiam manter, durando o cerco longamente. E estes vinte eram assim como João de Baeça e Gomes Garcia de Froes, e Vasco Martins de Gua e Luiz Anriques e outros taes. E ainda pera estes poucos que ahi havia, não podia haver mantimentos pera elles, antes compravam os lençoes cheios de palha, e levavam-lhe d'ella, e aquella lhe davam a comer. E ás vezes iam estes de cavallo com homens de pé, e bésteiros escaramuçar com os inimi-

gos, e os do arraial saiam a elles, e emburilhavam-se, como é costume, que contando por meudo todas as cousas que em combate e escaramuça aconteciam a uns e aos outros, não abastaria o presente dia, dando-vos o fastio de ouvir, e a nós cançaso de as escrever.

Porém leixando homem d'estes feitos o que chãmente poderia fallar, tomado aquello que em similhantes casos comumnalmente acontece, que a ventura não pode aprazer a ambas as partes, ás vezes ordenaya que os inimigos davam com os da cidade até ás portas, e ás vezes os portuguezes com os castellãos junto com o palanque do seu arraial, a cerca do paço dos Santos, nas quaes de um cabo e do outro algumas vegadas havia muitos mortos e presos e feridos. E outras vezes não muito longe da cidade sahiam muitos a olhar, sem levando algumas armas, e o Mestre houve isso por mal, porque podiam receber damno dos inimigos, e mandou que qualquer que fosse olhar, que não levasse armas pera se defender, ou ferir, que lhe tomassem a roupa: des então se cavidaram e sahiram todos com armas.

E em esto houve um dia, que nasceram novas na cidade, e não foi sabido porquê, que el-rei de Castella se passara a Almada por azo de pestelença, e que não estava no arraial senão mui pouca gente, e alvoroçaram-se todos trigosamente, e quizeram sahir fora pera ir dar em elle, não sómente os homens, mas ainda as mulheres queriam levar lenha pera o queimar. E ellas á porta de Santa Catharina, esguardou o Mestre em esto, e disse que não era bem sahirem assim, como se dizia, e seria mui grande perigo, mas que fossem esses poucos de ca-

vallo, que hi havia, saber em certo como esto era, e que entonce se acordariam na maneira que sobre ello tivessem.

Partiram os de cavallo por outra porta, que chamavam de Santo Antão, por não serem vistos dos do arraial, e foram por um vale acima acerca das tendas dos inimigos.

Os castellãos quando os viram comsigo começaram de bradar: Armas, armas, dando ás trombetas muirijamente, e foi grande alvoroço no arraial, cavalgando á pressa muitos de cavallo, que sempre tinham as bestas prestes, e isso mesmo os de pé, cada um como melhor podia, e deram apoz elles, e alcançaram um escudeiro gallego, que caiu com o cavallo, a que chamavam Vasco Gonçalves, que depois foi almoxarife do celleiro, e prenderam-no e sahiu por redenção.

Emquanto elles assim foram, e tornaram, sempre o Mestre esteve á porta, tendo as gentes que não sahissem, e quando os viram vir d'aquella guisa, sahiu Fernão Rodrigues, commendador de Jurumenha, que depois foi Mestre d'Aviz, cujo era a guarda da porta, com homens d'armas que comsigo tinha, pera recolher os de cavallo, que vinham fugidos por os castellãos que lhe chegavam a cerca da cidade, se o Mestre não detivera com sua boa descripção e avizamento.

CAPITULO CXLI

Como el-rei enviou cometter avença ao Mestre, e das razões que sobre ello passaram.

Não curando mais de fallas, nas cousas que no cerco aconteceram, começou a triste morte de mostrar sua senha mais asperamente com os do arraial, e isso mesmo contra os da frota, matando não sómente escudeiros e fidalgos e outros de pequena condição, tanto que era cousa de vêr, mas ainda começou de encetar nos senhores de grande estado, de guisa que poz grande espanto em todos os castellãos, vendo-se assim aficados de pestelença, que se cada vez mais ateava em elles; bem entenderam que sua estada, não podia alli ser muita, porque era por força de descercar a cidade, e se partir d'ella cedo, e disseram a el-rei, fallando sobre esto, muitas e desvairadas consirações; que era bem de mover ao Mestre alguma preitezia, por levar alguma honra de sua vinda.

A el-rei pareceu bem por as razões que cada um dizia, e mandou pedir ao Mestre segurança pera lhe da sua parte poder ir fallar Pero Fernandes de Valhasco, que era homem de que el-rei muito fiava.

Ao Mestre prouve d'ello, e ao dia que lhe devisado foi de lhe vir fallar, mandou o Mestre alguns cavalleiros ao caminho, que ficassem em arrefens, com as gentes que vinham com Pero Fernandes, até que elle fallasse com o Mestre e se tornasse, segundo da parte dos castellãos era pedido: e estes

foram João Affonso d'Eça e Alvaro Gonçalves Camelo, Affonso Eanes Negro, Men Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos, e outros. E chegou Pero Fernandes, ante do meio dia, em cima de um bom cavallo, e um pagem comsigo com uma lança em bargeta, que ficou com os outros.

O Mestre estava a cavallo com cota e braceis, e uma espada na cinta e uma tabardilha em cima. Quando se viram, fizeram suas mesuras, e abraçaram-se. Isto foi entre a barbacan e o muro á porta de Santa Catharina, mas as fallas, que n'este logar foram faladas, fez a afeição escrever alguns em favor d'el-rei de Castella, de guisa que não concertaram da guisa que o Mestre demandava a Pero Fernandes. Que se a el-rei aprouvesse de ficar por governador do reino, até que el-rei de Castella houvesse filho de sua mulher, sendo o governamento segundo o havia de ter a rainha D. Leonor, como nos tratos entre el-rei D. Fernando e elle, que elle tomaria voz da rainha D. Beatriz, e regeria o reino por ella, tornando-se el-rei de Castella pera o seu reino, e não curando mais em este entrar, aguardando a forma dos capitulos em este passo devizados, que d'esto lhe faria quaesquer menagens e escripturas, que em tal caso cumprissem. Enadeo ainda dizendo mais. Ao que Pero Fernandes respondeu ao Mestre:

—«Que el-rei seu senhor não faria tal preitezia por nenhuma guisa que fosse, mas que tanto lhe fariam que fossem dois governadores: s. o Mestre um d'elles e outro um cavalleiro castellão, o que el-rei quizesse escolher; e que o Mestre deu em resposta: Que o reino de Portugal não consentiria que cavalleiro de Castella fosse governador nem

regedor d'elle: e que assim se espediu Pero Fernandes, não concordando com elle com tal preitezia. Mas quem taes razões, vencido de affeições, escreveu em favor de outrem á verdade fez grande injuria, ca nenhum humanal entendimento, ainda que pero não fosse escripto, pode consentir que Pero Fernandes viesse por tratar alguma avença com o Mestre da parte d'el-rei seu senhor e que o Mestre fosse cometedor d'ella, ante que o Pero Fernandes requerese, de mais ao que se depois seguiu, da vinda do priol do Crato, que encobertamente calaram, porém encitando tal recado as fallas recontadas em breve passaram por este modo.

Pero Fernandes disse ao Mestre, que elle lhe iria dizer cousas de seu serviço se a elle lhe prouguesse de cair em ellas, dizendo que bem via elle como elle era cercado por mar e por terra de seu senhor el-rei de Castella; que os mantimentos eram tão poucos na cidade, que não havia poder de se manter muito, como elle bem sabia; que pois filho de rei era, que se não quizesse perder de tal guisa, mas que preitejasse com el-rei seu senhor, do qual receberia muitas mercês e acrescentamentos em cousas que fossem de sua honra. E da preitezia que elle fizesse com el-rei de Castella, que elle e Pero Sarmento, e outros quaesquer, que elle quizesse, lhe fariam toda a avença e concordia, que ambos ficassem sobre a preitezia, e lhe fariam d'isso preito e menagem, que el-rei de Castella lhe guardasse, e não o fazendo el-rei assim que elles deservissem a el-rei de Castella, e ajudassem ao Mestre contra elle em toda cousa de seu serviço.

A esto respondeu o Mestre, que elle dizia como bom cavalleiro que era, que lh'o agardecia muito,

mas que soubesse de certo, que em qualquer cousa que lhe aviesse sobre esta demanda, que começada tinha, que elle entendia que elle não se perderia, mas antes se ganharia, ca este reino fôra de seu padre e de seus avós, e que ora el-rei de Castella o queria subjugar e haver injustamente contra os tratos e prometimentos que feito tinha. E que porém muitos criados d'el-rei seu padre e d'elrei D. Fernando seu irmão, se vieram pera elle, pera o ajudar a defender, e que elle com razões e verdade que tinha, entendia com a graça de Deus de o defender, não sómente de el-rei de Castella, mas de qualquer outro, que lhe damno fazer quizesse. E que posto que as cousas não viessem a aquelle fim, que elle desejava, assim como elle dizia, que elle entendia que se não perdia em ello, mas que se ganhava com muito sua honra, elle e todos aquelles que o seguiam.

Sobre esto passaram muitas razões, ás quaes o Mestre nunca deu resposta de abrir algum começo de preitezia, ca se a dera, como alguns escreveram, cuidae que mui aspera fôra a convença, em que el rei de Castella não caira, segundo a pestelença que entre os seus andava, por levar alguma honra de sua vinda.

As gentes estavam olhando pelos muros a de longe, rogando a Deus que os pozesse em alguma avença pera que a cidade fosse descercada, por a grande mingua que havia de mantimentos.

Pero Fernandes vendo que por quantas boas razões dava ao Mestre não dava logar a nenhuma preitezia, despediu-se d'elle, com sua praça, e foi-se pera os seus que o estavam aguardando, e os cavalleiros portuguezes vieram-se pera a cidade.

E quando Pero Fernandes chegou a el-rei de Castella, perguntou-lhe que recado achara no Mestre? E elle respondeu dizendo:

—«Dae ao demo senhor, que nunca em elle outra razão pude achar de quantas cousas lhe fallei, nem outra resposta que respondesse, salvo não, não, não.

Em el-rei ouvindo esto houve grande menencoria, e disse: que não curava d'ello, que por ventura elle lhe requereria depois avença em tempo, que lhe seria mui má de haver, e outras taes razões. D. Pedralvares, priol do Esprital, que hi estava, que era grande privado d'el-rei e muito amigo do Mestre e seu compadre, disse que lhe queria ir fallar, e que entendia que o moveria e saberia d'elle toda sua tenção.

El-rei pelo presente, e depois por dias, nunca em ello quiz consentir, assim por aficamento dos seus, e des-ahi pela peste que cada vez era maior, houve-o de o outhorgar.

E hávendo já vinte e dois dias que Pero Fernandes viera fallar ao Mestre, lhe veiu fallar o priol, e vinha com elle o conde de Maiorcas, mas não pera fallar ao Mestre, e propoz todas as razões que o priol em tal feito pode bem dizer.

Outra resposta não pôde haver do Mestre, salvo a que dera a Pero Fernandes, espediu-se d'elle e foi-se. Da qual cousa houve el-rei grão queixume, dizendo: que jurava a Deus que nunca mais lhe cometese avença nem se partisse de sobre a cidade, por causa que havir podesse, até que por força d'armas a cobrasse, como desejava.

E entonce entenderam todos os da cidade como os do arraial que esta nova e grande guerra não se havia de partir por avença e preitezia, mas por foro e espargimento de sangue.

E o priol tendo d'aquelle sentido pôr em avesar Nuno Alvares seu irmão, e o poer em desacordo com o Mestre, lhe escreveu d'uma carta em que dizia: Que o Mestre fazia com el-rei suas avenças, do que lhe muito prazia, mas que lhe pezava muito por que na preitezia que tinha tratada, não fazia d'elle nenhuma menção, tendo-lhe feito tantos e bons serviços.

Nuno Alvares quando viu tal carta, bem entendeu que esto não era, salvo por o desviar do serviço do Mestre seu senhor.

E respondeu-lhe por outra: que se o Mestre seu senhor fazia com el-rei algumas avenças de qualquer guisa que fosse, que elle o conhecia por tal, e tão bom, que elle não faria nenhuma preitezia, salvo com sua honra, e de todos os seus. Mas que se maravilhava muito d'elle haver tão pouco tempo que andava com os castellãos, e saber já tantas castellanarias.

Onde sabei, que no seguinte dia, depois que o priol fallou ao Mestre, que era já o postrimeiro d'agosto, depois de comer, veiu do arraial o conde de Maiorcas muito acompanhado de bons homens, e recebeu por mulher D. Beatriz, filha do conde D. Alvaro Pires de Castro, já finado, sendo o Mestre presente, que a levou de redea, e o conde D. Gonçalo, que os meteu por mãos, e outros muitos cavalleiros e fidalgos, que a levaram á noite pera o arraial e sua madre com ella.

CAPITULO CXLII

Como o Mestre determinou com os do seu conselho de pelejar com el-rei de Castella.

E tornando toda a esperança e humanal adjutorio que o Mestre haver podia dos logares e pessoas a que requerido tinha por torvação da fortuna, segundo ouvistes, não dando logar á avença, que lhe el-rei de Castella mandasse cometter, propoz em sua vontade e conselho, de nunca cair em nenhuma preitezia que lhe cometida fosse, mas de todo o ponto poer o reino em aventura e sua honra e vida e estado, ou de tal guisa trabalhar por defensão d'elle, que nunca fosse sujeito a Castella. E vendo como os mantimentos eram minguados, e des-ahi as cousas que já são tocadas e outras que ao deante ouvireis, em maior acrescentamento, determinou de fazer aquello que não convinha, senão a grande e forte coração, s. ante que a mingua fosse mais acesa, e outras cousas que se recrescer podiam, que se juntassem todos e fossem pelejar com el-rei de Castella, e que sendo d'elles, cá elle em Deus esperava que cobraria tão grande honra, qual de longos annos não fôra havida. E havendo-a pelo contrario, que ser não podia, que morreriam como bons e honradamente ante que serem sujeitos de quem não deviam. E posto que vissem a grande cavallaria de seus inimigos, e muitos notaveis perigos em tal feito prestes, acordaram em toda guisa que postrimeiro remedio d'este feito era pe-

lejar com el-rei de Castella á ventura que lhe Deus dar quizesse, esperando em Elle que seria boa; mas esta peleja rezoavam por desvairados modos.

Uns diziam que viesse Nuno Alvares de Alemtejo com suas gentes, e todos juntamente saissem a pelejar com el-rei; mas esto era mao de fazer, porque hi não havia em que passassem escusadamente salvos uns poucos de bateis pequenos, em que tantos de uma vez vir não podiam. E posto que tantos hi houvera, que vir podessem, era com grande medo e perigo, por a frota de Castella que tinha o rio tomado. Outros acordaram que era melhor que passasse o Mestre com algumas gentes, que tinha nas galés da parte d'alem, e que as queimasse logo todas, por as não tomarem os castellãos; e que se juntassem com Nuno Alvares e que viessem todos por arredor a pelejar com el-rei de Castella. Mas esta razão desfaziam muitos, dizendo que a cidade ficava emtanto em mui grande duvida e perigo. E depois de muitas razões, quaes podeis entender, que se em tal cousa fallariam, finalmente foi acordado que o melhor conselho pera tão grande feito era mandar recado a Nuno Alvares, que a um dia e hora, o mais caladamente que ser podesse, viesse dar no arraial com suas gentes, e que entonce saissem ante com todos os da cidade, e que d'esta guisa haviam fiuza em Deus, que desbaratariam seus inimigos muito mais a seu salvo.

E entonce escreveu o Mestre a Nuno Alvares, como a frota chegara a Lisboa, e como não podera pelejar com a de Castella, por muito mais e melhor armada, e o tempo não bem azado pera o socorrer com ajuda, e que a cidade ficava cercada por todo mar, assim como por terra, por a qual razão se á

primeira era minguada de mantimentos, agora era e seria cada vez muito mais maiormente por as muitas gentes que sobrevieram na frota: e porque de dia em dia em esperanças de se poder defender minguavam, que elle tinha determinado e acordado em seu conselho de sair com as gentes da cidade a pelejar com el-rei de Castella. E que elle, além das trezentas e vinte lanças que comsigo entonce trazia, ajuntasse as mais que podesse, e viesse deredor por aquelle dia e hora que ambos devizassem se esto poer em obra: E que elle fizera alarde das gentes que comsigo tinha e que achara de lanças de soldo mil e seiscentos homens d'armas, e que dos moradores da cidade, quatrocentas lanças e muitos peões e bésteiros, e que porém lhe fazia saber todo pera lhe responder sobre elle e encaminhar a maneira que em esto houvesse de ter. E se alguns contam, que o Mestre lhe escreveu que se viesse ao Montijo com todos os seus por quanto elle queria passar o Alemtejo, pera ajuntar gentes e vir pelejar com el-rei de Castella, e que Nuno Alvares veiu alli, isso era por fallar com elle a maneira que tivesse no pelejar, mas não por desamparar a cidade e a leixar em poder de muitos, de cujo serviço não era bem seguro, a qual cousa se fazer não pôde.

Nuno Alvares foi ledo com este recado, como aquelle que de honrosos feitos era desejador, e disse aos seus como o Mestre lhe escrevera todo o que se passara até entonce, e o ponto em que já estavam, e que pois a cidade era já cercada por mar e por terra, e não podia ser accorrida de mantimentos, que era grão duvida poder-se defender que muito fosse, e sendo Lisboa tomada que o reino era todo perdido. E porém lhe parecia que era bem

que leixassem alli toda a carriagem que se escusar podesse, e não levassem mais mantimentos, que quantos abundassem até Lisboa, e que uma madrugada amanhecessem sobre o arraial d'el-rei de Castella, e não curassem de guardas que achassem, nem d'outro nenhum embargo, salvo que todos juntamente se fossem direitos á casa onde el-rei pouzava, e que trabalhando-se os do arraial de o querer defender, que pelejassem com elles; e que elle enviaria dizer ao Mestre, que em aquelle dia e horas saisse com gente da cidade aos ajudar, e que esperava em Deus, e em sua preciosa Madre, que levariam sua obra a deante com muito sua honra. E quando d'outra guisa fosse, o que Deus encaminharia pelo contrario, que muito melhor era morrerem alli honradamente, arredor das faldras de um tão nobre rei, que os andar elle depois apanhando de lugar em lugar, como perdigões, e enforcal-os um e um pelos sovereiros.

Ouvindo esto, que Nuno Alvares propoz, responderam os seus e disseram: que o conselho era mui bom, e bem acordado, mas que Lisboa não estava ainda em tamanho aficamento, porque se devesse poer em tamanha aventura, mas que aguardassem por alguns dias, até que vissem o que Deus n'isto queria obrar, e quando a cidade viesse a tal aficamento, porque se devesse poer em tamanha aventura, que outro cobro hi não houvesse, que esto lhes ficava fazer á derradeira. E posto que Nuno Alvares muito tivesse em vontade de se esto logo poer em obra, pero porque seu costume era consentir aos do seu conselho, nas boas e aguizadas razões, outhorgou com elles maiormente, que pera tal obra bem é de entender que não cumpria irem ne-

nhuns senão com viva e leda vontade, dos quaes dizia depois Nuno Alvares por vezes, que querendo elle, acordára como elles eram muito poucos e os outros muitos e bem corregidos, que lhe parecera um forte feito, e mui receado de cometer. E d'outra parte quando esperava em Deus com firme fiuza, que havia de vencer a el-rei de Castella, que lhe similhava que os via fugir pera Cintra e pera Cascaes e pera outros logares que tinham voz sua.

Escreveu entonce ao Mestre o que os seus houveram todos n'aquelle feito, que entendia de fazer o seu accordo d'elles. E por esta guisa estava a cidade esperando aquelle dia da mercê de Deus, que já d'outrem não entendia adjutorio, nem acorro, o qual leixemos com esta esperança sem mais fallar por hora de seus feitos, e vamos saber que fez Nuno Alvares depois que partiu de Punhete, e chegou á cidade de Evora.

CAPITULO CXLIII

Como Nuno Alvares determinou de tomar Monsaraz por arte, e de que guisa foi filhado.

Estando Nuno Alvares em esta cidade por acudir a qualquer parte, que os inimigos quizessem fazer guerra, soube novas como Gonçalo Rodrigues de Sousa, que tinha o castello de Monsaraz, se lançára com os castellãos e mandara a aquelle, que por elle tinha o castello, que alçasse voz por el-rei de Castella, e tivesse voz por elle.

Da qual cousa Nuno Alvares foi mui annojado por o logar ser no extremo e d'onde elle algumas vezes entendia de ordenar cousas pera aviar o serviço do Mestre, des-ahi porque tão bom fidalgo, como elle e outros taes, de que o Mestre fiava, e fazia mercês, não andavam sómente em seu serviço, segundo alguns por obra mostravam. E que hora se parecia que era verdade a suspeita, que d'elle tomaram no Porto, quando ia por capitão da frota. Desejando Nuno Alvares haver aquelle castello, teve uma tal maneira, e soube por uma certa informação, que o escudeiro, que era alcaide, não tinha comsigo salvo sua mulher e poucos homens, e que estava minguado de mantimentos.

Fallou Nuno Alvares com um escudeiro, de que fiava, e deu-lhe por parceiros até doze, que se fossem lançar uma noite no arrabalde do logar, e que elle da outra parte do castello mandaria lançar cinco ou seis vaccas a fundo em um valle, que hi havia, como que andavam desamparadas, e ficaram d'alguns roubos que os castellãos levaram, e que entendia que o alcaide se sairia a ellas pela porta, que chamavam Alorquia, e não curaria de a fechar por trazer as vaccas para o castello, e que elles tivessem atalaias com elle, que como vissem sair do castello, que logo em ponto saltassem todos dentro e fechassem as portas sobre si á pressa.

Os escudeiros foram, e d'elles se meteram em algumas casas mais chegadas, bem acerca do castello, e outros nos penedos e barrancos, que são junto muito perto.

E sendo as vaccas ante manhã lançadas, onde Nuno Alvares ordenara, alçou-se o alcaide, viu-as andar n'aquelle valle, e como as viu teve que Deus

lhe trazia boa ventura pela porta, e saiu-se logo rijamente, de guisa que com aguça não curou de fechar a porta, nem mandar poer em ella guarda, pensando elle se tornar logo com ellas.

Os escudeiros, que sobre elle tinham a guarda, como o viram sair, foram-se rijo ás portas e entraram no castello, e lançaram a mulher do alcaide e os que com ella estavam fóra, e fizeram saber a Nuno Alvares como era o castello filhado. Da qual cousa el-rei foi annojado. E mandou Nuno Alvares em elle poer recado qual cumpria, e fel-o saber ao Mestre, a que muito aprougue.

CAPITULO CXLIV

Do recado que João Rodrigues de Castanheda mandou a Nuno Alvares, e do que sobre ello aveiu.

Nuno Alvares sendo assim em Evora, chegou-lhe recado, e soube de certo que um grande e notavel cavalleiro, que chamavam João Rodrigues de Castanheda, que era capitão de trezentas lanças, e Garcia Fernandes, commendador da ordem de Santiago, com outros cavalleiros, e mui boas gentes, chegaram a Badalhuce, dizendo que o queria ir buscar. E esta vinda, escrevem alguns, que foi por mandado d'el-rei de Castella.

Nuno Alvares, como esto ouviu, foi-se logo caminho d'Elvas, antes que João Rodrigues partisse de Badalhuce, por o escusar de trabalho.

João Rodrigues, como soube que Nuno Alvares era em Elvas, que são d'ahi tres leguas, mandou-lhe dizer por um seu trombeta, que bem sabia como el-rei seu senhor de Castella era rei de Portugal de direito, e que se lhe aprouguesse de o servir, e ser seu vassallo, que elle faria com el-rei que acrescentasse em elle, e lhe fizesse muitas mercês. E que se o fazer não quizesse, que elle o iria buscar, e que o aguardasse alli, que logo em outro dia seria com elle para lhe poer a praça. E se elle a elle quizesse ir, ca bem via que fazia mal em dar a el-rei guerra em sua terra.

Nuno Alvares recebeu bem o trombeta, e mandou-o logo agasalhar, e deu-lhe em resposta que dissesse a João Rodrigues, que bem sabia que nos tratos que el-rei de Castella fizera a el-rei D. Fernando, quando cazara sua filha, eram conteudos certos capitulos, os quaes elle não guardara e se viera meter no reino, contra o juramento que feito tinha. E que elle enviasse a dizer a el-rei de Castella, que se alçasse de sobre Lisboa, e se tornasse pera sua terra, mantendo os tratos, como n'elles era posto, e assim poderiam todos ser de accordo, e d'outra guisa não.

— «E na parte que diz que me quer vir buscar, que me praz muito de sua vinda, e eu lhe terei bem feito de jantar».

E com esta resposta se partiu o trombeta. E no outro dia de manhã, ainda não era fora das vinhas, pouco mais de dois tiros de bésta, Nuno Alvares mandou dar ás trombetas, e sairam com elle os da villa tão ledos, como se foram pera boda, assim os homens d'armas como os peões, e seriam por todos, com os de Nuno Alvares, até quatrocentas lan-

ças e peões e bésteiros. E João Rodrigues trazia bem quinhentos homens d'armas e trezentos ginetes, e d'outra gente de pé assaz d'elles assim dos que comsigo trouxera, como dos moradores do logar.

E contou o trombeta a resposta que levava a João Rodrigues, e a esses outros cavalleiros que com elle estavam, havendo elles todos por escarneo e rindo de tal resposta, e Nuno Alvares foi visto onde ia com suas gentes. Elles se maravilharam d'esto, cavalgaram muito á pressa e sairam fora da cidade, e quizeram embargar o posto da ribeira de Odiana, que vae por hi acerca.

E Nuno Alvares passou, a mau seu grado, e alli foi envolta uma mui grande e forte escaramuça, e bem pelejada, na qual foram presos até vinte escudeiros de João Rodrigues e muitos feridos, e foi-lhe por força dar volta com os seus, e lançar-se na cidade, e mandou cerrar as portas.

E Nuno Alvares se deteve grande espaço ao redor do logar, a trato de a vir a tomar, aguardando se sairam outra vez fora pera vingar algum queixume, se o tinham, e nenhum não foi ouzado de o mais commetter, e elle veiu com suas gentes, bem ordenadas, pera Elvas, d'onde partiu

CAPITULO CXLV

Como Nuno Alvares houve recado que gentes se juntavam pera o ir buscar, e da maneira que em ello teve.

El-rei havendo grande sanha da guerra e desprazer que lhe Nuno Alvares fazia n'aquella comarca, de onde era fronteiro, e tendo sentido da morte do mestre d'Alcantara, que fôra morto na batalha dos Atoleiros, como ouvistes, mandou um gram capitão de sua hoste, e mui famoso e mui bom homem d'armas, que chamavam Pero Sarmento, adiantado-mór de Galliza, e de suas gentes tomasse quantas quizesse, e se fosse a Alemtejo buscar Nuno Alvares, e que de morto ou preso em nenhuma maneira lhe escapasse. Porque tendo Pero Sarmento a el-rei fallando com elle n'esta historia, que escrevem que D. Pedralvares, e este Pero Sarmento pediram a el-rei que lhes desse licença, que elles queriam vingar a morte do mestre d'Alcantara, que elle lh'a deu.

Nuno Alvares estando assim em Elvas, chegou-lhe recado que muitas gentes dos castellãos estavam no Crato, e que do arraial de sobre Lisboa, onde el-rei de Castella jazia, haviam de vir pera se ajuntarem com elles o dito Pero Sarmento, e o priol do Esprital, seu irmão, com seiscentas lanças. Nuno Alvares tanto que esto ouviu, teve logo seu conselho de lhe ir ter ao caminho á ponte do Soro, antes que se juntassem com as outras gentes, e par-

tiu-se á pressa d'Elvas e andou esse dia com sua hoste sete leguas, e foi-se alojar á fonte da Figueira, que está no cabo do Ameal, caminho do Cano, e mandou de noite poer suas guardas e escuitas, como havia em costume, e sendo já alto serão, umas trinta lanças de sua companhia se alongaram do alojamento do arraial contra o Cano, por suas bestas pascerem melhor, que andavam muito trabalhadas, e levaram comsigo uma trombeta, que andava em companhia d'um d'aquelles, que se assim afastaram. E quando veiu á meia noite, aquella trombeta, por mingua de bom avizamento, começou de tanger, e foi ouvida no ajuntamento, onde Nuno Alvares jazia, e cuidaram que eram os castellãos que o iam buscar, e vinham seu caminho. E logo Nuno Alvares mandou dar ás trombetas, e foi posto em batalha com todos seus armados, e assim de pé foi ordenamente até onde a trombeta tangera, e como soube o que era, tornou-se pera onde partira e defendeu que d'ahi em deante nenhum fosse ouzado apartar-se da hoste, pera cousa que fosse.

Como foi manhã, Nuno Alvares partiu caminho da ponte do Soro, e indo além d'Aviz lhe veiu certo recado, que Pero Sarmento e o priol seu irmão, e as gentes, outras que partiram do arraial pera o Crato, passaram por aquelle logar havia um dia, da qual cousa lhe muito desprougue e áquelles que eram com elle, e d'alli se tornou ao Cano, d'onde foram bem pensados de figos, que outro mantimento não havia hi, por azo da guerra, que não consentia demorar alli ninguem, e elles não o traziam, e d'alli se tornaram a Evora.

CAPITULO CXLVI

Como Nuno Alvares poz batalha a Pero Sarmento e outros capitães, e que não quizeram pelejar com elle.

Nuno Alvares em Evora cuidadoso por estes feitos, tornou-lhe recado de seu senhor o Mestre, em que lhe fez saber, que do arraial d'el-rei de Castella eram partidas seiscentas lanças, pera se ajuntarem no Crato com as outras gentes que hi estavam pera lhe ir poer batalha, e que o encommendava a Deus.

E enviou-lhe dinheiros pera soldo de um mez, que muito por entonce mister havia.

Logo apoz este recado lhe chegou outro, que Pero Sarmento e o priol seu irmão, e João Rodrigues de Castanheda e o conde de Niebra e o mestre de Alcantara que viera por mestre depois da morte do outro que morreu na batalha de Fronteira, e Martim Annes da Barbuda, que se chamava mestre d'Aviz, e outros fidalgos e escudeiros, que eram por todos duas mil e quinhentas lanças e seiscentos ginetes, e muitos peões, e muitos bésteiros, eram todos no Crato, e hi se estavam corregendo nas cousas que lhe mister faziam, pera sua entrada, e pera o ir buscar, e lhe poer batalha, e des-ahi pera roubar e correr todo entre Tejo e Odiana, na peor maneira que o fazer podessem.

Nuno Alvares mandou logo pela comarca, por ajuntar mais gentes comsigo das que tinha, e foram

todos mil e quinhentos, e trinta lanças, e cinco mil entre homens de pé e bésteiros. E em esto apareceram estes senhores, com toda sua gente do logar do Crato, correndo a terra, e chegaram a Arrayolos, o qual alguns contam, que foi combatido e tomado por força, mas os que mais certamente fallaram, dizem que elle foi dado por alguns não bons portuguezes, dos quaes era o principal Gonçalo de Oliveira, que era parente da rainha.

D'alli enviou Pero Sarmento por um cavalleiro da sua companha, que chamavam Garcia Gonçalves de Ferreira, a Nuno Alvares uma carta mui desmesurada, da qual Nuno Alvares não curou, nem quiz responder a ella. E mais lhe trouve uma espada de armas d'ambas as mãos, e disse que a desse a Nuno Alvares em gajas, e que o desafiase de sua parte, que se com elle viesse ao campo, que o entendia de açoutar, como menino.

Nuno Alvares sem mostrar de si sanha, pero as palavras fossem deshonestas, recebeu bem o cavalleiro, e tomou a espada, e aceitou a desafiação, e mandou que o apozentassem bem, e disse que elle lhe daria depois a resposta.

E ordenou logo os que ficassem por guarda na cidade, e todo al, que viu que compria, e houve seu conselho de todavia ir primeiro a elles, ante que elles viessem a elle.

No dia seguinte ouviu Nuno Alvares cedo missa, e mandou chamar aquelle cavalleiro castellão que lhe trouvera aquella deshonesta carta e desafiação, e disse com gesto aprazivel:

— «Cavalleiro, ora vos ivos com Deus, e dizei a meu amigo Pero Sarmento e a esses capitães que são em sua companhia, que se venham ao campo

quando quizerem, que ahi me acharão prestes como elles desejam».

Garcia Gonçalves se partiu logo, maravilhando-se muito da sua mesura e ardideza.

E em esto estando Nuno Alvares pera comer, foi certificado que os castellãos se vinham chegando quanto podiam; e como isso soube, sem mais comer nenhuma cousa, mandou dar ás trombetas pera cavalgar, e suas gentes beberam por terra, cada um como melhor podia; e foram juntos com elle muito á pressa, e elle partiu logo com todos mui ordenadamente, e foi além da quinta d'Oliveira, pouco mais de uma legua da cidade, e n'aquelle logar se teve, e esperou os inimigos.

Alli comera Nuno Alvares, se tivera que, ca elle não mandou levar azemolas, nem outra carriagem, entendendo que tinha a batalha mui prestes, como chegassem, por quanto os castellãos eram muitos, e elles mui poucos em comparação d'elles.

Des-ahi cuidava que quem vencesse o campo acharia o que lhe mister houvesse. E buscaram-lhe alguma cousa de comer pela companhia: e não acharem outra vianda, salvo um pão encenteado e um pouco de vinho, que um homem de pé levava em uma cabacinha. Estas foram suas eguarias por aquelle dia todo onde esteve com sua batalha posta acerca.

O outro dia pela manhã bem cedo partiu, e se foi a Duror, uma legua d'aquelle logar, e alli ordenou sua batalha por terra, como ante, e poz sua vanguarda e reguarda, e alas de homens d'armas, e peões, e bésteiros, como elle bem sabia fazer, e elle estava na vanguarda.

E alli veiu Pero Sarmento e o priol, e esses outros capitães, e ordenaram a sua batalha da vanguarda e

reguarda, e alas mui acerca uns dos outros, e sem mostrança de pelejar, os ginetes dos inimigos cercaram todos os portuguezes, de guisa que de Evora não podia nenhum vir pera a companhia de Nuno Alvares, nem dos seus se ir pera a cidade, que logo não fosse preso, e faziam os ginetes algumas remetidas nos homens de pé, e onde melhor entendiam, mas todo achavam prestes de defensão, sem lhe poderem empecer.

Os castellãos assim por grande espaço receando a batalha, mandaram dizer a Nuno Alvares que bem via que seu jogo ia despartido, e que de tal intenção, como tinha, não curasse, ca bem visto era que não havia em elle defensão, mas que todavia se tornasse a serviço d'el-rei de Castella, que o acrescentaria, fazendo-lhe muitas mercês, como as elle bem merecia. E que esto era mais são conselho, que se perder, com quantos alli estavam.

A estas e outras taes razões Nuno Alvares em breve disse ao mensageiro: que d'aquellas palavras não curasse mais, e que se fosse embora, e que dissesse a aquelles senhores, que o a elle enviaram, que lhe parecia que não era bem de se o tempo assim passar de balde, e que, pois que o desafiar mandaram, que pouco faziam de sua honra, serem tantos e tão bem encavalgados, e elles pelo contrario, e tardarem tanto de não virem á batalha que vieram buscar, e tinham tão prestes como elle bem via. Ca pois elles eram a cavallo, e vinham demandar batalha, que elles o deviam começar primeiro ou que ordenassem elles sua batalha por terra, e que elles os iriam cometer. E porém lhes prouguesse de todavia virem á villa.

A estas razões não tornaram os castellãos mais, mas leixaram-se estar assim com sua batalha posta,

e por noite se apartaram um pedaço, e assentaram seu arraial.

Nuno Alvares vendo que os castellãos faziam esto com sageria, pera os esfaimar, havendo já dois dias e uma noite, que eram fora da cidade, sem mantimentos, que ao recolher os poderiam matar a seu salvo sem batalha, ordenou de se tornar aquella noite a Evora, pera em outro dia tornar a batalha percebido de mantimentos, se lh'a poer quizessem.

Aquella noite foi de grande tempestade d'agua e cerração, e o recolhimento perigoso, de guisa que alguns enlheavam a terra, e não sabendo ir pera a cidade, davam no arraial dos castellãos e alli os filhavam, e tomavam por prisioneiros. E outros furavam por as vinhas, comendo uvas, e alli os achavam seus inimigos e os matavam e prendiam.

Nuno Alvares chegou alta noite a Evora, e quando veiu pela manhã soube como os castellãos alevantavam seu alojamento, caminho de Vianna, duas leguas d'Evora, e como eram bem encavalgados, correram a terra, e levaram o mais roubo que poderam, e foram-se pera Arrayolos, e d'ahi partiram d'elles pera o Crato; e Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda até setecentas lanças, caminho de Lisboa. des-ahi ao arraial d'el-rei de Castella, e foram fallar a el-rei, do qual foram não mui bem recebidos, por não pelejarem com Nuno Alvares, segundo elles com frias razões foram mui bem desditos d'el-rei, dizendo contra elles que lhe não podia Nuno Alvares mais fazer que lhe poer praça no campo, esperando-os dois dias á batalha, e com covardice não ouzaram pelejar com elle. D'isto tiveram grande sentido Pero Sarmento e o priol, pela mingua que por elles passára.

CAPITULO CXLVII

Como Nuno Alvares ordenou de ir a Almada sobre Pero Sarmento, e do que sobre ello aconteceu.

GRANDE sentido teve Nuno Alvares do geito que os castellãos com elle tiveram, em lhe fazer poer a praça duas vezes, não querendo vir a batalha, e esto por o desbaratarem por sageria de arterices, e não por arrezoada ardideza, pois já muitas e mais gentes, e melhor corregidas eram: des-ahi roubarem d'aquella guisa a terra, de que elle estava por fronteiro se tivesse por mui escarnecido d'elles, e cuidou de lhe ordenar similhante jogo com melhoria, se o fazer podesse, e por suas enculcas, que a Almada mandou, soube parte do que Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda e outros alguns fidalgos faziam. E tendo vontade de ir sobre elles, como pera elle visse arrezoado tempo, juntou suas gentes, que passariam de trezentas lanças, afora homens de pé e bésteiros poucos; e veiu-se com elles a Palmella, e alli se deteve, e ordenou sua ida.

E se algum aqui diz, que Nuno Alvares d'esta vegada tomou o castello de Palmella, a esto não damos fé nem está em razão de escrever, ca os mestrados d'Aviz e Santiago, sempre tiveram voz por Portugal, depois que o mestre D. Fernando Affonso d'Albuquerque se veiu a Lisboa, como dissemos. E se o elle entonce tomou, que se fez dos castellãos, e do alcaide, que n'elle estavam, que ti-

nham voz por Castella? Ca todos os logares, que sua voz tinham, em todos elles estavam.

El-rei poz alcaides e gentes, que os guardassem, e os guardavam, disse.

Bem fôra pera isso provar dizer sequer o nome do alcaide em breve, como fora tomado, maiormente logar tão forte e tão mau de filhar. Mas parece que não tem licença pera o dizer.

E outro dia foi Nuno Alvares por espaçar, correr monte não longe da villa, e matou um grande e formoso porco, o qual mandou poer em cima de uma boa azemula, e quatro homens de pé com ella, e um escudeiro, a que deu cargo de o apresentar, que chamavam Gomez Frazão.

Ora aqui escrevem alguns que Nuno Alvares mandou este porco em presente a Pero Sarmento, e que mandou dizer, que a poucos dias o iria vêr, e Pero Sarmento foi ledo com elle, e que mandou logo a el-rei de Castella ao arraial, e que enviou dizer a Nuno Alvares, que lh'o agardecia muito, e que ao mais não respondeu, antes enadem sobre isso, e contam, que Nuno Alvares quando lhe mandou aquelle porco, que lhe enviou dizer que queria ir jantar com el-rei: e que Pero Sarmento que viesse muito embora quando quizesse, que prestes acharia a salsa.

Mas examinadas taes razões, segundo um historeador escreve, não satisfazem ao arrezoado entendimento, e mostra-se claramente ser assim.

Porque se o presente de Nuno Alvares fôra apresentado a Pero Sarmento com taes palavras, como estes dizem, seguiria tanto sua condição em se avizar logo d'elle, que a Nuno Alvares fôra muito mau de fazer cousa, que sobre esto fosse pensada. Nem

os que esta historia contam não fazem menção de Pero Sarmento, a chegada de Nuno Alvares sobre Almada, nem cousa que com elle haviesse. Mas como quereis vós que fizesse menção de Pero Sarmento, que no estava hi, nem lhe fôra apresentado porco nem porca?

Porém leixemos seus errados ditos, seguindo as razões de um auctor muito esquadrinhador dos feitos de similhantes duvidas. Deveis saber que uma quarta feira pela manhã, postrimeiro dia do mez d'Agosto, partiram os homens de pé com aquelle porco, caminho d'Almada, que são d'ahi boas cinco leguas, e quando chegaram ao meio dia não acharam ahi Pero Sarmento, porquanto era além do rio, e no arraial de el-rei de Castella e pozeram o porco em Cacilhas, perto d'Almada, atendendo Pero Sarmento que tornasse.

O porco enviado, fallou Nuno Alvares com os seus, que tivessem á chegada certos cargos cada um em seus logares s. uns ás barreiras e palanque, que estava feito nos estrados das ruas, e que o britassem por força, antes que os castellãos hi acudissem, e elles se metessem entre o arrabalde e a villa pera filharem os que do arrabalde n'elle se quizessem lançar, e com estes havia de ir a sua bandeira, e se achassem as portas abertas, que entrasse a bandeira dentro com aquelles homens de armas que o acompanhavam, ou se lançassem dentro da volta com aquelles que fugissem, e que assím tomassem o castello.

Outros haviam de ir ao porto de Cacilhas, que se alguns castellãos da frota passassem, que os embargassem a não tomar terra.

E por quanto Nuno Alvares foi certo que em Coina, tres leguas d'Almada, estava em guarda

trinta ginetes, e que se algumas campanhas suas, ou d'outras partes viessem, que fossem dar novas aos do logar, pois aquelle era o arrojado caminho por onde haviam de vir.

Porém que partiu elle com tal intenção, dissemos, bem sol posto e já tarde, e levou caminho da charneca por cima de Azeitão entre Cezimbra; arredado uma legua d'aquellas escuitas, cuidando de todo ser na alva rompente em Almada, e andou toda aquella noite bem sete leguas, e as mais d'ellas fóra do caminho, e as guias não terem bem certas, des-ahi as terras um pouco espessas, cuidaram que eram já perto d'Almada.

E Nuno Alvares se deteve já quanto dormiram sonhos poucos.

Quando se levantaram, começou de amanhecer, viram que eram mais longe do logar do que pensaram.

Entonce se trigou Nuno Alvares no andar mais rijo, e sahindo o sol chegou a um logar que chamavam a Sovereira, que é acerca de hi uma legua a Almada.

E vendo tão tarde, fallou aos seus, que andassem a trote e a galope, quanto as bestas os levar podessem, e elles o fizeram, de guisa que pareceu que toda a terra era já cercada e cobrida do sol, ainda elles chegaram a tempo, que muitos dos castellãos ainda jaziam nas camas, que mal prestou o somno da manhã.

O primeiro que ás barreiras chegou foi Nuno Alvares com tres escudeiros, que á pressa deram por terra, e com estes entrou Nuno Alvares pela ribeira do arrebalde descontra Coina, dando-se ás lanças com alguns castellãos, que o embargar queriam.

Des-ahi chegou logo a sua bandeira, que vinha muito perto, com todos aquelles que a guardavam, e tomaram a rua direita contra Cacilhas, fazendo o melhor que podiam.

Em esto os castellãos, que pouco cuidado tinham de similhante feito, d'elles dormindo, e outros jazendo de seu vagar, quando ouviam bradar: Castella, e pelo arrebalde armas, armas. Castella, Castella, d'elles se lançaram fóra das camas, por saberem que era.

Outros se vestiam pera se armar á pressa. E os que já andavam fóra das pouzadas, faziam-se prestes a defender as ruas, mas o desacordo era tão grande, que sua defensão prestava mui pouco, que o principal cuidado era por escapar a vida, porém ajuntando-se alguns cobrando coração, quizeram voltar a Nuno Alvares por aquella rua, por onde elle ia, conhecendo já que era aquelle, e um seu peão chamado Nuno Alvares, saiu da travessa entre Nuno Alvares, e os inimigos, e arremessou a um castellão uma escuna, e deu com elle em terra morto.

Os outros fugindo quanto mais podiam, não querendo aguardar similhante jogo.

Ia com elles de mistura, João Rodrigues de Castanheda, que se levantou rijo da cama na pouzada onde jazia, e não podendo acabar de vestir o gibão.

A bandeira de Nuno Alvares chegou bem acompanhada até á porta do castello, cuidando de a achar aberta, como levava devisado.

Mas os do castello cerraram as portas, e acolheram dentro primeiro aquelles que poderam, e os outros d'elles se lançavam na barbacan, e outros pelas barreiras, cada um como melhor podia.

Cerrados os castellãos dentro no castello, não lhe podendo mais empecer, ficaram alli alguns homens d'armas, e outros tornaram sobre o arrabalde, onde mataram e prenderam alguns capitães d'elles, que fugiam pelos telhados, outros que se escondiam em logares escusos, de guisa que mui poucos escaparam que não foram presos, ou mortos. E se não tanto de dia fôra, nunca nenhum escapára. Des-ahi como homens desesperados e desacordados, que não tinham sentido senão de fugir, não levaram comsigo as cousas que tinham, e foram-lhe filhados todos os cavallos e azemulas, e quantas armas e cousas boas tinham, assim de Pero Sarmento como de todos os outros que pouzavam fóra do castello.

Depois que o arrabalde foi todo roubado, mandou Nuno Alvares dar ás trombetas, e recolheu assim todas suas gentes, ainda aquelles a que foi mandado que guardassem o porto de Cacilhas, acharam o porco estar na ribeira, que Nuno Alvares mandára a Pero Sarmento aguardando por elle, que tornasse do arraial.

A gente recolhida, e todos acerca d'elle, moveu ao monte de sobre o mar, e fel-os poer em az ordenados, com sua bandeira, em meio tendida, dando ás trombetas, e apupando com outros signaes de lédice, esto á vista dos da cidade, e do arraial dos castellãos, os quaes vendo-os d'aquella guisa estar, cuidaram que eram as gentes da villa que faziam alardo pera lhe pagarem soldo, e os da cidade cuidavam que eram gentes dos inimigos.

El-rei que sabia que tal soldo não mandára pagar, bem cuidou que era outra cousa. E pensando que pela ventura ordenara Pero Sarmento aquello, man-

dou-o chamar e perguntou-lhe que gentes eram aquellas que estavam em aquelle oiteiro.

—«Certamente disse elle, senhor, não sei, mas diz-me a vontade que é Nuno Alvares».

—«Em verdade, disse el-rei, essa é boa resposta, serdes vós fronteiro d'aquelle logar, e virvos um escudeiro de cinco rocins fazer tal baldon».

—«E assim o dizeis vós, senhor, disse elle, pois agardecei a Deus, e a este rio, que está entre vós, e elle, ca se este mar não fosse aqui, vos viria buscar onde estaes.

Entonce se partiu Pero Sarmento á pressa, ainda não acabado de vestir, e remeteu-se em uma galé, e el-rei mandou que vogassem as outras, e metessem gente d'armas n'ellas, mas não se pôde fazer tão azinha por não estarem d'esto percebidas.

Nuno Alvares esteve assim quanto lhe aprougue, de cuja vista el-rei tomou grande nojo, e os da cidade mui grão prazer quando souberam que era aquelle.

A galé em que entrou Pero Sarmento, chegou antes que as outras ao porto de Cacilhas, e como foi em terra, começou de dizer a altas vozes:

— Castella, Castella, não é nada, não é nada: bradando á pressa, que lhe trouvessem um cavallo.

—«Não sei, disse um castellão dos que foram roubados, como vós dizeis não é nada, não é nada, mas dou ao demo a cousa que me a mim ficou, de quanto eu tinha, assim bestas, como armas, que tudo me levaram, e ainda de grão ventura escapei de prizão ou morte, e assim todos quantos eramos, e vós dizeis que vos tragam cavallo; e que presta de vos a vós trazerem cavallo, ainda que o ahi houvesse? Ca Nuno Alvares se foi já com toda a gente á sua vontade, como quiz».

—«Não monta nada, disse elle, tragam-me a mim um cavallo se o hi ha, sequer verei como se vão».

E não se fez mais sobre esto. Nuno Alvares foi comer a Coina, e alli repartiu o esbulho, sem havendo pera si parte alguma, e d'alli cavalgou, e foi a Palmella, e quando foi noite mandou fazer taes almenaras de fogo, que as viram os de Lisboa, por saberem os da cidade que estava elle alli, e tomarem algum esforço.

E certamente assim foi de feito, que o Mestre, quando viu aquellas almenaras de fogo em Palmella, bem entendeu que era Nuno Alvares que alli estava com suas gentes, e houve mui grão prazer, elle e todos aquelles que o viam, e mandou acender muitas tochas no grande eirado dos paços d'El-rei, onde entonce pouzava, por os verem de Palmella, e elle dar a entender que via as suas luminarias, e que lhe respondiam com aquelles lumes, pois outra falla haver não podia.

Assim esteve o Mestre em um bom espaço, fallando com os seus nos feitos de Nuno Alvares, com aquelle doce arrazoar, e louvores taes que este real servidor merecia de se lhe dizer; des-ahi se recolheu pera sua camara.

Nuno Alvares apagou seus fogos por cobrar o somno que de antes perdera, onde fique com boas noutes; nós tornemos ver a ponto esta atribulada Lisboa em que ponto está.

CAPITULO CXLVIII

Das tribulações que Lisboa passou por mingoa de mantimentos.

Estando assim a cidade cercada da maneira que ouvistes, gastavam-se os mantimentos cada vez, pelas muitas gentes que em ella havia, assim as que se acolheram dentro do termo de homens aldeões com mulheres e filhos, como das que vieram na frota do Porto, e alguns se metiam ás vezes em bateis, e passavam de noite escusamente contra as partes de Ribatejo, que já se achavam prestes, por recados que ante mandavam, e partiam de noite remando mui rijamente.

Algumas galés, quando os sentiam vir remando, isso mesmo remavam á pressa sobre elles, e os bateis por lhe fugir, e ellas por os tomar, eram postos em grandes trabalhos.

Os que esperavam por tal trigo, andavam por a ribeira da parte de Enxobregas aguardando quando viessem, e os que velavam, se viam as galés remar contra lá, repicavam logo por lhes acorrer.

Os da cidade, como ouviam o repique, leixavam o somno, e tomavam as armas, e saia muita gente, e defendiam-nos ás béstas, se cumpria, e ferindo-se ás vezes de uma parte e da outra, porém nunca foi vez que tomassem algum, salvo um que certos bateis estavam em Ribatejo com trigo, e foram descobertos por um homem natural d'Almada, e tomados por os castellãos, e elle preso e arrastado e dece-

pado e enforcado. E posto que tal trigo alguma ajuda fizesse, era tão pouco, e tão raramente, que houveram mister de multiplicar como fez Nosso Senhor Jesus Christo aos pães, com que fartou cinco mil homens.

E esto fartou assim a cidade apertadamente, que as publicas esmolas começavam de fallecer, e nenhuma geração de pobres achava quem lhe dar pão' de guisa que a perda commum vencendo de todo a piedade, e vendo a grande mingua dos mantimentos, estabeleceram deitar fora as gentes minguadas, e não pertencentes pera a defensão. E esto foi feito duas ou tres vezes, até lançar fora as mancebas mundanarias e judeus, e outros similhantes, dizendo que, pois taes pessoas não eram pera pelejar, que não gastassem mantimentos aos defensores, mas isto não aproveitava cousa que muito prestasse.

Os castellãos á primeira aprazia-lhe com elles, e davam-lhe de comer e acolhimento, e depois vendo que esto era com fome por gastar mais a cidade, fez el-rei tal ordenança, que nenhum de dentro fosse recebido em seu arraial, mas que todos fossem lançados fora, e que se ir se não quizessem, que os açoutassem, e fizessem tornar pera a cidade, e esto lhe era tão grave de fazer, tornarem por força pera tal logar, onde chorando não esperavam serem recebidos. E taes hi havia que de seu grado se iam da cidade, e se iam pera o arraial, querendo de todo ante ser captivos, que assim perecendo morrerem de fome, como não lançariam fora gente minguada, e sem proveito, que o Mestre mandou saber em certo pela cidade que pão havia por todo em ella,- assim por covas, como por outra maneira, e acha

vam que era tão pouco, que bem haviam mister sobre ello conselho.

Na cidade não havia trigo pera vender, e se o havia era mui pouco, e tão caro que as pobres gentes não podiam chegar a elle, que valia cada alqueire quatro libras, e o alqueire do melhor quarenta soldos, e a canada de vinho tres e quatro libras, e padeciam mui apertadamente, e dia havia ahi, que ainda que dessem por um pão uma dobra, o não achavam á venda, e começaram a comer pão de bagaço de azeitona, e dos queijos das malvas e raizes d'hervas, e outras desacostumadas cousas pouco amigas da natureza. E taes hi haviam, que se mantinham em alfeloas.

No logar onde costumavam a vender o trigo, andavam homens e moços esgravatando a terra, e se achavam algum grão de trigo metiam-n'o na boca, sem tendo outro mantimento.

Outros se fartavam d'hervas e bebiam tanta agua, que achavam homens e cachopos jazer mortos inchados nas praças, e em outros logares.

Das carnes isso mesmo havia em ella grande mingua, e se alguns criavam porcos mantinham-se n'elles e assim pequena posta de porco valia cinco libras e seis, que era uma dobra castelhana, e gallinha quarenta soldos, e a duzia dos ovos doze soldos. E se almocreves traziam alguns bois, valiam cada um setenta libras, que eram quatorze dobras cruzadas, valendo entonce a dobra cinco e seis libras, e a cabeça e as tripas uma dobra, assim que os pobres por mingua de dinheiro não comiam carne, e viviam mal, e comiam carnes das bestas, e não sómente os pobres e minguados, mas grandes pessoas da cidade lazerando, não sabiam que fazer,

e os gestos mudados com fome bem mostravam seus encobertos padecimentos.

Andavam os moços de tres a quatro annos pedindo pão pela cidade, por amor de Deus, como lhes mandavam suas madres, e muitos não tinham outras cousas que lhe dar senão lagrimas, que era triste cousa de vêr, e se lhe davam tamanho pão como uma noz, haviam-n'o por grande bem, e desfaleciam-lhe leite a aquellas que tinham crianças a seus peitos, por mingua de mantimentos, e vendo lazerar seus filhos e filhas, que acorrer não podiam, chamavam sobre elles a miudo a morte, antes que a morte os privasse da vida.

Muitos esguardavam as preces alheias, com chorosos olhos, por cumprir o que a piedade manda e não tendo de que lhe acorrer, caiam em dobra de tristeza.

Toda a cidade era dada a nojo, cheia de mesquinhas querelas, sem nenhum prazer que houvessem: uns com grande mingua do que padeciam, outros havendo dó das tribuladas; e isto não sem razão, ca se é triste o coração cuidoso nas cousas contrarias que lhe avir pódem, vêde que fariam aquelles que as tão continuadamente presente tinham.

Pero com todo esto, quando repicavam, nenhum não mostrava que era faminto, mas farto, e rico contra seus inimigos, e esforçavam-se uns aconselhar e dar remedio a seu grande nojo, mas não prestava conforto de palavras, nem podia tal dôr ser amansada com nenhumas doces razões.

E assim como é natural cousa a mão ir a miude onde seja dôr, assim uns homens fallando com os outros, não podiam em al despartir, senão em a mingua, que cada um padecia. Oh! quantas vezes

encommendavam nas missas e pregações que rogassem a Deus devotamente por o estado da cidade, e fincando os giolhos, beijando a terra, bradando a Deus que lhes acorresse, e suas preces não eram cumpridas. Uns choravam entre si, mal dizendo seus dias, queixando-se por quanto viviam, como se dissessem com o Propheta:

Ora viesse a morte antes do tempo, e a terra cobrisse nossas faces, por não vermos tantos males.

Assim que rogavam á morte, que os levasse, dizendo que melhor fôra morrer, que lhes serem cada dia renovados padecimentos. Outros se querelavam a seus amigos dizendo: que foram desaventurada gente, quê se ante não deram a el-rei de Castella, que cada dia padecerem novas mesquindades, firmando-se de todo em as peores cousas, que fortuna em esto podia obrar. Sabia porém isso o Mestre, e os do conselho seu, e eram-lhe dorosas de ouvir taes novas, e vendo estes males, a que acorrer não podiam, cerravam seus olhos do rumor do povo.

Como quereis que não mal dissessem sua vida e desejassem morrer alguns homens e mulheres, que tanta differença ha de ouvir estas cousas a aquelles que as entonce passaram, como ha da vida á morte?

Os padres e as madres viam estalar de fome os filhos que muito amavam, rompiam as faces e peitos sobre elles, não tendo com que lhes acorrer senão pranto, espargimento de lagrimas, e sobre isto medo d'aquella vingança, que entendiam que el-rei de Castella d'elles havia de tomar.

Assim que elles padeciam duas grandes guerras dos inimigos que os cercados tinham, e outra dos

mantimentos que lhe minguavam, de guisa que eram postos em cuidado de se defender da morte por duas guisas.

Pero que é dizer mais de taes padecimentos; foi tamanho o gasto das cousas que mister haviam, que soou um dia pela cidade que o Mestre mandava deitar fóra todos os que não tivessem pão que comer, e que sómente os que tivessem ficassem em ella.

Mas quem poderia ouvir, sem gemidos e sem choros, tal ordenança de mandados áquelles que o não tinham?

Porém, sabendo que não era assim, foi-lhe já quanto de conforto.

Onde sabei que esta fome e padecimentos, que as gentes padeciam, não era pelo cerco ser prolongado, que não havia tanto tempo que Lisboa era cercada, mas era por azo das muitas gentes que se a ella acolheram de todo o termo. E isso mesmo da frota do Porto, quando veiu, e os mantimentos serem mui poucos.

Ora esguardae, como se fosseis presentes, d'uma tal cidade assim desconfortada, e sem nenhuma certa fiuza do seu livramento, como viveriam em desvairados cuidados, quem soffria ondas de taes afflicções! A geração que depois veiu, o povo bemaventurado, que não soube parte de tantos males, nem foi quinhoeiro de taes padecimentos, os quaes a Deus aprougue de cedo abreviar d'outra guisa, como acerca ouvireis.

CAPITULO CXLIX

Da pestelença que andava entre os castellãos, e d'alguns capitães que em ella morreram.

Não cumpre muito trabalhar por dar louvor ás muitas e mui boas gentes que el-rei de Castella comsigo tinha, quando se moveu pera entrar em Portugal, porque sem duvida sabei de certo que a casa de Castella era entonce uma das mais nobres do mundo, de muitos gentis homens, assim de grandes senhores e fidalgos, como cavalleiros e escudeiros bem encavalgados e guarnecidos d'armas, e d'outra mean gente de bésteiros, homens de pé em grande numero, e comtudo, depois que el-rei entrou pelo reino, e se veiu chegando contra Lisboa, pouzando por essas aldeias, começaram de morrer de peste alguns do arraial, das gentes de pé de pequena condição.

E quando algum cavalleiro, ou tal escudeiro, a cerca de finar, levavam-nos a Cintra ou a Alemquer, ou a alguns dos outros logares que por Castella tinham voz, e alli os abriam e salgavam, e punham em athaudes ao ar, ou os coziam e guardavam os ossos pera os depois levarem pera d'onde eram.

E por esta razão se mudava el-rei d'uma aldeia pera a outra, com suas gentes, até que veiu a sua frota, e se lançou sobre a cidade, como já é dito. E tendo assim seu cerco sobre ella, começaram de morrer na frota, e os outros eram muito annojados, ndo por muitas vezes a el-rei conselho que se

partisse d'alli por entonce, e que depois seria tempo pera vir cercar cada vez que quizesse, mas elle engeitando seus bons razoados, era muito inclinado a não descercar o logar, por cousa que havir podesse, sabendo bem como a cidade era minguada de mantimentos, e que não havia poder de se ter grande espaço que não cobrasse á sua vontade.

Ora como assim seja que entre todas as cousas, em que o divinal poderio vemos, que mais resplandece, assim é n'aquellas que em todo tempo são desesperadas, produzil-as a proveitoso effeito, quando lhe quer assim obrar entonce por sua mercê, a cerca d'esta cidade, porque sendo ella muito attribulada por desvairados modos de fomes, des-ahi todos cheios de arrefecimento d'alguma esperança, que d'outra parte havir podesse, salvo a que no mui alto Deus tinham, e na sua preciosa Madre, que os havia de ajudar, ou se aventurando todos um dia a morrer ou viver, como dissémos, prougue a Aquelle Senhor, que é Principe das hostes e vencedor das batalhas, que não houvesse hi outra lei, de não pelejar senão a sua, e ordenou que o anjo da morte estendesse mais sua mão, e precudisse asperamente a multidão d'aquelle povo.

E não embargando que d'antes assaz morresse, começou de se atear a peste tão bravamente em elles, assim por mar, como por terra, que dia havia que morriam cento e cincoenta e duzentas, assim mais e menos, como se acertava, de guisa que o mais do dia eram os do arraial occupados em enterrar seus mortos. Assim que era espanto de vêr aos que o padeciam, e estranho de ouvir aos que eram cercados. Ca do dia que falleceu de trama o mestre de Santiago D. Pedro Fernandes Cabeça de Vaca até

esta sezão, morreram mais de dois mil homens de armas dos melhores que el-rei de Castella tinha, afora muitos capitães que nomear não podemos, pero a alguns diremos seus nomes, assim como de Ruy Gonçalves Mexias, a que el-rei deu o mestrado depois da morte de D. Pedro Fernandes, e D. Pedro Fernandes do Sandoval, commendador-mór, que cuidou de ser mestre, e Pero Fernandes de Valhasco, camareiro-mór d'el-rei D. Pedro, Fernão Sanches de Toar, seu almirante mór, e Fernão d'Alvares de Toledo, mariscal de Castella, e Pero Rodrigues Sarmento, adiantado em Galliza, e D. Pedro Nunes de Lara, conde de Maiorcas, que pouco havia que cazara, como ouvistes, e D. João Affonso de Benavides, e D. Fernando Affonso de Samora, mestre de Santiago, e com este foram tres mestres, e João Martins de Rojas, e Lopo Ilhoa de Alverneda, e treze cavalleiros d'el-rei, da cidade de Toledo, e muitos outros cavalleiros e escudeiros de Castella e de Leão.

Era grão maravilha, por juizo a nós não conhecida, que em favor de tamanha peste, nenhum dos fidalgos portuguezes que hi andavam, nem prisioneiros ou d'outra qualquer guisa, nenhum não morria de trama, nem era tocado de tal dôr. E os castellãos por vingança e menencoria que lhe não prestava, lançavam os prisioneiros portuguezes que traziam com os que eram doentes de tramas, por tal que morressem pestelenciados, e morriam os castellãos doentes, e dos portuguezes nenhum padecia, nem dentro na cidade, que era tanto perto do arraial, nem fóra no termo, que forte cousa parece de crêr, ser um rei assim acompanhado e servido de taes e tão nobres fidalgos, como comsigo alli tro-

vera, e vêr sem nenhum proveito tantos d'elles mortos ante si, afora grande numero d'outro meudo povo, e não mudar seu desejo do que começado tinha, em quantos conselhos lhe eram propostos, como se acintemente lhe proguesse de os offerecer a morte.

CAPITULO CL

Das razões que D. Carlos disse a el-rei de Castella, e como el-rei levantou seu arraial e descercou a cidade.

Sendo a tormenta do reino tão grande, como ouvistes, e Lisboa tão affecta com ondas de taes tempestades, des-ahi a comarca d'ella gastada por fogo e outras destruições, de guisa que todas as aldeias que havia em seu termo até Cascaes, que eram d'ahi a cinco leguas, eram já deitadas por terra, e mais os logares de todo Ribatejo; além d'esto fome mui continuada, que nenhuma certa esperança de seu livramento, de cada parte se gerava nos moradores d'ella mui pouca fiuza de poder escapar, salvo aquella que em Deus havia, da maneira que dissémos. Isso mesmo el-rei de Castella, não embargando a forçosa demonstração que havia da mortandade dos seus, porque devera de entender que não prazia a Deus de alli mais estar, pero com todo esto seu firme proposito era perserverar até que a tomassem. Assim que os cercados e cercadores soffriam duas grandes penas, por cum-

prir as esperanças. Os da cidade esperavam cada dia que el-rei alevantasse mui cedo seu arraial, por o aficamento de grande pestelença; e os castellãos outro sim entendiam, que os de dentro, constrangidos por fome, lhe rogariam com a cidade, com penitencia de muitos a sua hora.

Assim que uns e outros, mantendo sua opinião, soffriam dois maiores damnos que em similhante feito podia acontecer s. uns apertada fome dos mantimentos que mister haviam; outros mortal pestelença em todos os estados da gente do arraial.

D. Carlos, infante herdeiro de Navarra, casado com a infanta D. Leonor, irmã de el-rei, que era com elle em este cerco, vendo a desordenada mortandade que entre elles andava, e como cada vez era maior, dizia a el-rei por muitas vezes que fosse sua mercê não querer tentar a Deus, estando mais em aquelle logar, e se alçasse de sobre a cidade, e tornasse pera seu reino, ca posto que elle d'alli partisse, assaz leixava em Portugal cavalleiros e outras gentes, ca tinham muitas villas e castellos, d'onde fariam guerra ao Mestre, e aos que sua voz quizessem manter. E depois que a Deus prouguesse de cessar aquella pestelença de todo, que entonce podia tornar com sua gente, e cobrar o reino á sua vontade, dizendo que não fosse tal, como fôra el-rei D. Affonso seu avô, quando pozera cerco a Gibraltar, que morrendo os seus de pestelença, e sendo aconselhado por os senhores grandes e capitães da hoste, que se apartasse de sobre o logar por as muitas gentes que morriam, e sua pessoa estava em perigo, e que nunca o quizera fazer, respondeu aos que o aconselhavam; que em tal cousa lhe não fallassem, ca elle tinha aquella villa, que muito pre-

zava de tomar, tão aficada sem esperança de nenhum soccorro, que a poucos dias seria sua e a tomaria, e com tal intenção se não quiz alevantar, por mui aficados conselhos, que lhe dar podessem, e em esto nasceu-lhe uma mortal landroa, de que se finou a poucos dias, e perdeu o logar e muitas das gentes que comsigo trouvera.

— «E vós, senhor, disse elle, não façaes similhante estada, nem detença de tamanho perigo, ca ainda que vós e outros de vosso conselho esto não dissemos, a razão vos daria d'isso comprido conhecimento, maiormente, que nenhum vos aconselha que de todo o ponto leixeis esta guerra, sem a demanda que começada tendes, á qual podeis tornar cada vez que quizerdes, e vossa mercê fôr. Mas dizemos o que é razão, ca pois a Deus apraz esta pestelença tanto damno fazer nos vossos, que espaceis a cousa pera tempo pertencente. D'outra guisa querendo n'ella mais aprofiar, parece-me que já este feito levaria caminho pera o arraial ser cedo orphão dos melhores que comvosco vieram.

— «Em verdade, disse el-rei, o vosso conselho é mui bom, e eu assim o quero fazer, e pois vós dizeis que meu avô cercou Gibraltar, e não embargando que désse a peste nos seus, que por quanto elle tinha aquella villa, que muito prezava de filhar, assim aficada, sem esperança de nenhum soccorro, que a poucos dias seria sua, que porém a não quiz descercar, posto que muitos dos seus morressem, até que a morte o privou da vida, e tudo isso fez por cobrar uma curugeira de pouco valor. Ora vêde vós que posso eu fazer por cobrar uma tal cidade como esta? A qual cobrada, como eu espero, por aqui cobro todo o reino, e tenho-a já tão aficada por fome,

que os de dentro perecem sem combate, nem outra peleja, segundo as novas que hei de certo d'elles, e elles me rogarão com ella, antes de muitos dias, e me farão minha vontade. E porém quero seguir o conselho de meu avô, e não o vosso, nem d'outro nenhum que me levante d'aqui. De os meus morrerem me peza muito, porém quero cuidar que entraram commigo em uma batalha, na qual pereceram por sua honra, em defensão de meu reino, e ninguem me falle n'esto outra cousa.

El-rei não embargando que esto dissesse, bem via as razões que lhe davam, assim as do infante, como as do seu conselho, que eram justas e bem razoadas, mas seu grande e esforçado coração desprezava, e tinha em pouco toda a duvida e cuidança temerosa que acerca de taes feitos alguns sobre esto imaginar podiam, de guisa que pero duramente soffresse tal pena, sua vontade era induravel em não levantar seu cerco, e continuar o que começado tinha.

Em esto deram duas tramas á rainha, porém não de grande aficamento, por cujo azo el-rei determinou partir do cerco, e entonce alevantou seu arraial, um sabbado depois de comer, poendo os seus fogo em aquelle dia, e ao domingo seguinte, a todas as cousas de que se prestar não podiam, segundo é costume dos que leixam cerco, e ardendo toda a noite, era um dos grandes fogos que os homens viram.

E foi-se aposentar á outra parte da cidade junto com o mosteiro de Santo Antão, que é mui perto d'ella, e esteve alli um dia. E Nuno Alvares, que d'esto não sabia parte, quando viu taes fogos em Palmella, de noite, onde elle estava, ficou mui es-

pantado, e com grão torvação, cuidando que seria por alguns dos melhores, que com elle andavam, de que elle suspeitava, que não eram fieis em seu serviço do Mestre, porque os fogos eram tamanhos, que parecia que ardia toda a cidade.

Este nojo e cuidado lhe durou até outro dia pela manhã, que Lisboa pareceu claramente sem nenhum cajão de fogo.

E aos cinco dias do dito mez, uma segunda feira pela manhã, partiu el-rei de sobre a cidade, caminho de Torres Vedras, com toda a sua gente como quer que á noite começaram todos de caminhar, cada um como melhor podia de guisa que se na cidade houvesse tantos de cavallo que se atrevessem a pelejar com elle, bem lhe poderam fazer grande nojo.

E em começando el-rei seu caminho, mui mais do que ao cerco viera de ledo, chegando a tal logar de que perdia a vista da cidade, voltou o rosto com ella, e dizem que disse:

— «Lisboa, tanta mercê me faça Deus, que ainda te eu veja lavrada de ferros d'arados.

Alli começou de requerer sua gente, a qual ainda o anjo da morte não cessava de perseguir, morrendo alguns pelo caminho, e nos logares onde depois chegou.

Foi-se dormir á Sapataria, que são cinco leguas da cidade, e ao outro dia a Torres Vedras, que eram d'alli tres, na qual villa a rainha sua mulher foi em ponto de morte das nascenças que do arraial levava, pero prougue a Deus que cobrou saude.

E assim durou o cerco depois que el-rei chegou ao Lumiar até tres dias do mez de setembro, que se alevantou de sobre a cidade, quatro mezes e vinte

e sete dias, não contando aqui o tempo que o mestre de Santiago Pero Fernandes de Valhasco, com outras muitas gentes comsigo, começou de fazer cerco pela comarca do Lumiar, segundo em seu logar havemos contado. E se d'este tempo contarmos como alguns contam, porque por defensão todas as gentes do campo jaziam já dentro na cidade, com medo dos castellãos, e se gastaram mantimentos, diremos que foram sete mezes.

El-rei partiu de Torres Vedras e chegou a Santarem com sua mulher e gentes que levava, onde o leixemos, em quanto nos formos vêr que fez o Mestre e os da cidade, depois que el-rei alevantou o cerco.

CAPITULO CLI

Como os da cidade ordenaram procissão por darem graças a Deus, e da prégação que fez um frade n'ella.

Quando o Mestre e os da cidade viram como el-rei se alçava e partia com suas gentes, e como alçara o cerco de sobre ella, no tempo de sua mais aficada tribulação, que á mingua de mantimentos viver não podiam, foram todos tão ledos com sua partida, quanto se perfeito dizer não póde, dando muitas graças a Deus que se d'aquella guisa amereceara d'elles, e sahiram fóra da cidade por vêr o sentamento do arraial, que já era queimado, e acharam muitos doentes n'aquelle mosteiro de

Santos, que dissémos, e uzavam com elles de piedosa caridade, posto que seus inimigos fossem.

No segundo dia, ordenaram logo uma grande e devota procissão, na qual todos fossem descalços ao mosteiro da Trindade, que é dos muros a dentro do logar. E o honrado D. João, escudeiro, bispo que entonce era d'essa cidade, partiu descalço da egreja cathedral da Sé, revestido em pontifical, com o corpo do Senhor nas mãos, a mais honesta e honradamente que se fazer póde, muito acompanhado d'ordens e clerezia, e des-ahi o Mestre com todo outro povo.

Chegando todos áquelle mosteiro, depois que fizeram sua devota procissão, começou de prégar um notavel e grande prégador, mui letrado e theologo, chamado por nome mestre Rodrigo de Cintra, da Ordem de S. Francisco, o qual fez uma solemne e comprida prégação, abastadamente de textos da Santa Escriptura, que seu proposito sabedormente trouve, do qual se mais dizer não póde, senão o modo que em ella levou, segundo muito em breve alguns leixaram escripto, e foi d'aquesta guisa.

Elle tomou por thema em começo de seu sermão: — «Misericordiam fecit nobiscum.» Tornando a dizer por linguagem: «Gram misericordia fez Deus comvosco.»

Depois declarou que cousa era Misericordia e Piedade, e como misericordia procedia por naturaes direitos, a qual era relevar homem seus proximos de miseria que padecem, e como toda perfeição da religião christã está em misericordia e piedade.

E entonce tratou do que movera a el-rei de Castella leixar seus grandes e poderosos reinos, contra o grão juramento dos tratos que prometera, e vir não

dignamente occupar o reino que lhe ainda o direito não concedia; dizendo que esto fizera uma não discreta cobiça, com deleitação de se assenhorear, desahi mau conselho d'alguns seus privados, com os quaes, depois de grandes trabalhos e mortes de muitos, ficaram sem nenhum fruito.

«Parae mentes e abri os olhos de vossos corações, disse elle, esguardae como vieram dias em estes reinos, e especialmente sobre esta cidade, em que seus inimigos a cercaram e pozeram em grande angustia, e por nossos pecados Portugal contra Portugal peleja, ficando tão pouco parte d'elle, que quasi nú e desamparado parece de todo, assim que toda a maldade em este tempo de grandes trevas, em umas e nas outras teve e tem corrupta intenção.»

E entonce fallou por claros exemplos da grande cidade de Samaria, que cercou Benadad, rei da Syria, no tempo do propheta Eliseu, sobre a qual, tendo seu cerco, foi a fome tão grande em ella, que davam uma cabeça d'um asno por oitenta reaes de prata, e um pouco de esterco de pombos para salgar vianda valia cincoenta, de guisa que, com tão grande fome, comiam os filhos, da qual mingua e pressa el-rei foi posto em tão grande coita, que rompeu suas vestiduras e pareceu o silicio, de que andava vestido, a cram da carne, e postos de todo em desesperação, se amerceára o Senhor Deus d'elles, dando tal espanto no seu arraial, que lhes parecia que grande hoste de gentes os perseguia, de guisa que fugiram todos sem curando de levar cousa alguma.

Contou da cidade de Jerusalem como fôra cercada por Senacherib, rei da Syria, sendo entonce Eze-

chias rei d'ella, e como tendo-a assim cercada, querendo-se Deus amercear d'ella, ferira o anjo de Deus uma morte ao arraial, e matára cento e oitenta e cinco mil d'elles, e fugira el-rei sómente com dez homens com grão temor e espanto que houve.

Disse mais do principe Olofernes como cercára a cidade de Betulia, e como lhe britou os canos das aguas que vinham de dentro á cidade, e lhe tolheu o logramento de umas fontinhas que eram acerca d'ella, de guisa que com grão mingua d'agua, começaram de se queixar uns contra outros, dizendo que melhor fôra servir a Olofernes que morrer assim de sêde, e que sendo assim n'esta pressa, ordenára Deus que sahisse fóra da cidade a santa mulher Judic, sob fingimento, que a visse Olofernes e a cobiçasse, e fôra assim que a vira e a cobiçára, e sendo-lhe levada á sua tenda se lançou elle farto de vinho e adormeceu primeiro, e ella cortou-lhe a cabeça com sua espada e tornou-se pera a cidade, e o outro dia achando os do arraial a seu senhor morto, e sendo mui torvados, começaram de fugir, e assim foi descercada a cidade. E tornando elle a comparar por modo a carestia e a fome de Lisboa e as outras minguas e padecimentos como a cidade de Samaria, e isso mesmo das outras cidades, e a grande misericordia que Deus fizera com ella em os livrar d'aquella maneira, taes similhantes comparações eram ouvidas com grandes choros e soluços, espargimento de muitas lagrimas, de guisa que parecia grão pranto feito por algum senhor, alçando todos as mãos ao ceu, e dando muitas graças ao Senhor Deus, que tão grande misericordia quizera fazer com elles.

— «Ora, disse elle, segundo esta cidade estava

attribulada e ardendo a fogo de sua gran tribulação na força de sua maior quentura, que era aficamento de grande cerco e sofrença de muita fome, o apagou Deus, porque seu apartamento não prestava cousa alguma que fazer podesseis contra o poderio de el-rei de Castella, não valiam missas nem prestavam orações que devotas pessoas podessem fazer, bradando a Deus que se amerceasse de nós e quizesse livrar esta cidade de poder de seus inimigos; de guisa que parecia que o Senhor Deus cerrava suas orelhas de nos ouvir e tornava sua face de nos querer livrar.

— «E nós assim postos na postrimeira parte de tamanha lastima e angustia, disse o mui alto rei Celestial, Padre dos grandes e Deus de toda a consolação no consistorio de sua sabedoria: Tempo é que hajamos compaixão da cidade attribulada, e não leixemos mais padecer como se dissesse:

— «Oh! cidade de Lisboa, ouvida é tua oração, e porque te amei, quero-te livrar, havendo de ti grão dó, e a astucia e mão forte e tua fiuza d'aqui em deante em mim será, mas por quanto aquelle grão rei de Castella era endurado em seu coração, a não descercar esta cidade, por cousa que havir podesse, até que a por fome ou força d'armas podesse tomar, não quiz Deus com elle ter outro geito por mostrar seu grande poderio, salvo aquelle que teve com el-rei de Pharaó, a que mandou por muitas vezes, que leixasse ir santificar a seu povo ao deserto, que pero o percudisse com grandes e estranhas pragas, nunca o quiz leixar de todo, até que o Deus tangeu com a decima praga, matando-lhe todos os primogenitos filhos, desde o filho do maior senhor do Egypto até o filho da mais pequena serva, que

havia entre elles, e dos filhos de Israel nenhum por entonce morria.

— «Assim o Senhor Deus começou de tanger de pestelença el-rei de Castella, ante que a esta cidade chegasse, que era signal e amoestamento que lhe não prazia de vir a ella, e elle por isso não leixou de vir. E depois que a teve cercada lhe começaram morrer alguns dos seus, assim da gente de bom estado, como d'outros de pequena condição.

«Des-ahi crescendo a mortandade, começaram a morrer dos fidalgos e senhores, que eram seus primogenitos, tanta multidão trigosamente, como todos bem sabeis. E elle por todo esto tinha sua vontade firme de a não descercar com quantos conselhos lhe davam sobre ello, até que Deus percudiu no seu primogenito filho que mais amava, que foi a rainha sua mulher, em a qual duas pestelenciaes postemas nasceram, e entonce seu duro coração com espanto da triste morte, se partio e descercou esta cidade, da qual cousa Deus comvosco fez mui grande mesiricordia, e não embargando que o Deus tangeu com aquella graça pestelencial, como vistes, ainda elle vae com tenção de tornar a este reino, pelo destruir e o sugigar, e acontecer-lhe ha em sua tornada, aquello que aconteceu a Pharaó com o povo de Israel, que depois que os leixou ir pera o deserto, foi depois elles com mui grande hoste, e cuidando de os perseguir e matar, foram mortos e destruidos quantos comsigo levava, e elle não cumpriu seu desejo; assim ha de acontecer a el-rei de Castella, que se elle tornar a este reino com a intenção que leva, Deus lhe matará tantos dos seus primogenitos, que são os grandes e honrados de seu reino, com quem britou a verdade que prometida

tinha, que nunca mais haverá vontade de tornar a esta terra. E elle põe sua esperança em multidões de muita gente, pera nos destruir sem por que, e nós esperamos em um só Deus, que nos livrará de suas mãos. O qual nos leixou padecer tantas pressas e tribulações, como vistes, por termos razão de o mais amar, quando nos d'ellas livrasse com boa fiuza.

«Ergo leixemos fazer ao Senhor Deus, que todas as cousas obra em bem, segundo sua mercê, e as quaes se faziam por seu justo juizo, como elle quer, a nós muito escondido.

«Ca d'outra guisa querer homem esto adivinhar, como e porque se esto assim faz, não é outra cousa senão dar guerra e cansar ao entendimento. Confessemos pois assim é, que somos dignos do que nos havemos por nossos peccados, e cheguemo-nos a Deus por pendoenças, e cantemos ao Senhor Deus cantar novo, assim como cantaram os judeus quando viram o que Deus fizera com elles, matando seus inimigos ante seus olhos; e digamos todos puramente e de vontade:

«Bento sejas tu, mui alto Deus principe dos reis da terra, doce solar dos atribulados, e muitas graças te damos, que nos quizeste ouvir, e do favo da tua doçura destilaste sobre nós a tão grande misericordia, abreviando os dias de nossa tribulação, que não fossem mais porlongados, que se mais tempo duraram, fôra grande duvida de o podermos suportar.

A ti bem digam e louvem todas as creaturas, e nós louvemos, e benzamos o teu santo nome pera sempre sem fim. Amem.

E estas e outras muitas razões, disse aquelle

frade em sua prégação, com que o povo muito chorava, alçando todos as mãos ao ceu, e dando muitas graças ao mui alto Deus, que os assim desabafara do poder de seus inimigos. E acabada a prégação, disseram missa mui solemnemente, e tornou a procissão á Sé com o corpo de Deus, assim como antes partira, todos com grande devoção, e muito consolados.

CAPITULO CLII

Como Nuno Alvares passou a Lisboa por fallar com o Mestre.

Soube Nuno Alvares, que estava em Palmella, como se alevantára el-rei do cerco e estava em Santarem, e prougue-lhe muito com taes novas, e foi certificado que elle fizera alardo de pouca gente não bem corregida pera repartir por suas fronteiras, e como homem mui sagaz e em toda cousa ardido, Nuno Alvares soube d'esto parte, e como haviam de vir com el-rei de Castella muitos mortos e doentes dos de sua companhia, entendendo que iriam a longe pelo caminho não bem cautelados; com grande e esforçado coração poz de todo em sua vontade de lhe ir sair deante, e com ajuda de Deus pelejar com elle e desbaratal-o com toda sua gente. E dizem aqui alguns, comtando em breve historia, que mandou pera ello pedir licença ao Mestre, e que elle lhe respondeu que lhe aprazia d'ello muito, e que lhe rogava que o aguardasse,

porque queria ser com elle em tal obra. E que por se esta cousa poer em trespasso, e o Mestre não ir ao tempo que compria, el-rei de Castella se foi seu caminho sem torva que de nenhum houvesse, de que Nuno Alvares muito pezou, e da licença que pedir mandára. Mas um outro compilador d'estes feitos, de cujos garfos por mais largo estylo enxertamos n'esta obra, segundo que cumpre, reconta isto por esta maneira:

Diz que Nuno Alvares estando em Palmella, sabendo novas, que já dissemos, que el-rei ia com grande desejo de poderosamente tornar ao reino pera o sugigar por força de guerra, ordenou de vir fallar ao Mestre, assim sobre a peleja que entendia de haver com el-rei de Castella, como d'outras cousas que muito cumpriam a seu serviço, não embargando que ainda a frota jouvesse toda sobre a cidade, assim como ante jazia. E por esta razão se veiu ao cabo do Montijo, que é em Ribatejo duas leguas da cidade, onde já tinha um batel prestes em que passasse. E quando houve de entrar no batel, um seu escudeiro de que muito fiava, chamado por nome Vasco Martins do Outeiro, fallou a Nuno Alvares a de parte, e disse:

« — Nuno Alvares, eu vos peço por mercê que não queiraes entrar em esse batel, nem fazer tal viagem pera além, ca eu vos digo que sonhava esta noite comvosco em este batel, que vos tomavam as galés de Castella, e a todos nós outros, que comvosco iamos, da qual cousa eu tomava nojo, que me queria matar quando via tal perda. E porém parece-me que é bem que escuseis esta ida por hora.

Nuno Alvares quando esto ouviu, respondeu mui manso e disse:

« — Amigo meu, eu vos agradeço vosso bom conselho, mas esta cousa Deus a fará melhor do vós dizeis, e pera vós não verdes esto que assim sonhastes, eu vos mando que fiqueis e não vades commigo, e por esta guisa vós não vereis vosso sonho cumprido, nem prazerá a Deus que seja assim.»

O escudeiro não embargando esto, disse que queria ir todavia com elle. E Nuno Alvaro não o quiz consentir, e assim ficou muito contra sua vontade.

E Nuno Alvares, desprezando todo o sonho e agouro vão, não mudava tenção do que proposto tinha, e entrou no batel com alguns seus, a horas de meia noite. E posto que se desviar podera, quiz atravessar por a frota, que jazia ante a cidade, e como foi entre ella, mandou logo dar ás trombetas.

Os das naus, quando esto viram, começaram de se alvoraçar, bradando todos: Armas, armas; e uns saltavam aos bateis, e outros vinham á borda, não sabendo que era aquello.

Porém alguns das naus perguntaram aos do batel quem ia alli.

E foi-lhe respondido que era Nuno Alvares; e vendo que lhe não podiam empecer, cessaram de começar nenhuma cousa contra elle. E foi esto no derradeiro dia do mez de Setembro.

CAPITULO CLIII

Como Nuno Alvares fallou ao Mestre e das razões que ambos houveram.

Chegou Nuno Alvares a terra ante manhã, e os que o assim viram, houveram grande prazer com sua vinda, e trouveram-lhe uma mula, em que cavalgou, e seu pagem atraz d'elle com a espada d'armas, que lhe enviára de gajas Pero Sarmento, quando houvera de vir á batalha com elle em Evora, e os seus todos de pé ao redor d'elle e muitos outros que o acompanhavam, e foi-se logo ao mosteiro de S. Domingos ouvir missa em Santa Maria da Escada, em que havia grão devoção, e como acabou de ouvir missa, foi-se direitamente aos paços onde o Mestre pouzava, o qual sabendo já parte como elle viera, fazia-se prestes pera o receber.

Em esto disseram-lhe como vinha Nuno Alvares, e o Mestre desceu ás portas d'um grande e espaçoso curral, que se fazia ante ellas, e quando o viu houve com elle grande prazer, e enviou-se rijo a elle abraçando-o, e não sómente o Mestre mas os seus com os de Nuno Alvares se abraçaram e beijaram nas faces, que pareciam que se não podiam fartar uns nos outros. Nuno Alvares se fincou em giolhos ante elle, por lhe beijar as mãos, e o Mestre não o quiz consentir, e elle estando em giolhos ante elle trabalhava por lh'as beijar, e o Mestre fel-o levantar, di-

zendo não era tal como elle pera lhe dar a beijar as mãos, mas pera lhe fazer muitas mercês e acrescentamentos. — «Maiormente, disse o Mestre, a tal como eu, que jouve aqui encerrado em este curral, sem fazer bem nenhum.»

A aquello respondeu Nuno Alvares tão boas e mesuradas palavras, que a muitos dos que ahi estavam, vendo tão animosa contenda, nasciam lagrimas nos olhos, com prazer, que lhe corriam pelas faces.

Em fim de suas razões, Nuno Alvares nunca se quiz alevantar até que o Mestre consentiu de lhe beijar as mãos, e entonce se levantou e foram-se ambos pera a camara, onde fallaram por alguns dias que hi esteve muitas cousas no proveito da guerra em que eram postos, e esperavam de ser; entre as quaes Nuno Alvares disse ao Mestre que elle fôra certificado por Pedro Eanes Lobato, que a elle enviára com recado da tomada de Monsaraz, que fallando com alguns fidalgos, dos que comsigo tinha, que a muitos d'elles entendera, que não eram fieis em seu serviço, e que porém lhe parecia que era bem que houvesse com elles que lhe fizessem todos menagem e o recebessem por senhor, assim aquelles que o recebido tinham, como os fidalgos e cavalleiros de entre Douro e Minho, que ficassem por seus vassallos pera o servir na guerra que esperavam, porque depois que se cada um fosse pera suas casas sem fazendo isto primeiro, que não seria tão seguro d'elles nem os teria assim obrigados, nem prestes pera seus serviços, e que esta fôra a principal cousa porque se demovera a lhe vir fallar, o qual lhe pedia por mercê que encaminhasse como fosse feito.

E o Mestre houve esto por bom conselho, e ordenou como se pozesse em obra.

E aos dois dias do mez de outubro foram todos os fidalgos e gentes da cidade juntos no mosteiro de S. Domingos, aos quaes o Mestre propoz dizendo:

— «Que bem sabiam como sendo elle prestes pera se partir do reino, por certas razões, que todos eram em consentimento, por aficados rogos e preces dos moradores da cidade, e isso mesmo de alguns fidalgos que presentes eram, tomára cargo de regedor e defensor d'estes reinos, por cuja defensão e emparamento elle soffrera e entendia supportar quaesquer cajões e trabalhos que lhe avir podessem, até aventurar-se por ello á morte. E que segundo elles viam a disposição em que o reino estava, e a intenção com que el-rei de Castella ia, que muito maiores trabalhos lhe eram presentes pera soffrer que os passados até entonces tinham, que por cobrar os logares que por Castella estavam e mais defender os que tinham sua voz, não se podia fazer senão sendo todos de um accordo e de uma vontade, de lhe ordenar d'onde se podessem haver despezas pera o supportamento de taes encargos.

E portanto ordenára, emquanto estavam todos juntos, de fallarem sobre estas cousas, que bem viam elles que o reino era acerca de partir, e que não eram postos em nenhum cuidado de o cobrar que quando fôra filhado aos mouros, porém fallassem sobre estas cousas, como se melhor poderiam fazer; ca em todo bom accordo que elles ordenassem elle era prestes de consentir.

CAPITULO CLIV

Como os fidalgos e povos fizeram menagens ao Mestre, e dos privilegios que deu á cidade.

FallADAS muitas e desvairadas cousas, assim pelos fidalgos como todo o povo, e posto ante seus olhos o mal e o bem, que de taes feitos haver podia, depois de largos resoados, que leixar queremos por não deter, sua postrimeira conclusão foi esta: que não embargando que todos os da cidade e alguns fidalgos dos que eram presentes e tivessem já recebido o Mestre por senhor, assim fidalgos como cidadãos, lhe fizessem menagem como a regedor e defensor dos reinos de Portugal e do Algarve, e que o servissem e ajudassem com os corpos e haveres que cada um havia, pois viam que estavam em tempo de haver mister. E mais que fossem chamados aquelles concelhos que por Portugal mantinham voz, e todos em Coimbra, com os fidalgos e prelados que hi fossem juntos, fallassem sobre o provimento da guerra, e d'onde se podiam haver as despezas pera ella necessarias.

E isto assim determinado veiu aos seis dias do mez de outubro da era presente, já nomeada de quatrocentos e vinte e dois, foram juntos no paço d'el-rei, onde o Mestre pouzava, o conde D. Gonçalo e D. Frei Alvaro Gonçalves, priol do Esprital, e Nuno Alvares Pereira e Diogo Lopes Pacheco e outros senhores com todos os fidalgos, assim cavalleiros como escudeiros, e todos moradores da cidade e de

outros logares, que a tal feito cumpriam de estar. Os quaes juntamente, e cada um por si, juraram aos Santos Evangelhos, corporalmente tangidos, e fizeram preito e menagem ao Mestre, como a seu senhor, de o servir e o ajudar com todas suas forças assim contra el-rei de Castella, como contra qualquer outro que lhe algum nojo fazer quizesse, e lhe beijaram a mão por senhor d'elles do coração e obra, outros fingidos e não de vontade, como se depois mostrou, e elle prometteu e jurou de guardar todos os seus privilegios e liberdades, que havia de manter o reino em direito e justiça.

Tanto que esto foi acabado viu o senhor Mestre, como os moradores da cidade mostravam tal desejo de o servir, que maior ser não podia, despondo-se em toda guisa a levar este feito ávante, não embargando o cerco e fome em que foram postos, e des-ahi a destruição dos bens que tinham passado, e esperavam de receber até despoer os corpos á morte, por serviço seu, e honra do reino.

Como nobre senhor, de real coração, e que não sómente abundava largueza de grandes dões, mas ainda se podia d'elle bem dizer que era corrente rio de limpa e virtuosa grandeza, com firme proposito, sem fazer tardança, poz logo em sua vontade de regar os corações d'elles das mais doces aguas dos agradecimentos, e chamou esses do seu conselho, assim como o conde D. Gonçalo, e D. Frei Alvaro Gonçalves, priol do Esprital, e D. Lourenço, arcebispo de Braga, e D. João, bispo de Lisboa, e D. Payo de Meira, bispo de Silves, e Nuno Alvares Pereira e Diogo Lopes, senhor de Ferreira, e o doutor João das Regras e outros assaz que aqui não dizemos. E propoz ante elles, e disse que bem

sabia como a cidade de Lisboa era a melhor e maior que no reino havia; e como ella fôra a primeira que tomara voz e esforço pera defender estes reinos da sujeição em que os el-rei de Castella quizera metter sem teudo razão de todo sogigar a elle, fazendo muito por ser assim, na qual sugeição os de Lisboa nunca consentir quizeram, e o tomaram por defensor e regedor d'elles, assim como outras villas e logares do reino, depois, por seu azo fizeram similhantemente.

Des-ahi como ella por esta razão fôra cercada por mar e por terra, como todos viram no qual cerco, que assim houveram, perderam muitos dos bens que haviam e espargeram muito do seu sangue, por cujo defendimento, com a graça do mui alto Deus o reino ficava em parte livre e fóra de tal sujeição, na qual ficára se elles e ella quizeram consentir. Além d'isso que elle esguardava as grandes despezas que até alli fizeram e lhes convinha fazer, por honra de seu estado e exalçamento do reino, e que lhe prazia que aquelles que tamanha demanda quizeram levar adeante, como era defender a terra do grande poder de seus inimigos, que lhes convinha supportar seus perigos e trabalhos, que adur se podiam galardoar com mercês, porém por galardão de tal façanha, e por ficar memoria para sempre a aquelles que depois viessem, elle tinha cuidado de dar privilegios e fazer mercês á dita cidade, em recompensa d'estes tão grandes serviços; os quaes posto que em egualação não fossem do que ella merecia, que ao menos seu desejo era de a fazer franca e livre de sacarias de alguns direitos de pequena condição, que os reis em ella e em seu serviço e costume até aquelle tempo haviam, de guisa que to-

dos vivessem sem refezes sujeições, uzando livre mente do que houvessem.

E ditos por elle quaes eram, não foi tal que o contradissese, mas cada um dizia que era muito pouco em comparação de tão assignalados serviços, quaes eram os que ella fazia e continuava de fazer, razoando sobre tal feito muitas cousas e dizendo que posto que outras cidades e villas do reino mantivessem sua voz e tenção, ca todo era em esforço e favor de Lisboa, tendo mentes que como ella fizesse assim fariam todos; em tanto que honra e perda do reino em ella sómente estava de todo. A qual cousa era muito de notar, louvando todos a grande bondade do Mestre por tão virtuosa tenção, acerca d'esto ter cuidado, dizendo que Deus lhe encaminharia depois seus feitos, com tanta sua honra e exalçamento de seu estado, que elle lhe agalardoaria cada vez melhor, com abundancia de largas mercês.

Entonce lhe quitou estes costumes e direitos, que haviam em uzança de pagar, s. relego, lugadas de pão e de vinho, mordomado e anadavas, açougagem, selario, mealharia, londos e alcavalla. E mais lhe fez mercê dos passos em que tiravam taes direitos, assim como do trigo que está sob a portagem, e que em outro tempo fora carneçarias, e do passo das fangas da farinha, e do passo onde os carniceiros hora cortam a carne, e mais lhe deu dezaseis tendas, que eram des o Arco das Mercearias, até á Porta das Carnaçarias, s. oito d'uma parte, e oito da outra, as quaes mandou que se derribassem por a praça da cidade ser mais formosa.

Deu-lhe mais dois tabelliados, que havia em Oeiras, e no Reguengo de Ribamar, por não haver ou-

tros tabelliães no termo, e não sómente lhe tirar este costume e direitos, mas ainda deu mais outros, e privilegios a todos os visinhos da cidade e de seu termo, que entonce eram e ao deante fossem, que não pagassem em todos os logares do senhorio de Portugal e do Algarve portagem, nem uzagem, nem costumagem, nem outro nenhum direito nem tributo de todas as mercadorias que levassem pera cada um logar dos ditos reinos, ou que trouxessem d'outros logares pera a dita cidade, assim pera seus mantimentos, como pera vender.

E d'esto lhe mandou fazer escripturas, as mais fortes que poderam, com que os da cidade foram mui contentes, e elle cobrou grão louvor e fama.

Os quaes lhe pediam por mercê, que mandasse logo derribar o castello d'essa cidade.

Sendo outhorgado por elle, foi derribado em terra, sem outra tardança.

E em esse dia fallou Nuno Alvares ao Mestre, como sua firme vontade era, quando el-rei de Castella partisse de Santarem sair-lhe ao caminho a Chão do Couce, e uma manhã vir dar sobre elle, e que entendia, com ajuda de Deus, de o desbaratar, e que lhe pedia por mercê que lhe desse licença pera esto, dizendo que se elles haviam de pelejar com elles á vinda com muitas gentes, e bem corregidas, que melhor pelejariam entonces com poucas companhas, e mal ordenadas.

O Mestre entonce respondeu que lhe prazia muito, e que pera tal obra elle queria ser seu companheiro, e que porém se tornasse elle pera Palmella, e que o aguardasse alli; e que se passaria além com os mais que podesse, e d'alli partiram a ir buscar

el-rei e pelejar com elle, tornando-se entonce Nuno Alvares da guisa que viera no batel.

E aguardando o Mestre pera esto que dizemos, partiu el-rei entonce mais cedo do que elles cuidavam, mas sabendo porém d'este ordenado, Nuno Alvares foi-se pera Evora, onde folgue um pouco, até que vá tomar Portel.

Nós iremos emtanto poer el-rei de Castella fóra do reino.

CAPITULO CLV

Como el-rei de Castella chegou a Santarem e ordenou alcaides em alguns logares.

Partiu el-rei de Torres Vedras, chegou a Santarem com sua mulher, a qual ia em umas andas, ainda de redea.

Alli começou de ordenar como ficassem seguros e defensos os logares que mantinham sua voz, e uma segunda feira fez alarde em Valada por vêr que gentes tinha pera partir, assim as que ficassem em cada um logar, como as que havia de levar comsigo.

Em o alarde foi bem pouca gente e mal corrigida, como homens que vinham de sobre cerco, e os mais d'elles morreram os senhores com que viviam. E tirou el-rei em Santarem de alcaide Lopo Fernandes Padilha, por o levar comsigo, e leixou na villa por fronteiro Diogo Gomes Sarmento, seu irmão, e na Alcaçova mandou que ficasse Gonçalo Pires de Valderavanos e com elles oitenta lanças e

trezentos bésteiros. Em Cintra leixou o conde D. Anrique Manuel, e em Torres Vedras um cavalleiro de Castella, que diziam João Duque, e em Alemquer Vasco Pires de Camões, e em Obidos João Gonçalves Teixeira, e em Leiria Garcia Rodrigues, meirinho-mór que fôra d'el-rei D. Fernando, e em Torres Novas Pero Lopes de Texeda, natural de Castella, e commendador de Santiago, por levar comsigo Gonçalo Vasques d'Azevedo, que fez um bom jogo, que n'este capitulo contaremos. E em Penela e em Miranda leixou o conde de Vianna, e isso mesmo nos outros logares leixou aquelles que os tinham, segundo tratamos, onde cumpria outros, alguns em seu logar, assim como o priol D. Pedro Alvares, que se foi entonces com el rei, e nas fortalezas de seu priolado leixou certos que as aguardassem; e Gonçalo Eanes em Castello de Vide, e em Villa Viçosa Vasco Porcalho, commendador da Ordem de Aviz, e em Portel Fernão Gonçalves de Sousa, em Monforte Martim Eanes da Barbuda, e em Campo Maior e Ouguella Paio Rodrigues Marinho, e em Olivença Pero Rodrigues da Fonseca e em Moura Alvaro Gonçalves, e em Mertola Fernão d'Antes, commendador-mór da Silva, e em Ponte de Lima Lopo Gomes de Lira, e em Braga João Lourenço Bubal, e assim outros alcaides nos logares que tinha. E tambem n'estes como nos outros e em todos ficaram gentes de escudeiros e bésteiros e homens de pé, aquelles que el-rei viu que pera cada um cumpria. E fallando aos alcaides, que fallar pôde, a outros escreveu, que se tivessem firmes e defendessem tambem suas fortalezas, ca elle Deus aprazendo, entendia de tornar mui cedo, e esguardaria todos com grandes galardões e mercês.

E dizem que tão minguado foi alli el-rei de dinheiro pera pagar o soldo ás gentes que leixava, que antes mandou desfazer sua grande baixella de ouro e prata que trazia, e cortavam-n'a á thesoura e davam-n'a em marcos a cada um.

Ora em este logar deveis saber que, posto que alguns culpassem Gonçalo Vasques d'Azevedo, que elle fôra em conselho e em azo de darem Santarem a el-rei de Castella, que elle não esteve porém no cerco com elle nem se tremeteu mais de seus feitos, sobre estar sempre em Torres Novas, não determinando qual porte teria até vêr o fim de tamanho negocio.

Mas outros rezoam isto pelo contrario, dizendo que estando elle em Torres Novas, por suas cartas e mensageiros enviou dizer ao Mestre que lhe perdoasse todo o que passado era, que elle o serviria bem e lealmente contra el-rei de Castella e contra quaesquer outras pessoas, e d'esto lhe enviou firmeza sua por palavra e por escripto, e que ao Mestre prougue d'ello muito, e que deu pera elle e pera suas gentes soldo e dinheiros e em outras joias.

E esta razão parece mais certa, porque Alvaro Gonçalves, filho d'este Gonçalo Vasques, se lançou entonce da parte do Mestre em Lisboa, na frota do Porto, mostrando-lhe o Mestre grande gasalhado e muito boa vontade, até que fugiu com Gonçalo Rodrigues de Souza e foi pera os castellãos. Quando el-rei d'esta vez chegou a Torres Novas, Gonçalo Vasques não o sahiu a receber, nem el-rei não pouzou no castello, e quando viu esto, por entender que lhe não prazia, e pouzando assim na villa, nenhum castellão não entrava dentro, mas á porta lhe vinham fallar quando lhe algum recado queriam di-

zer. E porém el-rei mandava rogar que lhe viesse fallar, sempre se escusava de o fazer, receando-se o que lhe depois aveiu; el-rei tendo d'isso grande sentido, crendo que como elle d'ahi partisse que Gonçalo Vasques logo dava volta e se tornaria da parte do Mestre, cuidando todavia de o levar comsigo, e foi d'esta guisa:

A soltura que os homens dão ás mulheres, que muitas vezes lhe trazem deshonra e perda, encaminhou Ignez Affonso, mulher de Gonçalo Vasques, fosse vêr a rainha D. Beatriz, sua cunhada, e isso mesmo el-rei, e ambos disseram o não bom geito que seu marido mostrava em os servir, de guisa que elle não tinha em elle boa experiencia, dizendo-lhe quantas boas razões tinha pera amar seu bom serviço, e elle de lhe fazer mercês e acrescentamento, as quaes ella por ligeiro siso todas concedeu á sua vontade, promettendo-lhe que ella o reduziria de todo ponto a seu serviço, e quando tornou pera seu marido, começou de lhe prégar todas as razões que lhe el-rei e a rainha disseram, e grande honra e acrescentamento em que tinham em vontade de o poerem, e que porém désse o castello a el-rei e se fosse em sua companhia, e que ella assim lh'o aconselhava, dizendo que a tenção do Mestre era uma abusão sem fundamento, em que alguns nescios de pouco entender cahiam e os sisudos se guardavam d'ello; que pois a rainha renunciára o regimento em poder d'el-rei, des-ahi a rainha D. Beatriz era herdeira do reino, a que nenhum contradizer podia maiormente, sendo já tantos logares por ella em Portugal contra Portugal. E bem mostrava ser todo al vento, como elle muito cedo veria, e o Mestre não havia poder de se amparar ao grande poderio d'el-rei

de Castella, ainda que tivesse vinte tantos dos que tinha. Gonçalo Vasques ouvia bem todo, e não respondia cousa de que ella fosse contente, tendo elle a sua vontade incerta, como alguns outros tinham, quando viram que el-rei tornava pera o seu reino, não acabando porque viera, que era azo de mui grande duvida.

Ignez Affonso vendo que se não podia induzir a seu marido, com formosura de palavras, a dar o castello e se ir com el-rei, ordenou que a hora que elle não tivesse geito de perguntar por ella, se saiu escusamente por a porta da traição, dizendo que a mandava el-rei chamar, e foi-se ao paço pera fallar com elle. Escuzando-se d'ello com algumas razões, enviou-lhe el-rei dizer em resposta que não fazia força quer fosse quer não, que pois elle já tinha sua mulher em poder, ficasse elle com Deus, que elle a levaria comsigo pera Castella. Gonçalo Vasques quando esto ouviu ficou torvado de tal razão e perguntou aos seus por ella, e disseram-lhe da guisa que se fôra, de que ficou mui espantado.

Movido entonce por coração femenino, a que as mulheres chamam mavioso, por lhe não levar a mulher, foi fallar a el-rei, e elle depois que o teve comsigo, mandou a mulher a Evora pera o castello e levou Gonçalo Vasques e Alvaro Gonçalves, seu filho, caminho de Castella.

E partiu de Torres Novas, leixando por guarda do logar Affonso Lopes Texeda, com as gentes que cumpria, e quando a Lisboa chegou recado que el-rei de Castella partira d'aquelle logar pera seu reino, que foi aos quatorze dias do mez de outubro, em este dia mandou o Mestre decepar dois pés e duas mãos, e poer na forca um homem chamado João do

Porto, que fôra escrivão da camara d'el-rei D. Fernando, por cartas que falsara do dito rei, sendo vivo, e isso mesmo do Mestre depois que foi regedor.

E d'ahi a sete, que foram vinte e um dias do mez, se partiu a frota d'el-rei de Castella pela manhã, assim naus como galés, e á vespera tornaram todas por tempo contrario que houveram. E depois aos vinte e oito dias se foram todas sem mais tardar. E a quem diz que esta frota jouve sobre Lisboa, antes que el-rei veiu á batalha, dizei que o sonhou quando esto escreveu.

CAPITULO CLVI

Como el-rei de Castella partiu pera seu reino e da maneira como iam

Emquanto el-rei de Castella esteve em Santarem, vieram-se pera irem em sua companhia todos os que alguns senhores tinham mortos, pera os levarem pera suas terras, segundo havemos contado.

E partiram d'Obidos e de Alemquer, e dos outros logares que por Castella estavam, e ajuntaram todos com elle em aquella villa, e quando se el-rei partiu d'aquelle logar, partiram todos com elle, e levaram esta ordenança.

Elles iam todos deante sem mistura d'outra gente d'armas, e cada um levava seu senhor em seu ataude, coberto de dó, posto em cima d'uma azemula, e arredor d'ella todos de pé vestidos de grande luto,

e detraz os de cavallo, que o acompanhavam na vida com a bandeira das suas armas. Logo junto acerca d'elle, e assim, iam todos juntos entre outro, por grande espaço de caminho, a qual procissão era triste e dorida de vêr. El-rei de Castella ia detraz com suas companhas assaz de bem annojado, e desacompanhado dos senhores e fidalgos, que á primeira comsigo levara, segundo pertencia a seu real estado.

Como poderia haver prazer no coração d'el-rei, o qual tantos e tão bons vassallos trouvera comsigo, e assim guarnecidos e ledos pera o servir e ajudar, em tão breve tempo os via levar todos ante si mortos, sem que nenhuma cousa de suas honras fizessem.

Certamente crêde que segundo o grande nojo que entonces el-rei levava, por estas e outras gentes que perdera, e isso mesmo; posto que com elle iam, des-ahi o grande quebramento dos corações que acompanhavam os mortos, e mui pouca gente, que com elle entonce viera, com boa vontade de lhe fazer nojo, que em mui pouco espaço podera cumprir seu desejo.

D'esta guisa, que dizemos, levou el-rei seu caminho até que chegou ao estremo onde cada um tiveram cuidado de levar a enterrar seus senhores, aos logares de onde lhe pertenciam, e el rei foi-se pera Sevilha, e alli ordenou que D. Pedro Nunes de Godoy, mestre de Calatrava, fosse mestre de Santiago, e que D. Pedro Alvares Pereira, mestre do Espital, que era ahi com el-rei, fosse mestre de Calatrava, como quer que a muitos desaprougue d'esta mudança que el-rei fez, mas os freires d'esta Ordem fizeram o que lhes el-rei mandou, e o que se

chamava Papa Clemente, com que entonce el-rei tinha, confirmou-lhe estas permudações.

E como D. Pedro Alvares foi feito mestre de Calatrava, fez el-rei logo conde de Barcellos o conde de Maiorcas, e Gonçalo Vasques d'Azevedo adiantado de Castella-a-Velha.

Dizem alguns, que esto começava el-rei de fazer receando-se dos que tinham seu bando fazerem depois mudança, porque sua honra fosse abalada, segundo as cousas qne haver podiam.

E portanto sob fingimento de trigoso galardão, mostrando grão desejo de acrescentar aquelles que sua voz tomavam, quizera logo dar todo Portugal áquellas honradas pessoas de que lhe algum estorvo depois podia nascer, e as honras e dignidades que havia no reino, dal-as a seus naturaes pera segurança de seu estado.

Outro sim porque até aqui nomeamas dois priores do Crato, e não dissemos como isso era, sabei antes que ora al comecemos de dizer, que se chamava d'esta guisa:

Alvaro Gonçalves Camello por seus bons merecimentos, em tempo d'el rei D. Fernando, foi privilegiado pelo grão mestre da ordem do priorado em Portugal.

El-rei, que maior desejo havia de o haver Pedro Alvares, filho do priol D. Alvaro Gonçalves seu padre, encaminhou como lhe prouguesse d'ello, o que chamavam Papa Clemente, porque el-rei tinha declarado, dizendo que o grão Mestre tinha com o Papa Urbano sexto, e que não curava do provimento que fizera a Alvaro Gonçalves, e d'esta guisa houve D. Pedro Alvares o priorado, e o outro ficou seu, e quando o Mestre começou seus bons

feitos, e se Alvaro Gonçalves chegou a elle pera o servir, havendo o Mestre a D. Pedro Alvares por seu inimigo, e este por bom servidor, poz-lhe nome de priol, posto que outro houvesse a renda; e este houve do Mestre grandes mercês, até que depois houve o priorado.

Mas ora leixemos el-rei em Sevilha, como dissemos, juntando suas gentes, e armando frota pera tornar a Portugal, e contemos como Nuno Alvares tomou Portel, e do que se depois haveiu a Lisboa e ao Mestre, até que foi alçado por rei em Coimbra.

CAPITULO CLVII

Como Nuno Alvares cobrou a villa de Portel, por azo d'alguns que dentro moravam.

Entre os logares que voz tinham por Castella, entre Tejo e Odiana, era um d'elles a villa de Portel, da qual era alcaide um grande fidalgo portuguez, que chamavam Fernão Gonçalves de Sousa, casado com D. Thereza Meira, aia que foi da rainha D. Beatriz, que entonce era de Castella, e dizem que por conselho d'esta sua mulher tomou elle voz contra Portugal, e se tornou castellão, como Gonçalo Vasques de Azevedo, e outros, e afóra as gentes que comsigo tinha, estava no logar por fronteiro D. Garcia Alvares, senhor de Villa Garcia, mestre que depois foi de Santiago, com cento e vinte lanças, e outras gentes de cas-

tellãos. E estando assim o logar por Castella, receando-se Fernão Gonçalves dos moradores d'elle, tomou-lhe as armas a todos, e pol-as no castello.

Aveiu um dia, que os de Evora foram correr a Portel e levaram alguns gados e prisioneiros, e Garcia Fernandes saiu a elles com sua gente, e os da villa em sua companhia, e não levaram al senão capas nos braços e pedras nas mãos.

Garcia Fernandes quando aquello viu, houve-os por bons, e disse a Fernão Gonçalves que lhe não parecia razão aquelles homens estarem sem armas d'aquella guisa, ca posto que alguns bem quizessem fazer, não tinham com que, e que parecia mui mal, indo com elles, com capas nos braços e pedras nas mãos.

Assim por estas e outras palavras que lhe sobre ello fallou, se demoveu Fernão Gonçalves a lhe dar as armas.

Em este logar de Portel havia um clerigo de missa, que chamavam João Matheus, e desejava muito que a villa estivesse por Portugal, e tivesse voz pelo Mestre, e pensou em seu coração que esto se poderia fazer bem, havendo chaves contrafeitas pera abrir as portas quando elle quizesse, e tomou cera, pol-a sobre as fechaduras, e foi-se escusamente a Evora, onde Nuno Alvares estava, ao qual fallou da maginação que cuidava e tinha, e como se queria trabalhar de haver chaves feitas pera abrir as portas de noite, e depois que as concertadas tivesse, que lh'o faria saber.

Nuno Alvares lh'o agardeceu muito, como aquelle que havia grande despeito porque estava Portel por Castella, e porque era logar de sua fronteira, e onde elle muito comarcava, disse que se tra-

balhasse de o poer em obra, e que o Mestre lhe faria por ello muitas mercês.

O clerigo mandou fazer as chaves em Evora, e foi-se com ellas a Portel, muito encobertamente, e foram feitas de guisa que desfechavam as portas em que elle tinha fallado com João Longo, e outros que eram velas sobre aquella porta, a que muito prazia d'ello.

E Nuno Alvares foi ledo com taes novas, e acordaram que um dia certo partisse ao serão com suas gentes, e andasse aquellas seis leguas de tal guisa, que amanhecesse alta madrugada acerca da villa, assim que a noite os cobrisse da vista do logar. E o signal certo pera chegar seguro ás portas, seria este:

Por quanto a rolda dos castellões andava pelo muro, requerendo as velas, e poderia ser que á chegada da porta, seria ello entonce presente, a qual cousa era grão perigo, portanto, quando a rolda viesse acerca d'aquella porta, que elles bradariam altas vozes apupando: —«Eis a raposa vae,»— e que entonce estivessem quedos e não movessem nada, e que bradassem, nomeando raposa, que entonce movessem á pressa, e achariam as portas abertas.

E esto assim ordenado, Nuno Alvares se percebeu d'algumas gentes, não mostrando sua tenção pera onde era, e partiu um dia de Evora sobre a tarde, e levou caminho de Evoramonte, bem uma legua da cidade, e depois tomou por uma ribeira a fundo, e atravessando sempre seu caminho, até que foi sair á estrada que vae pera Portel, a um logar que chamam Torre dos Coelheiros, que são d'ahi tres leguas, e entonce folgaram um pouco, e alguns dormiram.

Des-ahi cavalgaram e foram de geito, que antes da manhã bom espaço, chegaram a perto do logar, e sendo a noite assim cerrada, e elles com tal assocego, que os da villa não souberam d'esto parte, ali descavalgaram todos, e se pozeram a pé terra com os bacinetes na cabeça e suas costumadas armas, com as lanças nas mãos, e começaram de andar outra vez, o mais encobertamente que se fazer pode. E os da villa, que d'esto tinham esperto cuidado, como sentiram que eram acerca e viram vir a rolda pelo muro, apupando:

— « Eis a raposa vae, eis a raposa vae; — «que era certo signal entre elles, e depois que a rolda pouzou já longe, começaram elles de cantar e dizer outras razões.

O clerigo João Matheus, que de abrir as portas tinha maior cuidado que de rezar as matinas, foi logo mui passamente a ellas, abriu-as e a gente de Nuno Alvares começando de entrar, alguns castellãos que estavam com as velas, houveram d'elles já quanto sentido, e começaram de bradar, dizendo: — «Armas, armas, Castella, Castella.»

Nuno Alvares, vendo que era descoberto mandou dar ás trombetas.

Garcia Fernandes e todos os seus sentiram a cousa como era, e acolheram-se ao castello, d'elles em camisa e outros mal vestidos o mais á pressa que se fazer pode. E este Garcia Fernandes, quizera Nuno Alvares haver por prisineiro, se tão cedo não fôra descoberto, e cobraram os seus todas as armas e bestas de todos os castellãos, e todo quanto tinham, que não poderam salvar nada.

CAPITULO CLVIII

Como entregaram o castello a Nuno Alvares, e se foi Fernão Gonçalves pera Castella.

Fernão Gonçalves, que no castello estava, como dissemos, era o mais soberboso homem que em Portel havia, e mui solto em suas palavras, e quando viu tal obra ficou espantado, entendendo bem que os do logar azaram aquello, mas não soube remedio que fazer a tal feito.

Assocegados todos, e roubado todo quanto acharam, mandou-lhe Nuno Alvares dizer que lhe desse aquelle castello pera o Mestre seu senhor, senão fosse certo que o combareria logo, e o romperia por tres partes.

Fernão Gonçalves, pero estivesse assaz nojoso, não leixou de uzar d'aquello que por natureza tinha, e deu logo em resposta a quem lh'o esto disse:

—« Dizei a Nuno Alvares que devia pezar a Deus com tanta soberba e ameaça, que ainda que o castello de Portel fosse braga de pannos de França, que tem tres buracos, não romperia tão azinha, como elle diz que romperá este castello. Ora vós hi, e dizei que haverei meu conselho».

E esse dia gente de Nuno Alvares e alguns de Beja, que eram com elles, depois que cearam, sem lh'o mandando nenhum, supitamente sem outra ordenança, começaram de combater o castello, bradando que pozessem fogo ás portas.

Fernão Gonçalves quando viu aquesto disse contra os seus em favor.

—« Vistes nunca mais estranha cousa que esta, que por ter combate Portel?»

E esto dizia elle por a abundancia que dos muitos bons vinhos, que ha em aquelle logar, dando a entender que beberam mais do que lhe cumpria, e por tanto se demoveram a fazer aquello.

Nuno Alvares mandou entonce que não combatessem mais, ca poderiam perecer alguns sem podendo fazer cousa que muito aproveitasse.

Entonce mandou Fernão Gonçalves rogar que lhe prouguesse de fallar á salva fé. Nuno Alvares disse que aprazia, e fallaram ambos á beira do castello, que é contra a porta de Beja, na qual falla Nuno Alvares, por reduzir ao serviço do Mestre a Fernão Gonçalves: que se maravilhava muito de ser tão bom fidalgo e de grande linhagem, des-ahi lidimo portuguez, como era, e além d'esto ser senhor d'aquelle logar e de Villalva e de Villarviva, leixar todo por dar Portel a el-rei de Castella, leixando o certo pelo incerto: que lhe parecia que não houvera bom conselho, porém, não embargando esto, se a elle prouguesse de tomar voz por seu senhor o Mestre, que elle haveria com elle que lhe desse todos os outros logares, e lhe fizesse muitas mercês.

Fernão Gonçalves respondeu e disse que Nosso Senhor sabia bem que rependido era do que tinha feito, mas que já de outra guisa não podia ser senão levar adeante o que começára, mas que lhe rogava que fizesse com elle, e com os castellãos algum preitejamento, que razoado fosse.

Nuno Alvares disse que fallasse elle com D. Garcia Fernandes, e com os outros, e segundo a preitezia que pedissem, assim lhe responderia.

Tornou Fernão Gonçalves pera o seu castello, e logo o outro dia lhe mandou dizer que os leixasse ir em salvo pera Castella, com todo o seu, entregando-lhe o que lhe tomado tinham, e que lhe dariam o castello, comtanto que lhe fizessem juramento.

A Nuno Alvares aprougue d'esto, e fez aquelle juramento que lhe foi requerido, entre os quaes que esto juraram foi Fernão Pereira, seu irmão, que era hi com elle.

Entonce mandou Nuno Alvares entregar a Garcia Fernandes e a Fernão Gonçalves todo o que foi achado que era seu, salvo uma cota e uma espada de D. Garcia Fernandes, que Fernão Pereira escondeu, sem sabendo Nuno Alvares parte.

Esto assim feito, Fernão Gonçalves com sua mulher e com todos outros se fizeram prestes pera se partirem.

Nuno Alvares mandou com elles pera os poerem em salvo em Castella, um bom escudeiro d'Evora, que chamavam Diogo Lopes Lobo. E quando Fernão Gonçalves e sua mulher houveram de partir da villa, pero pouco prazer tivessem, começou a dizer que lhe chamassem as trombetas pera tanger, dizendo a sua mulher:

— «Andae, andae por aqui boa dona, iremos bailando, vós e eu ao som d'estas trombetas, vós por puta velha e eu por vilão, que assim o quizestes vós, ou cantemos d'esta guisa: pois Maria bailou, tome o que ganhou, melhor era Portel e Villa Ruyva que não Cacella e Segura, tome o que ganhou, dona puta velha.»

E esto dizia elle, porque perdia Portel e Villa Ruyva, e davam-lhe em Castella, Cacella e Segura.

Des-ahi esta voz que tomára era fama que sua mulher o demovera que o fizesse.

E estes sabores e outros ia dizendo Fernão Gonçalves, emquanto foi pela villa e pelo arrabalde.

Des-ahi cavalgaram e foram-se caminho de Castella, e Nuno Alvares poz segurança e regimen no logar qual cumpria, e tornou-se a Evora.

CAPITULO CLIX

Do nome de algumas pessoas que ajudaram ao Mestre a defender o reino.

Pois esta obra é compilada, segundo a pouquidade do nosso engenho, a nós parece ser digna cousa e boa, que aquelles que foram companheiros ao Mestre em seus grandes e virtuosos trabalhos, houvessem quinhão de alguma relembrança que sómente ficasse em escripto, ca se o escorregamento dos grandes tempos gasta a fama dos excellentes principes, muito mais alongada edade soterra os nomes das outras pessoas dentro no moimento com elles.

E porque em começo de seus bons feitos, o Mestre houve fidalgos e cidadãos que o bem e lealmente serviram, poendo os corpos e vida por honra do reino, injuria nos parece que seria feita leixal-os cahir em perpetuo esquecimento. Ca assim como este

senhor, de que fallamos, com grande largueza de especiaes dons, galardoou todos sem ficar nenhum, assim deveram os velhos auctores fazer d'elles alguma menção, a qual nos parece que devera ser d'este geito:

Nomear primeiro que fidalgos de linhagem em tempo tão duvidoso se vieram pera o Mestre e ficaram com elle pera o servir; depois os alcaides dos castellos que tiveram voz por Portugal sem fazer mudança: des-ahi os moradores e filhos de cidadãos de Lisboa que andavam em seu serviço. E querendo nós soccorrer a tal mingua e a outras, em que os antigos não cumpriam nosso desejo, achamos que se não póde já inteiramente fazer, que envelhecendo os nomes de taes, morreu a claridade de sua nobreza.

Quem quereis vós que tire, já agora, da escuridão de tantos annos os nomes d'aquelles, que outras testemunhas não teem, salvo esquecimento e cinza que adur póde ser achada? Quem cuidaes que se não enfade de revolver cartorios de podres escripturas, cuja velhice e desfazimento nega o que homem queria saber? Quem achará tantos bitafes antigos que os moimentos em que são escriptos dêem testemunho de quem jaz em elles? E quem contentará vontades alheias em tão devisos de homens, de guisa que a todos apraz ao que dizer queremos?

Certamente é cousa impossivel, porém com trabalho, não copiosamente, por se arremedar como se devera fazer, o processo d'este será mui breve, nomeando alguns fidalgos que com elle ficaram, desahi de Lisboa certos cidadãos, pois ella foi madre e cabeça de todos estes feitos, posto que d'elles tenhamos seus nomes em alguns logares d'este livro

postos, que aqui juntamente acharão escriptos aquelles que percalçar podémos. De guisa que como no começo d'esta obra nomeamos fidalgos alguns, que ao conde D. Henrique ajudaram a ganhar a terra aos mouros, assim n'este segundo volume diremos alguns poucos, que ao Mestre foram companheiros em defender o reino de seus inimigos, onde não escrevendo por ordem de fidalguia, mas como a mão quizer mover a penna.

O primeiro n'esta ladainha seja o muito nobre Nuno Alvares Pereira, gloria e louvor de todo seu linhagem, cuja claridade de bem servir, nunca fez eclypse, nem perdeu seu lume. E não sómente ainda Nuno Alvares, mas por breve e solazosa comparação, elle e os da sua companhia devem ser postos primeiro que outros, porque assim como o filho de Deus, depois da morte que tomou por salvar a humanal linhagem, mandou pelo mundo seus apostolos prégar o evangelho a toda a creatura, pela qual razão são postos em começo da ladainha, nomeando primeiro S. Pedro, assim o Mestre se poz a morrer se cumprira, por salvação da terra que seus avós ganharam; enviou Nunes Alvares e seus companheiros a prégar pelo reino o Evangelho portuguez, o qual era que todos cressem e tivessem firme o papa Urbano ser verdadeiro pastor da egreja, fóra de cuja obediencia nenhum salvar se podia, e com isso ter aquella crença que seus padres sempre tiveram de gastar os bens e quanto haviam por defender o reino de seus inimigos, e como por manter esta fé espargeram seu sangue até á morte. A qual prégação Nuno Alvares e os seus fizeram por palavras e obras tão compridamente, que alguns d'elles, como depois vereis, foram mortos por a defender.

E porém leixemos alguns, dos que já dissémos, quando Nuno Alvares partiu de Lisboa, e muitos que seria sobejo de escrever. Estes seguintes avondem por hora s:

Do reino do Algarve, de Tavira e de Farão, Rodrigo Affonso d'Aragão, Vasco Eanes, pae de Vasco Eanes Corte Real, Gonçalo Arraes, Nuno Velho, Pero Affonso d'Ancora, João Fernandes Garganta, Gonçalo Vasques Barão, Payo Pereira. De Loulé e de Silves, Vasco Affonso, alcaide-mór do logar e João Vasques, seu irmão, Gonçalo Gomes Barreto e Lopo Estevens. De Tavira e de Albufeira, Rodrigo Alvares Bouzão, Fernão Pires Banha, Gonçalo Navarro, João Delgado. E de Beja e do Campo d'Ourique, Martim Gomes, commendador-mór de Santiago, Rodrigo Eanes Selandrino, Alvaro Affonso de Negreiros, Vasco Lourenço Monteiro, Gonçalo Nunes, alcaide-mór do logar, Mem d'Affonso de Beja e João Nunes de Brito. De Serpa e da Coutada, Egas Lourenço Raposo, Pero Rodrigues e Lopo Alvares, filhos de Alvaro Gonçalves de Meira, e Lourenço de Arrayolos e João Gomes de Moura, Pero Esteves, pae de Payo Rodrigues, Lopo Soares, Soeiro Alvares d'Elvas, Pero Martins Alcoforado. De Jurumenha e do Alandroal, João Gomes. De Villa Viçosa e de Estremoz, Lourenço Gonçalves, Gonçalo Gonçalves, Affonso Pires do Rego, Lopo Gonçalves Alconena, Fernão Lourenço, Gil Eanes, Gonçalo Eanes Frandino, Mem d'Affonso, Alvaro Martins de Alvarenga. De Evora, Fernão Gonçalves de Arca o velho, João Fernandes, seu filho, Diogo Lopes Lobo, Fernão Lopes Lobo, Martim Lopes Lobo, Estevam Fernandes Lobo, todos quatro irmãos, Rodrigo Affonso Pimentel, James Lourenço, João

Pires, filho da ama, Martim Cotrim, Fernão Martins Brandão, Gomes Martins Cazagal e Affonso Lourenço. Do Vimieiro, João Affonso da Rigueira, João Farto, Martim Vicente Vilha Lobos e Fernão Gonçalves Façanha. De Portalegre e de Montemór, Martim Gonçalves, tio do conde Nuno Gonçalves de Moraes, Lourenço Eanes Azeiteiro, Vasco Gil, que foi corregedor e João Lourenço Carvalho. De Alcacere e de Setubal, Rodrigo Eanes Carvalho e Martim Eanes. Em Lisboa, João Vasques d'Almada, Pedro Eanes Lobato, Vasco Eanes Leitão, filho de Estevam Leitão, neto do mestre de Christo, D. Estevam Gonçalves, Affonso Pires da Charneca, Antão Martins, João Alvares de Faria, Estevam Eanes Berbereta, João Esteves Correia, Lopo Affonso de Agua, Lourenço Affonso, seu irmão, Affonso Dias de Sai Vedra, João Lobato e outros, que contamos em seu logar, os quaes não cumpre serem repetidos, mas podemos mui bem dizer e apropriar, que assim como Nosso Senhor Jesus Christo sobre Pedro fundou a sua egreja, dando-lhe poderio, que aquelle que ligasse e absolvesse na terra seria ligado e absolto nos céos, assim o Mestre, que sobre a vontade e esforço de Nuno Alvares fundou a defensão d'aquella comarca, lhe deu livre e izento poder que elle podesse poer alcaides, e tomar e quitar menagens, e dar bens moveis e de raiz, e pertenças e todas outras cousas, assim que perfeitamente, como o Mestre, e d'ellas uzar poderia. E que aquellas cousas que Nuno Alvares, por suas cartas desse, o Mestre as não desse depois a outrem; e assim se guardava sem poer mais duvida, de guisa que como a dada de Nuno Alvares se mostrava ser feita primeiro, logo o Mestre mandava que se cerrasse

a sua, dizendo que sua mercê era de não ir contra nenhuma doação, que Nuno Alvares fizesse a alguma pessoa, mas confirmal-o e mantel-o em ella.

E assim o fez a Nuno Alvares de Moraes, a que deu os bens de Gonçalo Mendes de Oliveira, que Nuno Rodrigues de Vasconcellos havia em Evora e em Arrayolos, e outros muitos que não cumprem de escrever. E outros honrados discipulos se chegaram depois a Nuno Alvares, pera lhe ajudar a prégar este evangelho portuguez, cuja perseveração foi a elles e a seu linhagem subir a grande honra e acrescentamento, assim como foi o almirante-mór Carlos e Alvaro Pires de Castro, e Martim Affonso de Mello, e Affonso Vasques Correia e Gonçalo Eanes, de Castello de Vide, e outros que não vão escriptos em este livro.

CAPITULO CLX

Dos nomes de alguns fidalgos, assim portuguezes como castellãos.

Por similhavel comparação, podemos em outra parte nomear por valerosos os moradores de Lisboa, e aquelles que com o Mestre estiveram em sua companhia, e esto com justa razão, porque não sómente são fortes e valerosos os que padecem por não adorar os idolos, mas ainda aquelles que dos hereges sismaticos são perseguidos por não desamparar a verdade que tem e

se quer dizer testemunha, bem testemunhas são os de Lisboa, dos que no cerco morreram de suas tribulações e padecimentos, porém ella como cidade viuva de rei, tendo entonce o Mestre por seu defensor e esposo, podemos fazer pergunta, dizendo:

— «Oh! cidade de Lisboa famosa entre as cidades fortes, e esteio, e columna que sustem todo Portugal, quejando é teu esposo, e quaes foram os valerosos que te acompanharam em tua perseguição e dorido cerco?

Ella respondendo póde dizer:

— «Se me perguntaes de que parte descende, de el-rei D. Affonso, o quarto é neto, a altura de seu corpo de boa e razoada grandeza, e composição dos membros em bem ordenada egualdade, com graciosa, e honrada presença de grão coração, e engenhosos feitos, que a minha defensão pertencem e todo meu bem é posto em elle. Os valorosos que o acompanharam foram de duas maneiras:

«Uns vendo a boa intenção e justa querela que eu tinha em defender o reino de seus mortaes inimigos, publicamente foram convertidos e recebendo tal querença em seus corações chegando-se a mim por serde-lhes ajudada, segundo de praça mostravam, mas depois a breves dias, induzidos de todo por espirito de Satanás e mau conselho dos falsos portuguezes, poucos e poucos leixaram seu bom proposito, tornando a fazer seus sacrificios e adorar os idolos em que ante criam. E d'alguns d'elles esto fazerem, sem dando tal fruito, quaes folhas mostravam suas palavras, são tanto de culpar porque eram já enxertos tortos nados, e de azambugeiro bravo, assim como o conde D. Henrique Manuel, o conde D. Pedro Affonso, seu ir-

mão, João Affonso de Beja, Gonçalo Tenreiro, que se chamava depois em Castella mestre de Christos, Affonso Tenreiro seu irmão, Vasco Pires de Camões, Lopo Gomes de Lyra e outros taes, mas aquellas vergonteas direitas, cuja nascença trouxe seu antigo começo de boa e mansa oliveira, portuguezes esforçando-se de coração e arvore que os criou, mudando seu doce fruito em amargoso licor, isto é de doer e chorar, assim como o almirante Mice Lançarote e D. Gonçalo Telles, conde de Neiva, D. João Affonso Tello, conde de Barcellos, o conde de Vianna, filho do conde velho, D. Pedro de Castro, D. Affonso seu irmão, D. Pedro Alvares, priol do Esprital, Diogo Alvares seu irmão, Martim Affonso de Mello, rico homem, Fernão Affonso de Mello, seu filho, Fernão Gonçalo de Sousa, Gonçalo Rodrigues de Sousa, Ayres Gonçalves de Sousa, seu irmão, Gonçalo Vasques d'Azevedo, Alvaro seu filho, Pero Lourenço Bubal, que se chamava arcebispo de Braga, Pero Rodrigues da Fonseca, Gonçalo Eanes da Fonseca, Martim Gonçalves de Ataide, Garcia Rodrigues Taborda, Fernão d'Antes, alcaide de Mertola, que se chamava em Castella mestre de Santiago de Portugal, Vasco d'Antes seu irmão, Alvaro Mendes d'Oliveira, Gonçalo Mendes de Oliveira, Payo Marinho, Gonçalo Marinho, Diogo Botelho, Vasco Botelho, João Rodrigues Portocarreiro, João Vasques Pimentel, Martim Corrêa, que tinha o castello da Feira, Alvaro Gonçalves de Carvalho, Gil Alvares de Carvalho, Fernão Gonçalves de Meira, Vasco Porcalho, João Gonçalves Teixeira, Vasco Gomes d'Abreu, Ruy Vasques Milhão, Vasco Conçalves de Viegra, Vasco Gonçalves de Dormes, Manuel Rodrigues seu irmão, Nu-

no Garcia de Chaves, Pero Mendes, commendador d'Almada, Vasco Madeira, Estevam Eanes de Beja, o moço, Alvaro Fernandes Churrichom, João Martins Doutel, que estando depois com el-rei na batalha se lançou com os castellãos, e assim muitos outros, um grão capitulo. E se algum disse, por todos escusa, que se uns e outros houveram do Mestre bom gasalhado misturado com mercês, que muito queria aos fidalgos corações, os tortos enxertos e vergonteas novas todos deram saboroso fructo, a esto posso bem responder, que tão gracioso gasalhado, nem mais doce companhia ser achada em outro homem de lhe fazer grandes mercês, segundo que cada um era, de sobejo podia ser prasmado, mas de muito pouco, não de guisa que mais parecia que fôra elegido pera largo distribuidor dos bens e terras do reino, que pera ser defensor d'elle. E d'esto serão boas testemunhas os livros dos grandes d'aquelle tempo, se fossem necessario de buscarem, e assim que nenhuma cousa do que pertencia á creação dos fidalgos corações fallaram a todos que não fosse feito, mas os enxertos não quizeram prender, e assim vergonteas mudaram sua natureza como acontece algumas vezes que os bacellos de boa casta tornam-se em outras muito contrarias, sem culpa d'aquelle que os prantou, e porém taes cavalleiros como nomeei não quizer postos em meu calendario, senão fôra as boas promagens que de si lançaram, de que o Mestre meu senhor foi depois bem servido e guardado, e o reino defeso e amparado de seus inimigos e contrarios.

CAPITULO CLXI

De alguns fidalgos e cidadãos que ajudaram ao Mestre a defender o reino.

A outra maneira dos fortes e valorosos, cuja relembrança deve de durar pera sempre, foi aquelles que com limpa intenção, sem dobreza de palavras, estiveram fortes com grande firmeza, não se movendo por nenhumas pessoas nem ameaças do que começado tinham, os quaes se já todos não pódem achar por ficarem em memoria. E posto que se todos achar podessem, fariam tão grão processo, que mais seria de sobejo que de necessario e bem ordenado. Porém estes poucos que aqui são postos, não por ordem da fidalguia, como já dissémos, mas feito d'alguns este pequeno feixe, como se melhor apanhar poderam, fique por si e por todos os outros, s. o mestre de S. Santiago D. Fernão Affonso de Albuquerque, filho bastardo de D. João de Albuquerque, o qual se veiu pera o Mestre e lhe offereceu as terras do mestrado; D. Lourenço Eanes Fogaça, o doutor Gil Docem, o doutor João das Regras, o doutor Martim Affonso, que depois foi arcebispo de Braga, Diogo Lopes Pacheco, que em tempo tão duvidoso se veiu de Castella com seus filhos, João Fernandes, Lopo Fernandes e Fernão Lopes, por se lançarem com o Mestre, João Rodrigues Pereira, filho de Ruy Vasques Pereira, Ruy Pereira, que morreu na frota, Fernão Pereira, irmão de Nuno Alvares

Pereira, Rodrigo Alvares, seu irmão, Gil Vasques da Cunha, Lopo Vasques da Cunha, Martim Rodrigues de Vasconcellos e Ruy Mendes, seu irmão, que leixaram Gonçalo Mendes seu padre, em Coimbra e se vieram pera o Mestre, Lopo Dias de Azevedo, que leixou todos seus bens e se veiu pera o Mestre, pera o servir, João Gomes da Silva, que leixou seu padre em Montemór-o-Velho, onde estava, e se foi ao Porto metter na frota e veiu em ella ao cerco pera o Mestre, João Lourenço da Cunha, que se veiu de Castella pera o Mestre, Alvaro da Cunha, seu filho Alvaro Pires de Castro, Ayres Gonçalves de Figueiredo, João Rodrigues de Sá, Fernão Vasques de Resende, Ruy Freire, Gomes Freire seu irmão, Pero Lourenço de Tavora, Ruy Lourenço seu irmão, João Lourenço de Penella, Vasco Martins de Sá, Sancho Gomes de Avelar, Lourenço Martins de Avelar, Vasco Rodrigues Leitão, Alvaro Leitão seu filho, Fernão Rodrigues de Sequeira, Lopo Vasques de Sequeira, Fernão d'Alvares d'Almeida, Gomes Garcia de Foyos, Rodrigo Eanes de Barbuda, João Rodrigues da Matta, Gil Estevens Doutrim, Pero Fogaça, Pedro Alvares de Pedra Alçalo, Nuno Viegas e Alvaro Vasco de Goes.

Alguns fidalgos cidadãos dos moradores, assim cavalleiros como escudeiros, foram estes que se seguem:

Martim Affonso Valente, Estevam Vasques Filippe, Gil Vasques Farizeu, Affonso Eanes Nogueira, Antão Vasques, Alvaro Paes, Diogo Alvares, seu filho, Gonçalo Pires, que depois regeu a casa do civel, Affonso Furtado Geral, Martim de Lemos, Gomes Martins de Lemos seu filho, Ayres Vasques d'Alvalade, Ruy Carvô, Gonçalo Gonçalves Borges,

Fernão Gonçalves da Ameixoeira, Pedro Affonso do Casal, Vasco Queimado, Affonso Esteves da Azambuja, João Affonso seu filho, que depois foi cardeal, Gonçalo Vasques Carregueiro, João Dias Torrado, Lopo Affonso do Quintal, Estevão Eanes da Gram, Lopo Affonso Donzel, Francisco Domingos de Beja, João da Veiga-o-Velho, Silvestre Esteves, Affonso Esteves seu irmão, Martim Lourenço, padre do doutor Gil Martins, Affonso Lourenço seu irmão, Martim da Veiga, João Pires Canelas, Diogo Affonso, João Affonso seu irmão, Martim Alvares, Esteves Eanes da Barbuda, Affonso Martins de Goruzo, Nuno Fernandes de Chaves, Pedro Affonso do Casal, Martim Gonçalves Rombo, Gonçalo Eanes do Valle, Alvaro Vasques da Veiga, Diogo Gonçalves da Veiga, João Pires da Veiga, Fernão d'Alvares, padre do doutor Ruy Fernandes, Alvaro Lopo das Regras, Affonso Martins do Pão, Ruy Portella, Gonçalo Dias Barroso, Rodrigo Affonso Barreteiro, Esteves Eanes Lobato e Diogo Alvares de Santo Antonio.

Outros muitos teve pelo reino, que sustiveram em uma tenção fielmente, mas dos que se acertaram com o Mestre em seu padecimento, certo foi minha tenção leixar uns poucos em escripto, posto que a memoria de muitos d'elles se haja de perder de todo, mas porque muitas vezes o bom proposito é escorregadiço e de pouca dura, e o justo cada dia cae sete vezes e outras tantas se levanta, e não é maravilha se alguns fidalgos dos que antes nomeei depois de estremados serviços, que ao reino fizeram, cahiram do seu bom estado, partindo-se do que começado tinham por humanal fraqueza e desvairação dos tempos.

Aquelles que foram verdadeiros portuguezes e ao Mestre leaes servidores, assim entonces como depois foram postos em grandes honras e acrescentamentos, como bem se póde escrever, e quem no conto d'estes cavalleiros e esforçados não achar seu padre ou irmão ou algum parente, a que grão bem queira, não doeste porém esta obra com grão trabalho ordenado, a qual a todos não póde comprazer nem contentar, assim como o vento não póde comprazer a desvairados mareantes, mas haja aquella paciencia, que os Santos houveram, que não são postos na ladainha nem na sacral, que se diz em a missa.

CAPITULO CLXII

Dos nomes d'a'guns logares que tiveram voz por Portugal.

LEIXADOS taes cavalleiros e tão valorosos, nomeados, convém outra vez que perguntemos á cidade de Lisboa, dizendo:

— «Oh mui nobre cidade de Lisboa, vida e coração d'este reino, purgada de todas as fezes em o fogo da lealdade, pois que já sabemos alguns cavalleiros dos que por ti padeceram, ora vejamos quaes foram os fieis que te fizeram clara entre as gentes, confessando sempre tua tenção sem desfallecer n'elles tal fé.

E ella respondeu a tal pergunta, podendo dizer d'esta guisa:

Os que confessaram commigo o papa Urbano ser verdadeiro pastor, e o Mestre redemptor e defensor d'esses reinos, foi a boa e leal cidade do Porto que muito trabalhou commigo n'este tão forte negocio, mostrando grandes ajudas e despezas, por manter a verdade que eu defendi. E com ella Coimbra, Evora, Guarda, Vizeu, Lamego e a cidade de Tavira. E desahi irmãmente com estas no reino do Algarve, a cidade de Silves, Castromarim, Farão e outros logares d'aquelle reino, Sines, Santiago de Cacem, Mourão, Serpa, Elvas, Monsaraz, Portalegre, Arronches, Fonteira, Portel, Evoramonte, Estremoz, Castello de Vide, Aviz, Montemór-o-Novo, Setubal, Palmella, Almada, Amieira, Certã, Penamacôr, Pinhel, Monsanto, Trancoso, Linhares, Louzã, Celorico, Moncorvo, Miranda, Freixo de Espadacinta, Villa Flôr, Celorico de Basto, Abrantes, Thomar, Soure, Pombal e Alcanede. E assim alguns logares similhantes a estes. E todas as outras me desampararam, umas por fraqueza de coração e d'ellas por não bons portuguezes, outras por força de tormento que supportar não podiam, fazendo alguns de mim escarneo e da tenção que tomava por sahir da sujeição a que nossos inimigos por força obrigar queriam.

E em estas aqui nomeadas foram os meus fieis, que sempre confessaram a voz que eu tinha, sendo minhas companheiras nas pressas e tribulações do reino, me despuz a padecer eu assim viuva e desconsolada, não tendo outro que me amparasse, senão o Mestre meu senhor e esposo, em que era minha grande fiuza e esperança.

Juntaram-se todos na cidade de Coimbra, e alli me receberam com elle de praça, dando-me por rei

e senhor, como depois ouvireis, o qual sempre entendo de servir e amar, e ser muito obediente não sómente a elle mas a todos os que d'elle descenderem, em quaesquer cousas que me sua mercê mandar, e o meu bom desejo poder abranger.»

CAPITULO CLXIII

Da setima edade que começou no tempo do Mestre.

Segundo nosso fallamento, por dar fim ao que começamos, em este passo deveis notar que os que escreveram as deferenças do tempo, assim como Eusebio, de temporibus, e Beda e outros alguns assignaram nomeando seis idades. A primeira de Adão até Noé, que passaram mil e seiscentos e cincoenta e dois annos, na qual se contiveram dez gerações, e perdeu-se toda por diluvio. E a segunda foi de Noé até Abrahão, cujo espaço foi duzentos e noventa e seis annos, na qual se contiveram dez gerações. A terceira de Abrahão até David, em que foram quatorze gerações, e durou novecentos e quarenta annos. A quarta desde David até o trespassamento da Babylonia, em que houve outras quatorze gerações, e durou tres mil setenta e tres annos. A quinta desde David até á vinda do Salvador, que conteve em si quatorze gerações, e foram os annos d'ella quinhentos e noventa e nove. A sexta, em que ora andamos, que ha quatrocentos e quarenta e tres que dura não tendo certidão por

annos na conta de gerações, mas cuidam alguns que terá fim, quando se acabar os segres, a qual dizem que ha de durar seis mil annos, e que já eram passados por esta guisa cinco mil duzentos e noventa e sete. E assim ficam pera se acabar o mundo setecentos e tres annos. Assim que d'outra edade d'esta presente vida nenhum se entremeteu de fallar, salvo quando alguns disseram que assim como Deus criára o mundo por espaço de seis dias e no setimo folgára, que assim a folgança das espirituaes almas que no Paraiso haveriam, seria a setima edade.

Mas taes opiniões bem são de engeitar acerca dos entendidos, que pois Jesus Christo Nosso Senhor no Evangelho diz que do postrimeiro dia nenhum não era sabedor, nem os anjos do ceu, sómente o Padre, taes falamentos pouca parte tem de verdade, mas nós com uzança de fallar, como quem já agora, por comparação, fazemos aqui a setima edade, na qual parece se levantou outro mundo novo e nova geração de gentes, porque filhos de homens de baixa condição, que não cumpre dizer, por seu bom serviço e trabalho, n'este tempo foram feitos cavalleiros, chamando-se logo de novas linhagens e appellidos; e outros se apegaram ás antigas fidalguias, de que já não era memoria.

De guisa que por dignidades humanas e officio do reino, em que os este senhor sendo Mestre e depois que foi rei poz, montaram tanto ao deante em seus descendentes, que hoje em dia se chamam dons, e são teudos em gran conta: assim como o filho de Deus chamou a seus apostolos dizendo que os fazia pescadores dos homens, e assim muitos d'estes que o Mestre accrescentou, pescaram depois

tanto pera si, por seu grande e honroso estado, que taes houve ahi, que traziam comsigo vinte e trinta de cavallo em a guerra que se seguiu e os acompanhavam trezentas e quatrocentas lanças e alguns fidalgos de linhagem.

Assim que esta edade, que dissémos, que se começou no feito do Mestre, a qual pela era de Cesar porque esta chronica é compilada, ha agora setenta annos, que dura e durará até o fim dos segres, ou quanto Deus quizer, que todos creou.

CAPITULO CLXIV

Como o Mestre foi por cobrar Cintra e não póde chegar por azo da muita chuva.

SEGUNDO percalçar podemos, n'estes derradeiros dias pozemos os nomes dos logares que voz por certas pessoas que foram em seu defendimento tinham havido, não por tal memoria dos mortaes trazer comsigo algum espirito de proveito, mas por dar azo dos que isto houveram de seguir aos bons e honrosos feitos que os de seu linhagem ganharam grande e notavel fama. Porque não ha cousa tão certa, nem porque os homens melhor se avezem, d'aquello que aos outros cavalleiros sós pertence esguardar nas obras porque os antigos floresceram ou houveram algum contrario d'outrs guisa d'ellas homem ignorante e assim cego, e noa

que são por vir, e porém não alongando mais tal arrazoado, brevemente deveis saber que com alguns fidalgos e cidadãos dos que nomeámos, e parte d'outra boa gente, começou o Mestre seus grandes e guerreiros trabalhos. E a primeira cousa que se trabalhou de fazer, depois que se el-rei de Castella levantou do cerco assim foi haver os logares derredor da cidade que por Castella tinham voz, e teve falla com alguns de Cintra, onde estava o conde D. Henrique Manuel por fronteiro, que são cinco leguas da cidade, que lhe dessem o castello do logar que é uma grande fortaleza em um alto e fragoso monte, e a villa ao pé d'elle sem nenhuma cerca que a defender possa.

E uma segunda feira, vinte e quatro dias do mez de outubro, que era o dia entre elles devisado, pouco mais de hora de vespera, mandou o Mestre sahir fóra da cidade, a um rocio perto d'ella, que chamavam Santa Barbara, esses poucos de cavallo que hi havia, e outras gentes d'armas e peões, mostrando que queria fazer alardo. E depois que alli foram juntos, apartou d'esses fidalgos assim como o conde D. Gonçalo e o arcebispo D. Lourenço e da outra gente quanta lhe aprougue de levar, e os outros tornaram pera a cidade e d'alli partiu com elles, não sabendo nenhum pera onde elle ia, salvo aquelles que com elle fallaram. E a mór parte d'elles montaram de pé por mingua de bestas que não tinham por azo do cerco em que foram postos.

Em elles indo pelo caminho, não mui longe da cidade, nasceram no ceu umas leves nuvens com escuro emburilhamento, molhando a terra de ligeiros orvalhos, e crescendo mais sua espessura foi assim o ar coberto de seguidão chuvosa, que a noite mos

trou sua grande tristeza antes das horas pertencentes.

Os montes começaram de se lavar com multidão de grossas chuvas. E descendo ás estradas seu trigoso escurecimento dava tanta torva aos armados, que queriam seguir seu caminho, de guisa que dos pobres regatos um adur morava uma pobre raiz se faziam tão grandes ribeiras, que punham espanto de se poderem passar. E sendo cada vez maior a aspereza de tão esquivo inverno parecia que nasciam no ceu novas maneiras de chuvas pera soverter o mundo outra vez com mortal diluvio. Assim que os rios crescendo fóra de mesura e cobrindo as costumadas pontes, adur eram os homens ouzados de passar seu medroso passamento; o Mestre, não embargando esto, seguiu seu caminho passo e passo, que não convinha d'outro geito pelos que iam com elle de pé. E des-ahi esperando que cessasse tal tempo, como foi acontecer e acabar aquello porque iam.

Em este comenos, sendo já as trevas de todo cerradas com infernal escuridão nasceu de subito um pezado som abundoso de grandes ventos misturado com cerração e saraiva, e apertando-se o vento o ceu se toldou todo em relampagos e trovões fóra do arrezoado costume, como se assintemente fossem enviados pera torvar o Mestre da sua ida, em tanto que a guia que os levava perdeu de todo o esmo da terra, que mui notavelmente não sabiam que fazer nem pera onde fossem, sendo já umas quatro leguas da cidade, segundo a manhã depois demonstrou.

D'elles acertavam por aquecimento em casaes, e faziam sahir fóra seus donos, que lhes mostrassem

por onde havíam de ir, e nenhum podia dizer nem amostrar cousa que lhe aproveitar podesse.

Uns topavam com os outros, não vendo caminho nem em que logar eram, e leixando-se estar quedos de tão desmesurada noite, que cumpre sobre esto fazer detença, pois se por escripto dizer não póde.

As trevas eram em tal quantidade que nenhum lume de relampagos leixavam de dar ouzia de vista que prestasse, mas assim como aos mareantes era postrimeira desesperação de gran tormenta parecer nas arcas e cordas das naus lumes e candeias, que é chamado o Corpo Santo, assim em esta danosa noite appareciam taes candeias nas pontas das lanças d'alguns de que eram acerca do Mestre.

Vendo elle entonce tão nojoso aquecimento, fallou áquelles que trazia junto comsigo, e disse esta razão: — «Que pois a Deus prazia de não cessar aquelle mau tempo, em que era cada vez peor, que não fossem mais por deante, mas cada um trabalhasse de se tornar, se entendessem tomar acerca caminho ou por onde melhor podessem.

Onde sabei que estas foram as maiores aguas que os homens nunca viram nem ouviram fallar, e duraram até cerca de manhã, indo-se pouco a pouco começaram, ca a sua abastança foi tanto, que não cabendo pelos canos da serventia da cidade, por onde tem costume de se vazar quando chove, reprezaram no muro em tanta multidão, ca ainda pela porta de S. Vicente dava agua pela metade do postigo, e derribou casas das que eram mais acerca, e derribou a parede da cerca do mosteiro de S. Domingos, e entrou dentro em altura de quatro covados e meio, e alagou as cellas dos frades, que eram entonce terreas, e uma nobre livraria, em que

damnou muitos e mui bons livros, e sahia tão teza pela porta da egreja, que derribava o muro do alpendre onde prégam, e todo o rocio era um grande mar, e alagando muitas casas ao derredor d'elle, e nadavam os toneis do vinho na rua das Esteiras e pela rua Nova, e nadou uma galé nas tercenas, e outras muitas que parecia impossivel de crêr.

O Mestre chegou em outro dia de tarde, desacompanhado de como partira, e contando cada um os aquecimentos que lhe havieram, era saborosa cousa de ouvir.

CAPITULO CLXV

Como o Mestre foi a Almada e cobrou o logar por vontade dos moradores da villa.

Andados quatro dias depois d'esto, ordenou o Mestre de pagar soldo, e foi logo pago d'um mez, e tendo vontade de cobrar Torres Vedras e outros logares que diremos, mandou primeiro João Rodrigues Pacheco, com gente d'armas, bésteiros e homens de pé fazer começo de cerco sobre a villa de Torres Vedras, onde estava João Duque por fronteiro, e tanto que a ella chegou, sahiram a elle a escaramuçar, e João Rodrigues com aquelles que com elle iam por força d'armas o fez recolher pelas portas do logar, e encerrar dentro, a mal seu grado, e d'esta guisa esteve cercada até que o Mestre depois chegou.

Ora assim aveiu, que el-rei de Castella quando quiz partir do cerco de Lisboa, ante que movesse seu arraial, mandou chamar dos moradores d'Almada alguns dos honrados, que hi havia, dizendo que queria tornar a Castella por encaminhar cousas de seu serviço, e que lhe rogava que lhe fossem bons e leaes vassalos, tendo aquella villa por sua, o qual esperava que elles fariam, e que elle teria cuidado de os sempre defender e lhes fazer por ello muitas mercês, mas que poderia ser que por induzimentos d'outros alguns, elles fariam mudanças de suas boas vontades.

Por segurança de tal feito, elle queria que lhe dessem em refens os filhos dos melhores que hi houvesse, pera os mandar na frota a seu reino, ca á tornada, quando viesse, achando que eram bons e leaes servidores, elle teria cuidado de lhe crear os filhos e de os casar e fazer muitas mercês.

Elles que al fazer não podiam, disseram que pois sua mercê era fazer-se d'aquelle geito, que lhes prazia de lh'os darem, e foram em refens todos os filhos e parentes dos melhores que na villa havia, bem até vinte, assim varões como femeas, e eram alguns tão pequenos que não chegavam a quatro annos. E estes moços foram todos dados e entregues na frota ao almirante d'ella.

E alçado el-rei de sobre Lisboa, ficou hi a frota por alguns dias, e quando partiu chegou a Cezimbra, onde roubaram algumas cousas que tomar poderam, e tornando outra vez sobre o porto da cidade, foram-se logo quatro galés direitas a Almada e sahiram fóra muito soutamente, cuidando aquello que era razão que a villa por elles estivesse.

Os do logar que entonce começaram de vindimar, quando viram as galés sahiram em Cacilhas, que é

muito perto, repicaram muito trigosamente, e foram logo á pressa juntos os que se prestes fazer poderam.

Os castellãos andavam já no arrabalde trabalhando por levar d'aquelle vinho que achavam. Os portuguezes começaram de lh'o defender, mettendo-se com elles, ferindo e matando até á ribeira, de guisa que ao recolher das galés, onde muitos castellãos morreram e lhe foi forçado cortar os proizes que tinham em terra, jurando por esto os patrões das galés que lhe matariam os filhos que em refens levavam. Assim se foram sem tornando mais.

Quando o Mestre d'isto soube parte, prougue-lhe muito de taes novas, louvando-os por verdadeiros portuguezes, e houve logo séria falla com elles, de guisa que lhe mandaram dizer que fosse receber o logar, e que lh'o entregariam e tomariam voz por elle, não embargando os filhos que em refens dado tinham, posto que soubessem que lh'os matariam.

O Mestre mandou fazer prestes certas barcas para aquello pertencentes, e havendo só mais de tres dias que as galés partiram de Almada, chegou lá o Mestre e o conde D. Gonçalo com umas duzentas lanças. Os da villa sahiram todos a recebel-os com procissão, e assim foram com elle até o logar, que lhe entregaram com leda vontade, contando-lhe as pressas e tribulações que haviam passado por ter sua voz, e elle prometteu-lhes de lhes fazer mercês.

CAPITULO CLXVI

Como o Mestre partiu d'Almada e foi sobre Alemquer.

O Mestre em Almada, como dissémos, chegou-lhe recado d'alguns d'Alemquer, com que tinha fallado sobre esto, que partisse logo pera o cercar, havendo-o por seu serviço, e que fosse alta manhã se podesse. E logo uma tarde depois da ceia embarcou com aquelles que tinha comsigo, em trinta e cinco entre barcas e bateis, e o arcebispo e Affonso Furtado e outros se foram por terra. E porque o mar começasse de encher, que era grande azo pera ir mais toste, por quanto o vento não era de viagem, toda a noite pozeram até chegar a uma legua, que chamam o Piquete, entre Villa Nova e a Castanheira, uma legua de Alemquer. E alli desembarcaram o Mestre com os que levava, e foi com elles por terra, todos armados, sendo já mui clara manhã, e quando chegaram acerca do logar houveram os da villa vista d'elles, e repicando sahiram logo pela porta ás barreiras.

O Mestre como chegou a uma egreja, que chamam Santo Espirito, que é um chão acerca do rio, que corre ao derredor da villa, recolheu a si sua gente, e des-ahi foi por uma comprida calçada acima e pouzou em um mosteiro de S. Francisco que ahi ha, e des-ahi mandou dizer a Vasco Pires todas as boas razões que entendeu, que se devia demover a lhe dar aquelle logar, cuja final resposta, depois

de longos fallamentos, foi que o não entendia de fazer.

Entonce mandou o Mestre a Lisboa por tiros e por dois engenhos, e foram-lhe levados em barcas até aquelle logar, onde desembarcaram, e d'ahi em bois não poderam mais ir, tomaram os homens cordas pera os levarem por ellas, aonde haviam de ser armados, e não os podiam levar, cansando muito com elles. Fallou entonces o Mestre e disse:

—«Oh! amigos, esforçae-vos por Deus e tirae bem, e lembro-vos vossas mulheres e fazendas, e os filhos e terras d'onde sois naturaes, e trabalhae por deitarmos estes inimigos fóra d'aquelle logar.

E elles se esforçaram com suas boas palavras de tal guisa, que pozeram o arteficio elles cada um no logar onde havia de estar. E haveiu um dia pela manhã que o Mestre e o conde D. Gonçalo e algumas gentes iam vêr uma casa em que o Mestre mandou começar uma cava pera pôr encontros á torre que está á porta de Santa Maria da Varzea, onde chamam a porta do Carvalho. E isso mesmo um engenho que mandava armar em uma porta do logar, e alguns de dentro sahiram pela porta da villa armados e os do Mestre moveram contra elles, entre os quaes ia Ayres Gonçalves de Figueiredo, e os da villa se recolheram a dentro por uma barreira baixa, onde eram bem defesos dos que estavam em cima do muro. E Ayres Gonçalves, como valente homem d'armas, entrou pela porta da barreira a mal seu grado de quantos dentro eram, e chegou acerca da porta da villa, e deu por façanha tres ou quatro vezes com a adaga na parede do muro.

D. Pedro era um homem pequeno, de boas feições, por onde era muito namorado de D. Beatriz de

Castro, mulher que fôra do conde de Maiorcas, que ficára em esta villa, quando el-rei de Castella partiu pera seu reino, e fallando um dia estes fidalgos perante o Mestre das manhas dos homens d'armas, começou Ayres Gonçalves de dar a entender que os homens de pequenos corpos não tinham poder de se egualar com os de maior grandeza: e uns e outros defendendo seu bando, disse Affonso Anriques contra Ayres Gonçalves, que se lhe a elle pouguesse de elle ser seu companheiro em armas, que elle o acharia sempre comsigo, em qualquer bom feito que elle a mão pozesse.

Ayres Gonçalves disse que lhe aprazia muito, e deram-se as mãos sobre tal irmandade, e diziam que todo esto fazia Affonso Anriques por amor de D. Beatriz, cujo namorado era, e quando Ayres Gonçalves entrou pela porta da barreira, como dizemos, ia Affonso Anriques junto com elle, e das muitas pedradas que de cima deitavam, deram uma tal a Affonso Anriques que cahiu em terra e deu alguns tombos. Ayres Gonçalves não podendo soffrer as cousas affastou-se afóra, e d'esta queda foi Affonso Anriques muito prasmado dos seus, dizendo que se queria poer em cajões, que lhe não compriam maiormente com tal como Ayres Gonçalves, que era homem de grão corpo e força qual não havia outro n'aquelle arraial, e que a egualança d'ambos não era convinhavel, e outras taes razões. E elle respondeu, dando a entender que não entendia de deixar o proposto, que começado tinha.

Em isto foram novas mui á pressa onde o Mestre pouzava, como se combatia o logar rijamente, e não era assim. Porém o Mestre se armou e quantos hi estavam e pelo arrabalde, e foram-se caminho da

porta de Soure pera combater d'aquella parte, que era grande espaço d'onde estava o Mestre. E como chegaram, disseram alguns que tal combate não era razoado, a uma por a porta ser muito forte e a outra porque elles eram muito poucos e os da villa muitos mais que elles. E o doutor João das Regras que hi era de mistura, respondeu entonces dizendo estas razões:

—«Oh! amigos meus, essa é a verdade da peleja: que um portuguez não peleja com um castellão, mas com tres e com quatro, quando mister fizer, e portanto não cumpre aqui al, senão combater com vontade, posto que a porta seja forte e as gentes muitas».

E entonce se chegaram e pozeram fogo á porta da barbacan, e por força das muitas pedras que vinham das torres de cima da porta, isso mesmo d'aquella barreira, lhe conveiu de se arredarem sem d'ella arder cousa que prestar podesse, nem lhe fazer outro nojo; posto que ardera e abrira de seu grado, não lhes aproveitára, porque a da villa era muito forte.

Em esto veiu o Mestre da outra parte, d'onde estava onde escaramuçaram. E estes leixaram o que começado tinham, e foram-se todos pera as pouzadas.

CAPITULO CLXVII

Do combate que deram os do arraial aos da villa, em que foi morto Affonso Anriques e outros.

Em esse dia, depois de comer, sahiram os da villa pera desfazer. e cortar uma ponte de grossos paus que passava pela cava da barreira, por onde antes provaram de poerem o fogo.

Os do arraial quando aquello viram, quizeram-lh'o embargar que os não cortassem, foi lá muita gente por esto, e os da villa sahiram á barreira por defenderem os seus, e foi lá grande envolta de peleja, de guisa que de escaramuça se começou de fazer combate.

Em esto Affonso Anriques, o moço que estava com o Mestre no mosteiro, ouvindo aquelle grande arruido, pediu-lhe licença pera se armar nas suas armas, pois não estava na sua pouzada. e ao Mestre lhe prougue d'ello e armou-se de umas solhas postas em panno de sirgo verde, porque o Mestre era conhecido quando as vestia, e foi-se logo á porta da barreira, onde começaram de combater, e chegando alli foi mais adeante e deu com a lança na porta da villa, por mostrar ardideza, e as pedras muitas que vinham de cima de sobre as torres da porta, acertou de lhe dar uma que cahiu em terra morto. E os da villa que o viram cahir, conhecendo as armas que eram do Mestre, cuidaram que era elle, e entonces se esforçaram de lançar muitas mais sobre elle, de guisa que o cobriram todo.

Ayres Gonçalves que era presente, quando esto viu, tomou um pavez da barreira, com que se amparou das pedras o melhor que pôde, e por uma pequena parte de perna que lhe parecia, o tirou afóra por força, não embargando as muitas pedras que assim lançavam. E d'esta guisa morreu Affonso Anriques cometendo ardideza, a que não aproveitava, de cuja morte o Mestre mostrou assaz que lhe pezava, porque segundo dava a entender que tinha bom desejo de o servir.

Em este combate deu um virotão a João Affonso, filho de Affonso Esteves da Azambuja, de que morreu esse dia, e foi morto Gil Affonso, creado do Mestre, e outros mortos e feridos. E mais aconteceu entonce que dois bésteiros, um da villa e outro do arraial, tiraram um ao outro e d'aquelle primeiro tiro se atiraram ambos e foram logo mortos. E deram este combate, que se começou como de escarneo e se acabou de verdade, até cerca de sol posto.

CAPITULO CLXVIII

Como o Mestre preitejou com Vasco Pires de Camões, e se alçou de sobre o logar.

Estando o Mestre sobre Alemquer por espaço de dias, chegou ahi o conde D. Pedro, irmão de Affonso Anriques, que alli morreu, o qual ficára no Porto ferido da mão quando a frota houve de partir, segundo contamos em seu logar, e trazia alguns poucos comsigo.

O Mestre o recebeu muito bem, e lhe fez bom gazalhado.

Em esto começou a agua de minguar nos da villa, porque uma couraça, que hi havia começada, não era ainda em tal altura que d'ella podessem tomar agua, posto que fosse tempo de inverno, não chovia cousa que aproveitasse.

Vasco Pires sentindo as cavas que lhe faziam e o engenho que armavam pera lhe tirar, des-ahi como o Mestre mandava por almazem a Lisboa, entendeu que tinha vontade de continuar seu cerco. E entonce elle e Gonçalo Tenreiro, seu sogro, mandaram fallar ao Mestre sobre preitezia, na qual acordados fizeram tal avença, que Vasco Pires pozesse fóra os homens d'armas e bésteiros castellãos que hi estavam, que se fossem pera Santarem com todo o seu, e que elle tomasse voz pelo Mestre e fizesse por elle guerra e paz, e se a rainha D. Leonor que lhe tal castello déra tornasse ao reino em seu livre poder, sem companha de castellãos pera ajudar a defender o reino, que lh'o entregasse pera não ficar em mau caso. E fez esta preitezia aos dez dias do mez de dezembro, no mosteiro de S. Francisco, onde pouzara o Mestre, de noite ás tochas, presente muitos que hi estavam. Foi posto em ella que o Mestre leixasse hi homens d'armas por guarda do logar quaes Vasco Pires quizesse escolher. E elle, feita menagem ao Mestre, apontou pera ficar com elle Ruy Corvo e Gonçalo Gonçalves Borges, e Fernão Gonçalves da Ameixoeira e outros que eram seus compadres e amigos.

E partiu o Mestre d'ahi e foi-se cercar Torres Vedras, havendo já seis semanas que chegára sobre Alemquer.

CAPITULO CLXIX

Como o Mestre partiu de Alemquer e foi cercar Torres Vedras.

Efeita tal convença, e ficando Alemquer por seu, partiu o Mestre pera Torres Vedras, onde João Fernandes Pacheco havia já feito começo de cerco, e foi levar engenhos e tiros pera lhe tirarem com elles. João Duque que a villa tinha por el-rei de Castella, era um fidalgo castellão bem acompanhado de homens d'armas e peões e béstei-ros que pera defensão eram bastantes.

O Mestre aposentou suas gentes pelo arrebalde arredor da villa, como melhor poderam alojar, e nos paços d'el-rei, onde pouzava o conde D. Gonçalo e João Fernandes Pacheco, punham de dia e de noite uma guarda, e a segunda estava da outra parte contra o castello.

E este logar de Torres Vedras é uma fortaleza assentada em cima d'um formoso monte, o qual natureza gerou em tão ordenada egualdade, como se á mão fôra feito artificialmente, e em bom e gracioso termo junto comsigo a derredor, de pães e vinhos e outros mantimentos, que n'aquelle tempo, por azo da guerra, eram gastados de todo o ponto.

A villa tem sua cerca arredor do monte, e na maior alteza d'elle está o castello, e entre a villa e o castello moravam tão poucos que não é feita conta. Em toda sua povoação era um grande arrabalde

de muitas e boas casas e bem ordenadas ruas ao pé do monte.

O Mestre desejou de haver e cobrar este logar. João Duque tinha gran vontade de o deffender, por cujo azo se faziam algumas escaramuças entre os de fóra e os de dentro, de que não cumpre fazer historia, salvo d'aquelle longo trabalho porque o Mestre ordenou de o tomar, que foi uma grande cava, afóra outras que lhe fez, a qual havia de ir sahir ao adro da egreja, que chamam Santa Maria, que é dentro no logar entre a villa e o castello.

Esta cava era larga e espaçosa, de guisa que tres homens d'armas podiam ir a par folgadamente por ella, e foi começada em uma tarde, e arredada do logar o mais encobertamente que se fazer pôde, de guisa que não sómente os da villa não houveram d'ello nenhuma noticia, mas ainda muitos do arraial não sabiam parte que se ahi fazia. A terra que se alli de dia tirava d'ella deitavam dentro na tenda, e de noite lançavam-na em tal logar, que os inimigos não entendessem sua obra.

Os castellãos tinham atalaia em cima da egreja, quando viram que o Mestre ia tanto a miudo áquella tenda, suspeitaram o que era, e o Mestre por escusar a suspeita deixou de ir lá de dia, e de noite ia a vêr o que faziam, porém todo seu cuidar e suspeita fôra vão, senão foram algumas pessoas que andavam com o Mestre, que não amavam seu serviço, que por signaes e outras encobertas maneiras lhes faziam saber quanto o Mestre obrava contra elles. E não sómente lhes faziam saber todos os segredos que em seu conselho fallavam, mas ainda avizavam o Mestre de quaesquer cousas que em obra mandava poer pera destruição do logar, assim como tirar

dos engenhos que o Mestre mandava que tirassem ao muro e ás torres pera as desfazerem e derribar, e elles diziam que mandasse tirar ao pé do muro da villa, e que por alli fariam um portal pera que entrassem a tomar o castello. O que tinha cargo de tirar com os engenhos contradizia muito tal conselho, e não embargando tiravam ao muro da villa e á torre da menagem.

O Mestre por ficamento d'aquelles não fieis conselheiros, se houve tanto de aqueixar contra elle, que disse que se não tirasse ao pé do muro, como lhe elles mandavam, que o mandaria lançar do fundo do engenho dentro no castello.

Elle vendo que por seu bom serviço lhe promettiam tal galardão, de que houve grande medo, fugiu aquella noite, e foi-se pera Leiria.

CAPITULO CLXX

Como o mestre de Christus foi vencido e levado a Santarem preso.

Em esta sesão, no mez de novembro que dissemos que o Mestre viera sobre Alemquer, partira o mestre de Christus, D. Lopo Dias de Souza, da villa de Thomar, e com elle D. Alvaro Gonçalves Camello, priol que chamavam do Espital, e Rodrigues Pereira, irmão de Nuno Alvares, e outros, e foi cercar Torres Vedras, levando comsigo oitenta lanças e homens de pé e bésteiros, e

fez levar um engenho pequeno com que lhe mandava tirar ás vezes alguns combates, que lhe pouco empecimento faziam.

Affonso Lopes de Texeda, que no logar ficara por alcaide, deffendia-o o melhor que podia. E porque se seguiam espaço de dias que era cercado, começou-lhe de minguar a agua e o pescado, de guisa que cada dia comiam carne e esperavam de padecer peior.

Diogo Gomes Sarmento, que estava em Santarem, soube parte como lhe minguavam os mantimentos, ordenou de fazer pera lá uma cavalgada que fosse uma via e dois mandados, s. levar-lhe algumas viandas, se as podesse poder dentro pela porta da traição, ou descercar o logar a todo seu poder. E com esta tenção partiu de Santarem á meia noite com dozentos de cavallo, entre homens d'armas e ginetes, e andadas aquellas cinco leguas que ha de um logar ao outro, sol levado amanhecendo, chegaram sobre o logar.

O mestre que d'esto parte não sabia, quando supitamente tão perto de si viu, juntaram-se todos assim como estavam e fez-se prestes pera pelejar. Os castellãos isso mesmo, vendo-os tão poucos, cobraram fouteza de pelejar com elles, e foi o mestre vencido e preso, e levado a Santarem, elle e Alvaro Gonçalves Camello.

E assim jouveram até que a batalha depois foi vencida, como ouvireis. E jazendo elle assim preso, mandou pedir por mercê ao Mestre, a Torres Vedras, onde estava, que ministrasse por elle um tanto o mestrado Martim Gonçalves, commendador de Almoural, e ao Mestre prougue d'ello e assim o mandou por sua carta, e fez poer bom recado em todos os logares da ordem.

CAPITULO CLXXI

Como Nuno Alvares foi a Elvas e lançou fóra alguns do logar.

Contado havemos em seu logar, onde fallamos da tomada de Portel, como Nuno Alvares depois que leixou n'elle segurança qual cumprisse, tornou logo pera Evora.

Emquanto o Mestre jaz sobre Torres Vedras e fazem cava pera o tomar, vejamos o que aveiu entretanto a Nuno Alvares, pois todo foi em uma sezão. Onde segundo conta um historiador, estando elle em aquella cidade, veiu-lhe recado da villa d'Elvas que alguns dos bons do logar se queriam alçar com ella e tomar voz por el-rei de Castella; e que Nuno Alvares se partiu pera lá com certas gentes comsigo, pera poer assecego na villa, segundo visse que era mister.

Outros dizem que Fernão Pereira chegára a Evora pouco havia, por ir vêr sua madre, que estava em Elvas, que Nuno Alvares pelo ir esposar com uma sua filha de Gonçalo Gomes, alcaide que fôra d'aquelle logar, e o poer em posse d'elle se movera pera lá chegar.

Ora de qualquer guisa que fosse, indo elle pelo caminho com suas gentes, viu levar vestida a seu irmão Fernão Pereira a cota que fôra de um Garcia Fernandes, e cingida a sua espada, as quaes elle escondera em Portel, quando se Garcia Fernandes houve de partir.

Nuno Alvares quando assim o viu ir e conheceu aquellas cousas cujas foram, foi muito annojado em sua vontade; entonces a Fernão Pereira disse que fizera grande mal passar por elle tal mingua contra seu juramento, dizendo que prouvesse a Deus que lhe não viesse por ello algum gran cajão por quebrantar assim sua jura. Fernão Pereira se escusou com razões, a que Nuno Alvares não quiz responder, e foram seu caminho até que chegaram a Elvas.

E elles d'alli, a mui poucos dias mandou Nuno Alvares da parte do Mestre a Gil Fernandes e a Martim Rodrigues, e outros bons do logar, que se sahissem da villa e se fossem a Torres Vedras, onde o Mestre tinha seu cerco, pera o servirem em elle.

D'esto pezou a muitos d'elles, como aquelles que se tinham por verdadeiros portuguezes e leaes servidores do Mestre, como se bem por obra até alli mostraram. Porém obedecendo a seu mandado houveram de fazer, e quando chegaram a Torres Vedras o Mestre os recebeu mui bem, mostrando que de sua vinda lhe prazia muito, dizendo que viessem muito embora, e outras razões de gazalhoso recebimento.

Gil Fernandes que era solto em fallar, disse logo perante todos:

— Mas venhamos muito embora em hora má, senhor, pois por quanto e bom serviço vos fazemos, nos mandastes lançar fóra d'Elvas como lançam os tredores; dizendo elle e cada um dos outros todos a que por suas honras entendiam.

O Mestre respondeu desculpando-se que de tal cousa não era sabedor, nem fôra feito por seu mandado nem consentimento, mas que elle os havia por verdadeiros portuguezes e tão bons e melhores servi-

dores do que elles diziam, e lhes faria por ello muitas mercês e acrescentamentos como elles bem podiam vêr.

E com estas e outras boas palavras os apacificou, e assim estiveram com elle por espaço de dias.

CAPITULO CLXXII

Como Nuno Alvares foi por cobrar Villa Viçosa e foi morto seu irmão, e a cercou e não póde tomar.

TANTAS vezes contamos e foi já ouvido, que indo Nuno Alvares por tomar Villa Viçosa, que Vasco Porcalho dera aos castellãos, foi morto Fernão Pereira, seu irmão, á entrada do logar, que nenhum d'esto alguma cousa duvida, mas que o moveu partir pera lá por tal feito, como elle foi, a desconcordancia dos historiadores nos põem sobre ello um fadigoso cuidado. Porque uns dizem que sabendo elle que o commendador fazia voda e dava casa a um seu criado, que diziam Alvaro Machado, que cuidou que por a gran festa e prazer em que seriam postos aquelle dia, que emquanto os noivos fossem á egreja, e a mais da gente com elles, que de salto e supitamente podia tomar o logar, e por aquesto se partiu assim. Outros contam que alguns homens bons de Villa Viçosa enviaram dizer a Nuno Alvares que fosse lá, e que lhe dariam uma porta da villa porque entrasse, e sendo elle muito

ledo de tal embaixada, trabalhou logo de o poer em obra, e partiu com suas gentes sobre a noite, fazendo infinta que ia pera outra parte.

E sahindo a sua bandeira por a porta da villa, quebrou a haste d'ella ao alferes que a levava, e todos que eram alli houveram por mau signal, dizendo a Nuno Alvares que não partisse por nenhuma cousa e escusasse o caminho que fazer queria, mas elle não curou nada do que lhe diziam, e mandou poer a bandeira em outra haste, e seguiu a tenção que começada tinha.

Andadas aquellas quatro leguas que ha de um logar a outro, chegou a Villa Viçosa e alojou-se perto d'ella muito sem arruido, e todos assocegados.

E outro, dia pela manhã ordenou de tomar a villa, segundo informação que lhe enviada fôra. E mandou diante Fernão Pereira, seu irmão, com Alvaro Coitado, e certos comsigo.

Os quaes a cavallo, armados com seus bacinetes, como a tal feito pertencia, chegaram á pressa a Villa Viçosa e desceram dos cavallos por se lançarem dentro, pela porta que chamam da Torre, que é a mais forte que ella tem, a qual é em esta guisa:

Ella é uma torre mui larga, bobadada de cima da porta, que nenhum pode chegar á porta da villa que primeiro não passe por sob toda aquella abobada, a qual ha uma tal boca na metade porque cabem grandes cantos pera os lançar de cima quem quizer. E como Fernão Pereira e os outros se quizeram lançar por sob aquella abobada por chegar á porta da vila, veiu um grande canto de cima e deu a Fernão Pereira que lhe esmagou o bacinete e a cabeça, e foi logo morto, e por esta guisa mataram um seu

escudeiro que o seguia, que chamavam Vicente Estevens.

Alvaro Coitado chegou todavia á entrada da porta sem impedimento nem torva que hi ouvesse, e querendo entrar foi ferido e preso, e levado dentro á villa, e tambem levaram o corpo de Fernão Pereira, que era um dos ardidos e formosos corpos que em todo o reino havia, sendo áquelle tempo de vinte e quatro annos.

E em esto chegou Nuno Alvares com sua bandeira e gentes, e quando soube que seu irmão era morto e Alvaro Coitado preso e ferido, que maior ser não podia, e não podendo em ello mais fazer por as portas serem cerradas e tal entrada mui perigosa, tornou-se com grande nojo pera Borba, que estava pelo Mestre, que era d'ahi uma legua.

Ora sabei que outro historiador contando a partida de Nuno Alvares, quando d'esta vez foi a Villa Viçosa, não se outhorga em tal razão, mas diz que Vasco Porcalho enganosamente escreveu aquella carta a Nuno Alvares em nome de tres ou quatro dos bons do logar, dizendo que se trabalhassem de chegar lá com suas gentes o melhor que podesse, que elles lhe davam entrada de guisa que podessem tomar a villa e quantos eram dentro n'ella, e que elle crendo que era tal cousa verdade se moveu da guisa que dissemos e recebeu aquelle grande cajão e engano.

E certamente tal falamento é mais conforme á razão que nenhum dos outros, porque se os da villa em grande segredo tal cousa moveram em perda e damno do commendador e dos que no logar eram, não houveram morte, porque foram vingados dos que tal maldade contra elles commetteram? E nós não

achamos historia que diga que algum por esto tal recebesse, ante foram todos acordados e muito prestes quando Fernão Pereira chegou, e que parecia que já sabiam d'esto parte.

Outros dizem em este passo que as vigias havendo vista d'elles appellidaram, e por esto foram alli prestes.

No seguinte dia, sendo Nuno Alvares mui anojado por tal cousa e perda como havia recebido, enviou dizer a Vasco Porcalho que lhe enviasse o corpo de seu irmão, e foi-lhe logo trazido, e ordenou de o ir soterrar ao mosteiro de S. Francisco de Estremoz, que é d'alli a outra legua, tendo grão sentido e intenção que todo aquelle máu aquecimento que a seu irmão viera, fôra por a cota e a espada de D. Garcia Fernandes, que contra seu juramento tomara Nuno Alvares, porém não embargando esto, segundo convém aos grandes senhores, não mostrou tanto nojo de fora, quanto em seu coração tinha, assim por não acabar aquello que começara, como pelo morte de seu irmão, e como homem de grande esforço confortou a si e a sua gente, e mandou chamar por esses logares derredor mais companhas, das que comsigo tinha, e enviou a Elvas por um engenho, e foi cercar Villa Viçosa, e jouve sobre ella por espaço de tempo, tirando-lhe de noite e de dia com aquelle engenho, e escaramuçando e combatendo não lhe pôde fazer o nojo que elle desejava, porque na villa era boa gente de castellãos e de portuguezes com grande avondança de mantimentos, que a defendiam.

E elle por não perecerem alguns bons dos que com elle andavam que elle muito amava, des-ahi por azo de ir a outras cousas que pela comarca re-

cresciam, que cumpria tornar por serviço do Mestre, levantou o arraial e foi-se a Estremoz.

Nem ainda, segundo se affirma, sua condição não era muito teuda continuar cercos, nem jazer sobre elles, por o grão perigo que se algumas vezes segue, dizendo que no campo o haviam de achar, e que quem vencesse e houvesse a praça, ca ligeiramente cobraria os logares cercados.

CAPITULO CLXXIII — *

Como os do Porto tomaram o castello de Gaya e derribaram.

LEIXADAS algumas cousas que n'este casão no Porto aconteceram, uma só diremos em breve por virmos a nosso proposito, a qual foi que Ayres Gonçalves de Figueiredo tinha o castello de Gaya da mão do conde D. Gonçalo, e sua

* Na edição de Antonio Alvares este capitulo é o 180, tendo havido uma intercalação evidente dos sete anteriores (173 a 179). Essa intercalação tanto póde ter sido feita, involuntariamente, decerto, por Antonio Alvares, como pelo proprio Fernão Lopes, no seu tempo, ou ainda pelos primeiros que lhe colligiram e ordenaram os capitulos da Chronica. Aos fasciculos ou *cadernos* se formou e até se escreveu o livro, seguramente. Era o processo geral d'este genero de trabalhos, como não deixou de o ser ainda para muitos escriptores. Não será difficil encontrar aqui mesmo referencias sufficientemente illucidativas de que este era o processo usado por Fernão Lopes e até de que o trabalho não seguia precisamente a ordem e successão que se lhes dava depois.

mulher d'Ayres Gonçalves estava em elle com alguns escudeiros e homens de pé por guarda, os quaes pelas aldeias de redor faziam tão má vizinhança de roubar e tomar por força as cousas que vontade haviam, que todos eram d'elles muito aggravados, e os do Porto tinham d'esto grão sentido e desejo de o vingar, como o bem fazer podessem.

Aveiu assim um dia que a mulher de Ayres Gonçalves mandou pedir certas cousas a uma aldeia, que lhe mandassem pera si e pera aquelles que comsigo tinha, os moradores do logar contradisseram de o fazer, dizendo que ainda que aquelle castello tivesse voz por Castella, que não haviam d'elle peor vizinhança recebido, do que até alli tinham recebido, e não lhe quizeram consentir de levar aquello que elles queriam. A mulher d'Ayres Gonçalves, quando lhe com este recado chegaram, com pouco sizo e grão queixume, foi-se a aquella aldeia e levou quantos tinha comsigo por tomar vingança d'elles e trazer todo o que lhe viesse á vontade. Os da cidade como esto souberam, juntaram-se logo e foram

Nada mais natural e facil do que na juncção dos diversos capitulos ou *cadernos*, se darem intercalações mais ou menos importantes, perfeitamente involuntarias e mais ou menos disparatadas tambem.

Certo é que Fernão Lopes interrompe a cada passo a sequencia da narrativa ou dos successos, com intenção manifesta, confessada até, geralmente. Mas aqui a intercalação tanto não é intencional que briga exactamente com as referencias do proprio texto. Por exemplo, no capitulo 173 da edição de Alvares o Mestre levanta o cerco de Torres Vedras seguindo para Leiria e Coimbra, tendo o capitulo 169 informado de como fôra posto aquelle cerco e se começara a fazer secretamente «uma cava» para tomar o logar.

lá, e tomaram o castello e roubaram-no de quanto n'elle tinham, derribando o muro e torres deitavam-no todo ou levavam.

Ayres Gomes como isto soube em Torres Vedras, onde estava, houve d'ello mui grão desperto, e disse ao conde D. Gonçalo, com que elle acompanhava, porque fôra seu aio e governador de sua casa em sendo moço:

— «Paraimentes, senhor, e vêde que senhor servimos e de que esperâmos mercê, andar homem em seu serviço e levar más noites e maos dias pelo seu, e poer o corpo com tantos perigos de morte, e elle mandar-nos honrar d'esta guisa que vós vêdes, e certo é que os do Porto não se intrometeram de fazer tal cousa se o não sentiram d'elle, ca elles tem sua voz e vós isso mesmo. Pois para que se moveram elles a me deshonrar de tal geito, se não parece que elle tem de vós má suspeita, e manda-nos fazer esta honra.»

O conde não mostrava em ello tamanho queixume como Ayres Gonçalves, e por seu aficamento foi ao Mestre e disse-lhe aquellas razões e outras, cuja

Como e porque desistira? É o que só vem a saber-se no capitulo 180, quando os intermedios, de 174 a 179, nos dão já o Mestre em Coimbra. Além disto e da interrupção inexplicavel do discurso de João das Regras, até o capitulo 187, o proprio 180 diz: — «Por hora tornemos a ver a *cava*.» Qual? A do cerco de Torres.

E no capitulo 181 o Mestre continua n'esse cerco, que alias o 173 dava por levantado.

Porque não fazemos uma edição critica não se segue que devamos reproduzir os erros da edição anterior quando elles são manifestos e a correcção além de facil se impõe naturalmente á simples leitura. É claro que a nossa restituição é apenas de ordem. Ao capitulo 172 da edição de Alvares faze-

conclusão era que elle não tinha d'elles boa suspeita, e por tanto lhe mandara fazer aquello.

O Mestre se desculpava quanto podia, dizendo que de tal cousa não sabia parte, nem fôra feito por seu mandado nem consentimento, que aquelles homens tinham sua voz e o serviram e serviam bem em todas as cousas que podiam, e que não sabia porque se demovessem ao fazer; porém que suspeitava que o fizeram por seu serviço, assim como fizeram os de Lisboa quando derribaram o castello; e que pois já era feito não podia desfazer, mas que elle lhe tornaria seu castello e outro como aquelle, e lhe faria por seu bom serviço muitas mercês, como era razão.

Mas com quantas boas razões lhes dizer podia, nunca os poude apacificar, e assim se partiram d'ante elle queixosos.

Por ora tornemos a vêr a cava que ficou começada, em que ponto está, emquanto se estas cousas passaram.

mos seguir os 180 a 186 d'ella e a estes os 173 a 179 porque do proprio texto se deduz logica e até declaradamente esta ordenação ficando completa a narrativa dos successos do cerco de Torres até o levantamento d'elle e deixando de ficar truncada a historia das cortes de Coimbra.

Oliveira Martins percebera já o caso, pois que no exemplar da Chronica que lhe pertencia existe a seguinte nota de sua letra: — «Os capitulos 180 a 186 estavam aqui intercalados, fóra do seu logar. Deve o 180 entrar depois do 172».

L. C.

CAPITULO CLXXIV

Como o Mestre combateu a villa com as cavas que feitas tinha e a não poude tomar.

Fizeram a cava que dissémos por espaço de tantos dias, até que chegaram além do muro entre a villa e o castello, e por saberem o sesmo em que logar eram, traziam trados muito grossos, quaes cumpriam pera tal obra, e com um d'elles furavam a terra pera cima, por verem o ceno onde já chegavam, e com outro enchiam aquelle buraco de barro, por se não enxergar, e assim entraram com a cava tão acerca da egreja, que já viam o campanario.

O Mestre com grão prazer cuidando em outro dia tomar o logar, foi fazer prestes aquelles que entendeu que pera tal obra cumpriam, assim como João Gonçalves da Silva e outros, pera sahirem no adro da egreja e entrarem dentro com os inimigos.

João Duque que era avisado por onde a cava ia e onde havia de sahir, por aquelles maus conselheiros do Mestre, e percebido de todo quanto se fazia, amanheceu muito cedo uma tenda armada sobre aquelle logar por onde os portuguezes cuidavam de haver entrada. E começaram de a talhar, de guisa que se viram uns aos outros, e cada um por cumprir suas vontades eram postos em grande afan, de geito que se feriam mui mal, os de cima com portas e tavoado embargando-lhe a sahida aos de dentro, e ao fogo, e elles lançaram-lhe muita agua pelo

apagar. Mandou então o Mestre armar o tiro de dentro na cava, e posto que dessem em aquella madeira, e d'ella quebrassem e fizessem nojo, não era tanto que aproveitasse afim do que começado tinha, e depois de muito trabalho de ambas as partes, sendo feridos d'uns e dos outros, começaram de apreſiar mais sobre ello.

O Mestre vendo que quanto trabalho até alli tomara todo fôra posto em vão, pezou-lhe, e mandou-lhe pôr uma cava sobre o muro da villa, e trabalhando-se em ello por dias, pozeram um lanço d'ella a suas torres em encontros. E um dia ordenou seus combates pera poer fogo á cava, e quando lhe foi posto, veiu o muro e torres a terra, e os de dentro que já percebidos eram e faziam o que se havia de fazer, tinham postas cubas e toncas bastidas feito n'aquelle logar, de guisa que por onde o Mestre cuidou de ficar bem largo portal pera entrarem á sua vontade, elle. porque o logar era amontoado, ficou muito mais forte do que ante era, e tanto que nenhum podia combater nem fazer cousa que lhe damno fizesse; quando o Mestre viu isto, mandou arredar suas gentes fóra, não tendo suspeita que nenhum andava em sua companhia de tal engano, e desserviço podesse vir, mas pensava que era bom avisamento dos do logar, que em taes feitos traziam esperto sentido.

Em isto começaram os da villa de haver mingua d'agua de duas cisternas que tinham dentro, e isso mesmo de carne; e o Mestre sabendo d'esta parte, mandou-lhe João Duque um dia um vergonhoso presente, s. uma natura d'asno cosida com duas laranjas, e com ella uma trova, cuja conclusão era:

«Que das carnes não havia tal bocado como aquelle que lhe enviava, mas porém que lhe pedia por mercê que lhe mandasse alguma carne fresca, que alguns dias havia que era desejoso d'ella, ca elle não era em culpa de lhe defender o logar, pois lhe seu senhor tal carrego leixara».

O Mestre começou de rir e mandou-lhe das carnes quanto podesse avondar. E na parte do desculpamento lhe respondeu:

«Que lh'o não havia por mal, mas por bem, porque aquello era teudo de fazer todo o bom fidalgo, e que elle trabalhasse bem por se defender, ca elle muito havia de fazer por lhe tomar o logar».

João Duque houve seu conselho vendo como se gastavam as viandas, que viesse fallar ao Mestre, e em lhe fallando moveram suas preitesias, nas quaes não se concordando, partiu-se sem nenhuma avença.

O Mestre tinha grande sentido, porque em tão breves dias aos da sua parte aconteceram contrarios aquecimentos, assim como o desbarato e prisão do mestre de Christus e a morte de Fernão Pereira, e o cerco de Nuno Alvares, que se não dera bem, e isso mesmo de duas galés de Castella armadas que chegaram a Lisboa alta noite, não sabendo nenhum d'elles parte, e tomaram uma nau do Porto carregada d'haver do peso, e mais tres galés que jaziam desarmadas na goa, e foram-nas queimar na metade do rio, e a náu isso mesmo, porque lhe não deram os da cidade vagar que a levassem, e não embargando que de taes cousas convidamente em sua vontade tivesse assaz de nojo, a grandeza de seu coração cobria todo, não dando a entender nenhuma cousa, mas a todo mostrava

semblante e bom gazalhado, dizendo quando em esto fallava:

«Que costume era de guerras darem nojos e prazeres aos que n'ellas muito uzavam», e outras taes razões, porque aos seus dava a entender que nenhuma cousa d'aquellas lhe fazia torvação, e que pera grandes trabalhos era seu coração prestes.

CAPITULO CLXXV

Que pessoas eram aquellas que ao Mestre não eram fieis vassallos.

A nós é por força pera saber certas cousas historiarmos um pouco comprido, pois temos costume razoar as opiniões e parte dos ditos d'alguns que já sobre esto primeiro que nós fallaram, por não carecer de proluxidade que a alguns gera fastio, mas porque não sendo taes razões achadas em este volume, lhe seja contado por imperfeição. E porém o que muitas historias quizer lêr, maiormente authenticas e aprovadas, achará que os auctores d'ellas louvaram grandes senhores e seus bons costumes, e d'outros escrevem suas feias condições e desaventurados feitos. E este modo teve Santo Agostinho no livro da Cidade de Deus, cuja obra e authoridade não é de prasmar n'esta parte, seguindo ordenança.

Forçado é que leixemos algumas pessoas, fallando d'ellas em certos logares, maiormente, pois já seus excessos por outras ante que nós são nomea-

dos em mais historias, cuja nodoa parem, segundo direito escripto e evangelica doutrina, não poz magoa em seu linhagem, quando os descendentes d'ellas não foram seguidores de suas perversas pegadas, assim que pois nós dissemos, que tendo o Mestre cercado o castello que tanto desejava de tomar, que não fieis vassallos que comsigo trazia, por geitos e escriptos desvairados percebiam assim os de dentro, que todo o seu trabalho fazia em vão, razão é que espereis que digamos que pessoas eram estas e de que estado, e como soube o Mestre d'ello parte, e quando e porque guisa, ante que contemos que os moveu a esto, e publiquemos aquello que outros primeiro publicaram e pregaram.

Vejamos logo que homens eram, e busquemos todos os livros que d'estes feitos fazem menção.

As historias assignam quatro, s. o conde D. Pedro e D. Pedro de Castro, e João Affonso de Beça, e Garcia Gonçalves Baldes.

Do conde D. Pedro já tendes ouvido, onde fallámos dos feitos da rainha quando foi a Coimbra, como este conde de Trastamara, primo co-irmão d'el-rei, se quizera lançar na cidade com ella, e como fugiu e se foi ao Porto, e des-ahi nas galés de Portugal a Galliza, e tiveram n'elle não boa suspeita no combate de Bentaços, e como foi ferido no termo do Porto por seu irmão, e depois se veiu pera o Mestre, jazendo sobre Alemquer, d'esta vez, como dissemos, era com elle em este cerco.

D. Pedro de Castro já sabeis que era filho do conde de Arrayolos, D. Alvaro Pires de Castro, o qual foi culpado no cerco de Lisboa, que pela porta de Santo Agostinho, que era sua guarda, quizera

dar entrada aos castellãos, e como foi preso e depois perdoado. Era aqui em companha do Mestre João Affonso de Beça, que era um dos fidalgos castellãos que depois da morte d'el-rei D. Pedro de Castella, em tempo d'el-rei D. Fernando, se lançou em Portugal com outros, e quando D. Guido, cardeal de Bolonha, tratou pazes entre os reis, ambos eram das pessoas que el-rei D. Henrique nomeou que fossem fóra de Portugal, dos vinte e cinco que então deu foi este. E quando os inglezes vieram depois, que o conde de Cambrigue chegou a Lisboa, tornaram-se alguns dos que andavam em Inglaterra com elle, ante os quaes se tornou este João de Beça, e ficou no reino e andava com o Mestre.

Garcia Gonçalves de Baldes era um escudeiro asturião, de grande e mui bom corpo, o qual se lançou com o Mestre quando el-rei de Castella tinha cercado Lisboa, offerecendo-lhe seu serviço e ficando por seu vassallo.

E posto que o lançamento de taes pessoas em tempo de esquiva guerra de uma parte e outra, aos prudentes senhores muito seja de arreceiar pero porque todos ligeiramente creem que qualquer cousa que lhes é aprazivel, maiormente serviço de bons fidalgos em tempo de necessidade, não teve o Mestre d'esta suspeita, nem relembrança das nodoas dos outros.

Ora os que os moveram a esto, segundo contam as historias, foi que el-rei de Castella enviou cartas por um judeu em grande segredo ao conde D. Affonso, seu primo, em que lhe fez a saber «o gran deudo que com elle havia, e como elle o maior inimigo que teve no mundo era o Mestre d'Aviz com que elle andava, contra o qual devia ser seu ajuda-

dor, por entre elles haver tão grande parentesco, e se elle n'esto quizesse obrar todo o que bem podia fazer, que era fallar com alguns taes que amavam seu serviço, e matarem o Mestre a seu salvo, que era bem ligeiro d'acabar, que n'esto lhe fazia tão grande serviço e prazer, que maior ser não podia. Pelo que lhe perdoava algum erro que passado era e o accrescentaria tanto em todo o seu reino, que nenhum outro houvesse similhante, e aquelles que em ajuda de tal feito fossem poeria em grandes estados e faria muitas mercês».

O conde vendo as palavras das cartas e mais o dito do judeu, que lh'o bem dizer soube, prouguelhe d'ello com leda vontade, e fallou com os taes, que ouvindo as grandes promessas por cada um accrescentar em si, conceberam em seus corações este damnado segredo determinando de matarem o Mestre o mais cedo que se fazer podesse.

E porém dizia o senhor D. João, duque de Bretanha, padre d'este que ao prezente vive, fallando uma vez nas deslealdades que os vassallos contra seus senhores commettem, dizendo cada um por si as intenções que sobre esto tinham, que uns diziam, «que antes queriam ser cornudos, que cahirem em máu caso». Outros escolhiam serem antes mortos, que commetter tão má cousa, outros captivos e presos pera sempre, assim cada um nomeava pera si o mal que ante queria que lhe viesse, que commetter tão grave excesso.

Elle vendo tenções, começou-se de rir e disse:

— «Não sabeis que vós dizeis, por a mais pequena cousa d'essas cahiria cada um de vós em elle, e eu comvosco, quando me a mim viesse».

E el-rei perguntando porque razão seria aquello, respondeu elle entonce:

— «Por vingar uma pouca de sanha, ou por cobiça de accrescentar em mór honra.»

É certo estes que dissemos, que se a esto demoveram, por esta segunda razão foi, e assim o affirma Christophorus decretorum doutor, fallando dos feitos do Mestre, em um tratado que d'esto compoz, capitulo posto que antes, n'aquelle logar onde diz:

«Rex propter hoc multa bona promittens.»

CAPITULO CLXXVI

Porque modo tinham ordenado de matar o Mestre e descobriram seus segredos.

Não embargando esto que assim é dito, e que a longa pratica ensina, alguns porém tem opinião que ambas as cousas que dissemos, s. desejos de honra e vingança de odio, ambas n'este feito concorreram, dizendo que mais se atrigou D. Pedro n'este conselho, quando lhe foi fallado por vingança d'odio, que o muito tinha, por a prisão que ante passára, que por cobiça de acrescentar em honra, como alguns disseram; mas nós de encoberto fallar julgar não podemos, salvo das graças e mercês, honra e grande gazalhado que do Mestre todos recebiam, cada um em seu estado; ca posto que elle prendesse D. Pedro, por aquelle erro que as chronicas contam, logo a mui poucos dias o mandou soltar, e d'esta vez jazendo sobre Alemquer, ha-

vendo pouco mais de dois mezes que sua prisão fôra, o Mestre lhe confirmou e fez doação pera sempre de todas as villas e logares e castellos que os reis haviam dados ao conde D. Alvaro Pires, seu padre, assim por condado como por doação, e por outra qualquer guisa que seja, salvo dos bens de Diogo Lopes Pacheco, que el-rei D. Fernando dera a seu padre, mas de todos os outros lhe fez doação por escrivão tão firme, como a D. Pedro quiz mandar fazer. E porém não é de cuidar que por odio se movesse contra um senhor de que tantas e assignadas mercês recebera.

Ora por qualquer das razões ou intenções que fosse, a falla era de geito que cada um d'elles que a seu salvo podesse matar o Mestre, que o fizesse, mas João Affonso e Garcia Gonçalves tinham de tal obra especial carrego, lançando-se logo á pressa no logar como fosse feito, porquanto João Duque, que já d'esto era sabedor, havia sempre de ter atalaia, que como o alvoroço no arraial fosse visto, porquanto João Duque já sabia, que logo abrissem suas portas, sahindo com os seus por recolher os que fugiam, e a morte havia de ser por uma de duas maneiras.

João Affonso de Beça era um grande cavalgante e bem desenvolto, especialmente á gineta, e quando o Mestre cavalgava e algum dos seus com elle, ia elle sempre muito diante com a lança nas mãos por acompanhar com outros, e dava de esporas ao cavallo vindo correndo brandindo a lança, e quando era acerca do Mestre mostrava que a queria arremessar rijamente, dando a intender que o fazia por sabor por o Mestre, nem outro algum tomar suspeita d'elle, e esto entendia elle de fazer muitas

vezes por desegurar, até que vissem geito de arremessar e assim o matar.

Onde aqui é de saber, e não sem razão de notar que o Mestre tinha um seu criado, veador de sua casa, a quem chamavam Fernão d'Alvares d'Almeida, commendador de Villa Viçosa, homem avisado e bem discreto e que amava muito seu serviço; este cavalgava sempre com o Mestre de guisa que ao longe e ao perto nunca se d'elle partio. E vendo que João Affonso uzava a meudo aquello, maiormente que nunca mostrava aquelle geito senão contra a pessoa do Mestre, desprougue-lhe d'ello muito, sem suspeita porém alguma que de tal cousa podesse avir.

E um dia vindo João Affonso correndo rijo por fazer tal mostrança, como havia em costume, pozse Fernão d'Alvares diante e desviou com sua lança e disse:

— «Affastae, affastae lá vossa lança, não haveis empacho fazerdes já tantas vezes esto e virdes contra de tal geito contra o Mestre meu senhor, sabei que vos não parece bem, antes parece mal a quantos vol-o veem fazer».

João Affonso disse que o fazia por jogatar e por fazer sabor, e não por fazer desprazer ao Mestre.

— «Esse jogatar, disse Fernão d'Alvares, hi-vos fazer a outro, mas não ao senhor com quem vós viveis».

E sobre isso começaram a haver razões, e o Mestre disse que se calassem e não curassem d'aquello. E des então não se termeteu mais João Affonso de uzar aquelle fingimento e jogo, e perdeu a esperança de por tal azo poder acabar o que tinha cuidado.

Outra maneira era que vindo o Mestre vêr os engenhos, como havia em costume, quando fosse mal acompanhado e com poucos, que então teriam geito de cumprir sua má vontade.

E assim andaram aguardando tempo quando podiam commetter e acabar tão maliciosa obra.

E emquanto estas cousas assim passavam, com maduro assocego e fingidas razões davam ao Mestre muito maus conselhos, fazendo saber a João Duque por escriptos e signaes quanto o Mestre com elles ordenava, e era d'este geito, como depois foi sabido.

Tendiam os virotões e punham-lhe penas de papel ou de pergaminho, e n'ellas ia escripto quanto lhe queriam descobrir. E mais lh'o faziam saber que d'onde se podessem e começassem de estar os da villa acenando com as mãos, que por alli ia a cava, e assim o fizeram de feito, lhe chamavam fi de puta, cornudos, vassallos de alfinago, fazendo-lhe certos signaes porque avizavam de todo, e com o mau conselho que ao Mestre davam, e em todas as cousas que contra elles faziam, seus trabalhos aproveitavam pouco.

CAPITULO CLXXVII

Como foi descoberta a traição que ao Mestre tinham ordenado e queimado Garcia Gonçalves.

Já dissemos como o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves de Figueiredo chegaram ao Mestre mui queixosos por razão do castello de Gaya, que foi tomado como ouvistes, e as razões que sobre ello houveram, e des então até este tempo sempre ambos mostraram de si geito que eram mal contentes do Mestre, e tanto que seu apartamento e falla a meudo em segredo e apartados, fez gerar persumpção ás gentes que alguma cousa queriam ordenar contra elle, de guiza que por este azo foram alguns que disseram ao Mestre:

— «Senhor, sabei que aqui é fama que o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves de Figueiredo não andam verdadeiros em vosso serviço, e se querem lançar em Coimbra com os seus pera vos serem contrarios nas cousas que houverdes de fazer. Mandae sobre esto poer avizamento, de geito que não ponhaes sobre ello estorvo, ante que se entremetam começar alguma cousa».

O Mestre ouviu o que lhe diziam e calou-se, sem dar a entender nada. Em esto começou-se de dizer e affirmar que Diogo Gomes Sarmento, que estava em Santarem com quatrocentas lanças, e Vasco Pires em Alemquer com cento e cincoenta, João Gonçalves em Obidos com cento e o conde D. Henrique em Cintra com outro cento, que estes capitães

tinham falla feita com João Duque e com este D. Pedro que dissemos, que uma noite supitamente dessem todos sobre o Mestre como tinham ordenado, e que morto ou preso ou desbaratado não lhe podia escapar.

E diz aqui o doutor já allegado no capitulo que dissémos, que a falla entre elles era d'esta guisa: — «que não se podendo matar o Mestre como tinha ordenado, que um dia se lançassem todos na villa, e que d'aquelle dia que se assim lançassem a seis dias seguintes, havia de ser a vinda d'estes capitães, com suas gentes, em cuja ajuda havia de sahir João Duque com os seus pera todos acabarem esto que tinham ordenado».

Ora o Mestre não sabendo parte do que contra elle traziam ordenado, sómente por seu percebimento e boa segurança, quando esto ouviu dizer, aos oito dias de janeiro da era que se então começára de quatrocentos e vinte e tres annos, ordenou este dia de estar em conselho, e mais que todos os capitães parecessem com suas gentes perante elle pera vêr quantos homens d'armas tinha comsigo.

E aqueceu que dos primeiros que ao conselho vieram, foi o conde D. Gonçalo com seu filho D. Martinho, e Ayres Gonçalves com elle, e como foram na tenda do Mestre elle mandou-os todos tres prender, posto que o filho fosse moço pequeno, e entregou-os a Vasco Martins de Mello.

O conde D. Pedro e D. Pedro de Castro que andavam pelo campo fallando de bestas, quando ouviram dizer que o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves eram presos, cuidaram certamente que seu segredo e falla era descoberto, e com grande medo que houveram, sem outro conselho, e mais

vagar que houvessem, começaram a fugir á pressa, s. o conde D. Pedro se lançou na villa, e João de Beça, e D. Pedro de Castro, fugiram para Santarem.

E querendo Garcia Gonçalves lançar-se no logar com o conde D. Pedro, pela guarda que tinha Antão Vasques, foi filhado pelas gentes do Mestre, e o alvoroço foi tamanho no arraial por a fugida de taes homens assim supitamente, de sorte que o Mestre ficou espantado e não sabia que dizer. Folgou muito quando lhe disseram que Garcia Gonçalves era preso, por saber por elle a verdade, e trazido perante elle perguntou-lhe que fugida era a sua de tal geito e porque?

Elle pensando guardar sua vida, escuzou-se com razões não bem compostas, as quaes crêr lhe não quizeram. Então o mandou metter a tormento de açoutes, e confessou pelo meudo tudo o que haveis ouvido, e quaes eram culpados, e como jazendo el-rei de Castella sobre Lisboa, por seu mandado se lançaram com o Mestre pera o haver de matar em companhia d'outros.

O Mestre vendo tão grande maldade deu muitas graças a Deus, que por sua grande misericordia o quizera guardar de tamanho perigo, andando tão desegurado entre elles. D'outra parte mui irado contra elle por nova e razoada sanha, não o quiz mandar matar de simples e honesta morte, mas cruel de fogo em grande soffrer, e mandou que o queimassem.

E se alguem escreve n'este passo que o Mestre era bem certo como lhe muitas pessoas traziam tratada morte e que nunca lh'o dava a entender, esperando que maneira em ello queriam ter, não deis

fé a tal escriptura, que quem vê não póde consentir uma pensada suspeita que do conde D. Gonçalo tomou, o teve por ello tanto preso, como depois ouvireis, grave lhe seria de soffrer tal tredorice como esta pera esperar a pratica d'ello.

E porém mandou o Mestre que o trouvessem perante sua tenda, e alli lhe mandou que confessasse outra vez perante todos aquello que apartadamente dissera por tormento, e elle disse que lhe pedia por mercê que o não constrangesse a aquello que já havia confessado. E o Mestre mandou todavia que o dissesse.

E elle respondeu que maior pena lhe era aquello, que a morte que lhe mandava dar.

Então começou de contar compridamente aquelle notavel erro em que elle e os outros que fugiram, e outras pessoas eram culpadas, e acabado seu confesso, levaram-no ao fogo, que já era prestes, e ataram-no a um esteio, onde ardendo fez mau fim de sua vida.

CAPITULO CLXXVIII

Como o Mestre deu os bens dos que eram culpados contra elle.

FAZENDO-SE assim n'aquelle homem esta bem merecida justiça, não podiam as gentes em outra cousa fallar, salvo sua traição que elle e os outros ao Mestre tinham ordenada, dando sobre ello desvairadas razões e exemplos, e com queixumes ante si fallando, diziam contra o Mestre:

— «Leixae-o vós, pois se tal quer, não lhe abundava o que lhe D. Pedro fez no cerco de Lisboa, quando quizera dar a cidade a el-rei de Castella, porque se perdia o reino e nós outros todos, e prendiam e soltavam pera lhe depois bastecer a morte por galardão de soltamento. Leixou logo de o mandar matar, ou de o metter em carcere, d'onde nunca sahisse pera tirar suspeição do reino, e soltou o d'ahi a poucos dias, como se fosse cousa leve que lhe pouco houvesse de empecer. Quanto agora bem podiam dizer o que diz o exemplo antigo, que quem seu inimigo poupa a suas mãos morra. E elle cuida que perdoar aos maus que lhe é mui grande bondade, e elles fazem se cada vez peores, e fazem-lhe este jogo que vós vêdes».

E estes exemplos e historias contavam tantos, e de tantas guisas, que em al não achavam desenfadamento. Outros diziam que fizera o Mestre bem mandar apoz elles pera os haver ás mãos, e fazer n'elles justiça, mas isto não prestava nenhuma cousa, porque elles traziam os melhores e mais ligeiros cavallos que em toda a hoste havia, de guisa que nunca nenhum os alcançaria.

O Mestre isso mesmo de praça, contava sua gran traição e maldade, segundo pelo morto fôra confessado, dizendo que agora entendia e era em conhecimento do geito do arremessar que João Affonso fazia, e por quantas guisas a cada um mostrava em lhe fallando quanto amava seu serviço, e quanto todos eram fundados em o deservir e envezar, e contando o que lhe haviera com cada um d'elles, no cerco d'aquelle logar, e em outras cousas, e como por seu azo não fôra tomado e despendera sobre elle muito trabalho em vão.

Mas a esto não minguava que responder muitas razões, culpando-o no perdão que fizera a D. Pedro, dizendo que a muito se aventurava quem punha a vida e honra em quem a elle em algum tempo começou de errar. Des-ahi diziam que fiar de nenhum castellão era a elle cousa mui empecida, maiormente em tal como o conde D. Pedro, que era primo co-irmão d'el-rei de Castella, do que elle bem devera entender que seu serviço não era fiel.

E o Mestre respondia a todo, e em fim veiu a dizer:

— «Eu não sou o primeiro que fui enganado por falsos vassallos, nem hei de ser o derradeiro, mas eu dava gran fé a todo seu conselho, por serem homens de auctoridade, des-ahi por mostrarem grão desejo que amavam muito meu serviço, em tanto que por vezes me fizeram dizer asperas palavras a alguns que me lealmente desejavam servir, assim como fiz ao mestre dos engenhos, que d'aqui fugiu com medo que de mim houve, e alguns outros, muito sem porque».

Em todo esto vendo João Duque como queimavam Garcia Gonçalves, com grande menencoria que d'ello houve, mandou tomar uns seis ou sete portuguezes, homens trabalhadores, que tinha presos, e mandou-os todos decepar das mãos e fanar dos narizes, e poer todos as mãos ao collo d'um d'elles, e mandou-os assim ao Mestre, o qual vendo sua desmesurada crueldade, mandou lançar no fundo do engenho, dentro da villa, os prisioneiros que tinha castellãos.

Des-ahi uzando mais de piedade que de rigor de vingança, houve d'um d'elles compaixão, e mandou que se não fizesse. Entonce chegou Nuno Al-

vares, que o Mestre mandou chamar a Evora, onde estava, pera fallar com elle, e trazia comsigo uns setenta de mulas com cotas e braçaes. E ouvindo em Lisboa dizer como os capitães dos logares que dissemos se ajuntavam pera irem dar uma noite sobre o Mestre, houve armas emprestadas pera os que com elles iam, e trigosamente foi a Torres Vedras.

O Mestre soube parte de sua vinda e prougue-lhe muito com elle, e sahiu a receber, e mandou-o bem aposentar. E por tres dias seguintes depois da fugida que dissemos d'aquelles, o Mestre aguardou em batalha as gentes que diziam que haviam de vir sobre elle; entonce nem depois não veiu nenhum que lhe nojo fizesse.

O conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves mandou o Mestre que os levassem ao castello de Thomar, e entregaram-nos ao alcaide, e depois foram levados a Evora.

Entonce deu o Mestre a Vasco Martins de Mello todos os bens moveis e de raiz que a condessa, mulher que fôra do conde D. Alvaro Peres, e D. Pedro de Castro, seu filho, e o conde D. Pedro, seu genro haviam em quaesquer logares do reino, (ca este conde D. Pedro era casado com D. Izabel de Castro, filha do conde D. Alvaro Peres e d'esta condessa D. Maria) assim de terras acastelladas como chãs, resalvando as terras e logares do conde de Vianna, e as que dadas eram por condado ao dito conde D. Alvaro Peres, e mandou que pozessem na dita carta de mercê estas seguintes razões:

« — Por quanto o conde D. Pedro nos trazia bastecida morte e traição, e a dita condessa era em esto consentidora.»

E esta condessa D. Maria se foi pera Castella com D. João Affonso Telles, irmão da rainha D. Leonor, quando se foi d'estes reinos. E deu entonce o Mestre os bens d'elles a Affonso Gomes da Silva.

Outrosim deu o Mestre a Lopo Dias d'Azevedo todos os bens moveis e de raiz que foram de João Affonso de Beça, assim os que lhe elle dera por doação, como quaesquer outros que tivesse, e mandou poer nas cartas estas palavras:

« — Por quanto o dito João Affonso em vivendo comnosco, e recebendo de nós muitas mercês, nos trazia bastecido a morte e traição, como mau e desleal, e se foi pera Castella.»

E não sómente deu dos bens d'elle, mas ainda de Maria Annes Leitoa, sua manceba, moradora em Lisboa, se achassem que fugira com elle, e assim d'outros seus criados.

Onde sabei que n'esta sazão, estando el-rei de Castella em Sevilha armando náus e galés pera mandar sobre Lisboa, ajuntando muitas gentes pera entrar em Portugal, chegou-lhe recado do desbarato do mestre de Christus e da sua prisão e do Priol, e prougue-lhe muito com taes novas, quando lhe contaram o que havira a estes fidalgos que nomeamos, e como eram já de seu bando foi elle muito ledo, entendendo que seus feitos se davam a bem.

Se muito prougue a el-rei, com as novas, tanto prougue á rainha D. Leonor sua sogra, assim da prisão de seu irmão o conde D. Gonçalo, como do desbarato do mestre seu sobrinho; do irmão porque elle lhe não quizera fazer a vontade quando foi a Coimbra com el-rei seu genro, e da prizão do sobrinho porque a não viera tomar ao caminho quan-

do a levavam presa pera Castella, segundo lhe ella escrevera, podendo-o bem fazer. E fallando a aquella hora nos feitos do Mestre, disse:

— « Oh! Mestre como andas vendido e não o sabes».

Perguntando os que eram presentes porque, respondeu entonces, e disse:

— « Porque quantos dentes tem na bocca todos lhe abalam, senão um só».

E esto que dizia era Nuno Alvares.

CLXXIX

Como Vasco Pires tomou voz outra vez por el-rei de Castella.

E contado havemos como, jazendo o Mestre sobre Alemquer, preitejou com Vasco Pires de Camões que lhe desse o logar com certas condições em que se concordaram, recebendo entonce do Mestre soldo, elle e Gonçalo Tenreiro, seu sogro, e tendo assim voz por Portugal soube como Garcia Gonçalves fôra queimado, e como fôra descoberta aquella peçonhenta falla que elle e os outros entre si traziam guardada; e mandou Vasco Pires ao Mestre Gonçalo Tenreiro seu sogro, com modo sobre certas cousas, e quando tornou a Torres Vedras parece que Vasco Pires não foi contente da resposta que lhe trouve, ou por ventura tinha vontade de fazer aquello que fez, e buscou azo de o fazer mais sem prasmo.

Entonce mandou chamar quantos bons havia na villa, assim os melhores como d'outra condição, dando a entender que queria com elles haver conselho, e entonce propoz perante todos e disse estas razões:

— «Amigos, senhores, segundo as cousas que vós vêdes que se acontecem, eu queria saber de vós quejanda é a vossa vontade, ou como quereis que façamos, se vos praz que tenhamos com el-rei de Castella, ou se mantermos voz do Mestre.

«Mas o que a mim parece é esto. Eu vejo que do Mestre são partidos os melhores capitães que elle comsigo trazia, assim como é o conde D. Pedro e D. Pedro de Castro, e João Affonso de Beça, e o conde D. Gonçalo, e Ayres Gonçalves isso mesmo, assim que com elle não fica gente que de conta nem de valor seja. Pois elle sem gente não ha poder de se defender de seus inimigos e contrarios, e d'el-rei de Castella, o qual eu hei por nova certa que a mui poucos dias será aqui com todo seu poder, pera haver e cobrar este reino, que diz que é seu de direito. Ora considerae vós estas cousas, e vêde como vos parece que é bem, e assim me respondei logo, ou quando vos aprouguer de vir a accordo».

E elles porque entendiam em sua vontade o que elle desejava de fazer, disseram que fizesse como melhor entendesse por proveito dos corpos e dos haveres, ca elles prestes eram a fazer quanto elle mandasse e por bem tivesse. Entonce respondeu elle dizendo:

— «Amigos, eu vos digo que já ha muito que cuidei sobre esto, e por segurança de todos nós outros, eu acho que é bom sermos com el-rei de Castella».

E fallando n'esto levantaram-se dentro no castello e mandou levantar um pendão na torre da menagem, e disse a aquelles que hi ficavam da parte do Mestre que se quizessem quedar e ter voz por el-rei de Castella seu senhor, que elle lhe faria muitas mercês, e se lh'o fazer não quizessem que desamparassem a villa e se fossem logo.

Entonce ficou com elle Ayres Pires de Camões seu primo, e micer Lelo Frances, criado do conde D. Alvaro Peres, e foi-se Ruy Cravo e Fernão Gonçalves da Ameixoeira e outros pera o Mestre a Torres Vedras onde estava, e foi isto uma vespera de S. Vicente, vinte e um dias do mez de janeiro d'aquella era.

E mandou Vasco Pires lançar pregão que quantos hi estavam da parte do Mestre que se sahissem logo, sob pena de morte; e os que acompanhavam os que se partiram foram-se com elles, os outros ficaram todos.

Entonce matou muitos gados que andavam arredor da villa, e enviou pelos castellos que enviara a Santarem, e acalmou-se o melhor que poude, e publicou voz por Castella.

Fallando em esto disse de praça, o que lhe houveram por mal pera tal fidalgo:

—«Olhae, que vos valha Deus, que boa preitezia fazia comigo o Mestre: mandei lá meu padre Gonçalo Tenreiro com alguns desembargos, e não me tornou nenhuma cousa; indi se me trouvera mil dobras emburilhadas em um trapinho, guardar-lhe-hia a preitezia, pois me não trouve nada, não curo de lh'a guardar».

O Mestre quando ouviu dizer que Vasco Pires se alçara com Alemquer e tomara d'aquella guisa

voz por Castella, começou de se rir, mostrando que não dava por isso, e disse contra os outros:

—«A mal se me querem dar estes meus vassallos».

Entonce fallou com Nuno Alvares que era bem de alçar d'ahi seu cerco, pois o logar era assim forte de tomar, que cumpria de tomar gran detença sobre elle, mórmente que lhe era tão necessario chegar a Coimbra, onde se juntavam todos os fidalgos e concelhos do reino pera fallarem nos feitos da guerra, e que maneira se havia de ter pera a continuar, e que a partida fosse d'ahi a quinze dias, e Nuno Alvares mandasse em tanto chamar suas gentes.

CAPITVLO CLXXX

De como o Mestre partiu de Torres Vedras e foi a Leiria, e des-ahi a Coimbra.

ORDENOU o Mestre de alçar seu cerco e ir-se caminho do Coimbra, onde era certo que por seu mandado estavam juntos todos os bispos e procuradores das villas e cidades que sua voz entendiam manter, segundo foram chamados pera ordenar com elles como haviam de seguir sua guerra, que tão necessariamente eram postos. E porque alguns artificios de combate que ali estavam, e mais dois engenhos, não se podiam levar como cumpriam a Lisboa, mandou o Mestre poer fogo por se d'elles não prestarem os inimigos.

Onde sabei que n'esta sazão era o termo de Lisboa muito damnificado com gran mingua de mantimentos por a vinda e estado de el rei de Castella,

e isso mesmo no termo de Torres Vedras e d'outros logares derredor.

E vendo muitos lavradores e outras gentes que moravam em elles, como ficavam assim tão minguados em poder de castellões, constrangidos por tal necessidade, não sabendo o que lhe havia de vir depois, e quando souberam que o Mestre se queria ir, vieram-se pera elle com mulheres e filhos, e muitas crianças pequenas. Assim que quantos moravam no arrabalde de Torres Vedras e no termo, e em alguns outros logares, todos ali foram juntos.

O Mestre quando viu tantas gentes da condição, e como bradavam uns e outros que se amerceasse d'elles e as levasse em sua companhia pera haverem algum mantimento, e não serem postos em poder dos seus inimigos, foi posto em cuidado, e mais lhe prouguera com outros tantos homens d'armas que o ajudaram, que levar comsigo homens e mulheres e parvos, compridores de muita miseria, com tantos e de tal guisa que lhe podiam entonces chamar padre de muitas companhas, porque até um cego que morava no arrabalde, ouvindo como o Mestre se partia d'este geito com aquellas gentes, começou de bradar grandes brados, rogando por Deus que o levasse comsigo e não ficasse em poder de tão más gentes.

Nuno Alvares quando esto ouviu, movido com dó e piedade d'elle, mandou que lh'o pozessem nas ancas da mulla em que ia, e d'esta guisa foi com os outros.

Entonce partiu o Mestre com elles assim como Moysés quando trouxe os filhos de Israel pera o deserto, em esta ordenança: e elles iam todos diante, e elle com suas gentes detraz, que seriam até seis-

centas lanças, das quaes iam encavalgados cento e cincoenta, e as outras todas de pé com cotas e laudeis vestidos, e os bacinetes ao pescoço nas fachas, e assim andavam suas trabalhosas jornadas, as quaes o Mestre mandava que não fossem maiores que quanto aquella pobre gente podesse andar passamente, que eram duas e tres leguas.

Quedou o cego em um logar, onde se contentou de ficar, e ás vezes ia o Mestre a pé com os seus, por lhe fazer boa companhia, como era seu costume, e assim passaram por entre Obidos e o Cadaval, e n'aquella villa de Obidos se lançou com os castellãos Alvaro Fernandes Turrichão, commendador de Montemór-o-Novo.

Des-ahi foram a Alcobaça, cujo castello tinha voz do Mestre com outros logares da ordem, de que então era abbade D. João Dornellas, que sempre bem serviu.

E chegando a Leiria, onde pensou achar bom acolhimento em Garcia Rodrigues, alcaide do logar, e elle uzou muito d'outra maneira, tendo razão de fazer o contrario, ca o Mestre havia a villa por sua, segundo Garcia Rodrigues por suas cartas dera a entender, fazendo-lhe o Mestre grandes mercês, assim no cerco de Lisboa, como jazendo sobre Alemquer, assim como homem de que esperava bom serviço em tal tempo, e assim o dizia o Mestre de praça, e nas cartas das mercês suas razões mandou poer, dizendo d'esta guisa:

« Que nós vendo e confirando o muito estremado serviço que até aqui recebemos, e entendemos de receber ao diante de Garcia Rodrigues Taborda, alcaide do nosso castello de Leiria, e querendo-lh'o nós agalardoar como a bom servidor, fazemos-lhe

doação pera todo o sempre do nosso logar de Porto de Mós, com seu termo e rendas e direitos.»

E assim dizia na carta da mercê quando lhe deu as jugadas do pão de Leiria, e quando lhe fez doação da terra da Nespreira e d'outros logares no termo de Vizeu, e assim em outras partes, e cartas de mercês de que não cumpre fazer menção.

Ora vêde se tinha razão o Mestre de cuidar que esta villa estava por sua, um homem a quem tantas mercês e outras muitas havia feito. E com todo nunca outra resposta pôde haver d'elle quando por ahi chegou, salvo que elle fizera menagem d'aquelle logar á rainha D. Leonor, ca a ella o entendia entregar e não a outrem nenhum. E quando do Mestre muito postaram com elle, disse que não faria d'elle graça nenhuma até que Deus pozesse fim a estes feitos, como sua mercê fosse. Assim que se ao Mestre abalaram todos os dentes, como a rainha disse em Castella, bem abalou este e apodreceu, até que cahiu de todo, como fizeram os outros.

CAPITULO CLXXXI

Como o Mestre chegou a Coimbra e foi bem recebido de todos os da cidade.

Partiu o Mestre de Leiria caminho de Coimbra, sem fazer mais detença. Em aquelle logar se lançou D. Affonso, irmão de D. Pedro de Castro, com Garcia Rodrigues, mas sobre a tenção que o Mestre levava desacordam alguns doutores,

por cujo azo pera certidão se offerecem aqui desvairadas razões.

Uns escrevem que o Mestre ia a estas côrtes sobre o titulo de Rei, que era requerido que tomasse, se o tomaria ou não. Outros contam que sua tenção era, salvo governar e defender o reino até que o infante D. João fosse solto pera depois lh'o entregar, e que esta era a mais honrada façanha que nenhum homem podia fazer, da qual elle seria mui louvado de todos aquelles que esto soubessem. D'elles diziam que elle não mandava fazer tal ajuntamento senão pera ordenar o proseguimento da guerra, como se haveriam pera ella as despezas.

Outros affirmam que todos os conselhos eram alli juntos sómente pera fazerem rei, e que elle tal vontade levava, e que esto acabado, então fallariam no feito da guerra e cousas que a ello cumpriam.

Em esta razão, segundo nos parece occupam mór parte da verdade das outras, porque na procuração que Lopo Martins, corregedor a aquelle tempo de Lisboa, e João da Veiga, e Affonso Gonçalves, e Silvestre Estevens, e Alonso Gil e outros muitos da cidade fizeram a Pedro Affonso Sardinha e a Martim Lourenço, seus cidadãos, quando os enviaram a estas côrtes, logo em ella estas palavras e poder especialmente pozeram, dizendo «que por elles, e em seu nome, podessem alçar e receber por rei e senhor d'estes reinos o mui nobre senhor D. João, Mestre da cavallaria d'Aviz, e lhe fazer seu preito e menagem como a seu rei e senhor, e receber d'elle promessas de lhe guardar e manter seus privilegios, preitos e costumes.»

E assim dizia o do concelho d'Evora e todos os outros das villas e cidades do reino que entonce alli

eram juntas, em que se claramente mostra que especialmente ia por esto.

E indo assim caminho de Coimbra, ante que lá chegasse, sahiu a recebel-o com todos os seus, Gonçalo Gomes da Silva, que estava em Montemór-o-Velho, que já tinha voz por elle. E o Mestre lhe fez grande honra e gazalhado.

Mas não o sahiu a receber Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que estava na cidade e tinha o castello, dizendo, como dissera Garcia Rodrigues, que tinha voz da rainha D. Leonor, cujas eram todas as menagens depois da morte d'el-rei D. Fernando, e que a ella havia de obedecer, como quer que alguns diziam que elle vontade tinha de tomar voz por Portugal, porquanto el-rei de Castellla britara os tratos entrando no reino ante do tempo que lhe ere devido. Des-ahi porque dois seus filhos como ouvistes, andavam com o Mestre já tempo havia.

Outros querem dizer que Gonçalo Mendes estava assim não tendo com Portugal nem com Castella até que visse o que ia melhor, e com aquella parte ter, como faziam outros. Mas porém elle não guardou tanto, que logo d'ahi a poucos dias se tornou pera o Mestre e foi na eleição sua, quando o alçaram por rei.

Os da cidade fizeram prestes pera ir receber o Mestre, e a clerezia em procissão, e os leigos com seus jogos e tribilhos. E des-ahi os fidalgos e conselhos que ahi eram todos, juntamente de bestas, como melhor podiam, e em se corregendo uns e outros, começaram muitos apoz de sahir fóra da cidade per o caminho per onde vinham o Mestre, com cavallitos de cannas, que cada um fazia nos canaviaes com pendões correndo todos, e bradando:

— Portugal, Portugal, por el-rei D. João, boa hora venha o nosso rei.

E assim foram por mui grande espaço, acerca de uma legua.

O Mestre e Nuno Alvares, e muitos dos que hi vinham, maravilhavam-se d'esto muito, havendo por cousa estranha, e assim como milagre, dizendo que Deus os movera a fazer aquello e fallava por aquelles moços, como por boccas de prophetas, e assim vieram ante elle até á cidade, onde foi com grande honra recebido.

Quando o Mestre chegou acerca d'ella, viu estar a porcissão, desceu-se elle e todos os outros das bestas, e humildosamente fincou os giolhos em terra e beijou a cruz, e veiu-se de pé com a porcissão, e entrou pela cidade com gran festa e prazer que com ella vinham, e levaram-n'o aos paços da Alcaçova onde havia de pousar.

E foi esto no mez de março, uma sexta feira, tres dias andados d'elle, da era já nomeada.

CAPITULO CLXXXII

Das razões que se fallavam ante que entrassem ás côrtes, e nomes d'algus que a ellas estiveram.

Juntos alli estes fidalgos e prelados que Portugal defender entendiam, e procuradores de certas villas e cidades do reino, começaram de fallar uns com os outros, assim cavalleiros como escudeiros, e d'outra meã gente, tambem de praça como a departe, sobre a governança da terra e quem era bem de reinar.

Os que eram affeiçoados ao infante D. João, que jazia preso em Castella, bradavam de toda aquella parte, e sem mais duvida que em ello pozessem, davam-lhe logo o reino por direita linha e herança, dizendo que elle sómente havia de reinar, e outro nenhum não, e que o Mestre era bem de reger e governar o reino até que elle fosse livre e solto, ou se em elle fizesse outra cousa. E se acontecesse de morrer reinaria o infante D. Diniz, seu irmão, ou o Mestre, ou quem vissem que era mais razão e proveito do reino, mas que em elle outro rei não, visto o tempo e ponto em que eram postos, era cousa mui errada e não pera consentir.

E esta parte tinham certos fidalgos, d'elles de praça e outros caladamente, e especialmente Martim Vasques da Cunha e seus irmãos, e alguns alliados a elles. O maior conto dos outros fidalgos e povo meudo, eram de todo contra esta tenção, dando muitas razões a não ser assim, dizendo que um era preso d'onde nunca havia de sahir, maiormente que viera fazer guerra ao reino, e o outro sim isso mesmo em tempo d'el-rei D. Henrique, e portanto cumpria eleger tal que regesse o reino e se pozesse por elle, sem mais curar d'outros herdeiros que hi houvesse d'haver.

E sobre esto fallavam tanto a meudo suas desacordaveis razões, e ás vezes por tão desacordaveis palavras, que já notorio era a todos quaes fidalgos contradiziam o Mestre haver de ser rei, e quaes razoavam por sua parte. De guisa que foram postos em dois bandos, de que o Mestre já havia noticia.

E em todo esto chegou o dia em que haviam de entrar ás côrtes, nas quaes eram presentes estes prelados, s. D. Lourenço, arcebispo de Braga, D. João, bispo de Lisboa, D. Lourenço, bispo de La-

mego, D. João, bispo do Porto, D. João, bispo de Evora, D. Frei Rodrigo, bispo da dita cidade, D. Frei Vasco, bispo da Guarda, o priol de Santa Cruz, o Abbade de S. João de Alpendurada e o Abbade de Bestellos, e Ruy Lourenço Adayão, de Coimbra, grande lettrado, e outras honradas pessoas ecclesiasticas.

Outrosim dos fidalgos estava hi Vasco Martins da Cunha o Velho, Vasco Martins de Sousa, Ruy Homem, Nuno Alvares Pereira, Gonçalo Vasques Coutinho, Martim Vasques da Cunha e Lopo Vasques, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Mem Rodrigues e Ruy Mendes seus filhos, Diogo Lopes Pacheco, João Fernandes e Lopo Fernandes, seus filhos, João Pereira, Alvaro Pereira, Gonçalo Gomes da Silva, João Gomes, seu filho, Martim Affonso de Souza, Vasco Martins de Mello e Martim Affonso de Mello, seu filho, Estevão Vasques de Goes, Estevão Vasques de Rezende, Affonso Vasques Correia e Alvaro da Cunha, e outros que não nomeamos.

Isso mesmo estavam hi assim como Affonso Furtado, capitão-mór da frota, Affonso Eanes Nogueira, Gonçaleannes, de Castello de Vide, que se viera já pera o Mestre, Fernão Rodrigues, que depois foi mestre d'Aviz, Martim Gil, commendador-mór da ordem de Christo, Pero Lourenço de Tavora, Ruy Lourenço, seu irmão, Alvaro Gil Cabral, Lourenço Mendes Carvalho, Gomes Martins de Lemos, Nunes Viegas, o moço, Ruy Vasques Cavalleiro, Egas Coelho, Gonçalo Gonçalves Borges, Martim Affonso Valente, Estevão Vasques Filippe, Ruy Cravo, e outros muitos cavalleiros e escudeiros de boa conta, e muito outro povo. Procuradores das villas e cidades eram hi juntos áquelles que nomeámos por confessores ante d'esto em seu logar.

CAPITULO CLXXXIII

Como o doutor João das Regras propoz em as côrtes mostrando que havia quatro herdeiros do reino.

E elles todos em um Paço postos em assecego, em boa ordenança, era ahi um notavel barão, homem de perfeita auctoridade e cumprido de boa sciencia, mui grande lettrado em leis, chamado doutor João das Regras, cuja sotilidade e clareza de bem fallar entre os lettrados é teudo em conta.

Este propoz n'aquellas côrtes, tendo cuidado de mostrar por sciencia, razão e verdade, o proveito de tão grão negocio, como este aos povos ficar depois encarrego de escolher qual determinação quizessem.

Mas quem poderia reter, segundo alguns escrevem, a abundança de seu bom follar, e como se houve tão sabedormente ácerca de tão alto feito, das quaes cousas alguns leigos leixando as migalhas, do que percalçar podiam, em escripto dizem que começou d'esta guisa:

— «Senhores fidalgos, louvadas pessoas, que hora de presente estaes, bem sabeis como somos aqui juntos pera com a graça de Deus e sua ajuda havermos de trabalhar e acordar as cousas que cumpridouras são pera regimento e governança d'estes reinos, especialmente em feito e defensão da guerra, na qual fomos postos, e temos tão prestes, como todos bem sabeis; e mais pera fallarmos se estes reinos, depois da morte d'el-rei D. Fernando, que d'elles postrimeiro possuidor, ficaram vagos e desampara-

dos, sem rei e defensor lidimo que os possa e deva herdar de direito, pera sobre ello provermos como nos Deus ajudar, de guisa que o reino seja mantido em direito e em justiça, e nós guardados e defensos de nossos inimigos e contrarios. Mas porque alguns dizem que não ha herdeiro de direito, porém eu, por tirar tal debate dentre vós e fadiga, em favor das razões dos que devem herdar, quero mostrar que não sómente ha hi um herdeiro, mas que temos assaz d'elles, de que podemos tomar qual nos aprouguer.

«Mas ante que d'esto façamos palavra quero responder a uma razão que se aqui move da parte d'alguns, dizendo pois somos tão poucos, que não podemos escolher nem eleger rei, pois que o reino é em si diviso e não somos todos em um accordo, mas que leixemos assocegar estes feitos, e depois que a Deus prouguer de o reino ser todo de um accordo e posto em assocego, como d'ante era, que entonce devem todos de eleger rei, qual mais entenderem que é proveito da terra, e sua eleição será valiosa, pois é com accordo de todos, e não tão poucos como ora somos, e d'outra guisa não é de fazer, nem valeria tal eleição. Mas os que esto dizem não são de culpar, porque não ha fundamento em infinança de direito. Ca se o Papa, que é maior cousa, póde ser elegido por um só cardeal, morrendo todos e ficando elle só; e ainda, se este morrer, a clerezia póde eleger Pastor da egreja, e ser verdadeiro Papa, quanto mais nós outros em tal necessidade postos, ainda que poucos sejamos, e o reino em si diviso, podemos eleger quem reja o reino e nos ampare de nossos inimigos, e sobre esto não cumpre despender tempo nem detença de palavras. Maiormente que

aqui são juntos bem cincoenta procuradores de villas e cidades do reino.

«Mas leixando esto, venhamos a proposito e vejamos, pois estes reinos são desamparados e hão mister rei e defensor que se por elles ponha, se temos herdeiro pera elles, que os possa e deva herdar de direito, acharemos que muitos, de que podemos tomar um. E digo-vos d'el-rei de Castella, o qual era primo co-irmão d'el-rei D. Fernando, em cujo parentesco não é de poer duvida, ca el-rei D. Fernando era filho de D. Constança, mulher que foi d'el-rei D. Pedro de Portugal, e este rei de Castella é filho de D. Joanna, mulher que foi d'el-rei D. Henrique, e ambas irmãs filhas de D. João Manuel; e assim eram primos co-irmãos, filhos de duas irmãs. E além d'esto elle está casado com D. Beatriz, filha lidima do dito rei D. Fernando, que foi postimeiro possuidor d'elles, e assim herdeiro dos ditos reinos, e isso mesmo el-rei seu marido por bem de tal casamento. E posto que hi não houvesse este, temos o infante D. João, e D. Diniz, filhos d'el-rei D. Pedro, irmãos d'el-rei D. Fernando, os quaes são vivos e são chegados parentes, que se não pódem dizer com razão que os reinos são vagos e sem successor que os deva herdar. E assim temos herdeiros».

CAPITULO CLXXXIV

Razões d'aquelle doutor porque a rainha D. Beatriz não podia herdar estes reinos.

Vistos temos assaz herdeiros de que podemos tomar um qual ante quizermos, fica grão processo de arrazoar qual d'elles deve ser escolhido que dignamente reine, segundo os direitos que tem.

«E por nos escusar d'este trabalho, eu quero mostrar por vivas razões e direitos que estes reinos são vagos livremente de todo, e nenhum dos que nomeei não deve nem póde succeder em elle, posto que a alguns pareça o contrario, por as razões que por sua parte disse.

«E para vós isto, senhores, claramente vêrdes, cumpre primeiro d'ante vós tirardes toda a affeição e bem querença que a algumas d'estas pessoas tenhaes, a qual n'estas côrtes não deve de ter voz, nem deve pouzar com nenhum de vós outros; porque segundo sabeis, dizem a affeição de todo homem deve ser leixada, pois por ella o entendimento perde seu entender e arrazoado juizo, de guisa que não julga o que direitamente entende, mas segundo aquello que ama, assim perverte o juizo da razão. Porém nós, leixando tal liança de affeição, vejamos todos o mais proveitoso, segundo a necessidade em que somos postos requer, e assim com a graça de Deus e sua ajuda, que deu bom começo a nossos feitos, encaminhará dar bom fim a este ne-

gocio, de guisa que seja a seu louvor e serviço, em honra e defensão d'estes reinos.

«Ora, senhores, eu disse que tinhamos assaz de herdeiros pera escolher um, qual quizermos, e movi primeiro el-rei de Castella, dizendo que era primo co-irmão d'el-rei D. Fernando, postrimeiro rei que foi d'estes reinos, e per bem do divedo, e des-ahi poer a parte da rainha sua mulher, filha do dito rei, que ella havia no reino direita herança. Do divedo não curo, pois que hi ha outros mais chegados parentes, que são irmãos, mas d'elle poder herdar por bem do casamento de sua mulher; des-ahi por bem dos tratos que por azo de tal casamento foram feitos entre estes reinos e os de Castella. Esto digo que não póde ella ser por nenhuma guisa, e provo-o d'este modo:

«A rainha D. Beatriz, mulher que era d'el-rei de Castella, não era lidimamente nada, ca sua madre, ao tempo que cazou com el-rei D. Fernando não podia casar com elle, e per direito tal casamento era nenhum. Tão pouco póde ser a filha legitima pera succeder, nem poder herdar.

E que ella casar não podesse, bem o sabem quantos aqui estão. Certo é que a rainha D. Leonor, antes que casasse com el-rei D. Fernando, não podia casar com elle, e por direito tal casamento era nenhum, ca ella fôra casada com João Lourenço da Cunha, do qual houve uma filha, que morreu, e Alvaro da Cunha, que aqui está. E posto que, depois que a el-rei tomou, lhe ella chamasse Alvaro de Sousa, dizendo que era filho de Lopo Dias de Sousa, e de uma mulher de sua casa, que chamavam Elvira, e esto por se dar por virgem a el-rei D. Fernando, dizendo que seu marido nunca com ella dor-

mira, e se el-rei gabasse que a achara virgem, certo era que elle era seu filho, que quando João Lourenço foi doente em Lisboa, que o Mestre o foi vêr, ante que morresse, elle lhe pediu por mercê que a este moço desse seus bens e lh'os leixasse haver e possuir como seu filho que era, o qual nunca ouzara nomear por filho em vida d'el-rei D. Fernando, e assim os houve e herda agora como todos sabem.

«Ora sendo ambos assim cazados havia já uns tres annos, el-rei D. Fernando lhe tomou a mulher, recebendo-a depois de praça, o que fazer não podia, sendo seu marido vivo, a que muito pezou de tal feito.

«E se alguem disse que é verdade que a rainha D. Leonor era parenta de João Lourenço, que não podia ser seu marido, e assim podia casar com outro e ser o casamento valioso, respondo que esta razão não desfaz meu proposito, porque foi muito pelo contrario, ca elles houveram dispensação de Roma pera seu matrimonio ser valioso, segundo sabe Diogo Lopes Pacheco e outros muitos que aqui estão, e isso mesmo Vasco Martins de Sousa, que a viu e teve na mão, que lh'a mostrou o Conde Velho, fallando com elle acerca d'estes feitos, e assim era sua lidima mulher e elle seu marido, e não podia casar com outrem.

«Por outra razão digo ainda que não podia ser sua mulher por nenhuma guisa, sem haver pera ello especial dispensação do Papa, porquanto ella era sua cunhada bem chegada, sendo el-rei D. Fernando e João Lourenço seu marido de segundos co-irmãos, e vede de que guisa João Lourenço da Cunha foi filho de D. Maria de Butteiros, neto de Martim Affonso Chichorro, irmã d'el-rei D. Diniz, filha de

D. Maria sua filha e de Gonçalo Eanes de Butteiros; e el-rei D. Fernando era filho d'el-rei D. Pedro, neto d'el-rei D. Diniz, filho d'el-rei D. Affonso, o quarto seu filho.

«Assim que o dito rei D. Fernando e João Lourenço seu marido eram terceiros co-irmãos, filhos de segundos co-irmãos, e assim se nomeavam por vezes. E sei que este divedo saberá bem Vasco Martins de Sousa, que vem e descende d'aquella linhagem.

«Ora vêde como podia ser sua mulher lidima, e os filhos taes que podessem e devessem herdar, se casava com mulher casada, sabendo bem quem era seu marido, e tão chegado parentesco.

«Porém tal casamento não era valioso quanto a Deus nem quanto ao mundo, ante foi vergonha e escarneo de ouvir, assim n'estes reinos como nos de Castella.

«E ainda mais venha a outra razão, posto que mingua aqui não faça, e digo que toda mulher que é infamada, que faz maldade a seu marido, e d'esto ha publica voz e fama, que os filhos que d'ella nascem, o direito presume, e os ha por suspeitos, que podessem ser não de marido, ca pois ella com dois dorme, mal será certo de qual d'elles emprenha.

«E por esta guisa fez uma vez a rainha D. Leonor a el-rei D. Fernando, que não tomou por seu filho um cachopo, que pariu uma mulher casada com que elle dormia, o qual elle já tomava sem poer duvida, cuidando pouco em tal cousa; e a rainha que n'este feito era mais sagaz, perguntou á mulher por o tempo que houvera da dormida de seu marido com ella, até que el-rei com ella se ajuntara, e achou que fôra tão pouco espaço, que não havia poder di-

zer certo cujo era aquelle filho, e d'esta guisa lh'o fez engeitar.

«Ora ao nosso proposito: que a rainha D. Leonor fosse infamada que não era leal a seu marido, e isso mesmo e porque guisa, não cumpre d'ello fazer mais sermão porque muito melhor é calar taes cousas por serem feias, que vergonhosamente as publicar. E assim torno á minha razão; que se nos herdeiros houvessemos de escolher d'estes que já comecei, não tomariamos nós sua filha, d'esta, pois que o direito a tem por suspeita, ca nós não devemos tomar por herdeira pessoa duvidosa, que reine sobre nós, mas muito certa e sem suspeita. Pois como faremos certo o que o direito ha por incerto? Nem como diremos que nasceu lidima, na qual o direito põe tal suspeição? E se algum mais disser que muitos filhos de tal mulher herdam seus bens e os dos maridos, sem lhes poendo tal contradicção, confesso-o por algumas cousas. Consente-os o direito nos ligeiros casos e pequeno, que nos grandes duvido muito; e não outhorgo, pelos perigos que se seguir podem; assim como é na herança de um reino, ou similhante cousa, que não fazem em uns poucos de bens de pequena conta, que ficam d'um homem e d'uma mulher. Assim que herdeiro duvidoso no ponto em que estamos e somos postos, não pertence havermos por senhor.»

CAPITULO CLXXXV

Outras razões d'esse mesmo doutor porque el-rei nem sua mulher não devem de ser tomados por senhores.

LEIXANDO taes impedimentos da parte da madre, e outros de sua pessoa em que nos podiamos deter, assim como ser ella sobrinha de seu marido, filha de seu primo co-irmãos, e sem despensação que hi houve, não já de verdadeiro Papa, e outras taes razões com que se por direito podia mostrar seu casamento ser nenhum, venhamos a outra maior contradição.

Certo é que a herança que elles n'estes reinos houveram d'haver, havia de ser ha certos annos e certas condições, as quaes elle e sua mulher juraram guardar, com grandes penas nos tratos conteudas, as quaes el rei todas aprovou ante que a por mulher tomasse, quando a em Badalhouce recebeu, jurando el-rei por sua fé real e os Santos Evangelhos corporalmente tangidos, e pelo Corpo de Deus consagrado, que o bispo da cidade revestido em pontifical com uma patena tinha, sobre a qual el-rei poz suas mãos, jurando por elle que guardasse e cumprisse todas as couzas, e cada uma d'ellas conteudas em elles; e que nunca viesse contra elles em parte nem em todo, por si nem por outrem, em escondido nem por feito, nem por direito nem por outra nenhuma maneira. E vindo contra todas, ou contra cada uma d'ellas razoando, ou fallando

em parte ou em todo, directamente ou pelo contrario, em publico ou em segredo, que não valessem nenhuma cousa e ficasse logo de fé perjuro, e mais que pagasse por pena cem mil marcos de ouro. E cahindo em tal pena, que a elle prazia e dava logar a el-rei D. Fernando, ou a aquelles que pera esto poder houvessem, e a todos os do reino de Portugal, que por sua propria authoridade, sem outra ordem de juizo, podessem fazer penhora e entrega nas villas e cidades, e bens de seu reino, fazendo guerra a elle e a todos seus naturaes, até que fosse entregue dos ditos cem mil marcos d'ouro, por a qual guerra el-rei de Castella não podesse fazer presa nas terras e bens dos portuguezes, mas que quantas vezes viesse contra os ditos tratos em parte ou em todo, que tantas vezes pagasse os ditos cem mil marcos d'ouro; prometendo de nunca allegar nenhuma excepção por si nem por outrem, nem por outra legitima razão, nem fôro, nem decretal, nem lei, nem costume, nem façanha, nem outro direito, sometendo-se á pena da excumunhão, e de interdicto posto sobre elle e seus reinos, vindo contra os ditos capitulos, ou cada um d'elles. E fazendo-o, que perdesse o direito que havia nos reinos de Portugal, por qualquer guisa que fosse.

E por esta guisa o jurou a rainha D. Beatriz por seu marido, e outhorgamento depois que foi em poder d'elle, e assim o juraram ao corpo de Deus consagrado, tangido por suas mãos, os senhores e vassallos de seu reino, fazendo preito e menagem nas mãos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que aqui está, que não guardando el-rei de Castella, seu senhor, os tratos na forma em que eram postos, ou fosse contra uma só cousa em elles conteudas, se

desnaturassem e tivessem com os portuguezes e lhe fizessem guerra; e não o fazendo assim, que cahissem n'aquelle caso que cahem aquelles que trahem os castellãos, ou matam seus senhores.

Pois se nós houvessemos de demandar tantos cem mil marcos de ouro, quantos elle incorreu de penas, e elle jurou em estes tratos, e os começou de quebrar, não avondaria o reino de Castella, ainda que o todo mercassem em pregão, pera pagar tão grande somma.

Por outra cousa mui forçada digo ainda, que razão nem direito não querem consentir, que posto que el rei britara os contratos, não viera contra o juramento que fez, porque algum direito se no reino tinha, que elle não deve ser nosso rei, nem sua mulher tomada por rainha, a qual razão é esta:

Certo é que mais devemos obedecer a Deus que aos homens, nem lei nenhuma não é direita lei senão é conforme com a lei de Deus e mandados da egreja, e pois que o Papa a fôra peccados, assim como a Deus, a quem despreza o que elle manda despreza a Jesus Christo, cujas vezes tem.

Ergo de seu mandado por nenhuma guisa devemos desviar, quanto a Deus nem contra o mundo, pois que comprido poder tem sobre a terra, em tanto que não sómente sobre christãos mas ainda sobre todos infieis tem poderio e juridição, porque todos são suas ovelhas, as más e as boas. Nem devemos de não dar razão porque o Papa que é vigario de Christo isso possa fazer ou não. Pois se os judeus e os infieis o Papa os póde castigar e punir, dos christãos não pode ter duvida, o qual Papa é pastor, e deve ser um e mais não, sob cuja obediencia nenhum não pode haver salvação, posto que

seja martyr por amor de Jesus Christo Nosso Senhor, se em scisma persevera e é fundado.

Ergo justamente o Papa póde mandar punir quaesquer scismaticos não obedientes á egreja.

Pois se o Papa Urbano nosso pastor, e Deus sobre a terra nos manda, e amoesta, que persigamos todos os scismaticos e infieis, assim como hereges e membros talhados da egreja, e havendo-os por escumungados da maior escomunhão, outhorgando-nos por esto aquelles privilegios e perdoanças que outhorgam aos que vão contra os inimigos da fé em ajuda da Casa Santa; como tomariamos nós por nosso rei e senhor quem fôr e é tão claramente contra elle, e cabeça de tanta maldade e scisma?

Certamente não é dizer que notorio é que el-rei D. Fernando, logo no começo da scisma, teve com nosso senhor o Papa Urbano, e depois por aficados rogos d'el-rei de Castella, por o antipapa, até á vinda dos inglezes, que fizeram tomar a primeira verdade. Pois se el-rei de Castella e aquelles que sua tenção tem, por suas maldades e indigno proposito por nosso senhor o Papa, assim como scismaticos e herejes por sentença são condemnados, como tomariamos nós taes pessoas por nossos reis e senhores? E por isso dizem os direitos que em peccado e maldade de paga vive qualquer que affirma que é christão e á Sé Apostolica despreza obedecer, e não sem razão, porque o Senhor Jesus Christo ordenou e ajuntou a si uma catholica só egreja, a qual não recebe em si despartimento nem divisão, mas deve ser uma unidade sempre e perpetualmente.

E estes scismaticos e hereges querem trabalhar a egreja de Deus, e vestidura do Senhor não cozida, peccando na fé contra aquelle artigo:

«Creio no Espirito Santo, e uma Santa Catholica Egreja.»

Pois havemos nós de tomar scismatico e infiel herege por nosso rei, o qual os direitos e nosso senhor o Papa defendem que não façamos, nem queira Deus que tal erro passe por nós, mas defendamos a nossa terra, que justamente podemos fazer.

E nenhum não praza por erronea e indiscreta condição o contrario d'esto haver effeito.

CAPITULO CLXXXVI

Como o doutor mostrou claramente que nunca foi certo que D. Ignez fosse mulher de D. Pedro.

Ora pois que temos el-rei e a rainha não pertencentes pera reinar, vejamos se achamos outros alguns chegados parentes que reinem em logar d'elles, e temol-os logo muito prestes, que são os infantes D. João e D. Diniz, filhos d'el-rei D. Pedro, dos quaes muito parece sobejo razoar, fallar homem se devem herdar ou não, por que assim como o que se quer salvar nenhuma cousa duvida na fé que crê, assim estes sem mais duvida sempre são prestes a ouvir que são lidimos herdeiros sem contradição que em ello ponham.

E porque se alguns acostam a esta parte, e nós não cahirmos assim de ligeiro, pezemos ante bem esta cousa sem affeição que se de nós assenhoreie e ponhamol-a em pezo razoado, segundo rezam e

o direito quer, e assim podemos vêr se a verdade contradiz ao desejo de taes, porém nossas razões claramente hão-de ser encaminhadas por saber a certidão d'esto sem outros argumentos nem mais disposição, a antiga verdade protesta por saber duas cousas d'aquelle negocio: a uma se foi certo que D. Ignez, mulher d'el-rei D. Pedro, era recebida com elle; a outra, posto que a recebesse, se podia ser sua mulher de direito, e os filhos taes que podessem herdar.

«E de muitos cuidarem ser sua mulher e recebida, esto não é de maravilhar, que vistos os juramentos que el-rei e outros sobre esto fizeram, des-ahi as razões que o conde de Barcellos em esta cidade propoz n'aquelle tempo, e mais uma lettra de dispensação que logo publicou perante todos, bem é de cuidar ser sua mulher vera, sem outra duvida que se n'ello deva de poer.

«E porque estas cousas a todos são notorias, e ha aqui muitos que de presente foram, não curo de porlongar mais como isso passou.

«Mas respondendo á primeira razão, que cumpre de saber se foi ella sua mulher, eu não digo que foi certo em vida d'el-rei D. Affonso nem depois, que a elle recebesse por mulher, posto que fizessem aquellas avondanças que aqui fizeram.

«E de não ser sabido em vida d'el-rei seu padre, mostra-se claro por esta guisa:

«Certo é que vivendo el-rei D. Affonso, padre d'este rei D. Pedro, sendo o infante casado com D. Constança, foi trazida á côrte d'el-rei D. Ignez de Castro, sobrinha de D. Tereja d'Albuquerque, pera andar por dama da rainha, e andando assim em casa d'el-rei, sendo ella de bom parecer, namorou-

se d'ella o infante D. Pedro, e por novos geitos que com ella começou de ter, o entendeu el-rei seu padre, e além d'elle ser mui cioso, como já ouvirieis contar, desprougue-lhe de taes amores, assim por D. Constança a que queria grande bem, como por D. João Manuel, com quem havia grande liança, e ordenou logo de a mandar pera sua terra.

«E estando assim com ella, aconteceu de morrer D. Constança, e não esquecendo ao infante a bemquerença atrás passada, mandou seus recados á tia e á sobrinha, de guisa que a houve, da qual guisa muito desprougue a el-rei seu padre, maiormente porque alguns diziam que era sua mulher, trazendo-a assim o infante comsigo, havendo seus filhos.

«Por tirar el-rei duvida se era sua mulher ou não, estando em esta cidade, e pouzando o infante n'aquelles paços de Santa Clara, mandou lá el-rei a Diogo Lopes Pacheco, que aqui está, e mestre Joanne, que era do seu conselho, pelos quaes lhe mandou dizer, que pois lhe não prazia casar com filha de rei, e tanto amava D. Ignez, que casasse com ella e a recebesse por mulher, e que a elle prazeria d'esto e honral-a-hia como sua mulher. E o infante respondeu que não era seu talante ao fazer por aficamento que sobre ello lhe fizessem, nem cuidava de a receber em dias de sua vida.

«E fallando el-rei com seus prelados ácerca de tal resposta, disseram alguns que entendiam que o infante o não leixava de fazer, salvo por tal casamento ser muito desconveniente pera elle. Porque D. Ignez, quando á primeira veiu pera a côrte, não se chamava D. Ignez, mas Ignez Pires de Castro, filha bastarda de D. Pedro de Castro. E ainda vos digo que nunca ouvi dizer quem fôra sua madre, nem

achei em escripto. E depois que o infante a tomou e trouxe comsigo, então lhe chamaram D. Ignez, e d'esta guisa nunca foi sabido em vida d'el-rei D. Affonso que a el-rei recebesse por mulher, nem o infante tal cousa dissesse.

«E se alguem quizer dizer contra esto que razoo, dê juramento a Diogo Lopes Pacheco, que aqui está, se é verdade aquesto que digo, e eu cuido que dirá de aquesta guisa se passou; nem chamaram a seus filhos infantes, senão depois que el-rei D. Pedro reinou.

«E quando el-rei D. Affonso dava alguma cousa a cada um d'elles, dizia na carta que fazia: — «querendo fazer graça e mercê a D. João, meu vassalo, filho do infante D. Pedro, meu filho», e d'outra guisa não. Nem el-rei D. Affonso se soubera que era sua mulher recebida, posto que não fosse azada pera o ser, nunca a mandára matar, por cousa que aviera, mas tendo-a em conta de manceba a mandou matar da guisa que sabeis.

«Mas não embargando que eu haja dito que em vida d'el rei D. Affonso nunca foi tirada tal duvida como esta, bem póde dizer a parte contraria que o foi logo depois muito certo, quando el-rei D. Pedro em esta cidade fez notificar a todos como a recebera, e de o muitos entonce crerem não é maravilha, nem são de culpar, porque as sentenças que se escondem de sob similhança de verdade, ligeiramente vencem o coração pouco avizado, mas o sezudo que á discrissão não recebe de ligeiro taes cousas, não se vae depoz a opinião de muitos, mas examina bem o que ouve, e se é razão de ser ou não, por não cahir em engano. e nós em tal negocio e engano como somos postos d'esta maneira, have-

mos de ter que aquella publicação que entonce foi feita por mostrar que era sua mulher, foi muito maior ajuda pera certificar que nunca fôra assim, que pera cessar um homem do que ante duvidava. Assim que onde cuidavam que o faziam muito claro pera todos haverem de crêr, alli foram leixar pegadas duvidas assim duvidosas, que não ha homem ligeiro que seja, que n'ellas muito não interprete.

«E vêde de que guisa el-rei disse em Cantanhede por seu juramento, que poderia haver uns sete annos, pouco mais ou menos, não se lembrando do mez nem do dia, que elle recebera por sua mulher esta D. Ignez, e que por quanto d'este recebimento muitos não tinham boa suspeita de por temor e receio de seu padre, em vida d'elle não ouzara de o dizer entonce, e por descarregar sua consciencia o notificava a todos. Des-ahi veiu aqui o conde de Barcellos, e mestre Affonso das leis, com outros muitos que el-rei mandou, e perguntaram a Estevão Lobato e ao bispo da Guarda, que já comsigo trazia, havidos por testemunhas d'esto feito. E vistos seus ditos e uma dispensação que logo publicaram, quantos simplices alli foram juntos, todos ligeiramente creram que era assim como elles diziam, e foi então sabido pelo reino todo que dissera el rei que fôra sua mulher. E d'esto tomaram logo instrumentos publicos por parte e em favor dos filhos.

«Ora vêdes vós, valha Deus, que historia esta pera nenhum sezudo haver de crêr.

«Certo é, que quanto a cousa é mais pezada e teuda em mór conta e segredo, tanto mais lembra a aquelles que a fazem e a aquelles que prezentes são. Pois como póde ser que tamanha cousa, como é o casamento, e que el-rei fazia em tamanho se-

gredo e com tal receio e medo de seu padre, segundo diziam, que houvesse de esquecer em tão pouco tempo, não lhe lembrando o dia e mez em que o fizeram, e não sómente a elle, mas a quem em tamanha puridade fôra chamado pera os receber.

«Certamente a razão a isso não consente, e não ha aqui tal de vós outros, a que ora perguntassem o dia em que casou, posto que não fosse festa, mas um dia simples, por muitos annos que houvesse lhe não lembrasse o dia e o mez em que foi, e ainda as horas, se acontecer, posto que lhe os annos de todo esqueçam. E onde Estevão Lobato cuidou que certificava muito, por dizer que fôra um dia de janeiro, alli fez seu dito mui mais duvidoso e cheio de suspeita para não ser crido, que pois elle dizia que fôra em dia de janeiro, que é tamanha festa, como uzam todos. Vêde se era este bem assignado pera lembrar a el-rei tal cousa, posto que houvera cem annos que fôra. Mas parece que n'aquelle tempo perdiam os homens muito cedo o sentido e a memoria.

«A outra razão que ante disseram, porque o el-rei leixara de fazer, esta é já muito mais fraca e muito peior de crêr, ca se elle em sua vida lhe fôra sempre muito obediente filho e nunca o annojara em nenhuma cousa, ainda mostrava razão para crêr que esto fôra como elle dizia. Mas um homem que tanto nojo fez a seu padre, tomando tal mulher contra seu talante, e além d'esto tamanho desvairo como elle houve por sua tomada, e depois da morte d'ella por espaço de tempo, que receio haveria de dizer que era sua mulher? Não houve receio de ajuntar a si quantos malfeitores e degredados havia pelo reino, e fazer guerra com elles a seu padre, cercando-

lhe as villas e castellos, e roubando e poendo fogo pela terra, como se fosse de inimigos. E diz que havia medo e receio de dizer que fôra D. Ignez sua mulher; ante fôra melhor de o publicar entonce, e disseram as gentes que el-rei fizera mui mal de lhe matar sua mulher, e tiveram de melhormente com elle.

Vêde se era bom jogo de filho entre pae, que tanta guerra lhe fazia elle, andando pelo reino em tal destruição, que assim mandava el-rei velar as villas e castellos por azo d'elle, como se dentro no reino andassem seus inimigos. E não cuideis que esto sómente fazia nas villas e logares pequenos, mas a Alcaçova e castello de Lisboa se velou e guardou bem tres mezes, e assim lhe pagou soldo aos vassalos el-rei aos que em elle estavam, como se fosse na maior guerra de inimigos. E fazendo isto e outras taes cousas, diz que havia medo de dizer que D. Ignez fôra sua mulher.

Quem ora perguntasse a Diogo Lopes, que aqui está, que milagres elle andou fazendo pelo reino, e quanta destruição nos bens de Ayres Gomes da Silva, e de Diogo Gomes d'Abreu, e de outros mui tos, que el-rei depois pagou, bem podia dizer que recebera D. Ignez.

Ora ponhamos que fosse assim, que em vida de el-rei seu padre não ouzou de dizer que era sua mulher, quem lhe tolhia a elle, depois que elle morreu, que o não publicasse logo como el-rei morreu e elle reinou, pois lhe tanto prazia de o saberem todos? Ca poderão fazer um honrado sahimento em Alcobaça, e chamados os fidalgos e prelados do reino alli publicasse como a recebera, e todo o que se passara em tal feito, e cuidarão que era assim.

Mas a cabo de quatro annos, depois que el-rei foi morto, e nenhum já d'isso curava, então ordenou de dizer que a recebera por mulher, segundo aqui mandou publicar.

E porque pensaes que esto assim então foi feito? Porque em vida d'el-rei seu padre, nem depois até aquelle tempo, nunca elle poude haver dispensação do Papa, que lhe legitimasse os filhos, então fez aquella publicação como vistes, por mostrar que eram lidimos e valesse o que podesse valer.

CAPITULO CLXXXVII

Dos impedimentos que o doutor disse porque D. Ignez não podia ser mulher d'el-rei D. Pedro.

Mostrando claramente que nunca foi certo que D. Ignez fosse mulher d'el-rei D. Pedro, e que todo seu razoar foi mui suspeito e testemunho de grande rudeza, fica por ser a segunda razão mais forte — se por ventura recebida fosse, se era tal casamento valioso?

E provou logo que não, por estes impedimentos:

Certo é que D. Ignez era sobrinha d'el-rei D. Pedro, filha de seu primo co-irmão, por esta guisa:

El-rei D. Pedro era filho da rainha D. Beatriz, filha d'el-rei D. Sancho, de Castella, e D. Violante, madre que foi de D. Fernão Rodrigues de Castro, e aquella rainha D. Beatriz eram ambas irmãs filhas do dito rei D. Sancho, posto que não fossem d'uma madre, porque D. Violante Sanches houvera el-

rei D. Sancho d'uma dona que chamavam D. Maria Affonso, mulher que foi de D. Garcia Dozeiro.

«E esta D. Violante Sanches foi madre de D. Pedro de Castro, que chamavam da Guerra, cuja filha foi esta D. Ignez. Assim que ella era sua sobrinha da parte do padre, filha de seu primo co-irmão.

«Não curemos do que alguns dizem de como el-rei D. Pedro foi primeiro casado com D. Branca, filha do infante D. Pedro, que morreu nas veigas de Grada, e como foi trazida a este reino e a recebeu em esta cidade, antes que cazasse com D. Constança, pera poder herdar, como esto se passou d'outra guisa, e não faz mingua a nosso proposito. Mas venhamos a um grande impedimento além dos outros com que o Papa não dispensa, por cousa que avir podesse, por o qual ella não podia ser sua mulher per nenhuma guisa, e este é:

«Que sendo el-rei D. Pedro infante, casado com D. Constança, houveram ambos um filho que chamaram D. Luiz, e quando ordenaram de o baptisar em esta cidade, foi esta D. Ignez madrinha d'este moço, e comadre d'el-rei D. Pedro, salvando-a depois a infante D. Constança por comadre, e humilhando-se a ella, como é de costume.

«Ora vêde como podia el-rei ser lidimo marido de sua comadre, madrinha de seu filho; certamente não podia ser.

«Mas alguns entendidos, que d'esto parte sabem, desfazem este impedimento dizendo que sendo o infante entonce muito namorado de D. Ignez, e tendo vontade de dormir com ella, que lhe mandou dizer em segredo, quando houvesse de ser comadre, que chegasse com o menino á egreja e esti-

vesse presente ao baptisar, mas que não dissesse as palavras que os padrinhos costumam a responder em nome do afilhado, e que ella assim o fizera, e por tanto não era sua comadre, que podia casar com elle sem peccado. E allegando por sua parte a este proposito um similhante caso de matrimonio, dizendo que posto que um homem recebesse uma mulher por aquella fórma das palavras da egreja ordenado, não com tenção de a haver por mulher, mas porque d'outra guisa a não podia haver pera dormir com ella, que tal como esta, quanto a Deus não é sua mulher, e elle póde depois casar com outra, sem nunca em esto consentír, e fará d'este peccado pendença. A qual cousa é verdade, que quanto a Deus não é seu marido, mas quanto ao mundo julgar-lh'o-hão, e será constrangido que lhe faça maridança.

«E assim dizem que posto que D. Ignez fosse rogada pera ser comadre, e com os outros padrinhos tangesse a criança e fizesse aquellas ceremonias que são de costume, que porém tal vontade não levava, nem nunca em ello consentira, que tal compadradigo é nenhum e podia depois casar com padre do tal filhado. A qual cousa, posto que assim seja, quanto a Deus não fosse comadre, necessario era que por esta fórma, des-ahi pelo escandalo do mundo, que fosse notificado ao Papa, e elle dispensando com elles, segundo sua informação, vendo-a por verdadeira, leixal-o-hia entonce em carrego de sua consciencia, a qual cousa aqui não houve nem nunca lhe foi publicado.

«Ora se elles podiam casar ou não, vêde se é bem duvidoso; mas a historia se passou d'esta guisa:

«Sabe-o bem Diogo Lopes que aqui está e foi pre-

sente a este baptismo e padrinho d'aquelle D. Luiz, com outros compadres que foram rogados.

«E posto que casar podessem sem dispensação, e taes filhos lidimamente fossem nados, o que é certo que não fôra, sómente por virem contra o reino de onde naturaes eram, em serviço e companhia de seus inimigos pera destruir, não por uma vez mas por muitas; esto só é abastante pera nenhum d'elles haver de reinar, posto que lidimos nasceram.

«D'elles virem contra este reino notorio é a todos, como o infante D. Diniz em tempo d'el-rei D. Fernando veiu em companhia d'el-rei D. Henrique, armado com gentes pelo reino até Lisboa, fazendo-lhe guerra por fogo e roubo, matando e destruindo quanto podiam. E isso mesmo o infante D. João, em companhia de el-rei de Castella, que ora é com gentes, que por seu mandado veiu cercar Trancoso e o teve cercado combatendo-o por alguns dias. E quando entrou o reino em Valle de Lamulla desnaturou-se, poendo fogo na sua mão, e des-ahi veiu cercar Elvas e andou pelo reino fazendo muita guerra.

«E sei que isto sabe bem Vasco Martins de Souza e Diogo Lopes Pacheco, que aqui estão.

«Pois mui desaguisados faremos nós em eleger por rei a quem se d'elle desnaturou e veiu contra elle pera o deservir e não o dar a quem tantos trabalhos e perigos de morte suportou pera o defender, e é prestes pera o suportar.

CAPITULO CLXXXVIII

Da discordança que os fidalgos e povos haviam entre si sobre a eleição que queriam fazer.

NÃo embargando estas razões todas e outras que aqui dissémos, que propoz aquelle doutor, porque todos deveram de ser em pacifico assecego, pera haver de eleger rei, sem poer ahi outra mais duvida, pero porque a bemquerença é muito firme na maginação d'aquelle que ama, e não se tira assim de ligeiro por muitas razões que lhe sobre ello digam, não poderam todas as que haveis ouvido arrancar da vontade e desejo d'alguns a primeira tenção que por parte dos infantes tinham, assim como Martim Vasques e seus irmãos, e todos os d'aquella liança, dizendo que não embargando o que haviam ouvido, que o reino sem nenhuma duvida ao infante D. João pertencia de direito, e que em seu nome deviam de fazer guerra, até que vissem que termo havia de haver sua prisão. Que lhes parecia mui estranho darem nome de rei ao Mestre, pois a outrem pertencia o regimento, em tanto que um dia Martim Vasques se sahiu do conselho com queixume, dizendo altas vozes:

— «Vós podeis fazer o que vos pagardes, e fazerdes quem quizer rei, ca eu um homem sou e pouco valle minha voz, e quem vós fizerdes rei, eu o servirei e ajudarei a defender o reino até morrer, mas que eu consinta que o seja o Mestre, esto nunca o hei de dizer».

Nuno Alvares com outros fidalgos, e des-ahi aquelles conselhos eram de todo contra estas razões, que o Mestre todavia fosse rei, e sobre esto faziam seus conselhos a de parte, os fidalgos sobre si, e os procuradores das villas e logares e cidades em seu cabo. E razoando muito sobre esto começou a dizer um d'elles:

—«Para que são estas palavras tantos dias ha, e estas detenças sem proveito, poendo duvida no que todos veem claramente. Olhae, que vos valha Deus, que nos estes fidalgos querem metter em cabeça. Diz que façamos guerra em nome do infante D. João até que morra ou que seja solto, e que gastemos os corpos e quanto no mundo temos por dar o reino a um homem que veiu contra elle pera o destruir e dal-o de todo a el-rei de Castella, maiormente que se mostra todo claro, segundo bem vemos, que a nenhum d'elles pertence de direito. Digâmos que nunca me tal cousa me sáia pela bocca, ante que sem mais detença levantemos o Mestre por rei, que mais razão é de o dar a elle que se aventurou a tantos perigos por o defender e amparar, que a quem d'elle fazia tão bom mercado a seus inimigos. Nem curemos do que alguns dizem que o defenda como regedor e defensor, mas como rei em toda guisa, porque sempre ouvi dizer rei pera rei, e al pera nada. E nós pois havemos de ser guerreados por rei, rei seja o nosso defensor e do reino».

Disseram entonce todos que assim era mui bem; e n'esta tenção estiveram firmes. E os fidalgos isso mesmo tinham de parte seu conselho, no qual, como dizemos, que principalmente contradiziam o Mestre não dever ser rei, sendo cabeça d'esta opinião Martim Vasques da Cunha.

E Nuno Alvares porque muito desejava o contrario d'esto, era o principal d'outro bando, e porque o amor e odio não se póde bem esconder, eram ás vezes taes os debates entre elles ambos sobre esta historia, que passavam de razoado, de que ao Mestre muito pezava, e não porque Martim Vasques nem os da sua parte quererem tomar a defensão do reino, nem lhes prazer de o haver el-rei de Castella, nem por tenção que ao Mestre tivesse, mas por grande affeição e bemquerença que haviam com os do infante D. João, como dizemos, servindo com elle nos tempos que cumpria e chegando-se a elle quando era em estes reinos. Assim que Vasco Martins da Cunha e seu filho Martim Vasques, e seus irmãos e parentes e outros alliados, tiveram pera si grande parte dos fidalgos.

O Mestre soube parte do que se entre elles passava e pezou-lhe muito de vontade, chamou Nuno Alvares e disse-lhe que bem sabia como Martim Vasques e seus irmãos eram homens de muitas gentes e tinham algumas fortalezas, que não cumpria a seu serviço de serem desavindos a tal tempo, e que porém lhe rogava que em tal sezão não houvesse com elle desavença.

— «Ora senhor, disse Nuno Alvares, vós tendes aqui outro que seja contra vosso serviço nem que torve de vós serdes rei, salvo este roncador de Martim Vasques, se vós quizerdes eu vos despacharei de seu estorvo».

O Mestre disse que não quizesse Deus tal cousa, mas que se temperasse com elle de boa maneira, de guisa que não houvesse arruido, ca elle não fazia aquello por tenção que contra elle tivesse, mas por lhe parecer que aquello era bem.

Nuno Alvares disse ao Mestre que lhe prazia de fazer seu mandado, comtanto que os outros não assoberbassem, que fosse certo que se mostrasse sobranceria, de não postar com seu coração que o soffresse.

E em esto veiu um dia que foram ao paço do Mestre, Martim Vasques e seus irmãos, e outros fidalgos com elles, e estando assim no paço foi Nuno Alvares a lá pera fallar ao Mestre, e levou comsigo mais de trezentos escudeiros com cotas e braçaes, e espadas cintas, e adargas.

E quando Nuno Alvares entrou assim acompanhado, ao Mestre pezou muito em sua vontade, receiando o que se entre elles podia seguir, porque via assim desavindos, porém não deu a entender nada, nem Nuno Alvares quando entrou não mostrou nenhum geito de sobranceria, mas muito chãmente fallou ao Mestre, e isso mesmo alguns dos seus.

Martim Vasques e seus irmãos, e Diogo Lopes e seus filhos, que eram parentes de Martim Vasques, quando viram vir Nuno Alvares d'aquella guisa partiram-se do paço poucos e poucos.

Nuno Alvares ficou só fallando ao Mestre, e desahi tornou-se pera a pouzada.

O Mestre calando o que entendeu, viu seus geitos de Nuno Alvares e a tenção porque o fazia, e teve-o de grão coração e chamou o doutor João das Regras e disse-lhe todo o que lhe com elle haviera e o modo que tiveram em sua vinda, e o que receiava de se seguir de taes feitos, razoando muitas cousas sobre a tenção de Martim Vasques.

— «Senhor, disse o doutor, eu hei assaz trabalho por mostrar por vivas razões e direitos que estes

reinos são de todo vagos e a eleição d'elles fica livre ao povo, juntando muitas provas de desvairados logares que devera satisfazer a elle e a outros que muito mais soubessem, mas parece que o amor e bemquerença que vence todas as cousas, os não deixa conceber as razões que por mim foram ditas, e estão ainda na feita que tinham; porém pois assim é, e o que eu quizera calar, que este feito faz mais feio, vos prometto que proponho no primeiro dia que n'esto fallarmos, e des-ahi em deante livre-se como vossa mercê fôr.

CAPITULO CLXXXIX

Do recado que el-rei D. Affonso enviou á côrte de Roma por o infante seu filho não casar com D. Ignez.

TORNARAM a fallar em aquelle mesmo tempo em aquelle paço, e todos alli juntos, como costumavam, começou a dizer aquelle gran doutor:

—«Senhores fidalgos e honradas pessoas, bem sabeis como n'estas côrtes foram por mim propostas algumas razões a mostrar que estes reinos são de todo ponto vagos, e nenhum ha hi que os deva e possa herdar por linhagem, nem a quem de direito pertençam, as quaes eram em si tão claras e mais os direitos que as fortificavam, de cuja auctoridade não devemos desvairar, e qualquer fito de

homem devia ser contente das razões que chãmente sobre ello, que ante vós já mostradas foram.

«Mas, não embargando o que eu propuz, que a todos devera contentar, e a affeição que eu muito receei no começo d'estes feitos, parece que faz ainda a alguns, que em toda guisa teem e creem que os infantes D. João e D. Diniz são lidimos e poderem herdar.

«E visto como el-rei D. Pedro disse que D. Ignez fôra sua mulher n'aquella publicação que aqui foi feita, e porque eu pensava que aquellas razões que já notificadas eram abastantes pera todos verem o contrario d'esto, não quizera em ello mais fallar por uzar de boa mezura e me haver honestamente ácerca d'este passo. Mas todo o que eu propuz a estes não satisfaz nem abasta, a mim convém mostrar de todo em todo o defeito de sua nascença sem legitimação, para todos claramente vêrdes em como elles não nasceram lidimos nem nunca o foram depois pera poderem herdar por successão de nenhum seu divedo. E quem do que eu ora disser não fôr contente e ficar em sua tenção, bem mostrará que quer remedar os judeus em sua porfia, que esperavam o Messias que nunca ha de vir.

«Ora, senhores, propoendo em praça o que calar quizera, e não fallar em ello, o feito d'este negocio acerca de sua nascença e legitimação, brevemente se houve assim:

«Trazendo o infante D. Ignez comsigo, e não sendo sabido em certo que era sua mulher ou não, fizeram entender a el-rei seu padre que o infante ordenava de enviar em côrte de Roma pedir ao Padre Santo que dispensasse com elle pera poder casar com D. Ignez, e foi isto uns tres annos antes

que D. Ignez morresse, estando el-rei então na villa de Alemquer.

«El-rei D. Affonso quando esto ouviu desprouguelhe muito de se fazer assim, e sendo mal contente de tal embaixada, trabalhou-se de a desviar quanto poude, e secretamente escreveu ao arcebispo de Braga, que então era em côrte, que houvesse com o Papa de não acceitar a supplicação do infante ácerca de taes feitos, por serem a elle em grande odio e prejuizo.

«Ora que vos eu disse sem sommar as razões que el-rei sobre ello escreveu, e a embaixada que o infante D. Pedro, depois que foi rei, enviou ao Papa, e a resposta que lhe veiu da Côrte, e porque guisa se esto passou, vós direis que todo eram palavras afermosentadas, que é ligeira cousa de achar aos homens, as quaes eu buscara pera virem a meu proposito, mas não sem mais detença que fosse assim de feito.

«E por não terdes tal suspeita, sem mais detença de razões nem allegações d'outros direiros que esto ajudar possam, eu vos lerei o recado do que el-rei entonce escreveu em côrte, e isso mesmo a embaixada que el-rei D. Pedro depois envìou ao Papa, e a resposta que lhe elle mandou a não cumprir sua petição, que são abastantes pera disfazer maior duvida que esto, e pera destruir de todo a tal opinião, e porque façâmos fim d'este negocio.

Então leu uma carta por latim, que logo todos viram em linguagem, cujas razões eram estas:

«Affonso pela graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves. Ao muito honrado em Christo Padre D. Gonçalo, por esta mesma graça arcebispo de Braga, saude em Deus.

«Sabêde que D. Pedro, meu filho primogenito herdeiro, anda embevido de amores, e induzido por palavras d'alguns que cazasse com uma mulher, filha que foi, segundo dizem, de D. Pedro Fernandez da Guerra, e de uma madre que não era sua mulher lidima, e o induzem pera tal casamento, não embargando que alguns que são parentes do infante no segundo grau de parentesco ao presente commettam não licita cousa com ello, e dizem que pera tirar tal embargo, que o infante é em disposição pera mandar escrever a alguns seus amigos, que lhe impetrem sobre ello dispensação do Papa, a qual se outhorgado fosse, poder-se-hia seguir ao diante grande escandalo entre os que vivem em nossos reinos. E porque os que são prezentes, d'onde o infante meu filho descende, sempre até ao prezente foram honradamente e com mulheres de reis por ligitimo matrimonio casados: e porque outrosim a honra de nossa real dignidade, em que segundo direito de natureza a meu filho ha esperança de successor, e isso mesmo a todos seus honrados parentes, do dito casamento, se feito fosse seguiria a grande deshonra; porém affixadamente nos rogâmos que secretamente de nossa parte informais o Papa como o dito casamento seria não licito e desegual, e praza a Sua Santidade em esta parte não ouvir com affeição as supplicações do infante meu filho. E se cumprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade, entonce secretamente lhe mostrae esta nossa carta, e em esto trabalhae com tal digelincia por nosso serviço, porque sejâmos teudos de vos fazer mercê. Dante, etc.

CAPITULO CLXXXX

Do recado que el-rei D. Pedro enviou ao Papa e da resposta que lhe de lá veiu.

Foi esta carta enviada em côrte, não sendo já vivo aquelle Papa Joanne vigessimo segundo, de que el-rei D. Pedro quando fôra infante houvera aquella geral dispensação, por cuja morte succedeu e era então Papa Innocencio sexto.

E morrendo estes Papas e passando uns poucos d'annos, aqueceu a morte de D. Ignez, e d'alli a dois annos e pouco mais, morreu el-rei D. Affonso, e se foi por el-rei D. Pedro esto entender, ou por dito d'outrem que o conselhou duvidam muitos, o que era verdade se por bem d'aquella dispensação e força de tal matrimonio fôra qual devia, e seus filhos ficavam lidimos pera poderem herdar no reino por morte do infante D. Fernando seu primogenito e herdeiro, porque na concessão do reino havia e tinha direitamente herança, e de em tal casamento elle ser duvidoso, que a recebida tivesse, era muito razoada, porque elle por uma geral dispensação que houve sendo moço, esposou com D. Branca, filha do infante D. Pedro, que morreu nas Veigas de Grada, com que depois casar não quiz; e quando houve de ser recebido com D. Constança, filha de D. João Manuel, e lhe haviam de fazer as bençãos em Lisboa, alguns duvidavam se por bem de tal dispensação elle podia casar com ella ou não.

E porque el-rei seu padre ordenou que todos os prelados de sua terra fossem prezentes ao officio das bençãos, duvidava D. Gonçalo, arcebispo de Braga, se por tal dispensação elles podiam casar ambos, e primeiro mandou saber e fazer uma protestação a D. João, bispo da cidade, se podia elle vir aos desposorios do dito infante sem perigo de seu estado.

E o bispo de Lisboa respondeu que elle veria aquella geral dispensação do Papa Joanne, e que fallando sobre ello com lettrados disseram que bem lhe parecia avondosa pera casarem por ella, e por esta dispensação, segundo elle disse, casou elle depois com D. Ignez, o que não devera fazer segundo os impedimentos que entre elles haviam.

Ora sobre esta tal duvida e outras taes cousas que a seu estado cumpriam, ordenou el-rei de enviar seus embaixadores em côrte, quando lá foi Geraldo Esteves, e pelos quaes enviou ao Papa esta embaixada que aqui está.

Então mostrou um grande rolo de pergaminho uzado de velhice, assignado por Gomes Paes d'Azevedo e por mestre Affonso, e outros do conselho d'el-rei D. Pedro, em o qual, entre outras cousas que ao Papa pedir enviava, em tres logares era conteudo o requerimento d'este casamento ser valioso e os filhos legitimados, dizendo por estas palavras:

«Outrosim lhe direis em camara que el-rei recebeu por palavras de prezente a D. Ignez de Castro, que Deus perdoe, como manda a Santa Madre Egreja, da qual houve seus filhos, com a qual havia divedo, e que lhe pede que praza a Sua Santidade de outhorgar e retificar e afirmar o dito dive-

do de linhagem que com ella havia, assim que por tal confirmança e ligitimança os ditos filhos que assim sejam lidimos, e que hajam e possam haver aquello que haveriam, não havendo ahi o dito embargo de linhagem. E em esto vos afficae pera haverdes d'ello recado».

E depois d'algumas petições de bispados e de outras cousas, dizia em outro logar:

«Outrosim se virdes que o Papa vos outhorga cada uma das quatro cousas primeiras em razão das pedidas das egrejas, pedi-lhe logo o al da legitimação do casamento e depois as outras cousas, pela guisa que aqui são escriptas. E não vos outhorgando cada uma das quatro cousas, vós todavia fazei de guisa que hajaes desembargo da dita confirmação de casamento, em guisa que os moços fiquem ligitimos. E quanto é das duas pedidas não cureis d'ello.»

«Ora, disse o doutor, vista esta embaixada que não são razões minhas, nem outros direitos allegados, bem é de cuidar quanto os mensageiros fariam em côrte por d'esto haverem gracioso desembargo. Mas leixando esto vejâmos o que respondeu o Papa.»

Então mostrou uma carta de resposta que o Papa enviara a el-rei D. Pedro, escuzando-se de cumprir sua petição acerca de taes feitos, que dizia a esta guisa:

Carta do Papa

«Innocencio, Bispo, servo dos servos de Deus. Ao muito amado em Christo filho Pedro, mui nobre rei de Portugal, saude e apostolical benção.»

«Seja certa a tua real Alteza que benignamente recebemos teus honrados e discretos embaixadores, e entre algumas cousas que em sua embaixada da tua parte nos foram propostas, esta em especial foi: que havendo tu fiuza de atrevimento por uma geral dispensação em que forma acostumada á tua instancia e do mui nobre rei D. Affonso teu padre, nosso predecessor de boa memoria Joanne Papa vigessimo, segundo impetraras casaste e recebeste por mulher D. Ignez, filha que foi de D. Pedro de Castro, a qual por linhagem transversa de uma parte no segundo grau de geração era tua parenta, e d'outra por similhante linha no terceiro grau era teu divedo, e no quarto grau de affinidade era tua cunhada. E porém devotamente nos pediram e supplicaram de nosso apostolico e comprido poder graciosamente e por vosso respeito declarassemos o dito matrimonio de seu fundamento, por virtude d'aquella dispensão ser entre vós ambos directamente contractado, e os filhos que d'elle descenderam ligitamente serem nados. E se assim perfeitamente aquesta graça recusarmos, que ao menos por sua parte nos supplicaram que por vosso respeito nos prouguesse legitimar a dita tua geração e D. Ignez, que perfeitamente a reintegrassemos ao primeiro direito de natureza, que em todo ficasse habilitada pera poder succeder, assim como de seu principio fosse valioso e direitamente contractado, e se a tal geração lidimamente descendera.

«Certamente, filho muito amado, nós pensâmos em ello com boa femença e confiramos em todo aquello que pelos ditos embaixadores, por tua parte nos foi requerido, e como quer que muito sejâmos

de bom proposito pera conceder a teus desejos e comprazer a tua real alteza, pero somos demovidos por algumas lidimas razões fundadas em direito, que em toda guisa devemos guardar, e não cumprir com effeito em receber tua supplicação sobre o declaramento do dito matrimonio.

«D'outra segunda razão de tua parte proposta sobre a legitimança dos filhos de ti e de D. Ignez nascidos, na conclusão te respondemos que a Santa Sé Apostolica não tem em costume de outhorgar similhantes petições e dispensações, nem ligitimação, salvo se fôr a grandes e nobres pessoas, e esto por algumas evidentes e manifestas razões, as quaes no recontamento de tua supplicação não se mostram serem por tua parte expressas e allegadas pera em prejuizo d'outrem, que no direito da concessão hajaes per herança, similhante ligitimação havemos de authorgar, salvo o terceiro a que pertence por tal razão, a supplicasse e a pedisse, ou se por outra alguma guisa claramente se mostrasse que teu requerimento procedia de seu expresso consentimento, o que é necessario de proceder unicamente aquesse caso, e em que se trata a legitimação sobre successão de herança pera pessoas que não são das terras á temporal jurisdição da egreja sugeitas.

«E porém muito amado, a Santa Sé Apostolical tem por bem que não condescenda ás taes supplicações nem outhorgue similhante graça.

«Rogamos a tua real clareza, com todo o bom desejo aconselhâmos, que com paciencia suportes nossas execuções, que nos demove e constrange uzar do contrario que tu supplicaste, porque a nosso pastoral officio quebrantar não pertence a lei de

Christo nosso Salvador, mas a ella nos chegar e não desviar de sua doutrina.

«Dada em Vinhão, Idus do mez de Junho, de nosso Papado anno novo».

«Ora vêde, disse aquelle doutor, sem mais enader nem minguar, toda a historia como se passou do casamento de D. Ignez, e a legitimação de seus filhos, a qual eu escusar quizera por honra dos infantes, posto que sejâmos em tal passo, e entendo que fôra melhor que me fazerem publicar de praça e semear pera sempre sua incestuosa nascença.»

CAPITULO CLXXXXI

Como accordaram todos os fidalgos e povo que alçassem o Mestre de Aviz por rei.

Mostrando assim claramente como se estes feitos passaram acerca d'esta grande e pezada questão, em que muitos duvidam, foram todos mui espantados por ouvir taes cousas de que antes parte não sabiam, de guisa que aquelles que esto levemente criam, foram confirmados no que ante suspeitavam, e os que de todo eram contra tal intenção, por nova e razoada crença foram affastados de toda a duvida, assim como Martim Vasques da Cunha, e todos os alliados a aquella parte.

E falladas entonce muitas razões que por abreviar queremos leixar, vista assaz decerto prova a desfazer aquello sobre que eram em desaccordo,

foi por elles determinado por mansa e pacifica concordia uma virtuosa e final intenção que elegessem rei.

— «Ora, senhores, disse aquelle doutor, porque já vistes claramente aquello sobre que tanto duvidaveis, e a que Deus prouve de serdes em conhecimento de como estes reinos são de todo vagos e postos em nossa disposição pera elegermos quem os defenda e governe, não curemos mais de historias antigas que a nosso proposito possâmos trazer. Mas porque sempre foram defesos e manteudos por rei e nos isto como cumpre por nos fazer, não podemos, segundo a necessidade em que somos postos requer e a nós convem em tal caso por força elegermos que rei faça todo aquello que cumpre pera cahirmos em sugeição de nossos inimigos scismaticos, que se d'ello trabalham quanto mais podem, não sómente por nosso damno e perda, mas ainda da Santa Egreja e de nosso Senhor, cujos inimigos capitaes são.

«E pois não é menos de consirar a pessoa que hade ser elegida, que o proveito que se d'ella segue ao reino, vejâmos primeiro as condições que se requerem em ella, e se as taes acharmos a aquelle que houvermos de eleger, nossa eleição será discreta e sem reprensão nenhuma. E digo brevemente, segundo os sabios recontam, que entre as outras cousas que em elle ha-de haver, deve ser de boa linhagem e de gran coração pera defender a terra, des-ahi que haja amor aos subditos, e com isto bondade e devoção.

Ora que estas condições sejam achadas no Mestre nosso senhor, que temos em vontade pera eleger, assaz é visto claramente como todos bem sa-

beis. De ser de boa linhagem vêdes-lhe bem ser filho de rei, e de ser de gran coração assaz se mostrou e mostra, que com tão pouca parte do reino como comsigo tinham, com maravilhosa ousação soffreu taes perigos como ha passados, e dispoz-se a muito maiores segundo o tempo em que somos postos. De haver amor aos subditos vêde que podia mais fazer, que com quantas avenças e promettimentos de el-rei de Castella mandou fazer com grandes accrescentamentos de sua honra e estado, tal necessidade, qual foi a fome e cerco de Lisboa, que nunca em ello quiz consentir por não leixar os povos em sugeição de seus inimigos. De haver em ello bondade bem se mostrou no roubar dos judeus que os de Lisboa quizeram fazer, e no remir dos captivos as ajudas que pera ello dava, segundo que cada um era. E d'elle ser devoto e encaminhar que os de Lisboa fossem providos e os seus bons feitos, segundo Deus, esguardae as esmolas que fez e o fallar com frei João da Barroca; e achamos que todos seus feitos são em grande pezo em a dureza de siso. Além d'esto ordenar tão discretamente todas as cousas que á defensão d'estes reinos pertencem, nenhum outro melhor poderia.

«Assim que pelas cousas que vemos até agora, este D. João, Mestre d'Aviz, que tanto trabalhou e trabalha por honra e defensão d'estes reinos, é apto e pertencente, e merece esta honra e estado de rei.

«E portanto, pois que é serviço de Deus e prol e honra da Santa Egreja pera não sermos destruidos de nossos inimigos e ella vir em mãos de scismaticos, com um amor e proposito com o nome de Deus, que é Santa Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo, nomeâmos e escolhemos na melhor ma-

neira que póde ser, este D. João, filho d'el-rei D. Pedro, por rei e senhor d'estes reinos, e outhorgamos-lhe que se chame rei e mande fazer no regimento e defensão d'elles todas as cousas que pertencem ao officio de rei, segundo costumaram de o fazer aquelles que o até aqui foram.»

E entonce fallaram muitas razões em que nos poderamos deter, que aqui não fazem mingua, e porque o promovessem á alta dignidade e estado de rei, e que não consentissem que nenhum mais contra esto fallasse, e que lh'o fossem logo dizer.

CAPITULO CLXXXXII

Das razões que os fidalgos e povos houveram com o Mestre e como foi alçado por rei.

Havido tal accordo como dissémos, os prelados e fidalgos e procuradores dos concelhos todos juntamente foram então a elle e lhe pediram por mercê e requereram, que lhe prouguesse consentir em esta eleição que feito haviam, e quizesse acceitar e tomar em si o nome e dignidade e honra de rei, tomando cargo de defender os reinos, que pera elle os tinha Deus guardados.

E esto assim ordenado, o Mestre ouvindo suas razões, respondeu entonce e disse: «que elle dava a Deus muitas graças e lhe era muito teudo lhe poer em coração e vontade de o haverem de eleger pera tão alto estado, e a elles agardecia muito o bom desejo que contra elle mostravam, mas que elles viam

bem e elle outrosim sentia em si que não era nem podia ser sufficiente pera receber nem soffrer em si tal honra e dignidade como era o regimento real; maiormente que elles eram certos que havia taes embargos assim no defeito de sua nascença, como na profissão que á Ordem d'Aviz fizera, que não havia poder de receber tal encargo e honra como aquella a que elles o haviam elegido, e que portanto não podia consentir em ello».

Além d'esto dizia «que sua vontade não se outhorgava de o ser por outra razão, dizendo que elle prestes era por defensão do reino trabalhar quanto podesse até morte, de esperar el-rei de Castella com todo seu poder e pelejar com elle, e d'esto não tivessem duvida, que vencendo elle sendo cavalleiro, assim como era, o que esperava em Deus que assim fosse, cobraria grande honra e elles isso mesmo. E quando se d'outra guisa acertasse, o que Deus não quizesse, que maior mingua lhe era, sendo de rei e vencido, posto que o fosse sendo cavalleiro. E que porém sobre os ajuntamentos das gentes e a maneira como se o reino poderia defender e haver dinheiro pera elles, se trabalhassem de determinar, e sobre outra cousa não fossem de teudos».

Entonce todos os fidalgos e prelados e procuradores dos concelhos houveram grão nojo e desconforto de tal resposta como esta, entendendo que se o dito D. João não tomasse nome e dignidade de rei, que o encarrego da defensão dos reinos não tomaria com tanto amor e diligencia quanto a elles cumpridoiro era, por a qual razão enfraqueceriam os corações dos povos, não curando de se defenderem nem aguardar seus contrarios como fazia mister, e que porém os ditos reinos estariam em gran perigo

de vir em mãos de seus inimigos, maiormente scismaticos e reveis á Santa Egreja, assim que estando todos em seu firme proposito, não se entendendo de partir do que começado tinham, tornaram a dizer ao Mestre que por as muitas necessidades em que eram postos, d'este só remedio queriam a todos prover em haverem a elle por rei e senhor, por o qual remedio entendiam ser feita provisão a todos os outros remedios, pera menos sentirem os damnos e perigos com que os ameaçava el-rei de Castella.

E pois elles haviam vontade de se defender d'elle e de levar a deante a honra do Santo Padre Urbano sexto, verdadeiro Papa de Roma, que porém lhe pediam por mercê e rogavam aficadamente, dizendo a altas vozes que os não quizesse desamparar nem poer em tamanho desconforto, mas que lhe prouguesse tomar em si o nome e dignidade e honra de rei, porque bem via elle quanto era esto necessario a elle e ao reino, e quanto mal e damno se seguiria se a esto não desse consentimento e obra, promettendo de o ajudar com os corpos e haveres e manterem em estado e honra de rei pera levar sua honra adiante, e mais de enviarem á côrte de Roma seus honrados embaixadores por haverem de lá quaesquer dispensações e graças, assim pera cessarem os embargos de sua nascença, como por elle ser filhado em aquelle estado de rei em que o punham.

E quando o Mestre viu seus aficados rogos, e consirando as grandes necessidades do reino e suas boas vontades e offerecimentos, entendeu que prazia a Deus de o ser, pois se tanto aficavam a esto, como quer que lhe fosse grave de fazer, por as razões que dissera, houve em ello de consentir, e disse

que pois se de outra guisa fazer não podia, que elle acceitava sua eleição e dignidade real de rei pera defender o reino, com aquelles offerecimentos que lhe por elles eram feitos, em honra e reverencia do Santo Padre e da Sé Apostolica de Roma.

E esto determinado de todo, e o dia que o alçassem por rei, foi o prazer grande em todos, e dado cargo a Nuno Alvares de mandar correger os paços onde se isto havia de fazer, e andando elle por uma sala onde el-rei havia de comer, com muitos que o acompanhavam, com grande prazer que houve, posto que mui temperado fosse em fallar, não se poude ter e disse contra elles:

—«D'esta vez meu senhor o Mestre será rei a prazer de Deus, e a pezar de quem pezar».

E quando veiu a quinta feira, seis dias d'aquelle mez d'abril da era já nomeada de 1423, sendo entonce o Mestre de sua nova e florescente edade de vinte e seis annos e onze mezes e vinte e um dias, foi alçado por rei, e feito seu officio assim ecclesiastico como secular, dando-lhe aquelle poderoso e real estado que elle bem merecia, com grande festa e prazer, assim de lançar a tavolado, como d'outros jogos, segundo uzança d'aquelle tempo, não sómente em aquelle logar de Coimbra, mas nas outras villas e cidades que por elle estavam e sua voz mantinham. Especialmente em Lisboa foi feita uma mui honrada e solemne procissão que partiu da Sé e foi a S. Domingos, com muito prazer e alegria. Trouveram a bandeira pela cidade apregoando: —Real, real, por el-rei D. João, e alçaram então na rua Nova um grande e alto mastro, de cá da parte do mar, que não tomava a rua.

CAPITULO CLXXXXIII E ULTIMO

Como Nuno Alvares foi feito Condestabre e de alguns modos de seu viver.

ELEGIDO o Mestre e alçado por rei, falou-se logo que fizessem Condestabre pera a guerra em que eram, posto segundo novamente fizera el-rei D. Fernando, quando em seu tempo os inglezes vieram, e ordenou que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Alvares Pereira, havendo áquelle tempo vinte e quatro annos e nove mezes e doze dias, conhecendo d'elle que era de honestos costumes e mui avizado de cavallaria.

Assim que, vista sua prudente e notavel discrissão (que bem se podia dizer d'elle que posto que cega a fortuna em esta presente vida leixe alguns nus de galardão que o bem merecessem) contra este, não sendo ingrata o proveu entonce em alteza de grande e honroso officio nas guerras e hostes do reino, do qual elle uzou de tal guisa, crescendo cada dia em cavalleirosos feitos e muitos, como depois ouvireis, espertou invejosa grandeza porque se esfortaleçam em esforçado desejo de percalçar grandes cousas em suportamento de proveitoso trabalho.

Este não esperando noites nem esquivos dias não temia de se poer a quaesquer aventuras por haver victoria dos inimigos, não por desprezar com soberba afouteza a multidão d'elles, mas porque nenhum avizamento antigo podia entonce ser egual ás

suas sagaçarias, de que este novo guerreiro, sendo sempre muito em ufania e levantamento em esses bemaventurados vencimentos, assim sagazmente ordenava seus feitos, que nenhum outro podia entender o proposito de sua intenção, salvo com aquelles de que costumava fallar. Da ardideza e bom regimento em que está a principal cousa da guerra, era elle assim comedido, que quem fosse similhante a elle assim lhe seria de trabalho.

E porém se escreve d'elle que foi grande e forte muro, e segundo braço da defensão do reino. Assim que com grande vontade diziam d'elle depois os povos que nenhum podera ser elegido a similhante honra de que tantos proveitos viessem ao reino e á alteza real, come este.

Elle da manhã foi luz clara em sua geração, sendo de honesta vida e honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os avizados costumes dos antigos grandes barões, seus geitos e defeza.

Na guerra mostrava tal authoridade que nenhum era ouzado, andando em sua companhia, de empecer mais a seus inimigos do que lhe por elle mandado era, de guisa que cada um se dispunha a cumprir todos seus feitos, nem lhe convinha de os quebrantar por cousa que avir podesse. No qual porém sempre morava uma discreta mansidão, que especial havia de bons costumes.

Trazer mulheres nem jogos de dados a nenhum não era consentido, muito se trabalhava quando tal desvairo entre alguns nascia, porque se começavam de se não fallar, de os concordar logo e fazer amigos, de guisa que o seu arraial não parecia hoste de guerreiros mas honesta religião de defensores, em todas as cousas mui sagazmente, por

egual pena e galardão procedia contra quaesquer, que sua virtuosa vontade podia chegar com execução, e quando se achava contra algumas pessoas cobrando arruido, era seu castigo de guisa, que ao seu pezado assecego mais haviam os homens reverencia que temor.

E elle em sua nova mancebia desviado de seu humanal uzo, começou de assentar em si todas as boas condições que em um louvado barão nomeadas podessem ser, como se o thesouro de toda ensinança fosse em elle encoberto. Assim que em cuidar virtuosas cousas e pol-as logo em obra, occupava tanto o tempo, muito mais d'aquello que sua tenra edade requeria.

E porque similhantes bondades não eram uzadas entre os outros homens, eram em elle teudas em mui grande conta, de guisa que onde tantas virtudes moravam, adur podia nenhum cuidar que viesse, ou algum podesse ser hospede, nem podia alguem em elle poer prasmo, que não fosse havido por malicioso; ca posto que elle trabalhasse por encobrir sua mui louvada fama, seus virtuosos feitos eram pregoeiros d'ello.

Nos grandes e notaveis conselhos elle era sempre o principal, e nenhuma pezada cousa se fazia sem seu accordo. Foi de alta e prudente conversação, onde cumpria a boa e amorosa aos de maior estado; e aos muito pequenos tão doce como parvo.

Havia compaixão dos pobres e minguados, não os leixando padecer injurias, e sua larga mão sempre era prestes a dar onde quer, ora ao espiritual provido conseguia seu dom, e elle ordenava assim sua fazenda, leixadas as pouzadas vaidades que muito são de esquivar, que por nenhum mister de

guerra nem de outra necessidade, em suas terras deitou peita, nem serviço nem outra ajuda, e tinha taes regedores de casa em que havia pouca ou nenhuma nodoa de erro na limpeza de sua verdade. Nenhuma cousa encuberta nem fingida havia, sua palavra não era menos certa que se affirmasse com juramento.

Nos espirituaes autos sobre todas as cousas era elle assim lembrado dos divinaes officios que por nenhuma guisa os leixava de cumprir por chegada de nenhuma pessoa, por grande e poderosa que fosse. Foi de limpa consciencia, que a paixão da sanha que em muitos parece sandice, temperou de tal guisa por saude de sua alma, que nunca a nenhum tolheu falla, posto que razão tivesse, a qual tirada d'entre as pessoas é criador de maior odio com mordimento de desvairadas suspeitas.

Elle foi o primeiro que começou cada dia ouvir duas missas, dizendo que assim como o Senhor tinha avantagem de mundanal excellencia sobre o outro commum povo, assim nas espirituaes obras deviam ter grande melhoria. Nas festas principaes do anno em que a egreja costuma que se faça procissão, ordenava elle de a fazer pelo arraial com candeias nas mãos, segundo o dia em que era, ouvindo sua pregação e officio o mais honesto que se em taes logares fazer podia.

E se contam em louvor dos romanos, sendo gentios, que não era a elles segura cousa, leixadas as ceremonias que ao Deus das batalhas viam fazer, entrar em peleja nem mover guerra, a que primeiramente faziam orações aos deuses das terras que cada um tinha em sua guarda, grande louvor devem de dar a este, o qual com boa ardideza e firme es-

perança que no mui Alto Deus sempre houve, feita primeira sua devota oração a aquelle Senhor, em cujo poder é todo o vencimento ledo, e sem nenhum receio pelejava sempre com elles. Este não sómente dos naturaes dons da graça com tão grandes e especiaes joias, que até a seu tempo, dês o começo do reino, não se leu de nenhum similhante. E posto que alguns digam que o bem acostumado mancebo raramente percalça duraveis louvores, e este por o contrario, assim no temporal como no espiritual viveu que depois da morte sempre foi havido em grande reverencia de todo o povo, como ao diante ouvireis.

FIM DO TERCEIRO VOLUME E DA PRIMEIRA PARTE

INDEX

Pag.

Capitulo CXXXVIII. — Como foi descoberto ao Mestre o que D. Pedro tinha ordenado, e da maneira que em ello teve 5

Capitulo CXXXIX. — Como as galés de Castella quizeram tomar as de Portugal, e do que sobre ello aconteceu 10

Capitulo CXL. — De algumas cousas que aconteceram aos da cidade com os do arraial jazendo cercados .. 18

Capitulo CXLI. — Como el-rei enviou cometter avença ao Mestre, e das razões que sobre ello passaram.... 21

Capitulo CXLII. — Como o Mestre determinou com os do seu conselho de pelejar com el-rei de Castella.. 27

Capitulo CXLIII. — Como Nuno Alvares determinou de tomar Monsarraz por arte, e de que guisa foi filhado 31

Capitulo CXLIV. — Do recado que João Rodrigues de Castanheda mandou a Nuno Alvares, e do que sobre ello aveiu..... 33

Capitulo CXLV. — Como Nuno Alvares houve recado que gentes se juntavam pera o ir buscar, e da maneira que em ello teve..... 36

Capitulo CXLVI. — Como Nuno Alvares poz batalha a Pero Sarmento e outros capitães, e que não quizeram pelejar com elle 38

Capitulo CXLVII. — Como Nuno Alvares ordenou de ir a Almada sobre Pero Sarmento, e do que sobre ello aconteceu 43

Capitulo CXLVIII. — Das tribulações que Lisboa passou por mingoa de mantimentos 51

Capitulo CXLIX. — Da pestelença que andava entre os castellãos, e d'alguns capitães que em ella morreram. 57

Capitulo CL. — Das razões que D. Carlos disse a el-rei de Castella, e como el-rei levantou seu arraial e descercou a cidade 60

PAG.

CAPITULO CLI. — Como os da cidade ordenaram procissãs por darem graças a Deus, e da pregação que fez um frade n'ella 65
CAPITULO CLII. — Como Nuno Alvares passou a Lisboa por fallar com o Mestre 72
CAPITULO CLIII. — Como Nuno Alvares fallou ao Mestre e das razões que ambos houveram 75
CAPITULO CLIV. — Como os fidalgos e povos fizeram menagens ao Mestre, e dos privilegios que deu á cidade 78
CAPITULO CLV. — Como el-rei de Castella chegou a Santarem e ordenou alcaides em alguns logares 83
CAPITULO CLVI. — Como el-rei de Castella partiu pera seu reino e da maneira como iam 88
CAPITULO CLVII. — Como Nuno Alvares cobrou a villa de Portel, por azo d'alguns que dentro moravam ... 91
CAPITULO CLVIII. — Como entregaram o castello a Nuno Alvares, e se foi Fernão Gonçalves pera Castella. 95
CAPITULO CLIX. — Do nome de algumas pessoas que ajudaram ao Mestre a defender o reino 98
CAPITULO CLX. — Dos nomes de alguns fidalgos, assim portuguezes como castellãos 103
CAPITULO CLXI. — De alguns fidalgos e cidadãos que ajudaram o Mestre ao defender o reino 107
CAPITULO CLXII. — Dos nomes de alguns logares que tiveram voz por Portugal 110
CAPITULO CLXIII. — Da setima edade que começou no tempo do Mestre 112
CAPITULO CLXIV. — Como o Mestre foi cobrar Cintra e não pôde chegar por azo da muita chuva 114
CAPITULO CLXV. — Como o Mestre foi a Almada e cobrou o logar por vontade dos moradores da villa ... 118
CAPITULO CLXVI. — Como o Mestre partiu d'Almada e foi sobre Alemquer 121
CAPITULO CLXVII. — Do combate que deram os do arraial aos da villa, em que foi morto Affonso Anriques e outros 125
CAPITULO CLXVIII. — Como o Mestre preitejou com Vasco Pires de Camões e se alçou de sobre o logar 126
CAPITULO CLXIX. — Como o Mestre partiu de Alemquer e foi cercar Torres Vedras 128

PAG.

CAPITULO CLXX. — Como o mestre de Christus foi vencido e levado a Santarem preso 130
CAPITULO CLXXI. — Como Nuno Alvares foi a Elvas e lançou fóra alguns do logar 132
CAPITULO CLXXII. — Como Nuno Alvares foi por cobrar Villa Viçosa e foi morto seu irmão, e a cercou e não pôde tomar 134
CAPITULO CLXXIII. — Como os do Porto tomaram o castello de Gaya e derribaram 138
CAPITULO CLXXIV. — Como o Mestre combateu a villa com as cavas que feitas tinha e a não poude tomar. 142
CAPITULO CLXXV. — Que pessoas eram aquellas que ao Mestre não eram fieis vassallos 145
CAPITULO CLXXVI. — Porque modo tinham ordenado de matar o Mestre e descobriram seus segredos 149
CAPITULO CLXXVII. — Como foi descoberta a traição que ao Mestre tinham ordenado e queimado Garcia Gonçalves 153
CAPITULO CLXXVIII. — Como o Mestre deu os bens dos que eram culpados contra elle 156
CAPITULO CLXXIX. — Como Vasco Pires tomou voz outra vez por el-rei de Castella 161
CAPITULO CLXXX. — De como o Mestre partiu de Torres Vedras e foi a Leiria, e des-ahi a Coimbra 164
CAPITULO CLXXXI. — Como o Mestre chegou a Coimbra e foi bem recebido de todos os da cidade 167
CAPITULO CLXXXII. — Das razões que se fallavam ante que entrassem ás côrtes, e nomes d'alguns que a ellas estiveram 170
CAPITULO CLXXXIII. — Como o doutor João das Regras propoz em as côrtes mostrando que havia quatro herdeiros do reino 173
CAPITULO CLXXXIV. — Razões d'aquelle doutor porque a rainha D. Beatriz não podia herdar estes reinos ... 176
CAPITULO CLXXXV. — Outras razões d'esse mesmo doutor porque el-rei nem sua mulher não devem de ser tomados por senhores 181
CAPITULO CLXXXVI. — Como o doutor mostrou claramente que nunca foi certo que D. Ignez fosse mulher de D. Pedro 185
CAPITULO CLXXXVII. — Dos impedimentos que o dou-

Pag.

tor disse, porque D. Ignez não podia ser mulher d'el-rei D. Pedro 192
Capitulo CLXXXVIII. — Da discordança que os fidalgos e povos haviam entre si sobre a eleição que queriam fazer 196
Capitulo CLXXXIX. — Do recado que el-rei D. Affonso enviou á côrte de Roma por o infante seu filho não casar com D. Ignez..... 200
Capitulo CLXXXX. — Do recado que el-rei D. Pedro enviou ao Papa e da resposta que lhe de lá veiu ... 204
Capitulo CLXXXXI. — Como accordaram todos os fidalgos e povos que alçassem o Mestre de Aviz por rei. 209
Capitulo CLXXXXII. — Das razões que os fidalgos e povos houveram com o Mestre e como foi alçado por rei..... 212
Capitulo CLXXXXIII e ultimo. — Como Nuno Alvares foi feito Condestabre e de alguns modos de seu viver 216

DP
585
L6
1897
v.1-3
cop.2

Lopes, Fernão
Chronica de el-rei D.
João I.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY